A PAPISA JOANA

DONNA WOOLFOLK CROSS



EDITORIAL PRESENÇA



http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

OceanofPDF.com

A PAPISA JOANA

Donna Woolfolk Cross

Título original: pope Joan
Tradução de Teresa Martinho Toldy

Na galeria das mais extraordinárias e controversas figuras do Ocidente, a papisa Joana assume alguns contornos dos mais brumosos, enigmáticos e fascinantes. Muitos negaram, ao longo dos séculos, a sua existência, mas é ainda considerável a quantidade de documentos que referem a sua passagem pelo trono papal. Personagem histórica ou lendária, Joana protagoniza a notável ascensão de uma mulher brilhante que não aceita as limitações que a sua época, profundamente misógina, lhe impõe e, armada de uma inteligência esclarecida e de uma força de carácter inquebrantável, conquista o mais elevado poder religioso. Um romance magnífico, cativante, que conspira, no virar de cada página, para prender o leitor num sortilégio magnético, na teia enredada da intriga, das turbulências políticas, dos fanatismos e intolerâncias, das paixões, das duplicidades e segredos, das crises de fé e conspirações que ameaçam fazer soçobrar Joana.

Donna Woolfolk Cross é licenciada em Literatura. É autora das obras Word Abuse e Mediaspeak. A Papisa Joana é o seu primeiro romance.

Para o meu Pai, William Woolfolk,
Não há mais nada a acrescentar

AGRADECIMENTOS

Pelo auxílio prestado na investigação, agradeço a Lucy Burgess, de Cornell, a Caroline Suma, do Instituto Pontifício para os Estudos Medievais, em Toronto, a Eileen DeRycke, da Universidade de Siracusa, a

Elizabeth Lukacs, do Lemoyne College, ao Dr. Paul J. Dine, ao Dr. Arthur Hoffman e a John Lawrence, assim como aos funcionários da biblioteca de Vassar e Hamilton Colleges, da Universidade da Pensilvânia e da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Os meus agradecimentos especiais a Linda McNamara, Gail Rizzo e Gretchen Roberts, do Onondaga Community College, que trabalharam com uma energia e engenho inesgotáveis para conseguirem obter junto de várias bibliotecas, tanto no país, como no estrangeiro, vários livros raros de que eu necessitava. Agradeço ainda a Lil Kinney, Liz Liddy e Susan Brown, investigadoras exímias que conseguiram desencantar uma quantidade de informação acerca do século IX pouco conhecida.

O manuscrito foi lido por muitas pessoas, que contribuíram para ele com as suas próprias competências. Agradeço ao Dr. Joseph Roesch, a Roger Salzmann, Sharon Danley, Thomas McKague, David Ripper, Ellen Coin, Maureen McCarthy, Virginia Ruggiero, John Starkweather e à minha mãe, Dorothy Woolfolk.

As suas sugestões tornaram o livro incomparavelmente melhor.

Também queria agradecer ao meu agente, Jean Naggar, que se dispôs a arriscar com base num manuscrito parcial; a Irene Prokop, a minha primeira editora em Crown, cujo acolhimento e entusiasmo pelo livro foram muito encorajadores; e a Betty A. Prashker, que assumiu a edição, quando a Irene saiu.

Devo uma profunda gratidão àqueles que me apoiaram e acalentaram ao longo de sete anos de pesquisa e redacção:

a minha filha, Emily, e o meu marido, Richard, lutadores da linha da frente; a minha cunhada, Donna Willis Cross, que acreditou em mim e neste livro, mesmo nos momentos em que a minha fé vacilou; Mary Putman, que suportou fardos extra para que eu pudesse ter tempo para escrever; Patricia Waelder e Norma Chini, aliadas dedicadas, que conseguiram que eu pudesse dispor do tempo necessário para escrever ininterruptamente; Susan Francesconi, cuja camaradagem ao longo dos grandes passeios que fizemos juntas contribuiu muito para que eu me mantivesse saudável; Joanna Woolfolk, Lisa Strick, James MacKillop e Kathleen Eisele. Como disse William Shakespeare, os meus amigos são a minha riqueza.

Acima de tudo, quero agradecer ao meu pai, William Woolfolk, a quem este livro é justamente dedicado; sem a sua orientação e encorajamento constantes nunca o teria escrito.

PRÓLOGO

Era o dia 28 de Wintarmanoth do ano da graça de 814, o Inverno mais rigoroso de que havia memória.

Hrotrud, a parteira da aldeia de Ingelheim, avançava penosamente pela neve, a caminho da cabana do cónego. Uma rabanada de vento agitou as árvores, espetando dedos gelados no seu corpo que procuravam penetrar através dos buracos e dos remendos das suas finas vestes de lã. O caminho pela floresta estava cheio de neve; a cada passo que dava, enterrava-se quase até aos joelhos. A neve acumulava-se-lhe nas sobrancelhas e nas pestanas; tinha de limpar constantemente a cara para conseguir ver. As

mãos e os pés doíam-lhe de frio, apesar das camadas de trapos de linho em que os tinha embrulhado.

Apareceu uma mancha negra à sua frente, no caminho. Era um corvo morto. Neste Inverno, até estes robustos necrófagos morriam de fome: os seus bicos não conseguiam rasgar a carne podre enregelada. Hrotrud estremeceu, apressando o passo.

Gudrun, a mulher do cónego, tinha entrado em trabalho de parto um mês antes do previsto. Linda altura para uma criança nascer, pensou Hrotrud amargamente. Cinco crianças nascidas só no último mês e nem uma só sobreviveu mais do que uma semana.

Um violento turbilhão de neve cegou Hrotrud. Por momentos, perdeu de vista o caminho mal assinalado. Sentiu uma onda de pânico. Já tinha morrido mais do que um aldeão naquele caminho, andando em círculos a pouca distância da sua própria casa. Esforçou-se por se manter direita, enquanto a neve rodopiava à sua volta, envolvendo-a numa paisagem branca.

Quando o vento abrandou, mal conseguia vislumbrar o caminho.

Continuou a marcha. As mãos e os pés já não lhe doíam; estavam completamente dormentes. Ela sabia o que isso podia significar, mas não podia ligar; era importante manter a calma.

Tenho de deixar de pensar no frio.

Lembrou-se da casa onde tinha nascido, uma bela casa com uma herdade próspera, de cerca de seis hectares. Era quente e aconchegada, com sólidas paredes de madeira, muito mais bonita do que as casas dos seus vizinhos, construídas com simples traves de madeira, cobertas de argamassa. Na sala principal, havia uma grande lareira, com o fumo a sair em espiral por uma abertura no telhado. O pai de Hrotrud usava um belo manto de pele de lontra por cima da sua camisa em linho fino e a mãe usava fitas de seda nos seus longos cabelos negros. Hrotrud tinha duas túnicas de mangas largas e um manto da mais pura lã. Lembrava-se de sentir junto à sua pele a maciez e suavidade do tecido fino.

Tinha tudo acabado tão depressa. Dois verões de seca e um gelo assassino tinham arruinado a colheita. Havia fome por todo o lado. Na Turíngia, havia boatos de canibalismo. O pai de Hrotrud tinha conseguido poupá-los à fome durante algum tempo, graças à venda ponderada de bens

de família. Hrotrud chorou quando levaram os seus mantos de lã. Na altura, pensou que não poderia acontecer nada pior. Tinha oito anos e ainda não se tinha apercebido do horror e da crueldade do mundo.

Abriu caminho através de mais um longo manto de neve, lutando contra uma sensação crescente de atordoamento. Há vários dias que não comia nada. Bem, se tudo correr bem, hoje à noite vou festejar. Talvez possa levar um pouco de presunto para casa, se o cónego ficar satisfeito. A ideia renovou-lhe as energias.

Hrotrud chegou a uma clareira. Já conseguia distinguir os contornos enevoados da cabana à sua frente. A neve ali era mais alta, para além do limite das árvores, mas ela seguiu em frente, abrindo caminho com as suas pernas e braços fortes, confiante de que, agora, estava em segurança.

Ao chegar à porta, bateu uma vez, depois, entrou logo.

Estava muito frio para se preocupar com cortesias. Ao entrar, pestanejou na escuridão. A única janela da cabana tinha sido entaipada por causa do Inverno; a única luz existente vinha da lareira e de algumas velas de cebo espalhadas pelo compartimento. A pouco e pouco, os seus olhos começaram a habituar-se à escuridão e viu dois rapazinhos sentados um junto ao outro perto do lume.

— A criança já nasceu? — perguntou Hrotrud.

— Ainda não. — respondeu o rapaz mais velho.

Hrotrud murmurou uma pequena oração de acção de graças a São Cosme, patrono das parteiras. Já tinha sido privada do pagamento mais do que uma vez desta maneira, despedida sem um denário, depois de ter tido o trabalho de aparecer.

Junto à lareira, despiu os trapos enregelados que lhe revestiam as mãos e os pés, soltando um grito de alarme, ao ver como estavam roxos. Mãe santa, não deixes que o gelo os leve. Não serviria de muito à aldeia ter uma parteira aleijada. Elias, o sapateiro, tinha perdido assim o seu sustento. Depois de ter sido apanhado numa tempestade quando regressava de Mainz, as pontas dos seus dedos tinham escurecido, acabando por cair ao fim de uma semana. Agora, magro e andrajoso, passava a vida encolhido às portas das igrejas, apelando à caridade dos outros para sobreviver.

Abanando a cabeça tristemente, Hrotrud beliscava e esfregava os dedos dos pés e das mãos entorpecidos, sob o olhar dos dois rapazes

silenciosos. Olhando-os, ficou mais descansada. Será um parto fácil, disse ela para si mesma, tentando afastar da ideia o pobre Elias. Afinal, ajudei Gudrun no parto destes dois e foi bastante fácil. O rapaz mais velho deve ter quase seis invernos, uma criança robusta, com um ar inteligente. O mais novo, o seu irmão bochechudo, com três anos, abanava-se para trás e para a frente, chupando morosamente o polegar.

Eram ambos morenos, como o pai. Nenhum deles tinha herdado o extraordinário cabelo dourado da sua mãe saxónia.

Hrotrud recordou-se de como os homens da aldeia tinham ficado a olhar espantados para o cabelo de Gudrun, quando o cónego a trouxe de uma das suas viagens missionárias na Saxónia. Ao princípio, o facto de o cónego ter trazido uma mulher tinha causado bastante sensação. Alguns diziam que era contra a lei, que o Imperador tinha promulgado um édito proibindo o casamento aos homens da Igreja. Mas outros diziam que não podia ser porque era sabido que, sem uma mulher, um homem estava sujeito a todo o tipo de tentações e fraquezas.

«Olhem para os monges de Stablo», diziam eles, «que envergonham a Igreja com as suas fornicações e bebedeiras.» E não havia dúvida de que o cónego não bebia e era um homem trabalhador.

O compartimento estava quente. A grande lareira estava cheia com grandes toros de vidoeiro e carvalho; o fumo elevava-se em grandes rolos, saindo pelo buraco do telhado em colmo. Era uma casa confortável. As vigas de madeira que formavam as paredes eram pesadas e espessas e as frinchas entre elas estavam bem tapadas com palha e argamassa para impedir a entrada do frio.

A única janela existente tinha sido coberta com placas de carvalho, uma medida de protecção suplementar contra os nordostroni, as nortadas frigidíssimas do Inverno.

A casa era suficientemente grande para estar dividida em três compartimentos, um onde se encontrava o quarto do cónego e da sua mulher, um para os animais que ali se abrigavam contra a intempérie — Hrotrud ouvia-os resfolegar e bater com os cascos, à sua esquerda — e este, o compartimento central, onde a família trabalhava e comia e as crianças dormiam. Para além do bispo, cuja casa era feita em pedra, em Ingelheim ninguém tinha uma casa tão boa como esta.

Os membros de Hrotrud começaram a picar com formigueiro e a palpitar, voltando a adquirir sensibilidade. Olhou para os seus dedos; estavam duros e secos, mas as manchas roxas tinham desaparecido, dando lugar a um cor-de-rosa-avermelhado com aparência mais saudável. Ela suspirou de alívio, decidindo fazer uma oferta a São Cosme, em acção de graças. Hrotrud ficou junto à lareira durante mais alguns instantes, usufruindo do seu calor; depois, com um aceno encorajador para os rapazes, apressou-se na direcção do compartimento onde a parturiente esperava.

Gudrun estava deitada numa cama de turfa coberta com palha fresca. O cónego, um homem moreno, com umas sobrancelhas espessas e carrancudas, que lhe davam uma expressão de austeridade permanente, estava sentado à parte. Acenou para Hrotrud, depois voltou a concentrar a sua atenção no grande livro encadernado em madeira que tinha sobre os joelhos.

Hrotrud já tinha visto o livro em visitas anteriores, mas, sempre que o via, ficava cheia de temor. Era um exemplar da Sagrada Escritura e era o único livro que ela tinha visto. Tal como os outros aldeões, Hrotrud também não sabia ler nem escrever. Mas sabia que aquele livro era um tesouro, que valia mais soldos em ouro do que toda a aldeia ganhava num ano. O cónego tinha-o trazido da sua terra natal, a Inglaterra, onde os livros não eram tão raros como no país franco.

Hrotrud apercebeu-se imediatamente de que Gudrun estava mal.

A sua respiração era fraca, o seu pulso estava demasiado rápido, todo o seu corpo estava inchado e balofo. A parteira conhecia os sintomas. Não havia tempo a perder. Pegou no saco que trazia e tirou dele um pouco de excrementos de pombo que tinha recolhido cuidadosamente no Outono. Regressando à lareira, atirou as ervas ao fogo, vendo com satisfação a forma como o fumo negro começou a subir, limpando o ar de espíritos malignos.

Devia ter de aliviar as dores, de forma a que Gudrun pudesse descontrair-se e ajudar a criança a nascer. Para isso, tinha de usar meimendro. Pegou num ramo de florinhas amarelas, raiadas de púrpura, colocou-as num almofariz em loiça e reduziu-as habilidosamente a pó, tapando o nariz por causa do cheiro acre que elas libertavam. Depois, deitou o pó num copo de vinho tinto e levou-o a Gudrun, para ela o beber.

— O que lhe queres dar? — perguntou o cónego bruscamente.

Hrotrud estremeceu; quase se tinha esquecido de que ele estava ali.

— Ela está fraca, por causa do trabalho de parto. Isto vai aliviar-lhe as dores e ajudar a criança a nascer.

O cónego franziu as sobrancelhas. Tirou o copo das mãos de Hrotrud, atravessou o quarto a passos largos e atirou-o ao lume, onde ele assobiou por momentos e depois desapareceu.

— É um sacrilégio, mulher!

Hrotrud estava horrorizada. Tinha passado semanas de busca penosa para conseguir juntar aquela pequena quantidade do precioso medicamento. Virou-se para o cónego, pronta a descarregar a sua ira, mas deteve-se quando viu o seu olhar impiedoso.

— Está escrito — e bateu no livro com a mão para reforçar o que dizia — Darás à luz na dor. Esse remédio é ímpio!

Hrotrud estava indignada. Não havia nada de anticristão no seu remédio. Então, ela não recitava nove Pai-Nossos cada vez que arrancava uma das plantas da terra? O cónego nunca se tinha queixado quando ela lhe tinha dado meimendro para aliviar as suas frequentes dores de dentes. Mas não ia discutir com ele. Ele era um homem influente. Uma palavra sobre as suas práticas ímpias e Hrotrud estaria arruinada.

Gudrun gemeu na angústia de mais uma dor. Muito bem, pensou Hrotrud. Se o cónego não autorizava o meimendro, ela tinha de tentar outra coisa. Voltou ao seu saco e tirou um longo pedaço de pano, cortado como o Sudário de Cristo. Com movimentos rápidos e eficazes, atou-o firmemente ao abdómen de Gudrun.

Gudrun gemeu quando ela a levantou da cama. O mínimo movimento provocava-lhe dores, mas não havia nada a fazer. Hrotrud tirou um pequeno pacote do seu saco, cuidadosamente embrulhado num pedaço de seda. Dentro, encontrava-se um dos seus tesouros — um astrágalo de um coelho morto no dia de Natal. Tinha-o obtido no ano anterior, por ocasião de uma caçada imperial.

Com todo o cuidado, cortou três fatias finas de osso e pô-las dentro da boca de Gudrun.

— Mastiga isto devagar — ordenou ela a Gudrun que assentiu, fraca.

Hrotrud sentou-se à espera. Pelo canto do olho, observava o cónego, de tal modo concentrado no seu livro que as suas sobrancelhas quase se juntavam ao nariz.

Gudrun gemeu novamente, torcendo-se com dores, mas o cónego não levantou os olhos do livro. Um homem duro, pensou Hrotrud.

Mas deve ter algum fogo nos quadris, senão não a tinha tomado por esposa.

Há quanto tempo tinha o cónego trazido a mulher da Saxónia para casa: há dez invernos, talvez há onze? Gudrun não era jovem, para o que era costume entre os francos, talvez tivesse vinte e seis ou vinte e sete anos, mas era muito bonita, com os longos cabelos louros e os olhos azuis das alienigenae.

Tinha perdido toda a família no massacre de Verden. Nesse dia, milhares de saxónios tinham preferido morrer a aceitar a verdade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Bárbaros loucos, pensou Hrotrud. Comigo, não teria sido assim. Ela teria jurado tudo quanto lhe pedissem. Fá-lo-ia, aliás, se os bárbaros alguma vez voltassem a passar pela terra dos francos, juraria fidelidade a todos os deuses que eles quisessem, por muito estranhos ou terríveis que fossem. Isso não alterava nada.

Quem poderia saber o que se passava no coração de alguém? Uma mulher sensata tinha ideias próprias.

O lume faiscava, lançando chispas. Hrotrud dirigiu-se à pilha de lenha arrumada a um canto, escolheu dois ramos de vidoeiro de bom tamanho e meteu-os na lareira. Ficou a observar, à medida que eles ardiam, sibilando, e as labaredas os devoravam. Depois, voltou para junto de Gudrun para ver como ela estava.

Tinha passado uma boa meia hora desde que Gudrun tinha mastigado as aparas de astrágalo, mas o seu estado não se tinha alterado. Nem sequer um medicamento tão forte como aquele tinha conseguido fazer efeito. As contracções continuavam a ser irregulares e sem resultado e Gudrun continuava a enfraquecer.

Hrotrud suspirou, cansada. Era evidente que tinha de tomar medidas mais enérgicas.

O cónego demonstrou ser mais um problema, quando Hrotrud lhe disse que necessitava de ajuda para o parto.

— Manda chamar mulheres à aldeia. — disse ele, peremptoriamente.

— Ah, senhor, isso é impossível. Quem poderia ir buscá-las? — Hrotrud ergueu as mãos ao céu. — Eu não posso ir porque a vossa mulher precisa de mim aqui. O vosso filho mais velho não pode ir porque apesar de parecer um rapaz que promete, poderia perder-se na tempestade. Eu quase me perdi.

O cónego deitou-lhe um olhar fulminante.

— Muito bem — disse ele. — Eu vou. Quando se levantou da cadeira, Hrotrud abanou a cabeça com impaciência.

— Não adiantava nada. Quando tivésseis regressado, já seria tarde de mais. É da vossa ajuda que eu preciso, e depressa, se quereis que a vossa mulher e o bebé sobrevivam.

— Da minha ajuda? Estás doida, mulher? Isso — e apontou, enojado, para a cama — é coisa de mulheres, é impuro. Recuso-me.

— Então, a vossa mulher vai morrer.

— Isso está nas mãos de Deus, não nas minhas.

Hrotrud encolheu os ombros:

— Para mim, tanto se me dá. Mas não vos será fácil criar dois filhos sem uma mãe.

O cónego encarou Hrotrud:

— Porque hei-de acreditar em ti? Ela já deu à luz sem problemas. Eu dei-lhe força com as minhas orações. Não podes saber se ela vai morrer.

Isto era de mais. Fosse ele cónego ou não, Hrotrud não toleraria que ele pusesse em causa a sua competência como parteira.

— Vós é que não sabeis nada - disse ela, asperamente. — Nem sequer olhastes para ela. Ide vê-la agora e depois dizei-me que ela não está a morrer.

O cónego aproximou-se da cama e olhou para a sua mulher. O seu cabelo molhado estava colado à pele, que se tinha tornado de um branco-amarelado. Os seus olhos, cercados de um traço negro, estavam encovados; se não fosse o barulho profundo e irregular da sua respiração, dir-se-ia que já estava morta.

— Então? — espicaçou Hrotrud.

O cónego voltou-se, para a encarar de frente:

— Que raio, mulher! Porque não trouxeste mulheres contigo?

— Como vós dissestes, os partos anteriores não tinham tido qualquer problema. Não havia nenhum motivo para pensar que agora houvesse. Além disso, quem teria vindo com um tempo destes?

O cónego dirigiu-se para a lareira e pôs-se a andar de um lado para o outro, agitadamente. Por fim, estacou.

— O que queres que eu faça?

Hrotrud sorriu.

— Oh, pouca coisa, senhor, pouca coisa.

Conduziu-o de novo para ao pé da cama.

— Para começar, ajudai-me a levantá-la.

Um de cada lado de Gudrun, levantaram-na pelos braços. O seu corpo estava pesado, mas, juntos, conseguiram pô-la de pé. Ela oscilou e o seu corpo tombou completamente na direcção do marido.

O cónego era mais forte do que Hrotrud tinha pensado. Isso era bom porque ela precisaria de toda a força que ele tivesse para o que se seguia.

— Temos de forçar o bebé a descer. Quando eu disser, levantai-a o mais alto que puderdes e abanai-a com força.

O cónego assentiu, com um esgar. Gudrun oscilava entre ambos como um peso morto, com a cabeça tombada sobre o peito.

— Levantai-a! — gritou Hrotrud.

Ergueram Gudrun pelos braços e começaram a sacudi-la para cima e para baixo. Gudrun gritava, lutando para se libertar. A dor e o medo tinham-lhe dado uma força surpreendente. Os dois tinham dificuldade em controlá-la. Se ele me tivesse deixado dar-lhe o meimendro, pensou Hrotrud. Agora, ela estaria meio entorpecida.

Eles voltaram a deitá-la, mas ela continuava a lutar e a gritar. Hrotrud voltou a dar a mesma ordem e eles voltaram a levantá-la e a sacudi-la. Depois, deitaram Gudrun na cama, onde ela ficou meio inconsciente, murmurando palavras misteriosas na sua língua bárbara. Está bem, pensou Hrotrud. Se eu me despachar, estará tudo terminado antes de ela recuperar os sentidos.

Hrotrud meteu a mão na passagem para o nascimento, tacteando a abertura do útero. Estava rígida e inchada por causa de tantas horas de contracções inúteis. Usando a unha do dedo indicador direito, que ela conservava comprida precisamente para este efeito, Hrotrud rasgou a membrana resistente. Gudrun gemeu, depois ficou completamente inconsciente. Sobre a mão de Hrotrud correu sangue quente, espalhando-se pelos seus braços e pela cama. Finalmente, ela sentiu a abertura ceder. Com um grito exultante, Hrotrud meteu a mão e agarrou na cabeça do bebé, exercendo uma pressão suave para baixo.

— Segurai-a pelos ombros e empurrai-a na minha direcção. — disse ela ao cónego, que empalideceu.

Mesmo assim, obedeceu. Hrotrud sentiu a pressão aumentar quando o cónego juntou a sua força à dela. Ao fim de alguns minutos, o bebé começou a descer para a passagem do nascimento. Ela continuou a puxar com firmeza, mas com cuidado suficiente para não magoar os ossos tenros da cabeça e do pescoço da criança. Por fim, apareceu o cimo da cabeça do bebé, coberto com uma massa de cabelo fino e molhado.

Hrotrud puxou a cabeça para fora, com cuidado, depois virou o corpo para permitir que o ombro direito, depois o esquerdo, saíssem. Mais um puxão firme e o pequeno corpo deslizou, húmido, para os braços de Hrotrud, que o esperava.

— Uma menina — anunciou Hrotrud. — E forte, pelo que parece — acrescentou ela, atentando, aprovadora, para o grande grito lançado pela criança e para o tom saudavelmente cor-de-rosa da sua pele.

Voltou-se e encarou com o olhar reprovador do cónego.

— Uma menina — disse ele. — Então, foi tudo para nada.

— Não digais isso, senhor.

Hrotrud ficou subitamente receosa de que a desilusão do cónego significasse menos comer para ela.

— A criança é saudável e forte. Se Deus quiser, há-de viver e honrará o vosso nome.

O cónego abanou a cabeça.

— Ela é um castigo de Deus. Um castigo pelos meus pecados e pelos dela. — Voltou-se para Gudrun, que estava imóvel. — Ela irá sobreviver?

— Sim.

Hrotrud esperou ter sido convincente. Não podia permitir que o cónego pensasse que tinha motivos para estar duplamente desapontado. Ainda esperava provar carne nessa noite. E, afinal, era razoável esperar que Gudrun sobrevivesse realmente. É verdade que o parto tinha sido violento. Depois de um esforço tão grande, muitas mulheres apanhavam febre e tinham hemorragias. Mas Gudrun era forte; Hrotrud trataria a sua ferida com um unguento de artemísia misturada com gordura de raposa.

— Sim, se Deus quiser, ela sobreviverá — repetiu ela, com firmeza.

Não lhe pareceu necessário acrescentar que, provavelmente, não teria mais filhos.

— Já é alguma coisa, então — disse o cónego.

Aproximou-se da cama e ficou a olhar para Gudrun. Tocou suavemente no cabelo louro, agora mais escuro, por causa do suor. Por momentos, Hrotrud pensou que ele ia beijar Gudrun.

Depois, a sua expressão mudou. Ficou sério, mesmo zangado.

— Per mulierem culpa successit — disse ele. — O pecado veio por uma mulher.

Largou o caracol de cabelo e recuou.

Hrotrud abanou a cabeça. Qualquer coisa da Bíblia, certamente. O cónego era uma pessoa estranha, não havia dúvida, mas isso não era da sua conta, graças a Deus.

Apressou-se para acabar de limpar Gudrun do sangue e da placenta para poder regressar a casa ainda com luz do dia.

Gudrun abriu os olhos e viu o cónego debruçado sobre ela. O sorriso que começou a esboçar gelou-lhe nos lábios quando viu a expressão dos seus olhos.

— Marido? — disse ela, a medo.

— Uma menina — disse o cónego, friamente, sem se dar ao incómodo de ocultar o seu desagrado.

Gudrun assentiu, compreendendo, e voltou o rosto para a parede. O cónego virou-se para sair, mas parou por uns instantes para olhar para a criança já bem aconchegada na sua enxerga de palha.

— Joana. Chamar-se-á Joana — disse ele, e saiu do quarto, abruptamente.

Capítulo 1

A trovoada soou muito perto e a criança acordou. Mexeu-se na cama, à procura do calor e do conforto dos corpos adormecidos dos seus irmãos mais velhos. Depois, lembrou-se.

Os seus irmãos tinham-se ido embora.

Chovia. Um aguaceiro primaveril que enchia o ar da noite com o cheiro agridoce de terra acabada de lavrar. A chuva fazia um ruído surdo no telhado da cabana do cónego, mas a espessa cobertura de colmo mantinha a casa seca, excepto num ou dois cantinhos, onde a água tinha começado a acumular-se, pingando lentamente em gotas grossas sobre o chão em terra batida.

Levantou-se vento e as folhas de um carvalho junto da casa começaram a bater num ritmo irregular de encontro às paredes.

A sombra dos seus ramos projectava-se no quarto. A criança observou, petrificada, como os monstruosos dedos negros se contorciam à volta da cama. Estendiam-se para ela, procurando alcançá-la, e ela encolheu-se.

— Mamã, pensou ela. Abriu a boca para a chamar, mas deteve-se.

Se fizesse barulho, a mão ameaçadora atacaria. Ficou gelada, incapaz de se mexer. Depois, espetou o queixo resolutamente.

Tinha de ser, portanto, fá-lo-ia. Movendo-se com extrema lentidão, sem tirar os olhos do inimigo, levantou-se da cama.

Sentiu o chão térreo frio por baixo dos pés; a sensação familiar tranquilizou-a. Mal se atrevendo a respirar, dirigiu-se para a parte da casa onde a mãe estava a dormir.

Relampejou; os dedos mexeram-se e esticaram-se como que para a agarrar. Ela engoliu um grito e a garganta apertou-se-lhe com o esforço. Teve de se forçar a mover-se lentamente e a não largar numa corrida.

Já estava perto. De repente, abateu-se sobre a sua cabeça o estrondo de um trovão. Nesse preciso momento, algo lhe tocou nas costas. Ela gritou, virou-se e fugiu pelo quarto, tropeçando na cadeira que se encontrava no caminho.

Aquela parte da casa estava às escuras e silenciosa, só se ouvindo a respiração ritmada da sua mãe. Pelo som, a criança percebeu que ela estava a dormir profundamente; o barulho não a tinha acordado. Dirigiu-se rapidamente para a cama, levantou o cobertor de lã e deslizou por baixo dele. A mãe estava deitada de lado, com a boca entreaberta; a sua respiração morna acariciou a face da criança. Esta aconchegou-se, sentindo o corpo macio da mãe através da camisa de linho fino.

Gudrun bocejou e mudou de posição, desperta pelo movimento.

Abriu os olhos e, ensonada, olhou para a criança. Depois, acordando completamente, estendeu os braços e abraçou a filha.

— Joana — repreendeu-a ela, docemente, com os lábios junto do cabelo macio da criança. — Pequenina, devias estar a dormir.

Falando apressadamente, com a voz elevada e tensa pelo medo, Joana contou à mãe o aparecimento da mão monstruosa.

Gudrun ouviu, acariciando e abraçando a filha e murmurando mimos. Com os dedos, percorreu docemente a face da criança, tacteando no escuro. Não era bonita, pensou Gudrun, com tristeza. Era demasiado parecida com ele, com o seu grosso pescoço inglês e o grande maxilar. O seu corpinho já era atarracado e pesado e não esguio e gracioso como os do povo de Gudrun. Mas, os olhos da criança eram generosos, grandes e

expressivos, com pupilas de uma linda cor verde, com pequenos anéis de cinzento-escuro no centro. Gudrun levantou uma madeixa do cabelo da sua filha e acariciou-a, apreciando a forma como ele brilhava, de um louro-claro, mesmo na escuridão. O meu cabelo. Não o cabelo preto espigado do seu marido e do seu povo cruel e escuro. A minha filha. Enrolou um fio de cabelo em volta do dedo e sorriu. Pelo menos, esta é minha.

Acalmada pela solicitude da mãe, Joana descontraiu-se. Imitando a mãe, começou a puxar a longa trança de Gudrun, desfazendo-a, até o cabelo cair em torno da sua cabeça. Joana ficou a olhar para ele, espalhando-o sobre a cobertura escura, como se fosse creme. Nunca tinha visto a mãe com o cabelo solto. Por insistência do cónego, Gudrun usava-o sempre bem preso, escondido sob uma touca de linho grosso. O seu marido dizia que o cabelo de uma mulher é a rede onde Satanás apanha a alma de um homem. E o cabelo de Gudrun era extraordinariamente belo, comprido, macio, dourado,

sem um único cabelo branco, apesar de já ser uma idosa com trinta e seis primaveras.

— Porque é que o Mateus e o João se foram embora? — perguntou Joana, subitamente.

A mãe já lhe tinha explicado várias vezes, mas Joana queria ouvir novamente.

— Sabes bem porquê. O teu pai levou-os com ele na sua viagem missionária.

— Porque é que eu não pude ir também?

Gudrun suspirou pacientemente. A filha estava sempre cheia de perguntas.

— O Mateus e o João são rapazes; um dia, serão padres como o teu pai. Tu és uma rapariga, por isso esses assuntos não te dizem respeito.

Vendo que Joana não tinha ficado satisfeita com a resposta, acrescentou:

— Além disso, és muito nova.

Joana ficou indignada.

— Fiz quatro anos no Wintarmanoth!

Os olhos de Gudrun brilharam divertidos ao olhar para o rosto rechonchudo da criança.

— Ah, pois, já me esquecia que tu, agora, és uma menina crescida, não é? Quatro anos! Já és muito crescida.

Joana ficou calada, enquanto a mãe lhe acariciava o cabelo.

Depois perguntou.

— O que são os pagãos?

O pai e os irmãos tinham falado muito de pagãos antes de terem partido. Joana não percebia exactamente o que eram pagãos, apesar de pensar que devia ser qualquer coisa muito má.

Gudrun ficou hirta. A palavra tinha poderes de esconjuro. Tinha sido pronunciada pelos soldados invasores, quando tinham pilhado a casa dela e morto a sua família e amigos. Os sinistros e cruéis soldados de Carolus, o imperador dos Francos. Magnus, como o povo lhe chamava agora, depois da sua morte. Carolus Magnus. Carlos Magno. Será que lhe dariam esse título se tivessem visto o seu exército arrancar os bebés dos braços das mães, fazendo-os voltear no ar, antes de esmagarem as suas cabeças contra as pedras?, pensou Gudrun. Gudrun tirou a mão do cabelo de Joana e virou-se de costas.

— Tens de perguntar ao teu pai — disse ela.

Joana não percebeu o que tinha feito de mal, mas apercebeu-se de uma dureza estranha na voz da mãe. Sentiu que ela a mandaria regressar à sua cama se não procurasse reparar o dano. Disse, rapidamente:

— Falai-me outra vez dos Antepassados.

— Não posso. O teu pai não acha bem que eu te conte essas histórias.

Estas palavras eram um misto de afirmação e interrogação.

Joana sabia o que fazer. Colocando ambas as mãos sobre o coração, recitou o juramento exactamente como a sua mãe lho tinha ensinado, prometendo segredo eterno, em nome de Thor, o deus do Trovão.

Gudrun riu-se e voltou a abraçar Joana.

— Muito bem, passarinho. Vou contar-te a história, uma vez que tens tanto jeito para a pedir.

A voz dela voltou a ser carinhosa, sussurrante e melodiosa quando começou a falar de Woden, Thor e Freya e de todos os outros deuses que tinham povoado a sua infância saxónica, antes de os exércitos de Carlos Magno terem trazido a Palavra de Cristo com um banho de sangue e de

fogo. Falou cadenciadamente sobre Asgard, o reino radioso dos deuses, um país com palácios em ouro e prata, que só podiam ser alcançados atravessando Bifrost, a misteriosa ponte sobre o arco-íris. A guardar a ponte estava Heimdall, o Guardião, que nunca dormia e cujo ouvido era tão apurado que ouvia a erva a crescer. Em Valhalla, o palácio mais belo de todos, vivia Woden, o pai dos deuses, sobre cujos ombros poisavam dois corvos: Hugin, o Pensamento, e Munin, a Memória. Sentado no seu trono, enquanto os outros deuses festejavam, Woden meditava sobre as verdades que o Pensamento e a Memória lhe segredavam ao ouvido.

Joana acenava com a cabeça, contente. Esta era a parte da história que ela mais gostava.

— Falai-me do Poço da Sabedoria — pediu ela.

— Apesar de já ser muito sábio — explicou a mãe — Woden buscava sempre alcançar mais sabedoria. Um dia, foi ao Poço da Sabedoria, guardado por Mimir, o Sábio, e pediu-lhe autorização para beber dele.

— Que preço estás disposto a pagar? — perguntou Mimir.

Woden respondeu que Mimir podia pedir o que quisesse.

— A sabedoria só se adquire com dor — respondeu Mimir. — Se queres beber desta água, tens de sacrificar um dos teus olhos.

Com os olhos a brilhar de excitação, Joana exclamou:

— E Woden pagou, mamã, não pagou? Pagou!

A mãe acenou com a cabeça.

— Apesar de ter sido uma escolha difícil, Woden consentiu em perder um olho. Bebeu a água. Depois, transmitiu à humanidade a sabedoria que tinha adquirido.

Joana levantou os olhos para a mãe, com um ar grave.

— Teríeis feito isso, mamã, para ser sábia, para saber tudo?

— Só os deuses é que fazem estas coisas — respondeu ela.

Depois, vendo que a filha continuava a olhar para ela insistentemente, Gudrun confessou:

— Não. Teria tido demasiado medo.

— Eu também — disse Joana, pensativa. — Mas, teria querido ser capaz de o fazer. Teria querido saber tudo quanto o poço pudesse dizer-me.

Gudrun sorriu para o rostinho decidido.

— Talvez não gostasses daquilo que podias aprender ali. Há um ditado do nosso povo que diz: O coração de um homem sábio raramente é feliz.

Joana abanou a cabeça, apesar de não compreender muito bem.

— Agora, falai-me da Árvore — disse ela, aconchegando-se mais à mãe.

Gudrun começou a descrever Irminsul, a maravilhosa árvore do universo. Encontrava-se no bosque saxónico mais sagrado, na nascente do rio Lippe. O seu povo tinha-a adorado até ela ter sido abatida pelos exércitos de Carlos Magno.

— Era muito bela — disse a mãe. — E tão alta que não se conseguia ver o cimo. Era...

Interrompeu-se. Tendo-se apercebido subitamente de outra presença, Joana levantou os olhos. O seu pai estava parado à entrada.

A mãe sentou-se na cama.

— Marido — disse ela. — Não esperava o vosso regresso senão amanhã.

O cónego não respondeu. Pegou numa vela de cera que se encontrava na mesa junto à porta e aproximou-se da lareira para a acender.

Gudrun disse, nervosa:

— A criança estava com medo da trovoada. Pensei que podia confortá-la contando-lhe uma história inocente.

— Inocente!

A voz do cónego tremia com o esforço para controlar a ira.

— Chamas a uma blasfémia dessas uma história inocente?

Percorreu a distância que o separava da cama em duas passadas, pousou a vela e puxou o cobertor, destapando-as.

Joana estava deitada abraçada à mãe, meio escondida sob uma cortina de cabelo dourado.

Por momentos, o cónego ficou parado, estupefacto, olhando para o cabelo solto de Gudrun. Depois, a fúria apoderou-se dele.

— Como te atreveste! Quando eu o proibi expressamente!

Agarrando Gudrun, começou a arrastá-la para fora da cama.

— Bruxa pagã!

Joana agarrou-se à mãe. O rosto do cónego ensombrou-se.

— Desaparece, filha! — bramiu ele.

Joana hesitou, dividida entre o temor e o desejo de proteger a sua mãe, de algum modo.

Gudrun empurrou-a suavemente.

— Sim, larga-me. Vai depressa.

Soltando-se, Joana caiu para o chão e correu. À porta, voltou-se e viu o pai arrastar a mãe pelos cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás e forçando-a a ajoelhar-se.

Joana voltou para o quarto. O terror imobilizou-a imediatamente quando viu o pai puxar da sua grande faca do mato, com cabo em osso, tirando-a do cinto.

— Forsachistu diabolae? — perguntou ele a Gudrun em saxão, numa voz que era pouco mais do que um sussurro.

Como ela não respondeu, ele encostou a ponta da faca à sua garganta:

— Diz as palavras — rosnou ele, ameaçador. — Diz!

— Ec forracho allum diaboler — respondeu Gudrun com os olhos cheios de lágrimas e de rancor — Wuercum and wuordum, thunaer ende woden ende raxnoter ende allum...

Cheia de medo, Joana viu o pai levantar uma grande madeixa de cabelo da sua mãe e passá-la pela faca. O corte da madeixa sedosa provocou um barulho abafado; uma grande madeixa de cabelo dourado caiu para o chão.

Tapando a boca com a mão para abafar um grito, Joana voltou-se e correu.

Na escuridão, tropeçou numa sombra que se aproximou dela.

Vendo-se presa, ela soltou um grito agudo. A monstruosa mão negra! Tinha-se esquecido dela! Lutou, batendo-lhe com os seus pequenos punhos, resistindo com todas as suas forças, mas ela era enorme e agarrava-a com força.

— Joana! Joana, já passou. Sou eu!

As palavras penetraram no seu medo. Era o seu irmão de dez anos de idade, Mateus, que tinha regressado com o pai.

— Já voltámos. Joana, pára de lutar! Já passou. Sou eu.

Joana estendeu os braços e sentiu a superfície macia da cruz peitoral que Mateus usava sempre e agarrou-se a ele, aliviada.

Sentaram-se juntos no escuro, ouvindo os sons surdos e cortantes da faca, passando no cabelo da mãe. Ouviram a mamã a chorar de dor. Mateus praguejou alto. Veio uma resposta da cama onde o irmão de Joana, o João, com sete anos de idade, estava escondido, sob os cobertores.

Finalmente, os sons cortantes terminaram. Depois de uma breve pausa, o cónego começou a rezar. Joana sentiu que Mateus se tinha acalmado. Tinha acabado. Atirou os braços ao seu pescoço e começou a chorar. Ele abraçou-a e embalou-a gentilmente.

Ao fim de algum tempo, ela olhou para ele.

— O pai chamou pagã à mãe.

— Sim.

— Mas, ela não é, pois não? — perguntou Joana, hesitante.

— Era.

Vendo o seu olhar de descrença horrorizada, acrescentou:

— Há muito tempo. Já não. Mas, as histórias que ela te estava a contar são pagãs.

Joana parou de chorar. Era uma informação interessante.

— Sabes qual é o primeiro Mandamento, não sabes?

Joana acenou e recitou-o obedientemente:

— Não terás senão um só deus.

— Pois. Isto quer dizer que os deuses de que a mamã te estava a falar são falsos; é pecado falar neles.

— Foi por isso que o pai...

— Foi. — interrompeu Mateus. — A mamã tinha de ser castigada para bem da sua alma. Foi desobediente ao seu marido e isso também é contra a lei de Deus.

— Porquê?

— Porque é assim que diz no Livro Sagrado.

Ele começou a recitar:

— Pois o marido é a cabeça da mulher; portanto, que as esposas se submetam em tudo aos seus maridos.

— Porquê?

— Porquê?

Mateus foi apanhado de surpresa. Nunca ninguém lhe tinha feito essa pergunta:

— Bem, acho que é porque... porque as mulheres são inferiores aos homens, por natureza. Os homens são maiores, mais fortes e mais inteligentes.

— Mas...

Joana começou a responder, mas Mateus interrompeu-a:

— Basta de perguntas, irmãzinha. Devias estar na cama. Anda.

Levou-a para a cama e deitou-a ao lado do João, que já estava a dormir.

O Mateus tinha sido gentil com ela. Em troca, Joana fechou os olhos e tapou-se com os cobertores, como se fosse dormir.

Mas, estava demasiado perturbada para dormir. Ficou deitada no escuro, olhando para o João, que dormia, com a boca entreaberta.

— Ele não é capaz de recitar do Saltério e tem sete anos.

Joana só tinha quatro, mas já sabia de cor os primeiros dez salmos.

O João não era esperto. No entanto, era um rapaz. Mas, como era possível que o Mateus estivesse enganado? Ele sabia tudo; ia ser padre, como o pai deles.

Ficou acordada no escuro, magicando no problema.

Adormeceu de madrugada, atribulada, assaltada por sonhos de guerras tremendas entre deuses ciumentos e irados. O próprio anjo Gabriel tinha descido do Céu com uma espada flamejante para lutar contra Thor e Freya. A batalha tinha sido terrível e cruel, mas, no fim, os falsos deuses foram derrotados e Gabriel ficou de pé, triunfante, às portas do paraíso. A sua espada tinha desaparecido; na sua mão, reluzia uma faca com cabo em osso.

Capítulo 2

O estilete de madeira moveu-se rapidamente, formando letras e palavras na macia cera amarela sobre a tábua. Joana, atenta, estava junto ao ombro de Mateus, enquanto ele copiava a lição do dia. De vez em quando, parava para passar a chama da vela sobre a tábua, de forma a impedir a cera de endurecer demasiado rapidamente.

Ela adorava ver o Mateus a estudar. O seu estilete pontiagudo transformava a cera informe em linhas de símbolos de uma beleza misteriosa. Ela desejava compreender o que cada sinal significava e seguia intensamente cada movimento do estilete para descobrir a chave do significado na forma das letras.

Mateus poisou o estilete e recostou-se na cadeira, esfregando os olhos. Aproveitando a oportunidade, Joana aproximou-se da tábua e apontou para uma palavra.

— O que diz aqui?

— Jerónimo. É o nome de um grande Padre da Igreja.

— Jerónimo — repetiu ela lentamente. — É um nome parecido com o meu.

— Algumas das letras são as mesmas — assentiu Mateus, sorrindo.

— Mostra-me.

— É melhor não. O pai não ia gostar, se descobrisse.

— Ele não descobre. Por favor, Mateus. Eu quero saber. Por favor, mostras-me?

Mateus hesitou.

— Acho que não há mal nenhum em te ensinar a escrever o teu nome. Pode ser útil, um dia, quando fores casada e tiveres uma casa para governar.

Colocando a mão sobre a mãozinha da irmã, ajudou-a a desenhar as letras do nome dela: J-O-A-N-A, com um grande a com aselha no fim.

— Muito bem. Agora experimenta tu.

Joana agarrou no estilete com força, forçando os dedos a colocarem-se na estranha e rígida posição, de forma a formarem as letras que ela tinha fixado na sua mente. Deu imediatamente um grito frustrado, ao aperceber-se de que não era capaz de pegar no estilete como devia ser.

Mateus consolou-a:

— Devagar, irmãzinha, devagar. Só tens seis anos. Escrever não é fácil com a tua idade. Também foi com essa idade que eu comecei e lembro-me. Tem paciência; acabarás por conseguir.

No dia seguinte, ela levantou-se cedo e saiu. Na terra mole à volta da pocilga, desenhou as letras tantas vezes até ter a certeza de que as tinha feito correctamente. Depois, orgulhosa, chamou o Mateus, para ele testemunhar a obra dela.

— Muito bem, irmãzinha. Mesmo muito bem. Mas — murmurou, culpado — o pai não pode saber disto.

Passou o pé por cima do esterco, apagando as marcas que ela tinha feito.

— Não, Mateus, não!

Joana tentou afastá-lo. Perturbados pelo barulho, os porcos começaram a grunhir em coro.

Mateus debruçou-se para a abraçar.

— Está bem, Joana. Não fiques triste.

— M-mas, tu disseste que as minhas letras estavam bem!

— Elas estão bem.

Mateus estava surpreendido com a sua perfeição; melhor do que o João era capaz de fazer e era três anos mais velho.

Realmente, se a Joana não fosse uma rapariga, Mateus diria que, um dia, ela daria um óptimo escriba. Mas, era melhor não meter ideias estranhas na cabeça da criança.

— Não podia deixar ficar as letras para o pai ver; foi por isso que as apaguei.

— Ensinas-me mais letras, Mateus, ensinas?

— Já te mostrei mais do que devia.

Ela disse com gravidade:

— O pai não descobre. Eu nunca lhe irei contar, prometo. E apagarei as letras com todo o cuidado quando tiver acabado.

Os seus olhos de um verde-acinzentado profundo prenderam os seus intensamente, determinados a fazer com que ele concordasse.

Mateus abanou a cabeça, divertido. Não havia dúvida de que ela era persistente, esta sua irmãzinha. Afectuosamente, beliscou-lhe o queixo:

— Muito bem — assentiu ele. — Mas não te esqueças que é o nosso segredo.

A partir daí, aquilo tornou-se uma espécie de jogo entre eles. Sempre que havia oportunidade, não tantas vezes quanto Joana desejava, Mateus mostrava-lhe como desenhar letras no chão. Ela era uma aluna ávida de aprender; apesar de estar ciente das consequências, Mateus não conseguia resistir ao seu entusiasmo. Ele também adorava aprender; a paixão dela falava-lhe ao coração.

Mesmo assim, até ele ficou chocado quando ela veio ter com ele um dia, carregando a enorme Bíblia com encadernação em madeira, que pertencia ao pai de ambos.

— O que estás a fazer? — gritou ele. — Vai pôr isso no sítio; nunca lhe devias ter mexido!

— Ensina-me a ler.

— O quê?

A audácia dela era espantosa.

— Ora, vamos lá, irmãzinha, isso é pedir muito.

— Porquê?

— Bem... porque ler é muito mais difícil do que limitar-se a aprender o alfabeto. Duvido mesmo que fosses capaz de o aprender.

— Porque não? Tu aprendeste.

Ele sorriu indulgentemente:

— Sim, mas eu sou um homem.

Isto não era bem verdade porque ele ainda não tinha atingido treze invernos. Dali a pouco mais de um ano, quando fizesse catorze, então, seria verdadeiramente um homem. Mas, agradava-lhe reclamar o privilégio já agora e, além disso, a sua irmãzinha não percebia a diferença.

— Eu sou capaz. Eu sei que sou.

Mateus suspirou. Isto não ia ser fácil.

— Não é só isso, Joana. É perigoso e contra a natureza uma mulher aprender a ler e a escrever.

— Santa Catarina aprendeu. O bispo disse no sermão, lembras-te? Ele disse que ela era admirada pela sua sabedoria e erudição.

— É diferente. Ela era santa. Tu és apenas uma... rapariga.

Então, ela calou-se. Mateus ficou contente por ter ganho a discussão com tanta facilidade; ele sabia o quanto a sua irmãzinha podia ser determinada. Estendeu a mão para pegar na Bíblia. Ela fez menção de lha dar, mas puxou-a para si:

— Porque é que Catarina é uma santa? — perguntou ela.

Mateus fez uma pausa, com as mãos ainda estendidas.

— Ela era uma santa mártir que morreu pela sua Fé. O bispo disse no sermão, lembras-te?

Não conseguiu resistir a imitá-la.

— Porque é que ela foi martirizada?

Mateus suspirou.

— Ela desafiou o imperador Maxêncio e cinquenta dos seus conselheiros, provando, através de uma argumentação lógica, que o paganismo era um erro. Foi castigada por isso. Vamos, irmãzinha, dá-me o livro.

— Que idade tinha ela quando fez isso?

Mas que perguntas tão esquisitas que aquela criança lhe fazia!

— Não quero continuar a discutir isso — disse Mateus, inesperadamente. — Dá-me o livro!

Ela recuou, agarrando o livro contra o peito.

— Ela era velha quando foi a Alexandria discutir com os conselheiros do imperador, não era?

Mateus começou a pensar se lhe devia tirar o livro à força. Não, era melhor não. A frágil encadernação podia desfazer-se e, então, ficariam ambos em apuros maiores do que ele queria imaginar. Era melhor continuar a falar, a responder às perguntas dela, por muito tontas e infantis que fossem, até ela se cansar da brincadeira.

— Tinha trinta e três anos, disse o bispo, a mesma idade que Jesus Cristo tinha quando foi crucificado.

— E quando Santa Catarina desafiou o imperador já era admirada pela sua erudição, como o bispo disse?

— Obviamente — condescendeu Mateus. — Senão, como poderia ela ter derrotado os mais sábios conselheiros do país em tal debate?

— Então — o pequeno rosto de Joana iluminou-se, triunfante —, ela deve ter aprendido a ler antes de se ter tornado santa, quando era ainda uma menina, como eu!

Mateus ficou sem palavras durante alguns momentos, dividido entre a irritação e a surpresa. Depois riu alto.

— Seu diabinho! — disse ele. — Então era aí que querias chegar! Bom, que tens talento para a disputa, isso é certo!

Então, ela entregou-lhe o livro, com um sorriso esperançado.

Mateus tirou-lho, abanando a cabeça. Que criatura estranha, tão curiosa, tão determinada, tão segura de si mesma. Não era nada parecida com o João ou com qualquer outra criança que ele conhecesse. Do seu rosto de rapariguinha sobressaíam os olhos de uma mulher sábia. Não admirava que as outras raparigas da aldeia não quisessem dar-se com ela.

— Muito bem, irmãzinha — acabou ele por dizer. — Hoje, começas a aprender a ler.

Ao ver o entusiasmo nos olhos dela, ele apressou-se em preveni-la.

— Não deves esperar demasiado. É muito mais difícil do que tu pensas.

Joana atirou os braços ao pescoço do seu irmão.

— Adoro-te, Mateus.

Mateus libertou-se do abraço, abriu o livro e disse num tom severo:

— Começamos aqui.

Joana debruçou-se sobre o livro, inalando o cheiro intenso a pergaminho e madeira, ao mesmo tempo que Mateus apontava a passagem: Evangelho de João, capítulo primeiro, versículo primeiro. In principio erat verbum et verbum erat apud Deum et verbum erat Deus — No princípio, era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus.

*** * ***

O Verão e o Outono seguintes foram temperados e fecundos; a colheita foi a melhor que a aldeia tinha tido havia anos. Mas, em Heilagmanoth, caiu neve e o vento soprou do Norte, em chicotadas geladas. A janela da cabana estava tapada por causa do frio e a neve amontoava-se contra as suas paredes, pelo lado de fora. A família passava a maior parte do tempo dentro de casa. A Joana e o Mateus tinham mais dificuldade em arranjar tempo para as lições. Quando estava bom tempo, o cónego ainda ia exercer o seu ministério, levando o João consigo porque o Mateus ficava entregue aos seus estudos, mais importantes do que qualquer outra coisa. Quando Gudrun ia à floresta para recolher lenha, Joana corria para a secretária sobre a qual Mateus estava debruçado e abria a Bíblia na passagem onde tinham ficado na lição anterior. Assim, Joana continuava a fazer progressos rápidos, pelo que, antes da Quaresma, já dominava o Livro de João quase na totalidade.

Um dia, Mateus retirou uma coisa do seu saco e deu-lha, com um sorriso.

— É para ti, irmãzinha.

Era um medalhão em madeira, preso a um fio. Mateus colocou o fio à volta do pescoço de Joana e o medalhão deslizou sobre o peito dela.

— O que é isto? — perguntou Joana, curiosa.

— É uma coisa para tu usares.

— Ah! — disse ela e, depois, apercebendo-se de que faltava qualquer coisa, acrescentou: — Obrigada.

Mateus riu-se ao ver o embaraço dela.

— Olha para o que está na parte da frente do medalhão.

Joana fez como ele mandou. Na superfície em madeira, estava gravada a efígie de uma mulher. Era uma peça rude, uma vez que Mateus

não era entalhador, mas os olhos da mulher estavam bem desenhados, chegavam mesmo a ser impressionantes, olhando em frente, com uma expressão inteligente.

Mateus ordenou-lhe ainda.

— Agora, vê na parte de trás.

Joana virou o medalhão e leu as seguintes palavras, escritas em letras grandes, dispostas ao longo do rebordo do medalhão:

Santa Catarina de Alexandria.

Com um grito, Joana apertou o medalhão junto ao coração.

Sabia o que esta oferta significava. Era a forma de o Mateus reconhecer as suas capacidades e a confiança que tinha tido nela. As lágrimas chegaram-lhe aos olhos.

— Obrigada. — disse ela, novamente, e, desta vez, ele sabia que era sentido.

Ele sorriu. Ela reparou que ele tinha círculos negros em torno dos olhos; parecia cansado e abatido.

— Sentes-te bem? — perguntou ela, preocupada.

— Claro que sim! — disse ele, de um modo um tanto enfático.Vamos começar a lição, sim?

Mas ela estava inquieta e distraída. Ao contrário do que era costume, ele não a apanhou quando ela cometeu um erro por distracção.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Joana.

— Não, não. Só estou um pouco cansado.

— Então, queres parar? Eu não me importo. Podemos continuar amanhã.

— Não, desculpa. Só estava distraído. Vejamos, onde estávamos? Ah, sim! Volta a ler a última passagem e, desta vez, toma atenção ao verbo: videat, não videt.

No dia seguinte, Mateus acordou a queixar-se com dores de cabeça e de garganta. Gudrun trouxe-lhe uma bebida quente com borgem e mel.

— Tens de ficar todo o dia na cama — disse ela. — O filho da velha mãe Wigbod apanhou o fluxo da Primavera; pode ser que tu também tenhas apanhado.

Mateus riu-se e disse que não era nada disso. Dedicou muitas horas aos seus estudos, depois insistiu em sair para ajudar o João a vindimar.

Na manhã seguinte, tinha febre e custava-lhe a engolir. Até mesmo o cónego se apercebeu de que ele estava muito doente.

— Esta manhã, estás dispensado dos teus estudos — disse ele a Mateus. Ele fez como se não tivesse ouvido.

Eles mandaram pedir ajuda ao mosteiro de Lorsch e, ao fim de dois dias, o enfermeiro veio e examinou Mateus, abanando a cabeça gravemente e murmurando por causa da sua respiração.

Joana apercebeu-se pela primeira vez de que a condição do seu irmão podia ser séria. A ideia era aterradora. O monge fez grandes sangrias e esgotou todo o seu repertório de orações e de talismãs sagrados, mas, por alturas da Festa de São Severino, a situação de Mateus era grave. Jazia numa letargia febril, agitado por ataques de tosse tão violentos que Joana tapava as orelhas para tentar deixar de os ouvir.

Ao longo do dia e durante a noite, a família mantinha-se de vigília. Joana ajoelhava-se no chão em terra batida, ao lado da mãe. Estava assustada com a alteração da aparência de Mateus. A pele do seu rosto estava esticada, distorcendo as suas feições familiares numa máscara horrível. Sob a sua cor de febre, a sua pele era de um ominoso tom cinzento.

A voz do cónego sobrepunha-se às suas, troando na noite, recitando orações para a cura do seu filho:

— Domine Sancte, Pater omnipotens, aeterne Deus, qui fragilitatem conditionis nostrae infusa virtutis tuae dignatione confirmas...

Joana cabeceou de sono.

— Não!

Joana acordou subitamente com o grito lancinante da mãe.

— Ele partiu! Mateus, meu filho!

Joana olhou para a cama. Nada parecia ter mudado. Mateus estava deitado imóvel, como antes. Depois, ela reparou que a sua pele tinha perdido a cor febril; ele estava totalmente cinzento, como uma pedra.

Pegou na sua mão. Estava flácida, pesada, ainda que não tão quente como antes. Apertou-a contra o rosto. Por favor, não morras, Mateus. Se estivesse morto, significava que nunca mais dormiria ao seu

lado e ao lado do João, na cama grande; ela nunca mais o veria debruçado sobre a mesa de pinho, de sobrolho franzido, concentrado nos seus estudos, nunca mais se sentaria ao seu lado, enquanto o seu dedo se movia através das páginas da Bíblia, apontando-lhe palavras, para ela ler. Por favor, não morras.

Pouco depois, mandaram-na embora para que a sua mãe e as mulheres da aldeia pudessem lavar o corpo de Mateus e prepará-lo para o funeral. Quando terminaram, Joana foi autorizada a aproximar-se para se despedir dele. Se não fosse o tom cinzento da sua pele, parecia que estava a dormir. Se o pudesse tocar, ela imaginava que ele acordaria, os seus olhos abrir-se-iam e fitá-la-iam com um afecto trocista. Beijou a sua face, tal como a mãe lhe mandou. Estava fria e estranhamente flácida, como a pele do coelho morto que a Joana tinha retirado do telheiro gelado apenas uma semana antes. Ela afastou-se dele rapidamente.

Mateus tinha partido.

Já não haveria mais lições.

Ficou de pé junto do recinto dos animais, fitando os pedaços de terra negra que começavam a aparecer sob a neve derretida, a terra na qual tinha desenhado as suas primeiras letras.

— Mateus — murmurou ela.

Caiu de joelhos. A neve húmida penetrou no seu casaco de lã, ensopando-a até aos ossos. Tinha muito frio, mas não podia voltar para dentro. Tinha que fazer uma coisa. Com o indicador, desenhou na neve húmida as letras conhecidas do Livro de João.

Ubi sum ego vos non potestis venire. Para onde eu vou não podeis vir.

— Vamos todos fazer penitência — anunciou o cónego depois do funeral —, para expiar os pecados que fizeram recair a ira de Deus sobre a nossa família.

Obrigou a Joana e o João a ajoelharem-se em oração recolhida sobre o duro genuflexório em madeira que servia de altar familiar. Ficaram ali o dia todo, sem comerem nem beberem, até que, finalmente, com o cair da noite, foram dispensados e autorizados a dormir na cama grande e, agora, vazia, sem o Mateus. João queixou-se com fome. A meio da noite, Gudrun acordou-os, com o dedo nos lábios, de aviso.

O cónego estava a dormir. Deu-lhes, rapidamente, fatias de pão e uma malga cheia com leite de cabra quente — a comida que se tinha atrevido a tirar sorrateiramente da dispensa sem que o marido desconfiasse. João engoliu a sua parte de pão e, como continuava com fome, Joana partilhou a sua porção com ele. Quando acabaram, Gudrun levou a malga e saiu, aconchegando-lhes a coberta de lã por baixo do queixo. As crianças chegaram-se uma à outra para ficarem mais confortáveis e adormeceram rapidamente.

O cónego acordou com a primeira luz do dia e voltou a mandá-los, em jejum, para o altar para terminarem a sua penitência. A manhã chegou e partiu, assim como a hora de jantar, e eles continuavam de joelhos.

Os raios de sol do fim da tarde projectaram-se sobre o altar, derramando-se através das frinchas da janela da cabana.

Joana suspirou e mudou de posição no genuflexório. Os seus joelhos estavam maçados e o seu estômago fez um ruído. Fez um esforço por se concentrar nas palavras da sua oração: Pater Noster qui es in caelis, sanctificatur nomen tuum, adveniat regnum tuum...

Era escusado. O desconforto causado pela posição em que se encontrava interferia constantemente. Estava cansada e com fome e tinha saudades do Mateus. Pensou porque seria que não tinha chorado. Sentia a garganta e o peito apertados, mas as lágrimas não conseguiam romper.

Olhou para o pequeno crucifixo de madeira pendurado na parede diante do altar. O cónego trouxera-o consigo da Inglaterra, sua terra natal, quando tinha levado o seu trabalho missionário aos pagãos saxónios. Esculpida por um artista do Norte da Humbria, a figura de Cristo era mais poderosa e requintada do que em qualquer obra artística franca. O seu corpo alongava-se na cruz, com os músculos distendidos e as costelas magras, a parte de baixo torcida para realçar a Sua agonia de morte. A sua cabeça estava inclinada para trás, de forma que a maçã-de-Adão estava saliente — uma recordação estranhamente desconcertante da Sua masculinidade humana. A madeira estava gravada a fundo para mostrar o rasto de sangue das Suas várias feridas.

A figura, apesar de impressionante, era grotesca. Joana sabia que devia sentir-se repleta de amor e reverência perante o sacrifício de Cristo,

mas, em vez disso, sentia repulsa.

Comparada com os belos e poderosos deuses da sua mãe, esta figura parecia feia, esmagada e derrotada.

Ao seu lado, João começou a gemer. Joana pegou-lhe na mão. O João tinha dificuldade em suportar a penitência. Ela era mais forte do que ele e sabia-o.

Apesar de ele ter dez anos e ela apenas sete, achava perfeitamente natural ser ela a tomar conta dele e a protegê-lo e não o contrário.

As lágrimas começaram a brotar dos olhos do João:

— Não é justo — disse ele.

— Não chores.

Joana tinha medo que o barulho atraísse a mamã ou, pior ainda, o pai:

— A penitência está quase a acabar.

— Não é isso! — respondeu ele, ferido na sua dignidade.

— Então, o que é?

— Tu não irias compreender.

— Diz-me.

— O pai vai querer que eu assuma os estudos do Mateus. Eu já sei que vai. E eu não sou capaz; não sou.

— Talvez sejas — disse ela, apesar de compreender a preocupação do irmão.

O pai acusava-o de preguiça e batia-lhe quando ele não progredia nos estudos. Mas, não era culpa do João. Ele tentava fazer o melhor que podia, mas era lento; sempre o tinha sido.

— Não — insistiu João. — Eu não sou como o Mateus. Sabias que o pai tinha planeado levá-lo para Aachen para pedir que ele fosse aceite na Escola Palatina?

— A sério? — Joana estava abismada. A Escola do Palácio! Não tinha ideia que as ambições do pai para Mateus fossem tão longe.

— E eu ainda nem sequer sou capaz de ler Donato. O pai diz que o Mateus já dominava Donato ainda só tinha nove anos de idade e eu tenho quase dez. O que hei-de fazer, Joana? O que hei-de fazer?

— Bem... — Joana tentava pensar em qualquer coisa que o tranquilizasse, mas o esforço dos últimos dois dias tinha posto o João num

estado inconsolável.

— Ele vai-me bater. Já sei que ele me vai bater.

Agora, o João tinha começado a soluçar alto.

— Eu não quero que ele me bata!

Gudrun apareceu à porta. Olhando nervosamente por cima do ombro, precipitou-se para o João.

— Cala-te. Queres que o teu pai te oiça? Cala-te, já te disse!

João escorregou desastradamente do genuflexório, atirou a cabeça para trás e começou a gritar. Não dando ouvidos às palavras da sua mãe, continuou a soluçar. As lágrimas corriam-lhe pela face vermelha.

Gudrun agarrou-o pelos ombros e abanou-o. A sua cabeça caiu violentamente para a frente; os seus olhos fecharam-se, a sua boca ficou aberta. Joana ouviu o ruído dos seus dentes a baterem, quando ele fechou a boca. Surpreendido, João abriu os olhos e olhou para a mãe.

Gudrun puxou-o para si e abraçou-o.

— Não chores mais. Não podes chorar para bem da tua irmã e para meu bem. Vai ficar tudo bem, João. Mas, agora, fica calado.

Ela embalava-o, consolando-o e repreendendo-o ao mesmo tempo.

Joana olhava pensativa. Reconhecia que o que o seu irmão tinha dito era verdade. João não era esperto. Não podia seguir as pegadas do Mateus. Mas... corou de excitação no momento em que lhe passou pela cabeça uma ideia, como se fosse uma revelação.

— O que é, Joana? — Gudrun tinha visto a estranha expressão na cara da filha. — Não estás bem?

Ela estava preocupada porque era sabido que os demónios que traziam o fluxo permaneciam numa casa.

— Não, Mamã. Mas tive uma ideia, uma ideia maravilhosa!

Gudrun gemeu. A filha só tinha ideias que a metiam em sarilhos.

— Sim?

— O pai queria que o Mateus fosse para a Escola Palatina.

— Eu sei.

— E agora vai querer que o João vá no lugar dele. É por isso que o João está a chorar, Mamã. Ele sabe que não é capaz de o fazer e tem medo que o pai se zangue.

— E então? — Gudrun estava intrigada.

— Eu posso ir, Mamã. Eu posso continuar os estudos do Mateus.

Gudrun ficou momentaneamente demasiado chocada para responder. A sua filha, o seu bebé, o filho que mais amava — o único com quem tinha partilhado a língua e os segredos do seu povo — ela iria estudar os livros sagrados dos conquistadores cristãos? Que Joana chegasse, sequer, a pensar nisso já a feria profundamente.

— Que disparate! — disse Gudrun.

— Eu posso trabalhar muito — insistia Joana. — Eu gosto de estudar e de aprender coisas. Eu posso fazê-lo e, assim, o João já não precisa de o fazer. Ele não é bom nos estudos.

Nesse momento, João, cuja cabeça ainda se encontrava enterrada no peito da mãe, deu um suspiro abafado.

— Tu és uma rapariga; essas coisas não são para ti — disse Gudrun para a dissuadir. — Além disso, o teu pai nunca aprovaria.

— Mas, Mamã, isso era antes. Agora, as coisas mudaram. Não vê? Agora, pode ser que o pai pense de maneira diferente.

— Proíbo-te de falares disto ao teu pai. Deves ter a cabeça vazia por causa de não teres comido e por causa do resto, como o teu irmão. Senão, nunca falarias assim.

— Mas, Mamã, se eu pudesse ao menos mostrar-lhe...

— Basta, já disse!

O tom de Gudrun não deixou qualquer espaço para prosseguir a discussão.

Joana calou-se. Procurando por baixo da túnica, agarrou o medalhão de Santa Catarina que o Mateus tinha gravado para ela. Eu sei ler latim e o João não, pensou ela obstinadamente.

Porque haverá de ter importância o facto de eu ser uma rapariga?

Foi direita à Bíblia que se encontrava sobre a pequena secretária.

Pegou nela, sentindo o seu peso. As gravações a letras douradas sobre a capa eram-lhe familiares. O cheiro a madeira e pergaminho, tão fortemente associado a Mateus, fê-la pensar no seu trabalho conjunto, em tudo quanto ele lhe tinha ensinado, em tudo quanto ela ainda queria aprender. Talvez se eu mostrar ao pai o que aprendi... talvez, então, ele veja que eu sou capaz. Voltou a sentir uma onda de excitação. Mas, podia haver problemas. O pai podia ficar zangado. A ira do seu pai assustava-a; já tinha

sido atingida por ela vezes suficientes para conhecer e temer a força da sua cólera.

Ficou a acariciar, distraidamente, a superfície macia da encadernação em madeira. Num impulso, abriu a Bíblia; os seus olhos caíram no Evangelho de São João, o texto que Mateus tinha usado quando começou a ensiná-la a ler. É um sinal, pensou ela.

A mãe estava sentada de costas para a Joana, embalando o João, cujo choro tinha dado lugar a soluços incontroláveis. É agora a minha oportunidade. Joana pegou no livro aberto e levou-o para o quarto ao lado.

O pai estava sentado numa cadeira, com a cabeça baixa e as mãos cobrindo o rosto. Não se apercebeu de que a Joana se tinha aproximado. Ela parou, subitamente amedrontada. A ideia era impossível, ridícula; o pai nunca aprovaria. Preparava-se para se retirar, quando ele tirou as mãos do rosto e levantou os olhos. Ela estava diante dele com o livro aberto na mão.

A sua voz era de uma insegurança nervosa quando começou a ler.

— "In principio erat verbum et verbum erat apud Deum et verbum erat Deus..."

Não houve nenhuma interrupção; ela prosseguiu, ganhando confiança, à medida que ia lendo.

— "Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada daquilo que existe existiria. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a receberam."

A beleza e o poder das palavras encheram-lhe o coração, levando-a a prosseguir, dando-lhe alento.

Chegou ao fim, corada pelo sucesso, sabendo que tinha lido bem. Levantou os olhos e viu o pai a olhar fixamente para ela.

— Eu sei ler. O Mateus ensinou-me. Guardámos segredo para ninguém saber. — As palavras saíram-lhe de um só fôlego. — Eu sou capaz de fazer com que tenha orgulho em mim, Pai, eu sei que sou. Deixe-me prosseguir os estudos do Mateus e eu...

— Tu! — A voz do pai troava de ira. — Foste tu! — apontava para ela com um dedo acusador. — Foste tu! Fizeste com que a ira de Deus caísse sobre nós. Filha desnaturada! Monstro! Mataste o teu irmão!

Joana gritou. O cónego foi direito a ela, com o braço levantado. Joana deixou cair o livro e tentou fugir, mas ele apanhou-a e fê-la rodopiar, desfechando o seu punho cerrado no seu rosto com uma força que a fez cambalear. Caiu desamparada no chão, batendo com a cabeça.

O pai ergueu-se sobre ela. Ela protegeu-se de outro golpe.

Mas, ele não veio. Passaram alguns instantes e, então, ele começou a resfolegar. Da sua garganta, saíam sons guturais.

Ela apercebeu-se de que ele estava a chorar. Ela nunca tinha visto o pai a chorar.

— Joana! — Gudrun correu para o quarto. — O que fizeste, filha!

Ajoelhou-se junto a Joana, reparando na nódoa negra que se tinha formado sob o seu olho direito. Colocando-se entre o marido e a Joana, murmurou:

— O que foi que eu te disse? Menina tola, olha o que fizeste!

Num tom de voz mais forte, disse:

— Vai ter com o teu irmão. Ele precisa de ti.

Ajudou a Joana a levantar-se e empurrou-a rapidamente para o outro quarto.

O cónego olhou sombriamente para a Joana, enquanto ela se dirigia para a porta.

— Esquecei a rapariga, marido. — disse Gudrun para o distrair. — Ela não interessa. Não desespereis; lembrai-vos que ainda tendes outro filho.

Capítulo 3

Era Aranmanoth, o mês da ceifa, o Outono do seu nono ano de idade, quando Joana encontrou Asclépios pela primeira vez.

Ele tinha passado pela cabana do cónego, a caminho de Mainz, onde iria ser professor na escola da catedral.

— Bem-vindo, senhor, bem-vindo! — o pai de Joana saudou Asclépios, encantado. — Alegramo-nos que tenhais chegado bem. Espero que a viagem não tenha sido demasiado penosa?

Conduziu a sua visita para dentro de casa.

— Vinde refrescar-vos. Gudrun! Traz vinho! A vossa presença honra muito a minha casa, senhor.

Pelo comportamento do seu pai, a Joana percebeu que Asclépios devia ser um sábio de renome.

Era grego e vestia-se como os bizantinos. A sua bela clâmide de linho branco estava presa no ombro com um simples broche de metal e coberta com uma longa capa azul, bordada a fio de prata. Usava o cabelo curto, como um camponês, oleado e cuidadosamente puxado para trás, afastado do rosto. Ao contrário do pai dela, que se barbeava como o clero franco, Asclépios tinha uma barba longa e farta, branca, tal como seu cabelo.

Quando o seu pai a chamou para ser apresentada à visita, ela foi acometida de uma timidez súbita e ficou, acanhada diante do estranho, com os olhos pregados no entrançado das suas sandálias. O cónego acabou por intervir, mandando-a regressar para junto da mãe, para a ajudar a preparar a ceia.

Quando se sentaram à mesa, o cónego disse:

— É nosso costume ler uma passagem do Livro Sagrado antes de distribuirmos a comida. Quereis fazer-nos a honra de ler, esta noite?

— Muito bem — disse Asclépios, sorrindo.

Pegou cuidadosamente no livro encadernado a madeira e desfolhou as frágeis páginas de pergaminho.

— O texto é de Eclesiastes. Omnia tempus habent, et momentum suum cuique negotio sub caelo...

Joana nunca tinha ouvido falar tão bem latim. A sua pronúncia não era habitual: as palavras não fluíam juntamente, como no estilo galês; cada uma delas era distinta, como as gotas da chuva.

— Para tudo existe um momento e um tempo para cada coisa sob o Céu. Um tempo para nascer e um tempo para morrer; um tempo para semear e um tempo para recolher o que se plantou...

Joana tinha ouvido muitas vezes o seu pai a ler a mesma passagem, mas ao ouvi-la lida por Asclépios, ela adquiriu uma beleza de que ela nunca se tinha apercebido antes.

Quando terminou, Asclépios fechou o livro.

— Um exemplar excelente — disse ele ao cónego, em tom apreciativo. — Escrito por mão habilidosa. Haveis trazido o manuscrito da Inglaterra; ouvi dizer que a arte ainda é florescente por lá. Hoje em dia, é raro encontrar um manuscrito isento de barbarismos gramaticais.

O cónego corou de satisfação.

— Havia muitos desses na biblioteca de Lindisfarne. Este foi-me entregue pelo bispo, quando me ordenou para a missão na Saxónia.

A refeição estava esplêndida, a melhor que a família alguma vez tinha preparado para uma visita. Havia uma coxa de porco assado, cozinhado até a pele ficar estaladiça, milho cozido e beterraba, queijo fundido e fatias de pão fresco, cozido sob as brasas. O cónego tinha trazido cerveja franca, com um gosto apurado, escura e espessa como sopa camponesa. Depois, comeram amêndoas fritas e maçãs assadas.

— Delicioso — disse Asclépios no fim da refeição. — Há muito tempo que não jantava tão bem. Desde que saí de Bizâncio, ainda não tinha comido carne de porco tão tenra.

Gudrun estava satisfeita.

— É porque nós fazemos criação de porcos e engordamo-los antes de eles serem abatidos. A carne dos javalis é dura e sensaborona.

— Falai-nos de Constantinopla! — disse João, entusiasmado. É verdade que as ruas são pavimentadas com pedras preciosas e que as fontes

jorram ouro?

Asclépios riu-se.

— Não. Mas, é uma cidade lindíssima.

Joana e João estavam presos aos lábios de Asclépios, enquanto este descrevia Constantinopla, com edifícios em mármore com cúpulas em ouro e prata, construída sobre um promontório sobre o porto do Corno de Ouro, onde aportavam navios de todo o mundo. Era a cidade onde Asclépios tinha nascido e passado a juventude. Tinha sido obrigado a fugir, quando a sua família se viu envolvida numa disputa religiosa com o basileus, a propósito de qualquer coisa relacionada com a destruição de ícones. Joana não percebeu, ao contrário do pai que abanava a cabeça, em sinal de desaprovação, enquanto Asclépios descrevia a perseguição a que a família tinha sido sujeita.

Então, a discussão derivou para questões teológicas e a Joana e o seu irmão foram mandados para a parte da casa onde os pais dormiam; como hóspede de honra, Asclépios iria ficar com a cama grande junto à lareira toda para ele.

— Por favor, não posso ficar para ouvir? — pediu Joana à sua mãe.

— Não. Já passa da hora de estarem a dormir. Além disso, o nosso convidado já acabou de contar histórias. Esta conversa erudita não te iria interessar.

— Mas...

— Basta, filha. Para a cama! Preciso da tua ajuda amanhã; o teu pai quer que preparemos outra refeição para o convidado, amanhã. Mais convidados destes e ficamos arruinados — murmurou Gudrun.

Meteu os filhos na cama de palha, beijou-os e saiu.

João adormeceu logo, mas Joana ficou acordada, tentando ouvir o que estavam a dizer do outro lado da grossa divisória em madeira. Por fim, vencida pela curiosidade, levantou-se da cama e aproximou-se da porta, pé ante pé. Pôs-se de gatas, perscrutando na escuridão, onde o pai e Asclépios estavam a conversar, junto à lareira. Estava frio; o calor da lareira não chegava tão longe e Joana só tinha vestida uma camisa de noite em linho.

Tremia, mas nem sequer lhe passava pela cabeça ir para a cama; tinha de ouvir o que Asclépios estava a dizer.

A conversa tinha-se orientado para a escola da catedral.

Asclépios perguntou ao cónego:

— Conheceis a biblioteca que eles lá têm?

— Sim, claro — disse o cónego, visivelmente satisfeito por lhe ter sido perguntado. — Passei lá muitas horas. Alberga uma excelente colecção, com mais de setenta e cinco manuscritos.

Asclépios abanou a cabeça, delicadamente, mas pareceu não ter ficado muito impressionado. Joana não era capaz de imaginar tanto livro junto.

O cónego disse:

— Existem lá cópias do De scriptoribus, ecclesiasticus, de Isidoro, e Vie gubernatione Dei, de Salviano. Também têm os Commentarii de Jerónimo completos, com ilustrações maravilhosas. E um manuscrito especialmente raro do Hexaemeron, de São Basílio, vosso conterrâneo.

— Têm manuscritos de Platão?

— Platão? — o cónego estava chocado. — Claro que não; os seus ritos não são apropriados para os estudos de um cristão.

— Ah? Então, não aprovais o estudo da lógica?

— Tem o seu lugar no trivium — respondeu o cónego, pouco à vontade — desde que apoiado em textos apropriados, como os de Agostinho e Boécio. Mas, a fé fundamenta-se na autoridade da Escritura, não na evidência da lógica; por vezes, os homens abalam a sua fé por causa de uma curiosidade tola.

— Estou a perceber.

As palavras de Asclépios foram pronunciadas mais por delicadeza do que por concordância.

— Mas, talvez me possais responder a isto: porque será que o homem é dotado de raciocínio?

— A razão é a centelha da essência divina no homem: Então, Deus criou o homem à Sua própria imagem; criou-o à Sua imagem e semelhança.

— Conheceis bem a Escritura. Então, concordais que a razão é um dom de Deus?

— Certamente.

Joana aproximou-se mais, saindo da sombra do compartimento; não queria perder o que Asclépios ia dizer a seguir.

— Então, porquê ter medo de expor a fé à razão? Se Deus no-la deu, como poderia ela afastar-nos dEle?

O cónego mexeu-se na cadeira. Joana nunca o tinha visto tão embaraçado. Ele era um missionário, educado para ensinar e pregar, pouco habituado a debates lógicos. Abriu a boca para responder, mas voltou a fechá-la.

— Aliás — prosseguiu Asclépios — não será a falta de fé que leva os homens a temerem o escrutínio da razão? Se o destino é duvidoso, então o caminho tem que ser percorrido com medo. Uma fé robusta não precisa de ter receio porque se Deus existe, então a razão não pode deixar de nos levar até Ele. Cogito, ergo Deus est, diz Santo Agostinho, penso, portanto Deus existe.

Joana estava a seguir a argumentação com tanta intensidade que se distraiu e exprimiu alto a sua aprovação. O seu pai olhou severamente para o outro lado da divisória.

Ela escondeu-se novamente na escuridão, sustendo a respiração.

Depois, voltou a ouvir o murmúrio de vozes. Benedicite, pensou ela, não me viram. Voltou sorrateiramente para a enxerga, onde João ressonava.

Muito tempo depois de as vozes se terem silenciado, Joana continuava acordada no escuro. Sentia-se incrivelmente aliviada e liberta, como se um peso opressivo lhe tivesse sido tirado de cima. Não era por causa dela que o Mateus tinha morrido. O desejo dela de aprender não o tinha morto, apesar do que o pai tinha dito. Nessa noite, ao ouvir Asclépios, ela tinha descoberto que o amor dela pelo conhecimento não era uma abominação, nem era pecaminoso, mas sim a consequência directa de uma capacidade de pensar que era um dom de Deus. Eu penso, portanto, Deus existe. No seu coração, sentia que isto era verdade.

As palavras de Asclépios tinham alumiado uma luz no seu coração. Talvez amanhã possa falar com ele, pensou ela. Talvez tenha oportunidade de lhe mostrar que sei ler.

A expectativa entusiasmava-a de tal forma, que ela não era capaz de se libertar dela. Só adormeceu de madrugada.

No dia seguinte, de manhã cedo, a mãe de Joana mandou-a ao bosque para apanhar frutos da faia e bolota para dar aos porcos. Ansiosa por voltar para casa e para junto de Asclépios, Joana apressou-se a terminar a tarefa. Mas, o chão da floresta, no Outono, estava cheio de folhas caídas e as bagas eram difíceis de encontrar; ela não podia regressar antes de o cesto estar cheio.

Quando voltou, Asclépios estava a preparar-se para sair.

— Ah, mas eu tinha pensado que nos daríeis a honra de voltar a jantar connosco — disse o cónego. — Estava interessado nas vossas ideias sobre o mistério da Trindade e gostaria de continuar a discutir o assunto.

— É muito gentil, mas tenho de estar em Mainz ao cair da tarde. O bispo está à minha espera e eu estou ansioso por assumir as minhas novas tarefas.

— Claro, claro.

Após uma pausa, o cónego acrescentou:

— Mas, lembrais-vos da nossa conversa acerca do rapaz. Ficais para assistir à sua lição?

— É o mínimo que posso fazer para agradecer um acolhimento tão generoso — disse Asclépios com uma gentileza estudada.

Joana tirou a sua costura e instalou-se numa cadeira perto, tentando ser o mais discreta possível para que o pai não a mandasse embora.

Não precisava de se preocupar. A atenção do cónego estava totalmente concentrada no João. Esperando impressionar Asclépios com o nível de conhecimentos do seu filho, começou a lição por perguntar a João as regras da gramática, segundo Donato. Foi um erro porque a gramática era o tema em que o João era mais fraco. Como seria de esperar, o seu desempenho foi medíocre, confundindo o ablativo com o dativo, atamancando os seus verbos e acabando por se revelar completamente incapaz de dividir a frase correctamente. Asclépios ouviu solenemente, de sobrolho carregado.

Corado de embaraço, o cónego retirou-se para um campo mais seguro. Começou com o catecismo de enigmas do grande Alcuíno, no qual

João tinha sido bastante treinado. João conseguiu avançar pela primeira parte do catecismo de forma bastante satisfatória.

— O que é um ano?

— Um carro com quatro rodas.

— Quais são os cavalos que o puxam?

— O Sol e a Lua.

— Quantos palácios tem?

— Doze.

Satisfeito com este pequeno sucesso, o cónego avançou para a parte mais difícil do catecismo. Joana temia o que estava para vir, porque viu que o João estava à beira do pânico.

— O que é a vida?

— A alegria dos bem-aventurados, o desgosto dos infelizes e... e... — João interrompeu-se.

Asclépios mexeu-se na cadeira. Joana fechou os olhos, concentrando-se nas palavras, ansiosa de que o João prosseguisse.

— Sim? — incentivou-o o cónego. — E que mais?

O rosto do João resplandeceu, inspirado:

— E uma busca da morte!

O cónego acenou afirmativamente.

— E o que é a morte?

Rendido, João olhou para o pai como um veado apanhado numa armadilha e que vê o caçador a aproximar-se, finalmente.

— O que é a morte? — repetiu o cónego.

Era escusado. O facto de quase ter falhado a última pergunta e o crescente descontentamento do pai destruiram o que restava da compostura do João. Já não conseguiu lembrar-se de mais nada. O seu rosto contraiu-se; Joana reparou que ele ia começar a chorar. O pai fulminava-o com o olhar. Asclépios olhou com compaixão.

Ela já não suportava mais. O embaraço do irmão, a ira do pai, a humilhação intolerável diante de Asclépios puseram-na fora de si. Antes que se apercebesse do que estava a fazer, gritou:

— Uma coisa inevitável, uma peregrinação incerta, as lágrimas dos vivos, o ladrão do homem.

As suas palavras atingiram os outros como um relâmpago.

Olharam todos os três para ela, simultaneamente. Nos seus rostos adivinhava-se um leque de emoções. No rosto do João havia desgosto. No do pai, indignação. No de Asclépios, espanto. O cónego foi o primeiro a conseguir articular palavra.

— Que insolência é esta? — perguntou ele.

Depois, lembrando-se da presença de Asclépios, disse:

— Se não fosse a presença do nosso hóspede, dava-te já o castigo que mereces. Assim, terá de esperar. Sai da minha vista.

Joana levantou-se da cadeira, lutando para se controlar, até chegar à porta da cabana, que fechou atrás de si. Depois, correu tão depressa quanto foi capaz, até ao feto que ficava no limite da floresta, onde se atirou para o chão.

Pensou que ia rebentar de dor. Ter sido assim humilhada diante da única pessoa que tinha querido impressionar!

Não é justo. O João não sabia a resposta e eu sabia. Porque não haveria de a dar?

Ficou muito tempo a olhar para as sombras das árvores.

Poisou no chão um pisco, que começou a depenicar na terra, à procura de vermes. Encontrou um, encheu o peito, fez um pequeno círculo, gozando o seu troféu.

Como eu, pensou ela, contrariada. Toda inchada de orgulho pelo que fiz.

Ela sabia que o orgulho era um pecado — já tinha sido castigada por isso muitas vezes — mas, não podia evitar sentir-se assim. Sou mais esperta do que o João. Porque deverá ele poder estudar e eu não?

O pisco voou. A Joana ficou a olhar, à medida que ele se transformava numa mancha colorida e distante, no meio das árvores. Agarrou na medalha de Santa Catarina que tinha pendurada ao pescoço e pensou em Mateus. Ele ter-se-ia sentado ali com ela, teria falado com ela, ter-lhe-ia explicado o que ela não era capaz de entender. Tinha tantas saudades dele.

Mataste o teu irmão, tinha dito o pai. Sentiu um aperto na garganta, ao recordá-lo. O seu espírito continuava a revoltar-se. Ela era orgulhosa, queria mais do que Deus tinha destinado a uma mulher. Mas,

porque teria Deus castigado Mateus por causa do pecado dela? Não tinha lógica.

Porque seria que não conseguia libertar-se dos seus sonhos impossíveis? Toda a gente lhe tinha dito que o seu desejo de aprender era contra a natureza.

Mas, mesmo assim, ela tinha sede de saber, desejava explorar o vasto mundo das ideias e oportunidades abertas às pessoas que estudavam. As outras raparigas da aldeia não se interessavam por estas coisas. Contentavam-se em assistir à missa, sem perceberem uma única palavra. Aceitavam o que lhes diziam e não procuravam ir mais além. Sonhavam com um bom marido, quer dizer, um homem que as tratasse bem e que não lhes batesse, e com um pedaço de terra para cultivar; nem sequer pensavam em sair do mundo seguro e familiar da aldeia. Eram tão inexplicáveis para a Joana como ela para elas.

Porque sou diferente?, pensava ela. O que há de errado comigo?

Soaram passos perto dela e uma mão tocou-lhe no ombro. Era o João. Ele disse, suavemente:

— O pai mandou-me chamar-te.

Joana pegou-lhe na mão.

— Desculpa.

— Não devias ter feito aquilo. Não passas de uma rapariga.

Aquilo era difícil de aceitar, mas ela devia-lhe uma desculpa por causa de o ter envergonhado diante do convidado.

— Fiz mal. Desculpa.

Ele tentou manter a pose de alguém ferido na sua virtude, mas não foi capaz.

— Está bem, eu desculpo — disse ele. — Pelo menos, o pai já não está zangado comigo. Agora... bom, vem ver.

Ele ajudou-a a levantar-se do chão e a limpar-se do pó. De mãos dadas, regressaram a casa.

Quando chegaram à porta, João mandou a Joana à frente.

— Vai — disse ele. — É contigo que eles querem falar.

Eles? Joana ficou intrigada, mas não podia perguntar nada porque já estava diante do seu pai e de Asclépios, que a esperavam à lareira.

Aproximou-se e ficou submissamente diante deles. O seu pai tinha uma expressão estranha, como se tivesse engolido algo amargo. Resmungou e fez-lhe sinal para que ela se aproximasse de Asclépios, que estava de costas para ela. Pegando nas suas mãos, Asclépios fixou-a com um olhar penetrante.

— Sabes latim? — perguntou ele.

— Sim, senhor.

— Como é que aprendeste?

— Ouvi, senhor, sempre que o meu irmão tinha as suas lições.

Ela imaginava a reacção do pai perante esta informação.

Baixou os olhos.

— Sei que não o devia ter feito.

Asclépios perguntou:

— Que mais aprendeste tu?

— Sei ler, senhor, e escrever um pouco. O meu irmão Mateus ensinou-me quando eu era pequena.

Pelo canto do olho, Joana viu o ataque de cólera do pai.

— Mostra-me.

Asclépios abriu a Bíblia, procurou uma passagem, depois estendeu-lhe o livro, marcando a passagem com o dedo. Era a parábola do grão de mostarda, do Evangelho de São Lucas. Ela começou a ler, começando por tropeçar nalgumas palavras latinas - já há algum tempo que não lia.

— "Quomodo assimilabimus regnum Dei aut in qua parabola ponemus illud?" — A que se assemelha o Reino de Deus? E a que havemos de o comparar?

Continuou, sem hesitação, até ao fim.

— Então ele disse: "É como um grão de mostarda que um homem plantou no seu jardim e que cresceu, transformando-se numa grande árvore, que abriga as árvores do céu nos seus ramos."

Parou de ler. No silêncio que se seguiu, ela conseguia ouvir a brisa suave do Outono a passar pelas frinchas do telhado.

Asclépios perguntou, calmamente:

— E compreendes o significado daquilo que leste?

— Penso que sim.

— Explica-me.

— Significa que a fé é como um grão de mostarda. Planta-se no nosso coração, como uma semente num jardim. Se a semente for tratada, cresce, transformando-se numa linda árvore. Se se cultivar a fé, ganha-se o Reino dos Céus.

Asclépios cofiou a barba. Não deu qualquer sinal de aprovação daquilo que ela tinha dito. Será que ela tinha dado uma interpretação incorrecta?

— Ou... — teve outra ideia.

Asclépios ergueu as sobrancelhas.

— Sim?

— Também pode querer dizer que a Igreja é como uma semente. A Igreja começou por ser pequena, crescendo escondida, cultivada apenas por Cristo e pelos Doze Apóstolos, mas transformou-se numa grande árvore, uma árvore que abriga o mundo inteiro.

— E as aves que se abrigam nos seus ramos? — perguntou Asclépios.

Ela pensou rapidamente.

— São os crentes, que encontram salvação na Igreja, como as aves encontram protecção nos ramos da árvore.

A expressão de Asclépios era enigmática. Voltou a cofiar a barba, solenemente. Joana resolveu fazer outra tentativa.

— Então... — pensava lentamente, à medida que falava. — O grão de mostarda pode representar Cristo. Cristo era como uma semente quando foi sepultado na terra e como uma árvore, quando ressuscitou e subiu ao Céu.

Asclépios virou-se para o cónego.

— Ouviu?

O rosto do cónego contorceu-se:

— Ela é apenas uma rapariga. Estou certo que não queria...

— A semente como Fé, Igreja, Cristo. — disse Asclépios. — Alegoria, moralis, anagoge. A exegese escriturística clássica, em três partes. Expressa de uma forma bastante simples, claro, mas, mesmo assim, uma interpretação tão completa como a do próprio Gregório Magno. E isto sem

uma educação formal! Espantoso! A criança demonstra uma inteligência extraordinária. Tratarei de ser o seu tutor.

Joana estava encantada. Estava a sonhar? Tinha medo de acreditar que aquilo estava mesmo a acontecer.

— Claro que não na escola — continuou Asclépios — porque isso não seria permitido. Arranjarei maneira de vir aqui uma vez por semana. E arranjo-lhe os livros para ela estudar nos outros dias.

O cónego estava contrariado. Este não era o desfecho que ele tinha esperado.

— Está tudo muito bem — disse ele, para experimentar. — Mas, e o rapaz?

— Ah, o rapaz? Temo que ele não demonstre qualquer possibilidade como estudante. Com mais algum estudo, pode ser que fique apto a ser cura de aldeia. A lei só exige que eles saibam ler e escrever e conheçam as formas correctas dos sacramentos. Mas, eu ficar-me-ia por aí. A escola não é para ele.

— Não posso acreditar no que oiço! Quereis ensinar a rapariga e o rapaz não?

Asclépios encolheu os ombros.

— Um tem talento, o outro não: Não se pode pensar outra coisa.

— Uma mulher a estudar!

O cónego estava indignado.

— Ela irá estudar os textos sagrados e o irmão é ignorado? Não o permitirei. Ou ensinais ambos ou nenhum.

Joana susteve a respiração. Certamente não estaria tão perto de perder tudo quanto tinha conseguido até aqui. Começou a rezar baixinho, depois, parou. Talvez Deus não aprovasse.

Procurou a medalha de Santa Catarina por baixo da túnica. Ela compreenderia.

Por favor, rezou ela, silenciosamente. Ajudai-me a consegui-lo. Far-vos-ei uma boa oferta. Mas, ajudai-me a consegui-lo.

Asclépios parecia impaciente.

— Já vos disse que o rapaz não tem qualquer aptidão para o estudo. Educá-lo seria uma perda de tempo.

— Então, está decidido — disse o cónego, furioso.

Joana olhou para ele, sem querer acreditar, quando ele se levantou da cadeira.

— Um momento — disse Asclépios. — Vejo que insistis na vossa ideia.

— Insisto.

— Muito bem. A rapariga apresenta todos os sinais de possuir um intelecto prodigioso. Poderá chegar longe se receber a educação adequada. Não posso deixar perder uma oportunidade destas. Já que insiste, serei tutor de ambos.

Joana suspirou.

— Obrigada — disse ela, tanto a Santa Catarina, como a Asclépios. Era tudo quanto conseguia dizer com uma voz segura. — Trabalharei para o merecer.

Asclépios olhou para ela, com um olhar cheio de uma inteligência penetrante. Como um fogo interior, pensou Joana.

Um fogo que iluminaria as semanas e meses que se iriam seguir.

— Trabalharás mesmo — disse ele.

Havia um esboço de sorriso por baixo das suas espessas barbas brancas. — Oh, se trabalharás.

Capítulo 4

Roma

O interior do Palácio de Latrão, com as suas abóbadas altas em mármore parecia deliciosamente fresco em comparação com o calor abrasador das ruas romanas. Quando as grandes portas em madeira da residência papal se fecharam atrás dele, Anastácio ficou ofuscado, momentaneamente cego pela escuridão do Patriarchium. Instintivamente, procurou a mão do pai, depois, recuou, recordando-se.

— Fica direito, não te agarres ao teu pai — tinha dito a sua mãe naquela manhã, enquanto lhe preparava a roupa. — Já tens doze anos; já é tempo de aprenderes a comportar-te como um homem. — Puxou firmemente pela fivela do seu cinto, pondo-o no lugar. — E olha de frente para aqueles que se te dirigirem. O nome da nossa família não fica atrás de qualquer outro; não deves parecer demasiado serviçal.

Agora, ao recordar-se das suas palavras, Anastácio puxou os ombros para trás e ergueu a cabeça. Era pequeno para a sua idade, o que constituía um desgosto para si próprio, mas tentava sempre parecer o mais alto possível. Os seus olhos começaram a adaptar-se à luz fraca, pelo que olhou à volta, cheio de curiosidade. Era a sua primeira visita a Latrão, a majestosa residência do Papa, sede de todo o poder em Roma. Anastácio estava impressionado. O interior era enorme, constituído por uma vasta estrutura que albergava os arquivos da Igreja e a Câmara do Tesouro, assim como dezenas de oratórios, triclínios e capelas, entre as quais a célebre capela dos Papas, o Sanctum Sanctorum. Diante de Anastácio, na parede do Grande Átrio, estava pendurada uma enorme tabula mundi, um mapa de parede anotado, representando o mundo como um disco plano rodeado de oceanos. Os três continentes — Ásia, África e Europa — estavam separados pelos grandes rios Tanais e Nilo, assim como pelo Mediterrâneo.

No centro do mundo, estava a cidade santa de Jerusalém, cuja fronteira leste confinava com o paraíso terrestre. Anastácio observou o mapa e a sua atenção concentrou-se nos grandes, misteriosos e aterradores espaços virgens, nas margens mais longínquas, onde o mundo caía na escuridão.

Aproximou-se um homem com uma dalmática em seda branca, característica dos membros da casa papal.

— Saudações e bênçãos do Santíssimo Padre, o papa Pascal — disse ele.

— Que vivamos o suficiente para continuarmos a gozar da sua orientação benevolente — respondeu o pai de Anastácio.

Depois das devidas formalidades, ambos os homens se descontraíram.

— Então, Arsénio, como estás? — perguntou o homem. — Vieste para ver o Teodoro, não?

O pai de Anastácio confirmou:

— Sim. Para tratar das coisas para o meu sobrinho Cosme ser nomeado arcarius.

Baixando a voz, acrescentou:

— O pagamento já foi feito há semanas. Não percebo porque motivo o anúncio se atrasou tanto.

— Teodoro tem estado muito ocupado ultimamente. Houve aquele conflito terrível, sabes, por causa da posse do Mosteiro de Farfa. O Santo Padre ficou muito descontente com a decisão do tribunal imperial.

Aproximando-se mais, acrescentou num sussurro conspirativo:

— E ainda mais descontente com o Teo, por causa de ele ter defendido a posição do imperador. Prepara-te: o Teo é capaz de não poder fazer muito por ti, neste momento.

— Já tinha pensado nisso — disse o pai de Anastácio, encolhendo os ombros. — Mesmo assim, Teo continua a ser primicerius e o pagamento já foi feito.

— Veremos.

A conversa interrompeu-se abruptamente quando se aproximou um segundo homem, vestido também com uma dalmática branca.

Anastácio, aproximando-se do pai, sentiu que as suas costas ficaram um pouco hirtas.

— Que as bênçãos do Santo Padre te acompanhem, Sárpato — disse o seu pai.

— E a ti, meu caro Arsénio, e a ti — respondeu o homem. A sua boca retorceu-se numa expressão estranha.

— Ah, Luciano — disse ele, voltando-se para o primeiro homem. — Estavas tão embrenhado na tua conversa com Arsénio, mesmo agora. Tens notícias interessantes? Adorava ouvi-las. — Acenou afectadamente. — A vida por aqui é tão monótona desde que o Imperador partiu.

— Não, Sárpato, claro que não. Se tivesse novidades, dizia — respondeu Luciano, enervado.

E disse para o pai de Anastácio:

— Bem, Arsénio, tenho de ir. Tenho que fazer.

Curvou-se, virou-se e afastou-se rapidamente.

Sárpato abanou a cabeça.

— Luciano tem andado irritado ultimamente. Não sei porquê.

Olhou longamente para o pai de Anastácio.

— Bem, não interessa. Vejo que tens companhia, hoje.

— Sim. Posso apresentar-te o meu filho Anastácio? Vai fazer exame em breve para se tornar lector.

O pai de Anastácio acrescentou, enfaticamente:

— O seu tio Teo tem-lhe muita estima; foi por isso que o trouxe comigo para o nosso encontro.

Anastácio curvou-se.

— Que prospereis no Seu Nome — disse ele formalmente, como lhe tinham ensinado.

O homem sorriu e os cantos dos seus lábios torceram-se ainda mais, divertidos.

— Mas, o latim do rapaz é excelente; parabéns, Arsénio. Será um digno sucessor — a não ser, claro, que partilhe da deplorável falta de discernimento do seu tio.

Prosseguiu sem dar margem para qualquer resposta:

— Sim, sim, um excelente rapaz. Que idade tem?

A pergunta foi dirigida ao pai de Anastácio.

Anastácio respondeu:

— Fiz doze anos logo a seguir ao Advento.

— Ah sim? Pareces mais novo — disse ele, dando uma pancadinha na nuca de Anastácio.

Anastácio sentiu antipatia pelo desconhecido. Fazendo-se tão alto quanto possível, disse:

— E penso que o discernimento do meu tio não pode ser assim tão mau, senão, não seria primicerius.

O pai de Anastácio beliscou-lhe o braço, em advertência, mas os seus olhos eram meigos e havia uma ponta de sorriso nos seus lábios. O

desconhecido ficou a olhar para Anastácio, exprimindo algo como surpresa? irritação? — nos seus olhos. Anastácio desviou o olhar. Ao fim de algum tempo, o homem voltou a concentrar a atenção no pai de Anastácio.

— Mas que lealdade familiar! Que comovente! Bem, bem, esperemos que o pensamento do rapaz se revele tão correcto como o seu latim.

Um grande ruído desviou as suas atenções para o outro lado do átrio, ao mesmo tempo que as pesadas portas se abriam.

— Ah! Aí vem agora o primicerius. Não os interrompo mais.

Sárpato curvou-se afectadamente e saiu.

Fez-se silêncio na sala quando Teodoro entrou, acompanhado do seu cunhado, Leão, recentemente elevado à posição de nomemclator. Parou mesmo à porta para conversar um pouco com alguns clérigos e nobres que estavam ali próximo. Vestido com a sua dalmática em seda rubra e o seu cingulum dourado, Teodoro era, indiscutivelmente, o mais elegante do grupo; ele adorava tecidos finos e manifestava uma certa ostentação no vestir, característica que Anastácio apreciava.

Terminando as saudações formais, Teodoro observou a sala. Ao ver Anastácio e o seu pai, sorriu e começou a atravessar o compartimento, dirigindo-se para eles. Ao aproximar-se, acenou a Anastácio, e a sua mão direita moveu-se na direcção do bolso da sua dalmática. Anastácio sorriu porque sabia o que aquilo significava. Teodoro, que adorava crianças, trazia sempre presentes para oferecer. «O que será hoje?», pensou Anastácio, abrindo a boca, na expectativa. Um figo maduro, uma ameixa doce, vermelha, talvez um pedaço de maçapão, cremoso e rico, recheado de amêndoas e avelãs doces?

A atenção de Anastácio estava tão concentrada no bolso da dalmática de Teodoro, que, ao princípio, não reparou na chegada dos outros homens. Eles aproximaram-se rapidamente — três de entre eles — pelas costas; um deles tapou a boca de Teodoro com a mão e puxou-o para trás. Anastácio pensou que era uma espécie de brincadeira. Sorrindo, olhou para o pai, à espera de uma explicação; o seu coração saltou quando viu medo nos olhos do pai. Voltou-se e viu Teodoro a lutar para se libertar. Teodoro era um homem alto, mas a luta era fatalmente desigual. Os homens rodearam-no, agarrando-o pelos braços e atirando-o ao chão. A parte da

frente da dalmática rubi de Teodoro estava rasgada, expondo a sua pele branca. Um dos atacantes pegou em Teodoro pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás. Anastácio viu um fio de aço brilhar numa torrente de vermelho.

Anastácio estremeceu quando um borrifo atingiu a sua cara. Levantou os olhos e ficou estupefacto, a olhar para a mão. Era sangue. Do outro lado da sala, alguém gritou. Anastácio viu Leão, o cunhado de Teodoro, desaparecer por entre um turbilhão de atacantes.

Os homens libertaram Teodoro e ele caiu para a frente, de joelhos.

Depois, levantou a cabeça e Anastácio gritou de terror. O seu rosto tinha uma aparência horrível. O sangue jorrava dos buracos negros e vazios, onde outrora, se encontravam os olhos de Teodoro, correndo pelo seu queixo, para os ombros e o peito.

Anastácio escondeu a cara na anca do seu pai. Sentiu as grandes mãos do pai pousarem nos seus ombros e ouviu a sua voz forte e imperturbável:

— Não — disse o pai. — Não te podes esconder, meu filho. As suas mãos empurravam-no, afastando-o, forçando-o a ver a cena terrível que se desenrolava diante dos seus olhos. — Olha — mandou a voz — e aprende. Este é o preço que se paga pela falta de subtileza e de arte. Teodoro pagou agora por causa de ter demonstrado tão abertamente a sua lealdade ao imperador.

Anastácio ficou imóvel como uma estátua, enquanto os atacantes levavam Teodoro e Leão para o centro do átrio. Eles tropeçaram várias vezes, quase caindo no chão em ladrilhos, cheio de sangue. Teodoro gritava algo, mas as palavras não se compreendiam. De boca aberta e os lábios a mexer, o seu rosto ainda era mais assustador.

Os homens forçaram Teodoro e Leão a ajoelharem-se e a baixarem as cabeças. Um homem levantou uma longa espada e desfechou-a na nuca de Leão, decapitando-o de um só golpe.

Mas, o pescoço de Teodoro era mais forte e ele continuou a lutar; foram precisos três ou quatro golpes de espada para lhe separar a cabeça do corpo.

Anastácio reparou, pela primeira vez, que os atacantes ostentavam a cruz vermelha da milícia papal.

— Pai! — gritou ele. — É a guarda! Os guardas da milícia!

— Sim.

Ele puxou Anastácio para junto dele. Anastácio estava à beira da histeria:

— Mas, porquê? Porquê, Pai? Porque haveriam eles de fazer isto?

— Obedeceram a ordens.

— A ordens? — perguntou Anastácio. Tentava compreender. — Quem poderia dar uma ordem destas?

— Quem? Ah, meu filho, pensa.

O rosto do pai estava pálido, mas a sua voz era firme, quando respondeu:

— Tens de aprender a pensar, para nunca sofreres tal destino. Pensa: quem tem poder para o fazer? Quem pode dar uma ordem destas?

Anastácio ficou sem palavras, avassalado pela monstruosidade da ideia que começava a formar-se-lhe na mente.

— Sim.

Agora, as mãos do seu pai pousavam suavemente sobre os seus ombros.

— Quem, senão o Papa? — disse ele.

Capítulo 5

— Não, não, não.

A voz de Asclépios estava cortante de impaciência.

— Tens de fazer as letras muito mais pequenas. Vês como a tua irmã escreve a lição dela?

Bateu no papel de Joana.

— Tens de aprender a respeitar muito mais o teu pergaminho, meu rapaz. Foi precisa uma ovelha inteira para fazer apenas uma folha. Se os monges de Andernach espalhassem as suas palavras pelas páginas desta maneira, os rebanhos da Austrásia seriam dizimados num mês!

João lançou um olhar ressentido a Joana.

— É muito difícil; não sou capaz.

Asclépios suspirou.

— Está bem; volta a praticar na tua tábua. Quando tiveres conseguido controlar melhor a escrita, voltamos a tentar o pergaminho.

Perguntou à Joana:

— Já acabaste o De inventione?

— Já, senhor — respondeu Joana.

— Enuncia as seis questões probatórias utilizadas para determinar as circunstâncias da acção humana.

Joana estava preparada.

— Quis, quid, quomodo, ubi, quando, cur? — Quem, o quê, como, onde, quando, porquê?

— Muito bem. Agora, identifica as constitutiones retóricas.

— Cícero especifica quatro constitutiones diferentes: a controvérsia sobre o facto, a controvérsia acerca da definição, a controvérsia acerca da natureza do acto, e...

Ouviu-se um baque, quando Gudrun empurrou a porta para entrar, dobrada pelo peso dos cantis de madeira cheios de água que trazia na mão. Joana levantou-se para a ajudar, mas Asclépios pousou a mão no seu ombro, obrigando-a a voltar a sentar-se.

— E?

Joana hesitou, com os olhos ainda fixos na mãe.

— Continua, filha.

O tom de Asclépios indicava que ele não tolerava qualquer desobediência.

Joana apressou-se a responder:

— A controvérsia acerca da jurisdição ou procedimento.

Asclépios assentiu, satisfeito.

— Apresenta um exemplo para o terceiro status. Escreve-o no teu pergaminho, mas certifica-te de que vale a pena fazê-lo.

Gudrun deambulava, acendendo o lume, colocando a panela ao lume, pondo a mesa para a refeição da tarde. Olhou uma ou duas vezes por cima do ombro, aborrecida.

Joana sentia-se culpada, mas esforçou-se por se concentrar no seu trabalho. Este tempo era precioso: Asclépios só vinha uma vez por semana e os seus estudos eram mais importantes do que qualquer outra coisa.

Mas, era difícil trabalhar sob o peso do descontentamento da mãe. Era óbvio que Asclépios também tinha reparado, apesar de o atribuir ao facto de as lições da Joana a desviarem dos trabalhos caseiros. Joana sabia qual era o motivo real. Os estudos dela eram uma traição, uma violação do mundo secreto que ela partilhava com a sua mãe, um mundo povoado de deuses e segredos saxónicos. Aprendendo latim e estudando textos cristãos, Joana punha-se ao lado das coisas que a mãe mais detestava: do deus cristão, que tinha destruído a pátria de Gudrun e, acima de tudo, do cónego, seu marido.

A verdade era que Joana trabalhava sobretudo com textos clássicos pré-cristãos. Asclépios venerava os textos pagãos de Cícero, Séneca, Lucano e Ovídeo, condenados por maior parte dos eruditos da época. Ele estava a ensinar Joana a ler grego através de textos tão antigos como os de Menandro e Homero, cuja poesia, aos olhos do cónego, não passava de uma blasfémia pagã. Ensinada por Asclépios a apreciar acima de tudo a clareza e o estilo, Joana nunca se questionara se a poesia de Homero era aceitável nos termos da doutrina cristã; Deus estava nela porque ela era bela. Teria gostado de explicar isto à sua mãe, mas sabia que não adiantaria nada. Homero ou Beda, Cícero ou Santo Agostinho — para Gudrun era tudo a mesma coisa: não era saxónio; e bastava.

Ela tinha perdido a concentração; enganou-se e fez um borrão no pergaminho. Levantou os olhos para Asclépios, que estava a olhar para ela, com uns olhos escuros penetrantes.

— Deixa lá, filha. — A sua voz era de uma gentileza inesperada; normalmente, era assim com erros descuidados. — Deixa lá. Começa outra vez aqui.

Os habitantes de Ingelheim estavam reunidos junto ao tanque comum, conversando animadamente. Naquele dia, ia ser julgada uma feiticeira, um acontecimento que, certamente, iria inspirar horror, piedade e satisfação, uma variante bem-vinda na monotonia quotidiana das suas vidas.

— Benedictus.

O cónego deu início à bênção da água. Hrotrud tentou fugir, mas dois homens agarraram-na e arrastaram-na para onde se encontrava o cónego, que a olhou de sobrolho carregado, em sinal de desaprovação. Hrotrud praguejou e debateu-se e os homens que a agarravam prenderam-lhe as mãos atrás das costas e ataram-nas firmemente com uma tira de pano de linho, provocando-lhe um grito de dor.

— Maleficia — murmurou alguém do meio da multidão, perto do local onde Joana e Asclépios se encontravam.

— São Barnabé nos guarde do mau-olhado.

Asclépios não disse nada, mas abanou a cabeça tristemente.

Tinha chegado de manhã a Ingelheim para a lição semanal, mas o cónego tinha-se recusado a autorizar que os filhos recebessem a lição, insistindo em que fossem primeiro assistir ao julgamento de Hrotrud, antiga parteira da aldeia.

— Aprendereis mais com os caminhos de Deus assistindo a este julgamento sagrado do que com qualquer escrito pagão — tinha dito o cónego, olhando acusadoramente para Asclépios.

Joana não gostava de adiar a sua lição, mas estava curiosa sobre o julgamento. Perguntava-se a si própria como seria; nunca tinha visto ninguém ser julgado por feitiçaria. Mas, tinha pena que fosse Hrotrud. Gostava de Hrotrud, uma mulher honesta, não uma hipócrita. Sempre tinha dito a verdade à Joana, tratando-a com delicadeza e não a ridicularizando, como faziam muitos outros da aldeia. Gudrun tinha contado à Joana que

Hrotrud tinha assistido ao seu nascimento - um parto difícil, segundo dizia a sua mãe, que atribuía a Hrotrud o salvamento da sua vida e da Joana, naquele dia.

Ao olhar para a multidão, Joana pensou que Hrotrud tinha assistido ao nascimento de quase todos os que se encontravam ali, pelo menos, daqueles que já tinham passado por seis invernos ou mais. Ninguém diria, a avaliar pelo ódio com que a encaravam agora. Ela tinha-se tornado um aborrecimento para eles, um aguilhão para a sua caridade cristã porque, desde que dores lancinantes tinham retorcido as suas mãos, destruindo a sua utilidade como parteira, vivia das esmolas dos seus vizinhos — disso e do pouco que conseguia ganhar com a venda de plantas medicinais e de filtros que ela própria fazia.

O seu talento acabou por ser a sua perdição: curar insónias, dores de dentes, de estômago e de cabeça acabou por ser considerado pelos simples aldeões como nada menos do que feitiçaria.

Depois de ter terminado a bênção da água, o cónego virou-se para Hrotrud:

— Mulher! Sabes o crime de que és acusada. Confessas de livre vontade os teus pecados para alcançar a salvação da tua alma imortal?

Hrotrud olhou-o pelo canto do olho.

— Se confessar, fico livre?

O cónego abanou a cabeça.

— A Sagrada Escritura proíbe-o claramente: Não deixarás uma feiticeira viver.

E acrescentou, para dar maior autoridade à frase:

— Êxodo, capítulo vinte e dois, versículo dezoito. Mas, morrerás uma morte abençoada e suave, ganhando as recompensas incomensuráveis dos Céus.

— Não! — retorquiu Hrotrud, firmemente. — Eu sou uma mulher cristã, não sou uma bruxa, e quem disser o contrário é um mentiroso!

— Bruxa! Sofrerás o fogo do Inferno para toda a eternidade! Negas a prova diante dos teus próprios olhos?

O cónego tirou detrás das costas um cinto de linho, deformado por uma série de nós apertados. Estendeu-o acusadoramente para Hrotrud, que recuou, sobressaltada.

— Vêem como ela foge dele? — disse alguém perto de Joana. É claro que é culpada e que deve ser lançada à fogueira!

Qualquer um ficaria intimidado por um gesto tão repentino, pensou Joana. É evidente que isso não prova nada.

O cónego levantou o cinto para a multidão o ver.

— Isto pertence a Arno, o moleiro. Desapareceu ontem à noite. Imediatamente depois, ele caiu de cama, com uma dor terrível nas entranhas.

Os rostos da multidão tornaram-se solenes. Eles não gostavam particularmente de Arno, suspeito de enganar nos pesos.

— Qual é a coisa mais gorda do mundo? — dizia o início de uma adivinha, que eles gostavam de repetir. — A camisa de Arno porque aperta todos os dias o pescoço de um ladrão!

Mesmo assim, toda a comunidade estava preocupada com a doença do seu moleiro. Sem ele, o trigo não seria transformado em farinha porque, por lei, nenhum aldeão podia moer o seu próprio trigo.

— Há dois dias atrás — a voz do cónego estava ensombrada com a acusação — este cinto foi descoberto na floresta junto à casa de Hrotrud.

Ouviu-se um murmúrio colectivo, pontilhado de gritos.

— Bruxa! Feiticeira! Seja queimada!

O cónego disse a Hrotrud:

— Roubaste o cinto e fizeste-lhe nós para ajudar aos teus encantos malignos, o que ia matando Arno.

— Nunca! — gritou Hrotrud, indignada, lutando contra os laços que a prendiam. — Não fiz tal coisa! Nunca vi esse cinto! Nunca...

Impaciente, o cónego fez um sinal aos homens, que agarraram Hrotrud como um saco de castanhas, balançando-a para trás e para a frente várias vezes. Depois, soltaram-na, de repente.

Hrotrud gritou, aterrada e irada, enquanto voava pelo ar, indo aterrar com um baque directamente no meio do tanque.

Joana e Asclépios foram empurrados pela multidão, que procurava aproximar-se da borda do tanque para ver. Se Hrotrud viesse à superfície e flutuasse, isso queria dizer que as águas benzidas pelo padre a tinham rejeitado; revelar-se-ia como uma feiticeira e como uma bruxa, pelo que

seria queimada. Se se afundasse, estava provada a sua inocência e salvar-se-ia.

Num silêncio tenso, todos os olhos estavam fixos na superfície do tanque. Começaram a formar-se círculos, lentamente, no local onde Hrotrud tinha caído à água; nos outros locais, a água estava tranquila.

O cónego rabujou e fez sinal aos homens, que se dirigiram imediatamente para a água, mergulhando à procura de Hrotrud.

— Está inocente das acusações feitas contra ela — pronunciou o cónego. — Deus seja louvado.

Seria impressão da Joana, ou era verdade que ele parecia desapontado?

Os homens continuavam a mergulhar, sem resultados. Por fim, um deles veio à superfície, trazendo Hrotrud. Ela jazia inanimada nos seus braços, com o rosto inchado e pálido.

Ele levou-a para a margem do tanque e deitou-a no chão. Ela não se mexeu. Ele debruçou-se sobre ela para ouvir se o seu coração batia.

Pouco depois, levantou-se.

— Está morta — disse ele.

Um murmúrio percorreu a multidão.

— Infelizmente — disse o cónego. — Mas, morreu ilibada dos crimes de que tinha sido acusada. Deus conhece os Seus; Ele a recompensará e dará descanso à sua alma.

Os aldeões dispersaram, alguns passando pelo local onde se encontrava o corpo de Hrotrud para a verem de perto; outros, partiram em pequenos grupos, falando em voz baixa.

Joana e Asclépios regressaram a casa, em silêncio. Joana estava profundamente perturbada pela morte de Hrotrud.

Envergonhava-se da excitação que tinha sentido antes por causa de ir presenciar um julgamento por feitiçaria. Mas, ela não sabia que Hrotrud ia morrer. De certeza que Hrotrud não era uma bruxa, por isso, Joana tinha acreditado que Deus provaria a sua inocência.

E Ele tinha-o feito.

Mas, então, porque a deixou morrer?

Só falou no assunto mais tarde, depois de ter retomado a lição em casa. Levantou o estilete a meio da escrita e perguntou, subitamente:

— Porque teria Deus feito uma coisa daquelas?

— Talvez não o tenha feito — respondeu Asclépios, percebendo imediatamente o que ela queria dizer.

A Joana fitou-o intensamente.

— Estais a dizer que uma coisa destas poderia ter acontecido contra a Sua vontade?

— Talvez não. Mas, talvez a culpa esteja na natureza do julgamento e não na natureza da vontade de Deus.

A Joana reflectiu no que tinha ouvido.

— O meu pai diria que é assim que as bruxas são julgadas há centenas de anos.

— É verdade.

— Mas, isso não significa que esteja correcto — Joana olhou para Asclépios. — Qual seria a forma mais correcta?

— Diz-me tu — respondeu ele.

Joana suspirou. Asclépios era tão diferente do pai dela e até de Mateus. Recusava-se a dizer-lhe as coisas, insistindo que teria de ser ela a discorrer a sua própria forma de responder. Joana coçou levemente a ponta do nariz, como costumava fazer quando estava a tentar resolver um problema.

Devia estar cega para não ver imediatamente. Cícero e o De inventione — até aqui, não passava de uma abstracção, de um ornamento retórico, um exercício mental.

— As perguntas probatórias — disse Joana. — Não poderiam usar-se neste caso?

— Explica — disse Asclépios.

— Quid: existe o facto do cinto com nós — isso é indiscutível. — Deve existir, certamente, um sentido para este facto.

Quis: — Quem fez os nós no cinto e quem o colocou na floresta?

Quomodo: — Como foi tirado a Arno? Quando, Ubi: quando e onde lhe foi tirado?

— Quem viu Hrotrud com ele? Cur: porque quereria Hrotrud fazer ao Arno?

Joana falava cada vez mais depressa, excitada pelas possibilidades levantadas pela sua ideia.

— Deveriam ter sido apresentadas e ouvidas testemunhas. E Hrotrud e Arno também. Eles podiam ter sido interrogados. As suas respostas talvez tivessem determinado a inocência de Hrotrud. E... — Joana concluiu pesarosamente — ela não precisaria de ter morrido para o provar!

Eles estavam a pisar terreno perigoso e sabiam-no muito bem.

Sentaram-se os dois, em silêncio. Joana estava perturbada pela enormidade da ideia que se tinha abatido sobre ela: a aplicação da lógica à revelação divina, a possibilidade de uma justiça humana na qual as afirmações eram orientadas pela inquirição racional e a crença se apoiava nos poderes da razão.

Asclépios disse:

— Provavelmente, seria mais sensato não mencionar esta conversa.

A festa de São Bertino tinha chegado ao fim, os dias eram cada vez mais curtos, por isso, as lições das crianças também.

O Sol já se tinha posto quando Asclépios se levantou.

— Basta por hoje, meninos.

— Posso ir? — perguntou o João.

Asclépios acenou, despedindo-o, e levantou-se do seu lugar, apressando-se a sair.

Joana sorriu, pesarosa. O tédio evidente que João demonstrava pelos estudos embaraçava-a. Asclépios perdia frequentemente a paciência com o João, chegando mesmo a ser duro. Mas, o seu irmão era um estudante lento e sem vontade.

— Não sou capaz! — dizia ele, mal se lhe apresentava uma nova dificuldade.

Havia momentos em que Joana gostava de poder abaná-lo e de lhe gritar:

— Tenta! Tenta! Como sabes que não és capaz, se não tentas!

Depois, censurava-se a si própria por ter estes pensamentos. João não tinha culpa de ser lento. Sem ele, nem sequer teria havido lições naqueles últimos dois anos — e a vida seria impensável sem o estudo.

Quando o João se foi embora, Asclépios disse, com um ar sério:

— Tenho uma coisa para te dizer. Fui informado de que já não necessitam dos meus serviços na escola. Foi contratado um outro professor, um franco, e o bispo acha que ele é mais adequado para o lugar do que eu.

Joana estava fora de si.

— Como é possível? Quem é esse homem? Não é possível que saiba tanto como vós!

Asclépios sorriu.

— Essa afirmação, demonstra se não sabedoria, pelo menos, lealdade. Conheci o homem; é um excelente professor, cujos interesses são mais adequados aos ensinamentos na escola do que os meus.

Vendo que Joana não acreditou, acrescentou:

— O lugar para o tipo de conhecimento que tu e eu procuramos, Joana, não é dentro dos muros da catedral. Lembra-te do que te digo e tem cuidado: algumas ideias são perigosas.

— Compreendo — respondeu Joana, apesar de não compreender completamente. — Mas, o que ireis fazer agora? De que vivereis?

— Tenho um amigo em Atenas, um compatriota que fez fortuna como mercador. Quer que eu seja tutor dos seus filhos.

— Ides-vos embora?

Joana não queria crer no que ele lhe estava a dizer.

— Ele é abastado; a sua oferta é generosa. Não tenho outra alternativa senão aceitar.

— Quereis ir para Atenas? — Era tão longe. — Quando ireis?

— Daqui a um mês. Já teria ido se não fosse o prazer que sinto no nosso trabalho em conjunto.

— Mas — o semblante de Joana toldou-se, tentando pensar em algo que impedisse este terrível acontecimento. — Poderíeis viver aqui connosco. Poderíeis ser o nosso tutor, meu e do João, e poderíamos ter lições todos os dias!

— Isso é impossível, minha querida. O vosso pai mal tem o necessário para sustentar a tua família durante o Inverno. Na vossa casa e na vossa mesa não há lugar para um estranho. Além disso, tenho de ir para um sítio onde possa continuar o meu trabalho. A biblioteca da catedral deixará de me ser acessível.

— Não partais! — O desgosto cresceu dentro dela como uma substância palpável, formando um nó duro no fundo da sua garganta. — Por favor, não partais!

— Minha querida menina, tenho de ir. Embora, na verdade, preferisse que não fosse assim.

Acariciou docemente o cabelo dourado de Joana.

— Aprendi muito ensinando-te; duvido que volte a ter um aluno tão dotado. Possuis uma inteligência rara; é um dom de Deus e não o deves negar — ele olhou para ela significativamente — custe o que custar.

Joana tinha medo de falar sem que a sua voz traísse as suas emoções.

Asclépios pegou-lhe na mão.

— Não te preocupes. Conseguirás continuar os teus estudos. Tratarei disso. Ainda não sei bem onde ou como, mas fá-lo-ei. A tua inteligência é demasiado prometedora para se perder. Encontraremos a maneira de a fazer frutificar, prometo.

Apertou-lhe a mão.

— Confia em mim.

Depois de ele ter partido, Joana não se mexeu da sua mesinha. Ficou sozinha no escuro, até a mãe voltar, com a madeira para a lareira.

— Ah, então, já acabaram? — disse Gudrun. — Ainda bem! Agora, vem ajudar-me a acender o lume.

Asclépios veio vê-la no dia em que partiu, vestido com o seu longo manto de viagem azul. Trazia na mão um pacote embrulhado em pano.

— É para ti.

Entregou-lhe o embrulho.

Joana desembrulhou o pacote e deu um grito quando descobriu o seu conteúdo. Era um livro encadernado à moda oriental, com madeira guarnecida a couro.

— É o meu — disse Asclépios. — Fui eu que o fiz, há alguns anos. É um exemplar de Homero. Tens o original grego na primeira metade

do livro e a tradução latina na segunda metade. Ajudar-te-á a manter frescos os teus conhecimentos da língua, até poderes recomeçar os teus estudos.

Joana não tinha palavras. Um livro só dela! Este privilégio só era partilhado por monges e eruditos do mais alto gabarito.

Abriu-o, olhando para cada uma das linhas da letra uncial perfeita de Asclépios, que enchia as páginas de palavras de uma beleza inexprimível. Asclépios observava-a, com os olhos cheios de uma terna melancolia.

— Não me esqueças, Joana. Nunca me esqueças.

Abriu-lhe os braços. Ela dirigiu-se para ele e abraçaram-se pela primeira vez. Ficaram muito tempo agarrados um ao outro, o corpo alto e direito de Asclépios embalando o pequeno corpo de Joana. Quando, finalmente, se separaram, o seu manto azul estava húmido das lágrimas de Joana.

Ela não olhou quando ele se afastou a cavalo. Ficou dentro de casa, onde ele a tinha deixado, segurando no livro com tanta força que as suas mãos lhe doíam.

Joana sabia que o seu pai não a autorizaria a ficar com o livro. Ele nunca tinha concordado com os estudos dela e, agora, que Asclépios tinha partido, não havia ninguém que o impedisse de levar a sua vontade avante. Por isso, ela escondeu o livro, voltando a embrulhá-lo cuidadosamente no seu invólucro e metendo-o por baixo do monte de palha do seu lado da cama.

Desejava ardentemente lê-lo, ver as palavras, voltar a ouvir ressoar na sua mente a beleza gozosa da poesia. Mas, era muito perigoso; havia sempre alguém dentro ou perto de casa e ela tinha medo de ser descoberta. A sua única oportunidade era à noite. Depois de todos estarem a dormir, ela podia ler sem correr o risco de ser interrompida subitamente. Mas, precisava de um pouco de luz — de uma vela ou, pelo menos, de um pouco de azeite. A família só conseguia arranjar duas dúzias de velas por ano — o cónego tinha relutância em as levar do santuário — e eram guardadas cuidadosamente; ela não poderia utilizar uma delas sem ser descoberta. Mas, a arrecadação da igreja tinha um monte de cera armazenada. Os habitantes de Ingelheim tinham a obrigação de entregar ao

santuário cem libras por ano, a título de imposto: Se ela conseguisse alguma, podia fazer a sua própria vela.

Não foi fácil, mas acabou por conseguir surripiar cera em quantidade suficiente para fazer uma pequena vela, utilizando um pedaço de fio de linho para o pavio. Era uma peça artesanal — a chama não passava de uma luzinha tremelicante — mas era o suficiente para ela ter luz para poder estudar.

Na primeira noite, foi cuidadosa. Esperou que os pais se tivessem passado para a sua cama, por trás da divisória, e só se mexeu depois de ter começado a ouvir o cónego a ressonar.

Por fim, saltou da cama, silenciosa e vigilante como um fauno, com cuidado para não acordar o João, que estava deitado ao seu lado. Ele dormia sossegadamente, com a cabeça coberta pelos cobertores. Joana retirou o livro cuidadosamente do lugar onde se encontrava escondido na palha e levou-o para a pequena mesa em pinho, no canto oposto do quarto. Levou a vela para a lareira e acendeu-a nas brasas que ardiam, regressando à secretária, colocou a vela junto ao livro. A luz era bem pouco firme, mas, com esforço, ela conseguia seguir as linhas de tinta preta. As letras bem desenhadas dançavam à luz tremeluzente, acenando, convidativas. Joana parou por instantes, saboreando o momento. Depois, virou a página e começou.

Os dias temperados e as noites frias do Windumemanoth, o mês da vindima, passaram depressa. As ríspidas nortadas chegaram mais cedo do que o habitual, soprando em rajadas fortes, que enregelavam os ossos. A janela da cabana voltou a ser fretada, mas, os ventos gélidos penetravam por todas as frinchas; para se manterem quentes, eles tinham que deixar a lareira acesa durante todo o dia, o que enchia a casa de fuligem.

Todas as noites, depois da família estar a dormir, Joana levantava-se e estudava horas a fio, na escuridão. A vela gastou-se, por isso, ela viu-se forçada a esperar impacientemente até conseguir surripiar mais alguma cera da arrecadação da igreja. Quando, finalmente, conseguiu acabar o trabalho, foi implacável consigo própria. Terminou o livro e voltou ao princípio, desta vez, estudando as complicadas formas verbais e copiando-as para a sua tábua, até as saber de cor. Os seus olhos estavam vermelhos e a cabeça

doía-lhe do esforço para tentar trabalhar com uma luz tão fraca, mas nunca pensou em parar. Estava feliz.

A festa de São Columbano passou e continuava a não haver nenhuma notícia de qualquer combinação para uma tutoria formal. Mesmo assim, a Joana continuava a acreditar na promessa de Asclépios. Com o seu livro, não havia motivo para desespero. Continuava a aprender, a fazer progressos. De certeza que iria acontecer alguma coisa em breve. Chegaria um tutor à vila, perguntando por ela, ou seria convocada pelo bispo, que lhe diria que ela tinha sido aceite na escola.

Joana começou a trabalhar um pouco mais cedo todas as noites. Por vezes, nem sequer esperava para ouvir se o pai já estava a ressonar. Nem sequer reparava quando entornava um pouco de cera sobre a secretária.

Uma noite, estava a trabalhar num problema de sintaxe particularmente difícil e interessante. Impaciente para começar, sentou-se à secretária pouco depois dos pais se retirarem. Trabalhava havia poucos minutos quando ouviu um som abafado que vinha da parte de trás da divisória.

Apagou a vela e ficou como uma pedra no escuro, sentindo a batida do pulso na garganta.

Passaram alguns momentos. Não voltou a ouvir nada. Devia ter sido a sua imaginação. O alívio passou por ela como uma corrente morna. Mas, deixou passar mais tempo antes de se levantar da secretária. Dirigiu-se para a lareira para acender o pavio, e voltou com a vela acesa. A chama criava um pequeno círculo de luz em torno da mesa. Na margem do círculo, onde a luz se encontrava com a sombra, estavam dois pés.

Os pés do seu pai.

O cónego saiu do escuro. Instintivamente, Joana tentou esconder o livro, mas já era tarde.

O seu rosto, iluminado pela vela, era sinistro, aterrador.

— Que malvadez é esta?

A voz de Joana era um sussurro.

— Um livro.

— Um livro!

Ele ficou espantado a olhar para o livro, mal querendo acreditar no que os seus olhos viam.

— Como é que o arranjaste? O que estás a fazer com ele?

— Estou a lê-lo. É... meu, foi o Asclépios que mo deu. É meu.

A força do golpe do pai apanhou-a de surpresa, derrubando-a da cadeira. Foi parar ao chão, com o rosto de encontro ao solo frio.

— Teu! Criança insolente! Eu sou o dono desta casa!

Joana soergueu-se num dos cotovelos e olhou, impotente, para o seu pai, que se debruçava sobre o livro, procurando ler as palavras à luz fraca da vela. Pouco depois, desviou-se, fazendo o sinal da cruz sobre a secretária.

— Cristo Jesus, protege-nos.

Sem olhar para o livro, ordenou a Joana:

— Aproxima-te.

Joana levantou-se do chão. Estava tonta e a dor latejava-lhe num dos ouvidos. Lentamente, aproximou-se do pai.

— Isto não é a linguagem da Santa Madre Igreja. — Apontou para a página aberta diante dele. — que significam estes sinais? Responde-me sinceramente, se tens amor à tua alma imortal!

— É poesia, Pai.

Apesar do medo, Joana sentiu um certo orgulho nos seus conhecimentos. Não se atreveu a acrescentar que era de Homero, que o pai considerava um pagão. O cónego não sabia grego. Se não visse a tradução na parte de trás, talvez não se apercebesse do que ela tinha feito.

O pai colocou ambas as mãos sobre a cabeça de Joana, colocando os braços rudes de camponês à volta da sua cabeça, por cima das sobrancelhas.

— Exorcizo te, immundissime spiritus, omnis incursio adversarii, omne phantasma.

As suas mãos apertavam a cabeça da Joana com tanta força que ela gritou de medo e de dor.

Gudrun apareceu à porta.

— Por tudo quanto é sagrado, Marido, o que se passa? Tende cuidado com a criança!

— Silêncio. — rugiu o cónego. — A criança está possessa! Os demónios que se encontram dentro dela têm de ser exorcizados.

A pressão das suas mãos aumentou até a Joana pensar que os olhos lhe iriam saltar.

Gudrun pegou-lhe no braço.

— Basta! Ela é apenas uma criança! Marido, parai! Quereis matá-la na vossa loucura?

A pressão excruciante cessou abruptamente, quando o cónego deixou de apertar. Virou-se e, de um só golpe, atirou com Gudrun para o outro lado do quarto.

— Vai-te! — gritou ele. — Não é o momento para fraquezas de mulher! Encontrei a rapariga a praticar magia de noite! Com um livro de bruxaria! Ela está possessa!

— Não, Pai, não. — gritou Joana. — Não é bruxaria! É poesia! Poesia escrita em grego, só isso! Juro!

Ele foi direito a ela, mas ela cobriu o rosto com o braço e deu a volta por trás dele. Ele virou-se e avançou para ela, com os olhos sombrios de ameaça.

Ia matá-la.

— Pai! Virai as páginas! No verso do livro! Está escrito em latim! Vereis! Está em latim!

O cónego hesitou. Gudrun apressou-se a chegar-lhe o livro. Ele não olhou para ele. Fitou Joana, pensativo.

— Peço-vos, Pai. Vede o verso do livro. Vós mesmos o podeis ler. Não é bruxaria!

Ele tirou o livro das mãos de Gudrun. Ela apressou-se a pegar na vela e aproximou-a da página para ele poder ver. Ele inclinou-se para examinar o livro, com as grossas sobrancelhas franzidas, em sinal de concentração.

Joana não era capaz de parar de falar.

— Eu estava a estudar. Leio de noite para ninguém saber. Já sabia que não iríeis aprovar.

Ela seria capaz de dizer qualquer coisa, de confessar fosse o que fosse, para que ele acreditasse.

— É Homero. O livro da Ilíada. Poesia de Homero. Não é feitiçaria, Pai.

Começou a soluçar.

— Não é feitiçaria.

O cónego não lhe dava atenção. Lia atentamente, com os olhos junto à página, os lábios formando as palavras silenciosamente. Depois, ergueu os olhos.

— Deus seja louvado. Não é bruxaria. Mas, é a obra de um pagão, por isso é uma ofensa contra o Senhor.

Voltou-se para Gudrun.

— Acende o lume. Esta abominação tem de ser destruída.

Joana sobressaltou-se. Queimar o livro! O lindo livro de Asclépios que ele lhe tinha confiado!

— Pai, o livro tem muito valor! Vale dinheiro; podíamos obter um bom preço por ele — corou — podias oferecê-lo ao bispo para a biblioteca da catedral.

— Criança malvada, estás de tal forma mergulhada no pecado que é de admirar que ainda não te tenhas afogado. Isto não é uma oferta adequada para um bispo, nem para nenhuma alma temente a Deus.

Gudrun dirigiu-se para o canto onde a lenha estava armazenada e escolheu alguns toros pequenos. Joana olhou, desesperada. Tinha de arranjar uma maneira de impedir que aquilo acontecesse. Se a dor que sentia na cabeça passasse, podia pensar.

Gudrun remexeu as achas, preparando a lareira para a madeira fresca.

— Espera um momento — disse o cónego a Gudrun, bruscamente. — Deixa a lareira.

Apalpou as páginas do livro, apreciando-as.

— É verdade que o pergaminho é bom e que pode ser-lhe dado uso. — Pôs o livro sobre a secretária e desapareceu para o quarto ao lado. que queria ele dizer? Joana olhou para a mãe, que encolheu os ombros, sem perceber. À sua esquerda, João tinha-se sentado na cama, Acordado pelo barulho, fitava Joana com uns olhos muito abertos. O cónego voltou, trazendo um objecto comprido e reluzente. Era a faca de mato com cabo em osso. Como sempre que a via, Joana encheu-se de temor. Lembrou-se de

qualquer coisa que lhe estava ligada, mas não conseguiu recordar-se do que era.

O pai sentou-se à secretária. Colocando a faca num ângulo oblíquo, de forma a que a lâmina ficasse sobre a página, raspou o velino. Uma das letras que se encontravam sobre a página desapareceu. Ele emitiu um grunhido de satisfação.

— Resulta. Vi fazer isto uma vez, no Mosteiro de Corbie. Deixa as páginas limpas para poderem voltar a ser utilizadas.

Ordenou peremptoriamente à Joana:

— Faz tu.

Então, este era o seu castigo. Seria a sua mão a destruir o livro, a erradicar o conhecimento proibido e, com ele, todas as suas esperanças.

Os olhos do pai brilhavam de expectativa malévola. Impassível, ela pegou na faca e sentou-se à secretária.

Ficou um momento a olhar para a página. Depois, pegando na faca como tinha visto o pai fazer, movimentou lentamente a lâmina sobre a superfície da página.

Não aconteceu nada.

— Não resulta.

Levantou os olhos, na expectativa.

— Assim. — O cónego pôs as mãos em cima das suas, pressionando um pouco a lâmina, num movimento lateral. Desapareceu outra letra. — Tenta novamente.

Ela pensou em Asclépios, nas suas longas horas de trabalho a fazer este livro, na confiança que tinha manifestado nela, ao entregar-lho. A página ficou enevoada, quando as lágrimas lhe chegaram aos olhos.

— Por favor. Não me obrigueis a fazê-lo. Peço-vos, Pai.

— Filha, ofendeste a Deus com a tua desobediência. Em penitência, trabalharás noite e dia, até estas páginas estarem completamente limpas do seu conteúdo ímpio. Não tomarás senão pão e água, até teres terminado a tua tarefa. Pedirei a Deus que tenha misericórdia de ti — por causa de tão grande pecado.

Apontou para o livro. — Começa.

Joana colocou a faca sobre a página e raspou, como o seu pai lhe tinha mostrado. Uma das letras ficou sumida e, depois, desapareceu.

Ela moveu a faca; desapareceu outra letra. Depois, outra. E outra. Em breve, já tinha desaparecido uma palavra inteira da superfície rugosa do pergaminho.

A faca aproximou-se da palavra seguinte. Aletheia. Verdade.

Joana parou, com a mão sobre a palavra.

— Continua. — A voz do pai era uma ordem.

A verdade. As linhas redondas das letras maiúsculas sobressaíam do pergaminho pálido.

Emergiu nela a revolta. Todo o medo e tristeza daquela noite cederam o lugar a uma convicção avassaladora: Não pode ser.

Poisou a faca. Lentamente, ergueu os olhos, à procura dos do pai.

O que ela viu cortou-lhe a respiração.

— Pega na faca.

A ameaça contida na sua voz era iniludível.

Joana tentou falar, mas a garganta apertou-se-lhe e não saiu qualquer palavra. Abanou a cabeça negativamente.

— Filha de Eva, já te ensino a temer as penas do inferno. Traz-me a vara.

Joana dirigiu-se para o canto e trouxe a longa chibata negra que o pai utilizava naquelas ocasiões.

— Prepara-te — disse o cónego.

Ela ajoelhou-se em frente à lareira. Lentamente, porque tinha as mãos a tremer, despiu o manto em lã cinzenta e a túnica de linho, expondo as costas nuas.

— Começa o Pai-Nosso. — A voz do pai era um sussurro junto a ela.

— Pai-Nosso, que estais no Céu...

O primeiro golpe atingiu-a entre os ombros, rasgando a carne, e lançando uma corrente de dor do pescoço ao crânio.

— Santificado seja o Vosso Nome...

O segundo golpe foi mais forte. Joana mordeu o braço para não gritar. Já tinha sido espancada, mas nunca assim, nunca com esta força implacável.

— Venha a nós o Vosso Reino...

O terceiro golpe atingiu-a na carne, fazendo espirrar o sangue. Sentiu um líquido quente a correr-lhe pelas costas.

— Seja feita a Vossa vontade...

O choque do quarto golpe fez Joana inclinar a cabeça para trás.

Viu o irmão a olhar da cama. O seu rosto tinha uma expressão... Seria medo? Curiosidade? Piedade?

— Assim na terra como...

Outro golpe. Antes de fechar os olhos, por causa da dor, Joana conseguiu identificar a expressão no rosto do irmão. Era de satisfação.

— No Céu. O pão nosso de cada dia...

O golpe foi ainda mais forte. Quantos já tinha levado? Joana estava a ficar dormente. Nunca tinha tido de suportar mais de um golpe. Ao longe, ouviu alguém gritar.

— Nos dai hoje. Perdoai-nos... perdoai...

Os seus lábios moveram-se, mas não conseguia formar as palavras. Com o entendimento que lhe restava, Joana, de repente, compreendeu. Desta vez, não ia acabar. Desta vez, o seu pai não ia parar. Desta vez, continuaria até ela morrer.

Outro Golpe. A campainha que tocava nos seus ouvidos começou a tocar cada vez mais alto, até se tornar ensurdecedora.

Depois, não houve mais nada senão silêncio e uma escuridão misericordiosa.

Capítulo 6

A notícia da sova que Joana tinha levado espalhou-se pela aldeia. O cónego tinha batido na filha até a deixar à porta da morte, segundo se

dizia, e tê-la-ia morto, se os gritos da mulher não tivessem atraído a atenção de alguns aldeões.

Tinham sido precisos três homens de forte estatura para o afastarem da criança.

Mas, não era a selvajaria do espancamento que provocava comentários. Essas coisas eram bastante comuns. Então, o ferreiro não tinha batido na mulher até ela cair, não lhe tinha dado pontapés no rosto até ela ter ficado com os ossos todos partidos porque estava farto da resmunguice dela? A pobre criatura tinha ficado desfigurada para toda a vida, mas não havia nada a fazer. Um homem era o senhor da sua própria casa, ninguém duvidava. A única lei que regia o seu direito absoluto a dispensar os castigos que ele considerava apropriados era aquela que limitava o tamanho da moca que ele podia usar. Ora, o cónego não tinha usado nenhuma moca.

O que era realmente interessante para os aldeões era o facto de o cónego ter perdido a cabeça. Uma emoção tão violenta era inesperada, improvável num homem de Deus — por isso, era natural que toda a gente se deleitasse a falar do caso. O cónego não dava tanto que falar desde que tinha levado uma mulher saxónica para a cama. Sussurravam em pequenos grupos, que se calavam abruptamente, quando o cónego se aproximava.

Joana não sabia nada disto. O cónego proibiu que alguém se aproximasse dela durante todo o dia seguinte à tareia. Joana ficou deitada no chão da casa, inconsciente, durante toda essa noite e todo o dia seguinte. A sujidade do chão em terra batida tinha-se-lhe colado à carne dilacerada.

Quando Gudrun foi autorizada a tratar dela, as feridas tinham infectado e ela estava com uma febre perigosa.

Gudrun cuidou dela com toda a solicitude. Limpou as feridas de Joana com água fresca e com vinho. Depois, com todo o cuidado, para não prejudicar ainda mais a sua pele, já em carne viva, aplicou-lhe uma cataplasma refrescante feita de folhas de amoreira.

Tudo culpa do grego, pensava Gudrun amargamente, enquanto fazia uma tisana quente e a dava a Joana, levantando-lhe a cabeça e dando-lhe o líquido na boca, gota a gota. Dar um livro à criança, encher a cabeça dela com ideias inúteis. Ela era uma rapariga, portanto, não tinha sido feita para estudar.

Devia ficar com ela, partilhar os usos ocultos e a língua do seu povo, ser o seu conforto e amparo quando ela fosse velha.

Maldita a hora em que o grego entrou nesta casa, a ira de todos os deuses se abata sobre ele.

Mesmo assim, Gudrun estava cheia de orgulho pela coragem manifestada pela sua filha. Joana tinha desafiado o pai com o heroísmo e a força dos seus antepassados saxónicos. Em tempos, Gudrun também já tinha sido assim forte e corajosa. Mas, os longos anos de humilhação e exílio numa terra estranha tinham apagado progressivamente a sua vontade de lutar. Pelo menos, corre-lhe o meu sangue nas veias, pensou ela, cheia de orgulho. Corre nas veias da minha filha a coragem do meu povo.

Parou para agarrar no pescoço de Joana, ajudando-a a engolir o líquido curativo. Põe-te boa, passarinho, pensou ela. Põe-te boa e volta para mim.

A febre desceu na manhã do nono dia. Joana acordou e viu Gudrun debruçada sobre ela.

— Mamã?

A sua própria voz soava-lhe aos ouvidos de uma forma estranha.

A mãe sorriu.

— Finalmente, voltaste para mim, passarinho. Cheguei a temer ter-te perdido.

A Joana tentou erguer-se, mas voltou a cair pesadamente sobre o colchão. A dor trespassou-a, trazendo-lhe más recordações.

— O livro?

O rosto de Gudrun entristeceu-se.

— O teu pai limpou as páginas e deu-as ao teu irmão para copiar não sei que novos disparates.

Então, tinha desaparecido.

Joana sentiu-se esquisita. Estava enjoada; queria dormir.

Gudrun estendeu-lhe uma malga com um líquido fumegante.

— Tens de comer para recuperar forças. Olha, fiz-te um caldo.

— Não. — Joana abanou a cabeça levemente. — Não quero nada.

Ela não queria recuperar as forças. Queria morrer. Que motivos havia para querer continuar a viver? Nunca se libertaria dos limites estreitos

da vida em Ingelheim. A vida tinha-a encarcerado; não havia qualquer esperança de lhe poder fugir.

— Come um bocadinho — insistiu Gudrun. — E enquanto comes, vou cantar-te uma das velhas canções.

Joana virou a cara.

— Deixa essas loucuras para os padres. Nós temos os nossos segredos, não é, passarinho? Vamos voltar a partilhá-los, como fazíamos dantes.

Gudrun acariciou a cabeça de Joana carinhosamente.

— Mas, primeiro, tens de te pôr boa. Come um bocadinho de caldo. É uma receita da Saxónia, com fortes propriedades curativas.

Levou a malga aos lábios de Joana. Demasiado fraca para resistir, deixou que a mãe lhe metesse um pouco de líquido à boca. Era bom, estava quente, era reconfortante. Apesar de contra a sua própria vontade, começou a sentir-se um pouco melhor.

— Meu passarinho, meu coração, minha querida.

A voz de Gudrun acarinhava Joana suavemente. Voltou a chegar a malga aos lábios de Joana, que voltou a comer um pouco.

A voz da mãe elevou-se, cantando uma melodia saxónica. Embalada pelo som e pelos carinhos da mãe, Joana acabou por adormecer.

Uma vez passada a febre, o corpo robusto e jovem de Joana recuperou depressa. De um dia para o outro, levantou-se. As feridas tinham sarado bem, apesar de ser certo que as cicatrizes ficariam para o resto da sua vida. Gudrun lamentava-se por causa das cicatrizes, uns vincos compridos e escuros que transformavam as costas de Joana numa espécie de feia manta de retalhos, mas Joana não se importava. Aliás, não se importava com quase nada. Tinha perdido a esperança.

Limitava-se a existir.

Passava o tempo todo com a mãe, levantando-se ao nascer do Sol, para a ajudar a dar de comer aos porcos e às galinhas, para recolher os ovos, juntar lenha para a lareira e acartar pesados potes de água do poço. Depois, trabalhavam lado a lado, para prepararem as refeições diárias.

Um dia, estavam a fazer o pão, com os dedos a darem forma à massa pesada — naquela parte da terra dos francos, era raro utilizar

fermento ou qualquer outra forma de levedura —, quando Joana perguntou, de repente:

— Porque haveis casado com ele?

A pergunta apanhou Gudrun desprevenida. Pouco depois, disse:

— Não imaginas o que foi para nós quando as tropas de Carlos chegaram.

— Sei o que fizeram ao vosso povo, Mamã. O que eu não consigo compreender é porque motivo, depois disso, haveis partido com um cónego — com ele.

Gudrun não respondeu.

Ofendi-a, pensou Joana. Agora, ela não me vai dizer.

— No Inverno — começou Gudrun a dizer lentamente. — estávamos a morrer à fome porque os soldados cristãos tinham queimado as colheitas juntamente com as nossas casas.

Ela olhou para além da Joana, como se estivesse a imaginar uma coisa distante.

— Comíamos tudo o que conseguíamos encontrar — ervas, cardos, até as sementes que encontrávamos no estrume dos animais. Estávamos à beira da morte, quando o teu pai e os outros missionários chegaram. Eram diferentes dos outros; não traziam espadas nem armas, e tratavam-nos como gente e não como animais. Deram-nos comer a troco da nossa promessa de que os ouviríamos pregar a palavra do Deus dos cristãos.

— Trocaram comida pela fé? — perguntou Joana. — Triste maneira de ganhar as almas das pessoas.

— Eu era jovem e impressionável, estava morta de fome, de medo e de miséria. Pensei que o Deus dos cristãos devia ser maior do que os nossos, senão, como teriam conseguido vencer-nos? O teu pai interessou-se especialmente por mim. Dizia que tinha muitas esperanças em mim porque, apesar de eu ter nascido pagã, ele tinha a certeza que eu tinha capacidade para compreender a Verdadeira Fé. Pela maneira como ele olhava para mim, eu sabia que ele me desejava. Quando me pediu para eu partir com ele, eu consenti. Era a oportunidade da minha vida, quando tudo em volta de mim era morte.

A voz dela transformou-se num sussurro.

— Não demorei muito a perceber o grande erro que tinha cometido.

Os seus olhos arrasaram-se de lágrimas. Joana abraçou-a.

— Não choreis, Mamã.

— Aprende com o meu erro — disse Gudrun firmemente — para não o repetires. Casar é abdicar de tudo — não só do teu corpo, mas também do teu orgulho, da tua independência, da tua própria vida. Percebes? Percebes?

Agarrou no braço de Joana, fixando-a com um olhar aflito.

— Atenta nas minhas palavras, filha, se queres ser feliz: nunca te entregues a um homem.

A carne macerada das costas de Joana arrepiou-se com a memória dos golpes dados pelo seu pai.

— Não, Mamã — prometeu ela solenemente. — Nunca o farei.

*** * ***

No Ostarmanoth, quando a brisa morna da Primavera tinha começado a acariciar a terra, permitindo que os animais fossem levados para o pasto, a monotonia foi quebrada pela chegada de um forasteiro. Foi numa quinta-feira — o dia de Thor, como Gudrun continuava a chamar-lhe, quando o cónego não estava perto para ouvir — e o ribombar do trovão desse deus ouvia-se à distância, quando Joana e Gudrun trabalhavam as duas na horta da família. Joana estava a arrancar urtigas e a aplanar os montículos de terra levantados pelas toupeiras, enquanto Gudrun seguia atrás dela, a traçar sulcos e a desfazer os torrões de terra com uma pesada tábua. Gudrun cantava, enquanto trabalhava, e contava histórias dos Antepassados.

Quando Joana respondia em saxónio, Gudrun ria de satisfação.

Joana tinha acabado de terminar uma fila, quando levantou os olhos e viu João, que se dirigia apressadamente na direcção do local onde elas se encontravam. Tocou no braço da mãe para a avisar; Gudrun viu o filho e as palavras saxónicas morreram nos seus lábios.

— Depressa — João estava sem fôlego por causa da corrida. — O pai quer-vos em casa. Depressa!

Pegou em Gudrun pelo braço.

— Cuidado, João — repreendeu-o Gudrun. — Estás a magoar-me. O que aconteceu? Há algum problema?

— Não sei.

João continuava a puxar a mãe pelo braço.

— Ele disse qualquer coisa sobre uma visita. Não sei quem. Mas, despachai-vos. Ele disse que me puxava as orelhas se eu não vos levasse imediatamente.

O cónego estava à espera deles à entrada da porta de casa.

— Demorastes muito — resmungou ele, quando elas chegaram.

Gudrun olhou para ele friamente. Pelos olhos do cónego passou um pequeno lampejo de irritação; mas disse, solenemente:

— Vai chegar um emissário. Da parte do Bispo de Dorstadt.

Fez uma pausa para criar mais expectativa.

— Vai e prepara uma refeição de jeito. Eu vou-me encontrar com ele na Catedral e depois trago-o para aqui.

Despediu-a com um aceno de mão.

— Despacha-te, mulher! Ele está quase a chegar.

Saiu, batendo com a porta. O rosto de Gudrun não tinha qualquer expressão.

— Começa a fazer o caldo — disse ela à Joana. — Eu vou buscar ovos.

Joana deitou água do pote num grande panelão em ferro que a família costumava utilizar para cozinhar e pô-lo ao lume.

Tirou algumas bagas de cevada seca do saco de lã, quase vazio, depois de um longo inverno, e deitou-as no recipiente.

Reparou, com surpresa, que as mãos tremiam de excitação. Há tanto tempo que não sentia nada assim.

Mas, um emissário de Dorstadt! Será que tinha alguma coisa a ver com ela? Será que, depois de tanto tempo, Asclépios tinha conseguido, finalmente, encontrar uma maneira de ela retomar os estudos?

Cortou uma fatia de carne de porco de salmoura e acrescentou-a ao caldo. Não, era impossível. Já tinha passado quase um ano desde que Asclépios tinha partido. Se ele tivesse conseguido combinar qualquer coisa,

ela teria sabido havia muito. Era perigoso ter esperança. A esperança já quase a tinha destruído uma vez; não voltaria a fazer tal loucura.

Mesmo assim, não conseguiu acalmar a excitação quando, uma hora mais tarde, a porta se abriu. O pai entrou, seguido de um homem de cabelo escuro. Não era nada como ela tinha imaginado.

Tinha os traços rudes e pouco inteligentes de um colonus e vestia-se mais como um soldado do que como um professor. A sua túnica escarlate, com a insígnia do bispo, estava amarrotada e cheia do pó da viagem.

— Dais-nos a honra de cear connosco?

O pai de Joana apontou para o tacho ao lume.

— Obrigado, mas não posso.

Ele falava em vernáculo e não em latim, o que também a surpreendeu.

— Deixei o resto da escolta numa cella à entrada de Mainz — o caminho pela floresta era demasiado lento e estreito para dez homens a cavalo — e vim à frente, sozinho. Tenho de me juntar a eles esta noite; de manhã, iniciamos a nossa viagem de regresso a Dorstadt.

Desenrolou um pergaminho que trazia na sua bolsa e entregou-o ao cónego.

— Da parte de Sua Eminência, o Senhor Bispo de Dorstadt.

O cónego quebrou o selo cuidadosamente; o material do pergaminho quebrou-se, ao ser desenrolado. Joana observava o seu pai de perto, enquanto ele se esforçava por ler o que estava escrito. Leu-o até ao fim, depois, recomeçou, como se estivesse à procura de qualquer coisa que lhe tivesse escapado. Finalmente, levantou os olhos com os lábios contraídos de ira.

— O que significa isto? Disseram-me que a vossa mensagem era relativa a um assunto que me dizia respeito!

— E assim é. — O homem sorriu. — Na medida em que sois o pai da criança.

— O bispo não tem nada a dizer sobre o meu trabalho?

O homem encolheu os ombros:

— Tudo quanto eu sei, padre, é que devo acompanhar a criança até à escola de Dorstadt, como diz a carta.

Joana gritou, num arroubo súbito de emoção. Gudrun correu para ela e protegeu-a com os seus braços.

O cónego hesitou, olhando para o forasteiro. Subitamente, tomou uma decisão.

— Muito bem. É verdade que é uma bela oportunidade para a criança, apesar de a sua ajuda me fazer muita falta.

Voltou-se para o João.

— Junta as tuas coisas e despacha-te. Amanhã, partes para Dorstadt para começares os estudos na catedral, de acordo com a ordem expressa do bispo.

Joana suspirou. O João tinha sido chamado para estudar na escola? Como podia ser?

O forasteiro abanou a cabeça.

— Com todo o respeito, santo padre, penso que é suposto eu levar comigo uma menina. Uma menina chamada Joana.

Joana libertou-se dos braços da mãe.

— Eu sou a Joana.

O homem do bispo virou-se para ela. O cónego meteu-se imediatamente entre eles.

— Que disparate. É o meu filho João que o bispo quer. João, Joana. lapsus calami. Um lapso de escrita. Um simples erro da parte do amanuense do bispo, nada mais. Acontece muito, mesmo entre os melhores escribas.

O forasteiro olhou, hesitando.

— Não sei...

— Fazei uso da vossa cabeça, jovem. O que quereria o bispo de uma rapariga?

— Também estranhei — concordou o homem.

Joana ia começar a protestar, mas Gudrun puxou-a para trás e pôs sobre os lábios, em sinal de aviso.

O cónego prosseguiu:

— Além disso, o meu filho estuda as Escrituras desde o berço. Lê o Livro do Apocalipse para o nosso excelentíssimo convidado, João.

João empalideceu e começou a titubear.

— Acopa... Apocalypsis Jesu Christi quo... Quam dedit illi Deus palam fac sis...

O mensageiro fez um sinal impacientado para que ele parasse com a torrente incerta de palavras.

— Não há tempo. Temos de partir imediatamente, para eu chegar à cela antes que anoiteça.

Olhou ora para o João ora para a Joana, indeciso. Depois, voltou-se para Gudrun.

— Quem é esta mulher?

O cónego pigarreou.

— Uma pagã saxónica cuja alma eu tenho estado a aperfeiçoar, a trazer para Cristo.

O homem do bispo reparou nos olhos azuis de Gudrun, na elegância das suas formas e no cabelo dourado que saía da sua toca de linho branco. Fez um sorriso aberto, depois, dirigiu-se-lhe directamente.

— Sois a mãe das crianças?

Gudrun acenou silenciosamente. O cónego corou.

— O que dizeis, então? É o rapaz que o bispo quer ou a rapariga?

— Cão atrevido! — O cónego estava furioso. — Ousais duvidar da palavra de um servo de Deus?

— Acalmai-vos, santo padre. — O homem enfatizava sempre um pouco a palavra santo. — Deixai que vos lembre o vosso dever perante a autoridade que eu represento.

O cónego fulminou com o olhar o enviado do bispo.

O homem voltou a perguntar a Gudrun:

— É o rapaz ou a rapariga?

Joana sentiu os braços de Gudrun apertando-se ao seu redor, aconchegando-a a si. Houve uma longa pausa. Depois, ela ouviu a voz da mãe, uma voz musical e doce, cheia das vogais abertas saxónicas, que continuavam a denunciar que ela era estrangeira.

— Quem vós procurais é o rapaz — disse Gudrun. — Levai-o.

— Mamã!

Chocada com esta traição inesperada, Joana não conseguiu conter o choro.

O mensageiro do bispo acenou, satisfeito.

— Então, está decidido.

Dirigiu-se para a porta.

— Tenho de ir ver do meu cavalo. Tende o rapaz pronto o mais depressa possível.

— Não!

Joana tentou impedi-lo, mas Gudrun agarrou-a com força, murmurando em saxónio:

— Confia em mim, passarinho. É para teu bem, prometo-te.

— Não!

Joana lutava para se libertar. Era mentira. Isto era obra de Asclépios. Joana tinha a certeza. Ele não se tinha esquecido dela; tinha encontrado uma maneira para ela poder continuar, finalmente, aquilo que tinham iniciado juntos. Não era o João que ele tinha mandado chamar para estudar na escola. Estava tudo errado.

— Não!

Ela torceu-se, libertou-se e foi direita à porta. O cónego foi atrás dela, mas ela escapou-lhe. Saiu a correr atrás do mensageiro. Ouviu o pai a gritar dentro de casa, depois, ouviu a mãe a levantar a voz tensa, lacrimosa, em resposta.

Alcançou o homem, mesmo antes de ele chegar ao seu cavalo.

Agarrou-lhe a túnica e ele olhou para ela. Pelo canto do olho, Joana viu o pai a avançar para eles.

Não havia muito tempo. A mensagem dela tinha de ser convincente, inequívoca.

— Magna est veritas et praevalebit — disse ela.

Era uma passagem de Esdras, suficientemente obscura para ser reconhecida apenas por aqueles que eram versados nos escritos dos Santos Padres. A verdade é grande e prevalecerá. Ele era um homem do bispo, um homem da Igreja, certamente que a conhecia. E o facto de ela a conhecer, de falar latim, provaria que era ela a aluna que o bispo tinha mandado chamar.

— Lapsus calami non est — continuou ela em latim. — Não existe nenhum erro do copista. Eu sou a Joana; é a mim que eles querem.

O homem olhou para ela, com um olhar bondoso.

— O quê? O que é isto, olhos lindos? Que torrente de palavras!

Acariciou-lhe o queixo.

— Desculpa, menina, mas eu não falo a vossa língua saxónia. Apesar de, depois de ter visto a tua mãe, ter começado a pensar que é pena!

Abriu uma bolsa presa à sela e tirou uma guloseima.

— Toma um doce.

Ela ficou a olhar para a guloseima. O homem não tinha percebido uma palavra. Um filho da Igreja, o emissário do bispo, e não sabia? Como era possível?

Os passos do pai soaram mesmo atrás dela. O seu braço agarrou-a, magoando-a; depois, levantou-a do chão e levou-a para casa.

— Não! — gritou ela.

A grande mão do seu pai tapou-lhe o nariz e a boca com tanta força, que mal conseguia respirar. Ela lutou para se libertar.

Dentro de casa ele atirou com ela e ela, voando pelo ar, aterrou no chão.

— Não! — de repente, Gudrun tinha-se metido entre os dois. — Não lhe toqueis. — Havia na voz dela um tom que Joana nunca tinha ouvido. — Ou eu digo a verdade.

O cónego fitou-a sem querer acreditar. João apareceu à porta carregando um saco em linho cheio com as suas coisas.

Gudrun apontou para ele.

— O nosso filho precisa da vossa bênção antes de viajar.

O cónego continuou a fitá-la durante muito tempo. Depois, muito lentamente, voltou a cara para o seu filho.

— Ajoelha-te, João.

João ajoelhou-se. O cónego colocou a mão sobre a sua fronte.

— Ó Deus, que ordenastes a Abraão que deixasse a sua casa e que o protegestes em todas as suas viagens, encomendamo-vos este rapaz.

Através da janela, entrava um fio de luz do fim da tarde, iluminando o cabelo negro de João com uma luz abundante.

— Cuidai dele e providenciai para que receba tudo o que a sua alma e o seu corpo necessitarem... — A voz do cónego ganhava um ritmo melódico quando ele rezava.

De cabeça baixa, João olhou para Joana com uns olhos cheios de medo, suplicantes. Ele não quer ir, percebeu subitamente Joana. Claro! Porque não tinha reparado antes? Não tinha pensado naquilo que João

sentia. Ele tem medo. Não é capaz de corresponder às exigências da escola e ele sabe-o muito bem.

Se ao menos eu pudesse ir com ele.

Na cabeça dela, começou-se a delinear um plano, — e quando a peregrinação da vida tiver chegado ao fim — terminou o cónego — que ele chegue a salvo ao Reino dos Céus, por Cristo Jesus, Nosso Senhor. Ámen.

Quando a bênção terminou, João levantou-se. Apático, submisso, como uma ovelha antes do sacrifício, suportou os abraços da mãe e as últimas admonições do pai.

Mas, quando Joana se aproximou e o abraçou, ele agarrou-se a ela e começou a chorar.

— Não tenhas medo — murmurou ela, tranquilizadoramente.

— Basta! — disse o cónego. Pôs o braço por cima dos ombros do seu filho, acompanhando-o à porta. — Mantém a rapariga dentro de casa — ordenou ele a Gudrun.

Depois saíram. A porta fechou-se, chiando.

Joana correu para a janela e abriu-a. Viu o João a montar o cavalo por trás do emissário do bispo, com a sua simples túnica de lã a contrastar com o rico manto vermelho do forasteiro. O cónego ficou perto, com a sua figura escura desenhada contra o verde da paisagem. Partiram depois do último grito de despedida.

Joana saiu da janela. Gudrun ficou no meio da casa, a olhar para ela.

— Passarinho... — começou Gudrun, hesitante.

Joana passou por ela como se ela não existisse. Pegou na roupa para remendar e sentou-se junto à lareira. Precisava de pensar para se preparar. Não havia muito tempo e tinha tudo que ser planeado com todo o cuidado.

Seria difícil, mesmo perigoso. A ideia assustava-a, mas não interessava. Com uma certeza simultaneamente maravilhosa e aterradora, Joana sabia o que tinha a fazer.

Não é justo, pensava João, montado atrás do homem do bispo, olhando para a insígnia na sua túnica vermelha. Eu não quero ir.

Ele odiava o pai por causa disso. Procurou dentro da túnica o objecto que lá tinha colocado secretamente antes de ter saído. Os seus dedos

tocaram na lâmina macia da faca - a faca em cabo de osso do seu pai, um dos seus tesouros.

Nos lábios de João desenhou-se um sorrizinho vingativo. O pai ia ficar furioso quando desse pela sua falta. Não interessava. Nessa altura, já o João estaria bem longe de Ingelheim, e então, o pai já não podia fazer nada. Era um pequeno triunfo, mas ele agarrava-se a ele, no meio da tristeza em que se encontrava.

Porque não mandou ele a Joana? João perguntava-se a si mesmo, zangado. Dentro dele, crescia um ressentimento sombrio.

É tudo culpa dela, pensava ele. Por causa de Joana, ele já tinha tido que suportar mais de dois anos de lições de Asclépios, aquele velho aborrecido e mal-humorado. Agora, ia ser mandado para a escola em Dorstadt, no lugar dela. Oh, era Joana que o bispo queria, João tinha a certeza. Tinha de ser a Joana. Ela é que era esperta, ela sabia grego e latim, ela já sabia ler Agostinho quando ele ainda nem sequer sabia os salmos.

Ele ter-lhe-ia perdoado isso e mais ainda. Afinal, ela era sua irmã.

Havia uma coisa que João não era capaz de lhe perdoar: Joana era querida da mamã. Ele tinha-as escutado muitas vezes a rirem-se e bem baixinho em saxónio, depois, paravam de repente, quando ele chegava. Elas pensavam que ele não tinha ouvido, mas tinha. A mãe nunca falava a Língua dos Antigos com ele. Porquê? João já se tinha feito a mesma pergunta amarga milhares de vezes. Será que elas julgavam que eu ia contar ao pai? Eu não ia... nem por nada deste mundo, que ele fizesse tudo, nem que ele lhe batesse.

Não é justo, voltava ele a pensar. Porque haveria ela de gostar mais de Joana do que dele? Eu sou o seu filho e toda a gente sabe que é melhor ter um filho do que uma filha inútil.

Joana nem sequer era como as outras raparigas. Não sabia coser, fiar e tecer nem metade do que sabiam as outras raparigas da idade dela. E depois, tinha aquele interesse por estudar, que toda a gente sabia que era contra a natureza. Até a mamã achava que havia qualquer problema com ela. As outras crianças da vila riam-se constantemente de Joana. Era embaraçoso tê-la por irmã; o João renegá-la-ia de bom grado, se pudesse.

Imediatamente depois de ter tido este pensamento, sentiu um rebate de consciência. Joana sempre tinha sido boa para ele, sempre tinha

tomado o partido dele quando o pai se zangava, tinha mesmo chegado a fazer o trabalho dele, quando ele não era capaz de perceber. Ele estava-lhe grato pela ajuda dela — ela tinha-o salvo de muitas tareias — mas, ao mesmo tempo, tinha ciúmes. Era humilhante. Afinal, ele era o seu irmão mais velho. Era ele que tinha de tomar conta dela e não o contrário.

Agora, por causa dela, estava montado na mesma montada de um estranho, a caminho de um lugar que ele não conhecia e de uma vida que ele não queria. Imaginou a sua vida na escola, fechado numa sala terrível durante todo o dia, rodeado de pilhas de livros aborrecidos e horríveis.

Porque não podia o pai compreender que ele não queria ir? Eu não sou o Mateus; nunca serei bom nos estudos. Nem queria ser professor ou clérigo. Ele sabia o que queria ser: queria ser um guerreiro, um guerreiro no exército do imperador, lutando para submeter as hostes pagãs. Quem lhe tinha dado a ideia tinha sido Ulfert, o albardeiro, que tinha acompanhado o conde Hugo na primeira campanha imperial contra os saxónios. Que histórias maravilhosas lhe tinha contado o velho, sentado na sua oficina, com as ferramentas esquecidas, por momentos, os olhos iluminados pelas recordações daquela grande vitória!

— Como os tordos que esvoaçam sobre as vinhas, no Outono, roubando as uvas — João lembrava-se das palavras exactas que o velho Ulfert tinha usado quando lhe tinha contado —, voámos sobre a terra, com um canto sagrado nos lábios, trespassando os pagãos escondidos nas florestas, nos pântanos e nas valas, quer fossem homens, mulheres ou crianças. Não houve ninguém entre nós cujo broquel ou espada não tivesse ficado tinto de sangue naquele dia. Quando o Sol se pôs, não havia ninguém que não tivesse renunciado aos seus deuses e que, de joelhos, não tivesse jurado obediência eterna à Verdadeira Fé.

Depois, o velho Ulfert tinha ido buscar a sua espada, que ele tinha tirado, ainda quente, da mão de um dos pagãos mortos. O seu punho reluzia como gemas de vidro; a sua lâmina era de um dourado reluzente. As espadas dos francos eram em ferro, mas aquela era em ouro — um material inferior, segundo Ulfert lhe explicou, sem a solidez e precisão das armas dos francos, mas, mesmo assim, muito bonita. O coração de João tinha saltado ao vê-la. O velho Ulfert tinha-lha dado para a mão e João tinha-lhe

pegado, sentindo o seu peso. A sua mão cabia no punho em gema, como se tivesse sido feito para ele.

Levantou a espada por cima da cabeça; ela cortou o ar com um som cujo ritmo se coadunava com o que lhe ia no sangue. Ele sabia que tinha nascido para ser um guerreiro.

Falava-se agora de uma nova campanha na Primavera. Talvez o conde Hugo voltasse a responder à convocatória do imperador.

Se assim fosse, João tinha pensado em ir com ele, independentemente do que o pai dissesse. Já tinha quase catorze anos, a idade de um homem. Muitos tinham ido para a guerra com a sua idade, até mesmo mais jovens. Ele fugiria, se fosse preciso, mas iria.

Claro que agora, que ele ia ficar aprisionado na escola de Dorstadt, isso seria difícil. Será que a notícia do novo recrutamento chegaria tão longe?, perguntava-se ele. Se chegasse, será que ele conseguiria fugir?

Essa ideia era perturbante, por isso, ele afastou-a do pensamento. Em vez disso, recordou-se do seu devaneio preferido. Estava na frente de batalha, o estandarte prateado do conde brilhava à sua frente, convidando-o a avançar.

Perseguia pagãos vencidos, que fugiam à sua frente, desesperados e aterrados. Os longos cabelos dourados das mulheres esvoaçavam ao vento. Ele massacrava-os habilidosamente com a sua longa espada, golpeando e matando, sem piedade, até que, finalmente, eles se lhe submeteram, arrependidos da sua cegueira e mostrando-se dispostos a aceitar a Luz.

João esboçou um sorriso sonhador. A batida regular dos cascos do cavalo marcavam o seu avanço pela floresta negra.

Ouviu-se um silvo, seguido de um ruído surdo.

— Unh.

O homem do bispo inclinou-se para trás. O seu ombro bateu no João, acordando-o.

— Então! — protestou João. Mas, o homem já tinha caído e o seu corpo pendente arrastou irresistivelmente o João da sela.

Caíram os dois ao chão. João caiu por cima do homem do bispo, imóvel onde caiu. Quando João se apoiou nas mãos para se levantar, os seus

dedos tocaram numa coisa comprida, redonda e aguçada.

Era o resto de uma flecha, com penas amarelas na ponta. A ponta estava enterrada no peito do homem.

João pôs-se em pé, alerta. Do espesso arvoredo do outro lado do caminho, surgiu um homem, vestido andrajosamente. Trazia um arco na mão e um monte de setas de penas amarelas às costas.

Será que ele também me quer matar?

O homem dirigiu-se para ele. João olhou à volta, à procura de um caminho para fugir. O arvoredo era mais denso naquela parte da floresta; se ele corresse talvez conseguisse escapar ao atacante.

O homem já estava quase junto dele, suficientemente perto para o João ver a ameaça estampada nos seus olhos.

João tentou fugir, mas, era tarde de mais. O homem agarrou-o por um braço. João lutou, mas o homem, mais alto do que ele e bem constituído, agarrou-o com força, levantando-o ligeiramente, de tal forma que os seus pés mal chegavam ao chão.

João lembrou-se da faca. Com a mão que tinha livre, procurou dentro da túnica; os seus dedos trementes sentiram o cabo em osso, agarram-no e tiraram-na para fora. Puxou da faca e espetou-a de um único golpe. Excitado, sentiu que ela se enterrou na carne do homem, até à ponta do cabo, antes do João a retirar, com um pequeno torção. O homem praguejou e agarrou-se ao ombro ferido, largando o João.

João fugiu para a floresta. Os ramos aguçados rasgavam-lhe a roupa e o rosto, mas continuou a correr. Apesar do luar, estava escuro por baixo das copas das árvores. Olhando para trás para ver se estava a ser perseguido, João saltou para um arbusto com ramos baixos. Procurou o ramo mais alto e começou a subi-lo. O seu corpo jovem esgueirou-se rapidamente pelos ramos acima, parando apenas quando as hastes se tornaram demasiado fracas para suportarem o seu peso. Depois, ficou à espera. Um silvo, seguido de um ruído surdo.

Não se ouvia nada a não ser o restolhar das folhas. Um mocho piou duas vezes. O seu piar ecoava no silêncio. Depois, João ouviu passos através da floresta. Pegou na faca, sustendo a respiração, grato pelo facto de o seu manto ser castanho e o disfarçar tão bem na escuridão da noite.

Os passos estavam cada vez mais perto. João ouvia a respiração irregular do homem.

Os passos pararam mesmo por baixo dele.

Joana saiu da escuridão silenciosa da cabana para a noite cheia de luar. As formas dos objectos familiares agigantavam-se de uma maneira estranha, transformadas pelas sombras. Ela arrepiou-se, ao pensar nas histórias dos Waldleuten, espíritos malignos e duendes que assombravam a noite. Cingindo ao corpo o manto de áspero cânhamo cinzento, avançou na sombra, procurando na paisagem alterada a entrada para o caminho da floresta. Havia muita luz — só faltavam dois dias para a lua cheia - e ela encontrou num instante o velho carvalho, rachado em dois por um raio, que assinalava o caminho. Correu pelo campo fora, na direcção do carvalho.

Quando chegou à entrada da floresta, parou. Estava escuro, as árvores filtravam o luar, transformando-o em pálidos raios de luz. Olhou para trás, para a cabana. Banhada de luar, rodeada pelos campos e as cercas dos animais, parecia sólida, confortável, familiar. Pensou na sua cama confortável, nos cobertores provavelmente ainda mornos do calor do seu corpo.

Pensou na mamã, de quem nem sequer se tinha despedido. Deu um passo no sentido da casa, depois, parou. Tudo o que lhe interessava, tudo quanto ela queria, estava na direcção oposta.

Entrou na floresta. As árvores fechavam-se por cima da sua cabeça. O caminho estava cheio de pedras e arbustos, mas ela prosseguiu com determinação. Eram quinze milhas até à cella, e ela tinha de lá chegar antes da madrugada.

Procurou manter um passo certo, mas não era simples. Era difícil avançar; na escuridão, era fácil ir parar à berma do caminho, onde os ramos lhe roçavam na roupa e no cabelo. O caminho tornava-se cada vez mais difícil. Tropeçou várias vezes em pedras e em raízes partidas; caiu uma vez, magoando as mãos e os joelhos.

Ao fim de várias horas de caminho, o céu começou a clarear por cima das copas das árvores. Era quase madrugada. Joana estava exausta, mas apressou o passo, umas vezes, meio a andar, outras, correndo pelo

caminho abaixo. Tinha de lá chegar antes de eles partirem. Tinha de o conseguir.

O pé esquerdo tropeçou em qualquer coisa. Ela tentou recuperar o equilíbrio, mas ia muito depressa. Caiu, aparando a queda, desajeitadamente, com os braços.

Ficou quieta, sem fôlego. Doía-lhe o braço direito, no sítio onde o ramo de uma árvore a tinha arranhado, mas, para além disso, não parecia ter-se magoado. Procurou sentar-se.

Ao seu lado, estava um homem deitado de costas para ela.

Estaria a dormir? Não. Teria acordado, quando ela caiu por cima dele. Tocou-lhe no ombro; ele rolou, ficando de costas.

Os olhos do emissário do bispo, morto, fitaram-na, vazios. Os seus lábios gelados estavam torcidos num esgar. A sua bela túnica, rasgada e ensanguentada. Faltava-lhe o dedo do meio da sua mão esquerda. Joana pôs-se de pé num salto.

— João! — gritou ela. Procurou nos arbustos e no solo à sua volta, com medo daquilo que poderia encontrar.

— Estou aqui. — Da escuridão, apareceu um rosto pálido. — Porque estás aqui? — perguntou ele. — O pai veio contigo?

— Não. Explico-te depois. Estás ferido? O que aconteceu?

— Fomos atacados. Um assaltante, penso eu, queria o anel de ouro do emissário. Eu cavalgava atrás dele, quando a seta o atingiu.

Joana não disse nada, mas apertou-o nos seus braços. Ele libertou-se do abraço.

— Mas, eu defendi-me. A sério! Os seus olhos brilharam com um entusiasmo estranho. — Quando ele veio atrás de mim, eu ataquei-o com isto! — mostrou-lhe a faca de cabo de osso do cónego. — Acertei-lhe no ombro, acho eu. Seja como for, isso imobilizou-o tempo suficiente para eu poder fugir!

Joana olhou para a lâmina tinta de sangue.

— A faca do pai.

O rosto do João tornou-se taciturno.

— Sim, tirei-lha. Porque não? Ele obrigou-me a vir embora... eu não queria.

— Está bem — disse a Joana com vivacidade. — Guarda-a. Temos de nos despachar, se queremos chegar à cella antes do nascer do dia.

— À cella? Mas, agora, eu não quero ir para Dorstadt. Depois do que aconteceu... — acenou na direcção do emissário morto — posso ir para casa.

— Não, João. Pensa bem. Agora que o pai sabe quais são as intenções do bispo, não vai permitir que tu fiques em casa. Há-de arranjar maneira de te mandar para a escola, mesmo que tenha de te levar pessoalmente. Além disso... — Joana apontou para a faca — quando chegássemos a casa, ele já teria descoberto que tu tinhas trazido isso.

João olhou perturbado. Era óbvio que não tinha pensado nisso.

— Vai correr tudo bem. Eu estarei lá contigo, vou ajudar-te.

Pegando-lhe na mão, disse:, — Anda.

De mãos dadas, sob o céu cada vez mais claro, as duas crianças dirigiram-se para a cella, onde esperava o resto dos homens do bispo.

Capítulo 7

Chegaram à cella ainda o Sol não se tinha levantado, mas os homens do bispo já estavam acordados, esperando impacientemente o regresso do seu companheiro. Quando Joana e João lhes contou o que tinha acontecido, os homens ficaram desconfiados.

Pegaram na faca com cabo em osso do João e examinaram-na cuidadosamente. Joana fez uma oração de acção de graças pelo facto de ter pensado em limpá-la no riacho da floresta, lavando-a de qualquer vestígio de sangue.

Os homens voltaram para trás, à procura do corpo do companheiro, levando Joana e João com eles; a descoberta da seta de penas amarelas confirmou a história das crianças. Mas, o que haviam de fazer com

o corpo? Estava fora de questão levá-lo até Dorstadt, que ficava a um dia de viagem. Além disso, o sol primaveril tornava os dias muito quentes.

Acabaram por o enterrar na floresta, assinalando o local com uma cruz em madeira tosca. Joana fez uma oração sobre a sepultura, que impressionou os homens porque, tal como o seu companheiro, também eles não sabiam latim. Como estavam a contar em escoltar uma rapariga, inicialmente, os homens não queriam levar o João.

— Não temos montada para ele — disse o chefe —, nem comida.

— Podemos montar os dois o mesmo cavalo — propôs Joana —, e partilhar a ração.

O homem abanou a cabeça negativamente.

— O bispo mandou-te chamar. Não faz sentido levar o teu irmão.

— O meu pai fez um acordo com o vosso companheiro — mentiu Joana. — Eu só poderia vir se o João me acompanhasse. Senão, o meu pai manda que eu volte para casa e vós passareis pelo aborrecimento de terdes de me acompanhar de regresso.

O homem franziu o sobrolho; depois de ter passado pelo desconforto de uma viagem tão longa, não lhe apetecia ter de a repetir.

Joana tentou de novo a sua sorte:

— Se isso acontecer, eu contarei ao bispo que procurei explicar a situação, mas que vós não me quisestes ouvir. Será que ele irá ficar contente de saber que o mal-entendido foi inteiramente culpa vossa?

O homem estava espantado. Nunca tinha ouvido uma rapariga a falar de uma maneira tão frontal. Agora já percebia porque o bispo queria vê-la; ela era uma curiosidade, não havia dúvida.

— Muito bem — assentiu ele, resmungando — o rapaz pode vir.

A viagem para Dorstadt foi muito cansativa porque os homens da escolta, desejosos por chegar a casa, cavalgaram noite e dia. Os rigores da viagem não incomodaram Joana; ela estava fascinada com a paisagem variada e o novo mundo que se abria diante dos seus olhos, cada dia que passava. Finalmente, estava livre, livre de Ingelheim e da sua existência limitada.

Passou por aldeiazinhas e por grandes povoações com a mesma satisfação, cheia de curiosidade e de espanto. Pelo contrário, João começou a ficar cada vez mais irritável por causa da falta de comida e de descanso.

Joana tentava acalmá-lo, mas o seu mau humor ainda aumentava mais perante a solicitude bondosa da sua irmã.

Chegaram ao palácio episcopal à tarde do décimo dia de viagem. O guarda do palácio olhou desaprovadoramente para as duas crianças, com as suas vestes manchadas e rasgadas de camponeses, e mandou dar-lhes banho e vestir roupa lavada, antes de autorizar que fossem admitidas à presença do bispo.

Para Joana, habituada a duches rápidos no ribeiro que corria por trás da cabana, o banho foi uma experiência extraordinária. O palácio do bispo tinha banhos cobertos, com água quente, um luxo de que ela nunca tinha ouvido falar.

Ficou dentro de água quase uma hora, enquanto as criadas a esfregaram até a pele dela ficar rosada, quase em carne viva.

Mas, lavaram-lhe as costas com particular cuidado, olhando para as suas cicatrizes franzindo o sobrolho, em tom de reprovação. Lavaram-lhe o cabelo e enrolaram a sua farta cabeleira dourada em canudos à volta da cara. Depois, trouxeram-lhe uma bela túnica de linho verde. O tecido era tão macio, o corte tão fino que Joana quase não queria acreditar que tinha sido feito por mãos humanas. Quando já estava vestida, as mulheres levaram-na a ver-se a um espelho em ouro. Joana levantou o espelho e viu o rosto de uma estranha. Nunca tinha visto as suas próprias feições, excepto em fragmentos furtivos e reflectidos nas águas barrentas do tanque da aldeia.

Estava admirada com a nitidez da imagem no espelho.

Levantou-o, examinando-se rigorosamente.

Não era bonita, mas isso, já ela sabia. Não tinha nem a testa alta e nem o queixo delicado, nem os ombros miúdos, nem a silhueta tão apreciada por trovadores e amantes. Tinha um ar forte, saudável, arrapazado. Tinha as sobrancelhas demasiado espessas, o queixo demasiado firme, os ombros demasiado direitos para ser bonito, o cabelo — o cabelo da mamã — era lindo e os seus olhos eram bons — de um tom verde-acinzentado profundo, orlados com pestanas.

Encolheu os ombros e pousou o espelho. O bispo não tinha chamado por causa de ela ser bonita.

Trouxeram o João, igualmente elegante numa túnica e um manto de linho azuis. As duas crianças foram levadas ao intendente do palácio.

— Estão melhores — disse este, observando-as dos pés à cabeça. — Muito melhor. Muito bem, então, sigam-me.

Eles desceram um longo corredor cujas paredes estavam cobertas de tapeçarias ricamente trabalhadas a fio de ouro e prata. Joana sentia o coração a pulsar-lhe na garganta, nervosamente. Ia encontrar-se com o bispo.

Serei capaz de responder às suas perguntas? Será que ele me vai aceitar na escola? De repente, sentiu-se deslocada e insegura. Tentou lembrar-se de alguma coisa do que tinha estudado, mas a sua cabeça estava em branco. Quando pensou em Asclépios, na confiança que ele tinha demonstrado nela, ao arranjar este encontro, o estômago deu-lhe uma volta.

Pararam diante de uma enorme porta em carvalho. De dentro, vinha um barulho de vozes e de pratos. O intendente do palácio fez um sinal ao homem que estava à entrada e ele abriu a pesada porta.

A Joana e o João entraram no salão, depois, pararam, hesitantes. Estavam na sala perto de duzentas pessoas, sentadas em volta de mesas enormes, cheias de comida. Os pratos estavam repletos de todas as variedades de carne assada — capões, gansos, aves e várias coxas de veado — empilhadas sobre as mesas, ao alcance da mão dos convivas, que pegavam com as mãos em nacos de carne e os metiam na boca, limpando as mãos às mangas. No centro da mesa maior, meio devorada, mas ainda reconhecível, estava a cabeça enorme de um javali, envolvida em gordura. Havia sopas e pastéis, avelãs, figos, tâmaras, ameixas brancas e pretas e muitas outras iguarias que a Joana não foi capaz de identificar. Nunca tinha visto tanta comida em toda a sua vida.

— Uma canção! Uma canção!

Os copos em metal batiam sobre as mesas em madeira, de uma forma ritmada e insistente.

— Vá lá, Widukind, uma canção!

Um jovem alto, de pele branca, levantou-se, rindo.

— Ik gihorta data seggen dat sih urhettun aenon muo tin, hiltibraht enti hadubrant...

Joana estava surpreendida. O jovem cantava em tudesco, a língua comum — o cónego teria dito que era uma língua pagã.

— Ouvi contar, os guerreiros lutaram corpo a corpo, Hildebrand e Hadubrand, entre dois exércitos...

Os homens levantaram-se e associaram-se a ele, levantando os copos.

— ... atiraram um ao outro um monte de lanças aguçadas; lançaram-se um contra o outro, combateram até os seus escudos em madeira serem despedaçados...

Estranha canção para a mesa de um bispo. Joana olhou de lado para o João, mas ele estava a ouvir atentamente, com os olhos a brilhar de entusiasmo.

Com um grito exultante, os homens terminaram a canção. Houve um barulho de madeira a ranger, quando eles se sentaram, puxando os bancos para as mesas.

Levantou-se outro homem com um sorriso trocista.

— Ouvi falar de uma coisa que se levantou num recanto... — Parou, na expectativa.

— Uma adivinha! — gritou alguém e a multidão manifestou a sua aprovação. — Uma das adivinhas do Haido! Sim! Sim! Vá lá.

O homem de nome Haido esperou até o barulho ter diminuído.

— Ouvi falar de uma coisa que se levantou na penumbra — repetiu ele — de uma coisa que incha e se levanta. As esposas mais afoitas não hesitam em pegar com a mão naquela maravilha sem ossos...

A multidão começou-se a rir.

— ... a filha do príncipe cobriu essa coisa com um pedaço de pano.

Os olhos risonhos de Haido olharam em torno da sala, desafiadoramente.

— O que é?

— Vê entre as pernas — gritou alguém — e já encontras a resposta certa!

A esta frase seguiram-se mais risos e uma quantidade de gestos obscenos. Joana estava espantada. Esta era a casa do bispo?

— Errado! — retorquiu Haido, divertido. — Estão todos errados!

— Então, qual é a resposta? A resposta? — As pessoas gritavam e batiam com os copos nas mesas.

Calou-se por um momento, para causar um efeito dramático.

— A Massa de pão! — anunciou ele, triunfalmente, e sentou-se enquanto uma onda de risos fazia tremer a sala.

Quando se fez silêncio, o intendente disse:

— Vinde comigo — e levou as duas crianças para o fundo da sala, onde se encontrava a mesa de honra, sobre um estrado. O bispo estava sentado no centro, ainda a rir, vestido com um magnífico manto em seda amarela, manchado de pingos de gordura e de vinho. O seu assento estava coberto com uma almofada para ser mais confortável.

Não era nada como a Joana tinha imaginado. Era um homem grande, pescoço largo; através da sua túnica em seda fina, percebia-se que o seu peito e os seus ombros eram musculosos. A sua grande barriga e o seu rosto vermelho eram de um homem que apreciava comida e vinho. Quando se aproximaram, ele inclinou-se e meteu um pedaço de carne na boca de uma mulher rechonchuda que se encontrava sentada ao seu lado. Ela engoliu-o, depois, segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido e ambos riram.

O intendente do palácio aclarou a voz:

— Senhor, os homens voltaram de Ingelheim com a criança.

O bispo olhou para o intendente com um olhar vago.

— A criança? O quê? Que criança?

— Aquela que mandastes chamar, senhor. Uma candidata para a escola, penso eu. Recomendada pelo Gr...

— Sim, sim. — O bispo acenou com impaciência. — Já sei.

Tinha o braço colocado negligentemente por cima dos ombros da mulher. Olhou para a Joana e para o João.

— Então, Widukind, estou a ver a dobrar?

— Não, senhor. O cónego também mandou o filho. Chegaram juntos à cella e não queriam ser separados.

— Bem. — Pela sua cara, o bispo parecia estar divertido. — Que tal? Peço um e vêm dois. Se o imperador fosse tão generoso com os seus favores como este prelado do campo!

A mesa estalou de riso. Ouviram-se várias vozes, que diziam: Vejam bem! e Ámen!, O bispo esticou-se e arrancou uma perna de uma

galinha assada. Depois, disse à Joana:

— És tão boa estudante como se diz?

Joana hesitou, sem saber bem o que dizer.

— Estudei muito, Eminência.

— Pah! Estudar!

O bispo bocejou e deu uma dentada na perna de galinha, com molho a escorrer.

— A escola está cheia de estúpidos que estudam, mas não sabem nada. O que sabes tu, minha filha?

— Sei ler e escrever, Eminência.

— Em tudesco ou em latim?

— Em tudesco, em latim e em grego.

— Grego! Ora, aí está uma coisa interessante. Nem sequer o Odo sabe grego, pois não, Odo?

Sorriu para um homem magro, sentado perto dele.

Odo abriu a boca num sorriso contrariado:

— É uma língua pagã, Senhor, uma língua de idólatras e hereges.

— Muito bem, muito bem — a língua do bispo enrolava-se-lhe. — Odo tem sempre razão, não é, Odo?

O clérigo suspirou:

— Sabeis bem, Eminência, que eu não aprovo esta vossa última ideia. É perigoso e ímpio permitir a uma mulher a entrada na escola.

Ouviu-se uma voz do fundo da sala:

— Ela ainda não é uma mulher, pelo que parece.

Voltou a ouvir-se um riso estrondoso, acompanhado por reparos inconvenientes.

Joana começou a sentir o rubor a subir-lhe da garganta até à face. Como era possível que estas pessoas se comportassem assim diante do bispo?

— Além disso, é inútil — continuou o homem de nome Odo, quando o barulho deixou de se ouvir. — As mulheres são por natureza incapazes de pensar.

Os seus olhos faiscaram na direcção de Joana, em ar de desprezo, depois, voltando-se para o bispo, disse:

— Os seus humores naturais, frios e húmidos, não são propícios para a actividade cerebral. Não conseguem compreender as ideias espirituais e morais mais elevadas.

Joana fixou o homem, sem querer acreditar.

— Já ouvi dizer isso — disse o bispo.

Sorriu para Odo com o ar de um homem que se estava a divertir imenso.

— Mas, então, como explicas os conhecimentos que a rapariga possui — o seu conhecimento de grego, por exemplo, que nem mesmo tu, Odo, dominas? — disse isto acentuando as palavras.

— Ela gabou-se das suas habilidades, mas não vimos nenhuma — suspirou Odo. — Sois crédulo, Senhor. O grego foi honesto ao relatar os feitos dela?

Isto era de mais. Primeiro, este homem detestável tinha-a insultado, atrevia-se a atacar Asclépios! Os lábios de Joana começavam a dar uma resposta zangada, quando foi surpreendida pelo olhar simpático de um cavaleiro de longos cabelos ruivos, sentado ao lado do bispo.

Fez-lhe ele sinal, silenciosamente. Ela hesitou, perturbada com a mensagem dos seus atraentes olhos de safira. Ele voltou-se para o bispo e segredou-lhe qualquer coisa. O bispo assentiu e dirigiu-se ao homem de rosto magro:

— Muito bem, Odo, faz-lhe um exame.

— Senhor?

— Faz-lhe um exame. Vê se ela está apta a estudar na escola.

— Aqui, senhor? Não me parece nada apro...

— Aqui, Odo. Porque não? Tiraremos todos proveito do exemplo.

Odo franziu as sobrancelhas. Virou-se para a Joana. O seu rosto olhava-a como se fosse um machado.

— Quicunque vult. O que significa?

Joana ficou surpreendida. Uma pergunta tão fácil? Talvez fosse truque. Talvez estivesse a querer apanhá-la desprevenida. Respondeu cautelosamente:

— É a doutrina que afirma que as três Pessoas da Trindade são consubstanciais. Que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

— Qual é a autoridade dessa doutrina?

— O primeiro Concílio de Niceia.

— Confessio Fidei. O que é?

— É uma doutrina falsa e perniciosa — a Joana sabia o que dizer, porque Asclépios tinha-a prevenido neste aspecto —, que afirma que o Cristo foi primeiro homem e só depois Deus, isto é, só depois de ter sido adoptado pelo Pai.

Perscrutou o rosto de Odo, mas era enigmático.

— Filius non proprius, sed adoptivus — acrescentou ela para ter a certeza.

— Em que consiste o erro desta heresia?

— Se Cristo se tornou Filho de Deus pela graça e não pela natureza, então tem de ser subordinado ao Pai. Isto é uma heresia e uma abominação — recitou Joana, conscienciosamente - porque o Espírito Santo procede não só do Pai, mas também do Filho; só existe um Filho e não é um filho adoptivo.

In utraque natura proprium eum et non adoptivum filium dei confitemur.

As pessoas em torno da mesa começaram a aplaudir.

— Litteratissima! — gritou alguém do outro extremo da sala.

— Uma raridade divertida, não é? — murmurou a voz de uma mulher, um pouco alto de mais, mesmo por trás de Joana.

— Bem, Odo — disse o bispo, prazenteiramente. — O que dizes tu? O grego tinha razão acerca da Joana ou não?

Odo parecia um homem que tinha acabado de provar vinagre.

— Parece que a criança tem algum conhecimento de teologia ortodoxa. Mesmo assim, isso não prova nada — falou com condescendência, como se estivesse a falar para uma criança difícil. — Algumas mulheres têm uma capacidade imitativa altamente desenvolvida, que lhes permite decorar e repetir as palavras dos homens e dar-lhe a aparência de um raciocínio. Mas, esta capacidade imitativa não deve ser confundida com o verdadeiro raciocínio, essencialmente masculino. Porque, como é bem sabido — a voz de Odo assumiu um tom autoritário porque, agora, estava em terreno que lhe era familiar — as mulheres são por natureza inferiores aos homens.

— Porquê? — a palavra saiu da boca de Joana antes que ela se tivesse, sequer, dado conta de que tinha falado.

Odo sorriu, com os lábios retesados em sinal de desagrado. Tinha o ar da raposa quando sabe que o coelho está encurralado.

— A tua ignorância, criança, revela-se nessa pergunta. De facto, o próprio São Paulo afirmou esta verdade, que as mulheres são inferiores aos homens na concepção, na posição e na vontade.

— Na concepção, na posição e na vontade? — repetiu Joana.

— Sim. — Odo falou lenta e distintamente, como se se estivesse a dirigir a uma idiota. — Na concepção porque Adão foi criado primeiro e Eva, depois; na posição porque Eva foi criada para servir Adão como companheira e auxiliar; na vontade porque Eva não foi capaz de resistir à tentação do Demónio e comeu da maçã.

Pelas mesas, as cabeças acenavam em assentimento. A expressão do bispo era grave. Ao seu lado, o cavaleiro ruivo não deu qualquer indício daquilo em que estava a pensar.

Odo sorriu afectadamente. Joana sentiu uma repulsa intensa por aquele homem. Ficou calada por momentos, coçando o nariz.

— Porque é a mulher inferior ao homem na concepção? — acabou ela por perguntar. — Pois, apesar de ter sido criada depois, foi feita do lado de Adão, enquanto Adão foi feito do pó.

Do fundo da sala, ouviram-se murmúrios.

— Em posição — as palavras fluíam, à medida que os pensamenntos perpassavam pela cabeça de Joana e ela prosseguia o seu raciocínio — a mulher deve ser preferida ao homem porque Eva foi criada dentro mas Adão foi criado fora dele.

Novo murmúrio vindo da audiência. O sorriso desapareceu do rosto de Odo.

Joana continuou, demasiado interessada no encadeamento do seu o raciocínio sem pensar no que estava a fazer:

— Quanto à vontade, a mulher deve ser considerada superior ao homem — esta era forte, mas, agora, já não havia retorno — porque comeu da maçã por amor ao conhecimento e ao estudo, enquanto Adão a comeu apenas porque ela lhe pediu.

O choque provocou um silêncio profundo na sala. Os lábios pálidos de Odo contraíram-se de cólera. O bispo olhava para a Joana como se não pudesse acreditar naquilo que acabava de ouvir.

Ela tinha ido longe de mais.

Há ideias que são perigosas.

Asclépios tinha-a avisado, mas ela tinha-se envolvido de tal forma na disputa que tinha esquecido o seu conselho. Aquele homem, Odo, tinha sido tão arrogante, tão mesquinho em humilhá-la diante do bispo. Ela tinha estragado a sua oportunidade de ir para a escola, sabia-o muito bem, mas não daria àquele homenzinho odioso a satisfação de a humilhar.

Ficou diante da mesa alta, de queixo levantado e brilhante.

O silêncio prolongava-se interminavelmente. Todos os olhos estavam concentrados no bispo, que continuava a fixar Joana, espantado. Depois, suavemente, escapou-se-lhe dos lábios um murmúrio surdo e brusco.

O bispo ria.

Ao seu lado, a mulher deu uma gargalhada nervosa. Então, toda a sala desatou a rir barulhentamente. As pessoas gritavam e batiam nas mesas e riam, riam tanto que as lágrimas lhes corriam pelas faces e eles tinham de as limpar às mangas.

Joana olhou para o cavaleiro ruivo. Ele sorria abertamente.

Ela fitou-o nos olhos e ele piscou-lhe o olho.

— Vá lá, Odo — disse o bispo, quando, finalmente, recuperou o fôlego — tens de admitir que a rapariga te venceu!

Odo olhou venenosamente para o bispo.

— E o rapaz, Eminência? Desejais que eu o examine também?

— Não, não. Também ficamos com ele, uma vez que a rapariga lhe é tão dedicada. Ficamos com ambos! É certo que a educação da rapariga foi um tanto — procurou a palavra certa — heterodoxa.

— Mas, é uma novidade. Precisamente aquilo de que a escola precisa. Odo, tens estudantes novos. Cuida bem deles!

Joana olhou para o bispo, chocada. O que é que ele queria dizer com aquilo? Será que Odo era o reitor da escola? Aquele que iria ensiná-la?

O que tinha ela feito?

Odo baixou o nariz para o bispo.

— É claro que haveis tratado dos aposentos para a criança. Ela não pode ficar nos aposentos dos rapazes.

— Ah... aposentos. — O bispo hesitou. — Vejamos...

— Senhor — interrompeu o cavaleiro ruivo. — A criança podia ficar em minha casa. Eu e a minha mulher temos duas filhas, que a receberão bem. Seria uma boa companhia para a minha Gisla.

A Joana olhou para ele. Era um homem jovem, com cerca de vinte e cinco anos de idade, forte, bem parecido, com um rosto afilado e de traços perfeitos, com uma barba bem tratada. O seu cabelo farto, de um tom estranhamente vermelho, estava apartado ao meio e os caracóis chegavam-lhe aos ombros. Os seus olhos de um azul intenso eram inteligentes e bondosos.

— Excelente, Geraldo. — O bispo deu-lhe uma pancada amigável nas costas. — Está combinado. A rapariga ficará convosco.

Apareceu um servo com um tabuleiro cheio de guloseimas. Os olhos de João abriram-se de espanto, quando viu tantos doces, cobertos de manteiga.

O bispo sorriu:

— Crianças, deveis ter fome, depois de uma viagem tão longa. Sentai-vos ao pé de mim. — Chegou-se mais para a mulher que se encontrava sentada ao seu lado, deixando um espaço vago entre ele e o cavaleiro ruivo.

Joana e João contornaram a mesa e sentaram-se. O próprio bispo lhes serviu os doces. João comeu avidamente, dando grandes dentadas nos doces, ficando com um bigode de pó branco por cima da boca.

O bispo virou a sua atenção para a mulher sentada ao seu lado. Bebiam do mesmo copo, rindo e ele acariciava-lhe o cabelo, despenteando-a. Joana fitou o prato de doces. Começou a comer um, mas enjoou-se com o açúcar. Queria ir-se embora dali, fugir do barulho, das pessoas desconhecidas e do comportamento estranho do bispo.

O cavaleiro ruivo chamado Geraldo disse-lhe:

— Tiveste um dia longo. Queres ir-te embora?

Joana acenou afirmativamente. Vendo que eles se levantavam João encheu a boca com mais um doce e levantou-se.

— Não, filho. — Geraldo pôs uma mão sobre o ombro do João.

João disse:

— Quero ir com ela.

— O teu lugar é aqui, com os outros rapazes. Quando terminar a ceia, o intendente mostra-te os teus aposentos.

João empalideceu, mas dominou-se e não disse nada.

— Mas que arma interessante! — disse Geraldo, apontando para a faca de cabo de osso, presa ao cinto do João. — Posso vê-la?

O João tirou-a do cinto e estendeu-a a Geraldo. Ele virou-a, admirou o trabalho do cabo. A lâmina brilhava, reflectindo as tochas que havia em torno da sala. Joana recordou-se de como ela tinha brilhado à luz da vela na cabana, antes de se ter abatido sobre o pergaminho do livro de Asclépios, apagando-o, destruindo-o.

— É muito bonita. O Rogério tem uma espada com um cabo semelhante. Rogério! — Geraldo chamou um jovem que estava sentado na sala ao lado. — Vem mostrar a tua espada a este jovem.

Rogério estendeu uma longa espada de aço com um punho trabalhado. João olhou para ela, com reverência.

— Posso tocar-lhe?

— Podes pegar-lhe, se quiseres.

— Terás uma espada — disse Geraldo — e um arco. E ainda uma lança, se tiveres força para ela. Diz-lhe, Rogério.

— Sim. Temos lições de combate e de manuseamento de armas todos os dias.

Os olhos do João expressaram surpresa e contentamento.

— Vês este risco na lâmina? Foi onde eu aparei um golpe de uma pesada espada do nosso mestre de armas, em pessoa!

— A sério? — João estava fascinado.

Geraldo disse à Joana:

— Vamos? Acho que o teu irmão não se importa que saiamos agora.

À porta, Joana virou-se para trás e olhou para o João. Com a espada sobre os joelhos, conversava animadamente com Rogério.

Ela sentiu uma estranha relutância em se separar dele. Tinham sido mais vezes rivais do que amigos, mas o João era a sua ligação a casa, a um mundo familiar e conhecido. Sem ele, ela estava sozinha.

Geraldo seguia à frente, pelo corredor. Era muito alto e as suas pernas compridas faziam-no andar depressa; a Joana teve de dar uma corrida para o apanhar.

Não falaram durante alguns minutos. Depois, Geraldo disse, de repente:

— Portaste-te bem lá dentro, com o Odo.

— Acho que ele não gosta de mim.

— Não, não gosta. Odo é muito cioso da sua dignidade, guarda-a como um homem guarda uma moeda quando já tem poucas.

Joana sorriu para Geraldo, simpatizando com ele. Num impulso, decidiu que ia confiar nele.

— Aquela era a... mulher do bispo?

Ela tropeçou na palavra, envergonhada. Toda a vida tinha pensado que o casamento dos seus pais era algo vergonhoso. Era um sentimento pueril, mal formulado e jamais admitido, mas muito profundo. Uma vez, observando que Joana era sensível a esta questão, Asclépios explicou-lhe que aqueles casamentos não eram raros entre o baixo-clero. Mas, um bispo...

— Mulher? Ah, referes-te à Theda. — Geraldo riu-se. — Não, o senhor meu bispo não é do género de se casar. Theda é uma das suas amantes.

Amantes! O bispo tinha amantes!

— Ficaste chocada. Não fiques. Fulgêncio — o senhor meu bispo — não é um homem piedoso. Herdou o título do tio, que foi bispo antes dele. Nunca foi ordenado e não tem qualquer pretensão à santidade, como deves ter reparado. Mas, verás que, apesar de tudo, é bom homem. Admira o saber, apesar de não ser instruído. Foi ele que fundou a escola.

Geraldo falava com ela abertamente, não como se ela fosse uma criança, mas sim como alguém que compreendia. Joana gostou disso. Mas, as suas palavras eram perturbantes. Seria correcto para um bispo, um príncipe da Igreja, viver assim? Ter... amantes? Era tudo tão diferente daquilo que ela esperava.

Chegaram aos portões de entrada do palácio. Pagens vestidos de seda vermelha abriram os grandes portões de carvalho; a luz das tochas da

galeria desapareceu progressivamente na escuridão.

— Anda — disse Geraldo. — Sentir-te-ás melhor depois de uma noite de sono.

Dirigiu-se apressadamente para os estábulos.

Insegura, Joana seguiu-o na noite fria.

Geraldo apontou para a esquerda e Joana seguiu a direcção do seu braço. Ao longe, apenas conseguia vislumbrar o vulto escuro de um conjunto de construções recortadas contra o céu banhado de luar.

— Villaris, a minha casa... e, a partir de agora, também a tua.

Mesmo às escuras, Villaris era lindíssima. Situada, altivamente, no cimo de uma colina, aos olhos da Joana, era enorme. Era constituída por quatro possantes torres de madeira, ligadas por uma série de pátios e de esplêndidos pórticos em madeira. Geraldo e Joana passaram pelas robustas paliçadas em madeira que protegiam a entrada principal e por vários edifícios exteriores: uma cozinha, um forno, um estábulo, uma moagem e dois celeiros. Desmontaram do cavalo num pequeno pátio e Geraldo entregou a montada aos cuidados de um criado de estrebaria, que esperava por ele. Tochas de resina, colocadas a intervalos regulares, iluminaram o seu trajecto por um corredor comprido e sem janelas, ao longo de cujas grossas paredes em madeira estavam dispostas armas reluzentes: grandes espadas, lanças, azagaias, bestas e machados, lâminas pequenas, pesadas e de um único fio, como usavam os corajosos homens da infantaria franca. Passaram num segundo grande pátio, rodeado de pórticos cobertos e entraram na grande sala, propriamente dita, um espaço vasto, decorado com ricas tapeçarias. No centro da sala estava a mulher mais bela que Joana já tinha visto, além da sua própria mãe. Mas, enquanto Gudrun era alta e loura, esta mulher era baixa e franzina, com cabelo cor de ébano e uns grandes olhos escuros e altivos. Esses olhos encararam friamente a Joana, examinando-a com uma expressão que a inquietou.

— O que é isto? — perguntou ela abruptamente, quando se aproximaram.

Ignorando a sua rudeza, Geraldo respondeu:

— Joana, esta é a minha esposa, Richild, a senhora desta casa. Richild, apresento-te a Joana de Ingelheim, que chegou hoje para estudar na escola.

Joana fez uma vénia desajeitada, enquanto Richild a olhava com desprezo, antes de se dirigir a Geraldo.

— Na escola? É alguma brincadeira?

— Fulgêncio admitiu-a e ela vai ficar a residir aqui em Villaris durante os seus estudos.

— Aqui?

— Pode partilhar a cama com Gisla, que terá uma companhia sensata, para variar.

As sobrancelhas graciosas de Richild ergueram-se altivamente.

— Parece uma escrava.

Joana corou com o insulto.

— Enganas-te, Richild — repreendeu-a Geraldo, severamente — a Joana é uma convidada nesta casa.

Richild suspirou:

— Bem — tocou na túnica nova da Joana, em linho verde — pelo menos, parece estar asseada.

Fez um sinal a uma das criadas.

— Mostra-lhe o caminho para o quarto.

Sem dizer palavra, saiu da sala.

Mais tarde, deitada no colchão de palha macia, no andar de cima do dormitório, ao lado de Gisla, que ressonava (e que nem sequer acordou quando Joana se deitou ao lado dela), Joana pensou no irmão. Ao lado de quem estaria ele a dormir agora... se é que conseguia dormir? Ela não conseguia; a sua mente estava povoada de pensamentos e emoções perturbantes. Tinha saudades do ambiente da sua casa, especialmente, da sua mãe.

Queria que ela voltasse a abraçá-la, a acarinhá-la e a chamar-lhe passarinho. Não devia ter partido assim — em silêncio e zangada, sem uma palavra de despedida. Gudrun tinha-a traído diante do emissário do bispo, era verdade, mas a Joana sabia que ela o tinha feito por causa de a amar muito, porque não podia suportar ver a sua filha partir. Agora, talvez a Joana não voltasse a ver a sua mãe. Tinha aproveitado a oportunidade para fugir, sem pensar nas consequências. Não podia voltar para casa, era certo. O pai matá-la-ia por desobediência. Agora, o seu lugar era aqui, nesta terra estranha e inóspita e era aqui que ela ficaria, a bem ou a mal.

Mamã, pensou ela, olhando para a escuridão do quarto desconhecido, e uma lágrima começou a correr-lhe pela face.

Capítulo 8

A sala de aula, um compartimento pequeno e com as paredes em madeira ao lado da biblioteca da catedral, era fria e húmida mesmo nas tardes quentes de Outono. Joana adorava a sua frescura e o cheiro a pergaminho que impregnava o ar, um incentivo à exploração da vasta colecção de livros que ficava do outro lado da porta.

Havia uma pintura enorme a cobrir a parede da frente da sala. Representava uma mulher vestida com as longas vestes dos gregos. Na sua mão esquerda, tinha um par de tesouras, na mão direita, um chicote. A mulher representava a Sabedoria; as suas tesouras serviam para extirpar o erro e os falsos dogmas; o seu chicote, para castigar os estudantes preguiçosos. As sobrancelhas da Sabedoria eram muito juntas e os cantos da sua boca estavam inclinados para baixo, dando-lhe uma expressão severa.

Os olhos escuros brilhavam na pintura, parecendo olhar para quem os observava. Era um olhar duro, imperativo. Odo tinha mandado fazer a pintura pouco depois de ter assumido o cargo de mestre de estudos.

— Bos mugit, equus hinnit, asinus rudit, elephans barrit...

Do lado esquerdo da sala, os estudantes menos avançados cantavam monotonamente, praticando formas verbais simples.

— As vacas mugem, os cavalos relincham, os burros zurram, os elefantes barrem...

Odo regia com a sua mão esquerda, estabelecendo o compasso do canto. Entretanto, os seus olhos percorriam a sala com uma atenção treinada, vigiando o trabalho dos outros estudantes.

Ludovico e Ebbo estavam ambos debruçados sobre um salmo. Era suposto estarem a decorá-lo, mas, pela posição das suas cabeças, quase juntas, dava a impressão que já não estavam concentrados no trabalho.

Sem deixar de marcar o ritmo do canto com a outra mão, bateu na nuca de ambos os rapazes com uma vara de madeira. Eles gritaram e voltaram a debruçar-se sobre as suas tábuas, modelos de concentração.

Perto, o João estava a estudar um capítulo de Donato. Era evidente que estava com grandes dificuldades. Lia lentamente, soletrando cada vogal e consoante a custo, parando frequentemente para coçar a cabeça, embaraçado por qualquer palavra desconhecida.

Sentada à parte dos outros — porque eles não tinham nada a ver com ela — Joana dedicava-se à tarefa que Odo lhe tinha dado, preparando uma cópia da vida de Santo António.

Trabalhava depressa: o seu estilete viajava pelo pergaminho com segurança e precisão. Não levantava os olhos e não se distraía nem por um segundo. A sua concentração era absoluta.

Odo disse pouco depois:

— Já chega por hoje. Este grupo — apontou para os novatos — está dispensado. O resto fica nos seus lugares até eu ter visto o seu trabalho.

Os novatos levantaram-se excitados, saindo tão depressa quanto o decoro lhes permitia. Os outros estudantes poisaram os seus estiletes e olharam para Odo, na expectativa, ansiosos por serem dispensados para gozarem a tarde quente.

Joana continuou debruçada sobre o seu trabalho.

Odo franziu o sobrolho. Tinha de admitir que o zelo da rapariga o tinha surpreendido. A sua mão estava morta por utilizar a vara nela, mas, até aqui, ela ainda não lhe tinha dado oportunidade. Parecia querer realmente aprender.

Odo dirigiu-se para a sua secretária e debruçou-se sobre ela. Ela parou de trabalhar, surpreendida, senão mesmo - seria possível? desapontada.

— Chamastes-me, senhor? Perdoai; estava concentrada no meu trabalho e não vos ouvi. — disse a Joana delicadamente.

Desempenha bem o seu papel, pensou Odo. Mas, não me engana.

Oh, ela fingia respeito e submissão sempre que ele se lhe dirigia, mas ele lia a verdade nos olhos dela. Na sua alma, ela troçava dele e desafiava-o. E isso, Odo não o toleraria.

Debruçou-se para examinar o trabalho dela, misturando os pedaços de pergaminho, em silêncio.

— A mão — disse ele — não é suficientemente perfeita. Aqui e aqui — apontou para o pergaminho com um longo dedo branco — não fazes as tuas letras suficientemente redondas. Criança, que explicação me dás para um trabalho tão descuidado?

Descuidado! Joana estava indignada. Tinha escrito dez páginas de glosa — muito mais do que qualquer outro estudante era capaz de fazer no dobro do tempo. O seu raciocínio era exacto e nem mesmo Odo o podia negar. Ela tinha visto os seus olhos a brilharem, ao examinar uma passagem onde ela tinha utilizado elegantemente a forma conjuntiva.

Provocava-a. Queria que ela o desafiasse, que lhe respondesse como criatura arrogante e híbrida. Ele sabia que ela procurava violar a lei que Deus tinha imprimido no universo, usurpando a justa autoridade dos homens sobre ela.

Vá, incitava-a ele. Diz o que pensas. Se ela o fizesse, ele tinha o que queria. mas a Joana lutou consigo mesma para controlar as suas emoções. Ela sabia o que Odo estava a tentar fazer. Mas, por muito que a provocasse ela não lhe daria esse prazer. Não lhe daria motivo para a dispensar da escola.

Mantendo a voz baixa, respondeu num tom neutro:

— Não tenho desculpa, senhor.

— Muito bem — disse Odo. — Como castigo pela tua indolência vais copiar vinte e cinco vezes a passagem de Primeira a Timóteo, do capítulo segundo, versículos onze e doze, com uma letra certinha, antes de saíres.

Dentro da Joana fervia um ressentimento sombrio. Homem mau, de ideias curtas! Se ao menos ela pudesse dizer-lhe o que pensava dele!

— Sim, senhor. — Manteve os olhos baixos para ele não poder ler os seus pensamentos.

Odo estava desapontado. Mas a rapariga não aguentaria isto para sempre. Mais tarde ou mais cedo — a ideia fazia-o sorrir — desistiria. E, quando assim fosse, ele estaria à espera.

Deixou-a e foi ver dos outros estudantes.

Joana suspirou e pegou no seu estilete. Primeira a Timóteo, segundo capítulo, versículos onze e doze. Ela conhecia-o bastante bem; não era a primeira vez que Odo lhe tinha dado aquele castigo. Era uma citação de São Paulo: "Não autorizo que uma mulher ensine, nem domine um homem; ela deve ficar quieta e calada com a submissão que lhe é devida."

Estava a meio da cópia, quando começou a sentir que qualquer coisa não estava bem. Levantou os olhos. Odo tinha-se ido embora. Os rapazes estavam à porta, a falar uns com os outros.

Era estranho.

Normalmente, apressavam-se a sair, mal as lições terminavam.

Olhou para eles, inquieta. João estava à margem do grupinho, a ouvir.

Os olhos de ambos cruzaram-se e ele sorriu e acenou-lhe.

Ela devolveu-lhe o sorriso, depois, recomeçou a escrever.

Mas, um arrepiozinho de alarme levantou-lhe os cabelos na nuca. Será que os rapazes estavam a planear alguma coisa?

Arreliavam-na e atormentavam-na frequentemente — Odo não fazia nada para o impedir — e apesar de ela suportar tudo em silêncio, tinha um medo terrível das manigâncias deles.

Acabou as últimas linhas à pressa e levantou-se para sair.

Os rapazes estavam à porta. Ela sabia que estavam à espera dela. Levantou o queixo, determinada. O que quer que fosse que tivessem planeado, ela passaria por eles rapidamente e saíria.

O seu casaco estava pendurado num cabide em madeira perto da porta. Ignorando ostensivamente os rapazes, pegou no casaco, aconchegou-o ao pescoço e levantou o capuz.

Caiu-lhe na cabeça uma coisa pesada e húmida. Ela tirou imediatamente o capuz, mas não era capaz de retirar o que tinha na cabeça. O líquido pegajoso começou a escorrer. Ela tocou-lhe com os dedos, que ficaram sujos com uma substância espessa e viscosa. Goma arábica.

Um material comum nas salas de aula e nos scriptoria, e que, misturado com vinagre e carvão, era usado para fazer tinta.

Ela limpou a mão ao casaco, mas a goma arábica estava pegada.

Freneticamente, voltou a puxar o capuz e soltou um grito de dor: os cabelos estavam colados à parte de dentro.

O grito dela provocou uma explosão de hilaridade entre os rapazes. Ela dirigiu-se apressadamente para a porta. O grupo dividiu-se quando ela se aproximou, formando duas alas.

— Lusus naturae! — gritaram-lhe eles. — Aberração da natureza!

A meio da fila, ela viu o João. Estava-se a rir e a gritar insultos juntamente com os outros. Os seus olhos encontraram-se; ele corou e desviou o olhar.

Ela continuou a andar. Era tarde de mais quando reparou na peça de roupa azul perto do chão. Tropeçou e caiu desajeitadamente de lado.

O João, pensou ela. Foi ele que me fez tropeçar.

Levantou-se, estremecendo com a dor lateral de que foi acometida. A substância repelente escorria do capuz para a sua cara. Ela agarrou-a, tentando afastá-la dos olhos, mas era escusado. Escorreu gelatinosamente pelas suas sobrancelhas, para as pestanas, colando-lhe as pálpebras e impossibilitando-a de ver bem.

Os rapazes aproximaram-se, empurrando-a de um lado para o outro a ver se ela voltava a cair. Ela ouviu a voz de João entre eles, insultando-a. Através da espessa película que cobria os seus olhos, ela rodava vertiginosamente em padrões diferentes de luz e não era capaz de chegar até à porta.

Sentiu a picada súbita de uma lágrima.

Oh, não, pensou. É isso que eles querem — fazer-me chorar e pedir-lhes misericórdia, mostrar-lhes fraqueza para poderem troçar dela,

dizendo que ela era uma rapariga cobarde.

Não terão esse prazer. Não lho darei.

Endireitou-se, controlando-se para não chorar. Esta atitude de controlo ainda os inflamou mais e eles começaram a bater-lhe com força. O aluno mais velho bateu-lhe violentamente na nuca.

O golpe fê-la cambalear e ela teve de se esforçar para se manter de pé.

Ouviu-se a voz de um homem a gritar à distância. Será que Odo tinha vindo, finalmente, pôr fim a isto?

— O que se passa aqui?

Desta vez, ela reconheceu a voz. Geraldo. Na voz dele havia um timbre que ela nunca tinha ouvido. Os rapazes afastaram-se dela tão de repente que ela quase voltou a cair.

Então Geraldo pôs o braço à volta dos seus ombros, amparando-a. Ela apoiou-se nele, reconhecida.

— Então, Bernardo. — Geraldo dirigiu-se ao rapaz maior, aquele que lhe tinha batido no pescoço. — Não foi ainda na semana passada que eu te vi na sala de armas, tentando fugir tão desesperadamente à espada do Eric, que não foste sequer capaz de desfechar um único golpe? E agora, vejo que não tens qualquer dificuldade em lutar, quando a tua rival é uma rapariga indefesa.

Bernardo titubeou uma explicação, mas Geraldo interrompeu-o:

— Podes dizer isso a Sua Senhoria, o bispo. Ele vai mandar-te chamar mal saiba disto. O que irá acontecer ainda hoje, acredita.

O silêncio em redor era absoluto. Geraldo pegou na Joana ao colo. Ela sentiu com alguma surpresa a força dos seus braços e das suas costas. Ele era tão alto e aprumado que ela nunca se tinha apercebido de que era tão forte. Ela afastou a cabeça para que a matéria pegajosa que a cobria não manchasse a sua túnica.

A meio caminho para a sua montada, Geraldo voltou-se para trás:

— E mais uma coisa. Pelo que vi, ela é mais valente do que vós. Sim, e mais esperta, também, apesar de ser uma rapariga.

Joana sentiu que as lágrimas lhe chegavam aos olhos. Nunca ninguém a tinha defendido assim, a não ser Asclépios.

Geraldo era... diferente.

Um botão de rosa cresce na escuridão. Não conhece o sol, mas procura vencer a escuridão em que se encontra, até que, um dia, as suas pétalas se abrem, finalmente. Então, a rosa desabrocha, abrindo as suas pétalas à luz.

Amo-o.

O pensamento atingiu-a de uma forma tão súbita que a perturbou. O que significaria isto? Ela não podia estar apaixonada por Geraldo. Ele era um nobre, um grande senhor e ela não passava da filha de um humilde cónego. Ele era um homem maduro, com vinte e cinco invernos, e a Joana sabia que ele pensava nela como numa criança, apesar de, na realidade, ela ter quase treze anos e, em breve, ser uma mulher crescida.

Além disso, ele tinha mulher.

A cabeça de Joana era um rodopio de emoções confusas.

Geraldo colocou-a em cima do cavalo e montou atrás dela. Os rapazes ficaram à porta, sem se atreverem a falar. Joana encostou-se aos braços de Geraldo, sentindo a sua força, apoiando-se nela.

— Agora — disse Geraldo, pondo o cavalo num galope brando —, vou levar-te para casa.

Capítulo 9

O conde Geraldo, grafio vir illuster desta região longínqua no Norte do império, colocou o seu alazão novo a galope ao aproximar-se de suas propriedades. O cavalo correspondeu imediatamente, impaciente por chegar ao estábulo quente e a um fardo de feno fresco. Ao lado, o cavalo que transportava Osdag, servo fiel de Geraldo, também apressou o passo, apesar do peso do veado abatido que transportava sobre o dorso lhe dificultar a marcha.

Tinha sido uma boa caçada. Numa extravagância — porque, habitualmente, uma caçada consistia num grupo de seis ou mais homens — Geraldo tinha saído apenas na companhia de Osdag e de dois cães de caça. Tinham tido sorte; encontraram logo pegadas de veado, que Osdag assinalou com a sua corneta de caça e examinou com um olhar treinado.

— Um veado — anunciou ele — e grande.

Seguiram-lhe as pegadas durante quase uma hora, até o avistarem numa pequena clareira. Geraldo levou o seu olifante de marfim aos lábios e soprou vários silvos em surdina. Os cães partiram em perseguição da presa. Não tinha sido fácil apanhar o animal, com dois homens e dois cães, mas acabaram por conseguir encurralá-lo e Geraldo tinha-o abatido com um único golpe de lança. Tal como Osdag tinha dito, era um grande e belo animal; com o Inverno a aproximar-se, traria um bom contributo para as provisões de Villaris.

Ainda a alguma distância, Geraldo viu a Joana sentada na relva. Mandou Osdag à frente para os estábulos e cavalgou na sua direcção. Tinha-se afeiçoado surpreendentemente à rapariga durante o último ano. Ela era estranha, não havia dúvidas — muito solitária, muito séria para a idade — mas tinha bom coração e uma inteligência que atraía Geraldo.

Aproximando-se do local onde Joana estava sentada, tão quieta como os relevos do portal de uma catedral, Geraldo desmontou do alazão e mandou-o seguir à frente. Joana estava tão concentrada que só deu pela sua presença já ele estava a umas dez jardas dela. Então, ela levantou-se, corando. Geraldo estava divertido. Ela não era capaz de disfarçar — uma característica que Geraldo achava muito atraente, tão diferente da... daquilo a que ele estava habituado. Não havia qualquer dúvida de que ela estava apaixonada por ele.

— Estás muito pensativa — disse ele.

— Sim. — Ela levantou-se e aproximou-se para admirar o alazão. — Ele portou-se bem?

— Muito bem. É uma bela montada.

— Oh, sim.

Ela acariciou a crina brilhante do cavalo. Ela sabia apreciar um bom cavalo, talvez porque tinha crescido num lugar onde não os havia.

Tanto quanto Geraldo sabia, a família dela vivia tão pobremente como quaisquer coloni, apesar de o pai ser cónego da Igreja.

O cavalo soprou-lhe ao ouvido e ela riu-se, encantada. Uma rapariga atraente, pensou Geraldo, apesar de não ser nenhuma beleza, Os seus olhos grandes e inteligentes eram profundos, as suas feições rudes e largas, assim como os seus ombros largos davam-lhe um ar arrapazado, que se acentuava ainda mais graças ao cabelo dourado, agora cortado, que lhe emoldurava o rosto, mal lhe chegando ao cimo das orelhas. Depois daquele episódio na escola, tinhham sido obrigados a cortar-lhe o cabelo curto; não tinha havido outra maneira para tirar a goma arábica que se tinha agarrado a todo o cabelo.

— Em que estás a pensar?

— Oh. Numa coisa que aconteceu hoje na escola.

— Conta-me.

Ela olhou para ele.

— É verdade que as crias da loba branca nascem mortas?

— O quê?

Geraldo estava acostumado às suas perguntas invulgares, mas esta era mais estranha do que invulgar.

— O João e os outros rapazes estavam a dizer isso. Vai haver uma caçada à loba branca, a da floresta de Annapes.

Geraldo abanou a cabeça afirmativamente.

— Sei qual é. Terrível e selvagem — caça sozinha, separada da matilha, e não tem medo de nada. No último Inverno, atacou um grupo de viajantes e levou uma criança pequena antes que alguém tivesse podido fazer fosse o que fosse.

Dizem que está com uma barriga cheia de crias — penso que estão a pensar matá-la antes de ela parir?

— Sim. O João e os outros estão entusiasmados porque Ebbo disse que o seu pai lhe prometeu que o levava na caçada.

— E então?

— Odo opôs-se terminantemente. Ele próprio trataria de desconvocar a caçada, segundo disse, porque a loba branca é um animal sagrado, uma manifestação viva da ressurreição de Cristo.

As sobrancelhas de Geraldo ergueram-se, cepticamente.

Joana continuou:

— As crias dela nascem mortas — disse Odo — e, então, o pai delas lambe-as durante três dias e três noites, até elas regressarem à vida. É um milagre tão raro e tão sagrado que nunca ninguém o viu.

— O que pensas tu disso? — perguntou Geraldo. Conhecia-a suficientemente bem para saber que ela teria alguma coisa a dizer.

— Eu perguntei como se sabe que isso é verdade, se nunca ninguém o viu.

Geraldo riu-se alto.

— Aposto que o teu mestre não gostou da pergunta!

— Não. Disse que era irreverente. E também não era lógica porque o momento da Ressurreição também nunca foi testemunhado, e, no entanto, ninguém duvida de que seja verdade.

Geraldo pôs a mão em cima do ombro de Joana.

— Deixa lá, criança.

Fez-se um silêncio, como se ela hesitasse em prosseguir. De repente, ela levantou os olhos, com o seu rosto jovem concentrado e muito sério.

— Como podemos ter a certeza de que a Ressurreição é uma realidade? Se nunca ninguém a testemunhou?

Ele ficou tão perturbado que deu um puxão nas rédeas e a montada estacou. Geraldo pôs uma mão sobre o seu flanco castanho, acalmando-o.

Como a maior parte dos nobres nesta região norte do império, proprietários ricos que tinham atingido a idade adulta sob o reinado do velho imperador Carlos, Geraldo, que era à moda antiga, era um cristão num sentido bastante vago do termo.

Assistia à missa, dava esmolas e tinha o cuidado de guardar as festas e as observâncias exteriores. Seguia os ensinamentos da doutrina da igreja que não interferiam com a execução dos seus direitos e deveres senhoriais e ignorava o resto.

Mas, conhecia o mundo e reconhecia perigo quando o via.

— Não perguntaste isso ao Odo!

— Porque não?

— Meu Deus!

Isto podia significar sarilho. Geraldo não gostava de Odo, o homenzinho de ideias mesquinhas e de espírito mais mesquinho ainda. Mas, este era exactamente o tipo de arma de que Odo precisava para embaraçar Fulgêncio e forçar Joana a sair da escola. Ou — nem queria pensar — pior ainda.

— O que disse ele?

— Não respondeu. Ficou muito zangado e... ralhou-me.

Ela corou.

Geraldo assobiou baixinho.

— Bom, o que esperavas? Já tens idade para saber que há perguntas que não se fazem.

— Porquê?

Os grandes olhos verdes-acinzentados, muito mais profundos e sensatos do que os das outras crianças, fixaram-no atentamente. Olhos pagãos, pensou Geraldo, olhos que nunca baixariam os olhos diante de um homem ou de Deus. Perturbava-o pensar o que eles teriam passado para se tornarem assim.

— Porquê? — voltou ela a perguntar, insistente.

— Porque não.

Ele estava irritado com a sua insistência. Às vezes, a inteligência da rapariga, que excedia em muito o seu crescimento físico, era inquietante.

Algo — seria dor ou fúria? — perpassou brevemente pelos olhos de Joana e, depois, desapareceu.

— Tenho de voltar para casa. A tapeçaria para a parede está quase pronta e a vossa esposa pode precisar de ajuda para a terminar.

Virou-se, para se ir embora, de queixo erguido.

Geraldo estava divertido. Tanto orgulho ferido numa menina tão jovem! A ideia de que Richild, a sua esposa, precisasse da ajuda de Joana para a tapeçaria era absurda. Ela já se tinha queixado frequentemente da falta de jeito de Joana para coser; o próprio Geraldo já tinha presenciado os esforços frustrados da rapariga para tentar que os seus dedos obedecessem, e tinha visto os pobres resultados do seu trabalho.

A sua irritação dissipou-se e ele disse:

— Não fiques ofendida. Se queres progredir neste mundo, tens de ter mais paciência com os teus superiores.

Joana olhou de lado para ele, atentando nas suas palavras, depois, virou a cabeça para trás e riu-se. O som era maravilhoso, gutural e musical, contagioso. Geraldo estava encantado. A rapariga era teimosa, zangava-se depressa, mas tinha um coração generoso e um raciocínio rápido. segurou-lhe no queixo.

— Não queria ser severo — disse ele. — É que, às vezes, tu surpreendes-me. És tão sensata nalgumas coisas e tão estúpida noutras.

Ela ia a começar a falar, mas ele colocou um dedo sobre os seus lábios.

— Não sei a resposta para a tua pergunta. Mas, sei que a própria pergunta é perigosa. Muitos diriam que uma ideia dessas é heresia. Percebes o que isso significa, Joana?

Ela abanou a cabeça gravemente.

— É uma ofensa a Deus.

— Sim. É isso e muito mais. Colocar uma pergunta dessas pode significar o fim das tuas esperanças, Joana, do teu futuro. Da... tua própria vida.

Pronto. Tinha-o dito. Os olhos verde-acinzentados olharam-no, resolutos. Não havia retrocesso. Ele tinha de lhe contar tudo.

— Há quatro invernos atrás, um grupo de viandantes foi apedrejado até à morte perto daqui, nos campos junto à catedral. Dois homens, uma mulher e um rapaz pouco mais velho do que tu és agora.

Ele era um soldado aposentado, um veterano das campanhas imperiais contra os bárbaros obodritas.

Ainda lhe subia o sangue ao rosto, só de pensar. A morte, mesmo nas suas formas mais terríveis, não tinha segredos para ele. Mas, horrorizava-o pensar naquela morte. Os homens estavam desarmados, e os outros dois... tinham demorado muito tempo a morrer. A mulher e a criança eram os que tinham sofrido mais porque os homens tinham tentado protegê-las com os seus corpos.

— Lapidados — os olhos da Joana abriram-se de espanto. — Mas, porquê?

— Eram arménios, membros de uma seita conhecida como os paulicianos. Iam a caminho de Aachen e tiveram a pouca sorte de passar por aqui precisamente depois de as vinhas terem sido atingidas por uma

tempestade de granizo. Nessas alturas, as pessoas procuram encontrar um motivo para os seus problemas. Quando o procuraram, ali estavam eles — forasteiros e com um tipo de pensamento suspeito.

Tempertaru, foi assim que lhes chamaram, por causa de dizerem que eles tinham utilizado magia para desencadear uma violenta tempestade. Fulgêncio tentou defendê-los, mas eles foram interrogados e as suas ideias foram consideradas heréticas. Ideias, Joana — ele olhou-a com um olhar aflito — não muito diferentes da pergunta que colocaste hoje a Odo.

Ela ficou calada, olhando para longe. Geraldo não disse nada, dando-lhe tempo.

— Asclépios disse-me uma vez uma coisa parecida - acabou ela por dizer. — Algumas ideias são perigosas.

— Ele era um homem sensato.

— Pois era. — Os seus olhos suavizaram-se com a recordação.Vou ter mais cuidado.

— Está bem.

— Agora — disse ela — conta-me. Como podemos saber que a história da Ressurreição é verdadeira?

Geraldo riu, desarmado:

— Tu és incorrigível.

Ele despenteou-lhe o cabelo dourado tosquiado. Vendo que ela continuava à espera de uma resposta, acrescentou:

— Muito bem. Vou dizer-te o que penso.

Os olhos dela brilharam de interesse. Ele voltou a rir-se.

— Mas, agora não. Pistis precisa de descansar. Vem ter comigo antes das vésperas e, então, falaremos.

A admiração da Joana transpareceu-lhe, indisfarçável, nos olhos. Geraldo acariciou-lhe a face. Ela não passava de uma criança, mas era inegável que o tocava. Bem, o seu leito matrimonial era suficientemente frio, Deus o sabia, para que ele apreciasse o calor de um afecto tão inocente, sem que isso lhe pesasse muito na consciência.

O cavalo voltou a assoprar ao ouvido da Joana. Ela disse:

— Tenho uma maçã. Posso dar-lha?

Geraldo acenou afirmativamente.

— Pistis merece uma recompensa. Portou-se bem, hoje; um dia, há-de ser a melhor montada de caça.

Ela meteu a mão no seu saco e tirou uma maçãzinha verde. Chegou-a ao focinho do cavalo que a lambeu gentilmente, depois, engoliu-a. Quando ela retirou a mão, Geraldo viu uma mancha vermelha. Ela apercebeu-se de que ele tinha visto e procurou esconder a mão, mas ele apanhou-a e virou-a para a luz. Na palma da mão, havia um corte profundo, um pedaço de carne cortada e sangue seco.

— Odo — disse Geraldo baixinho.

— Sim.

Ela gemeu quando ele tocou cuidadosamente nos limites da ferida. Era evidente que Odo tinha utilizado a vara mais do que uma vez e com bastante força; a ferida era profunda e precisava de ser tratada imediatamente, para não infectar.

— Temos de tratar disto imediatamente. Vai para casa; vou lá ter já.

Teve de se esforçar para manter uma voz firme. Ficou surpreendido com a intensidade das suas próprias emoções. Odo tinha todo o direito de a castigar. Aliás, tinha talvez sido melhor que ele o tivesse feito, porque, tendo vingado a sua cólera desta forma, era menos provável que levasse a questão adiante. Mesmo assim, a visão da ferida provocou em Geraldo uma fúria irracional. Teria desejado esganar Odo.

— Não é tão mau como parece. — Joana olhava-o atentamente com aqueles olhos inteligentes e profundos.

Geraldo voltou a examinar a ferida. Era funda, precisamente na parte mais sensível da mão. Qualquer outra criança teria chorado e gritado de dor. Ela não tinha dito uma palavra, nem sequer depois de ter sido interpelada.

No entanto, algumas semanas antes, quando lhe tinham cortado o cabelo para lhe tirar a goma arábica, tinha gritado e lutado como uma sarracena. Depois, quando Geraldo lhe perguntou porque tinha ela resistido daquela maneira, ela não foi capaz de dar uma explicação melhor do que dizer que o som das tesouras a cortar-lhe o cabelo a tinham assustado.

Uma rapariga estranha, não havia dúvida. Talvez fosse por isso que ele a achava interessante.

— Pai!

Dhuoda, a filha mais nova de Geraldo, corria pela colina abaixo, na direcção onde Joana e ele se encontravam, no meio das árvores. Eles esperaram que ela os apanhasse, corada e sem fôlego da corrida.

— Pai!

Dhuoda levantou os braços ansiosa e Geraldo pegou-lhe e levantou-a no ar, fazendo-a rodopiar, enquanto ela gritava exuberantemente. Quando ele achou que já bastava, poisou-a no chão.

Corada e excitada, Dhuoda puxou-o pelo braço.

— Oh, Pai, anda ver! A Lupa pariu cinco cachorros. Posso ficar com um, Pai? Pode dormir na minha cama?

Geraldo riu-se.

— Veremos. Mas, primeiro... — ele agarrou-a com força porque ela já se tinha virado para correr de volta a casa, à frente dele —, primeiro, leva a Joana para casa; ela tem a mão ferida e precisa de a tratar.

— A mão? Mostra-me — pediu ela à Joana, que levantou a mão com um sorriso magoado.

— Oooooh. — Os olhos de Dhuoda abriram-se de fascínio horrorizado, ao ver a ferida. — Como foi?

— Ela conta-te no caminho para casa. — interrompeu Geraldo, impaciente. Ele não estava a gostar do aspecto da ferida; quanto mais cedo fosse tratada, melhor. — Despacha-te e faz como eu te disse.

— Sim, Pai. — Dhuoda disse para a Joana simpaticamente. — Dói muito?

— Não o suficiente para me impedir de chegar primeiro ao portão! — respondeu Joana e desatou a correr.

Dhuoda gritou de alegria e correu atrás dela. As duas raparigas subiram a colina juntas, rindo.

Geraldo ficou a olhar, sorrindo, mas os seus olhos estavam preocupados.

O Inverno chegou, assinalado indelevelmente na cabeça da Joana pela sua passagem para a idade adulta. Tinha treze anos e devia estar a contar com isso, mas, mesmo assim, apanhou-a de surpresa — o súbito aparecimento de uma nódoa castanha-escura na sua túnica de linho e uma

dor forte na barriga. Apercebeu-se imediatamente do que se tratava — já tinha ouvido a sua mãe e as mulheres da casa de Geraldo a falarem sobre isso muitas vezes e tinha-as visto a lavarem os seus panos todos os meses. Joana falou com uma criada, que se apressou a trazer-lhe um monte de panos limpos, piscando o olho, como quem sabe, quando lhos entregou.

Joana detestava o que se estava a passar. Não só por causa da dor e do incómodo, mas também por causa do significado que aquilo tinha. Sentia-se traída pelo seu próprio corpo, que parecia estar a ganhar cada dia contornos novos e desconhecidos. Quando os rapazes da escola começaram a fazer reparos trocistas aos seus seios que cresciam, ela atou-os firmemente com pedaços de pano. Doía, mas valia a pena. O seu género tinha sido sempre uma fonte de infelicidade e frustração, desde que ela se lembrava, e ela pretendia lutar tanto quanto possível contra a emergência da prova da sua feminilidade.

* * *

Wintarmanoth trouxe um gelo terrível, que atingiu a terra como um punho de ferro. O frio era tanto que fazia bater os dentes. Os lobos e os outros predadores da floresta aproximaram-se da cidade mais do que nunca; eram poucos os aldeões que se atreviam a sair sem motivo muito forte.

Geraldo tentou convencer Joana a não ir à escola, mas não a conseguiu dissuadir. Todas as manhãs, excepto ao sábado, ela vestia um grosso manto de lã, enrolando-o ao corpo, de forma a não entrar o vento; depois, enrijecendo o corpo contra o frio, percorria as duas milhas até à catedral. Quando vieram os ventos serranos e frigidíssimos de Hornung, espalhando o frio pelos caminhos, Geraldo mandou selar um cavalo todos os dias para ele próprio levar e trazer a Joana da escola.

Apesar de a Joana ver o seu irmão na escola todos os dias, ele nunca mais lhe tinha falado. Continuava a ser tremendamente lento nos estudos, mas a sua arte no uso da espada e da lança tinham-lhe alcançado o respeito da parte dos outros rapazes e ele apreciava visivelmente a sua companhia.

Não desejava perder o seu recém-descoberto sentimento de pertença pelo facto de reconhecer uma irmã que era um embaraço.

Afastava-se sempre que ela se aproximava.

As raparigas da cidade também se afastavam dela. Olhavam para a Joana com desconfiança, excluindo-a dos seus jogos e mexericos. Ela era uma aberração da natureza — tinha a inteligência de um homem, o corpo de uma mulher, não encaixava em lado nenhum; era como se pertencesse a um terceiro sexo, amorfo.

Ela não tinha companhia. Excepto a de Geraldo, é claro. Mas, Geraldo bastava. Joana ficava feliz só de estar perto dele, de falar, rir e conversar com ele sobre coisas de que não podia falar com mais ninguém no mundo.

Num dia frio, depois de ambos regressarem da escola, ele fez-lhe um sinal com a mão.

— Anda cá. — disse ele. — Quero mostrar-te uma coisa.

Levou-a através do grande vestíbulo de entrada no solar até ao pequeno escritório onde guardava os seus papéis. Pegou numa coisa comprida e rectangular e deu-lha.

Um livro! Um tanto velho e gasto, mas intacto. Em belas letras gravadas a ouro na capa de madeira estava escrito o título: De rerum natura.

De rerum natura. A grande obra de Lucrécio! Asclépios tinha-lhe falado muitas vezes da sua importância. Só existia uma cópia, segundo se dizia, guardada cuidadosamente na grande biblioteca de Lorsch. Mas, Geraldo estava a oferecer-lho tão naturalmente como se fosse um pedaço de carne.

— Mas, como...? — ela levantou os olhos curiosos para ele.

— O que está escrito pode ser copiado — respondeu ele com um sorriso cúmplice. — Pelo preço que custou, que foi bastante. O abade regateou bastante, dizendo que tinha poucos escribas. E, de facto, levou mais de dez meses a terminá-lo. Mas, aqui está. Não custou nem mais um denário do que vale.

Os olhos de Joana brilharam, quando apalpou a capa do livro.

Durante todos os meses em que tinha estudado na escola, nunca lhe tinha sido permitido trabalhar com textos como aquele. Odo tinha-a proibido terminantemente de ler as grandes obras dos clássicos da biblioteca

da catedral, restringindo-a ao estudo dos textos sagrados, que, segundo ele dizia, eram mais adequados à sua mente feminina, fraca e impressionável.

Orgulhosa como era, não tinha deixado que ele visse como isso a desgostava. Vá, põe grades na tua biblioteca, pensou ela, desafiadora. Não podes pôr grades no meu pensamento. Mesmo assim, tinha ficado com uma fúria, sabendo os tesouros de conhecimento que estavam fora do seu alcance. Geraldo tinha reparado; ele parecia saber sempre o que ela estava a pensar e a sentir. Como poderia ela não o amar?

— Vá, lê-o — disse Geraldo. — E quando tiveres terminado, vem ter comigo e falaremos sobre o que tu estiveste a ler. O que ele diz vai-te interessar muito.

Os olhos de Joana abriram-se de espanto.

— Então...

— Sim. Já o li. Estás surpreendida?

— Sim. Quer dizer, não... mas...

As bochechas de Joana coraram, enquanto titubeava uma resposta. Ela não sabia que ele sabia ler em latim. Era raro os nobres e os senhores das terras saberem sequer ler e escrever. Era um intendente, um homem letrado, que geria os seus bens e redigia a correspondência necessária.

Naturalmente, Joana tinha pensado que...

Geraldo riu-se, divertindo-se com o seu embaraço.

— Não faz mal. Tu não podias saber. Eu estudei durante alguns anos na Escola Palatina, quando o velho imperador Carlos Magno ainda era vivo.

— Na Escola Palatina!

O nome era legendário. A escola fundada pelo imperador tinha algumas das melhores cabeças da época. O grande Alcuíno tinha sido professor naquela escola.

— Sim. O meu pai mandou-me para lá. Queria que eu fosse um estudioso. O trabalho era interessante e eu gostava bastante, mas era jovem e não tinha temperamento para levar uma vida tão sedentária. Quando o imperador convocou homens para lutarem contra os obodritas, eu fui, apesar de só ter treze anos. Estive ausente durante anos, talvez ainda estivesse, mas, entretanto, morreu o meu irmão mais velho e eu fui chamado a casa para tomar conta da herança que lhe pertencia.

Joana olhou para ele, pensativa. Ele era um estudioso, um homem de letras! Como era possível que ela não tivesse percebido? Ela devia ter adivinhado pela forma como ele falava com ela acerca dos seus estudos.

— Vá, vai-te embora — enxotou-a Geraldo amigavelmente —, já sei que não podes esperar. Ainda falta uma hora para a ceia. Mas, está atenta à campainha.

Joana correu pelas escadas acima, a caminho do dormitório que partilhava com Dhuoda e Gisla. Deitou-se na sua cama e abriu o livro. Leu lentamente, saboreando as palavras, parando ocasionalmente para tomar nota de uma frase ou raciocínio particularmente elegante. Quando a luz do quarto desapareceu, ela acendeu uma vela e continuou a trabalhar.

Continuou a ler, esquecendo-se completamente do tempo e teria perdido a ceia, se Geraldo não tivesse acabado por mandar uma criada chamá-la.

As semanas passaram depressa, cheias do entusiasmo que Joana e Geraldo punham no estudo em conjunto. Ao acordar, Joana pensava, impaciente, como haveria de fazer para que o tempo passasse, até ao fim das vésperas, quando, depois da ceia e das devoções devidas, ela e Geraldo podiam retomar a sua leitura de Lucrécio.

De rerum natura era uma revelação — um livro maravilhoso, cheio de conhecimento e de sabedoria. Lucrécio tinha dito que, para descobrir a verdade, bastava observar o mundo natural.

Era uma ideia que fazia todo o sentido no tempo de Lucrécio, mas que era extraordinária, senão mesmo revolucionária, no anno domini de 827. Mesmo assim, era uma filosofia que seduzia profundamente o tipo de mentes como a de Joana e de Geraldo.

De facto, foi por causa de Lucrécio que Geraldo capturou a loba branca.

Um dia, quando Joana regressou da escola, Villaris estava em alvoroço. Os cães da casa ladravam desesperadamente; os cavalos galopavam como loucos em torno do perímetro dos seus currais; toda a propriedade ecoava com sons ensurdecedores.No meio do pátio, Joana descobriu o motivo de tanta excitação.

Uma grande loba branca lutava, debatia-se e uivava furiosamente dentro das grades de uma gaiola oblonga. As grades da gaiola, construída em madeira com três polegadas de grossura, rangiam sob as investidas da besta em fúria. Geraldo e os seus homens cercavam a área, com as suas lanças e os seus arcos a postos, não fosse a criatura conseguir libertar-se.

Geraldo fez sinal a Joana para que ela se mantivesse longe.

Quando viu os estranhos olhos cor-de-rosa da loba, chispando de ódio, Joana deu consigo mesma a desejar que as grades resistissem. Depois de algum tempo, a loba cansou-se e ficou parada, com as pernas sólidas e a cabeça baixa, uivando. Geraldo baixou a lança e foi ter com Joana.

— Agora, vamos testar a teoria do Odo!

Durante a noite, ficaram os dois de vigília, determinados a não perder o momento do parto. Não aconteceu nada. A loba vagueava pela jaula e não mostrava sinais de parto iminente.

Já quase tinham começado a duvidar que a besta estava prenhe, quando, subitamente, ela entrou em trabalho de parto.

Aconteceu durante o turno de vigia de Joana. A loba levantava-se e deitava-se no chão, como se não conseguisse sentir-se confortável. Finalmente, começou a roncar e a ter contracções. Joana correu para ir chamar Geraldo e encontrou-o no solar com Richild. Dirigindo-se a eles como um torvelinho, Joana esqueceu-se dos cumprimentos normais.

— Vem depressa! Já começou!

Geraldo levantou-se imediatamente. Richild franziu o sobrolho e parecia que ia a dizer alguma coisa, mas não havia tempo a perder. Joana virou-lhe as costas e correu pela galeria coberta que dava acesso ao pátio principal. Geraldo, que tinha parado para pegar numa tocha, foi logo atrás dela.

Nenhum deles reparou na expressão de Richild, quando os viu partir.

Quando chegaram ao pátio, a loba estava em pleno trabalho de parto. Joana e Geraldo viram aparecer uma patinha, seguida de outra e depois uma cabecinha perfeita. Finalmente, com um último esforço, um corpinho negro escorregou para a palha no chão da jaula.

Joana e Geraldo aproximaram-se para o ver na escuridão da jaula.

O lobinho recém-nascido estava inerte, completamente coberto de placenta, por isso, eles mal conseguiam distinguir a cabeça da cauda.

A mãe cortou a placenta e comeu-a.

Geraldo levantou a tocha e aproximou-a das grades da jaula para se ver melhor. O recém-nascido parecia não estar a respirar.

A mãe entrou novamente em trabalho de parto. Já tinham passado alguns momentos e o recém-nascido continuava a não se mexer ou a dar qualquer sinal de vida.

Joana olhou para Geraldo desanimada. Era assim? Será que ele jazia ali inerte, à espera que o seu pai lhe instilasse a vida? Será que Odo, afinal, tinha razão?

Se tinha, então, eles tinham-no morto porque o tinham afastado do pai que lhe daria a vida.

A mãe voltou a uivar; saiu um segundo corpinho, caindo por cima do outro. O impacto sacudiu o primogénito, que se mexeu e chiou em sinal de protesto.

— Olha! — disseram os dois um para o outro e apontaram ao mesmo tempo, exultantes. Riram-se, contentes com o resultado da sua experiência.

Os dois cachorrinhos aproximaram-se da mãe para mamarem, mesmo antes de ela ter terminado de dar à luz o terceiro.

Juntos, Geraldo e Joana viram o nascimento desta nova família. As suas mãos procuraram-se uma à outra no escuro, encontrando-se e apertando-se em sintonia.

Joana nunca se tinha sentido tão perto de ninguém em toda a sua vida.

— Sentimos a vossa falta nas vésperas — disse Richild, acusadoramente, do pórtico. — É a noite de São Norberto, esqueceste-vos? É um fraco exemplo quando o senhor da casa não cumpre as sagradas devoções.

— Tinha mais que fazer — respondeu Geraldo friamente.

Richild começou a responder, mas a Joana interrompeu, excitada:

— Estivemos a ver a loba a parir as crias! Elas não nascem mortas, apesar do que as pessoas dizem - disse ela, exultante — Lucrécio tinha razão!

Richild ficou a olhar para ela como se ela fosse maluca.

— Tudo o que acontece na natureza tem uma explicação — continuou Joana —, estais a ver? Os cachorros nasceram vivos, sem qualquer necessidade de sobrenatural, tal como Lucrécio disse!

— Que conversa ímpia é essa? Criança, estás febril?

Geraldo meteu-se rapidamente entre elas.

— Vai-te deitar, Joana — disse ele, por cima do ombro dela — já é tarde.

Levou Richild pelo braço e meteu-a em casa.

Joana ficou onde estava, a ouvir a voz da Richild a ecoar, estridente, no ar calmo da noite.

— É o que dá educar uma rapariga acima das suas capacidades de aprender. Geraldo, tens de deixar de a encorajar nestas coisas aberrantes!

A Joana voltou lentamente para o seu quarto de dormir.

Depois de a loba ter parido as suas crias, mataram-na. Ela era perigosa. Já tinha atacado e levado uma criancinha e uma assassina daquelas não podia andar à solta. O último cachorro a nascer era fraco e sobreviveu apenas alguns dias. Mas, os outros dois cresceram, tornando-se cãezinhos robustos e vivos, cujas brincadeiras encantavam Joana e Geraldo. Um deles tinha o pêlo castanho e cinzento, típico dos lobos da floresta nesta parte da terra dos Francos; Geraldo ofereceu-o a Fulgêncio, que teve um prazer especial em o mostrar a Odo. O outro cachorro, o primogénito, tinha o pêlo branco e os olhos opacos e raros da sua mãe; ficaram com ele. Joana e Geraldo puseram-lhe o nome de Luke, em honra de Lucrécio, e o seu afecto pelo cachorro vivaço fortaleceu ainda mais os laços existentes entre eles.

Capítulo 10

Ia haver uma feira em São Dinis! A notícia era surpreendente — não havia uma feira ou mercado em todo o reino há mais anos do que as pessoas eram capazes de contar. Apesar disso, alguns dos mais velhos — como Burchard, o moleiro — lembravam-se de um tempo em que costumava haver duas ou três feiras por ano na terra dos francos. Era o que diziam, apesar de ser difícil de acreditar. É claro que tinha sido no tempo do imperador Carlos de boa memória e as estradas e pontes ainda estavam em bom estado, não havia ladrões e charlatães a assaltarem os caminhos, nem o terror selvagem dos escandinavos — Deus nos proteja! — a assolarem o país inesperadamente.

Agora, as estradas eram demasiado perigosas para que as feiras fossem rentáveis; os mercadores não se atreviam a transportar mercadorias valiosas por estradas sem segurança e as pessoas não tinham vontade de arriscar a vida em viagens.

Mesmo assim, ia haver uma feira. E seria de admirar que metade do que o arauto, que trouxera as notícias, tinha dito, fosse verdade. Haveria mercadores de Bizâncio, que traziam especiarias, sedas e brocados exóticos; mercadores venezianos com edredões de penas de pavão e peles verdadeiras; negociantes de escravos que traziam a sua carga humana de eslavos e saxónios; lombardos com sacos de sal empilhados dentro de navios com as suas velas laranja a brilharem com os signos do zodíaco e toda a espécie de divertimentos: trapezistas e acrobatas, contadores de histórias, momos, cães e ursos treinados.

São Dinis era longe dali — na realidade, ficava a umas cento e cinquenta milhas de Dorstadt, uma noite de viagem, por estradas sinuosas e rápidos. Mas, ninguém se importava com isso. Toda a gente que conseguisse arranjar um cavalo, uma mula ou até mesmo um pónei, iria.

A comitiva de Geraldo, própria de um conde, era grande. Quinze fideles de Geraldo, bem armados, iriam com ele a cavalo, assim como vários criados para servirem a família.

Joana iria e, por especial favor — Joana tinha a certeza que tinha sido ideia de Geraldo — o João também tinha sido convidado. Richild tinha preparado tudo cuidadosamente; tinha-se esforçado para que nada lhes faltasse em conforto e segurança durante a viagem. Há dias que as carruagens tinham sido levadas para o pátio do castelo e carregadas com provisões.

Na manhã da partida, Villaris agitava-se. Os criados corriam de um lado para o outro, alimentando e carregando os cavalos; o despenseiro e os moços de cozinha suavam ao forno, cuja alta chaminé exalava roldões de fumo; o ferreiro trabalhava furiosamente na forja, terminando uma quantidade de ferraduras, pregos e peças de carruagem suplentes. Os sons mais diversos misturavam-se numa tremenda confusão: as criadas gritavam umas com as outras, erguendo a voz acima dos gritos mais grossos e dos assobios dos valetes, as vacas mugiam e batiam com os cascos, enquanto eram mugidas, um burro sobrecarregado zurrava alto, em sinal de protesto contra a sua carga. A actividade levantava uma quantidade enorme de pó, que pairava no ar, iluminado pela luz do sol primaveril como se fosse ouro em pó.

Joana passeava pelo pátio, observando, impaciente e atenta, os últimos preparativos. Luke saltava à volta dela, com as orelhas levantadas e os olhos opalescentes brilhantes de ansiedade. Também ia, porque, segundo Geraldo tinha dito, o cachorro de seis meses de idade estava tão ligado a Joana que não havia forma de os separar. Joana riu-se e fez uma festa no pêlo de neve de Luke. Ele lambeu-lhe a palma da mão e sentou-se, de boca muito aberta, como se também se estivesse a rir.

— Se não tens mais nada que fazer se não estar a olhar, dá uma ajuda ao despenseiro.

Richild empurrou a Joana para a cozinha, onde o despenseiro fazia gestos frenéticos com as mãos cobertas de farinha. Tinha estado a pé durante toda a noite, a fazer biscoitos e empadas para a viagem.

A meio da manhã, o séquito preparou-se para partir. O capelão fez uma pequena oração para que os viajantes chegassem sãos e salvos ao seu destino e o cortejo de carruagens e cavalos saiu lentamente para a estrada. Joana ia no primeiro carro, atrás de Geraldo e dos seus homens, juntamente com Richild, Gisla e Dhuoda e as três raparigas da aldeia aias das senhoras.

As mulheres recostaram-se nos bancos em madeira rija quando as rodas começaram a saltar sobre a estrada.

Luke corria ao lado do carro, vigiando Joana. Ela olhou para diante e viu o João a cavalgar com os homens, sentado confortavelmente num excelente jumento ruço.

Eu monto tão bem como ele, pensou Joana. Geraldo tinha passado muitas horas a ensiná-la a montar e, agora, ela era uma boa amazona.

Como se se tivesse apercebido subitamente de que estava a ser observado, João virou-se e sorriu-lhe de uma forma simultaneamente íntima e maliciosa. Depois, esporeou a montada e pôs-se a cavalgar ao lado de Geraldo. Começaram a falar um com o outro; Geraldo deitou a cabeça para trás e começou-se a rir.

Uma onda de ciúme invadiu o coração da Joana. O que teria João a dizer a Geraldo que o divertisse tanto? Não tinham nada em comum. Geraldo era um homem instruído, um erudito. O João não percebia nada dessas coisas. E, no entanto, cavalgava ao lado de Geraldo, falando com ele, rindo com ele, enquanto ela seguia numa miserável carroça.

Porque era uma rapariga. Não era a primeira vez que ela amaldiçoava o golpe do destino que a tinha feito mulher.

— É feio ficar a olhar, Joana.

Os olhos escuros de Richild olhavam desdenhosamente para Joana.

Joana desviou os olhos de Geraldo.

— Perdão, senhora.

— Mantém as tuas mãos cruzadas sobre o regaço — mandou Richild — e os olhos baixos, como é próprio de uma mulher composta.

Joana obedeceu-lhe.

— Um comportamento apropriado — continuou Richild — é uma virtude maior numa senhora do que saber ler — coisa que saberias se tivesses sido educada de forma conveniente.

Olhou para Joana friamente durante alguns momentos, antes de voltar a concentrar-se no seu bordado.

Joana olhava para ela pelo canto do olho. Como ela era bonita, segundo aquilo que na época era considerado como beleza: uma tez clara, austera, ombros estreitos. A sua pele leitosa esticava-se sobre uma testa

altíssima, adornada por ricos cachos de espesso cabelo negro. Os seus olhos, protegidos por longas pestanas negras, eram de um castanho tão escuro que pareciam quase pretos. Joana sentiu inveja. Richild era tudo quanto ela não era.

— Anda, tens de nos ajudar a decidir — disse Gisla, a filha mais velha, à Joana. — Que vestido hei-de usar para a festa de casamento? — ria-se, excitada.

Gisla tinha quinze anos. Era menos de um ano mais velha do que Joana e já estava prometida ao conde Hugo, um nobre neustriano. Geraldo e Richild estavam satisfeitos porque a união era um bom arranjo. O casamento seria dali a seis meses.

— Oh, Gisla, tens tantas coisas bonitas.

E era verdade. Joana tinha ficado espantada com o tamanho do guarda-roupa de Gisla — suficiente para usar uma túnica diferente cada dia, se ela quisesse. Em Ingelheim, uma rapariga só tinha uma túnica, em lã grossa, se tivesse sorte, e que guardava ciosamente, porque tinha de durar muitos anos.

— Tenho a certeza de que o conde Hugo te vai achar bonita com qualquer uma.

Gisla voltou a rir-se. Tinha bom coração, mas não era muito inteligente. Começava a rir-se nervosamente cada vez que o nome do noivo era mencionado.

— Não, não — disse ela, sem fôlego. — Não te podes escapar assim tão facilmente. Ouve. A mãe acha que devo usar a azul, mas eu acho que devo usar a amarela. Anda, responde-me como deve ser.

Joana suspirou. Gostava de Gisla, apesar da sua futilidade e do seu comportamento tolo. Partilhavam a mesma cama desde a primeira noite em que Geraldo tinha trazido Joana do palácio do bispo, cansada e assustada. Gisla tinha recebido bem Joana, tinha sido gentil com ela e Joana tinha-lhe ficado eternamente grata. Mesmo assim, era inegável que aquela conversa com Gisla seria desesperante porque os seus interesses se confinavam a roupas, comida e homens. Nas últimas semanas, não tinha parado de falar do casamento, o que já começava a enervar toda a gente.

Joana sorriu, fazendo um esforço por ser simpática.

— Acho que devias usar a azul. Condiz com os teus olhos.

— A azul? A sério? — Gisla levantou as sobrancelhas. — Mas, a amarela tem um lindo galão à frente.

— Então, a amarela.

— Mas, a azul fica mesmo bem com os meus olhos. Talvez seja melhor. O que achas?

— Eu acho que se volto a ouvir falar nessa estúpida festa de casamento, começo a gritar — disse Dhuoda. Tinha nove anos de idade e tinha ciúmes da atenção que a irmã mais velha tinha atraído nas últimas semanas. — Quem é que quer saber a cor da túnica que tu vais usar!

— Dhuoda, esse reparo não é próprio de uma senhora.

Richild levantou os olhos do bordado para repreender a filha mais nova.

— Perdão — disse Dhuoda a Gisla, contristada.

Mas, mal a mãe desviou os olhos, mostrou a língua a Gisla, que sorriu, divertida.

Richild disse:

— Quanto a ti, Joana, não tens nada que dar opinião. Gisla usará o que eu achar melhor.

Joana corou com a repreensão, mas não disse nada.

— O conde Hugo é um homem muito elegante — disse Berta, uma das criadas.

Era uma rapariga corada de pouco mais de dezasseis invernos, nova no serviço, tendo sido trazida havia um mês para substituir uma rapariga que tinha morrido de tifo.

— É tão elegante na sua montada, com o casaco e as luvas de arminho.

Gisla riu-se encantada. Encorajada, Berta continuou:

— E, senhora, da maneira como ele olha para vós, não importa que túnica usais. Na noite de núpcias, ele depressa vo-la tirará!

Ela riu-se ruidosamente, satisfeita com a sua graça. Gisla ficou sufocada. As outras ficaram caladas, olhando para Richild.

Richild pousou o bordado, com os olhos ensombrados de ira.

— O que disseste? — perguntou ela num tom ameaçadoramente sério.

— Ah... nada, senhora — disse Berta.

— Oh, Mãe, de certeza que ela não tinha intenção... — Gisla tentou intervir em vão.

— Grosserias e obscenidades! Não as tolerarei na minha presença!

— Perdão, senhora — disse Berta, arrependida. Mas continuava a sorrir um pouco, não acreditando que Richild estivesse realmente zangada.

Richild estendeu o braço na direcção da parte de trás do carro.

— Fora.

— Mas, senhora! — disse Berta, compreendendo, finalmente, a dimensão do seu erro. — Eu não queria...

— Fora! — Richild foi inflexível. — Em penitência pela tua impudicícia, irás a pé o resto do caminho.

Era uma viagem difícil até São Dinis. Berta olhou para os seus pés, calçados com coturnos meios rotos. Joana teve pena dela. O seu reparo tinha sido desajeitado e impensado, mas a rapariga era jovem e nova no serviço e era óbvio que não tinha pretendido ofender ninguém.

— Recitarás alto o Pai-Nosso enquanto caminhas.

— Sim, senhora — disse Berta, resignada.

Saltou do carro, tomou posição ao seu lado e, pouco depois, começou a recitar.

— Pater Noster qui es in caelis...

Recitava numa lengalenga cuja estranha melodia acentuava as palavras erradas. Joana tinha a certeza que ela não sabia o que estava a dizer.

Richild regressou ao seu bordado. O seu cabelo negro brilhava ao sol, quando debruçou a cabeça sobre o seu tear. Os seus lábios estavam apertados, os olhos endurecidos pela fúria, quando meteu a agulha no tecido grosso.

É uma mulher infeliz, pensou Joana. Era difícil de compreender, uma vez que era casada com Geraldo. Mas, o casamento deles tinha sido arranjado e, apesar de muitos desses casamentos terem acabado por ser felizes, este não o era. Dormiam em camas separadas e, a acreditar nos comentários dos criados, não se conheciam como marido e mulher havia muitos anos.

— Queres montar?

Geraldo sorriu para ela do alto do seu garanhão. Na sua mão direita, segurava as rédeas de Boda, uma égua baia de que ele sabia que Joana gostava particularmente.

Joana corou, embaraçada pelo que estava a pensar. Estava tão perdida nos seus pensamentos que não tinha reparado que Geraldo tinha ido buscar Boda ao grupo de montadas e que a tinha trazido para junto da carruagem.

— Montar com os homens? — disse Richild. — Não o permitirei! Não seria próprio!

— Que disparate! — respondeu Geraldo. — Não tem mal nenhum e a rapariga quer montar, não queres, Joana?

— Eu... eu... — disse ela, desajeitadamente, apanhada de surpresa e sem vontade de ofender Richild ainda mais.

Geraldo levantou um sobrolho.

— Claro, se preferes ficar no carro...

— Não! — disse Joana rapidamente. — Por favor, adorava montar a Boda.

Levantou-se e estendeu os braços. Geraldo riu-se e pegou-lhe pelos pulsos, levantando-a no ar, até a sentar na sela.

Depois, mantendo os cavalos próximos um do outro, passou-a para o dorso da Boda.

Ela sentou-se na sela. Na carruagem, Gisla e Dhuoda olhavam surpreendidas e Richild com manifesta desaprovação. Geraldo parecia não ter reparado. Joana pôs Boda a trote e dirigiu-se rapidamente para a frente da fila.

O trote suave e ritmado da montada era um prazer, comparado com os solavancos da carruagem. Luke corria ao seu lado, com a cauda levantada, demonstrando um contentamento quase tão grande como o de Joana. Ela avançou para o lado de João, que não escondia o seu desagrado. Joana sorriu, bem disposta. A estrada para São Dinis, afinal, não seria assim tão longa.

Passaram um afluente do Reno sem qualquer dificuldade; a ponte era robusta e larga, tinha sido construída no tempo do imperador Carlos e continuava a ser conservada pelo senhor daquele condado. Mas o Mosel, a cujas margens chegaram no oitavo dia, apresentou-se como um problema

porque a ponte estava em ruínas. As tábuas estavam podres e havia buracos, onde uma ou duas tábuas faltavam, tornando a passagem impossível. Tinha sido improvisada uma ponte artesanal, com barcos de madeira atados uns aos outros em fila; uma pessoa podia passar através delas. Mas, a ponte de barcas não era adequada para tanta gente e para tantos cavalos e carruagens carregadas de mercadorias. Geraldo e dois homens dirigiram-se para sul, ao longo da margem, à procura de um local de travessia. Voltaram uma hora depois, dizendo que, duas milhas mais abaixo, havia um sítio onde o rio se podia passar a vau.

A caravana voltou a partir, com os carros balançando perigosamente, ao pisarem o denso matagal da margem. As mulheres agarravam-se com ambas as mãos aos bordos dos carros para evitar serem atiradas para fora dos mesmos. Berta continuava a seguir a pé, com os lábios a moverem-se numa oração interminável. O cânhamo dos seus coturnos estava tão gasto que ela tinha começado a coxear; os seus dedos dos pés estavam inchados, as solas dos pés cortadas e a sangrar. Mesmo assim, Joana reparou que ela, de vez em quando, olhava de esguelha para Richild e as suas filhas e parecia ficar um tanto satisfeita ao vê-las saltar dentro do carro.

Por fim, chegaram ao vau. Geraldo e vários outros cavaleiros desceram primeiro ao rio para avaliarem a sua profundidade e se havia correntes. A água rodopiou rapidamente em torno deles; chegou-lhes à altura das suas vestes antes de começar a descer onde o leito do rio começava a inclinar-se para a margem do lado oposto.

Geraldo voltou para trás e fez sinal ao resto da caravana para que avançassem. Sem hesitar, Joana dirigiu-se para o rio, seguida de perto por Luke, que mergulhou e nadou em movimentos seguros e confiantes. Depois de um momento de hesitação, João e os outros foram atrás deles.

A água fria do Mosel cercou Joana. Ela arrepiou-se quando a humidade penetrou nas suas roupas e lhe atingiu a pele. Atrás dela, os carros começaram a descer lentamente para o rio, puxados pelas mulas renitentes. Berta lutava para se manter à tona, através da água fria, que lhe chegava quase aos ombros.

Ao olhar para trás, Joana viu que Berta estava com dificuldades.

Dirigiu-se para ela. A montada podia transportar ambas para o outro lado, sem qualquer problema. Não estava a mais de cinco pés dela, quando a rapariga desapareceu, imergindo na superfície da água a uma velocidade tal como se tivesse sido puxada pelos pés. Joana parou, sem saber o que fazer; depois, dirigiu a sua montada na direcção dos círculos de água, cada vez maiores, que assinalavam o local onde Berta tinha desaparecido.

— Para trás!

A mão do Geraldo agarrou as rédeas, fazendo parar a montada.

Partiu um grande ramo de um chorão que pendia, desmontou e caminhou lentamente para a margem, sondando o leito do rio a cada passo. À distância de um braço do local onde Berta tinha desaparecido, parou: o ramo tinha-se enterrado muito fundo.

— Um poço!

Tirou o manto e mergulhou.

De repente, instalou-se uma confusão tremenda. Os homens andavam para trás e para diante dentro de água, gritando instruções e batendo na água com varas. E Geraldo estava ali. Podiam estar a pisá-lo, a magoá-lo, como era possível que não o compreendessem?

— Parai! — gritou Joana, mas eles não lhe prestaram atenção.

Ela dirigiu-se a Egbert, chefe dos criados de Geraldo e agarrou-o firmemente pelo braço. — Parem! — disse ela.

Surpreendido, Egbert fez um gesto para a sacudir, mas ela dissuadiu-o com um olhar.

— Dizei-lhes que parem; ainda estão a fazer pior.

Ele fez sinal aos outros. Eles pararam, circundando o redemoinho e esperando num silêncio de morte.

Passou um minuto. Atrás deles, o primeiro carro chegou à outra margem e subiu para terra. Joana não reparou. Os seus olhos estavam pregados no local onde Geraldo tinha desaparecido.

O medo deixava-lhe as palmas das mãos húmidas. As rédeas escorregavam-lhe das mãos. A montada, pressentindo que havia problemas, estacou. Luke atirou a cabeça para trás e uivou.

— Deus Misereatur — rogou ela. — Deus, misericórdia. Pedi-me o sacrifício que for da Vossa vontade, mas permiti que ele se salve.

Dois minutos.

Era tempo de mais. Ele precisava de subir para respirar. Ela desmontou, entrando na água fria. Não sabia nadar, mas não parou para pensar nisso. Começou a chapinhar na direcção do poço. Luke saltou para a frente e para trás à sua frente, tentando impedi-la de avançar, mas ela passou-lhe à frente. Só pensava numa coisa, chegar a Geraldo, puxá-lo, salvá-lo.

Estava a meia jarda do poço, quando se ouviu um chapinhar e um barulho na água. Geraldo emergiu de repente e respirou fundo, com o cabelo vermelho colado à cara.

— Geraldo!

O grito exultante de Joana sobrepôs-se às vozes dos homens.

Geraldo virou-se para ela e acenou-lhe. Depois, respirou fundo, preparando-se para voltar a mergulhar.

— Vede!

O condutor da mula do primeiro carro apontou para um ponto no caudal do rio.

Uma espécie de corola azul apareceu à superfície e aproximou-se suavemente da margem oposta. O vestido da Berta era azul.

Eles voltaram a montar e desceram o rio. Berta flutuava de costas, presa em ramos e detritos que se tinham acumulado ao longo da margem. Os seus membros estavam afastados, como se estivessem desgarrados, e o seu rosto inerte exprimia uma impotência e um medo terríveis.

— Pegai nela — ordenou Geraldo bruscamente. — Levá-la-emos para a igreja de Prum para que tenha um funeral decente.

Joana começou a tremer violentamente, sem ser capaz de desviar os olhos de Berta. Morta, era tão parecida com Mateus — a mesma pele cinzenta, os olhos semicerrados, a boca retorcida.

De repente, Geraldo segurava-a nos braços, voltando-lhe a cabeça para o outro lado e apertando-a contra os seus ombros.

Ela fechou os olhos e apoiou-se nele. Os homens desmontaram e entraram na água; ela ouviu o restolhar suave do caniçal, quando eles libertaram o corpo de Berta.

— Ias à minha procura, não ias?

Perguntou Geraldo, murmurando-lhe ao ouvido. Falava admirado, como se tivesse acabado de se aperceber de tal.

— Sim — disse ela, sem levantar a cabeça do seu ombro.

— Sabes nadar?

— Não — reconheceu ela e sentiu que os braços de Geraldo a apertavam, enquanto permaneciam juntos perto da margem do rio.

Por trás deles, os homens transportavam lentamente o corpo de Berta para o carro. O capelão aproximou-se, de cabeça baixa, recitando uma oração pelos mortos. Richild não rezava com ele. A sua cabeça estava levantada, olhando para Joana e para Geraldo.

Joana libertou-se do abraço de Geraldo.

— O que foi? — O seu olhar estava cheio de afecto e preocupação.

Richild continuava a observá-los.

— N-nada. — Ele seguiu a direcção do seu olhar. — Ah.

E retirando suavemente um caracol de cabelo dourado que caía sobre o rosto de Joana, disse:

— Vamos ter com os outros?

Lado a lado, dirigiram-se para as carruagens. Depois, Geraldo afastou-se para falar com o capelão por causa do corpo.

Richild disse:

— Joana, vais connosco no carro durante o resto da viagem. Estarás mais segura aqui connosco.

Não valia a pena protestar. Joana subiu para o carro.

Os homens depositaram cuidadosamente o corpo de Berta num dos carros da retaguarda, afastando os sacos, para arranjar espaço. Uma criada da casa, uma mulher idosa, começou a gritar, debruçando-se sobre o corpo de Berta.

As mulheres começaram a carpir, como era tradicional nos funerais. Toda a gente esperava num silêncio respeitoso e embaraçado. Depois de um intervalo de tempo decente, o capelão aproximou-se e falou baixinho com a mulher. Ela levantou a cabeça; os seus olhos, loucos de desgosto e dor, fixaram-se em Richild.

— Vós! — gritou ela. — Fostes vós, senhora! Vós mataste-a! Ela era boa rapariga, a minha Berta, ter-vos-ia servido bem! A sua morte foi

vossa culpa, senhora. Vossa culpa!

Dois dos criados de Richild agarraram a mulher rudemente e levaram-na, ainda gritando imprecações.

O capelão aproximou-se de Richild, juntando as mãos em sinal de contrição.

— É a mãe da Berta, senhora. O desgosto enlouqueceu a pobre mulher. Claro que a morte da filha foi um acidente. Um acidente trágico.

— Não foi um acidente, Wala — disse Richild, muito séria. — Foi a vontade de Deus.

Wala empalideceu.

— Claro, claro.

Enquanto capelão de Richild, um padre doméstico, privado, Wala tinha uma posição um pouco melhor do que a de um simples colonus; se lhe desagradasse, ela podia mandá-lo açoitar — ou, pior ainda, podia mandá-lo embora.

— Foi a vontade de Deus. A vontade de Deus, senhora, de certeza.

— Vai e fala com a mulher porque o seu desgosto deve ter posto a sua alma em perigo de morte.

— Ah, senhora! — Ele levantou as mãos brancas ao céu. — Que paciência celestial! Que caritas!

Ela despediu-o impacientemente e ele afastou-se, parecendo um homem que tinha acabado de ser libertado da forca a tempo.

Geraldo mandou partir e a caravana começou a mover-se ao longo da margem, na direcção da estrada para São Dinis. Atrás deles, no carro da retaguarda, os gritos da mãe transformaram-se progressivamente num soluçar insistente e de partir o coração. Os olhos de Dhuoda estavam cheios de lágrimas; Gisla tinha mesmo perdido o seu humor inquebrantável. Poderia alguém ser tão habilidoso a esconder as suas emoções ou será que ela era realmente tão fria como parecia? Será que não sentia qualquer peso na consciência pela morte da rapariga?

Richild olhou para ela. Joana desviou os olhos para que ela não lhe lesse os pensamentos.

Vontade de Deus? Não, senhora. Vontade vossa.

O primeiro dia da feira foi muito atarefado. As pessoas acorriam através do enorme portão em ferro que conduzia ao descampado em frente à

Abadia de São Dinis — camponeses vestidos com bandelettes andrajosas e camisas de linho rude; nobres e fideles em túnicas de seda debruadas com enfeites em ouro, com as suas esposas pelo braço, cobertas elegantemente com mantos guarnecidos a pele e jóias; os lombardos e os aquitanos nas suas exóticas calças e botas bufonas. Joana nunca tinha visto uma aglomeração humana tão estranha e tão grande.

No campo, as barracas dos mercadores sucediam-se sem interrupção, com as suas mercadorias variadas dispostas numa mistura exuberante de cores e formas.

Havia mantos e capas de seda púrpura, penas de pavão, casacos de pele tingida, manjares raros, como amêndoas e passas e toda a espécie de aromas e especiarias, pérolas, gemas, prata e ouro. Continuavam a entrar mais mercadorias pelos portões, amontoadas em vagões ou em pilhas desordenadas, às costas dos comerciantes mais pobres, dobrados ao peso da carga. Muitos deles não iriam dormir nessa noite, com dores nos músculos forçados para além dos seus limites, mas, assim, evitavam os duros impostos, o rotaticum e o saumaticum, cobrados sobre as mercadorias transportadas em veículos de rodas e sobre bestas de carga.

Ao entrarem o portão, Geraldo disse à Joana e ao João:

— Abram as vossas mãos.

Colocou um denário em prata em cada uma das palmas estendidas.

— Gastem-nos bem.

Joana olhou para a moeda reluzente. Só tinha visto um denário uma vez ou duas e, mesmo dessas vezes, tinha sido à distância porque, em Ingelheim, os produtos eram trocados; mesmo o salário do pai, o dizimo cobrado aos camponeses da sua paróquia, era sempre entregue em mercadorias e provisões.

Um denário! Parecia uma fortuna desmedida.

Vaguearam pelos estreitos e apinhados corredores entre as barracas. Os vendedores expunham as suas mercadorias, os clientes regateavam os preços acaloradamente e artistas de todos os tipos — dançarinos, malabaristas, acrobatas, domadores de ursos e de macacos — faziam as suas habilidades.

O barulho dos inúmeros negócios, da galhofa e das discussões levadas a cabo em centenas de dialectos e línguas diferentes rodeavam-nos

por todos os lados. Era fácil perder-se na multidão que se acotovelava. Joana deu a mão ao João — para sua surpresa, ele não protestou — e manteve-se junto a Geraldo. Luke seguia-os de perto, inseparável de Joana, como sempre. O pequeno grupo depressa se separou de Richild e dos outros, que andavam mais devagar. A meio da primeira fila de barracas, pararam e esperaram por eles. À sua esquerda, uma mulher gritava com dois mercadores que puxavam cada um deles por uma das pontas de um pedaço de linho para o medir com uma longa régua em madeira.

— Parai! — gritava a mulher. — Imbecis! Ides rasgá-lo!

De facto, parecia que os homens iam rasgar o tecido ao meio para ficar cada um deles com a parte maior.

Um pouco mais à frente, ouviam-se gritos e risos vindos de um grupo de gente reunido em círculo.

— Anda.

João puxou Joana pelo braço. Ela hesitou, não querendo deixar Geraldo, mas ele cedeu à vontade do João e levou-os, benevolentemente, naquela direcção.

Quando eles se aproximavam, ouviu-se outro grito. Joana viu um homem cair de joelhos no centro da clareira, apalpando o ombro, como se estivesse ferido. Levantou-se rapidamente e, então, Joana reparou que ele tinha na mão uma grande vara de vidoeiro. Estava outro homem no interior do círculo, armado de modo semelhante. Giravam um à volta do outro, agitando ferozmente as pesadas varas. Ouviu-se um guincho estranho e agudo, ao mesmo tempo que um porco salpicado de sangue correu freneticamente entre os dois homens, com as suas pernas atarracadas saltando como uma batedeira de manteiga. Os dois homens precipitaram-se para o porco, mas, em vão; aquele que tinha caído havia pouco deu um grito, quando apanhou um golpe nas partes baixas. A multidão ria-se a bandeiras despregadas.

João ria-se com os outros. Os seus olhos brilhavam de entusiasmo. Puxou a manga de um camponês baixo e marcado pelas bexigas, que estava ao lado deles.

— O que se passa? — perguntou ele, excitado.

O homem sorriu-lhe e os buracos na sua cara aumentaram ao esticar da pele.

— Então, andam atrás de um porco, rapaz, estás a ver? Aquele que o matar, leva-o para casa para o comer.

Estranho, pensou Joana, enquanto olhava para os dois homens em competição por uma recompensa. Vibravam as suas varas com força, mas os seus golpes não acertavam, eram imprecisos, acertando no ar ou um no outro com mais frequência do que no desgraçado porco. Havia qualquer coisa estranha na aparência do homem que estava à sua frente. Ela olhou com mais atenção e reparou numa brancura leitosa no lugar das pupilas. Agora, o outro homem virou-se para ela; os seus olhos pareciam normais, mas o seu olhar era vago, fixo e perdido no espaço.

Os homens eram cegos.

Um outro golpe atingiu o seu alvo e o homem dos olhos leitosos desequilibrou-se, agarrando a cabeça. João deu um salto, batendo palmas e rindo alto com o resto da multidão. Os seus olhos brilhavam com um entusiasmo estranho.

Joana virou-se.

— Psst! Menina!

Uma voz chamava-a. Do lado oposto, um vendedor acenava-lhe.

Ela deixou o João a divertir-se com aquele combate bizarro, e dirigiu-se para a barraca do homem, diante da qual se encontrava uma mesa comprida com uma quantidade de objectos religiosos. Havia crucifixos em madeira e medalhas de todos os tamanhos e feitios, assim como relíquias sagradas de vários santos populares naquela região: uma madeixa de cabelo de São Willibrord, uma unha de São Romaric, dois dentes de São Waldetrudis e um pedaço do vestido da virgem-mártir Santa Genoveva.

O homem tirou um frasquinho da sua saca em pele.

— Sabeis o que está aqui dentro?

Falava tão baixo que ela quase não o conseguia ouvir, com o barulho que havia à sua volta. Ela abanou a cabeça.

— Gotas de leite — falava ainda mais baixo — da Santa Virgem Mãe.

Joana ficou perplexa. Grande tesouro! Aqui? Deveria estar guardado nalgum grande mosteiro ou catedral.

— Um denário — disse o homem.

Um denário! Ela apalpou a moeda em prata que tinha no bolso.

O homem estendeu-lhe o frasquinho e ela pegou-lhe. Sentiu a sua superfície fresca na mão. Teve um lampejo da expressão de Odo se ela voltasse com uma relíquia daquelas para a catedral.

O homem sorriu, estendendo a mão, ansioso por lhe arrancar uma moeda.

Joana hesitou. Porque haveria este homem de vender um tesouro tão grande por aquele preço? Qualquer abadia ou catedral que precisasse de uma relíquia sagrada para ser venerada pelos peregrinos estaria disposta a dar uma fortuna por ela.

Ela tirou a tampa ao frasquinho e espreitou para dentro dele. A meio do tubo via-se uma gota pálida de leite, brilhando suavemente à luz do sol. Joana tocou-lhe com a ponta do dedo mindinho. Depois, levantou os olhos, olhando à sua volta. Riu-se, chegou o frasco aos lábios e bebeu.

O homem sobressaltou-se.

— Sois campónia? — o seu rosto estava contorcido de raiva.

— Delicioso — disse Joana, tapando o frasco e devolvendo-lho. — Parabéns à vossa cabra.

— Vós... vós... — o homem espumava, incapaz de encontrar palavras para exprimir a sua fúria e a sua frustração.

Por momentos, parecia que ia dar a volta à mesa e correr atrás dela. Ouviu-se um rosnar surdo; Luke, que até ali tinha estado sentado sossegadamente, colocou-se à frente de Joana, com o focinho enrugado, levantado dos lados, mostrando uma fila de dentes brancos ameaçadores.

— O que é isso? — o vendedor estacou fixando os olhos brilhantes de Luke.

— Isto — disse uma voz por trás de Joana — é um lobo.

Era Geraldo. Ele tinha chegado sorrateiramente durante a conversa com o vendedor. Estava descontraído, com os braços caídos, o corpo relaxado, mas os seus olhos eram ameaçadores.

O vendedor afastou-se, murmurando qualquer coisa entredentes.

Geraldo pôs o braço por cima dos ombros da Joana e levou-a dali, chamando Luke, que ainda voltou a ladrar ao vendedor e depois correu para os apanhar.

Geraldo não disse nada. Caminharam juntos em silêncio, com a Joana a apressar o passo para conseguir acompanhar as suas longas

passadas.

— Está zangado, pensou ela, ao mesmo tempo que o seu bom humor se extinguia tão rapidamente como uma lareira abafada.

O pior era que ela sabia que ele tinha razão. Ela tinha sido descuidada com o vendedor. Não lhe tinha ela prometido que teria mais cuidado? Porque tinha sempre que fazer perguntas e desafiar? Porque não era capaz de aprender que algumas ideias são perigosas?

Talvez eu seja campónia.

Ouviu um ruído abafado; Geraldo ria-se.

— A cara do homem quando levantaste o frasco e bebeste! Nunca me hei-de esquecer! — apertou-a num abraço caloroso —, Ah, Joana, és a minha pérola! Mas, diz-me, como sabias que não era leite da Virgem?

Joana sorriu, aliviada.

— Desconfiei logo, porque se aquilo fosse realmente sagrado porque seria tão barato? E porque tinha o vendedor a cabra presa atrás da barraca, onde ninguém a podia ver? Se a tinha recebido como paga por um negócio, que necessidade tinha de a ter escondida?

— É verdade. Mas, tu bebeste mesmo daquilo — Geraldo voltou a dar uma gargalhada — deves ter reparado em mais qualquer coisa.

— Sim. Quando destapei o frasco, o leite não estava coalhado, estava fresco, como se fosse daquela manhã; ora, o leite da Virgem teria mais de oitocentos anos.

— Ah — Geraldo sorriu, com as sobrancelhas levantadas, desafiando-a — mas talvez seja a sua grande santidade que o mantém puro e incorruptível.

— É verdade — admitiu Joana. — Mas, quando toquei no leite, ainda estava quente! Talvez uma coisa assim tão santa pudesse permanecer incorruptível, mas, porque haveria de estar quente?

— Bem visto — disse Geraldo, elogiosamente. — O próprio Lucrécio não teria feito melhor!

Joana sorriu. Como gostava de lhe agradar!

Tinham caminhado quase até ao fim da fila de barracas, onde a grande cruz de São Dinis assinalava os limites da feira, protegendo a santa tranquilidade dos irmãos da abadia. Era ali que os mercadores de pergaminhos tinham montado as suas barracas.

— Olha!

Geraldo foi o primeiro a vê-los. Apressaram-se na sua direcção, para examinarem a mercadoria, que era de muito boa qualidade. Os vellum, em particular, eram extraordinários: o reverso da pele era perfeitamente liso. Joana nunca tinha visto um vellum tão branco; o outro lado era mais amarelado, como era normal, mas os orifícios da raiz dos pêlos eram tão pequenos e baixos, que quase não se viam.

— Deve ser um prazer escrever em folhas destas! — exclamou Joana, apalpando-os cuidadosamente.

Geraldo chamou imediatamente um dos mercadores.

— Quatro folhas — pediu ele e Joana sorriu, extasiada com a sua prodigalidade. Quatro folhas! Era o suficiente para um códex inteiro!

Enquanto Geraldo pagava a sua mercadoria, a atenção de Joana recaiu sobre umas folhas de pergaminho que pareciam rasgadas e colocadas desalinhadamente no fundo da barraca. As pontas das folhas estavam rasgadas e escritas, manchadas e obliteradas nalguns sítios por horríveis manchas castanhas. Ela aproximou-se para poder ler melhor e corou de excitação.

Vendo o seu interesse, o mercador aproximou-se.

— Tão jovem e já tem tanto jeito para o negócio — disse ele untuosamente. — As folhas são velhas, como vedes, mas ainda servem bem. Vede!

Antes de ela poder dizer fosse o que fosse, ele pegou num objecto comprido e achatado e raspou a página com ele, apagando várias letras.

— Parai! — Joana falou asperamente, lembrando-se de um outro pedaço de pergaminho e de uma outra faca. — Parai!

O vendedor olhou para ela com curiosidade.

— Não vos afligeis, menina, é apenas um escrito pagão — e apontou orgulhosamente para a página. — Estais a ver? Bela e limpa, pronta para poder ser escrita!

Levantou o instrumento para voltar a mostrar a habilidade, mas Joana agarrou-lhe a mão.

— Dou-vos um denário por ele — disse ela com firmeza.

O homem fingiu sentir-se insultado.

— Eles valem três denários, pelo menos.

Joana tirou a moeda do bolso e estendeu-lha.

— Um — repetiu ela. — É tudo o que tenho.

O vendedor hesitou, olhando para ela pensativamente.

— Muito bem — disse ele, de mau humor —, levai-os.

Joana deu-lhe a moeda e pegou no precioso pergaminho, antes que ele mudasse de ideias. Correu ao encontro de Geraldo.

— Olha! — disse ela, excitada.

Geraldo olhou para as páginas.

— Não percebo as letras.

— Está escrito em grego — explicou Joana — e é muito antigo. Um tratado de engenharia, penso eu. Estás a ver os diagramas?

Apontou para uma das páginas e Geraldo observou os desenhos.

— Uma espécie de mecanismo hidráulico — o seu interesse era o de uma criança. — Fascinante. És capaz de traduzir o texto?

— Sou.

— Então, talvez eu seja capaz de o construir.

Sorriram um para o outro, dando início a uma nova conspiração.

— Pai!

A voz de Gisla atravessou o ruído da multidão. Geraldo virou-se, à procura dela. Ele era mais alto do que todos os outros; ao sol, o seu espesso cabelo vermelho brilhava como ouro. O coração de Joana saltou-lhe no peito ao olhar para ele. És a minha pérola, tinha dito ele. Agarrou os pergaminhos com força, observando-o, apreciando aquele momento.

— Pai! Joana! — Gisla apareceu finalmente, furando pelo meio da multidão, seguida de um dos criados da casa, com os braços carregados de compras.

— Andei à tua procura por todo o lado! — protestou ela suavemente. — O que tens aí?

Joana começou a explicar, mas Gisla sorriu com um gesto de impaciência.

— Oh, mais um dos teus tolos livros velhos. Olha o que eu descobri — disse ela. Desdobrou um pedaço de tecido colorido. — Para o meu vestido de casamento. Não é perfeito?

O tecido brilhava enquanto Gisla o segurava. Examinando-o mais de perto, Joana viu que era bordado com esplêndidos fios de ouro e de

prata.

— É espantoso. — disse ela com sinceridade.

Gisla riu-se.

— Eu sei! — sem esperar pela resposta, pegou em Joana pelo braço e dirigiu-se para uma barraca um pouco mais adiante. — Oh, olha — disse ela — um leilão de escravos! Vamos ver!

— Não.

Joana recuou. Tinha visto os mercadores de escravos passarem por Ingelheim, com a sua carga humana atada com cordas grossas. Muitos deles eram saxónios, como a sua mãe.

— Não — voltou ela a dizer e não se mexeu.

— És uma tola! — Gisla puxava Joana, brincalhona. — Não passam de pagãos. Não têm sentimentos, pelo menos, não como nós.

— O que estará aqui? — disse Joana, ansiosa por distraí-la.

Levou Gisla para uma pequena barraca, no fim da fila. Era escura e estava fechada. Luke deu uma volta pelas suas paredes, cheirando-as com curiosidade.

— Que estranho — disse Gisla.

Numa tarde de sol, com o negócio em efervescência por todo lado, aquela barraca escura e silenciosa era uma coisa estranha. Curiosa, Joana bateu gentilmente na porta fechada.

— Entrai — disse uma voz rouca vinda do interior.

Gisla deu um salto, mas não recuou. As duas meninas deram a volta à barraca e puxaram cautelosamente a porta em madeira prensada, que rangeu ao abrir para trás. Uma torrente de sol infiltrou-se na escuridão.

Entraram. Havia um cheiro estranho na barraca, enjoativo e doce, como mel fermentado. No centro da barraca, uma pequena figura — uma velha, vestida apenas com uma túnica solta e escura — estava sentada de pernas cruzadas. Parecia inacreditavelmente idosa, talvez tivesse mais de setenta invernos; quase não tinha cabelo, apenas uns pequenos fios brancos e finos no alto da cabeça, que tremia constantemente, como se ela sofresse de sezões. Mas, os seus olhos penetravam na escuridão, alerta, concentrando-se intensamente em Joana e Gisla.

— Lindas pombinhas — crocitou ela — tão belas e tão jovens. O que quereis da Velha Baltilda?

— Só queríamos... — Joana hesitou, procurando em vão uma explicação. O olhar da mulher era perturbador.

— Ver o que se vende aqui — disse Gisla.

— O que há para vender? O que há para vender? — cacarejou a velha. — Uma coisa que quereis, mas que nunca possuireis.

— O quê? — perguntou Gisla.

— Uma coisa que já é vossa, apesar de ainda não a terdes — a mulher riu-se para elas com uma boca desdentada. — Uma coisa que não tem preço e que, no entanto, pode ser comprada.

— O que é? — perguntou Gisla, impaciente com os enigmas da velha.

— O futuro. — Os olhos da velha brilharam na escuridão. — O vosso futuro, minha pombinha. Tudo o que será e ainda não é.

— Oh, tu és uma cartomante! — Gisla bateu palmas, satisfeita por ter desvendado o mistério. — Quanto queres?

— Um soldo.

Um soldo! Era o preço de uma boa vaca leiteira ou de um par de bons carneiros!

— É muito caro.

Gisla estava agora nas suas sete quintas, confiante e segura de si, como um cliente arguto a tentar fazer negócio.

— Um obole — ofereceu ela.

— Cinco denários — contrapôs a velha.

— Dois. Um por cada uma.

Gisla tirou as moedas do bolso e mostrou-as à mulher.

A velha hesitou, depois, pegou nas moedas, e fez sinal às raparigas para que elas se sentassem no chão perto dela. Elas sentaram-se; a mulher tomou a mão forte e jovem de Joana nas suas mãos trementes e examinou-a com um ar estranho. Ficou calada durante muito tempo; depois, começou a falar:

— Bela quimera, sois o que não sereis; o que sereis não é o que sois.

Isto não fazia muito sentido, a não ser que quisesse dizer apenas que ela seria em breve uma mulher adulta. Mas, então, porque lhe tinha a velha chamado bela quimera?

Baltilda continuou:

— Aspirais àquilo que é proibido.

Joana ficou surpreendida e a velha apertou-lhe mais a mão.

— Sim, bela quimera, vejo o desejo secreto do vosso coração. Não sofrereis desilusão. Sereis grande, maior do que sonhais e sofrereis mais do que imaginais.

Baltilda largou a mão de Joana e virou-se para Gisla, que piscou o olho a Joana, como quem diz não foi engraçado?

A velha pegou nas mãos de Gisla com as suas unhas curvas e compridas em torno das unhas macias e rosadas de Gisla.

— Casar-vos-eis em breve e casareis bem — disse ela.

— Sim! — Gisla riu-se. — Mas, velha senhora, não vos paguei para me dizerdes o que eu já sei. A união será feliz?

— Não mais do que a maior parte delas, mas também não menos — disse Baltilda.

Gisla levantou os olhos ao tecto num desespero trocista.

— Sereis esposa, mas nunca mãe — grasnou Baltilda, balançando ao ritmo das palavras, com uma voz cantada, melódica.

O sorriso de Gisla desvaneceu-se.

— Então, serei estéril?

— O vosso futuro é sombrio e vazio. — A voz de Baltilda subiu de tom, tornando-se um lamento. — Conhecereis a dor, a confusão e o medo.

Gisla ficou petrificada como um pardal hipnotizado pelo olhar de uma cobra.

— Basta!

Joana tirou a mão de Gisla das mãos da velha.

— Vem comigo — disse ela.

Gisla obedeceu como uma criança.

Fora da barraca, Gisla começou a chorar.

— Não sejas tola — consolou-a Joana — a velha era louca, não lhe ligues. Não existe ponta de verdade nestas cartomâncias.

Gisla estava inconsolável. Fartou-se de chorar; por fim, Joana levou-a às barracas de guloseimas, onde compraram figos açucarados e se empanturraram, até Gisla se sentir um pouco melhor.

Nessa noite, quando contaram a Geraldo o que se tinha passado, ele ficou furioso.

— Agora temos feitiçaria? Joana e Gisla, amanhã vão levar-me a essa barraca. Tenho umas coisas a dizer a uma velha que mete medo a jovens. Entretanto, Gisla, não ligues a um disparate desses. Porque tiveste a ideia de procurar um conselho desses?

E disse à Joana, em tom de desaprovação:

— Esperava que, pelo menos tu, tivesses outro comportamento.

Joana aceitou a censura. Mesmo assim, uma parte dela queria acreditar nos poderes de Baltilda. A velha não tinha dito que ela realizaria um desejo secreto? Se tinha razão, então Joana alcançaria grandeza, apesar de não passar de uma rapariga, apesar daquilo que toda a gente considerava ser possível.

Mas, se Baltilda tinha razão quanto ao futuro de Joana, então, também tinha razão quanto ao de Gisla.

Quando voltaram à barraca com Geraldo, no dia seguinte, ela estava vazia. Ninguém lhes soube dizer para onde a velha tinha ido.

*** * ***

Em Winnemanoth, Gisla casou-se com o conde Hugo. Tinha sido um pouco difícil encontrar uma data adequada para a consumação imediata do casamento. A Igreja proibia relações maritais aos domingos, às quartas e sextas-feiras, assim como nos quarenta dias que antecediam a Páscoa, nos oito dias a seguir ao Pentecostes e nos cinco dias anteriores a tomar a comunhão ou na véspera de grandes festas ou dias de guarda. Ao todo, era proibido ter relações sexuais cerca de duzentos e vinte dias do ano; considerando estes dias, assim como as regras mensais de Gisla, não havia muitos dias por onde escolher. Mas, acabaram por marcar o casamento para o décimo quarto dia do mês, uma data que agradou a todos, menos à Gisla, que estava ansiosa pelas festividades.

Por fim, chegou o grande dia. Toda a casa se levantou antes da aurora, para servir Gisla. Primeiro, ajudaram-na a vestir a túnica interior de mangas compridas, em linho amarelo. Por cima desta, vestiram-lhe uma túnica nova resplandecente, feita do pano enfeitado a fios de prata e ouro

que tinham comprado na feira de São Dinis. Caía-lhe dos ombros até ao chão em pregas graciosas, que rematavam nas mangas largas, a partir dos cotovelos. Ataram-lhe às ancas uma cintura pesada, enfeitada com pedras da sorte - ágatas para a guardar da febre, giz para a defender do mau-olhado, calcedónias para a fertilidade, jaspe para um bom parto. Por fim, cobriram-lhe a cabeça com um véu fino em seda. Cobria-a até ao chão, tapando-lhe os ombros e ocultando completamente o seu cabelo castanho-avermelhado. Com o seu vestido de noiva, mal podendo mexer-se ou sequer sentar-se, com medo de o amarrotar, parecia um pássaro exótico, pensou Joana, caçado, preparado e pronto para ser trinchado.

A mim, nunca tal me acontecerá, jurou Joana. Ela não queria casar, apesar de, dali a sete meses, ir fazer quinze anos, uma idade mais do que casadoira. Dali a três anos, era uma velha.

Ela não compreendia por que motivo as raparigas da sua idade tinham tanta pressa em casar porque o casamento mergulhava a mulher imediatamente num estado de servidão permanente. O marido tinha um controlo absoluto sobre os bens e propriedades da sua esposa, sobre os seus filhos e até sobre a sua vida.

Depois de ter suportado a tirania do pai, Joana tinha decidido que nunca voltaria a dar a ninguém um tal poder sobre ela.

Gisla, uma criatura simples, foi para o casamento cheia de entusiasmo, corada e a rir nervosamente. O conde Hugo, magnífico na sua capa debruada a arminho, esperava-a no pórtico da catedral. Ela aceitou a sua mão e ficou orgulhosamente de pé, enquanto Wido, o intendente de Villaris, enumerava publicamente as terras, servos, animais e bens que Gisla trazia como dote. Depois, a comitiva entrou na catedral, onde Fulgêncio esperava diante do altar para dizer a missa solene do casamento.

— Quod Deus conjunxit homo non separet.

As palavras em latim saíam titubeantes da boca de Fulgêncio. Ele tinha sido militar antes de herdar o episcopado. Tinha começado a estudar muito tarde, pelo que nunca conseguiu dominar as formas latinas.

— In nomine Patria et Filia...

Joana sorriu quando Fulgêncio deu a bênção, confundindo as declinações, de maneira que, em vez de dizer em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, disse Em nome da Pátria e da Filha.

Ao terminar a bênção, Fulgêncio, visivelmente aliviado, começou a falar tudesco.

— Que esta mulher seja amável como Raquel, fiel como Sara, fértil como Lia — pousou delicadamente a mão sobre a cabeça de Gisla. — Que ela dê à luz muitos filhos varões para honrar a casa do seu esposo.

Joana viu os ombros de Gisla tremerem e apercebeu-se de que ela estava a controlar o riso.

— Que ela imite o comportamento de um cão, com o coração e os olhos sempre no seu senhor; mesmo que o dono lhe bata e o apedreje, o cão segue-o, abanando a cauda.

Isto pareceu de mais a Joana, mas Fulgêncio olhava para Gisla com uma expressão bondosa e afectiva, pelo que era óbvio que não a queria ofender.

— Por isso — continuou ele — uma mulher deve ter um amor perfeito e indestrutível pelo seu marido.

Voltou-se para o conde Hugo.

— Que este homem seja valente como David, sábio como Salomão, forte como Sansão. Que as suas propriedades aumentem tanto quanto a sua fortuna. Que ele seja um senhor justo para a sua senhora, nunca lhe administrando mais castigos do que aqueles que ela merece. Que viva para ver os seus filhos varões honrarem o seu nome.

Começaram a trocar os votos. O conde Hugo prometeu primeiro, depois colocou um anel de turquesa bizantina no dedo anelar de Gisla, no qual se encontra a veia que vai para o coração.

Depois, foi a vez de Gisla. Joana ouvia Gisla recitar os seus votos de casamento. O seu tom de voz era sonoro e feliz, sem que pela sua mente passasse qualquer dúvida, parecendo que o futuro estava assegurado.

O que me reserva o futuro?, pensou Joana.

Não podia continuar na escola para sempre - quanto muito, poderia ficar mais três anos. Começou a sonhar acordada, imaginando-se a ensinar numa das grandes escolas das catedrais, em Reims, talvez, ou mesmo na Escola Palatina, passando os dias a explorar a sabedoria dos antigos com mentes tão ansiosas e curiosas como a sua. Sonhar acordada era sempre agradável.

Mas — a ideia atingiu-a como uma seta — isso significaria ter de deixar Villaris. Deixar Geraldo.

Ela sabia que teria de deixar Villaris um dia. Mas, nos últimos meses, tinha afastado esse pensamento, contentando-se em viver o presente, em gozar quotidianamente da companhia de Geraldo.

Olhou para ele. Tinha um perfil sólido e bem talhado, alto e forte; o seu cabelo ruivo caía em caracóis até aos ombros.

O homem mais belo que eu já vi, pensou ela, não pela primeira vez.

Como se lesse o seu pensamento, ele virou-se na sua direcção. Os seus olhares cruzaram-se. Algo na sua expressão — uma doçura, uma ternura momentânea — a perturbou. Antes que ela tivesse sequer a certeza de que tinha acontecido, o olhar já tinha desaparecido, mas a sua ternura permaneceu.

Não tenho motivo para me preocupar, pensou ela. Não é preciso decidir nada agora.

Três anos era muito tempo.

Podia acontecer muita coisa em três anos.

Na semana seguinte, Joana encontrou Geraldo à sua espera no pórtico, quando ela voltou da escola.

— Vem comigo.

O seu tom de voz indicava que ele tinha uma surpresa para ela. Aproximou-se dela e dirigiu-se para o portão exterior.

Depois de passarem pelo portão em madeira, seguiram pela estrada ao longo de várias milhas, depois viraram subitamente na direcção da floresta e mergulharam nela, emergindo pouco depois numa pequena clareira, no meio da qual se encontrava uma cabana. Como estava desabitada, estava em ruínas. Mas, em tempos, devia ter sido o refúgio de um homem livre porque as paredes de adobe ainda pareciam firmes e a porta era em madeira sólida. Lembrou a Joana a sua casa de Ingelheim,

apesar de esta cabana ser muito mais pequena e de o seu tecto estar podre.

Pararam diante dela.

— Espera aqui. — disse Geraldo.

Joana olhou com curiosidade, enquanto ele deu uma volta ao edifício, regressando depois e ficando ao lado dela, de frente para a porta.

— Olha — disse Geraldo com uma solenidade fingida.

Levantando as mãos acima da cabeça, bateu sonoramente as palmas três vezes.

Não aconteceu nada. Joana olhou interrogativamente para Geraldo, que fixava a cabana, na expectativa. Era evidente que seria suposto acontecer alguma coisa. Mas, o quê?

A porta em madeira começou a abrir-se lentamente, rangendo primeiro, devagar, depois mais depressa, mostrando o interior escuro da cabana. A Joana espreitou para dentro da cabana. Não havia lá ninguém. A porta tinha-se mexido sozinha.

Espantada, a Joana olhou para a porta. Passaram dúzias de perguntas pela sua mente, mas, só conseguiu formular uma:

— Como?

Geraldo ergueu os olhos para o céu numa piedade simulada.

— Milagre.

Joana bufou.

Ele riu-se.

— Então, feitiçaria.

Olhou para ela desafiadoramente, gozando a brincadeira.

Joana aceitou o desafio. Dirigiu-se para a porta e examinou-a.

— És capaz de a fechar? — perguntou ela.

Geraldo voltou a erguer as mãos. Bateu as palmas três vezes.

Depois de uma pausa, a porta rangeu e começou a fechar-se.

Joana acompanhou-a enquanto ela se fechava, estudando-a. As pesadas ombreiras em madeira eram macias e estavam bem feitas — não havia sinal de nada fora do comum. Também não havia nada de estranho no puxador em madeira. Examinou as dobradiças. Eram em ferro comum. Era desesperante. Não conseguia perceber o que fazia mover a porta.

A porta já se tinha fechado quase completamente. Era um mistério.

— Então?

Os olhos anil de Geraldo brilhavam de divertimento.

Joana hesitou, contrariada por perder o jogo.

Quando estava prestes a admitir a derrota, ouviu qualquer coisa, o som de um fio a roçar vindo de algures por cima da cabeça dela.

Primeiro, não conseguiu localizá-lo; o barulho era familiar e estranho, ao mesmo tempo.

Depois, reconheceu-o. Água. O som de água a correr.

Disse, excitada:

— O mecanismo hidráulico! O do manuscrito da feira de São Dinis! Construíste-o!

Geraldo riu-se.

— Adaptei-o. Porque foi desenhado para puxar água, não para abrir e fechar portas!

— Como funciona?

Geraldo mostrou-lhe o mecanismo, escondido mesmo por cima do telhado da cabana, a dez passos da porta, motivo pelo qual ela não o tinha visto. Mostrou-lhe como funcionava o complicado sistema de alavancas, roldanas e contrapesos, ligados a duas correntes em ferro presas ao interior da porta, quase invisíveis. Geraldo tinha activado o sistema puxando uma corda, quando tinha dado a volta à cabana.

— Espantoso! — disse ela, quando ele acabou de explicar. — Faz outra vez.

Agora que ela tinha percebido como o engenho funcionava, queria vê-lo a trabalhar.

— Não posso. Teria de ir buscar mais água.

— Então, vamos buscá-la — disse ela. — Onde estão os cântaros?

Geraldo riu-se.

— És incorrigível!

Apertou-a num abraço afectuoso. O seu peito era rijo e firme, os seus braços fortes apertavam-na. Joana sentiu-se a derreter por dentro.

Ele soltou-a abruptamente.

— Vamos, então — disse ele bruscamente. — Os cântaros estão ali.

Levaram os cântaros vazios para o ribeiro, a um quarto de milha dali, encheram-nos e trouxeram-nos de volta, encheram o recipiente, depois voltaram para ir buscar mais. Fizeram o mesmo percurso três vezes e, à terceira vez, começaram a sentir-se um pouco tontos. O sol estava quente, o

ar cheio de promessas primaveris e as suas cabeças cheias de excitação por causa do seu empreendimento e da alegria que sentiam na companhia um do outro.

— Geraldo, olha! — disse Joana, metendo-se na água fresca até aos joelhos.

Quando ele chegou ao pé dela, ela começou a atirar-lhe água do cântaro, molhando a parte da frente da sua túnica.

— Meu diabinho! — disse ele.

Ele encheu o seu cântaro e começou a molhá-la também.

Continuaram a molhar-se um ao outro, numa agitação de borrifos, até que Joana foi atingida por um chapão de água do cântaro de Geraldo, precisamente no momento em que se tinha inclinado para encher o dela. Desequilibrou-se, escorregou e caiu desamparada dentro de água. A água fria fechou-se por cima da cabeça dela e, por uns momentos, ela entrou em pânico, sem conseguir pôr-se em pé sobre os seixos escorregadios do leito do rio.

Então, os braços de Geraldo puxaram-na e levantaram-na.

— Já te agarrei, Joana, já te agarrei.

A sua voz, perto do ouvido dela, era quente e reconfortante.

Joana sentiu que o seu corpo tremia todo àquela cadência.

Agarrou-se a ele. As suas roupas molhadas colaram-se umas às outras, moldando os seus corpos unidos numa inequívoca intimidade.

— Amo-te — disse ela, simplesmente. — Amo-te.

— Oh, minha querida, minha menina perfeita — murmurou Geraldo a custo, e os seus lábios colaram-se aos dela e ela beijou-o, numa paixão alimentada pela súbita expressão de emoções controladas durante tanto tempo.

O ar parecia murmurar ao ouvido de Joana. Geraldo, cantava ele. Geraldo.

Nenhum deles sabia que, por trás da copa das árvores, no cimo da colina, alguém estava a observá-los.

Odo ia a caminho de Héristal para retribuir uma visita ao seu tio, um dos santos irmãos daquela abadia, quando a sua mula se tinha desviado do caminho, atrás de um monte de erva que lhe pareceu especialmente suculento. Ele amaldiçoou a mula, puxou pelas rédeas e deu-lhe

vergastadas, mas ela era teimosa e ele não a conseguiu dissuadir. Não tinha outro remédio senão deixar a estrada e seguir aquela estúpida besta.

Foi então que, ao baixar os olhos, na direcção do rio, viu.

Uma mulher instruída nunca é casta. Palavras de São Paulo ou seriam de Jerónimo? Não interessava. Odo sempre tinha acreditado nelas e agora tinha a prova diante dos seus olhos!

Odo deu uma pancadinha no flanco da mula. Hoje à noite, vais ter ração reforçada, pensou ele. Depois, reconsiderou. A comida era cara e, além disso, o animal só tinha sido um instrumento de Deus.

Odo apressou-se a regressar à estrada. A sua visita tinha de esperar. Primeiro, tinha de ir a Villaris.

Pouco depois, já se avistavam as torres de Villaris.

Excitado como estava, tinha caminhado mais depressa do que era costume. Passou pelo portão e foi saudado por um guarda.

Odo retribuiu o cumprimento:

— Levai-me à senhora Richild — ordenou ele. — Tenho de falar com ela imediatamente.

Geraldo retirou os braços de Joana do seu pescoço e afastou-se.

— Anda — disse ele, com a voz embargada pela emoção. — Temos de regressar.

Estonteada pelo amor, Joana dirigiu-se a ele, para o abraçar novamente.

— Não — disse Geraldo com firmeza. — Tenho de te levar para casa, enquanto ainda sou capaz.

Joana olhou para ele, confusa.

— Não... me desejas?

Baixou a cabeça antes de ele responder.

Geraldo levantou-lhe o queixo suavemente, obrigando-a a olhar para ele.

— Desejo-te mais do que alguma vez desejei uma mulher.

— Então, porquê...?

— Pelo amor de Deus, Joana! Eu sou um homem e tenho desejos de homem. Não me tentes para além dos meus limites!

Geraldo parecia quase zangado. Vendo que ela ia começar a chorar, suavizou o tom da sua voz.

— O que queres que eu faça, meu amor? Que te faça minha amante? Ah, Joana, eu tomava-te já aqui se pensasse que isso te ia fazer feliz. Mas, ditaria a tua ruína, não vês?

Os olhos anil de Geraldo retinham os dela numa ordem. Era tão belo que lhe cortava a respiração. Tudo o que ela queria era que ele voltasse a tomá-la nos seus braços. Ele acariciou o seu cabelo dourado. Ela queria falar, mas a sua voz sumiu-se. Respirou fundo, tentando controlar as suas emoções, cheia de vergonha e de frustração.

— Anda.

Geraldo pegou na mão de Joana, escondendo-a na sua, ternamente. Ela não protestou quando ele a levou de volta ao caminho. Sem dizerem palavra, de mãos dadas, regressaram a Villaris, percorrendo as milhas que os separavam de casa.

Capítulo 11

— Senhora Richild, condessa de Villaris — anunciou o arauto, quando Richild entrou soberanamente na sala de audiências do bispo.

— Eminência. — fez uma vénia graciosa.

— Senhora, sede bem-vinda — disse Fulgêncio. — Que novas me trazeis do vosso senhor? Queira Deus que não lhe tenha acontecido nenhum infortúnio durante a sua viagem?

— Não, não.

Agradou-lhe encontrá-lo tão transparente. Claro que ele devia estar curioso acerca do motivo da sua visita! Devia ter pensado que, como o Geraldo já tinha partido havia cinco dias, já podia ter encontrado algum infortúnio em estradas perigosas.

— Não recebemos nenhuma má notícia, Eminência, nem esperamos ouvir. Geraldo levou vinte homens com ele, bem armados e bem guarnecidos; ele não iria correr riscos pelo caminho, para mais, indo em missão imperial.

— Já ouvimos dizer. Foi como missus... à Westphalia, não foi?

— Sim. Para resolver uma disputa por casa de wergeld. Também havia algumas questões de propriedade para serem resolvidas. Estará ausente mais um dia ou dois.

O tempo de que preciso, pensou ela, precisamente o tempo de que preciso.

Falaram um pouco de assuntos locais — a falta de cereais no moinho, a reparação do telhado da catedral, da quantidade de bezerros nascidos. Richild tinha o cuidado de observar as cortesias necessárias e nada mais. Sou rebento de melhor cepa do que ele. Era bom recordar-lho, antes de entrar no assunto da sua visita. Era óbvio que ele não suspeitava de nada. Ainda bem; a surpresa seria a sua aliada nesta empreitada.

Por fim, ela achou que tinha chegado o momento.

— Vim pedir-vos ajuda para uma questão doméstica.

Ele pareceu lisonjeado.

— Querida senhora, terei muito gosto em ajudar. Qual a natureza da vossa dificuldade?

— É a Joana. Já não é uma criança; ela... — Richild escolheu as palavras cuidadosamente - atingiu agora a idade adulta. Já não é próprio continuar a viver em nossa casa.

— Compreendo — disse Fulgêncio, apesar de não parecer. Bem, penso que poderemos arranjar outra resid...

— Arranjei um casamento vantajoso — interrompeu Richild. Com o filho de Bodo, o ferrador. É um bom rapaz, abastado, e será ferreiro quando o pai morrer — ele não tem mais filhos.

— Isso apanha-me de surpresa. A rapariga expressou alguma inclinação para o casamento?

— Certamente não é a ela que compete decidir. É um casamento muito melhor do que ela teria direito de esperar. A sua família é pobre como os coloni e os seus modos estranhos deram-lhe alguma... reputação.

— Talvez — respondeu o bispo amavelmente. — Mas ela parece dedicada aos estudos. E é evidente que não poderia continuar a ir à escola se casasse com o filho do ferreiro.

— Foi por isso que vim. Como fostes vós que decidistes chamá-la para a escola, tereis de ser vós a dar autorização para que ela seja dispensada.

— Compreendo — voltou ele a dizer, apesar de continuar a parecer que não estava a compreender. — E o que pensa o conde acerca do casamento?

— Ele ainda não sabe. Esta oportunidade surgiu agora.

— Bem, então — Fulgêncio parecia aliviado. — Esperaremos que ele regresse. Certamente, não há necessidade de nos precipitarmos.

Richild insistiu:

— Pode perder-se esta oportunidade. O rapaz está renitente — parece que se apaixonou por uma das raparigas da cidade — mas, claro que eu tratarei de fazer com que o casamento constitua um benefício para ele. O seu pai e eu já chegámos a um acordo quanto ao dote. Agora, o rapaz diz que cumprirá a vontade do pai — mas, ele é jovem e de disposição instável. É melhor que o casamento seja já.

— Mesmo assim...

— Recordo-vos, Eminência, que sou a senhora de Villaris e que a rapariga foi colocada sob a minha tutela. Sou perfeitamente capaz de tomar uma decisão na ausência do meu esposo. De facto, estou em melhor posição para o fazer.

Para dizer a verdade, a preferência que Geraldo tem pela rapariga tolda o seu juízo quando se trata de assuntos relacionados com ela.

— Compreendo — disse Fulgêncio e, desta vez, compreendeu-o bem de mais.

Richild apressou-se a dizer:

— A minha preocupação é estritamente monetária, como compreendeis. Geraldo gastou uma pequena fortuna a comprar livros para a rapariga — uma despesa inútil, uma vez que ela não tem futuro como intelectual. Alguém tem de olhar pelo futuro dela; ora, foi isso que eu fiz. Tendes de concordar que o casamento é bom.

— Sim — admitiu Fulgêncio.

— Bem. Então, concordais em a dispensar?

— As minhas desculpas, querida senhora, mas a minha decisão tem de esperar pelo regresso do conde. Asseguro-vos que discutirei a questão com ele. E com a rapariga. Pois, apesar de o casamento ser... vantajoso, como dizeis, não quero comprometê-la com ele contra a sua vontade. Se o casamento se revelar agradável a todos, procederemos imediatamente.

Ela começou a falar, mas ele interrompeu-a:

— Sei que pensais que o casamento poderá ficar comprometido se não for consumado imediatamente. Mas, perdoai-me, senhora, eu não posso concordar. Um dia, ou mesmo um mês, fazem pouca diferença.

Ela voltou a tentar protestar, mas ele voltou a interrompê-la.

— Estou decidido. Não vale a pena prosseguir esta conversa.

As suas faces arderam com o insulto. Louco presunçoso! Quem pensa ele que é para me dar ordens? A minha família frequentava os palácios reais enquanto a sua ainda trabalhava no campo!

Ela olhou-o sem pestanejar.

— Muito bem, Eminência, se é essa a vossa decisão, eu tenho de a aceitar.

Começou a calçar as suas luvas de montar, como se estivesse a preparar-se para sair.

— A propósito — o seu tom era deliberadamente casual — acabei de receber uma carta do meu primo, Sigismundo, bispo de Troyes.

O rosto do bispo mostrou um respeito lisonjeador.

— Um grande homem, um grande homem.

— Sabeis que ele presidirá ao sínodo que irá reunir-se em Aachen neste Verão?

— Já ouvi dizer.

Agora que ela tinha deixado de o pressionar, ele voltou à sua atitude jovialmente descontraída.

— É possível que também tenhais ouvido dizer qual será o tema principal da discussão nessa reunião?

— Gostaria de saber — respondeu ele delicadamente, sem se aperceber aonde ela queria chegar.

— Certas... irregularidades — ela lançou a armadilha com cuidado — na conduta do episcopado.

— Irregularidades?

Ele não percebeu o que ela queria dizer. Ela tinha de ser mais directa.

— O meu primo pensa levantar a questão dos votos episcopais, especialmente — e olhou-o directamente nos olhos — do voto de castidade.

Ele empalideceu.

— Ah sim?

— Parece que ele tenciona fazer disso um dos grandes temas do sínodo. Reuniu provas acerca dos episcopados francos, que ele considera muito perturbantes. Mas, ele não conhece tão bem os episcopados nesta parte do império, portanto, tem de confiar em testemunhas locais. Nesta carta, ele pede-me expressamente que partilhe com ele alguma informação que eu possa ter sobre o vosso episcopado, Eminência.

Ela utilizou o título com desprezo evidente e ficou contente ao vê-lo tremer.

— Tencionava responder-lhe agora — continuou ela, suavemente — mas, os pormenores do enxoval da rapariga têm-me mantido muito ocupada. Aliás, os planos para a festa de casamento tornar-me-iam impossível responder-lhe. Claro que, agora, que o casamento vai ser adiado...

Deixou o raciocínio em suspenso.

Ele ficou como uma pedra, calado, prudente. Ela ficou um pouco surpreendida. Ele era mais esperto do que ela pensava.

Houve apenas uma coisa que o traiu. No fundo dos seus olhos sonolentos e papudos, havia uma centelhazinha inegável de medo.

Richild sorriu.

Joana estava sentada numa pedra, preocupada e triste. Luke, deitado à sua frente, colocou a cabeça no seu colo, olhando-a fixamente com os seus olhos opalescentes.

— Também tens saudades dele, não é? — disse ela, coçando gentilmente o pêlo do lobo branco.

Se não fosse o Luke, ela estava completamente sozinha.

Geraldo já tinha partido havia uma semana. Joana sentia a sua falta com uma dor quase física que a surpreendia. Podia colocar a mão sobre o local exacto do peito onde a dor era mais aguda; era como se o seu coração lhe tivesse sido retirado do peito, desfeito, e tivesse sido substituído.

Ela sabia por que motivo ele tinha partido. Depois do que se tinha passado entre eles junto ao rio, ele teve de partir.

Precisavam de estar um tempo afastados para arrumarem as ideias e deixarem arrefecer a paixão. Ela compreendia, mas o seu coração revoltava-se.

Porquê?, perguntava-se ela a si mesma milhares de vezes. Porque tem de ser assim? Richild não amava Geraldo, nem ele a amava.

Discutia consigo mesma, ensaiando os argumentos a favor desta situação, tentando convencer-se de que era melhor assim, mas acabava sempre por voltar àquele que era um facto inalterável: ela amava Geraldo.

Abanou a cabeça, furiosa consigo própria. Se Geraldo era suficientemente forte para fazer isto por ela, como poderia ela não o ser? O que não podia ser alterado tinha de ser suportado. Concentrou-se numa nova resolução: quando Geraldo voltasse, tudo seria diferente. Bastar-lhe-ia estar perto dele, falar e rir com ele, como tinham feito sempre... antes.

Seriam como mestre e pupilo, padre e freira, irmão e irmã. Ela apagaria da memória os seus braços em redor dela, os seus lábios nos dela...

Wido, o intendente, aproximou-se subitamente.

— A senhora quer falar contigo.

Joana seguiu-o, passando pelo portão, a caminho do pátio, com o Luke a correr ao seu lado. Quando chegaram ao corredor interior, Wido apontou para Luke:

— O lobo, não.

Richild não gostava de cães e proibiu que eles entrassem em casa, como nas outras mansões.

Joana ordenou a Luke que ele se deitasse e esperasse no pátio.

O guarda levou-a através do pórtico coberto, para o salão grande, cheio de servos que preparavam a refeição da tarde.

Prosseguiram a caminho do terraço, onde Richild esperava.

— Mandastes-me chamar, senhora?

— Senta-te.

Joana ia a sentar-se numa cadeira que estava ali, mas Richild mandou-a sentar num banco em madeira, junto a uma pequena escrivaninha. Joana sentou-se.

— Vais escrever uma carta.

Tal como todas as outras senhoras nobres nesta região do Império, Richild também não sabia ler nem escrever. Wala, o capelão de Villaris, normalmente, era o seu escriba. Wido também sabia escrever um pouco e, por vezes, servia Richild nesta tarefa.

Então, porque me terá ela mandado chamar a mim?, pensou Joana.

Richild bateu com o pé impacientemente. Com um ar entendido, Joana observou as penas que se encontravam sobre a mesa e escolheu a mais afiada. Pegou numa folha de pergaminho fresco, mergulhou a pena no tinteiro e acenou a Richild.

— De Richild, condessa, senhora de Villaris — ditou Richild.

Joana escreveu rapidamente. O som da pena a esgravatar ecoou no silêncio de morte da sala.

— Ao cónego de Ingelheim, saudações.

Joana levantou os olhos.

— Para o meu pai?

— Continua — ordenou Richild num tom que indicava que não toleraria perguntas. — A vossa filha, Joana, tendo atingido quase quinze anos de idade, estando, portanto, em idade casadoira, não será autorizada a prosseguir os seus estudos na escola.

Joana parou imediatamente de escrever.

— Como tutora da rapariga e zelando pelo seu bem-estar — continuou Richild, tencionando prosseguir o ditado — arranjei um casamento vantajoso com Iso, filho do ferreiro da cidade, um homem próspero. O casamento ocorrerá dentro de dois dias. Os termos do acordo são os seguintes...

Joana levantou-se de um salto, fazendo cair o banco.

— Porque fazeis isto?

— Porque assim o decidi — havia um sorrizinho malévolo nos lábios de Richild. — E porque posso fazê-lo.

Ela sabe, pensou Joana. Ela sabe de Geraldo e de mim. O sangue subiu-lhe ao rosto tão rapidamente que ela pensou que a sua pele ia arder.

— Sim, Geraldo contou-me tudo acerca do interludiozinho ridículo à beira-rio — Richild riu-se divertidamente. — Acreditaste mesmo que os teus beijos desajeitados lhe tinham agradado? Rimo-nos deles nessa mesma noite.

Joana estava demasiado chocada para responder.

— Estás surpreendida? Não devias estar. Pensaste que eras a primeira? Minha querida, és apenas a última conta no longo colar de conquistas de Geraldo. Não o devias ter levado tão a sério.

Como sabe ela o que se passou entre nós? O Geraldo contou-lhe? Joana sentiu de repente um frio como se tivesse sido exposta a uma corrente de ar.

— Não o conheceis — disse ela com firmeza.

— Sou a sua esposa, criança insolente.

— Não o amais.

— Não — admitiu ela. — Mas, também não tenciono ser... incomodada por uma insignificante filha de coloni!

Joana tentou organizar os seus pensamentos.

— Não podeis fazer isto sem a aprovação do bispo Fulgêncio. Foi ele que me trouxe para a escola; não me podeis tirar dela sem a sua autorização.

Richild deu-lhe para a mão uma folha de pergaminho com o selo de Fulgêncio.

Joana leu-a rapidamente, depois, voltou a lê-la mais devagar, para ter a certeza de não ter cometido um erro. Não havia dúvida: Fulgêncio tinha suspendido os seus estudos na escola. O documento tinha também a assinatura de Odo. Joana imaginava o prazer que lhe devia ter dado fazer aquela assinatura.

O coração de Richild rejubilava ao ver Joana a ler. A arrogante insignificanciazinha estava a descobrir como era insignificante. E disse:

— Não vale a pena continuar a discutir. Senta-te e acaba a carta para o teu pai.

Joana respondeu em tom de desafio:

— Geraldo não vos deixará fazer isto.

— Criança tola, foi ideia dele.

Joana pensou rapidamente.

— Se o casamento é ideia de Geraldo, porque haveis esperado a sua partida para o arranjar?

— Geraldo é demasiado... mole. Faltou-lhe a coragem para te dizer. Já o vi fazer o mesmo com outras. Pediu-me que eu resolvesse o problema. E foi o que eu fiz.

— Não acredito em vós — Joana recuou, lutando para reter as lágrimas. — Não acredito em vós.

Richild suspirou.

— O assunto está arrumado. Terminas a carta ou tenho de chamar Wala?

Joana rodopiou e saiu da sala. Antes de ter chegado ao salão, ouviu a campainha de Richild a tocar, chamando o seu capelão.

Luke estava à espera onde ela o tinha deixado. Joana caiu de joelhos ao lado dele. O seu corpo aconchegou-se ao dela afectuosamente, colocando a cabeça sobre os seus ombros. A sua presença reconfortante ajudou a acalmar a efervescência de emoções que Joana sentia.

Não posso entrar em pânico. É isso que ela quer.

Tinha de pensar, planear o que havia de fazer. Mas, o seu pensamento rodopiava e voltava sempre ao mesmo.

Geraldo.

Onde está ele?

Se ele estivesse aqui, Richild nunca teria podido fazer isto. A não ser que ela esteja a dizer a verdade e o casamento tenha sido mesmo ideia do Geraldo.

Joana afastou o pensamento de traição. Geraldo amava-a; nunca permitiria que ela casasse contra a sua vontade com um homem que nem sequer conhecia.

Talvez voltasse a tempo de o impedir. Talvez...

Não. Ela não podia deixar que o seu futuro estivesse dependente de um golpe da sorte. O pensamento de Joana, embotado pelo choque e o medo, continuava suficientemente lúcido para compreender isto.

Geraldo não deve voltar nas próximas duas semanas, o casamento ocorrerá daqui a dois dias.

Ela tinha de se livrar daquela situação. Não podia levar aquele casamento por diante.

O bispo Fulgêncio. Tenho de ir ter com ele, falar com ele, convencê-lo de que este casamento não pode acontecer.

Joana tinha a certeza que Fulgêncio não tinha assinado aquele documento de bom grado. Ele já tinha demonstrado que gostava de Joana, através de pequenas delicadezas, e que ficava satisfeito com o seu aproveitamento na escola — especialmente porque era um espinho no coração de Odo.

Richild deve ter algum poder sobre ele para ter conseguido que ele concordasse com isto.

Se a Joana falasse com ele, talvez o convencesse a desmarcar o casamento — ou, pelo menos, a adiá-lo, até que Geraldo regressasse.

Talvez ele não me receba. Por muito que tivesse sido forçado a aceitar o casamento, teria relutância — talvez até vergonha — em a receber agora. Se ela pedisse uma audiência, ser-lhe-ia negada, provavelmente.

Sufocou o medo, forçando-se a si mesma a pensar logicamente.

No domingo, Fulgêncio vai celebrar o pontifical. Entrará em procissão na catedral. Aproximar-me-ei dele e, se for preciso, arrojar-me-ei aos seus pés. Não me interessa. Ele há-de parar e ouvir-me-á; eu obrigá-lo-ei a fazê-lo.

Olhou para o Luke:

— Será que vai resultar, Luke? Será que bastará para me salvar?

Ele inclinou a cabeça, num tom interrogativo, como se estivesse a tentar compreender. Era um gesto que divertia sempre o Geraldo. Joana abraçou o lobo branco, enterrando a cara no pêlo alto do seu pescoço.

Os notários e os outros clérigos vinham à frente, numa procissão solene a caminho da catedral. Atrás deles, a cavalo, vinham os membros do clero, diáconos e subdiáconos, todos esplendorosos. Odo cavalgava entre eles, vestido com paramentos castanhos, com uma expressão altiva e desagradável.

Quando viu a Joana, junto ao grupo de pedintes e peticionários à espera do bispo, os seus lábios esboçaram um sorriso malévolo.

Por fim, apareceu o bispo, vestido de seda branca, montando um corcel magnífico ajaezado de carmesim. Imediatamente atrás, seguiam os altos dignitários do palácio episcopal: o tesoureiro, o camareiro-mor e o encarregado das esmolas. A procissão parou e os pedintes andrajosos formaram imediatamente um círculo à sua volta, pedindo esmolas em nome de Santo Estêvão, patrono dos indigentes. O responsável pelas esmolas distribuía esmolas entre eles.

Joana aproveitou para se aproximar do local onde o bispo esperava, com o cavalo a bater com os cascos no chão, impaciente.

Caiu de joelhos.

— Eminência, ouvi a minha súplica...

— Já sei do que se trata — disse o bispo sem olhar para ela — já tratei do assunto. Não vou ouvir esta peticionária.

Esporeou o cavalo, mas Joana levantou-se e agarrou-se às rédeas, fazendo-o parar.

— Este casamento será a minha ruína — ela falava depressa e baixinho para que ninguém ouvisse. — Se não podeis fazer nada para o impedir, pelo menos, podeis, pelo menos, adiá-lo por um mês?

Ele fez menção de prosseguir, mas Joana continuava a segurar as rédeas. Dois dos guardas precipitaram-se sobre ela e tê-la-iam tirado dali se o bispo não lhes tivesse feito um sinal com a mão.

— Um dia? — pediu Joana. — Peço-vos, Eminência, dai-me um dia!

Mortificada, porque tinha decidido mostrar-se forte, começou a soluçar.

Fulgêncio era um homem fraco, com muitos pecados, mas o seu coração não era duro. Os seus olhos encheram-se de simpatia, enquanto se baixava para acariciar o cabelo dourado de Joana.

— Minha filha, não te posso ajudar. Tens de te resignar ao teu destino que, afinal, é natural para uma mulher — debruçou-se e sussurrou. — Mandei tirar informações acerca do rapaz que será teu marido. É um homem simples; não terás dificuldade em suportar a tua sorte.

Fez sinal aos guardas, que retiraram as rédeas das mãos de Joana e a empurraram para o meio da multidão. Abriu-se uma ala para ela passar. Ao fazê-lo, tentando esconder as suas lágrimas, Joana ouviu os aldeões a rirem-se baixinho.

No meio da multidão, viu João. Foi ter com ele, mas ele virou-lhe as costas.

— Vai-te embora! — gritou ele. — Odeio-te!

— Porquê? O que fiz eu?

— Sabes muito bem o que fizeste!

— João, o que se passa? O que aconteceu?

— Tenho de deixar Dorstadt! — gritou ele. — Por tua causa!

— Não percebo.

— O Odo disse-me: tu não pertences aqui. — João imitou a entoação nasalada do mestre de escola. — Só te deixámos ficar por causa da tua irmã.

Joana estava chocada. Tinha estado tão envolvida no seu próprio dilema que não tinha pensado nas suas consequências para o João. Ele era um estudante fraco; eles só tinham ficado com ele por causa da sua forte ligação a ela.

— Este casamento não é uma escolha minha, João.

— Tu sempre estragaste a minha vida e, agora, estás a fazê-lo outra vez!

— Não ouviste o que eu acabei de dizer ao bispo?

— Não me interessa! É tudo culpa tua. É sempre tudo por tua culpa!

Joana estava atónita.

— Tu detestas estudar. Porque estás preocupado se te mandarem embora da escola?

— Tu não compreendes — ele olhou por cima do ombro dela. Nunca compreendes. Joana virou-se e viu os rapazes da escola a conversarem uns com os outros. Um deles, apontou para eles e segredou qualquer coisa aos outros, ao que todos começaram a rir-se.

Então, eles já sabem, pensou Joana. Claro. Odo não teve qualquer respeito pelos sentimentos de João. Olhou para o irmão, com pena. Devia ter sido difícil, quase insuportável, separar-se dos seus amigos por causa dela. Tinha-se juntado a eles contra ela, muitas vezes. Mas, Joana compreendia porquê. João nunca tinha querido senão ser aceite, ser acolhido.

— Vais ficar bem, João — disse ela, docemente. — Agora, és livre de voltar para casa.

— Livre? — João soltou uma gargalhada amarga. — Livre como um monge!

— O que queres dizer com isso?

— Tenho de ir para o mosteiro de Fulda! O pai mandou instruções ao bispo pouco depois de nós termos chegado. Se eu não conseguisse progredir na escola, tinha de ir para a irmandade de Fulda!

Então era esta a origem da fúria do João. Uma vez aceite na irmandade, não poderia sair. Nunca poderia ser um soldado, nem cavaleiro do exército imperial, como ele sonhava.

— Talvez ainda haja uma solução — disse Joana. — Podemos voltar a pedir ao bispo. Talvez se formos os dois a pedir-lhe, ele...

O seu irmão fulminou-a com o olhar, procurando palavras para exprimirem o que sentia.

— Quem... quem me dera que nunca tivesses nascido!

Virou-lhe as costas e fugiu.

Profundamente abatida, Joana regressou a Villaris.

Joana sentou-se perto da ribeira onde ela e Geraldo se tinham beijado algumas semanas antes. Parecia que tinha passado uma eternidade desde então. Olhou para o Sol; faltava apenas uma ou duas horas para a hora sexta. Por essa altura, no dia seguinte, ela estaria casada com o filho do ferreiro.

A não ser que...

Observou a linha de árvores que marcava o limite da mata. A floresta que rodeava Dorstad era tão densa e extensa que uma pessoa podia esconder-se nela dias ou semanas a fio, sem ser descoberta. Geraldo regressava dali a um ou dois dias. Será que ela conseguiria sobreviver até lá?

A floresta era perigosa; havia animais selvagens e auroques e... lobos. Ela lembrou-se da violência selvagem da mãe de Luke, quando se atirou contra as grades da jaula, com os dentes afiados brilhando ao luar.

Levo o Luke comigo, pensou ela. Ele proteger-me-á e ajudar-me-á a arranjar comida. O jovem lobo era já um lesto caçador de coelhos e de outras presas abundantes naquela época do ano.

O João, pensou ela. E o João? Ela não podia fugir sem lhe dizer.

Ele pode vir comigo! Claro! Era uma solução para os problemas dos dois. Ficavam juntos na floresta, à espera que Geraldo voltasse. Geraldo havia de tratar de tudo, não só no que lhe dizia respeito a ela, mas também ao seu irmão.

Tinha de falar com o João. Dizer-lhe para ele se encontrar com ela na floresta, naquela noite, para trazer o seu arco e a sua flecha e a sua besta.

Era um plano desesperado. Mas, ela estava desesperada.

Encontrou Dhuoda no quarto. Apesar de só ter dez anos, ela era uma rapariga alta, bem desenvolvida para a idade. A sua semelhança com a sua irmã Gisla era iniludível. Saudou Joana, excitada.

— Acabei de ouvir! Amanhã, é o dia do teu casamento!

— Não se eu o conseguir evitar — respondeu Joana rudemente.

Dhuoda ficou surpreendida. Gisla estava tão ansiosa, quando foi do seu casamento.

— Então, ele é feio! — a sua face brilhou com um horror infantil — É desdentado? Tem escrófula?

— Não. — Joana não conseguiu deixar de sorrir. — É jovem e normal, segundo me dizem.

— Então, porque...

— Não tenho tempo para te explicar, Dhuoda — disse Joana, apressadamente. — Vim pedir-te um favor. És capaz de guardar um segredo?

— Sim, claro! — Dhuoda aproximou-se dela, curiosa.

Joana tirou do bolso um pedaço de pergaminho enrolado.

— Esta carta é para o meu irmão, João. Leva-Lho à escola. Eu podia lá ir, mas estão à minha espera no terraço para provar uma túnica nova para o casamento. És capaz de fazer isso por mim?

Dhuoda ficou a olhar para o pedaço de pergaminho. Tal como a sua mãe e a sua irmã, também ela não sabia ler nem escrever.

— O que diz aqui?

— Não te posso dizer, Dhuoda. Mas é importante, muito importante.

— Uma mensagem secreta! — o seu rosto corou de excitação.

— A escola fica só a duas milhas daqui. Podes ir e vir numa hora, se te despachares.

Dhuoda pegou no pergaminho.

— Volto em menos tempo do que isso!

Dhuoda passou a correr pelo pátio principal, procurando evitar os criados e valetes que enchiam o local àquela hora do dia. A ideia da aventura espevitou-a. Sentia o frio macio do pergaminho na mão e teve pena de não poder ler o que ali estava escrito. A sabedoria de Joana enchia-a de admiração.

Esta aventura misteriosa era uma mudança bem-vinda na monotonia do seu quotidiano em Villaris. Além disso, estava contente de poder ajudar a Joana. Joana era sempre simpática com ela; explicava-lhe todo o tipo de coisas interessantes — ao contrário da mamã, que perdia a paciência e se zangava com tanta facilidade.

Estava quase no portão de saída, quando ouviu um grito.

— Dhuoda!

A voz da mamã. Dhuoda continuou, como se não tivesse ouvido, mas, quando ia a passar pelo portão, o porteiro agarrou-a e obrigou-a a esperar.

Ela virou-se para a mãe.

— Dhuoda! Onde vais?

— A parte nenhuma.

Dhuoda escondeu o pergaminho atrás das costas. Richild apercebeu-se do movimento rápido e desconfiou.

— O que é isso?

— N-nada — titubeou Dhuoda.

— Dá-me isso.

Richild estendeu a mão imperativamente.

Dhuoda hesitou. Se desse à mãe o pergaminho, trairia o segredo que Joana lhe tinha confiado. Se desobedecesse...

A mãe olhou para ela, com os olhos exprimindo ira. Ao olhar para aqueles olhos, Dhuoda compreendeu que não tinha alternativa.

Na última noite antes do casamento de Joana, Richild insistiu que ela dormisse num quartinho perto da sua própria câmara — um privilégio reservado, normalmente, apenas a crianças doentes ou à sua aia favorita. Era uma honra especial concedida à noiva, segundo tinha dito Richild, mas Joana tinha a certeza que ela apenas queria vigiá-la. Não importava.

Quando Richild adormecesse, Joana podia esgueirar-se do quarto tão facilmente como se estivesse no dormitório.

Ermentrude, uma das criadas, entrou no quartinho, trazendo uma malga de vinho tinto com especiarias.

— Da parte da senhora Richild — disse ela — para vos presentear nesta noite.

— Não quero — Joana afastou a malga. Não aceitava favores de uma inimiga.

— Mas, a senhora Richild disse para eu ficar aqui enquanto o bebeis e para levar a malga comigo.

Ermentrude desejava fazer tudo quanto lhe mandavam, uma vez que só tinha doze anos e era nova no serviço da casa.

— Então, bebe-o tu — disse Joana, irritada. — Ou derrama-o para o chão. Richild nunca virá a saber.

O rosto de Ermentrude iluminou-se. Não lhe tinha ocorrido fazer aquilo.

— Sim, menina. Obrigado, menina.

Virou-se para se ir embora.

— Um momento.

Joana voltou a chamá-la, reconsiderando. A malga estava cheia de um vinho aromático, espesso, brilhando na luz nocturna. Se queria sobreviver de noite na floresta, ia precisar de todo o sustento que conseguisse. Não podia permitir-se gestos de um orgulho tolo. Pegou na malga e bebeu o líquido de um trago. Ficou com a marca do líquido da malga em torno dos lábios e com um sabor estranho na boca. Limpou-a com a manga, depois devolveu a malga a Ermentrude que saiu apressadamente.

Joana apagou a vela e deitou-se no escuro, à espera. O colchão de penas envolveu-a com uma maciez que lhe era estranha; estava acostumada à palha simples da sua cama, no dormitório. Antes queria que Richild a tivesse deixado dormir na sua própria cama, ao lado de Dhuoda. Não a tinha visto desde que lhe tinha entregado a mensagem. Ela tinha ficado toda a tarde enclausurada nos aposentos de Richild, rodeada de criadas ocupadas a arranjar o seu vestido de noiva e a juntar as roupas e pertences que iriam com ela, como dote.

Será que Dhuoda tinha entregado a mensagem ao João? Não podia ter a certeza. Esperaria pelo João na clareira da floresta; se ele não viesse, ela e Luke partiriam sozinhos.

Ouviu a respiração profunda e lenta de Richild, no quarto ao lado. Esperou mais um quarto de hora para ter a certeza de que ela estava a dormir. Depois, levantou-se, esgueirou-se silenciosamente de entre os cobertores.

Entrou no quarto de Richild. Ela estava deitada imóvel, respirando regular e profundamente. Joana passou junto à parede, saindo pela porta.

Mal saiu, os olhos de Richild abriram-se.

Joana deslocou-se em silêncio através das salas, até chegar ao pátio exterior. Respirou fundo, sentindo-se um pouco tonta.

Estava tudo silencioso. Havia um único guarda, encostado à parede, perto do portão, com a cabeça caída sobre o peito, ressonando. A sombra de Joana avolumou-se grotescamente sobre a terra, ao luar. Mexeu a mão e um gesto gigantesco imitou-a.

Joana assobiou baixinho para chamar o Luke. O guarda mexeu-se. Luke não apareceu. Mantendo-se na sombra, dirigiu-se para o canto onde Luke costumava dormir; não queria correr o risco de acordar o guarda, com o barulho.

De repente, sentiu que o chão lhe fugia debaixo dos pés.

Sentiu uma náusea e agarrou-se, estonteada, a um poste.

Benedicite. Não posso ficar doente agora.

Lutando contra as tonturas, atravessou o pátio. Viu Luke no canto oposto. O jovem lobo estava deitado de lado, com os seus olhos opalescentes a olharem, cegos, para a Lua e com a língua pendente fora da boca. Ela baixou-se para lhe tocar e sentiu o seu corpo frio por baixo do macio pêlo branco. Os seus olhos caíram num pedaço de carne abocanhada, caído no chão. Ficou a olhar para ele, espantada. Pousou uma mosca no sangue húmido que rodeava a carne. Ficou ali, a beber, depois, levantou voo, deu umas voltas no ar e caiu subitamente no chão. Não voltou a mexer-se.

Joana começou a sentir um silvo agudo nos ouvidos. Parecia que o ar ondulava à sua volta. Recuou, voltando-se para começar a correr, mas o chão voltou a fugir-lhe debaixo dos pés, acabando por se levantar, ao seu encontro.

Não sentiu os braços que a levantaram do local onde ela caiu e a levaram outra vez para dentro.

O ranger das rodas mantinha um ritmo melancólico, acompanhado pelo bater dos cascos dos cavalos, enquanto a carruagem avançava na direcção da catedral, levando Joana para a missa do seu casamento.

Tinha sido acordada à força naquela manhã, demasiado tonta para se aperceber do que se estava a passar. Com os sentidos embotados, deixou que as criadas, que giravam à sua volta, lhe vestissem o vestido de noiva e a penteassem.

Mas, os efeitos da droga estavam a passar e Joana começou a recuperar a memória. Foi o vinho, pensou ela. Richild pôs qualquer coisa no vinho. Joana pensou em Luke, jazendo frio e sozinho na noite. A garganta apertou-se-lhe. Tinha morrido sem consolo e companhia; Joana esperava que ele não tivesse sofrido muito. Devia ter dado prazer a Richild envenenar a sua carne; ela sempre o tinha detestado porque sentia que ele representava a ligação existente entre Geraldo e Joana.

Richild seguia no carro, à frente. Estava magnificamente vestida com uma túnica de seda azul, com o cabelo preto enrolado elegantemente

em torno da cabeça e preso com uma tiara em prata com esmeraldas encrostadas. Ela era bonita.

Porque não me matou a mim também?, pensou a Joana lentamente.

Sentada num carro que se aproximava cada vez mais da catedral, doente no corpo e no coração, com Geraldo longe e sem maneira de fugir, Joana antes queria que ela o tivesse feito.

As rodas batiam barulhentamente no piso irregular do pátio da catedral e o cocheiro fez sinal para mandar parar os cavalos. Apareceram imediatamente dois criados de Richild. Com uma solenidade de circunstância, ajudaram Joana a sair do carro.

Junto da catedral, tinha-se juntado uma multidão enorme. Era a Festa dos Primeiros Mártires, um feriado religioso, assim como a missa do casamento de Joana e toda a cidade se tinha reunido para a ocasião.

À frente da multidão, Joana reparou num rapaz alto, rude, ossudo, junto aos seus pais. O filho do ferreiro. Reparou na sua expressão taciturna e no seu abatimento. Quer-me tanto para esposa como eu o quero para esposo. Porque haveria de querer?

O seu pai empurrou-o; ele aproximou-se de Joana e ofereceu-lhe o braço. Ela aceitou-o e ficaram lado a lado, enquanto Wido, o intendente de Richild, leu a lista do dote de Joana.

Joana olhou na direcção da floresta. Agora, já não podia correr e esconder-se lá. A multidão rodeava-a e os homens de Richild estavam junto dela, vigiando-a.

Entre os curiosos, Joana viu Odo. Junto dele, estavam os rapazes da escola, a cochichar, como costume. João não estava com eles. Ela procurou na multidão e encontrou-o do outro lado, ignorado pelos seus companheiros. Agora, estavam ambos sozinhos, só se tinham um ao outro. Os olhos dela procuraram-no, oferecendo-lhe conforto. Surpreendentemente, ele não desviou os olhos e retribuiu-lhe o olhar, com um rosto que manifestava sofrimento.

Tinham sido estranhos um ao outro durante muito tempo, mas, naquele momento, voltavam a estar os dois juntos, irmão e irmã, unidos numa compreensão mútua. Joana manteve os olhos fixos nele, sem querer quebrar o frágil elo que os unia.

O intendente acabou a leitura. A multidão aguardava, na expectativa. O filho do ferreiro levou Joana para a catedral.

Richild e a sua comitiva seguiram atrás deles, seguidos pelos aldeões.

Fulgêncio estava à espera diante do altar. Quando Joana e o rapaz se aproximaram, ele mandou-os sentar. Primeiro, seria celebrada a missa solene, depois, a do casamento.

— Omnipotens sempiterne Deus qui me peccatoris.

Como costume, Fulgêncio titubeava o latim, mas Joana mal reparou. Ele fez sinal a um acólito para que ele preparasse o ofertório e começou a oração de oblação.

— Suscipe sanctum Trinitas...

Ao seu lado, o filho do ferreiro baixou a cabeça reverentemente. Joana tentou rezar também, baixando a cabeça e balbuciando as palavras, mas não havia substância para a forma; dentro dela, só havia um enorme vazio.

Começou o momento da mistura da água com o vinho.

— Deus qui humanae substantiae...

As portas da catedral abriram-se com um estrondo. Fulgêncio abandonou a sua luta com a missa em latim e olhou para a entrada, incrédulo. Joana virou a cabeça, tentando descobrir a origem desta intromissão sem precedentes. Mas, as pessoas atrás dela tapavam-lhe a visão.

Depois, viu-o. Uma criatura enorme, com a aparência de um homem, mas um palmo mais alto do que qualquer outro homem, a contraluz, à entrada da porta. A sua sombra projectava-se na escuridão interior. O seu rosto não tinha expressão, parecia feito em metal. Os seus olhos estavam tão escondidos nas suas órbitas que Joana mal os conseguia ver. No cimo da cabeça, tinha cornos dourados.

Do meio da multidão, ouviu-se uma mulher gritar.

Woden, pensou Joana. Há muito que tinha deixado de acreditar nos deuses de sua mãe, mas aquele era Woden, tal como a mãe o tinha descrito, subindo a nave central.

Veio salvar-me?, pensou ela.

Quando ele se aproximou, ela viu que o rosto metálico e os cornos eram uma máscara, parte de um complicado elmo de combate. A criatura era um homem, não era um deus. Saía-lhe uma longa cabeleira loura encaracolada do seu elmo, caindo-lhe sobre os ombros.

— Normandos! — gritou alguém.

O intruso continuou sem parar. Ao chegar ao altar, levantou uma pesada espada, de dois gumes, e desfechou-a brutalmente na tonsura de um dos clérigos assistentes. O homem caiu, com o sangue espirrando do buraco onde tinha estado a sua cabeça.

Caiu tudo no caos. À volta de Joana, toda a gente gritava e procurava fugir. Joana foi arrastada pela multidão, entalada de tal forma entre corpos que se debatiam, que os seus pés deixaram de tocar o chão. A onda de aldeões aterrorizados dirigiu-se para a porta, depois, parou abruptamente.

A saída estava bloqueada por outro intruso, vestido para o combate, como o primeiro, mas trazendo um machado, em vez de uma espada.

A multidão hesitou. Joana ouviu gritar lá fora e, depois, apareceram à porta mais normandos — pelo menos, uma dúzia.

Vieram a correr direitos à multidão, soltando gritos medonhos e brandindo machados em ferro enormes.

Os aldeões lutavam e passavam uns por cima dos outros para fugirem aos golpes assassinos. Joana foi empurrada por trás e caiu ao chão. Sentiu que lhe passavam por cima das costas e levantou os braços para proteger a cabeça. Alguém lhe pisou a mão direita com toda a força e ela gritou:

— Mamã! Ajuda-me! Mamã!

Lutando para se libertar de ser esmagada, rastejou até chegar a um canto livre. Olhou para o altar e viu Fulgêncio cercado de normandos. Lutava com eles, brandindo a grande cruz de madeira que estava por trás do altar, que ele tinha arrancado da parede. Balançava-a com força, ao mesmo tempo que os seus atacantes avançavam e recuavam, tentando atingi-lo com as espadas, mas sem conseguirem entrar no círculo da sua defesa. Fulgêncio desferiu um golpe num normando que fez com que ele voasse para o outro lado do coro.

Ela rastejou no meio do barulho e do fumo — havia fogo? — à procura do João. À sua volta, ouviam-se gritos lancinantes, gritos de guerra e gemidos de dor e terror. O chão estava coberto de cadeiras viradas e de corpos a escorrer sangue.

— João — chamou ela.

Ali, o fumo era mais espesso; ardiam-lhe os olhos e não conseguia ver bem.

— João!

Mal ouvia a sua voz, no meio da confusão.

Sentiu uma corrente de ar passar-lhe pelas costas. Atirou-se para o lado, instintivamente. A lâmina do normando, que tinha sido apontada ao seu pescoço, fez-lhe apenas um golpe na face.

O golpe atirou-a ao chão, onde ela se contorceu de dores, com a mão na cara.

O normando ficou diante dela, com um brilho assassino nos seus olhos azuis. Ela recuou, tentando fugir, mas foi em vão.

O normando levantou a espada para desferir o golpe final.

Joana protegeu a cabeça com os braços, virando a cara para o lado.

O golpe não veio. Ela abriu os olhos para ver a espada a cair das mãos do seu agressor. O sangue corria-lhe dos cantos da sua boca, enquanto ele caía lentamente no chão. Por trás dele, estava João, segurando a lâmina ensanguentada da faca de cabo de osso do seu pai.

Os seus olhos brilhavam com um entusiasmo estranho.

— Trespassei-lhe o coração! Viste? Ele ia matar-te!

Ela ficou horrorizada.

— Vão matar-nos a todos! — agarrou-se a João. — Temos de fugir, temos de nos esconder!

Ele libertou-se dela.

— Apanhei outro. Ele veio direito a mim com um machado, mas eu cortei-lhe a garganta.

Joana procurava desesperadamente um sítio para se esconder.

A alguns passos dela, havia um oratório. A sua fachada em madeira esculpida estava coberta de painéis representando a vida de São Germano. E era oco. Talvez tivesse espaço suficiente...

— Depressa — gritou ela para o João — anda!

Puxou pela manga da sua túnica para ele se baixar ao seu lado. Fazendo-lhe sinal para que a seguisse, rastejou na direcção do oratório. Sim! Havia espaço suficiente para se esconderem.

Estava escuro. Passava apenas um fio de luz por uma pequena fenda na junção dos painéis.

Ela escondeu-se num canto, encolhendo as pernas para que João também coubesse. Mas, ele não apareceu. Ela rastejou novamente para a saída e espreitou.

A alguns passos dela, viu-o debruçado sobre o corpo do normando que ele matara. Estava a puxar as roupas ao homem, como se estivesse à procura de qualquer coisa.

— João! — gritou ela. — Aqui! Depressa!

Ele olhou para ela, com um olhar enlouquecido, com as mãos ainda a mexerem no normando. Ela não se atreveu a voltar a gritar, com medo de revelar o precioso esconderijo. Depois, ele soltou um grito triunfante e levantou-se, com a espada do normando na mão.

Ela fez-lhe sinal para que ele viesse ter com ela. Ele levantou a espada, saudando-a, e fugiu.

Hei-de ir ter com ele? Aproximou-se da abertura.

Alguém — uma criança? — gritou perto dela. Um urro tremendo, que ecoou no ar, e, depois, cessou repentinamente. O medo apoderou-se dela e ela recuou. A tremer, espreitou pela nesga entre os painéis, à procura de João.

Travava-se um combate mesmo à sua frente. Ela ouvia o som de metal a bater em metal, viu de relance um pedaço de tecido amarelo, o reluzir de uma espada erguida. Um corpo caiu pesadamente. A luta prosseguiu, deslocando-se um pouco para o lado e ela olhou pela nave abaixo, na direcção da entrada da catedral. As amplas portas continuavam entreabertas, forçadas pelo amontoar grotesco de corpos.

Os normandos estavam a remover as suas vítimas da entrada, deslocando-as para o lado direito da catedral.

A entrada ficou desimpedida.

Agora, disse ela para si mesma. Corre para a porta. Mas, não era capaz de se mexer; os seus membros estavam bloqueados.

Apareceu um homem perto do seu estreito campo de visão.

Parecia tão louco e desgrenhado, que, por momentos, ela não reconheceu que se tratava de Odo. Ele cambaleava na direcção da porta, arrastando a perna esquerda. Tinha a grande Bíblia do altar-mor apertada nos braços.

Já estava quase a chegar à porta quando dois escandinavos o interceptaram. Ele enfrentou os seus atacantes, brandindo a Bíblia, como se ela o protegesse de espíritos malignos. Uma espada pesada cortou o livro e acertou-lhe directamente no peito. Ele ficou por momentos atónito, segurando as duas metades do livro nas mãos. Depois, caiu para trás e não se mexeu mais.

Joana escondeu-se no escuro. Ouvia gritos de moribundos por todos os lados. Enrolada sobre si mesma, enterrou a cabeça nos braços. Sentia as batidas apressadas do seu coração nos ouvidos.

Os gritos cessaram.

Ela ouviu os normandos chamarem-se uns aos outros na sua língua gutural. Ouviu-se um grande ruído de madeira a partir.

Inicialmente ela não compreendeu o que estava a acontecer; depois, apercebeu-se de que eles estavam a despojar a catedral dos seus tesouros. Os homens riam e gritavam. Estavam eufóricos.

Não demoraram muito a terminar o saque. A Joana ouviu-os gemer ao peso dos seus despojos. As suas vozes ressoavam à distância.

Hirta como uma estátua, ela sentou-se no escuro e pôs o ouvido à escuta. Estava tudo sossegado. Dirigiu-se para a entrada do oratório e meteu a cabeça de fora.

A catedral estava destruída. Os bancos tinham sido derrubados, as tapeçarias tinham sido arrancadas das paredes, as imagens estavam quebradas no chão. Não havia sinais dos normandos.

Havia corpos por todo o lado, amontoados de forma caótica. A alguns passos dela, no cimo das escadas que conduziam ao altar, jazia Fulgêncio, junto à grande cruz em madeira. Ela estava partida e cheia de sangue. Junto dele, jaziam os corpos de dois normandos com os crânios esmagados dentro dos seus elmos. Joana moveu-se, saindo de dentro do oratório.

No canto oposto, mexeu-se qualquer coisa. Joana voltou a fugir da luz.

Um pedaço de roupa torceu-se, libertando-se da pilha de corpos.

Tinha sobrevivido alguém!

Uma jovem levantou-se, de costas para Joana. Tremendo, começou a cambalear em direcção à porta.

O seu vestido dourado estava rasgado e ensanguentado e o seu cabelo solto caía-lha sobre os ombros em caracóis arruivados.

— Gisla!

Joana chamou-a e ela virou-se, cambaleando em direcção ao oratório.

Ouviu-se um súbito explodir de gargalhadas fora da catedral.

Gisla ouviu e virou-se para fugir, mas era tarde de mais. Um grupo de normandos entrou pela porta. Caíram sobre Gisla com um grito triunfante, levantando-a no ar, acima das suas cabeças.

Levaram-na para ao pé do altar e prenderam-na pelos pulsos e os tornozelos. Ela torcia-se violentamente, tentando libertar-se. O homem mais alto levantou-lhe a túnica, cobrindo-lhe a cara e caiu em cima dela. Gisla gritou. O homem agarrou os seus seios com as mãos. Os outros riam-se e gritavam, encorajando-o, enquanto ele a violava. Joana tapou a boca com a mão para não gritar.

O normando levantou-se e deu o lugar a outro. Gisla estava imóvel no chão. Um dos homens pegou-lhe pelos cabelos e torceu-os, para a obrigar a reagir.

Um terceiro apossou-se dela e um quarto; depois, abandonaram-na, enquanto colocavam vários sacos daquilo que tinham pilhado junto à porta.

Ouviu-se o tilintar do metal quando os moveram; os sacos deviam estar cheios de tesouros pilhados em várias catedrais.

Tinha sido por causa disso que tinham voltado atrás.

Antes de partirem, um dos homens voltou à procura de Gisla, puxou-a, ainda imóvel e sem oferecer resistência, e colocou-a ao ombro, como um saco de cereais.

Saíram pela porta grande.

Escondida dentro do oratório, Joana ouvia apenas o silêncio que ressoava na catedral.

A luz que entrava pela fisga do oratório projectava grandes sombras. Há horas que não se ouvia nada. Joana mexeu-se e arrastou-se pela passagem estreita.

O altar-mor ainda estava de pé, apesar de ter sido despojado de todos os seus adornos a ouro. Joana debruçou-se sobre ele, olhando à sua volta. A sua túnica nupcial estava manchada de sangue — seria dela? Não sabia dizer. A face latejava-lhe de dor. A custo, começou a vaguear entre os cadáveres amontoados, à procura.

Deparou com o ferreiro e o seu filho numa pilha de cadáveres perto da porta. Estavam abraçados, como se se tivessem tentado proteger um ao outro. Morto, o rapaz parecia mais baixo e mais velho. Umas horas antes, estava ao seu lado na catedral, alto, robusto e cheio de vigor juvenil. Agora, já não há casamento, pensou Joana. Na véspera, aquele pensamento tê-la-ia enchido de um alívio e uma alegria profundas, agora, só sentia um enorme vazio. Deixou-o jazendo ao lado do seu pai e continuou à procura.

Encontrou João a um canto, com a mão ainda agarrando uma espada normanda. A sua nuca tinha sido esmagada com o golpe de uma espada, mas, a violência da sua morte não tinha deixado qualquer marca no seu rosto. Os seus olhos azuis estavam límpidos e abertos, a sua boca um pouco entreaberta, naquilo que parecia ser um sorriso.

Tinha morrido como um soldado.

Ela correu, aos tropeções, na direcção da porta e puxou-a, para a abrir. O painel caiu porque os normandos tinham partido os gonzos com os seus machados. Saiu e respirou o ar fundo e doce em grandes golfadas, libertando-se do fedor da morte. Estava tudo deserto. O fumo subia em rolos lentos por cima dos telhados que, ainda naquela manhã, constituíam um burgo em torno da catedral.

Dorstadt estava em ruínas.

Não havia vivalma. Ninguém tinha sobrevivido. Estavam todos reunidos na catedral para a missa.

Ela olhou para ocidente. Por cima das árvores que lhe ofuscavam a visão, subia uma grossa coluna de fumo, escurecendo o céu.

Villaris.

Tinham-na queimado.

Ela sentou-se no chão e tapou a cara com as mãos para aliviar a sua ferida.

Geraldo.

Ela precisava que ele falasse com ela, que a consolasse, que fizesse com que o mundo voltasse a ser reconhecível. Olhando para o horizonte com os olhos semicerrados, tinha uma vaga esperança de que ele aparecesse, que viesse ao seu encontro montado no Pistis, com o cabelo vermelho adejando ao vento como um estandarte.

Tenho de esperar por ele. Se ele volta e não me encontra, pensa que eu fui levada pelos normandos, como a pobre Gisla.

Mas, eu não posso ficar aqui. Olhou ao seu redor, receosa, observando a paisagem destruída. Não havia sinais dos normandos. Tinham partido? Ou será que iriam regressar, à procura de mais despojos?

E se eles me encontram? Ela tinha visto a compaixão que uma mulher indefesa podia esperar deles.

Onde havia de se esconder? Dirigiu-se para as árvores que assinalavam o início da floresta que circundava a cidade, primeiro, lentamente, depois, a correr. Começou a soluçar; a cada passo, esperava que aparecesse uma mão a agarrá-la pelas costas, virando-a, forçando-a a enfrentar as máscaras hediondas dos normandos. Quando alcançou a segurança das árvores, atirou-se para o chão.

Passado um grande bocado, obrigou-se a levantar-se. Era noite. A floresta em torno dela era escura e ameaçadora. Ouviu um restolhar de folhas e encolheu-se, cheia de medo.

Os normandos podiam andar por perto, acampados naquelas florestas.

Tinha de fugir de Dorstadt e arranjar maneira de avisar Geraldo do local para onde tinha ido.

Mamã. Tinha saudades da mãe, mas não podia ir para casa. O pai nunca lhe tinha perdoado. Se ela voltasse agora, com a notícia da morte do único filho varão que lhe restava, ele iria vingar-se nela, era certo.

Se eu não fosse uma rapariga. Se eu...

Lembrar-se-ia daquele momento para o resto da sua vida, perguntando-se sempre qual teria sido a força, boa ou má, que tinha guiado os seus pensamentos.

Mas, agora, não tinha tempo para pensar. Era a sua única oportunidade. Talvez não voltasse a haver outra.

O Sol vermelho brilhava no horizonte. Ela tinha de agir rapidamente.

Encontrou o João deitado, tal como o tinha deixado, estirado no interior escuro da catedral. O seu corpo estava mole e não ofereceu resistência, quando ela o virou de lado. Ainda não tinha chegado à rigidez da morte.

— Perdoa-me — murmurou ela, ao despir João do seu manto.

Quando terminou, tapou-o com o manto que tinha despido.

Fechou-lhe os olhos docemente e colocou-o numa posição o mais decente que lhe foi possível. Levantou-se, esticando os braços, adaptando-se ao peso e à sensação causada pelas suas novas vestes. Não eram assim tão diferentes das suas, excepto nas mangas, que eram apertadas nos pulsos. Apalpou a faca de cabo de osso que tinha tirado do cinto do João.

A faca do pai. Era velha, com o cabo em osso escurecido e gasto, mas a lâmina era afiada.

Dirigiu-se ao altar. Tirando a touca, colocou o cabelo sobre o altar. Ele espalhou-se por cima da pedra macia, quase branco à luz pálida.

Levantou a faca.

Lenta e deliberadamente, começou a cortar.

Na penumbra, um jovem saiu pela porta da catedral em ruínas, perscrutando a paisagem com os seus olhos cinzento-esverdeados. A Lua levantava-se num céu estrelado.

Por trás dos edifícios destruídos, brilhava ao luar uma estrada para ocidente, emergindo da escuridão.

A figura esgueirou-se furtivamente da sombra da catedral.

Ninguém tinha sobrevivido para ver quando Joana se apressou pela estrada, em direcção ao grande mosteiro de Fulda.

Capítulo 12

A sala estava apinhada e barulhenta, cheia de gente que tinha vindo dos arredores da pequena cidade da Westphalia para assistir ao processo de mallus. Acotovelavam-se, arrastando com os pés a palha seca que tinha sido colocada sobre o chão em terra batida para absorver os restos de cerveja, escarros e excrementos de animais que se encontravam por baixo. O cheiro a gente invadia o ar quente e abafado. Mas, ninguém reparava porque estes cheiros eram habituais na casa dos francos. Além disso, as atenções da multidão estavam concentradas noutra coisa: no conde frígio ruivo que tinha sido enviado para julgar e conceder justiça em nome do imperador.

Geraldo virou-se para Frambert, um dos sete scabini encarregados de o assistirem no seu trabalho.

— Quantos faltam ainda?

O mallus tinha-se reunido ao romper da aurora; a tarde já ia a meio e eles tinham procedido ao seu trabalho durante mais de oito horas. Os seus homens apoiavam-se sobre as suas espadas, cansados, por trás da mesa à qual Geraldo estava sentado. Ele tinha trazido vinte dos seus melhores homens para prevenir.

Depois da morte do imperador Carlos, o Império tinha caído no caos; a posição dos missi imperiais era cada vez mais precária. Por vezes, eram confrontados com o desafio descarado dos senhores ricos e poderosos das localidades, homens que não estavam habituados a ver a sua autoridade posta em causa. A lei não valia nada se não pudesse ser cumprida; por isso é que Geraldo tinha levado tantos homens, apesar de isto ter significado deixar Villaris apenas com um punhado de defensores.

Mas, as fortes paliçadas em madeira eram garantia suficiente contra as depredações de assaltantes solitários e de larápios, a única ameaça à paz e segurança daquelas paragens, havia muitos anos.

Frambert verificou a lista de queixosos, escrita num rolo de pergaminho com oito polegadas de largura e quinze pés de comprimento.

— Mais três, por hoje, senhor — disse Frambert.

Geraldo suspirou enfadado. Estava cansado e esfomeado; a sua paciência para lidar com a torrente interminável de acusações, contestações e queixas insignificantes era muito pouca. Quem lhe dera estar em Villaris, com a Joana. Joana. Como sentia a sua falta — a sua voz rouca, o seu riso

aberto, os seus olhos verde-acinzentados fascinantes, que o olhavam com uma inteligência e um amor enormes. Mas, não podia pensar nela. Afinal, tinha sido por isso que tinha aceitado servir como missus — para se afastar dela, dando-lhe tempo de recuperar o controlo sobre a intensidade ingovernável de emoções que se tinham avolumado dentro dele.

— Chamai o caso seguinte, Frambert — ordenou Geraldo, pondo termo aos seus pensamentos errantes.

Frambert desenrolou o pergaminho e leu alto, esforçando-se por se fazer ouvir sobre o murmúrio da multidão.

— Abo queixa-se do seu vizinho Hunaldo, acusando-o de lhe ter sido infiel e de lhe ter ficado com o seu gado, sem lhe dar a devida recompensa.

Geraldo abanou a cabeça, em sinal de que sabia do que se tratava. A situação era muito comum. Naqueles tempos iletrados, raro era o proprietário que possuía registos escritos dos seus haveres; a ausência destes registos deixava campo aberto para todos os tipos de ladroagem e de fraudes.

Hunaldo, um homem grande e corado, ricamente vestido de linho escarlate, avançou, para negar a acusação.

— Os animais são meus. Trazei-me o relicário.

Apontou para a caixa de relíquias sobre a mesa.

— Perante Deus — fez uma pausa dramática, levantando as mãos ao Céu — juro a minha inocência sobre estes ossos sagrados.

— As vacas são minhas, senhor, não de Hunaldo, como ele bem sabe — respondeu Abo, um homenzinho cujo comportamento discreto e o traje simples contrastava com o de Hunaldo. — Hunaldo pode jurar o que quiser; a verdade não muda.

— O quê, Abo, tu pões em causa o juramento diante de Deus? — ripostou Hunaldo.

A sua voz assinalava o tom exacto da indignação piedosa, mas Geraldo apercebeu-se da arrogância que ela escondia.

— Vede, senhor conde, isto é blasfémia!

— Tendes alguma prova de que os animais são vossos? — perguntou Geraldo a Abo.

A pergunta era bastante invulgar; a noção de testemunho ou de apresentação de provas não existia no país dos Francos.

Hunaldo olhou intrigado para Geraldo. O que estava este estranho conde frígio a tentar fazer?

— Prova? — essa era nova; Abo teve de pensar um pouco. Bem, Berta — é a minha mulher — pode dizer os nomes de cada um deles e os meus quatro filhos também porque os conhecem desde que eles nasceram. Podem dizer-vos quais as que são difíceis de ordenhar e quais os que preferem forragem a erva. — Veio-lhe à ideia mais uma coisa. — Levai-me junto deles e deixai que eu os chame; eles virão imediatamente ao meu encontro porque conhecem o som da minha voz e o toque da minha mão.

Nos olhos de Abo flamejou uma pequenina esperança.

— Que disparate! — explodiu Hunaldo. — Deverá este tribunal preferir as acções irreflectidas de animais estúpidos às leis sagradas dos Céus? Exijo um julgamento justo por compurgação. Trazei o relicário e deixai-me jurar!

Geraldo coçou a barba, pensativo. Hunaldo era o acusado; estava no direito de requerer o juramento. Deus não permitiria que ele jurasse falso com uma mão sobre o relicário sagrado, pelo menos, assim o dizia a lei.

O imperador dava muita importância a tais provas, mas Geraldo tinha as suas dúvidas. Havia homens que, mais preocupados com as vantagens sólidas deste mundo do que com os terrores vagos e abstractos do próximo, não hesitavam em mentir. Se fosse preciso, eu próprio o faria, pensou Geraldo, se o que estivesse em causa fosse suficientemente importante.

Ele juraria falso sobre uma carrada de relíquias para proteger a segurança de alguém que ele amasse.

Joana. A imagem dela voltou a emergir irresistivelmente na sua mente e ele fez um esforço por a afastar. Teria muito tempo para tais pensamentos quando o trabalho do dia estivesse terminado.

— Senhor — Frambert sussurrou ao seu ouvido — eu posso testemunhar a favor de Hunaldo. Ele é um bom homem, generoso, e esta queixa contra ele é falsa.

Por baixo da mesa, sem que a multidão visse, Frambert brincava com um anel magnífico, uma ametista encrostada em prata, gravada com a

figura de uma águia.

Fê-lo rodar no dedo para que Geraldo pudesse ver como reluzia.

— Ah, sim, um homem muito generoso. — Frambert tirou o anel do dedo. — Hunaldo quis que eu vos dissesse que isto é vosso. Um gesto de apreço pelo vosso apoio.

Sorria levemente.

Geraldo pegou no anel. Era uma peça magnífica, a melhor peça que ele já tinha visto. Manipulou-a, admirando o seu peso e o trabalho perfeito do seu artesão.

— Obrigado, Frambert — disse ele, com firmeza. — Isto facilita a minha decisão.

Frambert abriu-se num sorriso conspirativo.

Geraldo virou-se para Hunaldo.

— Desejais submeter-vos ao julgamento de Deus?

— Sim, senhor.

Hunaldo estava cheio de segurança, depois de ter testemunhado a troca entre Geraldo e Frambert. O servo com o relicário avançou, mas Geraldo mandou-o parar.

— Procuraremos o julgamento de Deus através do judicium aquae ferventis.

Hunaldo e Abo não perceberam; tal como os outros na sala, eles também não sabiam latim.

— Kesselfang — traduziu Geraldo.

— Kesselfang!

Hunaldo empalideceu; não tinha pensado nisso. O processo da água a ferver era uma forma bastante conhecida de julgamento, mas há muitos anos que não era utilizada naquela parte do Império.

— Trazei um caldeirão — ordenou Geraldo.

Fez-se um silêncio profundo durante alguns momentos. Depois, a sala irrompeu num caos de murmúrios e movimentações. Houve vários scabini que se apressaram a sair para procurarem um caldeirão com água já a ferver nas casas mais próximas.

Voltaram alguns minutos depois, trazendo um caldeirão em ferro negro, com a profundidade de um braço de um homem, cheio de água

quente. Puseram-no no chão no meio da sala, com a água a fumegar e a borbulhar.

Geraldo manifestou-se satisfeito. Dado o talento de Hunaldo para o suborno, o caldeirão podia ser mais pequeno.

Hunaldo franziu o sobrolho.

— Senhor conde, eu protesto! — o medo tinha-o tornado indiferente às aparências. — E o anel?

— Foi exactamente o que eu pensei, Hunaldo.

Geraldo segurou o anel, de forma a que todos o vissem, depois atirou-o para o caldeirão.

— Por sugestão do acusado, este anel será o instrumento do julgamento de Deus.

Hunaldo engoliu em seco. O anel era pequeno e escorregadio; era extremamente difícil de encontrar. Mas, ele não podia recusar o julgamento sem admitir a sua culpa e devolver as vacas a Abo — e elas valiam bem mais de setenta soldos.

Amaldiçoou o conde estrangeiro, tão inexplicavelmente imune aos benefícios de uma troca de favores que tinham caracterizado a sua relação com outros enviados. Respirou fundo e mergulhou o braço no caldeirão.

A sua face contorceu-se de dor, quando a água a ferver lhe queimou a pele. Procurou freneticamente o anel dentro do caldeirão. Escapou-lhe dos lábios um urro de desespero quando ele lhe escorregou da mão. Os seus dedos torturados apressavam-se na busca e — graças a Deus! — apanhou-o.

Levantou a mão trazendo o anel.

— Aaaaaaah.

A multidão soltou um murmúrio de espanto, quando viram o braço de Hunaldo. Já se estavam a começar a formar bolhas sobre a superfície vermelha da sua pele.

— Dez dias — anunciou Geraldo — será o tempo que durará o julgamento de Deus.

Houve um rebuliço entre a multidão, mas não se ouviu qualquer protesto. Toda a gente conhecia a lei: se as feridas das mãos e dos braços de Hunaldo se curassem dentro de dez dias, estava provada a sua inocência e o

gado era seu. Se não, ele seria declarado culpado de roubo e o gado seria devolvido ao seu legítimo dono, Abo.

Pessoalmente, Geraldo duvidava que as feridas sarassem em tão pouco tempo. Era essa a sua ideia porque ele não tinha dúvida de que Hunaldo era culpado daquele crime. E se as feridas de Hunaldo sarassem no período de tempo estipulado — bem, o processo fá-lo-ia pensar duas vezes antes de voltar a roubar o gado do seu vizinho. Era uma justiça dura, mas era aquela que a lei permitia e era melhor do que nada. Lex dura, sed lex. Os estatutos imperiais eram os únicos pilares sobre os quais se apoiava a lei nestes tempos conturbados; se se passasse por cima deles, quem sabe que ventos intempestivos soprariam pelo país, derrubando tanto fracos como poderosos.

— Chama o próximo caso, Frambert.

— Aelfric acusa Fulrad de recusar pagar o preço de sangue estipulado por lei.

O caso parecia bastante simples. O filho de Fulrad, Tenbert, um rapaz de dezasseis anos, tinha morto uma jovem, uma das coloni de Aelfric. O crime em si não estava em discussão, mas sim o preço de sangue. As leis imperiais acerca do wergeld eram precisas e diferentes para cada um, segundo o seu nível, a sua fortuna, idade e sexo.

— A culpa foi dela — disse Tenbert, um rapaz alto e ossudo, com a pele sardenta e uma expressão insolente. — Ela não passava de uma colona; não devia ter resistido.

— Ele violou-a — explicou Aelfric. — Apareceu quando ela andava a vindimar na minha vinha e embeiçou-se por ela. Ela era uma coisinha bonita com apenas doze invernos — ainda uma criança, na realidade — e não compreendeu. Pensou que ele lhe queria fazer mal. Como não se lhe submeteu de livre vontade, ele bateu-lhe brutalmente.

Ouviu-se um longo murmúrio entre a multidão; Aelfric fez uma pausa, para que ficasse registado.

— Ela morreu no dia seguinte, espancada e inchada, a chamar pela mãe.

— Não tendes de que vos queixar — interrompeu Fulrad, o pai de Tenbert, exaltado. — Eu não paguei o wergeld na semana seguinte?

Cinquenta soldos em ouro, uma soma generosa. E a rapariga não passava de uma colona!

— A rapariga morreu; não volta a vindimar. E a mãe dela, uma das minhas melhores tecedeiras, está tão desgostosa que já não serve para nada. Exijo o wergeld justo: cem soldos em ouro.

— Um ultraje!

Fulrad abriu os braços, apelando:

— Senhor, com o que lhe dei, Aelfric pode comprar vinte vacas leiteiras — que toda a gente sabe que valem mais do que uma pobre rapariga, a sua mãe e um tear juntos!

Geraldo franziu as sobrancelhas. Este regateio sobre preço de sangue era repelente. A rapariga tinha mais ou menos a mesma idade de Dhuoda, filha de Geraldo. A ideia deste jovem rude e desagradável a forçá-la era grotesca. Claro que estas coisas estavam sempre a acontecer — qualquer colona que conseguisse chegar aos catorze anos com a sua virgindade intacta ou tinha tido uma sorte extraordinária, ou era feia, ou ambas as coisas. Geraldo não era ingénuo, sabia como era o mundo, mas isso não significava que lhe agradasse.

Sobre a mesa à sua frente estava um grande códex encadernado em pele, com o selo imperial. Nele estavam escritas as velhas leis do Império, a Lex Salica, assim como a Lex Carolina, que incluía revisões e adições ao código legal do imperador Carlos. Geraldo conhecia a lei e não precisava do livro.

Mesmo assim, consultou-o solenemente; a sua presença impressionava sempre os litigantes e a sentença que ele ia dar requeria toda a sua autoridade.

— O código sálico é muito claro neste ponto — acabou ele por dizer. — Cem soldos é o wergeld legal pela colona.

Fulrad praguejou alto. Aelfric sorriu.

— A rapariga tinha doze anos de idade — continuou Geraldo. Portanto, tinha chegado à idade fértil. Por lei, o seu preço de sangue tem de ser triplicado para trezentos soldos em ouro.

— O quê? O tribunal enlouqueceu? — gritou Fulrad.

— A soma — prosseguiu Geraldo, impassível — deve ser paga da seguinte forma: duzentos soldos para Aelfric, o senhor legal da rapariga, e

cem para a família da vítima.

Agora, foi a vez de Aelfric se sentir ultrajado.

— Cem soldos para a família dela? — disse ele, incrédulo. — Para coloni? Eu sou o senhor da propriedade; o wergeld da rapariga é meu por direito!

— Estais a tentar arruinar-me? — interrompeu Fulrad, demasiado absorvido nos seus próprios problemas para se comprazer com o desagrado do seu inimigo. — Trezentos soldos é quase o preço de sangue de um guerreiro! De um padre! — dirigiu-se agressivamente para a mesa a que Geraldo estava sentado. — Talvez, mesmo de um conde?

A ameaça na sua voz era iniludível.

A multidão murmurou, alarmada, quando uma dúzia de homens de Fulrad se aproximaram. Estavam armados de espadas e pareciam ser homens habituados a usá-las.

Os homens de Geraldo avançaram também, levando as mãos às espadas, prontos a puxarem por elas. Geraldo conteve-os com um gesto.

— Em nome do imperador — disse Geraldo, com uma voz afiada como a lâmina de uma faca — a sentença neste caso está dada e recebida.

Os seus frios olhos azuis olharam para Fulrad.

— Chamai o próximo caso, Frambert.

Frambert não respondeu. Tinha-se escapado do seu lugar e estava escondido debaixo da mesa.

Passou um tempo num silêncio tenso, durante o qual o murmúrio inquieto da multidão acalmou completamente.

Geraldo recostou-se na sua cadeira, aparentando uma total segurança e à-vontade, mas com a mão direita pousada negligentemente sobre a sua espada, com os dedos apalpando o aço frio.

De repente, praguejando, Fulrad virou-se. Agarrando rudemente em Tenbert pelo braço, arrastou-o para a porta. Os homens de Fulrad seguiram-os, com a multidão a abrir alas para os deixar passar. Ao saírem a porta, Fulrad deu uma sapatada na cabeça de Tenbert. O grito de dor do rapaz ecoou na sala e a multidão explodiu num riso rouco, aliviado.

Geraldo sorriu. Se sabia alguma coisa acerca da natureza humana, Tenbert preparava-se para apanhar uma tareia. Talvez lhe servisse de lição ou talvez não. Fosse como fosse, já não adiantava nada para a rapariga

assassinada. Mas, a sua família receberia uma parte do seu wergeld. Com ele, podiam comprar a sua liberdade e construir uma vida melhor com os filhos que tinham ficado e com os filhos dos seus filhos.

Geraldo fez sinal aos seus homens; eles voltaram a embainhar as suas espadas e regressaram às suas posições por trás da mesa do tribunal.

Frambert saiu de debaixo da mesa e voltou a ocupar o seu lugar com um ar de dignidade atingida. Estava pálido e a sua voz tremeu ao ler o último caso.

— Ermoin, o moleiro, e a sua mulher queixam-se da sua filha, dizendo que ela, contrariando a sua ordem expressa, casou voluntariamente com um escravo.

A multidão voltou a abrir alas para deixar passar um casal idoso, de cabelo grisalho, patrícios vestidos com belas vestes — testemunho do sucesso de Ermoin no seu negócio. Atrás deles, vinha um jovem, vestido com uma túnica usada e velha de escravo e, por fim, uma jovem, que entrou com a cabeça baixa, modestamente.

— Senhor, — Ermoin falou sem esperar que lhe dessem a palavra — olhai para a nossa filha, Hildegarda, a alegria dos nossos velhos corações, a única filha que sobreviveu dos oito que tivemos. Foi educada com demasiada brandura, senhor — como ficámos a saber, para desgosto nosso. Pois pagou o nosso amor com uma desobediência e ingratidão obstinadas.

— Que reparação buscais neste tribunal? — perguntou Geraldo.

— Ora, uma decisão, senhor — disse Ermoin, surpreendido. — A roca ou a espada. Ela tem de escolher, como manda a lei.

Geraldo fícou sério. Na sua carreira como missus nunca tinha presidido a um caso daqueles; não desejava testemunhar outro.

— A lei, como dizeis, legisla nestas circunstâncias. Mas, parece muito dura, especialmente para alguém educado de uma forma tão... branda. Não existe outra forma?

Ermoin percebeu onde ele queria chegar. Podia ser pago o preço de um homem, o rapaz podia ser libertado da escravidão, tornado um homem livre.

— Não, senhor — abanou a cabeça negativamente, com veemência.

— Muito bem — disse Geraldo, resignado.

Não havia forma de o evitar. Os pais da rapariga conheciam a lei e iriam insistir no terrível procedimento, até ao fim.

— Trazei uma roca — ordenou Geraldo. — E Hunric — apontou para um dos homens — empresta-me a tua espada.

Ele não queria usar a sua; nunca tinha atingido carne indefesa, nem nunca o faria, enquanto fosse sua.

Houve alguns momentos de confusão e perturbação, enquanto foram procurar uma roca nas imediações.

A rapariga levantou os olhos quando a trouxeram. O seu pai falou-lhe num tom severo e ela baixou imediatamente os olhos.

Mas, naquele breve momento, Geraldo viu o seu rosto, de relance. Ela era bela - tinha grandes olhos de cornalina, mergulhados num mar de pele branca e fina, sobrancelhas delicadas, lábios docemente redondos. Geraldo compreendia a irritação do pai: com um rosto daqueles, a rapariga podia ter conquistado o coração de um grande senhor, até de um nobre, aumentando a fortuna da família.

Geraldo pousou uma mão sobre a roca; com a outra, levantou a espada.

— Se Hildegarda escolher a espada — disse Geraldo alto para que todos ouvissem — o seu marido, o escravo Romualdo, morrerá imediatamente. Se escolher a roca, então, tornar-se-á ela própria escrava.

Era uma escolha terrível. Uma vez, Geraldo tinha visto uma outra rapariga, não tão bela, mas igualmente jovem, enfrentar o mesmo dilema. Tinha escolhido a espada e ficou a ver, enquanto o homem que ela amava era chacinado diante dos seus olhos. Mas, o que poderia ela ter feito? Quem escolheria livremente a humilhação, não só para si, mas também para os seus filhos e todas as gerações futuras da sua sucessão?

A rapariga ficou em silêncio, imóvel. Quando Geraldo explicou o julgamento, ficou à mesma impassível.

— Compreendeis o significado da escolha que tendes de fazer? perguntou-lhe Geraldo com gentileza.

— Compreende, senhor — disse Ermoin, apertando o braço da filha. — Ela sabe exactamente o que tem de fazer.

Geraldo já o sabia. A cooperação da filha tinha sido assegurada através de ameaças e maldições, talvez até, de forma violenta.

Os guardas que ladeavam o jovem agarraram-lhe os braços, para evitar que ele tentasse fugir. Ele deitou-lhes um olhar furioso. Tinha um rosto interessante — com sobrancelhas cerradas, coberto com um cabelo desalinhado, mas tinha olhos inteligentes, um maxilar bem feito e um nariz belo e forte; parecia ter sangue dos antigos romanos.

Podia ser um escravo, mas era corajoso. Geraldo fez sinal aos guardas para que o largassem.

— Vamos, menina! — disse Geraldo à rapariga. — Está na hora.

O pai segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ela abanou a cabeça e ele largou-lhe o braço e empurrou-a para a frente.

Ela levantou a cabeça e olhou para o jovem. O amor indisfarçável que os seus olhos demonstravam surpreendeu Geraldo.

— Não!

O pai da rapariga tentou impedi-la, mas, era tarde de mais.

Com os olhos fixos no marido, ela aproximou-se, sem hesitar, da roca, sentou-se e começou a fiar.

Ao regressar a Villaris no dia seguinte, Geraldo pensou no que tinha acontecido. A rapariga tinha sacrificado tudo: a família, a fortuna e mesmo a liberdade. O amor que tinha visto no seu rosto lançou fogo à sua imaginação e levou-o para caminhos que ele não compreendia completamente. Tudo o que sabia, com uma convicção que punha tudo o resto de lado, era aquilo que ele queria — aquela pureza e intensidade emocional que fazia com que tudo o resto parecesse uma sombra, insignificante. Não era demasiado tarde para ele; certamente, não era demasiado tarde. Ele tinha só vinte e nove anos — talvez já não fosse um jovem, mas, ainda estava no apogeu das suas forças. Nunca tinha amado a sua esposa, Richild, e ela nunca tinha fingido que o amava. Ele sabia muito bem que ela não sacrificaria sequer um pente por causa dele. O casamento deles tinha sido um casamento de fortunas e famílias preparado cuidadosamente. Era assim que devia ser e, até há pouco, Geraldo nunca tinha querido mais. Quando, depois do nascimento de Dhuoda, Richild

tinha anunciado que não queria mais filhos, ele tinha aceite o seu desejo sem qualquer sensação de perda.

Não tinha tido dificuldades em encontrar parceiras com vontade de partilhar prazeres fora do leito matrimonial. Mas agora, por causa da Joana, tudo tinha mudado. Imaginou-a, o seu belo cabelo dourado em torno da face, os seus olhos verde-acinzentados, tão sérios que pareciam fazê-la mais velha do que era na realidade. A forma como a queria, que ultrapassava o simples desejo, torturava-lhe o coração. Nunca tinha conhecido ninguém como ela. A sua inteligência rara, a sua determinação em desafiar e pôr em questão as ideias que os outros aceitavam como verdades imutáveis, enchiam-no de admiração. Não podia falar com ninguém como falava com ela.

Podia confiar-lhe tudo, incluindo a sua própria vida.

Seria fácil fazer dela sua amante — o seu último encontro na margem do rio não tinha deixado dúvida disso. Mas, ao contrário do que seria de esperar, ele tinha-se retraído, à espera de mais qualquer coisa, apesar de, naquela altura, não saber o quê.

Agora, sabia.

Quero que ela seja minha esposa.

Seria difícil e dispendioso, sem dúvida, libertar-se de Richild, mas isso não importava. Joana será minha esposa, se quiser. Quando tomou esta resolução, sentiu-se em paz.

Respirou fundo, aspirando os aromas ricos e excitantes da floresta primaveril, sentindo-se feliz e vivo como não se sentia havia anos.

Estavam muito perto de casa. Havia uma nuvem baixa e negra pairando no ar que impedia Geraldo de ver Villaris. Joana estava lá, à espera dele. Impaciente, pôs Pistis a galope.

Havia um cheiro desagradável no ar, que lhe entrou pelo nariz.

Fumo.

A nuvem sobre Villaris era fumo.

Então, começaram a galopar pela floresta, sem se importarem com os ramos que se agarravam aos seus cabelos e às suas vestes. Chegaram à clareira e pararam abruptamente, estarrecidos.

Villaris tinha desaparecido.

Por baixo da nuvem de fumo que subia lentamente em espiral, apenas restava um monte de escombros e cinzas daquilo que era a casa que tinham deixado duas semanas antes.

— Joana! — gritou Geraldo. — Dhuoda! Richild!

Teriam fugido ou estavam mortas, soterradas por baixo do monte de escombros fumegantes?

Os seus homens ajoelharam-se no meio das cinzas, procurando identificar qualquer coisa — um pedaço de tecido, um anel, uma tiara. Alguns deles, começaram a chorar ao remexerem as cinzas, tal era o medo que tinham de encontrar de repente aquilo que procuravam.

Por baixo de um monte de vigas chamuscadas, num canto, Geraldo viu uma coisa que lhe provocou um aperto no coração.

Era um pé. Um pé humano.

Correu e começou a afastar as vigas, agarrando-as com as mãos, até elas começarem a sangrar, sem que ele se apercebesse. Lentamente, o corpo que estava por baixo delas começou a aparecer. Era o corpo de um homem, de tal forma carbonizado que as suas feições estavam praticamente irreconhecíveis, mas, pelo amuleto que tinha ao pescoço, Geraldo apercebeu-se de que se tratava de Andulfo, um dos guardas. Na sua mão direita, tinha uma espada. Geraldo baixou-se para lha tirar, mas, os dedos do homem recusaram-se a largá-la. O calor do fogo tinha derretido o punho, fundindo a carne e o ferro um no outro.

Andulfo tinha morrido a lutar. Mas, com quem? Ou com o quê?

Geraldo olhou em redor com o olhar experiente de um soldado.

Não havia sinais de acampamento, não tinham ficado para trás nenhumas armas ou objectos que lhes permitissem perceber o que se tinha passado. A floresta ao redor estava silenciosa, na brisa da tarde primaveril.

— Senhor!

Os seus homens encontraram os corpos de mais dois guardas.

Tal como Andulfo, também eles tinham morrido em combate, tendo ainda as armas nas mãos. A descoberta levou-os a prosseguirem a busca, mas em vão. Não havia sinais de vida.

Onde estão todos? Tinham deixado duas vintenas de pessoas em Villaris. Elas não podiam ter desaparecido todas, sem quaisquer vestígios de ossos ou sangue.

O coração de Geraldo batia com uma esperança louca. Joana estava viva, tinha de estar viva. Talvez estivesse perto, escondida na floresta com os outros que tinham desaparecido.

Ou talvez tivessem fugido para a cidade!

Montou Pistis de um salto, chamando os seus homens.

Dirigiram-se para a cidade a galope, abrandando apenas quando chegaram às ruas vazias, desertas.

Geraldo e os seus homens espalharam-se em reconhecimento pela longa fila de casas silenciosas. Geraldo levou Worad e Amalwin e dirigiu-se para a catedral. As pesadas portas em madeira de carvalho pendiam dos gonzos partidos. Inquietos, os homens desmontaram e aproximaram-se, de espadas em riste. Ao subir as escadas, Geraldo escorregou numa coisa viscosa. Na soleira da porta, havia uma poça de sangue escuro, formada pelo sangue que escorria lentamente do lado de dentro da porta.

Geraldo entrou.

Por momentos, a escuridão do interior obscureceu-lhe a visão. Depois, começou a ver melhor.

Atrás dele, Amalwin começou com vómitos. Geraldo sentiu um vómito a subir-lhe na garganta, mas engoliu-o, controlando-se.

Tapou a boca e o nariz com as mangas e avançou pela nave central da igreja. Era difícil evitar tropeçar no monte de corpos espalhados. Ouviu Worad e Amalwin a praguejarem, ouviu o som da sua própria respiração rápida e fraca. Continuou, como se estivesse a sonhar, avançando entre os despojos humanos, à procura.

Perto do altar-mor, encontrou os membros da sua casa. Estava ali Wala, o capelão, e Wido, o intendente. Irminon, a criada de quarto, estava perto, com os seus braços sem vida ainda a segurarem o seu bebé morto. Worad, o seu marido, deu um grito quando a encontrou. Caiu de joelhos e abraçou-os, apesar das suas feridas e do sangue.

Geraldo afastou-se. Os seus olhos caíram numa jóia em esmeraldas e prata que lhe era familiar. A tiara de Richild.

Ela jazia junto dela, com o seu cabelo negro espalhado sobre o corpo como se fosse uma mortalha. Ele pegou na tiara e ia a colocar-lha no cabelo. Quando tocou na cabeça de Richild, ela virou-se grotescamente, depois rolou lentamente para longe do corpo.

Horrorizado, Geraldo recuou. O seu pé pisou outro corpo e ele quase caiu. Olhou para o chão. Aos seus pés, estava Dhuoda, com o corpo retorcido como se tivesse tentado fugir aos golpes dos seus agressores. Com um gemido de dor, Geraldo caiu de joelhos ao lado do corpo da filha. Tocou-a docemente, acariciando o seu belo e macio cabelo de criança, dispondo os seus membros de forma a que ela ficasse numa posição menos grotesca. Beijou-lhe a face e passou a sua mão sobre os seus olhos vazios, fechando-os. Estava tudo errado. Deveria ter sido ela a prestar-lhe aquela última homenagem a ele.

Com um pressentimento sinistro, levantou-se e continuou a sua busca cruel através dos corpos espalhados. Joana devia estar ali algures, entre os outros, tinha de a encontrar.

Atravessou a nave, fixando todos os rostos frios e mortos, reconhecendo em cada um deles as feições de um companheiro, de um vizinho ou de um trabalhador. Mas, não encontrou Joana.

Será que ela tinha conseguido escapar, miraculosamente?

Seria possível? Geraldo mal se atrevia a ter esperança.

Recomeçou a procurar.

— Senhor! Senhor!

Fora da catedral, ouviam-se vozes aflitas. Geraldo chegou à porta quando o resto dos homens se aproximaram, a cavalo.

— Normandos, senhor! Ao pé do rio! A carregarem as suas embarcações...

Mas, Geraldo já tinha saído, correndo na direcção de Pistis.

Galoparam a toda a brida em direcção ao rio. Os cascos dos seus cavalos ribombavam na terra seca do caminho. Não pensaram na surpresa que poderiam ter, entorpecidos pela dor, só pensavam em vingar-se.

Depois de uma curva, viram um navio comprido e bem equipado, com uma grande proa em madeira com a forma de uma cabeça de dragão, com uma grande boca e longos dentes. A maior parte dos normandos já tinha embarcado, mas ainda havia um grupo na margem, a guardarem o navio, enquanto era carregado o resto dos despojos.

Com um grande grito de guerra, Geraldo avançou, erguendo a sua espada. Os seus homens seguiram-no de perto. Os normandos apeados

deitaram-se à água ou puseram-se a correr em todas as direcções, vários foram pisados pelos cascos dos cavalos.

Geraldo ergueu a sua azagaia, apontando ao normando que estava mais perto, um gigante de barba amarela, com um elmo dourado.

O gigante virou-se, levantou o seu escudo e a azagaia caiu sobre ele, fazendo um barulho surdo.

De repente, o ar encheu-se de setas, os normandos ripostavam. Pistis empinou-se furiosamente, depois, tombou, atingida num olho por uma seta. Geraldo saltou para o chão, mas caiu mal, ferindo-se na perna esquerda. Desembainhou a espada e correu, coxeando, na direcção do gigante, que procurava arrancar a azagaia do seu escudo. Geraldo pôs o pé na ponta da azagaia, atirando-a ao chão, e puxou o escudo do normando para baixo, atirando-o para longe. O gigante olhou para Geraldo, surpreendido, e levantou o seu machado, mas, era tarde de mais, de um só golpe, Geraldo trespassou-lhe o coração. Sem esperar sequer que ele caísse, Geraldo rodopiou e atingiu outro normando, rachando-lhe a cabeça. Os salpicos de sangue mancharam o rosto de Geraldo e ele pestanejou para conseguir ver. Estava no centro da luta. Levantou a sua espada, golpeando tudo à sua volta, desesperadamente, deixando explodir as emoções que tinha controlado nas últimas horas, num delírio de morte e de sangue.

— Estão a fugir! Estão a fugir!

Os gritos dos seus homens soaram aos ouvidos de Geraldo, ele olhou para a margem e viu o navio com cabeça de dragão a levantar ferro, com a sua vela vermelha desfraldada ao vento.

Os normandos fugiam.

Um cavalo baio, sem cavaleiro, dançava nervosamente a alguns passos dele. Geraldo montou-o. O cavalo entrou em pânico, mas Geraldo dominou-o. O cavalo virou-se rapidamente e cavalgou para a margem. Com um grito para que os homens o seguissem, Geraldo cavalgou pela água dentro. Da sela, pendia uma lança por usar. Geraldo pegou nela e atirou-a com uma força tal que quase foi projectado por cima do pescoço do cavalo. A lança cortou o ar com a sua ponta em metal brilhando ao sol e caiu na água, perto da mandíbula do dragão.

No navio, ouviu-se uma explosão de risos. Os normandos insultavam-nos na sua língua áspera. Dois deles levantaram no ar uma

trouxa dourada para se divertirem. Só que não era uma trouxa: era uma mulher que pendia no meio deles, inanimada, uma mulher de cabelo castanho.

— Gisla! — gritou Geraldo, desesperado, ao reconhecê-la.

O que fazia ela ali? Devia estar em casa, a salvo, com o marido.

Levantando um pouco a cabeça, Gisla gritou:

— Pai! Paaaaaai!

O grito dela ressoou nas fímbrias do seu ser.

Geraldo esporeou o cavalo, mas ele relinchou e recuou, recusando-se a avançar nas águas profundas. Ele golpeou-o com a espada nos flancos traseiros, para o obrigar a obedecer, mas, isso só serviu para o assustar ainda mais, saltou furiosamente, de patas levantadas. Um cavaleiro menos treinado teria sido projectado, mas Geraldo aguentou-se com determinação, lutando para dobrar o cavalo à sua vontade.

— Senhor! Senhor!

Os homens de Geraldo rodearam-no, agarrando as rédeas e puxando-o para trás.

— Não vale a pena, senhor! — Grifo, o lugar-tenente de Geraldo falou-lhe alto ao ouvido. — Não podemos fazer mais nada.

As velas vermelhas do navio normando tinham começado a flutuar, enfunando-se, à medida que o navio deslizava rapidamente, afastando-se da margem. Não havia forma de o perseguir, não havia barcos, mesmo que Geraldo e os seus homens soubessem navegá-los, a arte da navegação há muito que tinha sido esquecida na terra dos francos.

Entorpecido, Geraldo deixou que Grifo levasse o cavalo para a margem. O grito de Gisla continuava a ressoar nos seus ouvidos. Paaaaaai! Estava perdida, irremediavelmente perdida.

Havia relatos de jovens que tinham sido levadas durante as incursões cada vez mais frequentes dos normandos ao longo da costa do Império, mas Geraldo nunca tinha pensado, nunca tinha imaginado...

Joana! O pensamento atingiu-o com a força de uma seta, roubando-lhe a respiração. Também a tinham levado! Os pensamentos desordenados de Geraldo rodopiavam, procurando outra possibilidade, mas não lhe surgiu nenhuma. Os bárbaros tinham raptado Joana e Gisla, tinham-

nas roubado para as fazerem passar por horrores inenarráveis, e não havia nada, nada a fazer para as salvar.

Os seus olhos caíram num normando morto. Saltou do cavalo, pegou no machado de cabo comprido que o morto ainda tinha na mão e começou a golpear o cadáver. O corpo mutilado saltava a cada golpe. O elmo dourado partiu-se, mostrando o rosto imberbe de um rapazinho, mas Geraldo continuava a golpear, levantando o machado uma e outra vez. O sangue espirrava por todos os lados, manchando as suas vestes.

Dois dos seus homens aproximaram-se para o deter, mas Grifo fê-los recuar.

— Não — disse ele baixinho. — Deixem-no estar.

Geraldo acabou por largar o machado e caiu de joelhos cobrindo o rosto com as mãos. O sangue quente cobria-lhe as mãos, colando-as uma à outra. Começaram a subir-lhe soluços pela garganta, e ele nem sequer procurou resistir. Chorou copiosamente e sem vergonha.

Capítulo 13

Colmar

24 de Junho de 833

O Campo das Mentiras

Anastácio desviou as pesadas cortinas que tapavam a entrada da tenda do Papa e entrou sorrateiramente.

Gregório, o quarto com o mesmo nome a ocupar o Trono de São Pedro, ainda estava a rezar, ajoelhado numa almofada de seda diante da bela figura de Cristo em marfim que ocupava o lugar de honra na sua tenda. A

figura tinha sobrevivido incólume à perigosa viagem por estradas e pontes arruinadas, através das altas e traiçoeiras passagens dos Alpes.

Impressionava tanto, nesta tenda montada em terra de Francos, como na segurança e conforto da capela privada de Gregório, no Palácio de Latrão.

— Deus illuminatio mea, Deus optimus et maximus — rezava Gregório, com o rosto iluminado pela devoção.

Observando silenciosamente da porta, Anastácio perguntava-se se alguma vez teria sido tão sincero na sua fé. Talvez dantes, quando era pequeno. Mas, a sua inocência tinha morrido no dia em que o seu tio Teodoro tinha sido assassinado diante dos seus olhos, no Palácio de Latrão.

— Olha — tinha-lhe dito o pai, então — e aprende.

Anastácio tinha visto e tinha aprendido — tinha aprendido a esconder os seus verdadeiros sentimentos por trás de uma máscara de boas maneiras, tinha aprendido a manipular e enganar, mesmo a trair, se fosse necessário. E essa ciência tinha-se revelado proveitosa. Com dezanove anos, Anastácio já era vestiarius — o homem mais jovem que alguma vez já tinha chegado a um cargo tão elevado. Arsénio, o seu pai, tinha muito orgulho nele. Anastácio tencionava torná-lo ainda mais orgulhoso.

— Cristo Jesus, dai-me a sabedoria de que necessito neste dia — continuava Gregório. — Mostrai-me o caminho para impedir esta guerra ímpia e para reconciliar os filhos rebeldes com o imperador, seu pai.

Será possível que ele ainda não se tenha apercebido daquilo que vai acontecer hoje? Anastácio não podia crer. O Papa era tão inocente! Anastácio só tinha dezanove anos, menos de metade da idade de Gregório, mas sabia muito mais do mundo do que ele.

Ele não serve para Papa, pensou Anastácio, como já tinha pensado outras vezes. Gregório era uma alma piedosa, não havia dúvida, mas a piedade era uma virtude fora de moda. O homem tinha uma natureza mais adequada para a clausura do que para a corte papal, cujas políticas subtis estariam sempre fora do seu alcance. O que estaria o imperador Luís a pensar quando pediu a Gregório para fazer a longa viagem entre Roma e o Império dos Francos, para servir de mediador nesta crise?

Anastácio tossiu discretamente para atrair a atenção de Gregório, mas ele estava perdido em oração, fixando a imagem de Cristo com um

olhar extasiado.

— Está na hora, Santidade.

Anastácio não hesitou em interromper as devoções do Papa. Gregório estava a rezar havia mais de uma hora e o imperador estava à espera.

Surpreendido, Gregório olhou à sua volta e, ao ver Anastácio abanou a cabeça em sinal de assentimento, benzeu-se e levantou-se, alisando a paenula púrpura em forma de sino que trazia por cima da dalmática papal.

— Vejo que procurastes apoio na imagem de Cristo, Santidade — disse Anastácio, ajudando Gregório a ajustar o pallium. — Eu também já senti o seu poder.

— Sim. É magnífico, não é?

— De facto. Especialmente, a beleza da sua cabeça, grande em proporção ao corpo. Lembra-me sempre a Primeira Epístola aos Coríntios: E a cabeça de Cristo é Deus. Uma expressão gloriosa da ideia de que Cristo combina na Sua pessoa ambas as naturezas, divina e humana.

Gregório sorriu aprovadoramente.

— Penso que nunca tinha ouvido esse pensamento expresso de uma forma tão correcta. Sois um belo vestiarius, Anastácio, a eloquência da vossa fé é uma inspiração.

Anastácio estava satisfeito. Um elogio destes da parte do Papa poderia significar outra promoção — a nomenclator, talvez, ou até mesmo primicerius. Ele era jovem, era verdade, mas estas altas honrarias não estavam fora da sua ambição.

Aliás, não eram senão estádios passageiros no caminho para a única ambição que Anastácio tinha na vida: vir ele próprio a ser Papa, um dia.

— Vós lisonjeais-me, Senhor — disse Anastácio, esperando que as suas palavras soassem com modéstia. — É a perfeição da escultura e não as minhas palavras inadequadas, que merece o vosso louvor.

Gregório sorriu.

— Ditas com verdadeira humilitas.

Pôs a mão em cima do ombro de Anastácio, afectuosamente, e disse com gravidade:

— É obra de Deus o que vamos fazer hoje, Anastácio.

Anastácio observou o rosto do Papa. Ele não desconfia de nada. Ainda bem. Era óbvio que Gregório continuava a acreditar que podia ser mediador de paz entre o imperador e os seus filhos, sem saber que havia um acordo secreto, preparado cuidadosa e silenciosamente por Anastácio, seguindo as instruções exactas do seu pai.

— A madrugada do dia de amanhã verá uma nova paz nesta terra conturbada — disse Gregório.

Isso é verdade, pensou Anastácio, apesar de a paz não ser aquela que desejais.

Se tudo corresse como planeado, na manhã do dia seguinte o Imperador acordaria para descobrir que as suas tropas tinham desertado de noite, deixando-o indefeso perante os exércitos dos seus filhos. Tinha sido tudo combinado e pago, nada daquilo que Gregório dissesse ou fizesse nesse dia interessaria minimamente.

Mas, era importante que a mediação papal ocorresse como planeado. A negociação com Gregório iria impedir o imperador de desconfiar e iria distrair a sua atenção nesta conjuntura crucial.

Era sensato encorajar Gregório.

— O que ides fazer hoje é da maior importância, Santidade — disse Anastácio — Deus aprová-lo-á e aprovar-vos-á.

Gregório assentiu:

— Eu sei, Anastácio. Agora, mais do que nunca.

— Gregório, o Pacificador, assim vos chamarão, Gregório, o Grande!

— Não, Anastácio — disse Gregório, desaprovadoramente — se eu for bem sucedido, será obra de Deus, não minha. O futuro do Império, do qual depende a segurança de Roma, está em jogo, hoje. Se formos bem sucedidos, será apenas graças à Sua ajuda.

A fé abnegada de Gregório fascinava Anastácio, que a considerava uma aberração da natureza, semelhante a possuir seis dedos numa mão. Gregório era um homem genuinamente humilde, pensou Anastácio —, mas

também, tendo em conta os seus parcos talentos, tinha todos os motivos para ser humilde.

— Acompanhai-me à tenda do imperador — disse Gregório. Gostaria que estivésseis presente quando eu falar com ele.

Está tudo a correr às mil maravilhas, pensou Anastácio.

Quando tudo estivesse acabado, bastava-lhe regressar a Roma e esperar. Quando Lothar fosse coroado imperador no lugar do seu pai, ele saberia como recompensar Anastácio pelo que ele tinha feito aqui.

Gregório dirigiu-se para a entrada da tenda.

— Vinde, então. Vamos fazer o que deve ser feito.

Dirigiram-se para o campo aberto cheio de tendas e estandartes do exército imperial. Custava a crer que, na manhã seguinte, todo o tumulto colorido de actividade tivesse desaparecido. Anastácio tentou imaginar a cara de Luís, quando saísse da sua tenda e descobrisse que os campos diante dos seus olhos estavam vazios.

Passaram pela guarda real e chegaram à tenda imperial. À porta, Gregório parou para murmurar a última oração.

— Verba mea auribus percipe, Domine...

Anastácio olhava impacientemente, enquanto os lábios carnudos, quase femininos, de Gregório murmuravam silenciosamente o salmo número cinco:

— ... intende voci clamoris mei, rex meus et Deus meus...

Louco piedoso. Naquele momento, o desprezo de Anastácio pelo Papa era tão profundo que ele teve de fazer um esforço por manter um tom de voz respeitador.

— Vamos, então, Senhor?

Gregório levantou a cabeça.

— Sim, Anastácio, estou pronto.

Capítulo 14

Fulda

Sob o luar que preludiava a madrugada, os irmãos de Fulda desciam as escadas e caminhavam serenamente numa única fila através do pátio interior, a caminho da igreja, com as suas túnicas cinzentas confundindo-se com a escuridão. O único som que quebrava o silêncio profundo era o chinelar tranquilo das suas sandálias em pele, os próprios melros só acordariam muitas horas mais tarde. Os irmãos entraram no coro e, com a segurança de um velho hábito, dirigiram-se para os seus lugares para a celebração da vigília.

O irmão João Anglicus ajoelhou-se como os outros, dobrando os joelhos num movimento inconsciente, habitual para encontrar a posição mais confortável no chão de terra batida.

Domine labia mea aperies... Começaram com um versículo, depois, percorreram o salmo número três, segundo a forma estipulada na bendita regra de São Bento.

João Anglicus gostava do primeiro ofício do dia. A estrutura imutável da cerimónia deixava o seu espírito livre para vaguear, enquanto os lábios pronunciavam as palavras habituais. Havia vários irmãos a cabecearem com sono, mas João Anglicus sentia-se maravilhosamente acordado, com todos os sentidos despertos e alerta para o pequeno mundo iluminado pelas chamas trémulas das velas, rodeado da firmeza reconfortante daquelas paredes.

O sentimento de pertença, de comunidade era particularmente forte a esta hora da noite. Os contornos nítidos da luz do dia, que expunham tão rapidamente as personalidades, gostos e desgostos, lealdades e deslealdades de cada um, submergiam nas sombras mudas e no ressoar

uníssono das vozes dos irmãos, abafadas e melódicas no ar tranquilo da noite.

Te Deum laudamus... João Anglicus cantava a Aleluia com os outros, com as suas cabeças redondas e calvas tão indistintas como sementes num saco.

Mas, João Anglicus não era como os outros. João Anglicus não pertencia a esta irmandade distinta e de renome. Não era por causa de nenhum defeito da mente ou de carácter. Tinha sido um golpe do destino ou de um Deus cruel e indiferente que tinha posto João Anglicus irremediavelmente à parte dos outros. João Anglicus não pertencia aos irmãos de Fulda porque João Anglicus, nascido Joana de Ingelheim, era uma mulher.

Tinham passado quatro anos desde que ela se tinha apresentado ao portão da abadia disfarçada como se fosse o seu irmão João. Chamaram-lhe Anglicus, por causa de o pai dela ser inglês e ela depressa se distinguiu mesmo entre esta irmandade de eruditos, poetas e intelectuais de elite.

As qualidades mentais que, como mulher, lhe tinham alcançado humilhação e desprezo, aqui eram apreciadas por todos. O seu brilhantismo, o seu conhecimento da Escritura e a argúcia de raciocínio nas disputas académicas tornaram-se motivo de orgulho para a comunidade. Ela era livre — não, encorajada — para trabalhar até ao limite das suas capacidades. Entre os noviços, ela foi rapidamente promovida a seniorus, isto deu-lhe ainda maior liberdade de acesso à famosa biblioteca de Fulda — uma colecção enorme de mais de trezentos e cinquenta manuscritos, incluindo uma colecção extraordinariamente requintada de autores clássicos — Suetónio, Tácito, Virgílio, Plínio, Marcelino, entre outros. Ela rodeava-se de pilhas de rolos, num transporte de prazer. Estava ali todo o conhecimento do mundo, segundo parecia, e era todo dela, se ela quisesse.

Tendo-a encontrado um dia a ler um tratado de São Crisóstomo, o prior José ficou surpreendido ao descobrir que ela sabia grego, conhecimento que nenhum outro irmão possuía.

Disse ao abade Rábano, que a colocou imediatamente a trabalhar na tradução da excelente colecção de tratados de medicina em grego, que a abadia possuía, estes incluíam cinco dos sete livros de aforismos de Hipócrates, o Tetrabiblios completo de Aécio, assim como fragmentos de

obras de Dribásio e de Alexandre de Trales. O irmão Benjamim, médico da comunidade, ficou tão impressionado com o trabalho de Joana que a tornou sua assistente. Ensinou-lhe a cultivar e colher as plantas medicinais do jardim e a usar as suas diversas propriedades curativas: funcho para a obstipação, mostarda para a tosse, cerefólio para as hemorragias, absinto e folhas de salgueiro para a febre.

No jardim de Benjamim havia remédios para todos os males humanos possíveis e imaginários. Joana ajudava-o a fazer as diversas cataplasmas, purgas, infusões e curativos que eram baluartes da medicina do mosteiro e acompanhava-o à enfermaria para cuidar dos doentes. Era um trabalho fascinante, perfeitamente adequado ao seu espírito inquisitivo e analítico. Passava os dias ocupada e a trabalhar, entre os seus estudos e o trabalho com o irmão Benjamim, assim como entre os sinos que tocavam regularmente sete vezes ao dia, chamando a confraria para as orações canónicas. Havia uma liberdade e um poder nesta existência masculina que ela nunca tinha experimentado antes e Joana achava que gostava daquilo, gostava muito.

— Talvez não devesse estar a contar-te estas coisas todas porque vão fazer inchar a tua cabeça até o capuz deixar de lhe servir — tinha acabado de lhe dizer no dia anterior o bisbilhoteiro do velho Hatto, o porteiro, sorrindo, divertido para ela perceber que ele estava só a brincar. — Mas, ontem, ouvi o padre abade dizer ao prior José que tu tinhas a melhor cabeça da irmandade e que, um dia, trarias grandes honras a esta casa.

As palavras da velha cartomante da feira de São Dinis ecoaram nos ouvidos da Joana: Conhecerás uma glória muito para além das tuas expectativas., Seria isto que ela queria dizer?

A mulher tinha-lhe chamado quimera e tinha dito: És aquilo que não serás, o que tu serás é diferente daquilo que és. Isso é verdade, pensou Joana, apalpando a pequena mancha sem cabelo no alto da sua cabeça, quase escondida pelos espessos caracóis de cabelo dourado que a rodeava. O seu cabelo — o cabelo da sua mãe — era a única coisa de que Joana se envaidecia. Apesar disso, tinha ficado contente por ele ter sido rapado. A sua tonsura de monge, assim como a fina cicatriz deixada na sua cara pela

espada normanda, reforçavam o seu disfarce masculino — um disfarce do qual dependia a sua vida.

Quando chegou a Fulda, cada dia era uma preocupação para ela porque não sabia se iria surgir um aspecto novo e inesperado da rotina monástica que desmascarasse subitamente a sua identidade. Esforçou-se por imitar os modos masculinos, mas tinha medo de se revelar em dezenas de pequenas coisas, apesar de nunca ninguém ter reparado.

Felizmente, a regra beneditina tinha sido estabelecida cuidadosamente, de forma a proteger a modéstia de todos os membros da comunidade, desde o abade ao mais humilde dos irmãos. O corpo, vaso pecaminoso, tinha de estar o mais escondido possível.

O longo e amplo hábito beneditino permitia-lhe disfarçar bastante bem as suas formas femininas, no entanto, como precaução suplementar, ela ligava o peito com faixas de linho grosso. A Regra de São Bento estipulava explicitamente que os irmãos dormissem vestidos e não mostrassem senão as mãos e os pés, mesmo nas noites mais quentes de Heuvimanoth. Eram proibidos os banhos, excepto para os doentes. Até mesmo as necessaria, latrinas comunitárias, preservavam a modéstia da irmandade, através de divisórias entre todos os assentos em pedra fria.

Quando adoptou pela primeira vez o seu disfarce, na estrada entre Dorstadt e Fulda, Joana aprendeu a estancar o sangramento mensal com uma cataplasma espessa de folhas absorventes, que enterrava depois. Na abadia, nem sequer era necessário tomar esta precaução. Limitava-se a deitar as folhas sujas pelos buracos fundos e escuros da necessaria, onde se misturavam indistintamente com outros excrementos.

Toda a gente em Fulda pensava que ela era um rapaz. Uma vez estabelecido o género de uma pessoa, ninguém pensava mais nisso, tinha concluído Joana. Ainda bem que era assim, porque a descoberta da sua verdadeira identidade significaria certamente a morte.

Foi esta certeza que a impediu de tentar contactar Geraldo, inicialmente. Não havia ninguém em quem pudesse confiar para lhe mandar uma mensagem e não havia forma de poder sair dali.

Como noviça, era observada de perto todas as horas do dia e da noite.

Tinha ficado acordada horas a fio no seu dormitório estreito, atormentada pela dúvida. Mesmo que conseguisse falar com Geraldo, será que ele a queria? Quando tinham estado juntos pela última vez, na margem do rio, ela tinha desejado que ele fizesse amor com ela — corava com a recordação — mas ele tinha-se recusado. Depois, a caminho de casa, ele tinha-se mostrado distante, quase como se estivesse zangado. Depois, tinha aproveitado a primeira oportunidade para se ir embora.

Não o devias ter levado tão a sério, tinha dito Richild. És apenas a última conta na longa cadeia de conquistas de Geraldo.

Será que Richild tinha razão? Na altura, não tinha conseguido acreditar, mas, talvez ela estivesse a dizer a verdade.

Seria absurdo arriscar tudo, incluindo a própria vida, para contactar um homem que não a queria ou que talvez nunca a tivesse querido. E, no entanto...

Estava em Fulda havia três meses quando testemunhou algo que a ajudou a tomar a sua decisão. Ia a passar pelo pátio com um grupo de noviços, seus colegas, dirigindo-se para o mosteiro, quando uma discussão acesa perto do portão do porteiro lhe chamou a atenção. Viu uma escolta de homens a cavalo a passarem, seguidos por uma senhora, vestida sumptuosamente com uma túnica em seda amarela, tão elegante e direita na sua sela como uma estátua de mármore. Era bonita, as suas feições eram delicadas e redondas e a sua pele branca estava enquadrada por um cabelo castanho, brilhante, que caía em catadupas, mas os seus olhos escuros e inteligentes tinham um ar misteriosamente triste.

— Quem é? — perguntou Joana intrigada.

— É Judite, a esposa do Visconde de Walfair — respondeu o irmão Rudolfo, o mestre de noviços. — Uma mulher instruída.

Dizem que sabe ler e escrever latim como um homem.

— Deo, juva nos — benzeu-se o irmão Gailo, amedrontado. — É uma bruxa?

— Tem reputação de ser muito piedosa. Até escreveu um comentário sobre a vida de Ester.

— Abominação — disse o irmão Tomás, um dos outros noviços. Era um jovem simples, com cara de melão, queixo pontiagudo e olhos pestanudos. Tomás estava convencido da superioridade da sua virtude e

aproveitava todas as oportunidades para a exibir. — Uma grande violação da natureza. O que pode uma mulher, uma criatura de vis paixões, saber destas coisas? Deus castigá-la-á, certamente, pela sua arrogância.

— Já o fez — respondeu o irmão Rudolfo — porque, apesar de o visconde precisar de um herdeiro, a sua senhora é estéril. No mês passado, voltou a dar à luz outro bebé morto.

O cortejo de cavaleiros passou diante da igreja da abadia.

Joana viu Judite desmontar e aproximar-se da porta da igreja, caminhando solenemente e trazendo uma vela na mão.

— Não deveis ficar a olhar, irmão João — repreendeu-a Tomás, piedosamente.

Era frequente ele querer ficar bem visto aos olhos do irmão Rudolfo, à custa dos seus companheiros noviços.

— Um bom monge deve manter os olhos castamente baixos diante de uma senhora — disse ele, citando a regra, com ares de santo.

— Tens razão, Irmão — replicou Joana — Mas, nunca vi uma senhora como ela, com um olho azul e outro castanho.

— Não disfarces o teu pecado com a falsidade, irmão João. A senhora tem ambos os olhos castanhos.

— E como sabes tu isso, Irmão — perguntou Joana astuciosamente - se não olhaste para ela?

Os outros noviços começaram-se a rir. Até o irmão Rudolfo não foi capaz de disfarçar um sorriso.

Tomás olhou para Joana. Ela tinha-o feito passar por tolo e ele não era pessoa de esquecer uma injúria daquelas.

A sua atenção concentrou-se no irmão Hildwin, o sacristão, que correu a entrepor-se entre Judite e a igreja.

— A paz esteja convosco, senhora — disse ele, em franco vernáculo.

— Et cum spiritu tuo — respondeu ela docemente, num latim perfeito.

O irmão Hildwin voltou a dirigir-se a ela em vernáculo, propositadamente:

— Se desejais comida ou alojamento, estamos prontos a receber-vos e à vossa comitiva. Vinde, eu próprio vos acompanharei à hospedaria

para visitantes distintos e informarei o nosso senhor Abade da vossa chegada. Ele quererá saudar-vos pessoalmente, não tenho dúvida.

— Sois muito gentil, Padre, mas eu não necessito de hospitalitas — voltou ela a responder em latim. — Desejo apenas acender uma vela na igreja, pelo meu bebé morto. Depois, seguirei o meu caminho.

— Ah! Então, é meu dever como sacristão desta igreja, informar-vos, filha, de que não podeis passar por estas portas enquanto ainda estiverdes — ele procurou a palavra adequada — impura.

Judite corou, mas não perdeu a compostura:

— Eu conheço a lei, Padre — disse ela, calmamente. — Esperei os trinta e três dias prescritos, após o parto.

— O bebé que destes à luz era uma menina, não era? — disse o irmão Hildwin com ar condescendente.

— Sim.

— Então, o tempo de... impureza... é mais longo. Não podeis entrar no recinto sagrado desta igreja senão sessenta e seis dias após o nascimento da criança.

— Onde está isso escrito? Não li essa lei.

— Nem é adequado que o tenhais feito, sendo uma mulher.

Joana começou a indignar-se com a afronta. Recordando-se daquilo por que ela própria tinha passado, sentiu a vergonha da humilhação por que Judite estava a passar. A instrução, a inteligência e a origem da senhora não valiam nada. O pedinte mais vil, mais ignorante e mais sujo podia entrar na igreja para rezar, mas Judite não podia, porque era impura.

— Voltai para casa, filha — continuou o irmão Hildwin — e rezai na vossa própria capela pela alma do vosso bebé por baptizar. Deus tem horror àquilo que é contrário à natureza.

Deixai a pena e pegai num fuso, que é um objecto apropriado à actividade feminina, arrependei-vos da vossa soberba e Ele retirará o fardo que vos impôs.

O rubor espalhou-se pelo rosto de Judite.

— Este insulto não ficará sem resposta. O meu marido saberá dele e não ficará satisfeito.

Tratou-se de uma tentativa de salvar a face porque a autoridade temporal do Visconde de Walfair não tinha qualquer peso ali, como ela bem

sabia. De cabeça erguida, virou as costas e dirigiu-se para a sua escolta, que a aguardava.

Joana afastou-se do pequeno grupo de noviços.

— Dai-me a vela, senhora — disse ela, levantando a mão — eu acendê-la-ei por vós.

Pelos belos olhos negros de Judite perpassaram surpresa e desconfiança. Seria mais uma tentativa para a humilhar?

Durante um momento, as duas mulheres ficaram a olhar uma para a outra, Judite, o epítome da beleza feminina, na sua túnica dourada, com o seu cabelo comprido emoldurando o seu rosto, numa nuvem, e Joana, a mais alta das duas, com um ar arrapazado, sem qualquer adorno, com um simples hábito de monge.

Algo nos olhos verde-acinzentados que se cruzaram com os dela com tamanha intensidade persuadiu Judite. Sem uma palavra, colocou a vela na mão estendida de Joana. Depois, voltou a montar e atravessou o portão.

Joana acendeu a vela diante do altar, tal como tinha prometido. O sacristão estava furioso.

— Que descaramento intolerável! — disse ele.

E, nessa noite, para grande deleite do irmão Tomás, Joana foi obrigada a fazer jejum para expiar a sua falta.

Depois deste episódio, Joana decidiu que ia esquecer Geraldo. Nunca poderia ser feliz vivendo a existência limitada de uma mulher. Além disso, pensou ela, a sua relação com Geraldo não era o que ela pensava. Ela era apenas uma criança, inexperiente e ingénua, o seu amor tinha sido uma ilusão romântica nascida da solidão e da carência. Geraldo nunca a tinha amado, senão, não a teria deixado.

Aegra amans, pensou ela. Virgílio tinha toda a razão: o amor era uma forma de doença. Alterava as pessoas, fazia com que elas se comportassem de uma forma estranha e irracional.

Ela estava contente de ter acabado com aquilo. Nunca te entregues a um homem. Voltou a lembrar-se das palavras da mãe.

Tinha-as esquecido no fervor da sua paixão infantil. Agora, apercebia-se de como tinha tido sorte em escapar ao destino da sua mãe. Tantas vezes repetiu isso a si própria, que acabou por acreditar.

Capítulo 15

Os irmãos estavam reunidos na sala capitular, sentados nas gradines — filas de assentos em pedra ao longo das paredes da sala — por ordem de antiguidade. O capítulo era a assembleia mais importante do dia, à excepção dos ofícios porque era onde se tratava dos assuntos temporais da comunidade e onde se discutiam as questões relativas à gestão, aos dinheiros, às nomeações e aos litígios. Era também ali que os irmãos que tinham infringido a regra deviam confessar as suas faltas e receber as suas penitências, ou arriscarem-se a serem acusados pelos outros.

Joana ia sempre para o capítulo com um certo nervosismo.

Será que se tinha revelado inadvertidamente através de alguma palavra ou gesto incautos? Se a sua verdadeira identidade se revelasse alguma vez, seria ali que ela ficaria a sabê-lo.

O encontro começava sempre com a leitura de um capítulo da Regra de São Bento, o livro de regras monásticas que orientava a vida espiritual e administrativa da comunidade no dia-a-dia.

A regra era lida do princípio ao fim, um capítulo por dia, de forma que, ao longo de um ano, os irmãos ouviam-na na íntegra.

Depois da leitura e da bênção, o abade Rábano perguntou:

— Irmãos, tendes faltas a confessar?

Antes de ele ter terminado as palavras de exortação, o irmão Thedo levantou-se de um salto.

— Padre, eu tenho uma falta a confessar.

— De que se trata, Irmão? — perguntou o abade Rábano com um ar ligeiramente enfadado. O irmão Thedo era sempre o primeiro a acusar-se das suas faltas.

— Pequei na prática opus manuum. Adormeci no scriptorium, enquanto copiava a vida de Santo Amândio.

— Outra vez? — o abade Rábano ergueu uma sobrancelha.

Thedo baixou a cabeça humildemente.

— Padre, sou pecador e indigno. Peço-vos que me imponhais a pena mais dura.

O abade Rábano suspirou:

— Muito bem. Ficarás dois dias de penitência de pé em frente à igreja.

Os irmãos sorriram de esguelha. O irmão Thedo já tinha feito tantas vezes penitência à porta da igreja, que já parecia fazer parte da decoração, como uma coluna viva de remorso.

Thedo ficou desiludido.

— Sois demasiado caridoso, Padre. Peço autorização para fazer penitência durante uma semana por causa de ter cometido uma falta de tal gravidade.

— Deus não aceita o orgulho, Thedo, mesmo no sofrimento. Lembra-te disso, enquanto pedes o Seu perdão para as tuas outras faltas.

A reprimenda acertou em cheio. Thedo corou e sentou-se.

— Há outras faltas a confessar? — perguntou Rábano.

O irmão Hunric levantou-se.

— Cheguei duas vezes atrasado ao ofício da noite.

O abade Rábano acenou com a cabeça afirmativamente. O atraso de Hunric tinha sido notado, mas, como ele tinha admitido a falta e não tentou escondê-la, a sua penitência seria leve.

— Até ao dia de São Dinis, ficarás de vigília durante a noite.

O irmão Hunric baixou a cabeça. A Festa de São Dinis era dali a dois dias, nas duas noites seguintes, ele tinha de ficar acordado, a observar a evolução da Lua e as estrelas no céu para poder determinar com a maior exactidão possível a chegada da oitava hora da noite, para acordar os irmãos para a celebração da vigília. Estas vigílias eram essenciais para a observância estrita do ofício da noite porque o Sol era a única maneira de medir a passagem do tempo, e, como era evidente, não ajudava nada quando estava escuro.

— Durante a tua vigília — prosseguiu Rábano — ficarás de joelhos em oração incessante, sobre um monte de urtigas para te lembrares

bem da tua indolência e para que isso te impeça de agravar a tua falta, voltando a adormecer.

— Sim, Padre Abade.

O irmão Hunric aceitou a penitência sem rancor. Para uma ofensa tão grave, o castigo podia ter sido muito pior.

Seguiram-se vários irmãos, que confessaram faltas tão insignificantes como partir pratos no refeitório, erros de escrita, enganos na oração, e todos receberam as respectivas penitências com humildade.

Quando terminaram, o abade Rábano fez uma pausa para ter a certeza de que ninguém mais desejava confessar-se. Depois, disse:

— Foram cometidas mais algumas infracções à regra? Que aqueles que falarem o façam para bem da alma dos seus irmãos.

Era esta a parte da reunião que Joana temia. Percorrendo as filas de irmãos, os seus olhos caíram no irmão Tomás. Os seus olhos pestanudos estavam a olhar para ela com uma hostilidade inequívoca. Ela mexeu-se no seu lugar, pouco à vontade. Será que ele vai acusar-me de alguma coisa?

Mas, Tomás não fez qualquer movimento para se levantar. O irmão Odilo, que estava sentado na fila de assentos mesmo por trás dele, levantou-se.

— No dia de jejum da sexta-feira, vi o irmão Hugo colher uma maçã do pomar e comê-la.

O irmão Hugo levantou-se, nervoso.

— Padre, é verdade que colhi uma maçã porque o trabalho de arrancar as ervas daninhas é duro e, de repente, eu senti uma grande fraqueza nas pernas. Mas, Santo Padre, eu não comi a maçã, só lhe dei uma dentadinha para recuperar forças, para poder continuar a opus mannum.

— A fraqueza da carne não é desculpa para a violação da regra — respondeu o abade Rábano severamente. — É uma provação mandada por Deus para testar a fortaleza de alma do fiel. Tal como Eva, a mãe do pecado, também tu não resististe à provação, irmão — uma falta grave, especialmente porque não procuraste ser tu a confessá-la. Em penitência, jejuarás uma semana e renunciarás a todas as pitanças até à Epifania.

Uma semana de fome e nada de pitanças — as pequenas guloseimas suplementares que acompanhavam a espartana dieta monástica constituída por verduras, leguminosas e, de vez em quando, peixe — até

muito para além da Missa de Cristo! Esta última parte seria especialmente dura de suportar porque era durante esta época sagrada que as ofertas de comida chegavam à abadia, provenientes de toda a região, quando os cristãos, sentindo-se culpados, se preocupavam com o bem-estar das suas almas imortais. Bolos de mel, empadões, galinhas assadas e outras indulgências raras e maravilhosas, agraciavam brevemente as mesas da abadia. O irmão Hugo olhou maldosamente para o irmão Odilo.

— Mais — prosseguiu o abade Rábano — em sinal de gratidão pela atenção prestada pelo irmão Odilo ao teu bem-estar espiritual, prostrar-te-ás diante dele esta noite e lavar-lhe-ás os pés com humildade e reconhecimento.

O irmão Hugo baixou a cabeça. Faria, evidentemente, o que o abade Rábano lhe tinha ordenado, mas Joana duvidava que se sentisse agradecido. Os actos de penitência eram mais fáceis de cumprir do que o arrependimento de coração.

— Há mais faltas que necessitem de ser reveladas? — perguntou o abade Rábano. Como ninguém respondeu, ele disse, com gravidade:

— Desgosta-me participar que existe entre nós alguém que é culpado do pior de todos os pecados, um crime detestável aos olhos de Deus que está nos Céus...

O coração da Joana deu um salto, alarmado.

—... a quebra do voto sagrado feito a Deus.

O irmão Gottschalk pôs-se de pé num salto.

— Foi o meu pai que fez o voto, não fui eu! — disse ele, com a voz a tremer.

Gottschalk era um jovem três ou quatro anos mais velho do que Joana, com cabelo escuro encaracolado e uns olhos tão fundos nas suas órbitas que pareciam duas nódoas negras. Tal como Joana, também ele era um oblato, que o seu pai, um nobre saxónio, tinha oferecido ao convento, em criança. Agora, que era adulto, queria sair.

— É lícito a um cristão dedicar o seu filho a Deus — disse o abade Rábano, num tom severo. — Essa oferta não pode ser retirada sem pecado grave.

— Não será que é igualmente pecado obrigar um homem a viver contra a sua natureza e a sua vontade?

— Se um homem não se arrepender, Ele brandirá a Sua espada — disse o abade Rábano, com voz forte. — Ele quebrou o Seu voto e preparou-se. Ele preparou-lhe os instrumentos de morte.

— Isso é uma tirania e não a verdade! — gritou Gottschalk apaixonadamente.

— Opróbrio! Pecador! Envergonhai-vos, Irmão!

O coro de assobios dos irmãos era pontuado por gritos insultuosos.

— Meu filho, a tua desobediência colocou a tua alma imortal em perigo grave — disse o abade Rábano solenemente. — Só existe um remédio para essa doença — nas justas e terríveis palavras do Apóstolo: Tradere hujusmodi hominem in interitum carnis, ut spiritussalvussit in diem Domini — tal homem tem de ser entregue para que a sua carne seja destruída, de modo a que o seu espírito ainda possa salvar-se no dia do Senhor.

A um sinal de Rábano, dois decani juniores, irmãos encarregados da disciplina monástica, pegaram em Gottschalk e empurraram-no para o meio da sala. Ele não ofereceu resistência e eles fizeram-no ajoelhar, arrancando-lhe as roupas, desnudando-lhe as nádegas e as costas. O irmão Germar, deão dos diáconos, foi buscar uma vara de salgueiro grossa, que se encontrava num canto da sala para aquele fim. Era uma vara comprida, com cordas com nós grossos na extremidade.

Colocando-se a jeito, levantou a vara e desferiu um golpe nas costas de Gottschalk. O som da chicotada ecoou na assembleia silenciosa.

As cicatrizes nas costas de Joana arrepiaram-se. A carne tem as suas próprias recordações, mais agudas do que as da mente.

O irmão Germar voltou a levantar a vara e a desfechá-la ainda com mais força. O corpo de Gottschalk vacilou, mas ele cerrou os lábios, recusando-se a dar ao abade Rábano a satisfação de o ouvir gritar. A vara voltou a erguer-se e a descer, a subir e a descer e Gottschalk continuava a não ceder.

Depois das habituais sete chicotadas, o irmão Germar baixou o braço. O abade Rábano, furioso, fez-lhe sinal para que ele continuasse. Com um ar surpreendido, o irmão Germar obedeceu.

Mais três chicotadas, quatro, cinco e depois ouviu-se um estalo horrível, quando a vara atingiu um osso. Gottschalk atirou a cabeça para

trás e gritou — um grande grito, terrível, dilacerante, vindo do fundo do seu ser. O som lancinante ecoou, depois, deu lugar a um choro convulsivo.

O abade Rábano acenou com a cabeça, satisfeito, e fez sinal ao irmão Germar para ele parar. Quando levantaram Gottschalk e o levaram da sala, melhor, o arrastaram, Joana viu uma coisa branca a brilhar nas suas costas ensanguentadas. Era uma costela de Gottschalk que tinha perfurado completamente a carne.

A enfermaria estava mais vazia do que o costume porque o dia estava quente e ameno, e os idosos e os doentes crónicos tinham sido levados para apanharem um pouco de sol.

O irmão Gottschalk jazia na cama da enfermaria, meio inconsciente, com as suas feridas abertas a tingirem os lençóis de sangue. O irmão Benjamim, o médico, estava debruçado sobre ele, tentando estancar o sangue com a ajuda de algumas ligaduras em linho, já completamente ensopadas.

Levantou os olhos para a Joana, quando ela entrou.

— Ainda bem que chegaste. Dá-me algumas ligaduras da prateleira.

Joana apressou-se a fazer o que ele lhe tinha pedido. O irmão Benjamim desenrolou as ligaduras velhas, atirou-as para o chão e aplicou as novas. Ao fim de algum tempo, também estas estavam já ensopadas.

— Ajuda-me a virá-lo — disse Benjamim. — Da maneira como ele está deitado, o osso continua a retalhar-lhe a carne. Temos de voltar a colocar a costela no seu lugar, senão, ele não pára de sangrar.

Joana deu a volta à cama, colocando as suas mãos de forma a que bastasse um movimento rápido para devolver o osso ao lugar.

— Calma — disse Benjamim. — Apesar de ele estar meio inconsciente, vai doer-lhe muito. Quando eu disser, Irmão. Um, dois, três!

Joana exerceu o efeito de tracção, enquanto o irmão Benjamim puxava. Ele voltou a sangrar, depois, o osso desapareceu por baixo da carne rasgada.

— Deo, juva me! — Gottschalk levantou a cabeça, numa prece torturada, depois, perdeu os sentidos.

Eles estancaram o sangue e limparam as feridas de Gottschalk.

— Bem, irmão João, o que devemos fazer a seguir? — perguntou o irmão Benjamim à Joana, depois de terem acabado.

Ela respondeu rapidamente:

— Talvez aplicar um unguento... de artemísia, misturado com um pouco de poejo. Ensopar algumas ligaduras em vinagre e aplicá-las como emplastros curativos.

— Muito bem — Benjamim estava satisfeito. — Aplicaremos também um pouco de ligústica para evitar infecções.

Trabalharam lado a lado, preparando a solução, envolvidos pelo cheiro intenso das ervas acabadas de cortar, que pairava sobre as suas cabeças. Quando as ligaduras estavam impregnadas e prontas, Joana deu-as ao irmão Benjamim.

— É a tua vez de as colocares — disse ele.

Depois, pôs-se à parte, a apreciar como o seu jovem aprendiz apertou firmemente os horríveis pedaços de carne e colocou as ligaduras de uma forma correcta.

Aproximou-se para observar o paciente. As ligaduras tinham sido aplicadas de uma forma perfeita. Na realidade, ele não teria feito melhor. Mesmo assim, não gostava do aspecto do irmão Gottschalk. A sua pele, fria e flácida, quando tocada, estava branca como algodão acabado de colher. A sua respiração era irregular e a sua pulsação, que mal se apanhava, estava perigosamente rápida.

Vai morrer, concluiu o irmão Benjamim, desgostoso, e, logo a seguir, pensou: o padre abade vai ficar furioso. Rábano tinha-se excedido no capítulo e tinha consciência disso, a morte de Gottschalk serviria tanto como recriminação quanto como embaraço. E se a notícia chegasse ao rei Luís... bem, nem mesmo os abades estavam livres de serem censurados e despedidos.

O irmão Benjamim começou a pensar no que havia de fazer mais. A sua farmacopeia era inútil porque não podia administrar nada por via oral, nem sequer água para compensar os líquidos perdidos, enquanto o seu paciente estivesse inconsciente.

A voz de João Anglicus despertou-o dos seus devaneios.

— Devo acender a lareira e colocar algumas pedras a aquecer?

Benjamim olhou para o seu assistente surpreendido. Pôr pedras aquecidas e embrulhadas em flanela à volta do paciente era um procedimento médico habitual no Inverno, quando o frio podia ser superior às forças de um homem doente, mas, agora, nos últimos dias quentes do Outono...?

— O tratado de Hipócrates sobre as feridas — recordou-lhe Joana.

Ela tinha-lhe dado a sua tradução da brilhante obra do médico grego, havia apenas alguns meses.

O irmão Benjamim franziu o sobrolho. Ele gostava de ser médico e, dentro dos conhecimentos médicos limitados da época, era um bom médico. Mas, não era nenhum inovador, sentia-se mais à vontade com os remédios seguros, conhecidos, do que com ideias e teorias novas.

— O choque provocado por ferimentos graves — continuou Joana, mal conseguindo conter a impaciência. — Segundo Hipócrates, pode matar um homem com um frio penetrante.

— É verdade que já vi homens morrerem de repente, depois de terem sido feridos, apesar de as suas feridas não parecerem ser mortais — disse o irmão Benjamim, lentamente. — Deus vult, pensei eu, vontade de Deus...

O rosto inteligente do jovem João Anglicus irradiava expectativa, esperando permissão para agir.

— Está bem — concedeu o irmão Benjamim — acende a lareira, não é provável que faça qualquer mal ao irmão Gottschalk e pode ser que lhe faça bem, como diz o médico pagão.

Sentou-se num banco, grato por poder descansar as suas pernas que sofriam de artrite, enquanto o seu enérgico assistente corria pela sala para acender o lume e colocar as pedras sobre as brasas.

Quando as pedras já estavam quentes, Joana embrulhou-as em pedaços de flanela grossa e colocou-as cuidadosamente à volta de Gottschalk.

Pôs as duas pedras maiores por baixo dos pés dele, de forma a que estes ficassem um pouco elevados, tal como Hipócrates recomendava. Por fim, cobriu tudo com um cobertor em lã para manter o calor.

Pouco depois, as pálpebras de Gottschalk abriram-se, gemeu e começou a mexer-se. O irmão Benjamim aproximou-se da cama. A pele de

Gottschalk tinha recuperado um tom rosado, saudável, e ele estava a respirar melhor. Tomando-lhe o pulso, verificou rapidamente que ele revelava um batimento forte e regular do coração.

— Deus seja louvado.

O irmão Benjamim suspirou, aliviado. Sorriu para João Anglicus, que se encontrava do lado oposto da cama. Ele tem dom, pensou o irmão Benjamim, com um orgulho quase paternal, ligeiramente tingido de inveja. O rapaz desde o princípio que se tinha revelado de um brilhantismo promissor — por isso é que Benjamim o tinha convidado para seu assistente — mas, nunca tinha esperado que ele fosse tão longe tão rapidamente.

Em apenas alguns anos, João Anglicus dominava as competências que o irmão Benjamim tinha levado uma vida inteira para adquirir.

— Tens o dom da cura, irmão João — disse ele com benevolência. — Hoje, foste mais longe do que o teu velho mestre, em breve, já não terei nada a ensinar-te.

— Não digas isso — respondeu Joana, desgostosa porque gostava muito de Benjamim. — Sei muito bem que ainda tenho muito que aprender.

Gottschalk voltou a gemer. Os seus lábios retorceram-se, deixando os dentes à mostra.

— Ele está a começar a sentir dores — disse o irmão Benjamim.

Apressou-se a fazer uma poção com vinho tinto e salva, na qual deitou umas gotas de sumo de papoila. Um preparado daqueles exigia o maior cuidado porque aquilo que administrado em pequenas quantidades fornecia um alívio abençoado para as dores mais insuportáveis, também podia matar. A diferença dependia apenas da habilidade do médico.

Quando terminou, o irmão Benjamim deu a taça a transbordar a Joana, que a levou à cama e a ofereceu a Gottschalk. Ele afastou-a, orgulhoso, apesar de aquele simples movimento o ter levado a soltar um grito de dor.

— Bebe, Irmão — insistiu Joana, gentilmente, e levou a taça aos lábios de Gottschalk.

— Tens de melhorar, se queres ganhar algum dia a tua liberdade — acrescentou ela num murmúrio conspirativo.

Gottschalk lançou-lhe um olhar surpreendido. Deu alguns goles, depois, começou a beber rápida e avidamente, como um homem que chega

a um poço depois de caminhar durante um dia inteiro ao sol.

De repente, ouviu-se uma voz autoritária por trás deles:

— Não coloqueis a vossa esperança em ervas e poções.

Voltando-se, Joana viu o abade Rábano, acompanhado de um grupo de irmãos. Ela pousou a taça e levantou-se.

— O Senhor concede a vida aos homens e torna-os saudáveis. Só a oração pode devolver a saúde a este pecador.

O abade Rábano fez sinal aos irmãos, que rodearam a cama, silenciosamente.

O abade Rábano orientou-os na oração pelo doente. Gottschalk não se juntou a eles. Ficou imóvel, com os olhos fechados, como se estivesse a dormir, apesar de a Joana saber que, pela maneira como respirava, ele não estava a dormir.

O corpo dele sarará, pensou ela, mas não a sua alma ferida.

Joana teve pena do jovem monge. Ela compreendia a sua recusa teimosa em se submeter à tirania de Rábano porque se lembrava muito bem da sua própria luta titânica contra o seu pai.

— Oremos e agradeçamos a Deus.

A voz do abade Rábano elevava-se acima da dos outros irmãos.

Joana associou-se ao louvor a Deus, mas, interiormente, deu também graças ao pagão Hipócrates, adorador de ídolos, cujos ossos já se tinham transformado em pó muitos anos antes de Cristo ter nascido, mas cuja ciência tinha atravessado o tempo para curar um dos Seus filhos.

— As feridas estão a fechar muito bem — confirmou Joana a Gottschalk depois de ter retirado as ligaduras e de ter desnudado as suas costas para o observar.

Tinham passado duas semanas desde o dia da sua flagelação e a costela partida já tinha solidificado e os rebordos irregulares das feridas estavam a fechar bem — apesar de, tal como tinha acontecido com ela, também Gottschalk fosse ficar para sempre com as marcas do seu castigo.

— Estou-te grato pelo trabalho que tens tido, Irmão — respondeu Gottschalk —, mas, mais cedo ou mais tarde, vai voltar a ficar tudo na mesma porque é apenas uma questão de tempo até ele me mandar castigar outra vez.

— Só o provocarás se o enfrentares directamente. Uma abordagem mais discreta será melhor para ti.

— Desafiá-lo-ia, nem que fosse a última coisa que fizesse. Ele é mau — exclamou ele.

— Já pensaste em dizer-lhe que lhe entregarás a parte da terra a que tens direito, em troca da tua liberdade? — perguntou-lhe Joana.

Um oblato era sempre oferecido a um mosteiro juntamente com uma oferta de terra bastante substancial, se, depois, o oblato renunciasse aos seus votos, a terra ser-lhe-ia devolvida.

— Pensas que não lhe fiz já essa oferta? — respondeu Gottschalk. — Não é a terra que lhe interessa, sou eu, ou melhor, a minha submissão, de corpo e alma. E isso, ele nunca terá, nem que me mate.

Então, era uma medição de forças entre ambos! Gottschalk nunca venceria. Era melhor sair dali antes que acontecesse alguma coisa terrível.

— Tenho pensado no teu problema — disse Joana. — No mês que vem há um sínodo em Mainz. Os bispos da Igreja estarão todos presentes. Se submeteres uma petição reclamando a tua libertação, eles terão de a analisar — e a sua vontade sobrepor-se-á à do abade Rábano.

Gottschalk respondeu, num tom triste:

— O sínodo nunca contrariará a vontade do grande Rábano Mauro. Ele tem demasiado poder.

— Não seria a primeira vez que o poder de abades e mesmo de arcebispos seria vencido — argumentou Joana. — E tu tens um argumento forte pelo facto de teres sido oferecido como um oblato quando eras criança, antes de teres atingido a idade da razão. Eu fiz uma pesquisa na biblioteca e encontrei algumas passagens de Jerónimo que coadjuvarão um argumento desse tipo.

Joana puxou de um rolo de pergaminho que tinha escondido no hábito.

— Aqui está. Vê por ti mesmo — eu assentei tudo.

Os olhos escuros de Gottschalk iluminaram-se, ao ler. Levantou os olhos para ela, entusiasmado.

— É brilhante! Nem mesmo uma dúzia de rábanos podiam refutar uma argumentação tão bem construída!

Mas, os seus olhos voltaram a toldar-se.

— Mas... não tenho possibilidade de apresentar isto diante do sínodo. Ele nunca me dará autorização para me ausentar, nem que seja de dia, e muito menos para ir a Mainz.

— Burchard, o mercador de tecidos, pode levar a missiva por ti. Ele vem cá regularmente, por causa dos seus negócios. Eu conheço-o bem porque ele vem à enfermaria buscar um remédio para a sua mulher, que sofre de dores de cabeça. É um bom homem e podemos confiar que ele leva a petição a Mainz.

Gottschalk perguntou, desconfiado:

— Porque fazes isto? Joana encolheu os ombros:

— Um homem deve ser livre de viver a vida que escolhe. — E, para si própria, acrescentou, e o mesmo deveria poder fazer uma mulher.

Correu tudo como planeado. Quando Burchard veio à enfermaria buscar o remédio para a sua mulher, Joana entregou-lhe a petição, que ele meteu dentro do seu alforge, por uma questão de segurança.

Algumas semanas mais tarde, a abadia recebeu uma visita inesperada de Otgar, bispo de Trier. Depois das saudações formais no pátio, o bispo pediu uma audiência com o abade, nos seus aposentos.

As notícias que o bispo trazia eram espantosas: Gottschalk foi dispensado dos seus votos. Podia deixar Fulda quando quisesse.

Ele decidiu partir imediatamente, uma vez que não desejava permanecer nem mais um momento do que o necessário sob o olhar maligno de Rábano. Não havia problemas em fazer as malas, apesar de ter vivido toda a sua vida no mosteiro, Gottschalk não tinha nada que pudesse levar consigo porque um monge não podia ter quaisquer bens pessoais. O irmão Anselmo, o cozinheiro, arranjou um saco de comida para os primeiros dias de caminho, e foi tudo.

— Para onde vais? — perguntou Joana.

— Para Speyer — respondeu ele. — Tenho lá uma irmã casada, posso ficar uns tempos com ela. Depois... não sei.

Tinha lutado pela liberdade durante tanto tempo e com tão pouca esperança que não tinha parado para pensar o que faria se a conseguisse alcançar. Nunca tinha conhecido outra vida que não fosse a monástica, a sua rotina segura e previsível fazia parte dele, da mesma forma que a

respiração. Apesar de ser demasiado orgulhoso para o admitir, Joana percebeu nos seus olhos que ele se sentia inseguro e tinha medo.

Os irmãos não se reuniram para uma despedida formal porque Rábano o tinha proibido. Apenas Joana e alguns outros irmãos, cuja opus mannum os fez terem de passar pelo pátio naquele momento, estavam presentes para ver Gottschalk a sair o portão, finalmente, um homem livre. Joana ficou a vê-lo a descer a rua. A sua figura esguia e alta foi-se sumindo, até desaparecer no horizonte.

Será que ele iria ser feliz? Joana esperava que sim. Mas, parecia um homem fadado para desejar sempre aquilo que não podia ter, para escolher para si próprio o caminho mais pedregoso e mais difícil. Ela iria rezar por ele, assim como por todas as outras almas tristes e atribuladas que tinham de percorrer sozinhas o caminho da sua vida.

Capítulo 16

No Dia de Todos os Santos, a irmandade de Fulda congregava-se no pátio para a separatio leprosorum, a liturgia solene que separava os leprosos do resto da sociedade. Naquele ano, tinham sido identificados na zona de Fulda sete daqueles desgraçados, quatro homens e três mulheres. Um deles era um jovem com cerca de catorze anos, ainda pouco marcado pelos sinais da doença; outro, era uma idosa de mais de sessenta anos cujos olhos sem pálpebras, a boca sem lábios e as mãos sem dedos atestava um estádio avançado da doença. Estavam todos cobertos com trapos negros e tinham sido reunidos no pátio, onde tinham formado um pequeno grupo.

A irmandade aproximou-se numa procissão solene. À frente, vinha o abade Rábano, vestido com toda a pompa, como era digno de um abade.

À sua direita, vinha José, o prior, e à sua esquerda, o bispo Otgar. Atrás deles, vinha o resto da irmandade, por ordem de idades.

Dois irmãos leigos terminavam a procissão, puxando uma carroça cheia de terra do cemitério.

— Proíbo-vos de entrardes em qualquer igreja, moinho, padaria, mercado ou qualquer outro local de reunião. — O abade Rábano dirigia-se aos leprosos com toda a solenidade. — Proíbo-vos de usardes as estradas e caminhos comuns. Proíbo-vos de vos aproximardes de qualquer pessoa, sem tocardes os vossos sinos, em sinal de aviso. Proíbo-vos de tocar em crianças ou de lhes dar seja o que for.

Uma das mulheres começou a chorar. Tinha duas manchas de humidade na parte da frente da sua túnica de lã velha, à altura do peito. Uma mãe que amamenta, pensou Joana. Onde está o seu bebé? Quem irá tomar conta dele?

— Proíbo-vos de comerdes ou beberdes em companhia de alguém que não seja leproso, como vós — prosseguiu o abade Rábano. — Proíbo-vos de lavardes alguma vez as vossas mãos ou a vossa cara ou quaisquer outros objectos de vosso uso na margem do rio ou de qualquer fonte ou ribeiro. Proíbo-vos de conhecimento carnal com vossos esposos ou de qualquer outra pessoa. Proíbo-vos de gerarem filhos ou de os alimentardes.

O choro angustiado da mulher intensificou-se. As lágrimas corriam-lhe pela face ulcerada.

— Como vos chamais?

O abade Rábano dirigiu-se à mulher em vernáculo, com uma irritação mal disfarçada. O irromper inesperado das suas emoções estava a perturbar a simetria bem ordenada da cerimónia com a qual Rábano tinha esperança de impressionar o bispo. De facto, parecia que Otgar não tinha vindo a Fulda apenas para dar a notícia da dispensa de Gottschalk, mas também para observar e fazer um relatório da forma como Rábano governava a abadia.

— Madalgis — soluçou a mulher, em resposta. — Por favor, senhor, deixai-me voltar para casa porque tenho quatro órfãos à espera do seu jantar.

— O Céu se encarregará dos inocentes. Haveis pecado, Madalgis, e Deus castigou-vos — explicou Rábano com uma paciência teatral, como

se estivesse a falar com uma criança. — Não deveis chorar, mas sim agradecer a Deus porque na vida que há-de vir, sofrereis menos.

Madalgis ficou fora de si, como se duvidasse se tinha ouvido bem. Depois, o seu rosto retorceu-se e recomeçou a chorar, mais alto ainda, com o rosto vermelho desde o pescoço até à raiz dos cabelos.

Estranho, pensou Joana.

Rábano virou as costas à mulher.

— De profundis clamavi ad te, Domine... — começou a oração pelos mortos. A irmandade acompanhou-o em uníssono.

Joana repetia as palavras mecanicamente, com os olhos postos em Madalgis.

Quando a oração terminou, Rábano passou para a parte final da cerimónia, na qual cada leproso seria separado do mundo.

Colocou-se diante do primeiro, o rapaz de catorze anos, com poucos sinais da doença.

— Sis mortuus mundo, vivens iterum Deo — disse o abade Rábano. — Estais morto para o mundo e vivo aos olhos de Deus.

Fez um sinal ao irmão Magenard, que enterrou uma pá na carroça, retirou um pouco de terra do cemitério e a atirou ao rapaz, sujando-lhe as roupas e o cabelo.

A cerimónia repetiu-se cinco vezes, terminando sempre com a terra a ser atirada. Quando chegou à vez de Madalgis, ela tentou fugir, mas os dois irmãos leigos taparam-lhe a passagem. Rábano fitou-a, com o sobrolho carregado.

— Sis mortuus mundo, vivens iter...

— Um momento! — gritou Joana.

O abade Rábano calou-se. Toda a gente se virou na direcção da interrupção inusitada.

Com todos os olhos postos nela, Joana avançou em direcção a Madalgis e examinou-a com um olhar rápido. Depois, virou-se para o abade:

— Padre, esta mulher não é leprosa.

— O quê? — Rábano esforçava-se por conter a sua cólera para que o bispo não a visse.

— Estas lesões não são devidas a lepra. Vede como a sua pele muda de cor, alimentada pelo sangue que se encontra por baixo dela. Esta infecção de pele não é infecciosa; pode ser curada.

— Se ela não é leprosa, então o que provocou estas úlceras? perguntou Rábano.

— Podem ter sido provocadas por várias coisas. É difícil dizer sem outros exames. Mas, seja qual for a sua origem, uma coisa é certa: não é lepra.

— Deus assinalou esta mulher com a manifestação visível do pecado. Não devemos desafiar a Sua vontade!

— Ela está marcada, mas não com a lepra — respondeu Joana com firmeza. — Deus deu-nos o conhecimento para discernirmos entre aqueles que Ele escolheu para carregarem este fardo e aqueles que Ele não escolheu. Será que Ele ficará satisfeito se condenarmos a uma morte em vida alguém que Ele próprio não escolheu?

Era um argumento inteligente. Consternado, Rábano reparou que os outros ficaram tocados por ele.

— Como sabemos se interpretaste correctamente a vontade de Deus? — argumentou ele. — Será o teu orgulho tão grande que sejas capaz de lhe sacrificar a tua irmandade? — porque para socorreres esta mulher, podes colocar-nos a todos em grande perigo.

Esta afirmação levantou um burburinho de preocupação. Nada, a não ser os inimagináveis tormentos do Inferno, inspirava mais horror, repulsa e medo do que a lepra.

Madalgis lançou-se aos pés de Joana, soltando um grito.

Tinha seguido a discussão sem compreender porque tanto Joana como Rábano tinham falado em latim, mas tinha-se conseguido aperceber de que Joana intercedia a seu favor e que a disputa não estava a correr bem.

Joana pousou a mão sobre o seu ombro, tanto para a acalmar, como para a fazer calar.

— Ninguém mais na irmandade tem de correr qualquer risco, para além de mim próprio. Com a vossa permissão, Padre, irei com ela para sua casa, levando os medicamentos necessários.

— Sozinho? Com uma mulher? — Rábano ergueu as sobrancelhas, com um horror piedoso. — João Anglicus, talvez a tua

intenção seja inocente, mas és um jovem, sujeito às vis paixões da carne, por isso, como teu pai espiritual, é meu dever proteger-te.

Joana abriu a boca para responder, depois, fechou-a, frustrada. Ninguém estava mais a salvo da tentação com uma mulher do que ela, mas não havia forma de o poder explicar a Rábano.

A voz rouca do irmão Benjamim soou por trás dela:

— Eu acompanharei o irmão João. Sou velho, há muito que passou o tempo de ter essas tentações. Padre, podeis confiar no irmão João, quando ele diz que a mulher não é leprosa porque, se ele fala com tanta certeza, é porque tem razão. A sua competência nestes assuntos é muito grande.

Joana lançou-lhe um olhar agradecido. Madalgis agarrou-se a ela. Os seus gritos foram temperados por um choro silencioso, reconfortado pela Joana.

O abade Rábano hesitou. O que ele queria era dar uma valente reprimenda a João Anglicus pela sua desobediência presunçosa.

Mas, o bispo Otgar estava a ver, Rábano não podia parecer intransigente ou impiedoso.

— Muito bem — disse ele, contrariado. — Irmão João, depois das vésperas, tu e o irmão Benjamim acompanhareis esta pecadora e fareis o que pode ser feito em nome de Deus para a curar do seu mal.

— Obrigado, Padre — disse Joana.

Rábano fez o sinal da cruz sobre eles.

— Que Deus, na Sua bondade misericordiosa, vos proteja do mal.

A mula transportando os sacos de medicamentos caminhava vagarosa e calmamente, indiferente ao sol poente. A cabana de Madalgis ficava a cerca de cinco milhas de caminho; a este passo lento, teriam de se esforçar muito para conseguirem chegar antes de escurecer.

Joana bateu na mula, impaciente. Para a satisfazer, a mula deu cinco ou seis passos mais rápidos, depois, regressou confortavelmente ao seu passo original.

Enquanto caminhavam, Madalgis falava com a energia nervosa que se segue frequentemente a um grande susto. Joana e Benjamim ficaram a saber toda a sua triste história. Apesar de parecer pobre, ela não era

nenhuma colona, mas sim uma mulher livre cujo marido tinha obtido o título de independência a troco de uma herdade com cerca de doze hectares. Após a sua morte, ela tentou sustentar a família trabalhando ela própria na terra, mas este esforço heróico tinha sido truncado abruptamente pelo seu vizinho, o senhor Rathold, que cobiçava a próspera propriedade. O senhor Rathold tinha chamado a atenção do abade Rábano para os trabalhos de Madalgis, que a proibiu, sob pena de excomunhão, de voltar a fazer fosse o que fosse.

— É sacrilégio uma mulher fazer o trabalho de um homem — tinha-lhe dito ele.

Para não morrer à fome, Madalgis viu-se obrigada a vender a propriedade e a sua casa ao senhor Rathold por muito menos do que ela valia, recebendo em troca apenas alguns soldos e uma pequena cabana numa povoação próxima, com um pedacinho de pastagem para as suas vacas.

Ela tinha começado a fazer queijo, assim, tinha conseguido garantir uma subsistência mínima, trocando os frutos do seu trabalho por outra comida e outras coisas necessárias.

Quando avistou a sua casa, Madalgis gritou de contentamento e correu à frente, desaparecendo rapidamente no seu interior.

Joana e o irmão Benjamim entraram alguns minutos mais tarde e descobriram-na quase submersa por uma confusão de crianças, todas rindo, chorando e falando ao mesmo tempo. Ao verem os dois monges entrar, as crianças gritaram assustadas e rodearam Madalgis para a protegerem, temendo que ela lhes fosse levada.

Madalgis falou com eles e eles voltaram a sorrir, apesar de observarem os dois estranhos com curiosidade.

Entrou uma mulher com dois bebés ao colo. Fez uma vénia respeitosa aos dois monges, depois, apressou-se a entregar uma das crianças a Madalgis, que lhe pegou, alegremente, e lhe deu o peito, que ela começou a sugar esfomeada. A outra mulher parecia uma senhora de mais de cinquenta anos, mas Joana reparou que, embora a sua face estivesse marcada pelas preocupações, não era assim tão velha — talvez não tivesse mais de vinte e nove ou trinta anos.

Ela tem amamentado o bebé de Madalgis juntamente com o seu, compreendeu Joana. Reparou, com pena, no peito caído e no abdómen inchado da mulher e no tom pálido pouco saudável da sua pele. Joana já tinha visto aqueles sintomas: as mulheres tinham frequentemente o primeiro filho com treze ou catorze anos e, daí para a frente, viviam num estado de gravidez permanente, trazendo ao mundo um bebé atrás de outro com uma regularidade terrível. Não era raro uma mulher ter vinte ou trinta gravidezes durante a sua vida — apesar de, inevitavelmente, algumas terminarem rapidamente em aborto.

Quando uma mulher chegava à mudança de idade — se é que vivia até lá chegar porque o parto implicava riscos consideráveis — o seu corpo estava gasto, o seu espírito abatido pela exaustão. Joana tomou nota mentalmente para não se esquecer de fazer um tónico de raiz de carvalho e de salva para fortalecer a mulher contra o Inverno que se aproximava.

Madalgis trocou algumas palavras com o seu filho mais velho, um rapazote de doze ou treze anos. Ele dirigiu-se para a porta e voltou pouco depois com uma fatia de pão e um pedaço de queijo raiado de azul, que ofereceu à Joana e ao irmão Benjamim. O irmão Benjamim pegou no pão, mas recusou o queijo porque era óbvio que ele tinha bolor. Joana também teve nojo do queijo, mas para agradar ao rapaz, partiu um pedacinho e meteu-o na boca. Para sua surpresa, ele sabia muito bem — era rico, aromático, espantosamente saboroso — muito melhor do que qualquer queijo que aparecia nas mesas em Fulda.

— Mas, é delicioso!

O rapaz sorriu.

— Como te chamas? — perguntou-lhe ela.

— Arn — respondeu ele timidamente.

Enquanto comia, Joana observou o ambiente. A casa de Madalgis era uma cabana pequena, sem janelas, feita em ripas cruzadas, cobertas com lama e revestida com palha e folhas.

Havia grandes rachas nas paredes, através das quais entrava, agora, o ar frio da noite, levantando o fumo do lume térreo. A um canto, havia um curral para os animais; dali a um mês, Madalgis traria para ali as suas vacas, para o Inverno — prática comum entre os pobres. Assim, não só protegia o seu precioso sustento, como também traria uma bem precisa

fonte suplementar de calor para aquecer a casa. Infelizmente, para além do calor do seu corpo, os animais também traziam doenças: carraças, moscas, mosquitos e uma série de outros vermes, que se entranhavam na palha que cobria o chão e nas enxergas. Os mais pobres andavam sempre cobertos de mordidas e infecções, facto documentado nas igrejas locais, cujas paredes apresentavam representações de Job, com o corpo coberto de úlceras, raspando as chagas com uma faca.

Alguns — e Joana suspeitava que Madalgis era um deles — desenvolviam fortes e estranhas alergias às mordidas dos insectos. A sua pele inchava em grandes chagas que, irritadas pelas roupas de tecido grosseiro e pela lã suja, acabavam por infectar.

Mas, o teste ao diagnóstico de Joana tinha de esperar, porque, agora, estava completamente escuro. Amanhã, pensou Joana, antes de adormecer, começamos amanhã.

No dia seguinte, limparam a pequena cabana de cima a baixo.

A palha velha que cobria o chão foi retirada e o chão em terra foi completamente varrido. As enxergas foram queimadas e substituídas por enxergas em palha nova. Até mesmo o telhado em colmo, que tinha começado a apodrecer com a idade, foi substituído.

A parte mais difícil era convencer Madalgis a tomar um banho. Como todos os outros, ela limitava-se a lavar regularmente a cara, as mãos e os pés, mas, a ideia de uma imersão total era-lhe estranha, aliás, considerava-a mesmo perigosa.

— Vou apanhar gripe e vou morrer! — gritou ela.

— Morres, se não o fizeres — respondeu Joana com firmeza. — A existência de um leproso é a morte em vida.

Os ventos frios de Herbistmanoth tinham tornado demasiado frio o ribeiro que corria por trás do prado para tomar banho.

Tiveram de ir buscar água e aquecê-la ao lume para, depois, a deitarem no tanque da roupa. Enquanto os dois monges lhe viravam as costas, Madalgis entrou no tanque, apesar de contrariada e lavou-se com sabão e água.

Depois do banho, Madalgis vestiu uma túnica nova lavada, que Joana tinha pedido ao irmão Conrad, o despenseiro, prevendo que ia ser

necessária. Em linho fino, não era suficientemente quente para Madalgis passar o Inverno, mas era muito mais macia e menos irritante para a pele do que a lã.

Depois de lavada, com a casa liberta de vermes e brilhando do telhado até ao chão, Madalgis começou imediatamente a melhorar. As suas lesões secaram e ela começou a mostrar sinais de cura.

O irmão Benjamim estava extasiado.

— Tinhas razão! — disse ele a Joana. — Não é lepra! Temos de voltar e mostrar aos outros!

— Mais alguns dias — disse Joana, prudentemente. — Não pode haver qualquer dúvida de que ela está curada, quando regressarmos.

*** * ***

— Mostra-me outra. — pediu Arn.

Joana sorriu. Nos últimos dias tinha ensinado ao rapaz o método clássico de computação digital, de Beda, e ele tinha-se mostrado um estudante apto e esforçado.

— Primeiro, tens de me mostrar que te lembras daquilo que eu já te ensinei. O que representa isto?

Ela levantou os últimos três dedos da sua mão esquerda.

— As unidades — disse o rapaz, sem hesitação.

— E estes — levantou o polegar esquerdo e o dedo indicador — são decimais.

— Muito bem. E na mão direita?

— Estes representam as centenas e estes, os milhares. — Levantou os dedos adequados para exemplificar.

— Muito bem, escolhe dois números.

— Doze, que é a minha idade. E... — pensou durante alguns momentos — trezentos e sessenta e cinco, que é o número de dias de um ano! — disse ele, orgulhoso em mostrar mais outra coisa que tinha aprendido.

— Doze vezes trezentos e sessenta e cinco. Vejamos... — os dedos de Joana moveram-se rapidamente, mostrando o total. — São quatro mil, trezentos e oitenta.

Arn bateu as palmas, encantado.

— Experimenta tu — disse Joana, repetindo a operação mais devagar para que ele tivesse tempo de imitar cada um dos seus gestos. Depois, mandou-o repeti-los sozinho.

— Excelente! — disse ela, depois de ele o ter feito.

Arn sorriu, encantado com o jogo e com o elogio. Depois, o seu rostinho ficou sério.

— Até onde sois capaz de contar? — perguntou ele. — Podeis fazê-lo com uma centena e um milhar? Com... um milhar e outro milhar? Joana acenou que sim. — Toca no peito assim... vês?

Isto faz dezenas de milhar. E se tocares na tua coxa, assim, obténs centenas de milhar. Portanto — os seus dedos voltaram a mexer-se — mil e cem vezes duas mil e trezentas é... dois milhões, quinhentos e trinta mil!

Os olhos de Arn abriram-se de espanto. Os números eram tão grandes que ele nem sequer conseguia imaginá-los.

— Mostrai-me outro! — pediu ele.

A Joana riu-se. Gostava de ensinar o rapaz porque ele absorvia o conhecimento sofregamente. Lembrava-lhe ela própria, quando criança. Que pena que esta chispa de inteligência esteja destinada a extinguir-se na escuridão da ignorância, pensou ela.

— Se eu conseguisse tratar de tudo — disse ela —, gostarias de estudar na escola da abadia? Podias continuar a aprender lá — não só números, mas também a ler e a escrever.

— A ler e a escrever? — repetiu Arn, maravilhado.

Estas habilidades extraordinárias estavam reservadas a sacerdotes e a grandes senhores, não a pessoas como ele.

Perguntou, ansiosamente:

— Tenho de me tornar monge?

Joana estava divertida. Arn tinha a idade em que os rapazes começam a desenvolver um forte interesse pelo sexo oposto, a ideia de uma vida de castidade era compreensivelmente aberrante para ele.

— Não — disse ela. — Estudarias na Escola Externa, a que é para estudantes leigos. Mas isso quereria dizer que tinhas de sair de casa e ir viver para a abadia. E tinhas de estudar muito porque o professor é muito rigoroso.

Arn não hesitou um momento que fosse.

— Oh, sim! Sim, por favor!

— Muito bem. Amanhã, regressamos a Fulda. Eu falarei com o professor.

— Finalmente! — o irmão Benjamim suspirou de alívio.

À sua frente, onde a estrada pedregosa se fundia com o horizonte, erguiam-se as muralhas cinzentas de Fulda, enquadradas pelas duas torres da igreja da abadia.

O pequeno grupo de viajantes tinha passado por uma viagem cansativa desde a cabana de Madalgis e a humidade tinha agravado o reumatismo de Benjamim, transformando cada passo num tormento.

— Já falta pouco — disse Joana. — Daqui a uma hora, podereis pôr os pés à lareira num quarto quente.

À distância, o repicar dos sinos anunciava a chegada deles — ninguém se aproximava das portas de Fulda sem ser anunciado.

Ao ouvir os sinos, Madalgis apertou nos braços o seu bebé, nervosa. Tinha sido difícil a Joana e ao irmão Benjamim convencerem-na a regressar à abadia, mas, ela tinha acabado por concordar, mas só com a condição de os filhos a poderem acompanhar.

A irmandade estava reunida no pátio para os receber, alinhados cerimoniosamente por ordem de importância, com o abade Rábano de cabelo grisalho e majestosamente de pé, à frente.

Madalgis encolheu-se com medo, escondendo-se por trás de Joana.

— Aproxima-te — disse Rábano.

— Está tudo bem, Madalgis — tranquilizou-a Joana. — Faz como o padre abade te diz.

Madalgis avançou e ficou de pé, a tremer, no meio de estranhos. Um suspiro de espanto perpassou as fileiras dos irmãos, quando a viram. Os nódulos abertos e ulcerosos e as lesões tinham desaparecido, à excepção de algumas marcas secas e a fechar, a pele bronzeada do seu rosto e dos seus braços estava limpa e lisa, cheia de saúde. Não havia qualquer dúvida: mesmo o mais inexperiente podia dizer que a mulher que estava diante de si não era leprosa.

— Ó maravilhoso sinal da graça! — exclamou o bispo Otgar em louvor. — Tal como Lázaro, ela foi trazida da morte para a vida!

A irmandade reuniu-se em círculo, empurrando o pequeno grupo de viajantes, triunfalmente, na direcção da igreja.

O facto de Joana ter curado Madalgis foi considerado nada menos do que um milagre. Fulda encheu-se de louvores a João Anglicus. Quando o irmão Aldwin, um dos irmãos mais velhos e um dos dois padres da comunidade, morreu durante o sono, a irmandade não tinha muitas dúvidas acerca de quem lhe devia suceder.

Mas, o abade Rábano era de uma opinião diferente. João Anglicus tinha uma natureza demasiado frontal e presunçosa para o seu gosto. Rábano preferia o irmão Tomás, que, apesar de se saber que era menos brilhante, era muito mais previsível — qualidade que Rábano apreciava.

Mas, a decisão cabia ao bispo Otgar. O bispo sabia que Gottschalk tinha estado à beira da morte por causa de ter sido castigado, acontecimento que se reflectiu negativamente no prestígio de Rábano. Se Rábano preterisse João Anglicus a favor de um irmão menos qualificado, podiam levantar-se questões acerca do seu serviço na abadia. E se o rei recebesse um relatório negativo acerca dele, ele podia ser retirado da abadia — o que era impensável. Era melhor ser prudente na escolha de quem seria padre, pensou Rábano — pelo menos, de momento.

Anunciou no capítulo:

— Como vosso pai espiritual, o direito de nomeação de um padre de entre vós pertence-me. Depois de muita oração e reflexão, decidi escolher um irmão habilitado para o cargo em virtude dos seus grandes conhecimentos: o irmão João Anglicus.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação entre a irmandade. Joana corou de excitação. Eu, padre! Ser admitida aos mistérios sagrados, administrar os santos sacramentos!

Tinha sido a ambição do pai para Mateus e, depois de Mateus ter morrido, para João. Que ironia se essa ambição acabasse por se concretizar através da sua filha!

Sentado do outro lado da sala, o irmão Tomás olhou, sombriamente, para Joana. Este sacerdócio é meu, pensou ele,

amargamente. Fui eu o escolhido de Rábano, não foi o que ele disse há umas semanas atrás?

O facto de João Anglicus ter curado a mulher leprosa tinha mudado tudo. Era ultrajante. Madalgis não era ninguém, era uma serva, ou pouco mais. Que diferença fazia se ela tivesse ido para a leprosaria, vivido ou morrido? Tanto fazia!

Que o prémio fosse para João Anglicus era uma humilhação amarga. Tomás tinha-o detestado desde o princípio — odiava a sua rapidez de raciocínio, que ele tinha sentido na pele tantas vezes, odiava o à-vontade com que ele dominava as suas lições. Essas coisas não tinham sido fáceis para Tomás. Ele tivera de estudar como um escravo para aprender as fórmulas latinas e decorar os capítulos da regra. Mas, o que faltava a Tomás em brilhantismo tinha ele em persistência e no esforço que punha nas práticas piedosas. Quando terminava as refeições, tinha o cuidado de poisar a sua faca e o seu garfo perpendicularmente, em homenagem à Santa Cruz. Nunca bebia o seu vinho de uma vez, como os outros, mas em três golos de cada vez, reverentemente, numa piedosa ilustração do milagre da Trindade. João Anglicus não se preocupava com tais actos de devoção.

Tomás olhou para o seu rival, com um ar tão angelical com o seu cabelo dourado. Que o Inferno o consuma nas suas chamas, a ele e ao ventre maldito que o gerou!

O refeitório ou sala de jantar dos monges era uma sala com quarenta pés de largura e cem pés de comprimento, amplo, para acomodar ao mesmo tempo os trezentos e cinquenta irmãos de Fulda. Com sete janelas altas na parede sul e seis na parede norte, voltadas na direcção da luz do Sol ao longo de todo ano, era uma das salas mais agradáveis do mosteiro. As amplas vigas de madeira e as traves-mestras que suportavam as vigas ostentavam pinturas coloridas com cenas da vida de São Bonifácio, patrono de Fulda, estas contribuíam para aumentar a impressão de brilho e luz, pelo que a sala, tanto agora, nos dias frios e curtos do Heilagmanoth, como nos dias de Verão, era um espaço acolhedor e agradável.

Era a hora nona e os irmãos estavam reunidos no refeitório para jantar, a primeira das duas refeições quotidianas. O abade Rábano estava

sentado a uma comprida mesa em forma de U, cujo centro se encontrava do lado da parede oriental.

Estava rodeado de doze irmãos à sua esquerda e doze irmãos à sua direita, representando os apóstolos de Cristo. Sobre as longas mesas encontravam-se pratos simples com pão, legumes e queijo. Os ratos corriam pelo chão de terra batida, por baixo da mesa, à procura de migalhas caídas.

De acordo com a Regra de São Bento, os irmãos tomavam sempre as suas refeições sem falarem uns com os outros. O silêncio rigoroso só era quebrado pelo tilintar do metal das facas e dos copos e pela voz do leitor da semana, que ficava de pé, no púlpito, lendo uma passagem dos Salmos ou da Vida dos Padres.

— Tal como o corpo mortal necessita de comida terrena — gostava de dizer o abade Rábano — assim também a alma deve prover ao seu sustento espiritual.

A regula taciturnitis — ou regra do silêncio — era um ideal elogiado por todos, mas respeitado por poucos. Os irmãos tinham engendrado um esquema complicado de gestos e expressões faciais através das quais comunicavam durante as refeições.

Era possível desenvolver longas conversas através deste sistema, especialmente quando o leitor era fraco, como era o caso naquele dia. O irmão Tomás lia com uma voz lenta e com tanto sotaque que se perdia completamente a cadência poética dos Salmos, para obviar às suas poucas capacidades, Tomás lia alto. A sua voz feria os ouvidos da irmandade. O abade Rábano pedia frequentemente ao irmão Tomás para ler, preferindo-o aos leitores do mosteiro mais capacitados porque, como ele dizia, uma voz demasiado doce convida o demónio a entrar no coração.

— Pssst.

Um bichanar abafado chamou a atenção de Joana. Levantando os olhos do seu prato, viu o irmão Adalgar a fazer-lhe sinais do outro lado da mesa.

Ele levantou quatro dedos. O número simbolizava um capítulo da Regra de São Bento, um veículo frequente para este tipo de comunicação fraterna, que favorecia as referências enigmáticas e as circunlocuções.

Joana recordou-se das frases iniciais do capítulo quarto: Omnes supervenientes hospites tamquam Christus suscipiantur, dizia ele. Que todos os que chegam sejam recebidos como Cristo.

Joana percebeu imediatamente o que o irmão Adalgar queria dizer. Tinha chegado uma visita a Fulda — alguém importante, ou o irmão Adalgar não se teria dado ao trabalho de o mencionar. Fulda recebia para cima de doze visitantes por dia, ricos e pobres, peregrinos bem vestidos e peregrinos andrajosos, viajantes cansados que vinham porque sabiam que ninguém os mandaria embora, que, ali, encontrariam repouso, abrigo e comida por alguns dias, antes de continuarem o seu caminho.

A curiosidade de Joana aguçou-se.

— Quem? — perguntou ela, silenciosamente, erguendo um pouco as sobrancelhas.

Nesse momento, o abade Rábano fez sinal e os irmãos levantaram-se da mesa todos ao mesmo tempo, alinhados por ordem de antiguidade. Ao saírem do refeitório, o irmão Adalgar foi ter com ela.

— Parens — murmurou ele e apontou para ela. — Parentes teus.

Joana seguiu a irmandade, saindo do refeitório com o passo calmo e comedido, assim como com a expressão plácida, adequada a um monge de Fulda. Não havia nada na sua expressão exterior que traísse a sua profunda agitação.

Será que o irmão Adalgar tinha razão? Será que algum parente seu tinha vindo a Fulda? A sua mãe ou o seu pai? Parens, tinha dito Adalgar, o que podia significar uma coisa ou a outra. E se fosse o pai dela? Não esperaria encontrá-la a ela, mas sim ao seu irmão, João. Joana ficou assustada com este pensamento.

Se o pai descobrisse a sua impostura, de certeza que a denunciaria logo.

Mas, talvez fosse a sua mãe. Gudrun não trairia o seu segredo. Ela compreenderia que essa revelação custaria a vida a Joana.

Mamã. Há dez anos que Joana não a via e, quando se separaram, tinha sido difícil. De repente, Joana desejou mais do que tudo ver o rosto familiar e amado de Gudrun, desejou abraçá-la e que ela a abraçasse, ouvi-la falar no ritmo cadenciado da Língua Antiga.

O irmão Samuel, o irmão hospitaleiro, interceptou-a, quando ela ia a sair do refeitório.

— Estás dispensado das tuas obrigações desta tarde, veio alguém para te visitar.

Dividida entre a esperança e o medo, Joana não disse nada.

— Não fiques tão sério, Irmão, não é o Diabo que vem buscar a tua alma imortal.

O irmão Samuel riu-se com vontade. Era um homem de bom coração, jovial, amigo de gracejos e de graças. O abade Rábano tinha-o castigado anos a fio por causa das suas qualidades pouco espirituais, mas, tinha acabado por desistir e por o nomear hospitaleiro, uma função cujas tarefas mundanas de receber e cuidar dos visitantes se adequava perfeitamente ao irmão Samuel.

— Está aqui o teu pai — disse Samuel alegremente, satisfeito por dar uma boa notícia. — Está à tua espera no jardim.

O medo estilhaçou a máscara de impassibilidade de Joana. Ela recuou, abanando a cabeça:

— Não irei vê-lo. Eu... eu não posso.

O sorriso desapareceu dos lábios do irmão Samuel.

— Ora, Irmão, não pode ser. O teu pai viajou desde Ingelheim até aqui para falar contigo.

Ela tinha que encontrar uma explicação.

— As coisas não estão bem entre nós. Nós... discutimos... quando eu saí de casa.

O irmão Samuel passou o braço pelo seu ombro:

— Eu compreendo — disse ele, num tom condescendente. Mas, ele é teu pai e veio de muito longe. Será uma obra de caridade falar com ele, nem que seja só por breves momentos.

Incapaz de encontrar um argumento contra isto, Joana ficou em silêncio.

O irmão Samuel tomou o seu silêncio por aquiescência.

— Anda. Vou levar-te até ele.

— Não! — ela sacudiu o braço com que ele a abraçava.

O irmão Samuel estava espantado. Esta não era forma de se dirigir ao hospitaleiro, um dos sete ofícios da abadia aos quais se devia obediência.

— O teu espírito está perturbado, Irmão — disse ele asperamente. — Precisas de orientação espiritual. Discuti-lo-emos no capítulo de amanhã.

O que posso fazer?, pensou Joana consternada. Seria difícil, se não mesmo impossível, esconder do pai a sua verdadeira identidade. Mas, uma discussão no capítulo seria catastrófica.

Não havia desculpa para o seu comportamento. Se se descobrisse a sua desobediência, como tinha sido descoberta a de Gottschalk...

— Nonnus, perdoa — disse ela, utilizando o título de respeito devido a um irmão mais velho — a minha falta de temperança e de humildade. Apanhaste-me de surpresa e, na minha confusão, esqueci o meu dever para contigo. Peço-te perdão, com toda a humildade.

Era uma boa desculpa. O ar sério do irmão Samuel dissolveu-se num sorriso, ele não era homem para guardar ressentimentos.

— Estás perdoado, Irmão. Anda. Iremos juntos para o jardim.

Enquanto saíam do mosteiro, passando pelos armazéns de víveres, pelo moinho e a estufa de secagem, Joana avaliava rapidamente as suas hipóteses.

Da última vez que o pai a tinha visto, ela era uma criança de doze anos. Tinha mudado muito nos dez anos seguintes. Talvez ele não a reconhecesse. Talvez...

Chegaram ao jardim com os seus canteiros semeados em filas rectilíneas — treze ao todo. O número tinha sido escolhido cuidadosamente para simbolizar a sagrada congregação de Cristo e dos Doze na Última Ceia. Cada canteiro tinha exactamente sete pés de largura, isso também tinha um significado, uma vez que sete era o número de dons do Espírito Santo, o que simbolizava a plenitude de todas as coisas criadas.

O seu pai estava ao fundo do jardim, de costas para eles, entre canteiros de mastruço e de cerefólio. O seu corpo atarracado, o seu pescoço grosso e a posição resoluta foram imediatamente familiares a Joana. Ela escondeu bem a sua cabeça dentro do capuz volumoso, de maneira a cobrir bem o cabelo e, tanto quanto possível, o rosto.

Ao ouvir os seus passos a aproximarem-se, o cónego virou-se.

O seu cabelo escuro e as suas sobrancelhas fartas, que tinham despertado, em tempos, tanto terror a Joana, estavam completamente

grisalhos.

— Deus tecum — o irmão Samuel deu um empurrãozinho encorajador à Joana. — Deus esteja contigo.

Depois, deixou-os.

O seu pai atravessou o jardim hesitante. Era mais baixo do que ela pensava, ela reparou, com surpresa, que ele utilizava uma bengala para se apoiar. Quando ele se aproximou, Joana virou-se e, sem falar, fez-lhe sinal para que ele a acompanhasse. Levou-o do sol do meio-dia, que brilhava a pique, para a capela sem janelas que ficava junto ao jardim, onde a escuridão era mais segura. Uma vez lá dentro, esperou que ele se sentasse num banco. Depois, sentou-se ela própria na outra ponta do banco, de cabeça baixa, de forma a que o capuz lhe escondesse o perfil.

— Pater Noster qui es in caelis, sanctificatur nomen tuum...

O seu pai começou a rezar o Pai-Nosso. As suas mãos cruzadas tremiam de velhice, falava no tom trémulo e frágil de um velho. Joana juntou a sua voz à dele e as palavras de ambos fundiram-se e ecoaram na pequena sala com paredes em pedra.

Depois de terminada a oração, ficaram em silêncio durante algum tempo.

— Meu filho — disse, finalmente, o cónego — fizeste bem. O irmão hospitaleiro disse-me que vais ser padre. Honras a nossa família como eu esperei, um dia, que o teu irmão fizesse.

Mateus. A Joana apalpou o medalhão de Santa Catarina que tinha pendurado ao pescoço, aquele que Mateus lhe tinha dado havia tanto tempo.

O pai apercebeu-se do seu gesto.

— A minha vista tornou-se fraca. Isso é o medalhão da tua irmã Joana?

Joana largou-o, maldizendo a sua estupidez, não tinha pensado em escondê-lo.

— Fiquei com ele como recordação... depois. — Ela não conseguia falar do horror do ataque dos normandos.

— A tua irmã morreu sem ser... desonrada?

Joana lembrou-se de repente de Gisla, gritando de dor e de medo enquanto os normandos a violavam à vez.

— Morreu pura.

— Deo gratias. — O cónego benzeu-se. — Então, foi a vontade de Deus. Criança teimosa e desnaturada, nunca ficaria em paz com o mundo, foi melhor assim.

— Ela não teria dito isso.

Se o cónego se apercebeu da ironia na sua voz, não o deu a entender.

— A sua morte foi um grande desgosto para a tua mãe.

— Como está a minha mãe?

O cónego demorou muito tempo a responder. Quando, finalmente, acabou por o fazer, a sua voz tremia ainda mais do que antes.

— Foi-se.

— Foi-se?

— Para o Inferno — disse o cónego — para arder para toda a eternidade.

— Não — Joana atingiu os limites da sua compreensão. — Não. A mamã, não, com o seu belo rosto, os seus olhos bondosos, as mãos delicadas que lhe davam ternura e conforto — a mamã, que a amava.

— Morreu há um mês — disse o cónego — sem absolvição e sem se reconciliar com Cristo, invocando os seus deuses pagãos.

Quando a parteira me disse que ela não sobreviveria, eu fiz o que pude, mas ela não aceitou os Santos Sacramentos. Eu meti-lhe a Hóstia Sagrada na boca, mas ela cuspiu-ma na cara.

— A parteira? Não quereis dizer...

A sua mãe tinha mais de cinquenta anos, já tinha passado, havia muito, a idade de ter filhos, não tinha concebido mais nenhuma criança desde que Joana tinha nascido.

— Não me deixaram enterrá-la no cemitério cristão por causa da criança não baptizada que lhe ficou no ventre.

Ele começou a chorar. O seu corpo estremecia todo com grandes soluços.

Então, ele amava-a? Tinha uma forma estranha de o demonstrar, com os seus acessos de fúria brutal, a sua crueldade e a sua luxúria, a sua luxúria egoísta, que tinha acabado por a matar.

Os soluços do cónego acalmaram e ele começou a rezar pela morta. Desta vez Joana não o acompanhou. Silenciosamente, entredentes,

começou a recitar o Juramento, invocando o nome sagrado de Thor, o deus do trovão, tal como a mamã lhe tinha ensinado havia muito tempo.

O pai pigarreou desconfortavelmente.

— Há uma coisa, João. A missão na Saxónia... achas que... quer dizer, será que os irmãos precisam da minha ajuda no seu trabalho de conversão dos pagãos?

Joana estava perplexa.

— Então e o vosso trabalho em Ingelheim?

— É que a minha posição em Ingelheim tornou-se difícil. A recente... desgraça... com a tua mãe.

Joana compreendeu imediatamente. As restrições ao casamento do clero, que tinham sido raramente aplicadas durante o reinado do imperador Carlos, tinham endurecido no reinado do seu filho, cujo zelo religioso lhe tinha granjeado o título de Luís, o Piedoso. O recente sínodo de Paris tinha reafirmado veementemente tanto a teoria quanto a prática do celibato do clero. A gravidez de Gudrun, prova evidente da falta de castidade do cónego, não podia ter vindo em pior altura.

— Haveis perdido o vosso lugar?

O pai confirmou, relutante.

— Mas Deo volente, ainda tenho força e capacidade para fazer o trabalho de Deus. Se pudesses interceder por mim junto do abade Rábano...

Joana não respondeu. Estava cheia de desgosto, ira e dor, não havia lugar no seu coração para a compaixão pelo seu pai.

— Não me respondes. Tornaste-te orgulhoso, meu filho.

Ele levantou-se e a sua voz assumiu algo do seu velho tom de comando.

— Lembra-te que fui eu que te permiti que viesses para aqui e que adquirisses a posição que tens agora na vida. Contritionem praecedi suerbia, et ante ruinam exaltatio spiritus — admoestou-a ele, rigidamente.

— O orgulho leva à destruição e um espírito altivo, à queda.

Provérbios, capítulo dezasseis.

— Bonum est homini mulierem non tangere — ripostou Joana. — É bom que o homem não toque numa mulher, Primeira aos Coríntios, capítulo sete.

O pai levantou a bengala para lhe bater, mas o movimento fez com que ele perdesse o equilíbrio e caísse. Ela estendeu a mão para o ajudar, mas ele agarrou-se a ela, atirando-a ao chão.

— Meu filho — a sua voz soava chorosa aos seus ouvidos — meu filho. Não me abandones. És tudo quanto eu tenho.

Enojada, ela recuou com tal violência que o seu capuz lhe escorregou da cabeça. Ela puxou-o rapidamente, mas, era tarde de mais.

O rosto do seu pai ostentava uma expressão horrorizada ao reconhecê-la.

— Não — disse ele, aterrado — não, não pode ser.

— Pai...

— Filha de Eva, o que fizeste? Onde está o teu irmão, João?

— Morreu.

— Morreu?

— Os normandos mataram-no, na igreja de Dorstadt. Eu tentei salvá-lo, mas...

— Bruxa! Feiticeira! Demónio do Inferno!

Fez o sinal da cruz no ar, diante de si.

— Pai, por favor, deixai-me explicar...— pedia Joana, desesperadamente. Ela tinha de o acalmar antes que os seus gritos atraíssem os outros.

Ele pegou na bengala e lutava desesperadamente para se pôr de pé, com o corpo todo a tremer. Joana aproximou-se para o ajudar, mas ele repeliu-a e disse, num tom acusador:

— Mataste o teu irmão mais velho. Não podias ter poupado o mais novo?

— Eu amava o João, Pai. Nunca lhe faria mal. Foram os normandos, vieram de surpresa, com espadas e machados. - Ela controlou-se para não começar a chorar, tinha de continuar a falar, fazer com que ele compreendesse. — O João tentou resistir, mas eles mataram todos, todos. Eles...

Ele virou-se para a porta.

— Tenho de pôr termo a isto, antes que faças mais algum mal.

Ela agarrou-lhe o braço.

— Pai, não, por favor, eles matam-me, se...

Ele virou-se para ela, ameaçador:

— Demónio tentador! Devias ter morrido no ventre da tua mãe pagã antes de teres nascido! — Lutava para se libertar dela, com o rosto a enrubescer de uma forma alarmante. — Deixa-me!

Ela continuava a agarrá-lo, desesperada. Se ele passasse por aquela porta, a sua vida estava condenada.

Soou uma voz da porta. Era o irmão Samuel:

— Irmão João. — com o seu rosto bondoso crispado de preocupação. — Passa-se alguma coisa?

Surpreendida, Joana abrandou a pressão no braço do pai. Ele libertou-se e dirigiu-se ao irmão Samuel.

— Levai-me ao abade Rábano. Eu tenho... eu ten... — ele interrompeu-se de repente com um olhar surpreendido.

Ficou com uma expressão estranha. A sua pele tinha-se tornado ainda mais vermelha, o seu rosto estava retorcido grotescamente, com o olho direito mais fechado do que o esquerdo e a boca retorcida para um lado.

— Pai! — Ela aproximou-se, hesitando, estendendo a mão.

Ele dirigiu-se para ela, com o braço direito mexendo-se como se tivesse perdido o controlo sobre ele.

Aterrada, Joana recuou.

Ele gritou qualquer coisa incompreensível, depois, caiu como uma árvore cortada.

O irmão Samuel gritou por ajuda. Apareceram imediatamente cinco irmãos à porta.

Joana ajoelhou-se ao lado do pai e segurou-o nos seus braços. A sua cabeça pendia pesadamente contra o seu ombro. O seu cabelo juntava-se aos seus dedos. Ao fitá-lo nos olhos, Joana ficou chocada com o ódio maligno que viu neles.

Os seus lábios moviam-se determinados:

— M... m... m...!

— Não tenteis falar — disse Joana. — Não estais bem.

Ele fitou-a com uma fúria selvagem. Com um último esforço explosivo, cuspiu uma única palavra:

— M... m... m... mulier!

Mulher!

A sua cabeça virou-se convulsivamente para o lado e ficou nessa posição. Os seus olhos ficaram a fitar o vazio.

Joana debruçou-se sobre ele, procurando sinais de respiração vindos dos seus lábios retorcidos, assim como qualquer pulsação no seu pescoço exausto. Depois, fechou-lhe os olhos.

— Está morto.

O irmão Samuel e os outros benzeram-se.

— Pensei que o tinha ouvido falar antes de morrer — disse o irmão Samuel. — O que é que ele disse?

— Ele... ele invocou Maria, mãe de Cristo.

O irmão Samuel abanou a cabeça gravemente.

— Um santo homem.

E disse para os outros:

— Levai-o para a igreja. Prepararemos o seu corpo com a cerimónia devida.

— Terra es, terram ibis — entoou o abade Rábano. Tal como o resto da irmandade, Joana inclinou-se para pegar num punhado de terra, depois lançou-o para a sepultura e ficou a ver os torrões de terra escura e húmida a escorregarem sobre a madeira macia do caixão do seu pai.

Ele sempre a tinha odiado. Mesmo quando ela era pequena, antes de ter sido declarada guerra entre ambos, ela nunca tinha obtido dele mais do que uma tolerância azeda e condescendente. Para ele, ela não passava de uma rapariga estúpida e inútil. Mesmo assim, ela estava chocada por causa de se ter apercebido de como ele estava disposto a denunciá-la, de como ele a teria entregado, sem hesitação, a uma morte inenarrável.

Apesar disso, quando as últimas pás de terra cobriram a sepultura do seu pai, Joana sentiu uma melancolia estranha e inesperada. Ela não se lembrava de alguma vez não ter ficado ofendida com o seu pai, de não o ter temido, mesmo odiado.

Mas, sentia uma estranha sensação de perda. Mateus, João, a Mamã — todos tinham partido. O seu pai era a última ligação a casa, à rapariga que ela tinha sido em tempos. Já não havia nenhuma Joana de

Ingelheim, só havia o João Anglicus, sacerdote e monge da casa beneditina de Fulda.

Capítulo 17

Fontenoy, 841

O prado brilhava à luz sombria e parda da madrugada, atravessado pelas suaves linhas sinuosas de um ribeiro.

Cenário pouco adequado a uma batalha, pensou Geraldo, amargamente.

O imperador Luís tinha morrido havia menos de um ano, mas o fogo da rivalidade entre os três filhos já tinha ateado uma guerra civil.

O mais velho, Lothar, tinha herdado o título de Imperador, mas as terras do Império foram divididas entre ele e os seus dois irmãos mais novos, Carlos e Luís — combinação insensata e perigosa que deixou todos os três filhos descontentes. Mesmo assim, a guerra poderia ter sido evitada se Lothar fosse mais habilidoso na diplomacia. Peremptório e despótico por natureza, Lothar tratava os seus irmãos mais novos com uma arrogância que os levou a unirem-se em rebelião aberta contra ele. Assim, os três herdeiros ao trono acabaram por vir aqui a Fontenoy, determinados em resolver os seus diferendos através do derramamento de sangue.

Depois de uma longa hesitação, Geraldo acabou por tomar o partido por Lothar. Ele conhecia bem os defeitos de Lothar, mas, enquanto Imperador sagrado, ele era a única esperança para um reino franco unido. As divisões que tinham assolado o país ao longo do ano anterior tinham custado um preço terrível: os normandos, aproveitando-se do caos resultante da desordem política, tinham intensificado os seus ataques à costa franca, provocando grande destruição. Se Lothar obtivesse uma vitória decisiva aqui, os seus irmãos não teriam outra opção senão apoiá-lo. Um país governado por um tirano era, melhor do que não haver, sequer, país.

Começou o bater das tábuas para reunir os homens. Lothar tinha decidido que haveria uma missa de manhã cedo para encorajar tropas, antes da batalha.

Geraldo deixou as suas meditações solitárias e regressou ao acampamento.

Vestido com uma casula dourada, o bispo de Auxerre estava em cima de um carro de mantimentos para que todos pudessem vê-lo.

— Libera me, Domine, de morte a eterna — cantava ele numa voz de barítono, enquanto dezenas de acólitos passavam entre os homens, distribuindo a hóstia consagrada.

Muitos dos soldados eram coloni e camponeses sem qualquer experiência no exército, homens que, normalmente, estariam isentos do bannum imperial requerido para o serviço militar.

Mas, estes dias não eram normais. Muitos tinham sido arrancados ao lar, tendo-lhes sido dada pouco mais de uma hora para tratar dos seus negócios ou para se despedirem dos seus entes queridos. Estes recebiam a hóstia distraidamente, não estando preparados para a morte. Os seus

pensamentos estavam ainda agarrados às coisas deste mundo das quais tinham sido separados de uma forma tão abrupta: os seus campos, os seus haveres, as suas dívidas, as suas esposas e as crianças que tinham deixado. Fora de si e assustados, ainda não se tinham apercebido da situação tremendamente perigosa em que se encontravam, não podiam acreditar que os esperava a luta e a morte em terra desconhecida, em nome de um imperador cujo nome, alguns dias atrás, não passava de um eco distante nas suas vidas. Quantos destes inocentes sobreviverão para ver o Sol a pôr-se hoje?, pensou Geraldo.

— Ó Senhor dos Exércitos — rezava o bispo, ao concluir a missa — Campeão contra o inimigo, Granjeador de vitórias, concedei-nos a protecção da Vossa ajuda e a espada da Vossa glória para a destruição dos nossos inimigos. Ámen.

— Ámen.

O ar reverberou com o som de milhares de vozes. Pouco depois, os primeiros raios de sol assomaram no horizonte, espalhando a sua luz pelo campo, fazendo brilhar as pontas das suas espadas e flechas como pedras preciosas. Os homens deram um grito de alegria.

O bispo retirou o pallium e deu-o a um acólito que esperava.

Ao tirar a sua casula, deixou-a cair ao chão e, por baixo dela, apareceu a cota de um soldado: a brunia, o grosso casaco em cabedal mergulhado em cera quente e cerzido com placas de aço, e a bauga, as chuteiras em metal.

Então, ele tenciona combater, pensou Geraldo.

A rigor, o ministério sagrado do bispo proibia que ele derramasse sangue de outro homem, mas, na prática, este ideal piedoso era muitas vezes esquecido, os bispos e os sacerdotes lutavam ao lado dos seus reis como qualquer outro vassalo real.

Um dos acólitos estendeu ao bispo uma espada com o sinal da cruz gravado. O bispo levantou a espada e a cruz em ouro reluziu ao sol.

— Louvado seja Jesus Cristo! — gritou ele. — Ao ataque, bons cristãos!

Geraldo comandava o flanco esquerdo, colocado no cimo de uma colina que bordejava o extremo sul do campo. Na colina oposta, o sobrinho de Lothar, Pepino, comandava o flanco direito, um contingente enorme e

bem armado de aquitanos. A vanguarda, comandada pelo próprio Lothar, encontrava-se por trás da orla de árvores que marcava o extremo oriental da pradaria, de frente para o inimigo.

O garanhão baio de Geraldo baixou a cabeça, assoprando impacientemente. Inclinando-se, Geraldo passou a mão pelo seu pescoço russo, acalmando-o. Era melhor reservar aquela energia fogosa para o ataque, quando ele viesse.

— Já vai, — murmurou ele firmemente — já vai.

Olhou para o céu. Eram seis horas, a primeira hora da manhã.

O Sol, ainda baixo no horizonte, batia directamente nos olhos do inimigo. Ainda bem, pensou Geraldo. É uma vantagem que podemos utilizar. Olhou para Lothar, à espera do sinal para avançar. Passou um quarto de hora e não vinha nenhum sinal. Os exércitos inimigos estavam alinhados frente a frente, fitando-se através da grande extensão de verde. Passou outro quarto de hora. Depois, outro. E mais outro.

Geraldo rompeu as fileiras e cavalgou colina abaixo, em direcção à linha da frente, onde Lothar estava montado sob uma floresta de estandartes.

— Majestade, porque esperamos? Os homens estão impacientes para avançar.

Lothar olhou do alto do seu nariz empinado, irritado:

— Eu sou o Imperador, não é adequado que seja eu a ir ao encontro dos inimigos.

Ele não gostava de Geraldo, que era demasiado independente para o seu gosto, resultado, sem dúvida, dos anos que tinha passado entre pagãos e bárbaros no Norte do Império.

— Mas, Senhor, olhai para o Sol! Agora, somos nós que estamos em vantagem, mas, dentro de uma hora, ela terá desaparecido!

— Confiai em Deus, conde Geraldo — ripostou Lothar altivamente. — Eu sou o rei consagrado pelos Céus, Ele não deixará de nos conceder a vitória.

Pelo tom decidido de Lothar, Geraldo compreendeu que não valia a pena continuar a insistir. Curvou-se com rigidez, virou o cavalo e regressou à sua posição.

Talvez Lothar tivesse razão e Deus lhes concedesse a vitória. Mas, será que Ele não estaria à espera de uma ajudinha dos homens?

Eram quase dez horas, o Sol estava a aproximar-se do zénite.

Maldição, praguejou Geraldo entredentes. O que raio está Lothar a pensar? Há quase quatro horas que estavam à espera. O sol batia nas suas cotas em aço, aquecendo-as de tal forma que os homens se torciam, desconfortáveis. Aqueles que tinham de fazer as suas necessidades, eram obrigados a fazê-las onde estavam porque não podiam quebrar a forma, o cheiro desagradável começava a fazer-se sentir no ar quente.

Nestas circunstâncias difíceis, Geraldo ficou contente ao ver que se aproximava um pequeno grupo de servos, trazendo barris de vinho. Os homens tinham calor e tinham sede, um bom copo de vinho era justamente aquilo que precisavam para animar os seus espíritos abatidos. Ouviu-se um suspiro de satisfação, à medida que os homens começaram a circular, distribuindo copos cheios de vinho tinto dos Francos. Geraldo serviu-se e sentiu-se muito melhor. Mas, não se permitiu nem permitiu aos seus homens que bebessem mais do que um copo. Enquanto um pouco de vinho podia aumentar a coragem de um homem, muito vinho podia fazer dele um tolo, tornando-o um perigo para si próprio e para os seus companheiros.

Lothar não manifestava essa preocupação. Generoso, encorajou os seus a continuarem a beber. Gritando e tagarelando, vangloriando-se da sua habilidade com as armas, os homens da sua vanguarda disputavam uma posição, atropelavam-se uns aos outros para ganharem a honra de ficarem na fila da frente, empurrando-se e dando encontrões uns aos outros como crianças desobedientes — que eram, de facto, tirando um punhado de veteranos experientes, a maior parte não tinha mais de dezoito anos.

— Eles vêm aí! Eles vêm aí!

O grito ecoou pelas filas de soldados. O exército inimigo avançava, devagar, de forma a que os peões e archeiros apeados pudessem acompanhar a cavalaria, que avançava à sua frente. O efeito era solene, majestoso, parecendo mais uma procissão religiosa do que o cenário de uma batalha. Na vanguarda de Lothar, havia uma desordem enorme, enquanto os homens procuravam recuperar os elmos, lanças e escudos espalhados.

Tinham acabado de conseguir montar quando a cavalaria inimiga que se pôs a galope, abatendo-se sobre eles com uma velocidade terrível,

fazendo com que a terra vibrasse com um ribombar ensurdecedor, como se se tratasse de milhares de trovões.

Os estandartes da vanguarda imperial caíram e voltaram a levantar-se, assinalando a carga de resposta. A cavalaria avançou, com os cascos dos cavalos pisando a turfa verde à medida que avançavam com os pescoços esticados.

O baio de Geraldo saltou em resposta, Geraldo puxou-lhe as rédeas.

— Ainda não.

Geraldo e os seus homens tinham de esperar, o flanco esquerdo seria o último a entrar em campo, depois de Lothar e Pepino.

Como duas grandes ondas, os exércitos inimigos avançaram um para o outro. Quarenta mil nobres, o orgulho da nobreza franca cavalgando em filas cerradas com meia milha de comprimento e de fundura.

Com um grito selvagem, um grupo da vanguarda imperial saiu da forma, esporeando os cavalos numa corrida desordenada, fazendo corridas uns com os outros para disputarem a glória de serem os primeiros a enfrentar o inimigo diante do imperador.

Geraldo olhava, desgostoso. Se continuassem assim, chegariam ao regato demasiado cedo e seriam apanhados dentro de água, enquanto o inimigo os combateria a partir da margem.

Ébrios de vinho e de juventude, os cavaleiros de Lothar avançaram direitos ao rio e colidiram com o inimigo, provocando um estrondo tão ensurdecedor como o de dois ossos gigantescos a partirem. Lutaram corajosamente, em grande desvantagem porque tinham de atacar a partir de uma posição inferior, enquanto o inimigo se encontrava na margem, falhando o alvo quando os cavalos tropeçavam, para se conseguirem equilibrar nas pedras escorregadias. Os que eram atingidos, caíam na água onde atolados em lama e lutando para se levantar contra o peso das suas cotas, eram pisados pelos seus próprios cavalos, em pânico.

Os homens das fileiras anteriores viram o que se passava à frente, mas aproximavam-se a uma velocidade tal que não podiam parar sem serem atropelados violentamente pelos que vinham atrás deles. Também eles eram forçados a entrar nas águas barrentas, que corriam, agora, umas vezes

brancas, outras, vermelhas de sangue, levando involuntariamente os sobreviventes da primeira carga ao encontro das espadas do inimigo.

A cavalaria, que incluía Lothar, conseguiu-se aperceber a tempo, rodaram os seus cavalos e recuaram, cavalgando pelo campo, de uma forma desordenada, que fez com que chocassem de frente com as filas de homens apeados que seguiam atrás deles.

Estes entraram numa confusão frenética, tentando libertar-se das suas armas e escapar pelos lados, para evitar a investida precipitada.

Era uma confusão. A única esperança estava nos flancos, comandados por Pepino e por Geraldo. Na posição em que se encontravam, podiam irromper pelo campo por trás do ribeiro e atacar directamente o rei Luís, no centro. Olhando para a encosta em frente, Geraldo viu que Pepino e os seus aquitanos se tinham virado, lutando de costas para o campo. O rei Carlos devia ter dado a volta, atacando-os pelas costas.

Não havia nada a fazer.

Geraldo voltou a olhar para o campo de batalha. A maior parte dos homens de Luís tinham atravessado o ribeiro, perseguindo Lothar, em retirada, enfraquecendo involuntariamente as suas fileiras e deixando, assim, o rei momentaneamente indefeso. Era uma hipótese em mil, mas uma hipótese desesperada era melhor do que nenhuma hipótese.

Geraldo pôs-se de pé nos seus estribos, erguendo a sua lança.

— Avançar! — gritou ele — Em nome do Imperador!

— Em nome do Imperador!

O grito ergueu-se como o ladrar de uma matilha de cães e ficou a ecoar atrás deles, enquanto eles desciam a colina, como se fossem uma grande cunha em voo, dirigida para o local onde o estandarte escarlate e azul de Luís adejava à luz do sol de Verão.

O pequeno bando de homens que tinham ficado com o rei lutava para cerrar fileiras diante dele. Geraldo e os seus homens desceram ao seu encontro, abrindo caminho pelo meio das fileiras.

Geraldo atingiu o primeiro homem com uma lança, que lhe trespassou o peito e se partiu com o impacto do golpe. O homem saltou da sela, levando a lança espetada consigo. Armado apenas com a sua espada, Geraldo avançou com uma determinação selvagem, desferindo golpes à esquerda e à direita para abrir caminho, persistentemente, através da turba,

na direcção do estandarte flutuante. Os seus homens entraram pelos lados e por trás, alargando o caminho que ele tinha aberto.

Jarda a jarda, palmo a palmo, a guarda de Luís cedia à investida. Então, de repente, o caminho ficou livre. Mesmo à frente de Geraldo, ergueu-se o estandarte real, um grifo vermelho sobre um fundo azul. Diante dele, montado num cavalo branco, estava o próprio rei Luís.

— Rendei-vos — gritou Geraldo a plenos pulmões para se fazer ouvir no meio do barulho. — Rendei-vos e sereis poupado!

Em resposta, Luís desfechou um golpe de espada sobre Geraldo, partindo-lhe a espada. Lutaram corpo a corpo num combate igual em força e habilidade, até que um cavalo que se encontrava perto desfechou um coice, ao ser atingido por uma seta, fazendo com que a montada de Geraldo se empinasse e caísse violentamente. Luís aproveitou-se da situação de vantagem em que tinha ficado momentaneamente, desferindo um golpe oportuno no pescoço de Geraldo. Geraldo desviou-se e descaiu para o lado de dentro, por baixo do braço com o qual o rei empunhava a espada, espetando a sua própria lâmina entre as costelas do rei.

Luís tossiu e veio-lhe à boca uma golfada de sangue; o seu corpo torceu-se lentamente e escorregou da sela, batendo no chão pisado.

— O rei morreu! — gritaram os homens de Geraldo, exultantes.

— Luís foi derrotado!

O grito fez-se ouvir, ecoando no meio das hostes.

O corpo de Luís estava pendurado na sela, com um pé preso nos arreios. O seu cavalo empinou-se, dando patadas no ar e arrastando o corpo do rei pela terra revolvida. O elmo cónico com a placa protectora do nariz soltou-se e caiu, mostrando um rosto morto, com um nariz largo, completamente desconhecido.

Geraldo praguejou. Era um truque de um cobarde, indigno de um rei. Aquele não era Luís, mas sim um sósia, vestido como o rei para os enganar.

Não havia tempo para lamentos porque foram imediatamente rodeados pelas tropas de Luís. Guardando os flancos uns dos outros, Geraldo e os seus homens procuravam escapar da cilada do inimigo, lutando com determinação para saírem do perímetro do círculo.

Geraldo viu subitamente um pedaço de verde e respirou uma lufada de ar fresco e perfumado. Mais alguns metros e estariam livres, com campo aberto e espaço de manobra para retirarem.

Um homem atravessou-se no caminho de Geraldo, plantando-se como uma árvore. Geraldo tomou nota, rapidamente, da sua altura — era um homem alto, corpulento, com uma grande barriga, braços possantes, brandindo uma maça, uma arma de força, não habilidade. Geraldo desfechou a sua espada à esquerda; quando o homem se voltou para lhe responder, Geraldo recuou rapidamente, desferindo um golpe penetrante no outro braço. O homem praguejou e passou a maça rapidamente para a mão esquerda.

Por trás dele, fez-se ouvir um som sussurrante, como o do bater de asas de pássaros.

Geraldo sentiu uma dor súbita e atordoante nas costas no momento em que uma seta lhe trespassou o braço direito.

Indefeso, viu a sua própria espada escorregar-lhe dos seus dedos subitamente dormentes.

O homenzarrão levantou a sua pesada maça e rodopiou. Geraldo moveu-se para lhe tentar fugir, sabendo que era tarde de mais.

Pareceu-lhe que algo tinha explodido dentro da sua cabeça quando o golpe o atingiu, mergulhando-o numa escuridão total.

As estrelas brilhavam com uma beleza imperturbável sobre o campo, mergulhado na escuridão e pejado de corpos daqueles que tinham caído na batalha. Vinte mil homens tinham acordado naquela manhã e jaziam, agora, mortos ou moribundos na noite escura — nobres, vassalos, camponeses, mercadores, pais, filhos, irmãos — a grandeza passada de um império e a esperança esfumada do seu futuro.

Geraldo mexeu-se e abriu os olhos. Ficou acordado por alguns momentos, olhando para as estrelas, incapaz de se recordar de onde estava e do que tinha acontecido. Chegou-lhe às narinas um cheiro forte, desagradável e enjoativamente conhecido.

Sangue.

Geraldo sentou-se. O movimento brusco provocou-lhe uma explosão de dor dentro da cabeça e a dor fez com que ele recuperasse a

memória. Tocou no seu ombro direito; a seta que o tinha atingido ainda se encontrava alojada no ombro, trespassando a carne de um lado ao outro, mesmo por cima do seu braço. Tinha de sair, senão a ferida infectava. Apertando o braço contra o corpo, puxou a ponta em aço, depois puxou a mão esquerda e, de um só golpe, puxou a ponta da seta.

Gritou e praguejou por causa da dor aguda, lutando para permanecer consciente. Depois, a dor começou a abrandar e ele tomou consciência do que se passava à sua volta. O chão estava cheio de espadas abandonadas, de escudos partidos, membros decepados, estandartes esfarrapados, cadáveres rígidos — os despojos sinistros de uma batalha.

Da colina onde Carlos e Luís estavam acampados, subiam sons da celebração da vitória, gracejos bíbulos e risos roucos, que ecoavam no silêncio profundo do vale. A luz das tochas dos vitoriosos luzia, tremelicante, iluminando o campo com uma luz sombria. Do acampamento do imperador, na colina oposta, não vinha qualquer som, nem havia nenhuma fogueira; a colina estava silenciosa, escura e calma.

Lothar tinha sido derrotado. As suas tropas, ou o que restava delas, tinha-se refugiado na floresta da cercania, procurando esconder-se como podiam do inimigo.

Geraldo levantou-se, lutando contra as náuseas. Alguns passos mais adiante, encontrou o seu garanhão baio, horrivelmente ferido, agitando no ar as patas da frente. Tinha sido atingido por trás; as suas entranhas saíam-lhe pela ferida que tinha no ventre. Quando Geraldo se aproximou dele, uma forma pequena e furtiva mexeu-se, alerta: era um cão magro e esfomeado, que vinha para o festim do banquete nocturno.

Geraldo esbracejou ameaçadoramente e o cão fugiu, de lado, ressentido. Geraldo ajoelhou-se junto ao seu cavalo, afagando-lhe o pescoço, falando-lhe baixinho; em resposta ao toque familiar, as convulsões angustiantes abrandaram, mas os olhos estavam abertos na agonia da dor. Geraldo tirou a sua faca do cinto. Premindo-a com força, para ter a certeza de que atingia a veia, passou o fio pelo pescoço do cavalo. Depois, segurou-o, falando-lhe mansamente ao ouvido, até que as grandes pernas deixaram de tremer e o flanco musculoso relaxou mansamente entre as suas mãos.

De repente, ouviu-se um murmúrio de vozes por trás de Geraldo:

— Olha! Aqui está um elmo que vale pelo menos um soldo!

— Deixa-o — disse outra voz, mais grave e autoritária. — Não vale a pena, está rasgado na parte detrás, não vês? Aqui, rapazes, aqui há coisas melhores para levar!

Larápios. O rescaldo da guerra atraía este tipo de foras-da-lei, afastando-os das estradas e caminhos, onde assaltavam habitualmente, porque os mortos eram presa mais fácil do que os vivos. Moviam-se furtivamente no escuro, despojando as suas vítimas de roupas, armas, armaduras e anéis — tudo o que valesse alguma coisa.

Soou uma voz perto:

— Este está vivo!

Ouviu-se o som de uma pancada e um grito que cessou bruscamente.

— Se houver outros — disse outra voz — trata-os da mesma maneira. Não queremos testemunhas para que ainda nos ponham uma corda ao pescoço.

Dali a pouco, estariam junto dele. Geraldo levantou-se, cambaleando. Depois, mantendo-se na sombra, esgueirou-se na escuridão dos bosques por trás.

Capítulo 18

A irmandade de Fulda não foi muito afectada pela contenda entre os irmãos da realeza franca. Tal como uma pedra lançada a um charco, a Batalha de Fontenoy criou grandes ondas nos centros de poder, mas, aqui, na parte oriental do Império, não passou de uma pequena ondulação. É verdade que alguns dos maiores senhores feudais da região tinham ido servir no exército de Luís; de acordo com a lei, qualquer homem livre que possuísse mais de quatro quintas tinha de responder à chamada para o serviço militar. Mas, a vitória rápida e decisiva de Luís implicou o regresso a salvo de todos os homens da região, à excepção de dois.

Os dias corriam como antes, urdidos de forma indistinta na trama imutável da vida monástica. A colheita bem sucedida tinha resultado num tempo de abundância sem precedentes. Os celeiros da abadia estavam a abarrotar; até os porcos austrasianos, magros e secos, tinham engordado graças à boa alimentação que recebiam.

Então, de repente, aconteceu um desastre. Semanas de chuva ininterrupta arruinaram a cultura da Primavera. A terra estava demasiado húmida para aceitar os pequenos regos necessários para plantar e as sementes apodreceram à superfície. O pior de tudo foi a humidade que penetrou nos celeiros, apodrecendo os cereais armazenados.

A fome do Inverno seguinte foi a pior de que havia memória.

Para horror da Igreja, alguns chegaram a praticar canibalismo.

As estradas tornaram-se mais perigosas porque os viajantes eram assassinados não só por causa dos bens que traziam, mas também por causa do sustento que os seus cadáveres forneciam.

Depois de um enforcamento público em Lorsch, a multidão esfomeada assaltou a plataforma e arrancou a forca, lutando pela carne

ainda quente.

Enfraquecido pela fome, o povo era presa fácil de doenças.

Milhares morreram de peste. Os sintomas eram sempre os mesmos: dores de cabeça, arrepios e confusão, seguidos de febre alta e de uma tosse violenta. Havia pouco a fazer, para além de despir os doentes, embrulhando-os em panos frescos, para que a temperatura descesse. Se sobrevivessem à febre, tinham alguma possibilidade de recuperar. Mas, eram muito poucos os que sobreviviam à febre.

A santidade das paredes do mosteiro também não oferecia qualquer protecção contra a peste. O primeiro a cair doente foi o irmão Samuel, o hospitaleiro, cuja posição o levava a ter contactos frequentes com o mundo exterior. Morreu em dois dias. O abade Rábano atribuiu esta desgraça ao carácter mundano de Samuel e à sua afeição intemperada pelos gracejos; afirmou que as aflições da carne não passavam de manifestações exteriores da decadência moral e espiritual. Depois, o irmão Aldoardo, reconhecido por todos como um modelo de piedade e virtude monástica, também foi atingido, seguido de muito perto pelo irmão Hildwin, o sacristão, e muitos outros.

Para surpresa da irmandade, o abade Rábano anunciou que ia fazer uma peregrinação ao santuário de São Martinho para rezar pela intervenção do santo mártir contra a peste.

— O prior José substituir-me-á em tudo enquanto eu estiver ausente — disse Rábano. — Obedecei-lhe porque a sua palavra é exactamente como se fosse a minha.

A forma abrupta como Rábano deu a notícia, assim como a precipitação da sua partida deu muito que falar. Alguns dos irmãos louvavam o abade por causa de ele ir empreender uma viagem tão difícil para bem de todos. Outros murmuravam que o abade se tinha ausentado para escapar ao perigo.

Joana não tinha tempo para debater esses assuntos. Estava ocupada de manhã à noite a dizer a missa, a ouvir confissões e a administrar os rituais da unctio extrema, cada vez com maior frequência.

Uma manhã, deu pela ausência do irmão Benjamim durante a vigília. Alma devota como ele era, nunca falhava aos ofícios diários.

Quando terminou a cerimónia, Joana apressou-se a ir à enfermaria. Ao entrar na sala comprida e rectangular, veio-lhe ao nariz o cheiro penetrante de gordura de ganso e de mostarda, conhecidas como remédio para doenças de pulmões. A sala estava a abarrotar, camas e enxergas estavam colocadas lado a lado e estavam todas ocupadas. Entre as camas, os irmãos cuja opus mannum era na enfermaria circulavam, ajeitando cobertores, oferecendo água, rezando em silêncio junto àqueles que já estavam suficientemente longe para não necessitarem de qualquer outro conforto.

O irmão Benjamim estava sentado numa cama, explicando ao irmão Deodato, um dos irmãos mais novos, a melhor forma de aplicar o emplastro de mostarda. Ao ouvi-lo, Joana lembrou-se da primeira vez em que ele lhe tinha ensinado esse mesmo tratamento, havia muito tempo.

Sorriu enternecida, ao recordá-lo. Certamente que se Benjamim ainda era capaz de dirigir as coisas na enfermaria, era porque não estava muito doente, pensou ela.

Um súbito ataque de tosse interrompeu a rapidez com que as palavras do irmão Benjamim fluíam. Joana dirigiu-se rapidamente para a sua cama. Mergulhando um pano na malga com água de rosas que se encontrava junto à cama, colocou-a suavemente sobre a fronte de Benjamim. A sua pele estava incrivelmente quente. Benedicite! Como era possível que ele estivesse lúcido com uma febre tão alta?

Por fim, a tosse parou e ele ficou deitado de olhos fechados, respirando com dificuldade. O seu cabelo grisalho circundava a sua cabeça como uma áurea fraca. As suas mãos, mãos grossas e grandes de lavrador, que possuíam uma gentileza e habilidade inesperadas, jaziam sobre a coberta, abertas e indefesas como as mãos de um bebé. O coração de Joana apertou-se.

O irmão Benjamim abriu os olhos, viu Joana e sorriu.

— Vieste — disse ele, fraco. — Ainda bem. Como vês, estou a precisar dos teus serviços.

— Um pouco de milefólio e de pó de salgueiro põem-vos bom num instante — disse Joana num tom mais animado do que ela se sentia.

Benjamim abanou a cabeça.

— É como padre e não como médico que eu preciso de ti agora. Tens de me ajudar a passar para o outro mundo, irmãozinho, porque eu

estou a partir deste.

Joana pegou-lhe na mão:

— Não vos entregarei sem lutar.

— Aprendeste tudo quanto te ensinei. Agora, tens de aprender a resignar-te.

— Não aceitarei perder-vos — respondeu ela firmemente.

Nos dois dias que se seguiram, Joana lutou determinadamente pela vida de Benjamim. Utilizou todas as técnicas que ele lhe tinha ensinado, tentou todos os remédios de que se lembrou.

A febre continuava a subir. O corpo largo e bem guarnecido de Benjamim mirrava como a película vazia de um casulo depois de o enxame ter partido. Sob a irrupção da febre, começou a aparecer uma lividez horrível.

— Confessa-me. Quero estar plenamente consciente quando receber o Sacramento.

Ela não podia negar-lho mais tempo.

— Quid me advocasti? — começou ela, segundo as cadências cerimoniais da liturgia. — O que pretendeis de mim?

— Ut mihi unctionem trados — respondeu ele. — Dá-me a unção.

Mergulhando o dedo numa mistura de cinzas e água, Joana fez o sinal da cruz sobre o peito do irmão Benjamim, depois colocou um pedaço de serapilheira, símbolo da penitência, sobre o desenho que tinha feito.

Benjamim voltou a ser agitado por um forte ataque de tosse.

Quando este terminou, Joana reparou que ele tinha cuspido sangue. Subitamente assustada, apressou-se a recitar os sete salmos penitenciais e a unção ritual dos olhos, ouvidos, nariz, boca, mãos e pés. Parecia que tinha passado muito tempo. Quando terminou, Benjamim jazia com os olhos fechados, completamente imóvel. Joana não sabia se ele ainda estava consciente.

Finalmente, chegou o momento de administrar o viático. Joana ostentou a Hóstia Sagrada, mas Benjamim não respondeu. É tarde de mais, pensou a Joana. Não lhe fiz o que ele queria.

Chegou a hóstia aos lábios de Benjamim; ele abriu os olhos e engoliu-a. Joana abençoou-o. A sua voz tremia quando começou a oração sacramental:

— Corpus et Sanguis Domini nostri Jesu Christi in vitam aeternam te perducat...

Ele morreu de madrugada, quando os suaves cânticos dos Laudes perpassavam o ar da manhã. Joana mergulhou num profundo desgosto. Desde o momento em que, doze anos antes, Benjamim a tinha apadrinhado, tinha sido sempre um amigo e um mentor.

Mesmo quando as suas obrigações como sacerdote a tinham afastado da enfermaria, ele tinha continuado a ajudá-la, a encorajá-la, a apoiá-la. Tinha sido um verdadeiro pai para ela.

Incapaz de encontrar consolo na oração, Joana entregou-se ao trabalho. A missa diária estava ainda mais cheia do que o costume, desde que o espectro da morte tinha trazido o rebanho de fiéis à igreja num número sem precedentes.

Um dia, enquanto Joana oferecia o cálice comum a um dos comungantes, um homem idoso, olhou para os seus olhos lacrimosos e para o tom sombrio e febril das suas faces.

Passou ao seguinte, uma jovem mãe com uma criancinha com um rostinho doce nos braços. A mulher estendeu a criança para que ela recebesse o Sacramento; os pequeninos lábios rosados abriram-se para beber do mesmo sítio onde tinha poisado a boca do velho.

Joana afastou o cálice. Pegando num pedaço de pão, molhou-o no vinho e deu-o à criança. Surpreendida, a menina olhou para a mãe, que acenou encorajadoramente; era um desvio à norma, mas o padre da abadia sabia certamente o que estava a fazer.

Joana prosseguiu pela fila, molhando o pão no vinho, até todos os comungantes terem recebido o Sacramento.

Imediatamente a seguir à missa, o prior José apareceu. Joana estava satisfeita de ser a José e não a Rábano que tinha de responder. José não era homem para se agarrar à tradição sem apelo nem agravo, se existisse um argumento suficientemente bom para a mudança.

— Fizeste uma alteração na missa, hoje — disse José.

— Sim, Padre.

— Porquê?

A pergunta não era um desafio, apenas fruto da curiosidade.

Joana explicou-lhe.

— O velho doente e a criança saudável — repetiu José, pensativamente. — Uma incongruência repelente, concordo.

— Mais do que uma incongruência — respondeu Joana — penso que pode ser uma forma de transmissão da doença.

José ficou confundido.

— Como pode ser? É certo que os espíritos malignos podem estar em toda a parte.

— Talvez não sejam espíritos malignos que provocam a doença — pelo menos, não são só os espíritos malignos. Pode ser que ela se transmita por contacto físico com as suas vítimas, ou com um objecto em que elas tenham tocado.

Era uma ideia nova, mas não radicalmente. Era sabido que algumas doenças eram contagiosas; afinal, era por causa disso que os leprosos eram estritamente segregados da sociedade.

Também era indiscutível que a doença atingia famílias inteiras, ceifando as vidas em poucos dias, senão mesmo, em algumas horas. Mas, não se sabia ao certo qual era a sua causa.

— Transmitida através de contacto físico? Como?

— Não sei — admitiu Joana. — Mas, hoje, quando vi o homem doente e as úlceras abertas na sua boca, senti... — calou-se, frustrada. — Não sei explicar, Padre, pelo menos, ainda não. Mas, enquanto não souber mais qualquer coisa, gostaria de deixar de passar o cálice comunitário e de, em vez disso, molhar o pão no vinho.

— Baseias esta mudança numa simples... intuição? — perguntou José.

— Se estiver enganado, não resultará nenhum dano do meu erro porque os fiéis continuarão a comungar tanto o Corpo como o Sangue — argumentou Joana. — Mas, se a minha... intuição estiver certa, então teremos salvo vidas.

José pensou por alguns momentos. Uma alteração na missa não era algo para tomar de ânimo leve. Por outro lado, João Anglicus era um irmão instruído, conhecido pelos seus talentos como médico. José não se tinha esquecido de que ele tinha curado a mulher leprosa. Então, como agora, não havia muito maior fundamento do que a intuição de João

Anglicus. Estas intuições não deviam ser desprezadas porque eram um dom de Deus, pensou José.

— Podes agir assim, por agora — disse ele. — Quando o abade Rábano voltar, ele dará a sua opinião sobre a questão.

— Obrigado, Padre.

Joana fez uma vénia e saiu rapidamente, antes que o prior José mudasse de ideias.

Intinctio, era como chamavam à imersão da hóstia no vinho e, para além de alguns irmãos mais idosos, renitentes nos seus hábitos, a prática recebeu grande apoio por parte da irmandade porque satisfazia tanto a estética da missa como os requisitos de limpeza e higiene. Um monge de Corbie, que passou pelo mosteiro a caminho de casa, ficou tão impressionado que levou a ideia para a sua própria abadia, que também a adoptou.

Entre os fiéis, a frequência das novas ocorrências de peste abrandou consideravelmente, apesar de não ter cessado. Joana começou a registar cuidadosamente os novos casos de doença, estudando-os para detectar a origem da infecção.

Os seus esforços foram suprimidos pelo regresso do abade Rábano. Pouco depois da sua chegada, ele chamou Joana aos seus aposentos e confrontou-a com um nítido tom de reprovação.

— O Cânone da Missa é sagrado. Como ousaste alterá-lo?

— Padre Abade, a mudança é apenas na forma, não na substância. E eu acredito que está a poupar vidas.

Joana começou a explicar o que tinha observado, mas Rábano interrompeu-a.

— Essas observações são inúteis porque não provêm da fé, mas dos sentidos físicos, nos quais não se pode confiar. São instrumentos do Diabo, com os quais ele afasta os homens de Deus e os aproxima das conjecturas intelectuais.

— Se Deus não desejasse que nós observássemos o mundo material — ripostou Joana — então porque nos teria dado olhos para ver, ouvidos para ouvir e um nariz para cheirar? Certamente não é pecado usar os dons que Ele Próprio nos deu.

— Lembra-te das palavras de Santo Agostinho: A fé serve para acreditarmos naquilo que não vemos.

Joana respondeu-lhe à letra:

— Agostinho também diz que nós não poderíamos acreditar se não tivéssemos mentes racionais. Ele não nos mandaria desprezar o que os sentidos e a razão nos dizem.

Rábano franziu o sobrolho. A sua mente era de um tipo rigidamente convencional e sem qualquer imaginação, pelo que não gostava de trocas de argumentos racionais, preferindo o chão mais seguro da autoridade.

— Recebe o conselho do teu pai e obedece-lhe — disse ele, citando a regra sentenciosamente. — Regressa a Deus pelo caminho difícil da obediência, porque te afastaste dEle seguindo a tua própria vontade.

— Mas, Padre...

— Basta, já disse! — Rábano explodiu em ira. O seu rosto estava lívido. — João Anglicus, a partir deste momento estás dispensado dos teus deveres como padre. Aprenderás a humildade regressando à enfermaria, onde assistirás o irmão Odilo, servindo-o com devoção e obediência.

Joana ia protestar, mas, depois, pensou melhor. Rábano tinha sido provocado até ao limite; se continuasse a discutir, podia ser muito prejudicada.

Esforçou-se por dobrar a cabeça.

— Como mandais, Padre Abade.

Mais tarde, reflectindo no que tinha acontecido, Joana compreendeu que Rábano tinha razão; ela tinha sido orgulhosa e desobediente. Mas, para que servia a obediência, se os outros tinham de sofrer por causa dela? A Intinctio significava salvar vidas; ela tinha a certeza. Mas, como poderia convencer o abade? Ele não toleraria qualquer outro argumento vindo dela. Mas, talvez se se deixasse persuadir pelo peso da autoridade estabelecida.

Portanto, agora, para além da Opus Dei e dos seus deveres na enfermaria, a Joana passava longas horas a estudar na biblioteca, investigando os textos de Hipócrates, Oribasius e Alexandre de Tralles, à procura de qualquer coisa que pudesse apoiar a sua teoria. Trabalhava

permanentemente, dormindo apenas duas ou três horas por noite. Até que chegou a um ponto de exaustão.

Um dia, ao debruçar-se sobre um capítulo de Oribasius, encontrou aquilo que procurava. Estava a copiar a parte mais importante, traduzindo-a, quando começou a sentir dificuldade em escrever; doía-lhe a cabeça e não era capaz de pegar na pena como devia ser. Pensou que era a consequência natural de pouco sono e continuou a trabalhar. De repente, a pena escorregou-lhe da mão, inexplicavelmente, e rolou sobre a página, manchando o vellum limpo com borrões de tinta, que taparam várias palavras. Sorte maldita, pensou ela. Tenho de limpar isto e recomeçar. Tentou pegar na pena, mas os seus dedos tremiam tanto que ela não era capaz de os controlar.

Levantou-se, apoiada à secretária, sentindo-se tonta.

Cambaleando em direcção à porta, conseguiu sair precisamente no momento em que lhe subiu um vómito à boca, fazendo com que ela se dobrasse e ficasse de gatas, vomitando tudo quanto tinha no estômago.

Sem saber como, conseguiu arrastar-se até à enfermaria. O irmão Odilo deitou-a numa cama vazia e pôs-lhe a mão na testa.

A ela, pareceu-lhe que a sua mão estava gelada.

Joana pestanejou, surpreendida:

— Acabaste de lavar as mãos?

O irmão Odilo abanou a cabeça:

— As minhas mãos não estão frias, irmão João. Tu é que estás a arder de febre. Temo que tenhas sido atingido pela peste.

A peste! Joana estava estonteada. Não, não pode ser. Estou cansada, nada mais. Se ficar a descansar um pouco...

O irmão Odilo colocou-lhe na fronte uma compressa de linho embebida em água de rosas.

— Fica deitado quieto, enquanto eu vou buscar um pouco de linho fresco. Não demoro nada.

A sua voz parecia vir de muito longe. Joana fechou os olhos.

Sentia o tecido fresco sobre a pele. Era bom estar deitada, envolvida num aroma agradável, mergulhando docemente numa escuridão bem-vinda.

De repente, abriu muito os olhos. Iam cobri-la com um pano de linho molhado para fazerem descer a febre. Para o fazerem, tinham de a despir completamente.

Ela tinha de o impedir. Então, apercebeu-se de que, por muito que resistisse — e, nas condições em que se encontrava, não seria capaz de resistir muito — os seus protestos seriam tomados como delírios febris.

Sentou-se e pôs os pés no chão. A dor de cabeça regressou imediatamente, latejante e insistente. Começou a dirigir-se para a porta. A sala rodopiava, mas ela forçou-se a si própria a continuar a andar e a sair. Depois, avançou rapidamente em direcção ao portão. Quando estava próxima, respirou fundo, obrigando-se a endireitar-se à medida que se aproximava de Hatto, o porteiro. Ele olhou para ela com curiosidade, mas não fez nada para a impedir. Uma vez no exterior dirigiu-se para o rio.

Benedicite. O barquinho da abadia encontrava-se ali, atado com uma simples corda a um ramo de uma árvore. Ela desatou a corda e subiu para o barco, inclinando-se para a margem verdejante para o puxar. Quando o barco se afastou da margem, ela desmaiou.

O barco ficou muito tempo imóvel dentro de água. Depois, a corrente levou-o, fazendo-o rodar, antes de o impelir para a veloz torrente.

O céu movia-se lentamente, transformando as nuvens altas e brancas em desenhos exóticos. Um Sol vermelho-escuro tocava o horizonte com os seus raios mais quentes do que o fogo, batendo no rosto de Joana, cegando-a. Ela ficou a olhar, fascinada, enquanto o seu rebordo desaparecia e se dissolvia, formando uma figura humana.

O rosto do seu pai pairava à sua frente, uma cabeça de morto horrenda e retorcida, sem carne entre as linhas escuras das sobranceLhas. A boca sem lábios abriu-se. Mulier — gritava ela, mas, não era a voz do pai, era a da sua mãe. A boca abriu-se mais e Joana viu que não era uma boca, mas sim um portão escancarado para uma caverna escura. Ao fundo, havia um fogo a arder, lançando grandes labaredas vermelhas-azuladas.

Havia pessoas dentro das chamas e os seus corpos retorciam-se em pantomimas grotescas de dor. Um deles olhou para a Joana.

Aterrada, ela reconheceu os olhos azuis e o cabelo saxónio alourado da sua mãe. Ela chamava pela Joana, estendendo-lhe os braços.

Joana dirigiu-se para ela; de repente, o chão por baixo dos seus pés desapareceu e ela caiu em direcção ao portão com forma de garganta.

— Mamãããããã! — gritou ela, quando caiu nas chamas...

Estava num campo coberto de neve. Villaris brilhava à distância, o sol a derreter a neve no seu telhado, fazendo com que as gotas de água a cair brilhassem como milhares de pequenas pedras preciosas.

Ela ouviu o rufar de cascos e virou-se para ver Geraldo aproximar-se dela, montado na Pistis. Ela correu para ele através do campo; ele aproximou-se dela, debruçou-se e pegou-lhe, colocando-a à sua frente sobre a montada. Ela inclinou-se para trás, aconchegando-se nos seus braços que a apertavam com uma força terna. Estava a salvo. Não lhe aconteceria nada porque o Geraldo não permitiria. Cavalgaram juntos em direcção às torres reluzentes de Villaris, com o trote do cavalo a embalá-los suavemente, a embalá-los, a embalá-los...

A visão tinha terminado. Joana abriu os olhos. Por cima da borda do barco, as copas das árvores eram silhuetas negras e imóveis contra o céu estrelado. O barco tinha encalhado.

Ouviu um murmúrio de vozes vindas de algum lado, mas Joana não era capaz de compreender o que diziam. Umas mãos pegaram-lhe e tiraram-na do barco. Lembrou-se vagamente de que não podia deixar que a levassem para Fulda, pelo menos, enquanto estivesse doente. Lutou furiosamente, agitando os braços e as pernas, dando pontapés. Ouviu praguejar ao longe.

Sentiu uma dor curta e aguda no queixo e, depois, não sentiu mais nada.

Joana emergiu lentamente de um poço de escuridão. A cabeça latejava-lhe e a garganta estava tão seca como se estivesse em carne viva. Passou a língua seca pelos lábios crestados, aspirando gotinhas de sangue da pele rebentada. Doía-lhe o maxilar. Estremeceu quando os seus dedos exploraram um inchaço visível no seu queixo. Onde arranjei isto?, pensou ela.

Depois, uma pergunta mais urgente: onde estou?

Estava deitada num colchão de penas num quarto que não conhecia. A avaliar pela quantidade e qualidade da mobília, o proprietário era próspero: para além da cama enorme na qual ela estava deitada, havia

bancos estofados com um tecido macio, uma cadeira de espaldar coberta com almofadas, uma mesa com um tabuleiro comprido, uma escrivaninha e vários baús e malas, muito bem gravadas. Perto dela, ardia uma lareira e, havia pouco, tinham sido colocados sobre as brasas um par de pães frescos, cujo aroma tinha começado a fazer-se sentir.

A alguns passos de distância, encontrava-se uma jovem roliça, de costas para Joana, amassando massa de farinha.

Quando terminou, sacudiu a farinha da túnica e os seus olhos poisaram em Joana. Dirigiu-se apressadamente para a porta e chamou alto:

— Marido! Vinde depressa. A nossa visita acordou!

Apareceu imediatamente um jovem de rosto largo, grande e desengonçado.

— Como está ela? — perguntou ele.

Ela? pensou Joana ao ouvir a palavra. Olhou para baixo e viu que o seu hábito de monge tinha desaparecido; no seu lugar, tinham-na vestido com uma túnica de mulher em linho azul e macio.

Eles sabem.

Esforçou-se para se levantar da cama, mas os seus membros estavam tão pesados e fracos como água.

— Não deveis fazer esforços.

O jovem tocou-lhe no ombro carinhosamente, metendo-a novamente na cama. Tinha um ar agradável e honesto, com os olhos redondos e azuis como centáureas.

Quem é ele?, pensou Joana. Será que ele vai contar ao abade Rábano e aos outros acerca de mim... ou será que já o fez?

Serei realmente sua convidada, ou serei uma prisioneira?

— Se... sede — titubeou ela.

O jovem mergulhou uma taça num balde em madeira que se encontrava junto à cama e encheu-a até cima com água.

Encostou-a aos lábios da Joana e inclinou-a cuidadosamente, deixando cair uma corrente de pequenas gotas na sua boca.

Joana agarrou a taça, inclinando-a para que a água escorresse mais depressa. O líquido fresco era a coisa mais doce que ela alguma vez já tinha provado. O jovem acautelou-a:

— É melhor não beber de mais. Há mais de uma semana que não tem bebido senão umas colheres.

Há mais de uma semana! Estava ali havia tanto tempo?

Não se lembrava de nada, depois de ter entrado no pequeno barco de pesca.

— On... onde estou? — murmurou ela a custo.

— Estais na propriedade do senhor Riculf, cinquenta milhas a sul de Fulda. Encontrámos o vosso barco encalhado nos ramos das árvores junto à margem do rio. Estáveis a delirar de febre. Mas, doente como estáveis, ainda haveis tentado impedir-nos de vos trazermos.

Joana tocou no inchaço que tinha no maxilar. O jovem sorriu.

— Perdão. Não era possível chamar-vos à razão no estado em que estáveis quando vos encontrámos. Mas, não vos preocupeis, pois destes quase tanto quanto haveis recebido.

Ele levantou a manga, mostrando uma nódoa negra, enorme e com mau aspecto, no seu ombro direito.

— Haveis-me salvado a vida — disse Joana. — Obrigado.

— De nada, Não fiz mais do que retribuir o que haveis feito por mim e pelos meus.

— Eu... conheço-vos? — perguntou ela, surpreendida.

O jovem sorriu.

— Imagino que mudei bastante desde a última vez que nos vimos. Nessa altura, eu tinha apenas doze anos, quase treze, Vejamos... — Começou a contar pelos dedos, utilizando o método de contagem beda, — Foi há seis anos. Seis vezes trezentos e sessenta e cinco dias, bem, são... dois mil cento e noventa dias!

Os olhos de Joana abriram-se, ao reconhecê-lo.

— Arn! — gritou ela, e ele abraçou-a, imediatamente, entusiasmado.

Não falaram mais um com o outro nesse dia porque Joana ainda estava muito fraca e Arn não queria que ela se esforçasse.

Depois de ter comido algumas colheres de caldo, adormeceu imediatamente. Acordou no dia seguinte, sentindo-se mais forte e, mais encorajador ainda, esfomeada. Tomando o pequeno-almoço com Arn, no que comeu uma fatia de pão e um pedaço de queijo, ouviu atentamente

enquanto ele lhe contava tudo quanto tinha acontecido desde a última vez que se tinham encontrado.

— Tal como haveis previsto, o padre abade ficou tão satisfeito com o nosso queijo que nos aceitou como prebendarii, prometendo-nos uma vida desafogada em troca de cem libras de queijo por ano, mas isso já vós sabeis.

Joana abanou a cabeça afirmativamente. O extraordinário queijo miado de azul, de aspecto repelente e sabor requintado tinha-se tornado o alimento principal à mesa do refeitório. Os hóspedes da abadia, tanto leigos como monges, ficavam tão encantados com a sua qualidade, que a procura aumentou em toda a região.

— Como está a vossa mãe? — perguntou a Joana.

— Muito bem. Voltou a casar com um homem bom, um criador de gado. O leite dos seus animais permitiu-nos fazer ainda mais queijo, O negócio aumenta de dia para dia e eles são felizes e prósperos.

— Não menos do que tu. — Com um gesto, Joana apontou para a casa grande e bem cuidada.

— Devo-vos a minha boa sorte — disse Arn. — Na escola abadia aprendi a ler e a trabalhar com números — capacidades que me deram muito jeito à medida que o negócio crescia e se tornou necessário fazer contas exactas.

Ao saber o que eu sabia fazer, o senhor Riculf tomou-me para seu intendente. Administro a sua propriedade aqui e guardo-a de caçadores e pescadores furtivos. Foi assim que eu encontrei o vosso barco.

Joana abanou a cabeça, pensativa, recordando-se de Arn e da sua mãe, havia seis anos, vivendo na sua cabana exígua como criados e coloni — condenados, segundo parecia, a uma vida de pobreza e fome. E agora, Madalgis tinha voltado a casar, era uma negociante próspera e o seu filho um intendente de um senhor poderoso! Vitaem regit fortuna, pensou Joana. Na verdade, é a sorte, que governa a vida humana — a minha e a de todos os outros.

— Esta é a minha mulher, Bona, e a nossa filhinha, Arnalda — disse Arn, orgulhoso. Bona era uma jovem bonita com os olhos sorridentes

e de sorriso pronto, mais nova do que o seu marido — tinha dezassete invernos, no máximo, já era mãe e o seu ventre inchado revelava que estava outra vez grávida. Arnalda parecia um anjinho, de olhos azuis muito redondos e cabelo louro aos caracóis. Tinha as faces rosadas e era adorável.

Sorriu para Joana, mostrando uma fila de dentes de leite.

— Uma bela família — disse Joana. Arn sorriu e virou-se para a mulher e a filha:

— Venham falar... — hesitou, — Como vos hei-de chamar? «Irmão João» é estranho, sabendo nós... o que sabemos.

— Joana — a palavra era simultaneamente estranha e familiar para os ouvidos dela. — Chamai-me Joana porque é esse o meu verdadeiro nome.

— Joana — repetiu Arn, satisfeito por lhe ter sido confiado esse segredo, — Contai-nos, então, se quiserdes, como viestes viver para os Beneditinos de Fulda, porque isso é uma coisa que parece quase impossível. Como haveis conseguido? O que vos levou a fazê-lo? Alguém sabia o vosso segredo? Ninguém desconfiava?

Joana riu-se.

— Vejo que o tempo não abrandou a tua curiosidade.

Não valia a pena decepcioná-lo. Joana contou tudo a Arn, desde a sua educação pouco ortodoxa na escola de Dorstadt, até aos anos que passou em Fulda e ao seu acesso no presbiterado.

— Então, os irmãos ainda não sabem nada de vós — disse Arn, pensativo, quando ela terminou.

— Pensámos que talvez tivésseis sido descoberta e que tivesse sido por isso que havíeis sido forçada a fugir... Então, podeis regressar! Podeis fazê-lo, se quiserdes. Mais depressa morreria na forca do que alguém me conseguiria arrancar o vosso segredo!

Joana sorriu. Apesar de parecer um homem, Arn continuava a ser o rapazinho que ela tinha conhecido.

Ela disse:

— Felizmente, não é necessário tal sacrifício. Fugi a tempo; a irmandade não tem motivo para desconfiar de mim. Mas... não estou certa de que voltarei.

— Então, o que ireis fazer?

— Boa pergunta — disse Joana. — Uma pergunta mesmo muito boa. Por agora, ainda não sei a resposta.

Arn e Bona tratavam dela como um par de mães-galinha ansiosas, recusando-se a deixá-la levantar-se da cama durante mais uns dias.

— Ainda não estais suficientemente forte — insistiam eles.

Joana não tinha grande alternativa senão resignar-se à solicitude deles. Passava o tempo a ensinar as letras e os números à pequena Arnalda. Apesar de ainda ser muito novinha, já manifestava as aptidões do pai para aprender e respondia depressa, encantada com a atenção de uma companhia tão divertida.

Quando, ao fim do dia, Arnalda ia dormir, Joana ficava acordada a pensar no seu futuro. Deveria regressar a Fulda?

Tinha passado quase doze anos na abadia, tinha crescido dentro dos seus muros; era difícil imaginar-se em qualquer outro lugar. Mas, tinha de enfrentar os factos: tinha vinte e sete anos, já não era jovem. Os irmãos de Fulda, gastos pelo clima rigoroso, a dieta espartana e os quartos frios, raramente viviam para além dos quarenta anos; o irmão Deodato, o mais velho da comunidade, tinha cinquenta e quatro anos. Quanto tempo poderia ela resistir ao envelhecimento — antes de voltar a ser atingida pela doença e de ser forçada a voltar a fugir ao risco de ser descoberta e morta?

Além disso, havia que considerar o abade Rábano. Ele estava decidido a hostilizá-la e não era homem para mudar de atitude.

Se ela regressasse, que rigores e castigos teria ainda que enfrentar?

O seu espírito exigia mudança. Não havia livro na biblioteca de Fulda que ela não tivesse lido, não havia racha no tecto do dormitório que ela não conhecesse de cor. Há anos que ela tinha deixado da acordar de manhã na alegre expectativa de acontecer algo novo e interessante. Desejava explorar um mundo maior.

Para onde poderia ir? Regressar a Ingelheim? Agora, que a mamã tinha morrido, não havia lá nada que lhe interessasse.

Dorstadt? O que poderia encontrar lá — Geraldo, ainda à espera, acalentando o seu amor por ela, depois de tantos anos?

Que tolice. Era quase certo que ele tinha voltado a casar e não ficaria contente com o reaparecimento súbito de Joana.

Além disso, havia muito que ela tinha escolhido uma vida diferente — uma vida em que o amor por um homem não desempenhava qualquer papel.

Não, tanto Geraldo quanto Fulda pertenciam ao passado. Ela tinha de olhar determinadamente para o futuro — qualquer que ele fosse.

— Bona e eu decidimos — disse Arn. — Tendes de ficar connosco. Seria bom ter outra mulher em casa para fazer companhia à Bona e a ajudar a cozinhar e a fiar — especialmente agora, com a vinda do bebé.

A sua condescendência era irritante, mas a oferta tinha boa intenção, pelo que Joana respondeu com delicadeza:

— Temo que esse negócio não seja bom. Eu sempre fui uma fraca costureira, sem jeito para fiar e sem qualquer préstimo na cozinha.

— Bona teria todo o prazer em ensinar-v...

— A verdade é que eu vivi demasiado tempo como um homem para voltar a ser uma mulher como deve ser, se é que alguma vez o fui! — interrompeu Joana. — Não, Arn — ela deu largas ao seu protesto — a vida de um homem serve-me. Gosto demasiado dos seus benefícios para prescindir deles de bom grado.

Arn pensou durante algum tempo e disse:

— Então, mantende o vosso disfarce. Não importa. Podeis ajudar no jardim... ou ensinar a Arnaldinha! Já a haveis cativado com as vossas lições e jogos, como haveis feito comigo.

Era uma oferta generosa. Ela não podia pedir maiores facilidades ou segurança do que aquela que encontraria no seio desta família feliz e próspera. Mas, o mundo deles, estreito e protegido, era demasiado pequeno para conter o espírito de aventura que ela tinha redescoberto. Não trocaria quatro paredes por outras quatro.

— Bendito sejais, Arn, pelo vosso coração bondoso. Mas, tenho outros planos.

— Quais?

— Vou tomar o caminho dos peregrinos.

— Para Tours e o túmulo de São Martinho?

— Não — disse Joana — para Roma.

— Roma! — Arn estava espantado. — Estais louca?

— A guerra já terminou, haverá outros a fazerem a mesma peregrinação.

Arn abanou a cabeça.

— O meu senhor Riculf disse-me que Lothar não resignou, apesar da sua derrota em Fontenoy. Retirou-se para o palácio imperial em Aachen e anda à procura de homens para preencherem os lugares vazios nas suas hostes, O meu senhor diz que ele até se manifestou aberto aos Saxónios, oferecendo-lhes a possibilidade de voltarem a adorar os seus deuses pagãos se estiverem dispostos a lutar por ele!

Como a mãe se teria rido, pensou Joana, com esta mudança inesperada no rumo dos acontecimentos: um rei cristão a oferecer-se para restabelecer o culto dos antigos deuses. Ela imaginava o que a mãe teria dito: o gentil deus-mártir dos cristãos pode servir para coisas comuns, mas, para ganhar batalhas, é preciso invocar Thor e Odin e os outros destemidos deuses-guerreiros do seu povo.

— Não podeis ir com as coisas por resolver como estão — disse Arn. — É demasiado perigoso.

Ele tinha razão. O conflito entre os irmãos reais tinha resultado num colapso completo da ordem civil. As estradas sem guarda tinham-se tornado alvos fáceis para bandos de malfeitores assassinos e fora-da-lei.

— Eu saberei proteger-me — disse Joana. — Quem quererá alguma coisa de um padre peregrino, sem nada de valor, a não ser a roupa que traz no corpo?

— Alguns desses demónios matar-vos-iam pela roupa, quanto mais pelos paramentos! Proibo-vos de irdes sozinha! — Ele falou com uma autoridade que nunca teria assumido se ainda pensasse que ela era um homem.

Ela disse num tom seco:

— Eu sou dona de mim mesmo, Arn. Vou onde quero.

Reconhecendo o seu erro, Arn arrependeu-se imediatamente.

— Pelo menos, esperai três meses — sugeriu ele. — Os mercadores de especiarias aparecem nessa altura para trocarem as suas mercadorias. Viajam bem escoltados porque não querem correr riscos com a sua mercadoria preciosa. podem dar-vos protecção até Langres.

— Langres! Essa não é a estrada mais directa, pois não?

— Não — concordou Arn. — Mas, é a mais segura. Em Langres há uma hospedarie para peregrinos que se dirigem para sul; não haverá dificuldade em encontrar um grupo de viajantes que sejam companhia segura.

Joana pensou.

— Talvez tenhais razão.

— O meu senhor Riculf fez a mesma peregrinação há alguns anos. Tem um mapa do caminho que seguiu; tenho-o aqui.

Abriu uma arca, pegou num pedaço de pergaminho e desenrolou-o com cuidado. Estava enegrecido e gasto pelos anos, mas a tinta não tinha desaparecido, as linhas percebiam-se nitidamente, assinalando o caminho para Roma.

— Farei como sugeres, Arn — disse Joana. — Três meses de atraso não é muito. Dá-me mais tempo para estar com a Arnalda. Ela é muito esperta e vai muito bem nas lições!

Arn começou a enrolar o pergaminho.

— Gostaria de ter mais tempo para estudar o mapa, se for possível.

— Gastai o tempo que quiserdes, Vou aos estábulos ver como está a tosquia.

Arn saiu a sorrir, contente por ter sido capaz de a convencer. Joana respirou fundo, enchendo os pulmões com os aromas doces do início da Primavera. O seu espírito elevou-se como um falcão liberto das suas grilhetas, subitamente entregue à liberdade miraculosa do vento e do céu. Àquela hora, os irmãos de Fulda estavam reunidos dentro da sala escura do capítulo, apinhados nos bancos em pedra, ouvindo o irmão Ecónomo a prestar as contas da abadia, Mas, ela estava ali, livre e sem impedimentos, com a aventura da sue vida diante dos olhos.

Joana estudou o mapa, sentindo uma onda de excitação. Havia uma estrada boa e larga dali até Langres. Em Langres, a estrada rumava para sul, passando por Besançon e Orbe, descendo ao longo do lago de São Maurice e entrando em Le Valais. No sopé dos Alpes, havia uma hospedaria monástica onde os peregrinos podiam descansar e abastecer-se para o árduo caminho pelas montanhas, através de São Bernardo — a passagem dos Alpes melhor e mais frequentada. Uma vez passados os Alpes, a longa Via

Francigena passava directamente por Aosta, Pavia e Bologna, na Toscânia, e chegava a Roma. Roma.

Os maiores pensadores do mundo reuniam-se naquela cidade; as suas igrejas albergavam tesouros incontáveis, as suas bibliotecas acumulavam uma sabedoria centenária. Certamente que, ali, junto dos túmulos sagrados dos apóstolos, Joana haveria de descobrir o que procurava. Em Roma, descobriria o seu destino.

Estava a carregar a sua mula — Arn tinha insistido que ela a levasse para a viagem — quando a pequena Arnalda saiu de casa a correr, com o seu cabelo louro ainda desalinhado de ter estado a dormir.

— Onde vais? — perguntou o rostinho angelical, ansiosamente.

Joana ajoelhou-se de forma a que o seu rosto ficasse ao nível do da criança.

— Vou para Roma — respondeu ela — a Cidade das Maravilhas, onde vive o Papa.

— Gostas mais do Papa do que de mim?

Joana riu-se.

— Nunca o vi. E não há ninguém de quem eu goste tanto como gosto de ti, pardalinho.

Afagou o cabelo macio da criança.

— Então, não vás — Arnalda pôs os braços em torno do pescoço de Joana. — Eu não quero que tu vás.

Joana abraçou-a. O corpinho da criança encostou-se ao seu, enchendo os seus braços e o seu coração. Eu podia ter tido uma menina assim, se tivesse escolhido outro caminho. Uma menina em quem pegar e a quem mimar — e ensinar. Recordou-se do desgosto que tinha sentido quando Asclépios tinha partido.

Tinha-lhe deixado um livro para ela poder continuar a estudar.

Mas, ela, que tinha fugido do mosteiro apenas com a roupa que tinha no corpo, não tinha nada para dar à criança.

Excepto...

Joana meteu a mão na túnica e puxou o medalhão que tinha usado desde o dia em que Mateus lho tinha posto ao pescoço:

— Esta é a Santa Catarina. Ela era muito inteligente e muito corajosa, como tu.

Contou-lhe a história de Santa Catarina.

Os olhos de Arnalda ficaram ainda mais redondos de espanto.

— Ela era uma rapariga e fez isso?

— Sim. E tu também podes fazer, se continuares a estudar.

Joana tirou o medalhão do pescoço e pô-lo ao pescoço de Arnalda.

— Agora, é teu. Toma conta dele.

Arnalda agarrou no medalhão, com o rostinho contorcido, num esforço para não chorar.

Joana despediu-se de Arn e de Bona, que tinha saído para se despedir dela. Bona deu-lhe um farnel e um odre em pele cheio de cerveja.

— Tendes aí pão e queijo e um pouco de carne seca — o suficiente para um dia, até chegardes à hospedaria.

— Obrigado — disse Joana. — Nunca esquecerei a vossa generosidade.

Arn disse:

— Lembrai-vos, Joana. Sois sempre bem-vinda. Esta casa é vossa.

Joana abraçou-os.

— Ensina a menina — disse ela. — Ela é inteligente e tão desejosa de aprender como tu eras.

Montou na mula. A pequena família rodeou-a, com um ar triste. Parecia ser seu destino deixar sempre para trás aqueles que amava. Era o preço a pagar pela vida estranha que tinha escolhido, mas ela sabia o que fazia, pelo que não valia a pena lamentar-se.

Joana pôs a mula a trote. Com um último aceno por cima do ombro, virou-se para a estrada do sul — e para Roma.

Capítulo 19

Roma, 844

Anastácio poisou a sua pena, esticando os dedos para se libertar de uma cãibra. Observou com orgulho a página que tinha acabado de escrever — a última entrada na sua obra-prima, o Liber pontificalis, ou Livro dos Papas, um registo pormenorizado dos papados do seu tempo.

Anastácio passou a mão, carinhosamente, pelo velum imaculado que estava diante de si. Naquelas páginas em branco seriam um dia registados os feitos, os triunfos, a glória do seu papado.

Como o seu pai, Arsénio, ficaria orgulhoso! Apesar de a família de Anastácio ter acumulado muitos títulos e honrarias ao longo dos anos, tinha-lhes escapado a honra máxima do trono papal. Uma vez, tinha parecido a Arsénio que a ia alcançar, mas, o tempo e as circunstâncias tinham conspirado contra ele e a oportunidade tinha passado.

Agora, era a vez de Anastácio. Ele tinha de fazer, ele ia fazer jus à fé que o seu pai depositava nele, tornando-se Senhor Papa e Bispo de Roma.

Não imediatamente, é claro. A ambição desmedida de Anastácio não o impedia de ver que o seu tempo ainda não tinha chegado.

Ele só tinha trinta e três anos e a sua posição como primicerius, apesar de ser de um grande poder, era um cargo demasiado secular para poder ascender a partir dele à catedral Sagrada de São Pedro.

Mas, a sua situação em breve iria mudar. O papa Gregório jazia no seu leito de morte. Uma vez passado o tempo formal de luto, haveria eleições para o novo Papa — uma eleição cujos resultados Arsénio tinha influenciado de forma determinante através de uma mistura habilidosa de diplomacia, suborno e ameaça. O Papa seguinte seria Sérgio, cardeal da Igreja de São Martinho, fraco e descendente corruptível de uma família romana nobre.

Ao contrário de Gregório, Sérgio era um homem que sabia muito bem como era o mundo; saberia como exprimir a sua gratidão àqueles que o tinham ajudado a chegar ao seu lugar. Pouco depois da eleição de Sérgio, Anastácio seria nomeado bispo de Castellum, posição perfeita a partir da qual ascenderia ao trono papal, depois de chegar a vez de Sérgio partir.

Era um quadro perfeito, excepto num pormenor — Gregório ainda vivia. Como uma vinha envelhecida, cujas raízes se tinham aprofundado para sugar alimento do solo árido, o velho homem estava teimosamente agarrado à vida. Prudente e contemplativo na sua vida pessoal, tal como no seu papado, Gregório agia com uma lentidão desesperante, até na sua morte.

Tinha reinado durante dezassete anos, mais tempo do que qualquer outro papa desde Leão III, de boa memória. Um homem bom, modesto,

bem intencionado, piedoso, Gregório era muito amado pelo povo romano. Tinha sido patrono solícito da população da cidade, constituída por peregrinos miseráveis, dando-lhes abrigo e arranjando-lhes casas de refúgio, providenciando para que fossem distribuídas esmolas generosas em todos os dias de festa e nas procissões.

Anastácio sentia uma mistura complexa de emoções em relação a Gregório, da qual fazia parte uma quantidade igual de admiração e de desprezo: admiração pela sinceridade da piedade e da fé do homem, mas desprezo pela sua simplicidade e lentidão de raciocínio, que o expunha constantemente ao engano e à manipulação. O próprio Anastácio tinha-se aproveitado frequentemente da ingenuidade do Papa, sobretudo no Campo das Mentiras, quando tinha combinado a traição das negociações de paz de Gregório com o Imperador Franco Luís, mesmo à sua frente. O seu estratagemazinho tinha sido pago de forma generosa; o beneficiado, Lothar, filho de Luís, tinha sabido exprimir a sua gratidão e, agora Anastácio era um homem rico.

Mais importante ainda: Anastácio tinha conseguido ganhar a confiança e o apoio de Lothar. É certo que, durante um tempo, Anastácio tinha temido que a sua aliança com o herdeiro franco — cultivada de forma tão cuidadosa — tivesse caído por terra.

De facto, a derrota de Lothar em Fontenoy tinha sido um desastre, era preciso admiti-lo. Mas, Lothar tinha conseguido chegar a um acordo com seus irmãos rebeldes, no Tratado de Verdun, uma peça notável de malabarismo político que lhe tinha permitido manter tanto a coroa como os seus territórios.

Lothar tinha voltado a ser o imperador incontestado — facto que viria a revelar-se de muita importância para o futuro de Anastácio.

O som dos sinos despertou Anastácio dos seus devaneios. Os sinos tocaram uma, duas, três vezes. Anastácio bateu nas ancas, rejubilante. Finalmente!

Já tinha vestido o fato de luto quando lhe bateram à porta, como ele esperava. O notário do Papa entrou silenciosamente.

— O Apostólico juntou-se a Deus — anunciou ele, compungido. — A Vossa presença, primicerius, é requisitada na câmara papal.

Lado a lado, em silêncio, percorreram o seu caminho através dos corredores em labirinto do Palácio de Latrão, até aos aposentos papais.

— Era um homem de Deus — disse o notário, quebrando o silêncio. — Um pacificador, um santo.

— Era, de facto, um santo — respondeu Anastácio e pensou para si próprio: sendo assim, em que lugar melhor poderia ele estar senão no Céu?

— Quem poderá substituí-lo? — perguntou o notário, com voz trémula.

Anastácio reparou que o homem estava a chorar. Ficou impressionado com a manifestação de emoção autêntica. Ele, por seu lado, era demasiado artificial, estava demasiado consciente do efeito que tudo quanto ele fazia e dizia tinha sobre os outros para se comprometer em lacrimae rerum. Mesmo assim, a emoção do notário lembrou-o de que devia preparar a sua própria manifestação de desgosto. À medida que se aproximavam da câmara papal ele susteve a respiração, contraindo o rosto, até os olhos lhe começarem a arder. Era um truque que ele utilizava para fazer com que lhe brotassem lágrimas quando ele queria; utilizava-o raramente, mas sempre com bons resultados.

A câmara estava aberta para que nela se reunisse a multidão de enlutados. Gregório estava deitado numa grande cama de penas, com os olhos fechados e os braços cruzados de forma ritual sobre uma cruz em ouro. Os outros optimates, funcionários principais da corte papal, ladeavam o leito de morte: Anastácio viu Arighis, o vice-dominus; Compulus, o nomenclator; e Estêvão, o vestiarus.

— Anastácio, o primicerius — anunciou o secretário, quando Anastácio entrou. Os outros levantaram os olhos para o verem mergulhado na dor, com o rosto desfigurado e as faces banhadas em lágrimas.

Joana levantou a cabeça e ofereceu o rosto às carícias do sol romano. Ainda não se tinha acostumado àquele tempo agradável, temperado, em Wintarmanoth — ou Janeiro, como lhe chamavam no Sul do Império, onde reinavam costumes romanos, não francos.

Roma não era o que ela imaginava. Ela tinha imaginado uma cidade esplendorosa, pavimentada a ouro e mármore, com centenas de

basílicas erguendo-se para o Céu num testemunho glorioso da existência de uma verdadeira Civitas Dei, uma Cidade de Deus na terra.

A realidade revelou-se muito diferente. Caóticas, sujas, apinhadas de gente, as ruas estreitas e tortas de Roma pareciam ter sido engendradas no Inferno, não no Céu. Os seus velhos monumentos — aqueles que não tinham sido convertidos em igrejas cristãs — estavam em ruínas. Os templos, anfiteatros, palácios e termas tinham sido despojados do seu ouro e prata e deixados a céu aberto. As trepadeiras enrolavam-se em torno das suas colunas caídas; os jasmins e as ervas cresciam nos buracos das suas paredes; porcos e cabras e bois de grandes cornos vagueavam pelos seus pórticos destruídos. As estátuas dos imperadores estavam espalhadas pelo chão; os sarcófagos dos heróis, vazios, eram utilizados agora como lavadouros, cisternas e manjedouras para os animais.

Era uma cidade de contradições antigas e aparentemente irreconciliáveis: a maravilha do mundo e um turbilhão sujo e decadente; um lugar de peregrinação dos cristãos, cuja arte grandiosa celebrava deuses pagãos; um centro de livros e de ensino, cujo povo chafurdava na ignorância e na superstição.

Apesar destas contradições, talvez por causa delas, Joana adorava Roma. O tumulto esfervilhante das suas ruas estimulava-a.

Nestes corredores apinhados de gente convergiam os cantos mais afastados do mundo: romanos, lombardos, germânicos, bizantinos e muçulmanos acotovelavam-se uns aos outros, numa mistura excitante de costumes e línguas. Passado e presente, pagão e cristão estavam intertecidos numa tapeçaria rica e colorida. O melhor e o pior do mundo inteiro encontrava-se dentro destes velhos muros. Em Roma, Joana encontrou o mundo de oportunidades e de aventura que tinha procurado ao longo de toda a sua vida.

Passava a maior parte do tempo no Borgo, onde as várias scholae ou sociedades de estrangeiros estavam situadas.

Chegada perto de um ano antes, tinha-se dirigido primeiro à Schola Francorum, naturalmente, mas não conseguiu entrar porque o local estava a abarrotar com peregrinos e emigrantes francos. Por isso, tinha ido para a Schola Anglorum, onde a sua ascendência inglesa, por parte do pai,

assim como o seu apelido, Anglicus, lhe tinham proporcionado uma recepção calorosa.

A profundidade e vastidão da sua educação depressa lhe angariaram reputação de grande intelectual. Vinham teólogos de todas as partes de Roma para debaterem com ela; e partiam abismados com a vastidão dos seus conhecimentos e a sua habilidade de argumentação nas disputes. Como teriam ficado consternados se soubessem que tinham sido superados por uma mulher, pensava Joana, sorrindo intimamente.

Os seus deveres regulares incluiam celebrar missa diariamente numa pequena igreja mesmo ao pé da schola. Depois da refeição do meio-dia e de uma pequena sesta (porque era costume no Sul dormir durante as horas mais abrasadoras da tarde), ela dirigia-se à enfermaria, onde passava o resto do dia a tratar dos doentes. A sua ciência era-lhe útil porque a prática da medicina aqui não era de maneira nenhuma tão avançada como na terra dos francos. Os romanos conheciam mal as propriedades terapêuticas das ervas e das plantas e não sabiam nada acerca do exame da urina para diagnosticar e tratar doenças.

Os sucessos da Joana como médica tornaram os seus serviços muito requisitados. Levava uma vida activa e ocupada, como gostava, oferecia-lhe todas as oportunidades da vida monástica e nenhuma das suas desvantagens, podia exercer completamente toda a sue inteligência, sem controlo ou censura. Tinha acesso à biblioteca da schola, uma colecção pequena, mas requintada de mais de cinquenta volumes e ninguém a vigiava para lhe perguntar se tinha escolhido ler Cícero ou Suetónio, em vez de Agostinho.

Era livre de sair e entrar quando quisesse, de pensar como gostava, de exprimir os seus pensamentos sem ter medo de ser flagelada ou denunciada.

O tempo passava depressa, escoando-se no cumprimento do trabalho quotidiano. Assim poderiam ter prosseguido as coisas indefinidamente, se o papa Sérgio, recém-eleito, não tivesse adoecido. Desde o Domingo da Septuagésima que o papa tinha sido acometido de um conjunto de sintomas vagos, mas preocupantes: como má digestão, insónia, torpor e inchaço dos membros; pouco antes da páscoa, foi atacado por uma

dor tão intensa que quase se tornou insuportável, todo o palácio acordava noite após noite com os seus gritos.

A sociedade de medicina mandou uma dúzia dos seus melhores homens para tratarem do papa achacado, experimentaram uma quantidade de procedimentos para obterem uma cura: trouxeram um fragmento do crânio de São Policarpo para Sérgio lhe tocar; massajaram os seus membros doridos com óleo retirado da lâmpada que tinha ardido toda a noite no túmulo de São Pedro, medida que se sabia curar mesmo as aflições mais desesperadas; sangraram-no repetidas vezes e purgaram-no com eméticos tão fortes que todo o seu corpo foi sacudido por violentos espasmos. Quando até mesmo estes curativos tão poderosos falharam, eles tentaram dissipar a dor através de uma contra-irritação, colocando tiras de cera a ferver sobre as veias das pernas.

Nada resultava. Quando o estado do Papa se agravou, a população de Roma começou a alarmar-se: se Sérgio morresse tão pouco tempo depois do seu predecessor, deixando o Trono de S. Pedro novamente vacante, o imperador franco, Lothar, talvez tentasse descer à cidade para impor sobre eles a sua autoridade imperial.

O irmão de Sérgio, Bento também estava preocupado — não devido a qualquer sentimento fraternal, mas porque a doença do seu irmão representava uma ameaça para os seus próprios interesses. Tendo persuadido Sérgio a nomea-lo para seu missus papal, Bento tinha utilizado habilmente a sua posição para concentrar a autoridade dos funcionários papais em si próprio. Em resultado disso, cinco meses depois de ter iniciado o seu papado, já Sérgio só governava de nome; o poder efectivo em Roma estava nas mãos de Bento — para considerável aumento da sua fortuna pessoal.

Bento teria preferido ter também o título e a honra do cargo papal, mas sabia muito bem que isso estava fora do seu alcance. Não tinha nem educação nem polimento para um cargo tão elevado. Era o segundo filho e em Roma não era costume dividir a propriedade e os títulos entre os herdeiros, como na terra dos francos. Como primogénito, Sérgio tinha sido cumulado de todos os privilégios familiares possíveis — roupa cara, tutores privados. Era terrivelmente injusto, mas não havia nada a fazer e, ao fim de pouco tempo, Bento tinha abandonado a atitude amuada e tinha procurado

prazeres mais mundanos, os quais, como ele veio a descobrir rapidamente, não faltavam em Roma. A sua mãe tinha resmungado com os seus hábitos dissolutos, mas não tinha feito nenhuma tentativa efectiva para os impedir; o seu interesse e a sua esperança tinham estado sempre concentradas em Sérgio.

Agora, finalmente, os longos anos de esquecimento da sua pessoa tinham chegado ao fim. Não tinha sido difícil conseguir que Sérgio o nomeasse missus papal; Sérgio sempre se tinha sentido culpado da preferência que lhe tinha sido dada, em detrimento do seu irmão mais novo. Bento sabia que o seu irmão era fraco, mas ainda tinha sido mais fácil corrompê-lo do que ele estava à espera. Depois de tantos anos de estudo incessantes e privações monásticas, Sérgio estava mais do que pronto para gozar a vida. Bento não procurou tentar o seu irmão com mulheres porque Sérgio estava firmemente agarrado ao voto de castidade sacerdotal.

De facto, os seus sentimentos neste ponto aproximavam-se da obsessão, a tal ponto que Bento teve de se esforçar por manter em segredo as suas próprias aventuras sexuais.

Mas, Sérgio tinha outra fraqueza — um apetite insaciável pelos prazeres da mesa. Enquanto consolidava o seu próprio poder, Bento tratava de manter o seu irmão distraído com um desfile interminável de prazeres gastronómicos. A capacidade de Sérgio para comer e beber era prodigiosa. Sabia-se que era capaz de comer cinco trutas, duas galinhas assadas, uma dúzia de empadões de carne e uma perna de veado numa só refeição.

Uma vez, depois de uma orgia assim, tinha aparecido na missa matinal tão empanturrado e inchado, que vomitou por cima da Hóstia Sagrada sobre o altar para horror da comunidade reunida.

A seguir a este episódio vergonhoso, Sérgio resolveu regenerar-se, regressando à dieta simples, constituída por pão e verduras, na qual tinha sido criado. Este regime espartano restabeleceu-o; começou a interessar-se novamente pelos assuntos de Estado. Isto tinha interferido nos planos de Bento. Mas, Bento esperou pela sua hora. Quando achou que Sérgio já tinha feito experiência suficiente de uma mortificação piedosa, começou a tentá-lo com ofertas extravagantes: exóticos bombons recheados, pastéis de carne e sopas, leitões assados, barris de vinho da Toscana. Sérgio depressa regressou às suas comezainas.

Mas, desta vez, a comezaina tinha ido longe de mais. Sérgio ficou doente, perigosamente doente. Bento não tinha pena do seu irmão mais velho, mas não queria que ele morresse. A morte de Sérgio significaria o fim do poder do próprio Bento.

Era preciso fazer qualquer coisa. Os médicos que estavam a tratar de Sérgio eram uns incompetentes que atribuíam a doença do Papa a demónios poderosos, contra cuja maldade só a oração podia prevalecer. Cercaram Sérgio de uma quantidade de padres e monges, que choravam e rezavam junto à sua cama de dia e de noite, erguendo as suas vozes pungentes ao Céu. Mas não resultava: Sérgio continuava a piorar.

Bento não estava disposto a deixar que o seu futuro estivesse dependente de um fio de oração. Tenho de fazer qualquer coisa. Mas, o quê?

— Senhor.

Bento foi despertado dos seus sonhos pela vozinha hesitante de Celestino, um dos cubicularu ou camareiros do Papa. Como a maior parte dos seus colegas, Celestino era proveniente de uma família romana rica e aristocrata que tinha pago generosamente pela honra de ter o seu jovem filho ao serviço como camareiro do Papa.

Bento olhou para o rapaz com antipatia. O que sabia esta criança desmamada e privilegiada acerca da sua vida, da dura luta para sair da obscuridade?

— O que é?

— Monsenhor Anastácio pede uma audiência convosco.

— Anastácio? — Bento não se lembrava do nome.

— Bispo de Castellum — esclareceu Celestino, aprontadamente.

— Ousas ensinar-me?

Furioso, Bento deu uma bofetada a Celestino.

— Isto é para aprenderes a respeitar os teus superiores. Desaparece e traz-me cá o bispo.

Celestino saiu apressadamente, esfregando a bochecha com os olhos rasos de água. A mão de Bento ficou-lhe a doer; fechou-a, sentindo-se melhor.

Anastácio entrou pouco depois pela porta. Alto e elegante, o epítome da elegância aristocrática estava perfeitamente ciente da impressão

que causava a Bento.

— Pax vobiscus — saudou-o Bento, num latim atrapalhado.

Anastácio reparou no barbarismo, mas preocupou-se em não lhe mostrar o desprezo que sentia por ele.

— Et cum spiritu tuo — respondeu ele, suavemente. — Sua Santidade o Papa? Como está?

— Mal. Muito mal.

— Desgosta-me ouvi-lo.

Isto era mais do que delicadeza. Anastácio estava realmente preocupado. Ainda não tinha chegado a hora certa para Sérgio morrer. Anastácio só teria trinta e cinco anos — a idade mínima requerida para um Pontífice — dali a mais de um ano. Se Sérgio morresse — agora, podia ser eleito um homem mais novo do que ele e isso poderia significar que a Cátedra de São Pedro só voltaria a vagar dali a vinte anos. Anastácio não tencionava esperar tanto para realizar a ambição da sua vida.

— Espero que o vosso irmão esteja a ser bem tratado?

— Está rodeado noite e dia por santos homens, que oferecem orações pelas suas melhoras.

— Ah!

Fez-se silêncio. Ambos eram cépticos relativamente à eficácia daquelas medidas, mas nenhum deles podia manifestar as suas dúvidas abertamente.

— Há uma pessoa na Schola Anglorum — aventurou-se Anastácio. — Um padre com uma grande reputação como médico.

— Ah, sim?

— João Anglicus, penso que é assim que se chama. Um estrangeiro, Parece que é um homem muito instruído. Dizem que é capaz de fazer curas verdadeiramente milagrosas.

— Talvez eu possa mandar chamá-lo — disse Bento.

— Talvez — concordou Anastácio.

Depois, deixou o assunto morrer, Bento não era homem para ser pressionado, segundo lhe parecia. Tacticamente, Anastácio desviou a conversa para outro tema. Quando lhe pareceu que já tinha passado um lapso de tempo suficiente, levantou-se para sair.

— Dominus tecum, benedictus.

— Deus vobiscus — titubeou Bento novamente.

Imbecil ignorante, pensou Anastácio. Era uma vergonha que um homem daqueles pudesse ter tanto poder, era uma nódoa na reputação da Igreja. Com uma vénia e um movimento elegante das suas vestes, Anastácio virou-se e saiu. Bento ficou a vê-lo partir, Nada mal, para um aristocrata. Vou mandar chamar esse pequeno curandeiro, chamado João Anglicus. Provavelmente, ia haver problemas por causa de ele mandar chamar alguém que não era membro da sociedade de medicina, mas não importava. Bento havia de arranjar uma forma. Havia sempre uma maneira, quando se sabia o que se queria.

Aos pés da grande cama sobre a qual repousava Sérgio havia três dúzias de velas. Por trás delas, ajoelhava-se uma multidão de monges vestidos de preto, desfiando litanias em uníssono, em voz baixa.

Enódio, arquiatro de Roma, levantou o seu lancete de ferro e enterrou-o profundamente no antebraço esquerdo de Sérgio, atingindo a veia principal. O sangue escorreu da ferida para dentro de uma taça em prata segurada por um aprendiz de Enódio. Enódio abanou a cabeça, ao examinar o sangue na taça.

Era grosso e escuro; o humor mórbido que estava a causar a doença ao Papa estava concentrado no corpo e não saía. Enódio deixou a ferida aberta, deixando o sangue correr mais do que o costume; não iria poder sangrar Sérgio durante alguns dias porque a Lua estava a passar para Gémeos, um sítio impropício às sangrias.

— Como está ele? — perguntou Florus, um colega médico.

— Mal. Muito mal.

— Saiamos — sussurrou Florus. — Preciso de falar convosco.

Enódio estancou a ferida, juntando a pele e fazendo pressão com a mão. Deixou para o seu aprendiz a tarefa de ligar a ferida com as folhas de arruda, cobertas em gordura, embrulhadas em pano. Depois de ter lavado as mãos, seguiu Florus, saindo para o corredor.

— Mandaram chamar mais alguém — disse Florus apressadamente logo que ficaram sozinhos. — Um médico da Schola Anglorum.

— Não!

Enódio estava consternado. Era suposto a prática da medicina dentro da cidade estar estritamente confinada aos médicos da sociedade de medicina — apesar de, na verdade, haver um pequeno exército desconhecido de presumíveis médicos que exerciam os seus talentos duvidosos entre a populaça. Eram tolerados, desde que atuassem anonimamente entre os pobres.

Mas, o reconhecimento oficial de um deles, trazendo-o ao palácio do próprio papa, representava uma ameaça inegável.

— João Anglicus, chama-se o homem — disse Florus. — Existem rumores de que ele possui poderes extraordinários. Dizem que é capaz de diagnosticar uma doença apenas através do exame da urina do paciente.

Enódio suspirou:

— Um charlatão.

— É óbvio. Mas, alguns destes impostores são bastante dotados. Se este João Anglicus conseguir fazer parecer que tem alguma habilidade, pode ser danoso.

Florus tinha razão. Numa profissão como a deles, onde os resultados eram, frequentemente, desapontadores e sempre imprevisíveis, a reputação era tudo. Se este estranho obtivesse sucesso onde era visível que eles tinham falhado...

Enódio pensou por um momento.

— Ele examina a urina, dizeis vós. Bem, então, nós damos-lhe uma amostra.

— Ora, a última coisa que nós vamos fazer é ajudar um estranho!

Enódio sorriu.

— Eu disse que lhe íamos dar uma amostra, Florus. Não disse de quem.

Guiada por uma escolta de guardas papais, Joana dirigiu-se rapidamente para o Patriarchum, o palácio enorme que albergava a residência papal, assim como a multiplicidade de serviços administrativos que constituiam a sed do governo em Roma.

Passando pela grande basílica de Constantino, com as suas linhas magníficas de janelas em arco, entraram no patriarchum.

Dentro, subiram um pequeno lance de escadas, que levavam ao triclinium major, ou grande sala do palácio cuja construção tinha sido

ordenada pelo papa Leão, de boa memória. A parede era revestida a mármore e decorada com miríades de mosaicos, trabalhados com um grau de qualidade artística que deixava a Joana maravilhada. Nunca tinha visto cores tão brilhantes, nem figuras tão vivas. Ninguém na terra dos francos — bispo, abade, conde, nem sequer o próprio imperador — podiam aspirar a tamanha magnificência.

No meio do triclinium, estava reunido um grupo de homens. Um deles dirigiu-se a ela, cumprimentando-a. Era moreno, com uns olhos pequenos e inchados e uma expressão enérgica.

— Sois o padre João Anglicus? — perguntou ele.

— Sou, sim.

— Eu sou Bento, o missus papal e irmão do papa Sérgio. Mandei chamar-vos para curardes Sua Santidade.

— Farei o que puder — disse Joana.

Bento baixou a voz, num murmúrio de conspiração:

— Há quem não deseje que vós tenhais sucesso.

Joana compreendeu imediatamente. A maior parte dos membros daquele grupo pertenciam à sociedade elitista e exclusiva dos médicos. Não receberiam bem uma pessoa de fora.

Veio juntar-se a eles um outro homem — alto, magro, com um olhar penetrante e nariz curvo. Bento apresentou-o como Enódio, arquiatro da sociedade de medicina.

Enódio cumprimentou Joana com um pequeno aceno.

— Descobrireis por vós mesmos, se fordes capaz, que Sua Santidade é afligido por demónios, cuja influência perniciosa não será desalojada por medicinas ou purgas.

Joana não disse nada. Dava pouco crédito a teorias daquelas.

Por que haveria de se procurar uma explicação sobrenatural, quando há tantas causas de doença de índole física e detectável?

Enódio estendeu-lhe um frasquinho com um líquido amarelo.

— Esta amostra de urina foi tirada a Sua Santidade há menos de uma hora. Estamos curiosos para ver o que ides descobrir nela.

Então, vão pôr-me à prova, pensou Joana. Bom, suponho que seja uma maneira de começar tão boa como qualquer outra.

Pegou no frasquinho e pô-lo diante da luz. O grupo fez um semicírculo. O nariz adunco de Enódio tremeu enquanto a observava com uma expectativa manhosa.

Ela virou e revirou o frasquinho para ver bem o seu conteúdo. Estranho. Cheirou-o e voltou a cheirá-lo. Mergulhou um dedo no líquido, chegou-o à língua e provou-o cuidadosamente.

A tensão na sala, agora, era quase palpável.

Voltou a cheirá-lo e a prová-lo. Não havia dúvida.

Um ardil astucioso, substituir a urina do Papa pela de uma mulher grávida. Eles tinham-na confrontado com um verdadeiro dilema. Como um simples padre e um estranho, ela não podia acusar uma companhia tão augusta de a querer enganar deliberadamente. Por outro lado, se não detectasse a substituição, seria denunciada como uma fraude.

A armadilha tinha sido lançada com habilidade. Como haveria de lhe escapar?

Pôs-se a pensar.

Depois, virou-se e anunciou com prontidão:

— Deus acabou de realizar um milagre. Dentro de trinta dias, Sua Santidade dará à luz.

Bento ria às bandeiras despregadas ao sair do triclinium.

— A cara daqueles velhos! Tive de me esforçar para não começar a rir alto!

Ele estava divertidíssimo com aquilo que tinha acontecido.

— Haveis demonstrado a vossa arte e exposto o seu embuste sem pronunciar uma única palavra de acusação. Brilhante!

Ao aproximarem-se da câmara papal, ouviram uma gritaria vinda do outro lado da porta.

— Vilões! Vampiros! Ainda não morri!

Ouviu-se um estrondo, como se se tivesse partido qualquer coisa.

Bento abriu a porta. Sérgio estava sentado na cama, com o rosto contorcido de fúria. No meio do quarto, estava um vaso partido, que tinha sido atirado a um grupo de padres assustados. Sérgio tinha agarrado uma taça em ouro, que estava em cima da mesa de cabeceira, e estava prestes a atirá-la aos infelizes prelados, quando Bento se apressou a tirar-lha das mãos.

— Então, Irmão. Sabes o que os médicos disseram. Estás doente; não deves exaltar-te.

Sérgio disse, num tom acusador:

— Acordei e apercebi-me de que me estavam a ungir. Estavam a tentar administrar-me a extrema-unção.

Os prelados alisaram as vestes com uma dignidade ofendida.

Pareciam ser homens importantes; um deles, que usava o pallium de arcebispo, disse:

— Pensámos que era melhor, como Vossa Santidade estava a piorar...

— Saí imediatamente! — interrompeu Bento.

Joana estava espantada; Bento devia ser poderoso, realmente, para se dirigir a um arcebispo de uma forma tão incivilizada.

— Pensai bem, Bento — avisou-o o arcebispo. — Quereis pôr em perigo a alma imortal do vosso irmão?

— Rua! — Bento agitou os braços, como se estivesse a enxotar um bando de corvos. — Saí todos!

Os prelados recuaram rapidamente, sentindo-se todos igualmente indignados.

Sérgio caiu pesadamente sobre as suas almofadas.

— As dores, Bento — lamentou-se ele. — Não consigo suportar as dores.

Bento pegou num jarro que se encontrava sobre a mesa, encheu uma taça de ouro com vinho e chegou-a aos lábios de Sérgio.

— Bebe — disse ele. — Vai aliviar-te.

Sérgio bebeu com sofreguidão.

— Mais — pediu ele, mal tinha acabado de esvaziar a taça.

Bento encheu a taça novamente, depois, voltou a enchê-la. O vinho escorria pelos cantos da boca de Sérgio. Ele era pequeno de ossos, mas muito gordo. A sua figura era constituída por uma série de esferas ligadas umas às outras: o rosto redondo ligava-se ao queixo redondo, os olhos redondos ocupavam o centro de duas órbitas circulares.

— Agora, — disse Bento, quando a sede de Sérgio já tinha sido saciada — olha o que eu fiz por ti, Irmão! Trouxe-te uma pessoa que te

pode ajudar. É João Anglicus, um médico de grande reputação.

— Outro médico? — disse Sérgio, desconfiado.

Mas, não fez qualquer objecção quando Joana puxou os cobertores para trás para o examinar. Ela ficou chocada com o estado em que ele estava. As suas pernas estavam tremendamente inchadas, com a carne esticada a abrir fissuras e a estalar.

Sofria de uma inflamação grave nas articulações; Joana suspeitou da sua origem mas tinha de se certificar. Examinou as orelhas de Sérgio. Como seria de esperar, encontrou sinais de tofo, pequenas excrescências esbranquiçadas, semelhantes a olhos de caranguejo, cuja presença só podia significar uma coisa, que Sérgio estava a sofrer um ataque agudo de gota.

Como era possível que os médicos não tivessem descoberto?

Joana passou cuidadosamente os dedos pela carne avermelhada e lustrosa, sentindo a origem da inflamação.

— Pelo menos, este não tem mãos de lavrador — reconheceu o Sérgio.

Era espantoso que ele ainda estivesse lúcido porque estava a arder em febre. Joana tomou-lhe o pulso, reparando nas diversas feridas que ele tinha no braço, em resultado das sangrias. A pulsação era fraca e o seu parecer, agora que já lhe tinha passado o acesso de cólera, era de um branco-azulado doentio.

Benedicite, pensou ela. Não admira que ele tenha febre.

Sangraram-no até à morte.

Virou-se para o camareiro e disse.

— Trazei-me água. Depressa.

Ela tinha que diminuir o inchaço, antes que este o matasse.

Graças a Deus que tinha trazido pó de cólquico. Joana pegou no seu saco e tirou um pedaço de pergaminho encerado, desdobrando-o cuidadosamente para não desperdiçar o pó precioso. O camareiro voltou com um jarro de água. Joana deitou um pouco numa taça, depois deitou-lhe dois dracmas de raiz em pó, a dose recomendada. Acrescentou-lhe mel diluído, para disfarçar o sabor amargo e uma pequena dose de meimendro, para adormecer Sérgio — porque o sono era o melhor remédio contra a dor e o descanso a melhor esperança de cura.

Deu o copo a Sérgio, que o bebeu de um só trago.

— Pah! — disse ele, cuspindo-o. — Isto é água!

— Bebei-o — disse Joana com firmeza.

Para sua surpresa, Sérgio obedeceu-lhe.

— E agora? — perguntou ele, depois de ter esvaziado a taça. — Ireis purgar-me?

— Pensava que estáveis farto dessas torturas.

— Quer dizer que não ides fazer mais nada senão isto? — desafiou-a Bento. Um simples reforço, mais nada?

Joana suspirou. Já se tinha deparado com reacções daquele tipo em outras ocasiões. O senso comum e a moderação não eram apreciadas na arte da cura. As pessoas exigiam medidas mais dramáticas. Quanto mais séria era a doença, mais violenta se esperava que fosse a cura.

— Vossa Santidade sofre de gota. Dei-lhe meimendro, um medicamento especialmente indicado para esta doença. Daqui a pouco, ele vai adormecer e, Deo volente, as dores e o inchaço que o têm afligido abrandarão daqui a alguns dias.

Como que a comprovar a verdade daquilo que ela tinha acabado de dizer, a respiração ofegante de Sérgio começou a abrandar; encostou-se ás almofadas, relaxado, e fechou os olhos sossegadamente.

A porta abriu-se com um estrondo. Entrou um homem pequeno e tenso, com um rosto semelhante ao de um galo de Bantam preparado para atacar. Brandiu um rolo de pergaminho diante do nariz de Bento.

— Eis o documento. Só preciso da assinatura.

Pela forma como estava vestido e como falava, parecia ser um mercador.

— Agora não, Aio — respondeu Bento.

Aio abanou a cabeça furiosamente:

— Não, Bento, não voltareis a mandar-me embora. Toda a cidade de Roma sabe que o Papa está gravemente doente. E se ele morrer esta noite?

Joana olhou preocupada para Sérgio, mas ele não tinha ouvido. Estava a dormir profundamente.

O homem agitou um saco com moedas diante dos olhos de Bento.

— Mil soldos, como combinado. Assinai o papel agora e isto, — levantou outro saquinho — também será vosso.

Bento levou o pergaminho para a cama e desenrolou-o sobre o lençol.

— Sérgio?

— Ele está a dormir — protestou Joana. — Não o acordeis.

Bento ignorou-a.

— Sérgio! — agarrou o irmão pelos ombros e abanou-o.

Sérgio abriu os olhos. Bento pegou numa pena que se encontrava sobre uma mesa ao lado da cama, mergulhou-a na tinta e meteu-a na mão de Sérgio.

— Assina isto — ordenou-lhe ele.

Atordoado, Sérgio colocou a pena sobre o pergaminho. A sua mão tremeu, espalhando a tinta sobre o pergaminho num rabisco torto. Bento pegou na mão do irmão e ajudou-o a fazer a assinatura papal.

De onde estava, Joana via bem o papel. Era uma formata nomeando Aio bispo de Alatri. O contrato que tinha sido feito mesmo à frente de Joana era um suborno para comprar uma nomeação para bispo!

— Agora, descansa, Irmão — disse Bento, satisfeito por ter conseguido o que queria.

Voltando-se para Joana, disse:

— Ficai com ele.

Joana assentiu. Bento e Aio saíram do quarto.

Joana tapou Sérgio com os cobertores, aconchegando-os suavemente. Tinha o queixo espetado, posição característica dela, que demonstrava determinação.

Era evidente que as coisas no palácio papal corriam mal. E não era provável que se endireitassem enquanto Sérgio estivesse doente e o seu irmão venal governasse em seu lugar. A sua tarefa era simples: restabelecer a saúde do Papa o mais depressa possível.

Nos dias que se seguiram, Sérgio manteve-se em estado grave.

O canto constante dos padres impedia-o de dormir, por isso, a pedido insistente de Joana, a sua vigília junto ao leito papal terminou. Tirando uma pequena ida à Schola Anglorum para ir buscar alguns medicamentos, Joana não saiu de ao pé de Sérgio.

Durante o dia, vigiava o seu estado; durante a noite, dormia numa pilha de almofadas ao lado da cama.

Ao terceiro dia, o inchaço começou a diminuir e a pele que o cobria começou a descamar. De noite, Joana acordou de um sono agitado para descobrir que Sérgio tinha deixado de transpirar.

Benedicite, pensou ela. A febre passou.

Ele acordou na manhã seguinte.

— Como vos sentis? — perguntou Joana.

— Não sei — disse ele, vacilante. — Acho que me sinto melhor.

— Estais com muito melhor aspecto.

O seu ar macilento tinha desaparecido, assim como o tom cinzento-azulado doentio da sua pele.

— As minhas pernas... sinto um formigueiro!

Ele começou a coçar as pernas desesperadamente.

— A comichão é um bom sinal; quer dizer que as pernas estão a voltar à vida — disse Joana. — Mas, não deveis irritar a pele porque ainda há perigo de infecção.

Ele retirou a mão. Mas, a comichão era intensa; pouco depois, estava outra vez a coçar as pernas. Joana administrou-lhe uma dose de meimendro para o acalmar e ele voltou a adormecer.

Quando abriu os olhos no dia seguinte, estava lúcido, perfeitamente consciente do que se passava à sua volta.

— Já não tenho dores! — Olhou para as pernas. — E o inchaço!

O que viu animou-o; sentou-se. Ao ver um camareiro através da porta, disse:

— Tenho fome. Trazei-me um pedaço de presunto e um pouco de vinho.

— Um prato de legumes e um copo de água — contra-ordenou Joana.

O camareiro desapareceu apressadamente, antes que Sérgio pudesse protestar.

Sérgio ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

— Quem sois vós?

— O meu nome é João Anglicus.

— Não sois romano.

— Nasci no país dos francos.

— No Norte! — Os olhos de Sérgio tornaram-se mais penetrantes. — É uma região assim tão bárbara como dizem?

Joana sorriu:

— Há menos igrejas, se é isso que quereis dizer.

— Porque vos chamais Anglicus — perguntou Sérgio — se haveis nascido no país dos francos?

Ele estava espantosamente lúcido, dado tudo aquilo por que tinha passado.

— O meu pai era inglês — explicou Joana. — Veio pregar a fé aos saxónios.

— Aos saxónios? — Sérgio franziu o sobrolho. — Uma tribo ímpia.

Mamã. Joana sentiu aquela onda de vergonha e amor que lhe era familiar e disse:

— A maior parte deles, agora, são cristãos — tanto quanto é possível a quem foi trazido para a fé pelo fogo e a espada.

Sérgio olhou para ela com severidade.

— Não concordais com a missão da Igreja de converter os pagãos?

— Que valor pode ter qualquer compromisso obtido pela força? Sob tortura, uma pessoa pode confessar seja que mentira for, apenas para pôr termo ao sofrimento.

— Mas, nosso Senhor mandou-nos anunciar a Palavra de Deus: Ide e ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

— É verdade — concordou Joana. — Mas... — Interrompeu-se. Lá estava ela outra vez a deixar-se arrastar para um debate imprudente e, possivelmente, até perigoso, desta vez, com o próprio Papa!

— Continuai — incitou Sérgio.

— Perdoai-me, Santidade. Não estais bem.

— Também não estou assim tão mal que não possa raciocinar — retorquiu Sérgio, impacientemente. — Prossegui.

— Bem... — ela escolheu as palavras com cuidado. — Pensai na ordem dos mandamentos dados por Cristo: primeiro, ensinai as nações, depois, baptizai-as.

Não nos é ordenado que administremos o sacramento do baptismo antes que o pensamento abrace a fé pela prática, primeiro, ensinai, disse Cristo, depois baptizai.

Sérgio observou-o com interesse.

— Pensais bem. Onde fostes educado?

— Um grego de nome Asclépios, um homem de grande saber, foi meu tutor em criança. Depois, mandaram-me para a escola da catedral de Dorstadt e, mais tarde, para Fulda.

— Ah, Fulda! Ainda à pouco tempo recebi um manuscrito de Rábano Mauro com iluminuras lindíssimas, contendo um poema da sua autoria sobre a Santa Cruz de Cristo. Quando lhe escrever para lhe agradecer, hei-de contar-lhe os serviços que haveis prestado à nossa pessoa.

Joana pensava que se tinha livrado do abade Rábano para sempre; será que o seu ódio tirânico a ia perseguir até aqui, pondo em perigo a vida nova que ela tinha construído para si própria?

— Temo que não vos mandem boas informações de lá acerca da minha pessoa.

— Porquê?

— O abade considera a obediência o maior de todos os votos religiosos. Mas, para mim, sempre foi o mais difícil.

— E os vossos outros votos? — perguntou Sérgio, solenemente. — O que haveis feito deles?

— Nasci na pobreza e acostumada a ela. Quanto à castidade — acrescentou ela esforçando-se por não deixar transparecer qualquer ironia na sua voz —, sempre resisti á tentação das mulheres.

A expressão de Sérgio suavizou-se.

— Folgo em ouvi-lo. Porque, neste aspecto, eu não concordo com o abade Rábano; de todos os votos religiosos, a castidade é certamente o maior e aquele que mais agrada a Deus.

Joana ficou surpreendida com os seus pensamentos. O ideal da castidade sacerdotal estava longe de ser praticado universalmente em Roma. Não era nada fora do comum um sacerdote romano ter uma esposa, assim como não existia qualquer proibição de acesso de homens casados ao sacerdócio, desde que concordassem em renunciar a todas as relações conjugais ulteriores — acordo que, como seria de esperar, era mais

quebrado do que cumprido. Uma mulher raramente se opunha a que o seu marido quisesse ser padre porque partilhava com ele o prestígio da sua posição; a mulher de um padre recebia o tÍtulo honorífico de "sacerdotisa" ou de "diaconisa", se fosse esposa de um diácono, O papa Leão III era casado quando ascendeu ao trono papal e ninguém tinha pensado mal dele em Roma por causa disso.

O camareiro voltou com uma salva de prata com pão e legumes, que colocou diante de Sérgio. Este pegou num pedaço de pão e deu-lhe uma dentada, esfomeado.

— Agora, contai-me tudo o que se passou entre vós e o abade Rábano — disse ele.

Capítulo 20

Joana veio a aperceber-se que era como se o Sérgio fosse duas pessoas: uma, dissoluta, ordinária e má; a outra, culta, inteligente e ponderada. Tinha lido num livro de Celso que havia casos destes: animae divisae, chamava-lhes ele — almas divididas.

Era o que se passava com Sérgio. Mas, no seu caso, era a bebida que desencadeava a metamorfose. Gentil e bondoso, quando sóbrio, tornava-se um terror sob o efeito da bebida. Os criados do palácio, sempre prontos para a maledicência, contaram a Joana que, uma vez, Sérgio tinha condenado um deles à morte apenas porque não lhe tinha levado o jantar a horas.

Tinha voltado ao estado de sobriedade a tempo de impedir a execução, mas não a tempo de impedir que o servo tivesse sido vergastado e exposto no pelourinho.

Os seus médicos, afinal, não estavam assim tão enganados, como veio a descobrir Joana: Sérgio estava possesso, apesar de os demónios que o afligiam não terem nada a ver com o Diabo, mas sim com ele próprio.

Assim que se apercebeu das suas melhores qualidades, Joana fez sua a missão de o recuperar. Colocou-o sob uma dieta rigorosa constituída por vegetais e água de cevada. Sérgio resmungou, mas obedeceu, temendo que as dores voltassem.

Quando ela considerou que ele já estava pronto, instituiu um regime de passeios diários a pé nos jardins lateranenses. Ao início, ele tinha de ser levado até lá na sua cadeira, carregado por três criados, que gemiam sob o seu peso. No primeiro dia, mal conseguiu andar alguns passos, caiu imediatamente na sua cadeira, esgotado. Com a persistência de Joana, cada dia foi um pouco mais longe; ao fim de um mês, já era capaz de dar uma volta completa ao jardim.

O inchaço residual em torno das suas articulações diminuiu e a pele recuperou um tom rosado saudável. Os seus olhos desincharam e as suas feições ganharam um contorno mais definido, pelo que Joana se apercebeu de que ele era um homem muito mais novo do que ela tinha pensado inicialmente — talvez não tivesse mais do que quarenta e cinco ou cinquenta anos.

— Sinto-me um homem novo — disse Sérgio um dia a Joana, durante o seu passeio quotidiano.

Era Primavera e os lilases já estavam em flor, perfumando o ar com o seu aroma activo.

— Não tendes tonturas, nem sentis fraqueza ou dores? — perguntou Joana.

— Não, nada. Realmente, Deus operou um milagre.

— Bem podeis dizê-lo, Santidade — disse Joana com um sorriso de lado, — Mas, pensai no estado em que estáveis, quando apenas Deus vos servia de médico!

Sérgio puxou afectuosamente a orelha de Joana.

— Deus mandou-vos para realizardes o Seu milagre!

Riram-se os dois. Estimavam-se mutuamente. É este o momento, pensou Joana.

— Se vos sentis realmente bem... — e deixou as palavras a pairar no ar.

— Sim?

— Estava só a pensar que... o tribunal papal se reúne hoje.

O vosso irmão Bento preside no vosso lugar, como é costume.

Mas, se vos sentis bem...

Sérgio disse, resolutamente:

— Bento está habituado a presidir. Certamente, não é preciso...

— As pessoas não escolheram Bento para seu senhor. Precisam de vós, Santidade.

Sérgio suspirou, Fez-se um longo silêncio.

A Joana pensou: falei cedo de mais e de forma demasiado clara.

Sérgio disse:

— O que dizeis é verdade, João Anglicus, Negligenciei estas coisas durante demasiado tempo.

A tristeza que os seus olhos exprimiam davam ao seu rosto uma expressão de sabedoria.

Joana respondeu suavemente:

— O remédio, meu senhor, está em agir.

Sérgio olhou para ela. Depois, virou-se de repente, encaminhando-se para a entrada do jardim.

— João, então! — chamou-a ele. — ... Que esperais?

Joana apressou-se a segui-lo.

Havia dois guardas encostados à parede exterior da sala do tribunal, conversando um com o outro. Ao verem Sérgio, deram um salto, pondo-se direitos e abriram as portas.

— Sua Santidade o Papa, Sérgio, bispo metropolita de Roma! — anunciou um deles, com voz forte.

Sérgio e Joana entraram na sala. Por uns momentos, fez-se um silêncio atónito, ao qual se seguiu um ranger de cadeiras, quando as pessoas se puseram de pé para saudar a entrada do Papa. Quer dizer, menos Bento, que ficou sentado na cadeira papal, de boca aberta.

— Fecha a boca, irmão, a não ser que queiras engolir uma mosca — disse Sérgio.

— Santidade! Será prudent? — Exclamou Bento. — Não deveis colocar em risco a vossa saúde, assistindo a esta audiência!

— Obrigado, Irmão, mas sinto-me bastante bem — respondeu Sérgio. — E não vim para assistir, mas para presidir.

Bento levantou-se.

— Folgo em ouvi-lo, como toda a cidade de Roma. — a sua voz soava a tudo menos a alegria.

Sérgio sentou-se confortavelmente na cadeira acolchoada.

— Qual é o assunto que tendes em mãos?

O notário apressou-se a pô-lo ao corrente dos pormenores.

Mamertus, um mercador abastado, pedia permissão para renovar o Orphanotrophium, um albergue e uma escola para órfãos instalada num edifício em ruinas, perto do Laterano. Mamertus propôs reconstrui-lo completamente e transformá-lo num abrigo para peregrinos abastados.

— O Orphanotrophium — murmurou Sérgio. — Conheço bem o local; vivi lá durante algum tempo, depois da morte da minha mãe.

— Santidade, o edifício está a cair — disse Mamertus. — É uma vergonha, uma nódoa para a nossa grande cidade. A minha proposta vai transformá-lo num palácio!

— E os órfãos? — perguntou Sérgio.

Mamertus encolheu os ombros.

— Podem procurar caridade noutro sítio. Há albergues que os podem receber.

Sérgio parecia ter dúvidas.

— É muito duro expulsarem-nos da nossa casa!

— Santidade, esta hospedaria será o orgulho de Roma! Os duques não hesitarão em lá dormir, nem os reis!

— Os órfãos não são menos amados por Deus do que os reis. Não foi Cristo quem disse: bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino de Deus?

— Santidade, peço-vos que considereis o meu pedido. Pensai naquilo que a existência deste estabelecimento pode fazer por Roma!

Sérgio abanou a cabeça:

— Não sancionarei a destruição deste orfanato. A petição é negada.

— Protesto! — disse Mamertus, exaltado. — O vosso irmão e eu já tínhamos chegado a um acordo; o edifício foi confiscado e o pagamento feito.

— Pagamento? — Sérgio ergueu o sobrolho.

Bento fez um sinal aflito a Mamertus.

— Eu... eu... — Mamertus levantou os olhos, procurando as palavras. — Eu fiz uma oferta, uma oferta muito generosa ao altar de São Servatius para apressar o sucesso deste empreendimento.

— Então, estais de parabéns — disse Sérgio. — Tanta caridade traz consigo a sua própria recompensa porque sofrereis menos na vida eterna.

— Mas...

— Tendes a nossa gratidão, Mamertus, por haverdes chamado a nossa atenção para o estado em que se encontra o Orphanotrophium. Será nossa preocupação imediata repará-lo.

A boca de Mamertus abriu-se e fechou-se várias vezes, como a de um peixe fora da água. Lançando um último olhar turvo a Bento, saiu da sala.

Sérgio sorriu para Joana, que sorriu também em troca.

Bento apercebeu-se da troca de olhares. Então é João, pensou ele. Recriminou-se a si próprio por não ter reparado antes.

Tinha sido uma época muito ocupada para o tribunal pontifício, a época do ano mais lucrativa para Bento; tinha estado tão ocupado com estas coisas que não tinha prestado atenção suficiente ao grau de influência que o padrezinho estrangeiro tinha adquirido junto do seu irmão.

Não faz mal, disse ele de si para si. O que está feito pode ser desfeito. Todos têm um ponto fraco. Tratava-se apenas de descobrir qual era o ponto fraco de João Anglicus.

Joana apressou-se pelo corredor, a caminho do triclinium.

Como médico pessoal de Sérgio era-lhe permitido jantar à sua mesa — um privilégio que lhe permitia vigiar de perto tudo quanto o Papa comia e bebia. O seu estado de saúde ainda estava longe de ser robusto; um desleixo podia voltar a provocar um ataque de gota.

— João Anglicus.

Ela virou-se e viu Arighis, o vicedominus, ou principal mordomo do palácio, que se dirigia para ela.

— Está uma senhora em estado muito grave no Trastevere, deveis ir assisti-la.

Joana suspirou. Já tinha sido chamada três vezes naquela semana para incumbências daquele género. As notícias da cura do papa Sérgio tinham-se espalhado por toda a cidade. Para grande consternação dos membros da sociedade de medicina, os serviços da Joana como médica tinham passado a ser muito procurados.

— Porque não mandais um médico da schola? — sugeriu Joana.

Arighis franziu o sobrolho. Não estava habituado a ser contrariado: como vicedominus, assistia-lhe o direito e o dever de exercer controlo sobre todos os assuntos relacionados com a casa papal e o seu pessoal — facto que este estrangeirinho impertinente não percebia.

— Já prometi os vossos serviços.

Joana irritou-se com esta afirmação de autoridade; como médica pessoal de Sérgio, em rigor, não estava sob a autoridade de Arighis. Mas, não valia a pena discutir por causa disso, além disso, um pedido de ajuda com urgência tem de ser atendido, por muito inoportuno que fosse o momento da sua chegada.

— Está bem — assentiu Joana. — Vou buscar a minha mala de medicamentos.

Ao chegar à morada indicada, a Joana deparou-se com uma grande casa, do estilo de uma velha domus romana. Um criado guiou-a através de uma série de pátios interligados e de um jardim, até a uma câmara interior decorada prodigamente com mosaicos brilhantemente coloridos, conchas encrostadas no estuque e pinturas trompe l'oeil desenhadas para dar a ilusão de paisagens e quartos distantes. Esta sala fantástica exalava um cheiro doce a maçãs maduras. Ao fundo da sala estava uma grande cama, alumiada com velas, como um altar. No meio da cama, estava deitada uma langorosa mulher numa pose langorosa.

Era a mulher mais bonita que Joana já tinha visto, mais bonita do que Richild, ainda mais bonita do que a sua mãe, Gudrun, que Joana, até àquele momento, pensava ser a mulher mais bela da Criação.

— Eu sou Marioza.

A voz da mulher era de um mel líquido.

— S-senhora — titubeou Joana, com a língua presa diante de tanta perfeição. — Eu sou João Anglicus e vim em resposta ao vosso apelo.

Marioza sorriu, satisfeita com a impressão que causava.

— Aproximai-vos, João Anglicus — ordenou a voz melada. Ou quereis examinar-me daí?

O cheiro a maçã doce era mais forte perto da cama. Joana pensou: conheço este cheiro. Mas, de momento, não foi capaz de o identificar.

Marioza tinha uma taça com vinho na mão.

— Não quereis beber à minha saúde?

Joana bebeu, por delicadeza, esvaziando o copo, como era costume. De perto, Marioza era ainda mais bela. A sua pele era de uma alvura marmórea, os seus olhos, enormes, com umas órbitas de um violeta profundo, que as grandes pupilas negras tornavam num negro de ébano.

Demasiado grandes, pensou a Joana subitamente. Uma dilatação tão grande das pupilas era realmente anormal. A observação clínica quebrou o feitiço da beleza de Marioza.

— Dizei-me, senhora — Joana poisou o copo — o que vos atormenta?

— Tão belo e tão atarefado? — suspirou ela.

— Desejo ajudar-vos, senhora. Que aflição me chamou a vós com tanta urgência?

— Já que insistis, é o meu coração — disse Marioza, visivelmente contrariada.

Uma queixa fora de comum numa mulher da sua idade, pensou Joana; Marioza não tinha mais do que vinte e dois anos. Bem, sabia-se que havia casos daqueles, que havia crianças nascidas sob uma má estrela, com um mal no coração que transformava cada suspiro da sua breve existência num tormento e numa agonia. Mas aqueles que sofriam dessa aflição não tinham o aspecto de Marioza cujo ser, para além daquelas pupilas misteriosamente dilatadas irradiava boa saúde.

Joana pegou no pulso de Marioza e sentiu-lhe a palpitação forte regular. Examinou as mãos de Marioza. Tinham boa cor e a ponta dos dedos era cor-de-rosa por baixo das unhas. A pele reagia ao tacto, sem qualquer marca ou descoloração. Joana examinou as pernas e os pés de Marioza com o mesmo cuidado, voltando a não encontrar qualquer sinal de necrose; a circulação de Marioza parecia saudável e forte, assim como todas as partes do corpo.

Marioza encostou-se às almofadas, com os olhos semicerrados.

— Procurais o meu coração? — brincou ela. — Não o encontrareis aí, João Anglicus!

Abriu o robe de seda, mostrando o peito de uma brancura marmórea.

Benedicite, pensou Joana. Esta deve ser a célebre Marioza, a mais célebre hetaera ou cortesã de toda a cidade de Roma!

Dizia-se que entre os seus clientes se encontravam alguns dos homens mais importantes da cidade. Está a tentar seduzir-me, percebeu Joana. O absurdo da situação provocou-lhe um sorriso.

Interpretando mal o sorriso da Joana, Marioza sentiu-se encorajada. Este padre não ia ser tão difícil de seduzir como Bento tinha dito quando requisitou os seus serviços. Padre ou não, João Anglicus era um homem e ainda não tinha nascido o homem que fosse capaz de lhe resistir.

Com um desinteresse ostensivo, Joana concentrou-se na sua consulta. Examinou as costas de Marioza, à procura de costelas magoadas; a dor que um ferimento desses causava era interpretada muitas vezes como um problema de coração. Marioza não se queixou nem deu qualquer sinal de desconforto.

— Tendes umas mãos muito macias — disse ela, colocando-se numa posição em que as curvas sedutoras do seu corpo se notassem melhor. — Que mãos macias e fortes.

Joana virou-se para o lado direito.

— A maçã de Satanás!

É mesmo de um padre, pensou a Marioza, falar de pecado num momento destes. Bom, os padres não lhe eram estranhos; sabia como lidar com estas crises de consciência de última hora.

— Não reprimais os vossos sentimentos, João, porque eles são naturais, são um dom de Deus. Não está escrito na Bíblia que os dois serão uma só carne! Na realidade, Marioza não tinha a certeza se aquelas palavras se encontravam na Bíblia, mas achava que sim.; tinham-lhe sido ditas por um arcebispo, numa situação muito semelhante àquela.

— Além disso, — acrescentou ela — ninguém saberá nunca daquilo que se passou aqui entre nós, a não ser nós próprios.

Joana abanou a cabeça com veemência.

— Não era isso que eu queria dizer. O cheiro neste quarto — é mandrágora — uma coisa a que se chama, às vezes, maçã de Satanás.

O fruto amarelo era um narcótico; isso explicava as pupilas dilatadas de Marioza.

— Mas, de onde vem o cheiro? — Joana cheirou uma vela que se encontrava perto da cama. — O que fizestes, misturastes o sumo com a cera da vela?

Marioza suspirou. Já tinha visto aquelas reacções em jovens prelados virgens. Embaraçados e inseguros, tentavam desviar a conversa para um terreno mais seguro.

— Vinde — disse ela — deixai o assunto das poções. Há maneiras melhores de passarmos o tempo.

Passou a mão pela parte da frente da túnica de João Anglicus, à procura dos seus órgãos íntimos.

Antes que ela lá chegasse, Joana deu um salto para trás.

Cheirou a vela e agarrou a mão de Marioza com força.

— Ouve, Marioza. A mandrágora — que usas por causa das suas qualidades afrodisíacas — eu sei, tens de a deitar fora porque o seu vapor é venenoso.

Marioza franziu o sobrolho. Isto não estava a correr como planeado. Ela tinha de conseguir arranjar maneira de desviar o homem das suas doutorices.

Ouviram-se passos no andar de baixo. Não havia tempo para o convencer. Agarrou a parte de cima do robe com ambas as mãos e rasgou-o de repente.

— Oh! — gemeu ela — estou a sentir uma dor! Ouvi-me!

Agarrou a cabeça da Joana e encostou-a ao seu peito.

Joana tentou afastar-se, mas Marioza agarrava-a com força.

— Oh, João — a voz dela era líquido puro — não posso resistir ao poder da vossa paixão!

A porta abriu-se de repente. Irromperam pela sala uma dúzia de guardas papais e agarraram Joana, levantando-a rudemente da cama.

— Ora, Padre, que forma estranha de dar a comunhão! — disse o chefe do grupo, troçando.

Joana protestou:

— Esta mulher está doente; eu fui chamado aqui para a tratar.

O homem ironizava:

— Claro, muitas mulheres têm sido curadas da infertilidade com esse remédio.

Uma explosão de riso fez tremer as paredes do quarto. Joana disse a Marioza:

— Dizei-lhes a verdade.

Marioza encolheu os ombros, com o robe rasgado a escorregar-lhe dos ombros.

— Eles viram-nos. Porque havemos de tentar negá-lo?

— Bem-vindo às hostes, Padre! — troçou um dos guardas. — O número dos amantes de Marioza deixariam o Coliseu a abarrotar!

Esta afirmação foi saudada com outra explosão de gargalhadas. Marioza juntou-se aos outros:

— Vá, Padre.

O chefe dos guardas pegou no braço de Joana, puxando-a para a porta.

— Para onde me levais? — perguntou Joana, apesar de saber a resposta.

— Para o Laterano. Ides ter de responder ao Papa por isto.

Joana libertou-se da mão dele. E disse a Marioza:

— Não sei porque fizeste isto ou quem te mandou fazer, mas aviso-te, Marioza: não faças depender a tua fortuna dos favores dos homens porque eles são tão efémeros como a tua beleza.

O riso de Marioza morreu-lhe nos lábios.

— Bárbaro! — ripostou ela, com desprezo.

Joana foi levada do quarto por entre uma onda de risos.

Ladeada por guardas, Joana caminhou em silêncio ao longo das ruas escuras. Não era capaz de sentir ódio por Marioza. Joana podia ter acabado como ela se o destino não a tivesse levado para um caminho diferente. As ruas de Roma estavam cheias de mulheres que se ofereciam por pouco mais do que o preço de uma refeição. Muitas tinham chegado à Cidade Santa como piedosas peregrinas, mesmo como freiras; quando se achavam sem abrigo ou meios para comprar a passagem de regresso, voltavam-se para uma alternativa já pronta. O clero vociferava contra estas servas do Demónio, do alto dos seus púlpitos. Diziam que era melhor morrer casto do que viver no pecado. Mas eles nunca tinham conhecido a fome, pensou Joana.

Não, Marioza não tinha culpa; ela era apenas um instrumento.

Mas, nas mãos de quem? Quem ganhava em desacreditá-la? Enódio e os outros membros da sociedade de medicina eram bem capazes de recorrer a um expediente tão sórdido como aquele. Mas, eles teriam concentrado os seus esforços em desacreditá-la como médica.

Então, se não eram eles, quem era? A resposta surgiu-lhe imediatamente: Bento. Desde o negócio do Orphanotrophium que ele tinha ficado ressentido com ela, ciumento da sua influência sobre o irmão. A ideia animou-a; pelo menos, sabia quem era o inimigo. Além disso, não tencionava deixar Bento escapar daquela. Era verdade que ele era o irmão de Sérgio, mas ela era amiga dele; faria com que ele visse a verdade.

Ao chegar ao Laterano, Joana ficou desanimada ao ver que os guardas não passaram pelo triclinium, onde Sérgio estava a jantar com os amigos e com outros altos funcionários da corte papal, levando-a directamente para os aposentos de Bento.

— Bem, bem. O que temos nós aqui? — disse Bento, em tom trocista, quando Joana e os guardas entraram. — João Anglicus rodeado de guardas como um vulgar ladrão?

E disse ao chefe dos guardas:

— Falai, Tarasius, e dizei-me qual a natureza do crime deste padre.

— Meu senhor, prendemo-lo nos aposentos de Marioza, a prostituta.

— Marioza! — Bento fingiu um ar de grave desaprovação.

— Encontrámo-lo na cama da prostituta, enrolado no seu abraço — acrescentou Tarasius.

— Foi uma armadilha — disse Joana. — Fui lá chamado sob o pretexto falso de que Marioza precisava de ser consultada por um médico. Ela sabia que os guardas iam aparecer e abraçou-me no momento em que eles iam a entrar.

— Esperais que eu acredite que tenhais sido dominado por uma mulher? Tende vergonha, falso padre!

— A vergonha é para vós, Bento, não para mim — respondeu Joana, agastada. — Fostes vós que engendrastes isto tudo para me desacreditar. Tratastes de fazer com que Marioza me chamasse, fingindo

estar doente, depois, mandastes os guardas, sabendo que eles nos iriam encontrar juntos.

— Reconheço-o.

A confissão apanhou Joana desprevenida.

— Confessais a vossa artimanha?

Bento pegou numa taça com vinho e bebeu, saboreando-a.

— Sabendo que não sois casto e não me agradando ver traída a confiança que o meu irmão deposita em vós, procurei prova da vossa perfídia, é tudo.

— Eu não sou incasto, nem tendes qualquer motivo para o pensar de mim.

— Não sois incasto? — troçou Bento. — Dizei-me como o haveis encontrado, Tarasius.

— Meu senhor, ele estava deitado com a libertina na cama dela e ela estava nua nos seus braços.

— Imaginai como o meu irmão vai ficar desgostoso quando ouvir um testemunho tão danoso — ainda para mais, depois da grande confiança que ele depositou em vós!

Joana apercebeu-se pela primeira vez da gravidade da situação.

— Não façais isto — disse ela. — O vosso irmão precisa de mim porque ainda não está livre de perigo. Sem cuidados médicos adequados, ele sofrerá outro ataque — e o próximo pode matá-lo.

— Enódio tratará do meu irmão daqui para a frente — retorquiu Bento, num tom seco. — As vossas mãos pecaminosas já lhe fizeram mal que baste.

— Eu fiz-lhe mal? — O ultraje que Joana sentiu obliterou a sua réstia de controlo. — Atreveis-vos a dizer que eu... vós, que haveis sacrificado o vosso irmão à vossa própria inveja e ganância?

Sentiu o rosto molhado; Bento tinha-lhe atirado com o conteúdo da taça à cara. O vinho forte ardia-lhe nos olhos, fazendo correr as lágrimas; correu-lhe também pela garganta, engasgando-a e fazendo-a cuspir.

— Levai-o para o calabouço — ordenou Bento.

— Não!

Joana libertou-se dos guardas com um grito agudo. Tinha de chegar ao pé de Sérgio antes que Bento o envenenasse contra ela. Correu

apressadamente pela sala, a caminho do triclinium.

— Agarrai-o! — gritou Bento.

O barulho dos passos dos guardas soava atrás dela. Joana dobrou uma esquina e correu desesperadamente na direcção das luzes que brilhavam no triclinium.

Estava a poucos passos da entrada quando a agarraram e atiraram ao chão. Ela tentou levantar-se, mas os guardas ataram-lhe os braços e as pernas. Indefesa, levaram-na.

Transportaram-na por corredores desconhecidos e por escadas que desciam tão fundo e tão longe que Joana começou a pensar se teriam fim. Finalmente, os guardas pararam diante de uma porta em madeira maciça, trancada com uma barra em ferro; levantaram o ferrolho e a porta abriu-se, rangendo. Puseram Joana de pé e atiraram-na lá para dentro. Ela caiu numa escuridão húmida e ficou com os pés dentro de água. A porta fechou-se com um estrondo aterrador e a escuridão tornou-se absoluta.

Os passos dos guardas afastaram-se pelo corredor abaixo.

Joana levantou-se de braços estendidos, tacteando na escuridão. Tocou no seu saco — não se tinham lembrado de lho tirar, o que era uma pequena bênção. Meteu a mão dentro do saco, sentindo os vários pacotes e frasquinhos, reconhecendo cada um deles pela forma e o tamanho. Finalmente, encontrou o que procurava — a caixa com o seu sílex e o pequeno coto de vela que ela usava para aquecer as suas poções.

Pegou no sílex e raspou-o no lado da caixa em metal, lançando faíscas ao pavio seco. Ele acendeu rapidamente. Ela chegou a vela à chamazinha, que se tornou mais firme, espalhando a sua luz amarela em volta dela, num suave elo.

A luz brilhou, trémula, na escuridão, revelando sombras e contornos incertos. A cela era grande. Tinha cerca de trinta pés de comprimento e vinte de largo. As paredes eram em pedra, suja e escurecida pelos anos. Pelo aspecto escorregadio do chão, Joana adivinhou que ele também fosse em pedra, apesar de ser impossível ter a certeza porque estava coberto com várias camadas de água lamacenta e estagnada.

Ela levantou mais a vela, espalhando o seu círculo de luz.

Num canto mais afastado, descortinou uma sombra — uma forma humana, pálida e etérea como um fantasma.

Não estou sozinha. Sentiu-se aliviada, mas, depois, imediatamente assustada. Afinal, aquele era um lugar de castigo. Seria um louco ou um assassino — ou talvez ambas as coisas?

— Dominus tecum — disse ela, a medo.

O homem não respondeu. Ela repetiu a saudação em vernáculo acrescentando:

— Eu sou João Anglicus, padre e médico. Posso fazer alguma coisa por vós, Irmão?

O homem estava sentado, encostado à parede, com os braços e as pernas afastadas. Joana aproximou-se. A luz da vela bateu na cara do homem - mas, não era uma cara, era uma caveira, uma cabeça de um morto horrenda, com pedaços de carne podre e de cabelos.

Com um grito, Joana afastou-se e correu, chapinhando, para a porta. Bateu na porta pesada.

— Tirem-me daqui!

Bateu até ficar com os pulsos em carne viva.

Ninguém respondeu. Não apareceu ninguém. Iam deixá-la ali morrer na escuridão.

Cruzou os braços, tentando parar de tremer. Lentamente, a onda de terror e de desespero começou a abrandar. Sentiu crescer dentro de si outro sentimento — uma determinação teimosa em sobreviver, em lutar contra a injustiça que a tinha posto ali. A mente, temporariamente embotada pelo medo, voltou a começar a raciocinar. Não posso perder a esperança, pensou ela, resolutamente. Sérgio não deixará que eu fique neste calabouço para sempre. Primeiro ficará furioso, quando ouvir a versão de Bento acerca daquilo que teceu com Marioza, mas, ao fim de alguns dias, vai acalmar e vai mandar chamar-me. Tenho de esperar até lá. Começou a andar cuidadosamente à volta da cela. Encontrou os restos de mais três presos, mas, desta vez, já estava preparada e eles não eram tão assustadores como o primeiro porque os seus ossos há muito que tinham perdido qualquer vestígio de carne. A sua exploração também a levou a fazer uma descoberta importante: um dos lados da cela era mais alto do que o outro, do lado mais alto, a água lamacenta parava antes de chegar ao pé da parede, deixando uma longa faixa de chão seco. Encostado à parede, estava um cobertor em lã rasgado, cheio de buracos, mas, mesmo assim, uma protecção útil contra

o frio penetrante da câmara subterrânea. No outro canto da sala, encontrou outra coisa, um colchão em palha ensopado de água. Era grosso e estava bem feito. Estava tão cheio que a sua parte de cima ainda estava seca. Joana arrastou-o para o lado mais alto da sala e sentou-se, poisando a vela ao lado. Abriu o saco e tirou um pouco de heléboro, espalhando o pó preto venenoso à sua volta, num círculo amplo, uma linha traçada contra os ratos e outros vermes. Depois, pegou num pacote de pó de raiz de carvalho e noutro com salva seca, esmagou-a e deitou-a num frasquinho com vinho misturado com mel. Virando cuidadosamente o frasquinho com o líquido precioso, bebeu um trago para resistir aos humores negativos daquele lugar. Depois, deitou-se no colchão, apagou a vela e cobriu-se com o cobertor rasgado. Ficou imóvel na escuridão. Tinha feito tudo o que era possível de momento. Agora, tinha de descansar e poupar as suas forças, até chegar a hora de Sérgio a mandar chamar.

Capítulo 21

Era a Festa da Ascensão e a celebração do dia ia ser na Igreja titular de São Prassede. Apesar de o Sol mal ter acabado de nascer, os fiéis já estavam reunidos, enchendo de movimento, cor e conversas a rua do Patriarchum.

As enormes portas em bronze do Patriarchum abriram-se, finalmente. Os primeiros a aparecerem foram os acólitos e outros clérigos com ordens menores, que saíram a pé, humildemente. Seguia-se-lhes um grupo de guardas a cavalo, que olhavam atentamente para a multidão, à procura de potenciais agitadores. Atrás deles, apareceram os diáconos e notários das sete regiões eclesiásticas, cada um deles precedido por um clérigo ostentando o estandarte com os siina da sua região.

Depois, vinha o arcebispo e o primicerius dos defensores, seguido pela sua irmandade.

Finalmente, apareceu o papa Sérgio, revestido com um manto magnífico, adornado a ouro e prata, montado num cavalo enorme, arreado com seda branca. Imediatamente a seguir, vinham os optimates, os principais dignitários da administração papal, por ordem de importância: Arighis, o vicedominus e depois o vestiarius, o sacellarius e o nomenclator.

O longo cortejo atravessou o pátio do Laterano, evoluindo com uma dignidade solene. Passou pela estátua em bronze da loba, mater romanorum, ou mãe dos romanos, que os antigos acreditavam ter amamentado Rómulo e Rémulo. A estátua tinha ocasionado bastante controvérsia porque havia quem dissesse que era uma blasfémia que estivesse uma peça de idolatria pagã diante dos muros do palácio papal, enquanto outros a defendiam com igual paixão, louvando a sua beleza e a excelência da sua arte.

Ao passar por trás da loba, a procissão virou para norte, passando por baixo do grande arco do aqueduto de Cláudio, com o seu belo trabalho em pedra, na direcção da velha Via Sacra, a estrada sagrada que os papas tinham atravessado desde tempos imemoriais.

Sérgio pestanejou por causa dos raios de sol. Doía-lhe a cabeça e o balanço ritmado do seu cavalo estava a pô-lo tonto, agarrou-se às rédeas para se endireitar. É o preço que pago pela gula, pensou ele, penitenciando-se. Tinha voltado a pecar, empanturrando-se com comida e vinho abundantes. Com remorsos da sua fraqueza, Sérgio resolveu — pela vigésima vez naquela semana — regenerar-se.

Pensou em João Anglicus com um baque de arrependimento.

Sentia-se muito melhor quando o padre estrangeiro era médico dele. Mas, claro que era impensável mandá-lo regressar, depois daquilo que ele tinha feito. João Anglicus era um pecador detestável, um padre que tinha quebrado o mais sagrado de todos os votos.

— Deus abençoe o Senhor Papa!

A multidão rejubilante voltou a chamar Sérgio à realidade.

Fez o sinal da cruz, abençoando-os e lutando contra o enjoo, à medida que a procissão evoluía com uma dignidade solene, percorrendo a linha estreita da Via Sacra.

Tinham acabado de passar pelo Mosteiro de Honório quando se espalhou a confusão entre a multidão. Um homem a cavalo vinha na sua

direcção. O cavalo e o cavaleiro tinham sido sujeitos a um grande esforço, o cavalo espumava da boca, os seus quadris estavam agitados. As roupas do cavaleiro estavam rasgadas e o seu rosto negro, como o dos sarracenos, coberto de pó da estrada. Ele puxou as rédeas do cavalo e apeou-se à frente do cortejo.

— Como vos atreveis a interromper este cortejo sagrado? — perguntou o arcebispo Eustácio, indignado. — Guardas, levai este homem e flagelai-o. Cinquenta chicotadas ensiná-lo-ão a ter mais respeito!

— Ele... vem...

O homem estava tão ofegante que as suas palavras mal se percebiam.

— Esperai — disse Sérgio, detendo os guardas. — Quem vem lá?

— Lothar — disse o homem.

— O Imperador? — perguntou Sérgio, espantado.

O homem confirmou com um aceno de cabeça:

— À frente de um exército enorme de francos. Santidade, ele jurou vingança de sangue contra vós e esta cidade por causa do agravo cometido contra ele.

Ouviu-se um murmúrio de consternação entre a multidão.

— Agravo?

Por um momento, Sérgio não foi capaz de compreender o que isto poderia significar. Depois, lembrou-se.

— A consagração!

Após a eleição de Sérgio, a cidade tinha avançado com a cerimónia consecratória sem esperar pela aprovação do imperador. Isto constituía uma grave violação da carta de 824, que concedia a Lothar o direito de jussio imperial, ou ratificação, de um papa eleito antes da consagração. Apesar disso, o passo dado tinha sido muito aplaudido porque as pessoas encaravam-no como uma reafirmação orgulhosa da independência romana face à longínqua coroa franca. Foi um desrespeito claro e deliberado por Lothar, mas, como a jussio era mais simbólica do que efectiva — porque o imperador nunca tinha deixado de confirmar um papa eleito — ninguém acreditou que Lothar fizesse fosse o que fosse.

— Onde está o imperador? — a voz de Sérgio não passava de um sussurro.

— Em Viterbo, Santidade.

Esta notícia foi recebida com gritos de alarme. Viterbo fazia parte da região rural romana, ficando apenas a dez dias de caminho de Roma.

— Meu senhor, ele é uma praga sobre a terra — a língua do homem soltou-se, agora que tinha recuperado o fôlego — os seus soldados saqueiam tudo quanto encontram, pilham as quintas, levam todos os víveres, arrancam as vinhas pela raiz. Levam o que querem e o que não querem, queimam-no. Matam sem piedade aqueles que se lhes atravessam no caminho — mulheres, velhos, crianças de colo — não poupam ninguém. É um horror — a sua voz quebrou-se — um horror que não se pode imaginar.

Aterrado e inseguro, o povo olhou para o Papa. Mas, não puderam encontrar nele qualquer conforto. Diante dos olhos horrorizados dos romanos, o rosto de Sérgio empalideceu, os olhos reviraram-se e caiu para a frente, desmaiado.

— Oh, morreu!

O grito de lamento ecoou numa dúzia de outras línguas. Os guardas papais apressaram-se a ladear Sérgio, apeando-o do cavalo e levando-o para o Patriarchium. O resto do cortejo seguiu atrás dele.

A multidão assustada apinhou-se no pátio, ameaçando entrar num pânico perigoso. Os guardas avançaram com chicotes e espadas, dispersando-os pelas vielas estreitas e escuras, a caminho do terror solitário das suas casas.

*** * ***

O pânico e a agitação aumentaram quando os refugiados começaram a entrar pelas portas da cidade, provenientes do campo em redor, de Farfa e Narni, Laurentum e Civitavecchia.

Vinham em grupos, com as suas magras posses às costas, com os mortos empilhados em carruagens. Todos contavam histórias parecidas sobre a depredação e a selvajaria franca. Estes relatos aterradores estimularam o esforço da cidade em fortalecer as suas defesas: os romanos trabalhavam dia e noite, com toda a energia, para retirar as camadas de terra

que se tinham acumulado junto às muralhas da cidade, ao longo dos séculos, e que facilitavam a entrada ao inimigo.

Os sacerdotes da cidade estavam ocupados desde a hora prima até às vésperas, rezando missa e ouvindo confissões. As igrejas estavam cheias a rebentar pelas costuras, com as fileiras de fiéis engrossadas por uma multidão de caras desconhecidas — porque o medo tinha transformado muitos cristãos pouco convictos em crentes fervorosos. Acendiam velas, piedosamente, e erguiam a voz em orações pela segurança dos seus lares e das suas famílias — e pelas melhoras de Sérgio, que estava doente e do qual dependia toda a sua esperança. Que Deus dê forças ao nosso Senhor Papa, rezavam eles, porque era certo que ele iria precisar de muita força para salvar Roma do demónio Lothar.

A voz de Sérgio ergueu-se e entoou as melodias fluidas do canto romano, mais sincera e suave do que a de qualquer outro rapaz da schola cantorum. O mestre do canto sorriu com um tom aprovador. Encorajado, Sérgio cantou ainda mais alto, com a sua voz de soprano subindo cada vez mais, num êxtase gozoso, chegando a acreditar por instantes que ela o elevaria a ele próprio até ao Céu.

O sonho terminou e Sérgio acordou. O medo, vago e indefinido, enchia a sua mente, fazendo o seu coração bater mais depressa, sem ele perceber porquê.

Lembrou-se, com uma náusea.

Lothar.

Sentou-se. A cabeça latejava-lhe e a boca sabia-lhe mal.

— Celestino! — a sua voz rangeu como a de uma dobradiça enferrujada.

— Santidade!

Celestino levantou-se do chão, ensonado. Parecia um querubim celestial, com as suas bochechas de um rosado suave, os seus olhos redondos infantis e o seu cabelo louro comprido.

Tinha dez anos e era o mais jovem dos cubicularii, o pai de Celestino era um homem muito influente na cidade, por isso ele tinha vindo para o Laterano mais cedo do que a maioria. Bem, pensou Sérgio, não é mais jovem do que eu era quando me tiraram de casa dos meus pais.

— Trazei-me o Bento — ordenou ele. — Quero falar com ele.

Celestino acenou com a cabeça e apressou-se, abafando um bocejo.

Um dos servos da cozinha entrou com uma bandeja com pão e presunto. Sérgio não devia quebrar o jejum senão depois de ter celebrado a missa — porque as mãos que tocavam nos dons eucarísticos tinham de estar libertas de qualquer mancha mundana. Mas, em privado, estas delicadezas de forma eram frequentemente desrespeitadas — especialmente, com um papa com um apetite tão prodigioso.

Mas, esta manhã, o cheiro do presunto enjoou Sérgio. Afastou o tabuleiro.

— Levai isto daqui.

Entrou um notário e anunciou:

— Sua Graça, o Arcipreste, espera por vós no triclinium.

— Ele que espere — respondeu Sérgio, num tom seco. — Primeiro, falarei com o meu irmão.

O bom senso de Bento, neste caso, tinha-se revelado útil.

Tinha sido sua a ideia de tirar dinheiro do tesouro papal para comprar Lothar. Cinquenta mil soldos em ouro deviam ser suficientes para suavizar o orgulho ferido, mesmo que fosse o de um imperador.

Celestino voltou, não com Bento, mas com Arighis, o vicedominus.

— Onde está o meu irmão? — perguntou Sérgio.

— Foi-se embora, Santidade — respondeu Arighis.

— Foi-se embora?

— Ivo, o porteiro, viu-o partir antes do nascer do Sol com perto de uma dúzia de subordinados. Pensámos que sabíeis.

Sérgio sentiu a bílis subir-lhe à boca.

— O dinheiro?

— Bento recolheu-o na noite passada. Havia onze cofres. Ele tinha-os consigo quando partiu.

— Não!

Mas, no próprio momento em que estava a pronunciar a palavra, Sérgio sabia que era verdade. Bento tinha-o traído.

Estava indefeso. Lothar viria e não havia nada, nada que Sérgio pudesse fazer para o deter.

Sentiu uma onda de náuseas. Encostou-se à cama, esvaziando para o chão o conteúdo azedo do seu estômago.

Tentou levantar-se, mas não foi capaz, sentia uma dor nas pernas que o imobilizava. Celestino e Arighis correram a ajudá-lo, levantando-o. Encostando a cara à almofada, Sérgio começou a chorar perdidamente, como uma criança.

Arighis virou-se para Celestino e disse:

— Ficai com ele. Eu vou aos calabouços.

Joana ficou a olhar para a malga de comida à sua frente.

Havia uma crostazinha de pão duro e alguns pedaços de carne cinzenta, com vermes, o cheiro a podre entrou-lhe pelas narinas. Já não comia há alguns dias porque os guardas, quer fosse por desleixo, quer fosse propositadamente, não lhe traziam comida todos os dias. Ficou a olhar para a carne, com a fome a lutar com o juízo. Acabou por afastar a malga.

Pegando na crosta de pão, deu-lhe uma pequena dentada, mastigando-a lentamente, para durar mais.

Há quanto tempo estava ali? Havia duas semanas? Três? Estava a começar a perder a noção do tempo. A escuridão permanente desorientava-a. Tinha poupado a vela, acendendo-a apenas para comer ou para preparar medicamentos, que tirava do saco. Mesmo assim, a vela estava reduzida a um pequenino coto de cera, que só chegava para mais uma ou duas horas de luz preciosa.

Mais terrível ainda do que a escuridão era a solidão. O silêncio total e constante enervava-a. Para se manter lúcida, Joana impôs-se a si própria uma série de tarefas mentais: recitar de cor toda a Regra de São Bento, os cento e cinquenta salmos e o Livro dos Actos dos Apóstolos. Mas, estas tarefas de memória rapidamente se tornaram demasiado rotineiras para manter a sua atenção vigilante.

Lembrava-se como o grande teólogo Boécio, que também tinha estado preso, tinha encontrado forças e consolo na oração.

Ajoelhava-se durante horas na pedra fria do chão da cela, tentando rezar. Mas, não sentia nada no fundo do seu ser, senão vazio. A semente da dúvida, plantada na sua infância pela sua mãe, tinha criado raízes na sua

alma. Ela tentou arrancá-las, erguer-se para a luz da graça, mas não era capaz.

Deus estaria a ouvir? Será que Ele existia, sequer? Começou a perder a esperança, à medida que os dias passavam sem notícias de Sérgio.

Deu um salto ao ouvir um ruído metálico, quando alguém abriu a tranca da porta. Pouco depois, a porta abriu-se para trás, lançando luz na escuridão. Protegendo os olhos da luz, Joana aproximou-se da entrada. Viu a silhueta de um homem contra a luz.

— João Anglicus? — perguntou ele, inseguro, na escuridão.

Reconheceu imediatamente a voz.

— Arighis! — disse Joana, aliviada, quando se levantou e se encaminhou por cima da água estagnada na direcção do vicedominus papal. — Vindes da parte de Sérgio?

Arighis abanou a cabeça.

— Sua Santidade não deseja ver-vos.

— Então, porquê...?

— Ele está muito doente. Em tempos, destes-lhes remédios que o ajudaram, tendes algum convosco, agora?

— Tenho.

Joana pegou num pacote com pó de cólquico, que tinha no saco. Arighis estendeu a mão para lhe pegar, mas Joana recuou.

— O que foi? — perguntou Arighis. — Odiais o Papa assim tanto? Cuidado, João Anglicus! Desejar mal ao Vigário escolhido por Cristo é colocar a vossa alma imortal em perigo grave.

— Eu não o odeio — disse Joana, com sinceridade. Sérgio não era mau homem, ela sabia-o bem, era apenas fraco e demasiado confiante no seu irmão venenoso. — Mas, não entrego este remédio em mãos sem conhecimentos. Ele tem muito poder e o seu mau uso pode ser fatal.

Isto não era inteiramente verdade porque o pó de raiz não era tão forte como ela tinha dito, seria necessária uma dose muito grande para causar algum mal. Mas, era a sua única oportunidade de alcançar a liberdade, não deixaria que a porta voltasse a fechar-se.

— Além disso, — acrescentou ela — como hei-de saber se Sérgio sofre da mesma doença que tinha antes? Para curar Sua Santidade, tenho que o ver primeiro.

Arighis hesitou. Libertar o preso seria um acto de insubordinação, uma desobediência directa a uma ordem do Senhor Papa. Mas, se Sérgio morresse com o imperador franco às portas, o papado, a própria cidade de Roma, podiam perecer.

— Vinde — disse ele, decidindo de repente. — Vou levar-vos a Sua Santidade.

Sérgio estava encostado às fofas almofadas de seda da cama papal. O auge da dor já tinha passado, mas tinha-o deixado exausto e fraco como um gatinho recém-nascido.

A porta do quarto abriu-se e Arighis entrou, seguido de João Anglicus.

Sérgio começou a dizer, num tom violento:

— O que está este pecador a fazer aqui?

Arighis disse:

— Veio com um remédio poderoso, que restabelecerá a vossa saúde.

Sérgio abanou a cabeça:

— A verdadeira medicina vem de Deus. A graça da Sua cura não será transmitida através de um meio tão impuro.

— Eu não sou impuro — protestou Joana. — Bento mentiu-vos, Santidade.

— Estáveis na cama da prostituta — replicou Sérgio num tom acusador. — Os guardas viram-vos.

— Eles viram o que era suposto verem, o que lhes tinham dito para observarem — replicou Joana. Explicou rapidamente como Bento tinha conspirado para a apanhar numa armadilha.

— Eu não queria ir lá — disse ela —, mas Arighis insistiu.

— É verdade, Santidade. — confirmou Arighis. — João Anglicus pediu se eu não podia mandar um dos outros médicos. Mas, Bento tinha insistido que devia ser João Anglicus e não outro a ir.

Sérgio ficou muito tempo em silêncio. Finalmente, disse numa voz sumida:

— Se isso é verdade, fostes gravemente prejudicado.

Caindo em desespero, disse:

— A vinda de Lothar é o castigo de Deus por todos os meus pecados!

— Se Deus quisesse castigar-vos, encontraria uma maneira mais fácil de o fazer — disse Joana. — Porque haveria de sacrificar a vida de milhares de inocentes, quando vos poderia abater com um só golpe?

Sérgio foi apanhado de surpresa. Isto não lhe tinha ocorrido, em virtude do alto conceito de si mesmo, típico dos poderosos.

— A vinda de Lothar não é um castigo — prosseguiu Joana. — É uma prova, uma prova à fé. Tendes de guiar o povo com a força do vosso exemplo.

— Estou doente no corpo e no espírito. Deixai-me morrer.

— Se morrerdes, a vontade do povo morrerá convosco. Tendes de ser forte, por causa deles.

— Que diferença faz? — disse Sérgio, desesperado. — Não podemos vencer as forças de Lothar, seria preciso um milagre.

— Então — disse a Joana com firmeza — temos de fazer um.

No dia seguinte ao Domingo de Pentecostes, a data em que se previa que Lothar chegasse, a piazza diante da Basílica de São Pedro começou a encher-se com membros das várias scholae da cidade, vestidos com os seus melhores fatos.

Lothar não tinha feito uma declaração formal de hostilidade, portanto tinha sido planeada uma recepção em consonância com uma personagem de tão alto gabarito. A demonstração inesperada de boas-vindas talvez o desarmasse durante o tempo suficiente para pôr em execução a segunda parte do plano de Joana.

A meio da manhã, estava tudo pronto. Sérgio deu sinal e o primeiro grupo, os judices, avançou com os estandartes amarelos ostentando as suas insígnias flutuando por cima das suas cabeças. Atrás deles, avançaram os defensores e os diáconos, depois, a pé, as várias sociedades de estrangeiros — frígios, francos, saxónios, lombardos e gregos. Encorajavam-se uns aos outros, à medida que desciam a Via Triumphalis, passando pelos esqueletos decadentes dos templos pagãos que ladeavam a via antiga.

Deus lhes permita que não estejam a caminhar para a morte, pensou Joana. Depois, virou-se para Sérgio. Ele tinha melhorado muito nos últimos dias, mas estava longe de estar bem. Será que ele iria aguentar aquele dia? Joana falou com um camareiro, que foi buscar uma cadeira, na qual Sérgio se sentou agradecido. Joana deu-lhe um pouco de sumo de limão misturado com mel para o fortalecer.

Agora, cinquenta dos homens mais poderosos de Roma estavam reunidos à entrada da basílica: eram todos funcionários superiores da administração do Laterano, um grupo escolhido de cardeais-presbíteros, duques e príncipes da cidade, juntamente com o seu séquito.

O arcipreste Eustácio guiou-os numa breve oração e, depois, ficaram todos em silêncio. Não havia mais nada a fazer senão esperar.

Com rostos crispados, não tiravam os olhos do ponto da estrada onde ela se perdia de vista por trás das sebes e prados da planície de Nero.

O tempo passava com uma lentidão insuportável. O Sol subia num céu sem nuvens. A brisa da manhã abrandou, depois, morreu, fazendo com que os estandartes pendessem das suas hastes.

Enxames de moscas começaram a voar em torno das cabeças, zumbindo no ar silencioso.

Tinham passado mais de duas horas desde que o cortejo tinha saído. Já deviam ter voltado!

Começou a ouvir-se um leve ruído à distância. Eles apuraram o ouvido. O barulho voltou a ouvir-se, contínuo e inequívoco - o som de vozes distantes, que cantavam.

— Deo gratias — suspirou Eustácio, quando se viram os estandartes dos judices a flutuar, emergindo do horizonte verde como velas amarelas sobre o mar.

Momentos depois, apareceram os primeiros cavaleiros, seguidos por membros das várias scholae, a pé. Atrás deles marchava uma multidão escura, que se espraiava até onde a vista alcançava - o exército de Lothar. Joana susteve a respiração, nunca tinha visto um exército tão grande.

Sérgio levantou-se, apoiando-se no seu báculo. A vanguarda do cortejo dirigiu-se para a basílica e abriu alas, deixando uma passagem para o imperador.

Lothar passou pelo meio. Ao olhar para ele, Joana era bem capaz de acreditar nas histórias de uma crueldade bárbara que o tinham precedido. Era atarracado, possuía um pescoço grosso e uma cabeça maciça, o seu rosto era rude e achatado e os seus olhos pequenos deixavam transparecer uma inteligência malévola.

Os dois grupos rivais enfrentaram-se, um escuro e enlameado por causa dos rigores da estrada, o outro impoluto e brilhando nas suas vestes alvas de clérigos. Por trás de Sérgio, o telhado de São Pedro erguia-se brilhando, com as suas placas em prata reluzindo à luz da manhã — o coração espiritual da Igreja, o farol do mundo, o santuário mais sagrado de toda a Cristandade. Diante de tal grandeza, até os imperadores se curvavam.

Lothar desmontou, mas não se ajoelhou para beijar o degrau da basílica, costume que demonstrava reverência. Limitou-se a subir as escadas, seguido por um grupo de homens armados. Os prelados que estavam reunidos diante das portas abertas da basílica recuaram assustados, a guarda papal rodeou Sérgio para o proteger, com as mãos sobre as espadas.

De repente, as portas da basílica de São Pedro rangeram e começaram a fechar-se. Lothar deu um salto para trás. Os seus homens pegaram nas suas espadas, depois, ficaram espantados, olhando de um lado para o outro. Mas, não havia ali ninguém. As portas moveram-se lentamente nos seus gonzos, como que empurradas sobrenaturalmente. Depois, fecharam-se com um estrondo final e definitivo.

Agora, Joana desejou que Sérgio agisse. Como se tivesse ouvido a sua ordem silenciosa, ele levantou-se, estendendo os braços num tom dramático. O homem fraco e doente de alguns dias antes tinha desaparecido, no seu camelaucum branco e nas suas vestes douradas, parecia imponente, majestático.

Falou em franco, para ter a certeza que os soldados de Lothar compreenderiam:

— Eis a mão de Deus — entoou ele, solenemente —, que protegeu o mais sagrado dos Seus altares contra vós.

Os homens de Lothar gritaram assustados. O imperador não saiu de onde estava, desconfiado.

Agora, Sérgio começou a falar em latim:

— Si pura mente et prosalute Reipublicae huc advenisti... Se viestes à república com uma mente pura e com boas intenções, entrai, sede bem-vindo, se não, então nenhum poder terreno vos abrirá estas portas.

Lothar hesitou, ainda desconfiado. Sérgio tinha operado um milagre? Ele duvidava, mas, não podia ter a certeza: os caminhos de Deus eram misteriosos. Além disso, a sua posição, agora, estava consideravelmente enfraquecida porque os seus homens, aterrados, tinham caído de joelhos, com as espadas a caírem-lhe das mãos.

Com um sorriso artificial, Lothar abriu os braços a Sérgio.

Os dois homens oscularam-se, com os lábios encontrando-se no beijo formal da paz.

— Benedictus qui venit in nomine Domini — cantou o coro, rejubilante. — Bendito o que vem em nome do Senhor.

As portas começaram a mover-se novamente. Os painéis cobertos a prata começaram a abrir-se, perante os olhos abismados de todos. De braço dado, com os rejubilantes sons do Hosana a soarem-lhes aos ouvidos, Sérgio e Lothar entraram na basílica para rezar diante do sepulcro do Abençoado Apóstolo.

As dificuldades com Lothar ainda não tinham terminado — ainda era preciso apresentar explicações, pedir desculpas, negociar vantagens, fazer concessões. Mas, o perigo imediato tinha sido afastado. Joana pensou em Geraldo e em como ele teria ficado divertido se tivesse visto a forma como ela tinha utilizado o seu truque hidráulico com a porta. Lembrou-se dele, dos seus olhos azuis cheios de humor, da sua cabeça deitada para trás numa gargalhada generosa de que ela se lembrava tão bem.

Estranho, como são as coisas do coração! Era possível passar anos e anos habituada à perda, reconciliada com ela e, depois, num momento de fraqueza, a dor reaparecia, aguda e crua, como de uma ferida aberta.

Capítulo 22

Geraldo suspirou de alívio quando desceu, juntamente com os seus homens, a última encosta do Monte Cenis. Com os Alpes atrás deles, a parte pior da viagem já estava terminada. A Via Francigena estendia-se à frente deles, abençoadamente plana e bem conservada, uma vez que ainda mantinha o seu velho pavimento em pedra, lançado pelos romanos em tempos imemoráveis.

Geraldo pôs o cavalo a trote. Talvez agora conseguissem recuperar o tempo que tinham perdido. Um nevão fora da época tinha tornado a estreita passagem alpina extremamente perigosa, tinham morrido dois homens quando as suas montadas perderam o pé no chão escorregadio, levando os cavalos e os cavaleiros à morte. Geraldo tinha-se visto forçado a parar até as condições melhorarem, o atraso aumentara ainda mais a distância entre eles e a vanguarda do exército imperial, que, agora, já devia estar próximo de Roma.

Não importava, Lothar não iria sentir a sua falta. Esta divisão da retaguarda era constituída apenas por duzentos homens — senhores e pequenos latifundiários que tinham chegado tarde à inspecção primaveril, no Campo de Marte. Era um comando insultuoso para um homem da envergadura de Geraldo.

Nos três anos seguintes à Batalha de Fontenoy, a relação de Geraldo com o imperador Lothar ia de mal a pior. Lothar tinha-se tornado cada dia mais tirânico, fazendo-se rodear de seguidores bajuladores que passavam a vida a lisonjeá-lo. Ele não tinha qualquer tolerância para súbditos como Geraldo, que continuavam a manifestar as suas opiniões de forma honesta — como, por exemplo, quando ele o tinha desaconselhado da presente expedição romana.

— As nossas tropas são necessárias na costa da Frígia — tinha argumentado Geraldo —, para nos defenderem dos normandos. Os seus

ataques estão a tornar-se cada vez mais frequentes e destrutivos.

Era verdade. No ano anterior, os normandos tinham atacado São Wandrille e Utreque, na Primavera anterior tinham navegado pelo Sena e tinham queimado Paris! Isto tinha provocado uma onda de terror por toda a região rural. Se uma cidade tão grande como Paris, no coração do império, não estava a salvo dos bárbaros, então, nenhum lugar estava.

Mas, a atenção de Lothar estava concentrada em Roma, que se tinha atrevido a proceder à consagração do papa Sérgio sem pedir primeiro a sua aprovação imperial — uma omissão que Lothar tomou como uma afronta pessoal.

— Mandai um emissário a Sérgio, manifestando-lhe o vosso desagrado real — aconselhou-o Geraldo. — Castigai os romanos recusando-lhes o pagamento da feoh de Roma. Mas, deixai ficar aqui os nossos combatentes, onde eles são necessários.

Lothar tinha ficado furioso com este desafio à sua autoridade. Em retaliação, tinha atribuído a Geraldo o comando desta divisão de retaguarda.

Tinham evoluído bem em terreno pavimentado, fazendo quase quarenta milhas antes do anoitecer, mas não tinham passado por uma única cidade ou vila. Geraldo já se tinha resignado a passar outra noite ao relento, deitado à beira da estrada, quando viu uma espiral de fumo erguer-se acima das copas das árvores.

Deo gratias! Havia uma aldeia mais adiante, ou, pelo menos, um povoado qualquer. Agora, Geraldo e os seus homens estavam certos de conseguirem passar a noite dormindo confortavelmente. Ainda não tinham entrado em território papal; o Reino da Lombardia, que eles atravessavam, era território imperial e a hospitalidade exigia que os viajantes fossem bem recebidos — se não dando-lhes camas dentro de casa, pelo menos, no feno, em estábulos quentes e secos.

Fizeram uma curva e viram que o fumo não vinha de nenhuma fogueira de boas-vindas, mas sim das ruínas de casas completamente destruídas pelo fogo, que ainda fumegavam. Devia ter sido uma povoação próspera; Geraldo contou quinze edifícios em ruínas. O fogo devia ter sido ateado por alguma faúlha de uma lâmpada ou fogueira deixada ao descuido; estas calamidades não eram raras quando as casas eram de madeira e de feno.

Passando pelas casas fumegantes, Geraldo lembrou-se de Villaris. O seu aspecto era semelhante naquele dia, havia muito tempo, que ele tinha regressado, encontrando tudo queimado pelos normandos.

Lembrou-se de ter procurado Joana entre os destroços, ao mesmo tempo que tinha receado encontrá-la. Era espantoso — tinham-se passado quinze anos desde a última vez em que a tinha visto, mas a sua imagem estava gravada na sua mente como se tivesse sido na véspera: o caracol de cabelo dourado que lhe caía para a testa, a voz profunda e melodiosa, os olhos verde-acinzentados profundos, muito mais maduros do que a sua idade.

Esforçou-se por afastar aquele pensamento. Algumas coisas eram insuportavelmente dolorosas.

Uma milha para além da povoação destruída, junto ao cruzeiro que marcava o local onde convergiam duas estradas, estava uma mulher e cinco crianças andrajosas a pedir esmola. Quando Geraldo e os seus homens se aproximaram, a pequena família fugiu, assustada.

— Paz para vós, boa mãe — tranquilizou-a Geraldo. — Não vos vamos fazer mal.

— Tendes comida, senhor? — perguntou ela. — Para as crianças?

Quatro crianças correram para Geraldo, com as mãos estendidas, num pedido mudo, com os pequeninos rostos fechados marcados pela fome. A quinta, uma rapariga bonita, de cabelo escuro, com cerca de treze anos de idade, ficou para trás, agarrando-se à mãe.

Geraldo tirou do seu alforje o quadrado de pele de carneiro ensebada onde guardava a sua ração para os dias seguintes.

Restava-lhe um bom pedaço de pão, uma barra de queijo e um pouco de carne de veado seca. Começou a partir a fatia de pão ao meio, depois, viu as crianças a olharem. Ora, só faltam alguns dias para chegarmos a Roma; posso ir buscar biscoitos ao carro de mantimentos, pensou ele, dando-lhes o embrulho todo.

Com um grito de alegria, as crianças caíram em cima da comida como um bando de pássaros esfomeados.

— Sois da vila? — perguntou Geraldo à mulher, apontando para a ruína fumegante atrás dele.

A mulher acenou afirmativamente.

— O meu marido é moleiro.

Geraldo escondeu a sua surpresa. A figura andrajosa diante dele parecia tudo menos a esposa de um moleiro próspero.

— O que aconteceu?

— Há três dias, depois da sementeira da Primavera, vieram os soldados. Os homens do imperador. Disseram que tínhamos de jurar fidelidade a Lothar ou que morreríamos imediatamente às suas espadas. Por isso, jurámos.

Geraldo abanou a cabeça. As dúvidas de Lothar acerca desta parte da Lombardia não eram inteiramente infundadas porque era uma região que tinha sido acrescentada ao Império havia relativamente pouco tempo. Tinha sido adquirida pelo avô de Lothar, o grande imperador Carlos.

— Se fizestes o juramento — perguntou ele — porque foi destruída a vossa aldeia?

— Eles não acreditaram em nós. Chamaram-nos mentirosos e atiraram tochas para os nossos telhados. Quando tentámos apagar os fogos, eles impediram-nos, de espada na mão. Também deitaram fogo ao nossos armazéns de cereais, apesar de nós termos suplicado que não o fizessem, por causa das crianças.

Eles riram-se e chamaram-nos filhos de traidores, que mereciam morrer à fome.

— Vilões! — exclamou Geraldo, furioso.

Tinha tentado muitas vezes convencer Lothar de que ele não ia conseguir ganhar a lealdade dos súbditos através da força, mas sim através de um tratamento justo e do governo pela lei.

Como costume, as suas palavras tinham caído em ouvidos surdos.

— Levaram os homens todos — continuou a mulher — excepto os mais novos e os mais velhos. O imperador foi para Roma, segundo disseram, e precisava de homens para engrossar as tropas apeadas.

Começou a chorar.

— Levaram o meu marido e dois dos meus filhos — o mais novo só tem onze anos!

Geraldo franziu o sobrolho. As coisas tinham chegado a uma triste situação quando Lothar precisava de crianças para combaterem nas suas batalhas.

— Meu senhor, o que significa isto? — perguntou a mulher, ansiosa. — O imperador vai atacar a Cidade Santa?

— Não sei.

Até àquele momento, Geraldo pensava que Lothar apenas queria intimidar o papa Sérgio e os romanos, demonstrando-lhes o seu poder. Mas, a destruição daquela aldeia era um mau augúrio, com um estado de espírito tão vingativo, Lothar era capaz de tudo.

— Vinde, boa mãe — disse Geraldo. — Levar-vos-emos connosco para a próxima cidade. Isto não é um local seguro para vós e para os vossos filhos.

Ela abanou a cabeça com determinação.

— Eu não saio daqui. Como me irão encontrar o meu marido e os meus filhos, quando voltarem?

Se voltarem, pensou Geraldo, sombriamente. E disse para a rapariga de cabelo negro.

— Dizei à vossa mãe que venha connosco, por causa dos pequenos.

A rapariga ficou muda a olhar para Geraldo.

— Ela não pretende ser mal educada, senhor — desculpou-se a mãe. — Ela respondia se pudesse, mas não pode falar.

— Não pode falar? — perguntou Geraldo, admirado.

A rapariga parecia saudável e não dava sinais de ser atrasada.

— Cortaram-lhe a língua.

— Meu Deus!

A perda da língua era um castigo comum para ladrões e outros larápios que não obedeciam com a rapidez desejada à justiça legal. Mas, esta jovem inocente não era, certamente, culpada de nenhum crime.

— Quem fez isso? Certamente, não foi...

A mulher abanou a cabeça, tristemente.

— Os homens de Lothar serviram-se dela, depois, cortaram-lhe a língua para que ela não os pudesse acusar desse acto vergonhoso.

Geraldo estava petrificado. Estas atrocidades seriam de esperar de pagãos como os normandos ou os sarracenos — não dos soldados do imperador, defensores da lei e da ordem cristã.

Geraldo deu uma ordem bruscamente. Os seus homens dirigiram-se às carruagens e pegaram num saco de biscoitos e num pequeno barril de vinho, que colocaram no chão diante da pequena família.

— Deus vos abençoe — disse a mulher do moleiro, sentidamente.

— E a vós, boa mãe — disse Geraldo.

Seguiram caminho, passando por outras povoações saqueadas e desertas, ao longo do caminho. Lothar tinha deixado destruição atrás de si por todos os lugares por onde tinha passado.

Fidelis adjutor. Como súbdito fiel da coroa imperial, Geraldo estava obrigado, por honra, a servir o imperador com fidelidade. Mas, que honra existia em servir um selvagem como Lothar? O desrespeito com que o Imperador infringia a lei e todos os outros padrões de decência humana certamente varriam o vínculo da obrigação.

Geraldo levaria esta retaguarda do exército imperial até Roma, como tinha prometido. Mas, dali para a frente, estava determinado a abandonar para sempre o serviço do tirano Lothar.

Depois de Nepi, a estrada piorou. O caminho amplo, sólido e plano deu lugar a uma estrada estreita e deteriorada, cheio de buracos e de precipícios.

O pavimento romano tinha desaparecido, as velhas pedras tinham sido retiradas para serem utilizadas noutras construções — de facto, naqueles dias negros, era raro encontrar materiais de construção tão fortes como aqueles. Geraldo viu marcas da passagem de Lothar na terra escura, sulcada por grande quantidade de marcas de carruagens e de cavalos. Tinham de ter cuidado adicional com os cavalos, para não os ferirem com um passo mal dado.

Durante a noite, uma chuva intensa transformou a estrada num mar de lama intransponível. Em vez de fazer outra paragem, Geraldo decidiu cortar o caminho pelo meio do mato e seguir pela Via Palestrina, que os levaria até Roma através da porta oriental, de São João.

Cavalgaram rapidamente através de prados verdejantes e aromáticos de giestas e de florestas em flor, com as folhas de um verde-dourado primaveril. Emergindo de um canteiro de arbustos densos, encontraram, de repente, um grupo de cavaleiros escoltando uma pesada carruagem puxada por quatro cavalos.

— Saudações — disse Geraldo, dirigindo-se ao homem que parecia ser o seu chefe, um tipo moreno com olhos pequenos e papudos. — Podeis dizer-nos se vamos na direcção da Via Palestrina?

— Ides — respondeu o homem e virou-se para seguir caminho.

— Se vos dirigis para a Via Flaminia — disse Geraldo — é melhor pensardes melhor. A estrada está destruída, o vosso carro partirá os eixos a menos de dez jardas de caminho.

O homem disse:

— Não vamos para lá.

Era curioso. Para além da estrada, não havia nada naquela direcção, a não ser campo deserto.

— Onde ides? — perguntou Geraldo.

— Já vos disse o que precisáveis de saber — retorquiu o homem. — Segui caminho e deixai um honesto mercador fazer o seu negócio.

Não havia nenhum mercador vulgar que se dirigisse a um senhor de forma tão arrogante. Geraldo ficou ainda mais desconfiado.

— Qual é o vosso negócio? — perguntou Geraldo, aproximando-se do carro. — Talvez tenhais algo que eu esteja interessado em comprar.

— Afastai-vos — gritou o homem.

Geraldo retirou a cobertura do carro e o seu conteúdo ficou à mostra: uma dúzia de cofres em bronze presos por uma corrente em ferro, cada um deles com a marca distinta das insígnias papais.

Homens do Papa, pensou Geraldo. Devem ter sido mandados sair da cidade para transportarem o tesouro papal para fora do alcance de Lothar.

Pensou em aprisionar o tesouro e de o levar de volta a Lothar.

Mas, pensou: Não. Os romanos que salvem o que puderem. O papa não daria, certamente, melhor uso ao dinheiro do que Lothar, que se serviria dele apenas para financiar mais campanhas militares brutais e sangrentas. Estava prestes a partir, quando um dos romanos saltou do cavalo e se mostrou diante dele.

— Piedade, senhor! — gritou ele. — Poupai-nos! Não podemos morrer sem absolvição, com o peso deste grande crime sobre as nossas cabeças.

— Crime? — repetiu Geraldo.

— Tento na língua, louco!

O chefe esporeou o cavalo e teria pisado o outro, se Geraldo não o houvesse interceptado com a espada desembainhada. Os homens de Geraldo desembainharam imediatamente as suas espadas e cercaram os romanos, que, vendo como estavam em tão grande desvantagem, mantiveram, sensatamente, as suas espadas embainhadas.

— A culpa é de Bento! — disse o homem que estava no chão, numa explosão de fúria vingativa. — A ideia de roubar o dinheiro foi dele, não foi nossa!

Roubar o dinheiro?

O homem a quem tinham chamado Bento falou num tom firme.

— Não tenho contenda convosco, senhor, nem as nossas questiúnculas vos dizem respeito. Deixai-nos passar em paz e, em sinal da nossa gratidão, podeis ficar com um dos cofres. — Sorriu para Geraldo com um ar cúmplice. — Têm ouro suficiente para vos tornar um homem rico.

A oferta e a maneira como ela foi feita não davam margem para dúvidas.

— Prendei-o — ordenou Geraldo. — E aos outros também. Vamos levá-los e aos cofres para Roma.

O triclinium estava iluminado com a luz de centenas de archotes. Havia uma falange de criados por trás da mesa à qual se sentava o papa Sérgio, ladeado pelos altos dignitários da cidade: os padres de cada uma das sete regiões de Roma, à sua esquerda, os seus parceiros temporais, os sete defensores, à sua direita. Perpendicularmente a esta mesa e tão grande como ela, estava outra, à qual estavam sentados, em lugar de honra, Lothar e a sua comitiva. O resto da companhia, cerca de duzentos homens, estava sentada em bancos de madeira, à frente de longas mesas, no centro da sala. Pratos, jarros, copos e comensais amontoavam-se em torno das mesas, com as roupas já cheias de marcas de inúmeros pingos e nódoas.

Como não era nem quarta, nem sexta-feira, nem qualquer outro dia de jejum, a refeição não se confinou a pão e peixe, mas incluía também carne de vaca e de outros animais. Mesmo para a mesa do Papa, era um repasto extraordinário: havia pratos de capões com molho branco e ornamentados com romãs e carnes suculentas, terrinas de sopa, cheias com

pedaços tenros de coelho e de galinholas mergulhadas num creme espesso, que largava um aroma intenso, geleia de caranguejo e de lagosta, leitões inteiros barrados com gordura e grandes bandejas de veado assado, cabrito, pombo e ganso. No meio da mesa de Lothar, estava um cisne cozinhado e disposto de maneira que parecia estar vivo, com o seu bico e corpo prateados sobre uma massa de verduras, colocadas de forma a parecerem ondas do mar.

Sentada a uma das mesas no centro da sala, Joana olhava, preocupada, para a cena extravagante. Aquelas delícias podiam tentar Sérgio a excessos.

— Um brinde! — O conde de Mâcon, sentado ao lado de Lothar, levantou o seu copo. — À paz e amizade entre os nossos dois povos cristãos!

— Paz e amizade! — repetiram todos em coro e esvaziaram os seus copos. Os criados apressaram-se a encher novamente os copos, ao longo da mesa.

Seguiu-se uma quantidade de brindes. Quando, finalmente, já não tinham assunto para prestar uma homenagem líquida, começou o festim.

Joana olhava alarmada, vendo Sérgio comer e beber despreocupadamente. Os seus olhos começaram a inchar, o seu discurso a ficar entaramelado, a sua pele a escurecer terrivelmente. Naquela noite, ela ia ter de lhe dar uma dose forte de cólquico para prevenir outro ataque de gota.

As portas do triclinium abriram-se e um grupo de guardas entrou. Desviando-se, para evitarem os inúmeros servos que deambulavam pela sala, trazendo e levando pratos, os guardas encaminharam-se para o fundo da sala. Fez-se um silêncio súbito, quando os convidados se calaram e viraram a cabeça para verem qual a causa desta extraordinária intrusão. Este silêncio foi seguido por um murmúrio de surpresa, quando viram o homem que entrou no meio de soldados, com as mãos atadas e de olhos baixos: Bento.

Os círculos bem-humorados do rosto de Sérgio desapareceram-lhe do rosto, como ampolas que se tivessem esvaziado.

— Tu! — gritou ele.

Tarasius, o chefe dos guardas, disse:

— Um grupo de francos encontrou-o no campo. Ele tinha o tesouro consigo.

Bento tinha tido muito tempo na viagem de regresso a Roma para pensar no que ia dizer. Não podia negar que tinha levado o tesouro, uma vez que tinha sido apanhado com ele. Nem tinha conseguido pensar numa desculpa plausível para o que tinha feito, apesar de ter espremido o cérebro a pensar. Acabou por decidir que a melhor coisa a fazer seria implorar misericórdia do irmão. Sérgio tinha um coração bom — uma fraqueza que Bento desprezava, apesar de esperar conseguir utilizá-la para seu proveito.

Caiu de joelhos, levantando os braços na direcção do irmão.

— Perdoa-me, Sérgio. Pequei e arrependo-me humilde e sinceramente.

Mas, Bento não tinha contado com o efeito do vinho no temperamento do seu irmão. O rosto de Sérgio contorceu-se, ao mesmo tempo que se enfurecia inesperadamente.

— Traidor! — gritou ele. — Vilão! Ladrão!

Cada palavra era acompanhada de um murro violento em cima da mesa, que fazia os pratos saltarem.

Bento empalideceu.

— Irmão, peço-te...

— Levai-o! — ordenou Sérgio.

— Para onde havemos de o levar, Santidade? — perguntou Tarasius.

A cabeça de Sérgio andava à roda, tinha dificuldade em pensar. Só sabia que tinha sido traído e que queria vingar-se para o ferir como ele o tinha ferido.

— É um ladrão! — disse ele, amargamente. — Que seja castigado como um ladrão!

— Não! — Bento gritava, à medida que os guardas o agarravam.

— Sérgio! Irmão!

As últimas palavras ficaram a ecoar, quando ele foi levado da sala.

Sérgio empalideceu e deixou-se cair na cadeira. A cabeça pendeu-lhe para trás, os olhos reviraram, os seus braços e as suas pernas começaram a tremer descontroladamente.

— É mau olhado! — gritou alguém. — Bento enfeitiçou-o!

Os convidados gritavam consternados, benzendo-se para se protegerem contra as obras do demónio. Joana correu entre os bancos cheios de gente, apressando-se a chegar ao pé de Sérgio. O seu rosto estava azul. Ela pegou-lhe na mão e abriu-lhe os maxilares cerrados. Tinha a língua enrolada, bloqueando a passagem do ar. Pegando numa faca que estava em cima da mesa, Joana introduziu a lâmina dentro da boca de Sérgio, fazendo-a deslizar até à língua enrolada. Depois, puxou. Ouviu-se um ruído seco, quando a língua se desenrolou.

Sérgio tossiu e começou a respirar novamente. Joana fez pressão com a faca, mantendo a abertura livre. Pouco depois, o paroxismo tinha desaparecido. Com um gemido surdo, Sérgio desmaiou.

— Levai-o para a cama — ordenou ela. Vários servos levantaram Sérgio da sua cadeira e levaram-no pela porta, com a multidão apinhada, cheia de curiosidade.

— Deixai passar! Deixai passar! — gritou Joana, enquanto levavam o Papa inconsciente para fora da sala.

Quando chegaram ao seu quarto, Sérgio estava consciente.

Joana deu-lhe mostarda preta misturada com genciana para ele vomitar.

Depois, ele melhorou bastante. Ela deu-lhe uma dose forte de cólquico para ficar mais segura, misturando-a com sumo de papoila, para ele dormir melhor.

— Ficará a dormir até amanhã — disse ela a Arighis.

Arighis abanou a cabeça.

— Pareceis estar exausto.

— Estou bastante cansado — admitiu Joana. Tinha sido um longo dia e ela ainda não tinha recuperado completamente das semanas que tinha passado no calabouço.

— Enódio e outros da sociedade dos médicos estão à espera lá fora... Querem interrogar-vos sobre a recaída de Sua Santidade.

Joana suspirou. Não lhe apetecia enfrentar uma barreira de perguntas hostis, mas, segundo parecia, não havia nada a fazer. Dirigiu-se, penosamente, para a porta.

— Só um momento — Arighis fez-lhe sinal para o seguir para o outro lado da sala, afastou uma das tapeçarias e empurrou a parede.

Esta deslizou lateralmente, deixando uma passagem aberta com cerca de dois pés e meio de largura.

— Mas, o que é isto — admirou-se Joana.

— Uma passagem secreta — explicou Arighis. — Construída nos dias dos imperadores pagãos — para o caso de eles precisarem de se escapar depressa aos seus inimigos. Agora, liga o quarto do Papa à capela privada para que o Apostólico possa entrar e rezar a qualquer hora do dia ou da noite, sem ser perturbado. Vinde. — Ergueu a vela e passou. — Assim, podeis evitar aquela matilha de chacais, pelo menos esta noite.

Joana ficou sensibilizada por causa de Arighis ter partilhado com ela o conhecimento da passagem secreta, era sinal de que a confiança e o respeito crescia entre ambos.

Desceram um lance de escadas em caracol, que terminava diante de uma parede na qual se encontrava uma alavanca em madeira.

Arighis abaixou-a e a parede moveu-se, abrindo uma passagem.

Joana escapou-se por ela e o vicedominus voltou a accionar a alavanca. A abertura desapareceu, não deixando qualquer traço da sua existência.

Estava atrás de uma coluna em mármore, ao fundo da capela privada do Papa, o Sanctum Sanctorum. Ouviam-se vozes perto do altar. Isto era inesperado, não era suposto estar ali alguém àquela hora da noite.

— Há quanto tempo, Anastácio — disse uma voz, com um sotaque forte, que ela reconheceu ser a de Lothar.

Ele tinha chamado Anastácio ao outro, devia ser o bispo de Castellum. Era óbvio que os dois homens se tinham retirado para a capela para falarem em particular. Não ficariam contentes em descobrir um intruso.

O que hei-de fazer?, pensou Joana. Se tentasse escapar sorrateiramente pela porta da capela, eles podiam vê-la.

Também não podia regressar ao quarto do Papa, a alavanca que controlava a passagem secreta estava do outro lado da parede.

Tinha de ficar escondida até que o encontro terminasse e ambos os homens se fossem embora. Depois, podia escapar-se da capela sem ser vista.

— Muito preocupante, o ataque de Sua Santidade esta noite — disse Lothar.

Anastácio respondeu:

— O Apostólico está muito doente. Pode não sobreviver mais do que um ano.

— Uma grande tragédia para a Igreja.

— Muito grande — concordou Anastácio delicadamente.

— O seu sucessor deve ser um homem de poder e de visão — disse Lothar —, um homem que seja capaz de compreender melhor... o entendimento histórico entre os nossos dois povos.

— Tendes de usar toda a vossa influência, senhor, para garantir que o próximo Pontífice seja um homem assim.

— Não quereríeis dizer... um homem como vós?

— Tendes razão para desconfiar de mim, Senhor? Certamente o serviço que vos prestei em Colmar provou a minha lealdade acima de suspeita.

— Talvez — disse Lothar, num tom descomprometido. — Mas, os tempos mudam e os homens também. Agora, senhor bispo, a vossa lealdade vai voltar a ser posta à prova. Apoiareis o juramento, ou não?

— O povo terá relutância em jurar-vos fidelidade, senhor, depois dos prejuízos que o vosso exército provocou na província.

— A vossa família tem poder para modificar isso — respondeu Lothar. — Se vós e o vosso pai, Arsénio, jurardes, os outros imitar-vos-ão.

— O que me pedis é muito. Exige algo muito grande em resposta.

— Eu sei.

— Um juramento não passa de palavras. O povo precisa de um papa que seja capaz de o guiar para o velho caminho, — para o Império Franco, e para vós, meu senhor.

— Não me ocorre ninguém melhor do que vós para o fazer, Anastácio. Farei tudo o que está no meu poder para que sejais o próximo Papa.

Houve uma pausa. Depois, Anastácio disse:

— O povo jurará, Senhor. Eu certificar-me-ei disso.

Joana sentiu uma onda de fúria. Lothar e Anastácio tinham acabado de negociar o papado como um par de mercadores num bazar. Em troca dos privilégios do poder, Anastácio tinha concordado em entregar Roma ao controlo do imperador franco.

Bateram à porta e o servo de Lothar entrou.

— Chegou o conde, senhor.

— Mandai-o entrar. O bispo e eu já terminámos o nosso assunto.

Entrou um homem, vestido com a brunia de um soldado. Era alto e elegante, com um longo cabelo ruivo e olhos azuis.

Geraldo.

Capítulo 23

Dos lábios de Joana soltou-se um grito de surpresa...

— Quem está aí? — perguntou Lothar, num tom seco.

Joana saiu lentamente de detrás da coluna. Lothar e Anastácio olharam para ela, espantados.

— Quem sois vós? — perguntou Lothar.

— João Anglicus, meu senhor. Padre e médico de Sua Santidade, o papa Sérgio.

Lothar perguntou, desconfiado:

— Há quanto tempo estais aí?

Joana pensou rapidamente.

— Há algumas horas, Senhor. Vim rezar pelas melhoras de Sua Santidade. Devo estar mais cansado do que pensava porque adormeci e acabei de acordar agora.

Lothar olhou para ela, desconfiado. Era mais provável que o padrezinho tivesse sido apanhado na capela quando Anastácio e ele tinham entrado. Não havia por onde fugir, nem onde se esconder. Mas, não importava. Quanto teria ele ouvido e, mais importante ainda, quanto teria compreendido? Pouco. O homem não oferecia perigo, era óbvio que era insignificante. A melhor coisa a fazer era ignorá-lo.

Anastácio tinha chegado a uma conclusão diferente. Era óbvio que João Anglicus tinha estado a escutar. Mas, porquê? Seria um espião? Não a mando de Sérgio, certamente, porque o Papa não era engenhoso a ponto de utilizar espiões. Mas, se não era a mando dele, então, era a mando de quem? E porquê? Anastácio decidiu que a partir dali o padrezinho estrangeiro passaria a ser vigiado.

Geraldo também observava Joana com curiosidade.

— Pareceis-me conhecido, Padre — disse ele. — Já nos encontrámos?

Ele procurava descortinar as suas feições à luz fraca.

Subitamente, a sua expressão mudou, ficou a olhar como alguém que tivesse acabado de ver um fantasma:

— Meu Deus — disse ele, chocado. — Não pode ser...

— Conheceis-vos — perguntou Anastácio.

— Conhecemo-nos em Dorstadt — respondeu Joana, rapidamente. — Eu estudei na escola da catedral durante alguns anos, a minha irmã — enfatizou um pouco a palavra — ficou com o conde e a sua família durante esse tempo.

Os seus olhos transmitiram a Geraldo uma mensagem urgente: Não direis nada.

Geraldo recuperou a sua postura.

— Claro — disse ele. — Lembro-me muito bem da vossa irmã.

Lothar interrompeu, impaciente:

— Basta. O que vindes dizer-me, Conde?

— A minha mensagem é para ser ouvida apenas por vós, meu senhor.

Lothar acenou com a cabeça:

— Muito bem. Os outros podem sair. Voltaremos a falar, Anastácio.

Quando Joana se virou para sair, Geraldo tocou-lhe no braço.

— Esperai por mim. Quero saber mais de... da vossa irmã.

À saída da capela, Anastácio seguiu o seu caminho. Joana esperou nervosamente sob o olhar sinistro do pajem de Lothar.

A situação era extremamente perigosa, uma palavra em falso e a sua identidade podia ser revelada. Devia ir-me embora, agora, antes que Geraldo saia, pensou ela. Mas, desejava vê-lo. Ficou ali, agarrada por uma mistura complexa de medo e de expectativa.

A porta da capela abriu-se e Geraldo apareceu.

— Então, és tu: — disse ele, admirado. — Mas, como...

O criado olhava para eles com curiosidade.

— Eu, não — disse Joana.

Levou-o para uma salinha onde guardava os seus medicamentos e as suas ervas. Lá dentro, acendeu as lâmpadas de óleo de papoila, a sua chama avivou-se, rodeando-os num círculo íntimo de luz.

Ficaram a olhar um para o outro, maravilhados com a redescoberta. Geraldo tinha mudado nos quinze anos em que Joana tinha estado sem o ver, o espesso cabelo ruivo estava raiado de cinzento e havia rugas em torno dos olhos azuis e da grande boca sensual — continuava a ser o homem mais belo que ela já tinha visto. Ao olhar para ele, o seu coração começou a bater mais depressa.

Geraldo aproximou-se dela. Caíram nos braços um do outro, num abraço tão apertado que Joana sentia as malhas de metal da cota de Geraldo através da sua grossa veste de padre.

— Joana — murmurou Geraldo. — Minha querida, minha pérola. Nunca pensei voltar a ver-te.

— Geraldo — a palavra varria qualquer pensamento razoável.

Os dedos de Geraldo tocaram suavemente na cicatriz da face esquerda de Joana.

— Os normandos?

— Sim.

Ele inclinou-se e beijou-a delicadamente, encostando os lábios quentes à sua face.

— Então, eles apanharam-te... a ti e à Gisla?

Gisla. Geraldo nunca poderia vir a saber, ela nunca lhe poderia contar o horror por que a sua filha mais velha tinha passado.

— Eles apanharam a Gisla. Eu... eu consegui escapar.

Ele estava espantado.

— Como? E para onde? Os meus homens e eu esquadrinhámos o campo, à tua procura, mas não te encontrámos.

Ela contou-lhe resumidamente o que se tinha passado — tanto quanto era possível numa circunstância tão rápida e limitada: a sua fuga para Fulda e a sua entrada como João Anglicus, o momento em que a sua identidade quase tinha sido descoberta e a fuga da abadia, a sua peregrinação para Roma e a subsequente ascensão e posição de médica do Papa.

— E durante todo este tempo — disse Geraldo, lentamente, quando ela terminou —, nunca pensaste em me mandar notícias tuas?

Joana apercebeu-se da dor e da ironia na sua voz.

— Eu... eu não pensei que me quisesses. Richild disse que a ideia de me casar com o filho do ferreiro tinha sido tua, que tu lhe tinhas pedido que ela tratasse de tudo.

— E tu acreditaste nela? — libertou-a abruptamente. — Meu Deus, Joana, pensava que me conhecias melhor!

— Eu... eu não sabia o que pensar. Tu tinhas partido, eu não sabia bem porquê. E Richild sabia... de mais, daquilo que tinha acontecido na margem do rio. Como poderia ela saber, se tu não lhe tivesses contado!

— Não sei. Só sei que te amava como nunca amei ninguém antes... nem depois. — A sua voz apertou-se. — Quase esgotei a Pistis no caminho para casa, ansioso por ver Villaris porque tu estavas lá, e eu estava louco de impaciência para te ver... para te pedir para seres minha mulher.

— Tua mulher? — Joana estava estupefacta. — Mas... Richild...?

— Aconteceu qualquer coisa enquanto eu estive ausente... algo que me ajudou a ver como o meu casamento era vazio, como tu eras vital

para a minha felicidade. Eu ia voltar para te dizer que queria divorciar-me de Richild e casar contigo, se tu me quisesses.

Joana abanou a cabeça.

— Tantos mal-entendidos — disse ela, tristemente. — Tantas coisas que correram mal.

— Tantas coisas para recompensar.

Ele puxou-a para si e beijou-a. Foi como se tivessem chegado uma vela a uma placa de cera, derretendo aquilo que os anos tinham escrito. Estavam de novo juntos na margem do rio por trás de Villaris, ao sol primaveril, jovens e estonteados pelo amor recém-descoberto.

Depois de um bocado, ele libertou-a.

— Ouve, meu coração — disse ele, suavemente. — Eu vou abandonar o serviço de Lothar. Acabei de lho dizer na capela.

— E ele concordou em libertar-te?

Lothar não parecia ser homem para desobrigar alguém do seu serviço voluntariamente.

— Ao princípio, foi difícil, mas acabei por conseguir convencê-lo. A minha liberdade teve um preço, tive de entregar Villaris com todas as suas propriedades. Já não sou um homem rico, Joana, mas, tenho a força dos meus dois braços e amigos que me apoiarão. Um deles é Siconulf, príncipe de Benevento, com quem fiz amizade quando servimos juntos na campanha do imperador contra os obodritas. Ele precisa de homens bons junto dele porque está a ser muito pressionado pelo seu rival Radelchis. Vens comigo, Joana? Queres ser minha mulher?

Passos enérgicos do lado de fora da porta separaram-nos.

Alguns momentos depois, a porta abriu-se e uma cabeça espreitou. Era Florintinus, um dos notários do palácio.

— Ah! — disse ele. — Estais aqui, João Anglicus! Procurei-vos por todo o lado. — Olhou atentamente para Joana e para Geraldo, depois, novamente para Joana. — Estou... estou a interromper alguma coisa?

— De modo nenhum — apressou-se Joana a dizer. — Em que vos posso ser útil, Florintinus?

— Tenho uma dor de cabeça terrível — disse ele. — Será que podeis preparar um dos vossos paliativos?

— Com todo o gosto — respondeu Joana delicadamente.

Florintinus esgueirou-se pela porta, trocando algumas palavras com Geraldo, enquanto Joana preparava rapidamente uma mistura de folhas de violeta e de salgueiro, mergulhando-as numa chávena de chá de rosmaninho. Deu-a a Florintinus e ele voltou a sair.

— Não podemos falar aqui — disse ela a Geraldo, mal ele saiu. — É demasiado perigoso.

— Quando posso voltar a ver-te? — perguntou Geraldo ansiosamente.

Joana pensou.

— Há um Templo de Vesta na Via Ápia, mesmo à saída da cidade. Encontramo-nos lá amanhã depois da terça.

Ele tomou-a nos braços e beijou-a de novo, tão docemente como da primeira vez, depois, com uma intensidade que a encheu de um desejo ardente.

— Até amanhã — sussurrou ele.

Depois, saiu, deixando a cabeça de Joana estonteada por uma mistura de emoções.

*** * ***

Arighis espreitou na escuridão antes do nascer do Sol, revistando o pátio do Laterano. Estava tudo pronto. Tinha sido colocado um braseiro aceso junto da grande estátua em bronze da loba. Dentro do braseiro a arder tinha sido colocado um par de ferros de fogão cujas pontas começavam a estar incandescentes devido ao calor das chamas. Junto dele estava um soldado de espada em riste.

Os primeiros raios de sol emergiram no horizonte. Era uma hora fora do comum para uma execução pública, normalmente, acontecimentos desse tipo ocorriam depois da missa. Apesar de ser tão cedo já havia uma multidão de espectadores — os mais ansiosos chegavam sempre mais cedo para assegurarem a melhor posição para verem. Muitos tinham trazido os filhos, que deambulavam na expectativa excitada do espectáculo sangrento.

Arighis tinha estabelecido deliberadamente a hora do castigo de Bento para o nascer do dia, antes que Sérgio acordasse e mudasse de ideias.

Podia ser que houvesse alguém que o acusasse de ser demasiado diligente, mas ele não se importava.

Sabia muito bem o que estava a fazer e porquê.

Arighis ocupava o cargo de vicedominus havia mais de vinte anos, tinha dedicado a vida inteira ao serviço do Patriarchium, à orientação do vasto e complicado enxame de funcionários pontifícios que constituíam o governo de Roma, guiando-os de uma forma discreta e eficiente.

Depois de tantos anos, Arighis tinha chegado à conclusão de que a casa papal era um ser vivo, cujo bem-estar era responsabilidade e preocupação exclusivamente sua.

Este bem-estar estava agora ameaçado. Em menos de um ano, Bento tinha transformado o Patriarchium num centro de negociações de poder e de simonia. Ganancioso e manipulador, a própria existência de Bento era uma gangrena maligna no Papado. A única maneira de salvar o paciente era amputar o membro doente. Bento tinha de morrer.

Sérgio não tinha coragem para o fazer, por isso era preciso que Arighis metesse mãos à obra. Fê-lo sem hesitar, sabendo que agia para bem da Santa Madre Igreja.

Estava tudo pronto.

— Trazei o preso — ordenou Arighis aos guardas.

Trouxeram Bento. Com as vestes rasgadas, o rosto pálido e cinzento de uma noite de insónia nas masmorras, percorreu o pátio com o olhar, ansiosamente.

— Onde está Sérgio — perguntou ele. — Onde está o meu irmão?

— Sua Santidade não pode ser incomodada — disse Arighis.

Bento rodopiou sobre si mesmo e encarou-o.

— O que pensais que estais a fazer, Arighis? Vistes o meu irmão na noite passada. Estava bêbado, não sabia o que dizia. Deixai-me falar com ele e vereis: ele retirará a condenação.

— Avançai — ordenou Arighis aos guardas.

Os guardas arrastaram Bento para o meio do pátio e forçaram-no a ajoelhar-se. Amarraram-no pelos braços e ataram-no ao pedestal da estátua da loba, com as mãos abertas sobre a pedra.

O terror estampou-se no rosto de Bento.

— Não! Parai! — Gritava ele.

Levantando os olhos em direcção às janelas do Patriarchium, começou a gritar:

— Sérgio! Sérgio! Sér...!

A espada desfechou-se sobre ele. Bento gritou quando as suas mãos cortadas caíram para o chão, jorrando sangue.

A multidão aplaudiu. O esgrimista pregou as mãos de Bento do lado da loba. De acordo com o velho costume, elas ficariam ali um mês como aviso para outros que fossem tentados a cometer o pecado do furto.

Enódio, o arquiatro, avançou. Tirando os ferros do braseiro, encostou-os com força aos cotos sangrentos de Bento. O cheiro de carne queimada encheu o ar de um cheiro enjoativo.

Bento voltou a gritar e desmaiou. Enódio debruçou-se sobre ele para o assistir.

Arighis inclinou-se para a frente, atento. A maior parte dos homens morriam depois de lhes ser infligido um ferimento daqueles — se não imediatamente, do choque e da dor, então, pouco depois, devido a infecção e à perda de sangue. Mas, aqueles que eram mais fortes, às vezes, conseguiam sobreviver.

Viam-se nas ruas de Roma, com as suas mutilações grotescas revelando a natureza dos seus crimes: lábios cortados, para aqueles que tinham mentido sob juramento, pés cortados, para os escravos que tinham fugido aos seus proprietários, olhos arrancados, para aqueles que tinham desejado as esposas ou filhas dos seus superiores.

A possibilidade de sobrevivência foi o motivo que levou Arighis a pedir a Enódio e não a João Anglicus para assistir o homem condenado porque a competência do último podia ser suficiente para salvar Bento.

Enódio levantou-se.

— Foi executado o julgamento de Deus — anunciou ele solenemente. — Bento está morto.

Cristo seja louvado, pensou Arighis. O papado está salvo.

Joana estava na fila do lavatorium, à espera da sua vez para a lavagem ritual das mãos antes da missa. Tinha os olhos pesados e inchados por causa de não ter dormido, tinha passado a noite agitada, só a pensar em Geraldo. Na noite anterior, sentimentos que ela pensava enterrados havia

muito tempo tinham emergido com uma intensidade que a espantou e assustou.

O regresso de Geraldo tinha despertado os desejos perturbadores da sua juventude. Como seria voltar a viver como mulher, pensou ela. Estava habituada a ser responsável por si própria, a controlar totalmente o seu destino. Mas, por lei, uma esposa devia entregar a sua vida ao seu marido. Será que ela poderia confiar num homem até esse ponto — mesmo sendo Geraldo?

Nunca te entregues a um homem. A voz da sua mãe ecoava como um sino de alarme na sua cabeça.

Precisava de tempo para distinguir o turbilhão de emoções que lhe iam no coração. Mas, tempo era uma coisa que ela não tinha.

Arighis apareceu ao seu lado.

— Vinde — disse ele, com urgência.

Retirou-a da fila.

— Sua Santidade precisa de vós.

— Está doente?

Preocupada, seguiu Arighis ao longo do corredor, até ao quarto do Papa. Na noite anterior, a comida e a bebida em abundância tinham sido purgadas do corpo de Sérgio e a forte dose de cólquico que Joana lhe tinha administrado devia ter sido suficiente para prevenir um novo ataque de gota.

— Ficará, se continuar assim.

— Porquê? O que aconteceu?

— Bento morreu.

— Morreu!

— A sentença foi executada hoje de manhã. Ele morreu imediatamente.

— Benedicite! — Joana apressou o passo. Imaginava o efeito que estas notícias tinham tido em Sérgio.

Mesmo assim, quando o viu, ficou chocada. Sérgio estava quase irreconhecível. Tinha o cabelo desgrenhado, os olhos vermelhos e inchados de chorar, as bochechas cobertas com arranhões causados pelas suas unhas.

Estava de joelhos junto à cama, balançando para a frente e para trás, chorando como uma criança abandonada.

— Santidade! — disse Joana, com firmeza, falando-lhe ao ouvido. — Sérgio!

Ele continuou a balançar-se, cego e surdo no abismo do seu desgosto. Era óbvio que não havia maneira de comunicar com ele no estado em que se encontrava. Tirando um pouco de tintura de meimendro do seu saco, Joana calculou uma dose e levou-lha aos lábios. Ele bebeu distraidamente.

Ao fim de alguns minutos, começou a abanar-se mais devagar e, depois, parou. Olhou para Joana como se estivesse a vê-la pela primeira vez.

— Chorai por mim, João. A minha alma está condenada para toda a eternidade!

— Que disparate — disse Joana com firmeza. — Agistes completamente de acordo com a lei.

Sérgio abanou a cabeça negativamente:

— Não sejais como Caim, que era do Diabo e assassinou o seu irmão, — disse ele, citando a Primeira Epístola de João.

Joana replicou com outra passagem:

— E porque o matou ele? Porque as suas obras eram más e o seu irmão era justo. Bento não era justo, Santidade, ele traiu-vos e traiu Roma.

— E agora, está morto, por ordem minha! Ó meu Deus! — bateu no peito e gemeu de dor.

Ela tinha de o arrancar ao seu desgosto, senão ele acabaria por ter outro ataque. Agarrou-o firmemente pelos ombros e disse:

— Tendes que fazer uma confissão auricular.

Esta forma do sacramento da penitência, na qual se fazia uma confissão privada e regular ad auriculum, ao ouvido do padre, estava muito difundida no País dos Francos. Mas, Roma continuava teimosamente arreigada aos antigos procedimentos, de acordo com os quais a confissão e a penitência eram feitas e dadas em público e apenas uma vez na vida.

Sérgio agarrou a ideia:

— Sim, sim, eu confessar-me-ei.

— Vou mandar chamar um dos vossos cardeais-presbíteros — disse ela. — Tendes preferência por alguém?

— Confessar-me-ei a vós.

— A mim? — Um simples padre e estrangeiro, — Joana não era certamente a melhor candidata para servir de confessora ao Papa. — Tendes a certeza, Santidade?

— Não quero mais nenhum.

— Está bem.

Ela voltou-se para Arighis e disse:

— Deixai-nos.

Arighis lançou-lhe um olhar agradecido ao sair do quarto.

— Peccavi, impie egi, iniquitatem feci, miserere mei Domine... — começou Sérgio a dizer, nas palavras rituais da penitência.

Joana ouviu com uma compaixão emocionada os seus desabafos desgostosos, o seu remorso e arrependimento. Com uma alma tão carregada e atormentada, não era de admirar que Sérgio procurasse a paz e o esquecimento na bebida.

A confissão fez o efeito que ela tinha imaginado, a paixão descontrolada do desespero começou a ceder, deixando Sérgio esgotado e exausto, mas fazendo com que ele deixasse de constituir um perigo para si mesmo ou para os outros.

Agora, vinha a parte difícil, a penitência que tinha que preceder o perdão dos pecados. Sérgio devia estar à espera que a sua penitência fosse severa — talvez mortificação pública nos degraus de São Pedro. Mas, esse acto só serviria para enfraquecer Sérgio e o papado aos olhos de Lothar — e isso tinha de ser evitado a todo o custo. Mas, a penitência que Joana ia impor não podia ser demasiado leve, senão Sérgio rejeitá-la-ia.

Ela teve uma ideia.

— Como penitência — disse ela — abster-vos-eis de todo o vinho e carne de quadrúpede até à hora da vossa morte.

Os jejuns eram uma forma habitual de penitência, mas, normalmente, prolongavam-se apenas por alguns meses, quanto muito, um ano. Uma vida de abstinência era um castigo rigoroso — especialmente para Sérgio. Mas, tal penitência tinha o benefício acrescido de ajudar a

proteger o Papa dos seus próprios piores instintos. Sérgio baixou a cabeça, em sinal de aceitação.

— Rezai comigo, João.

Ela ajoelhou-se ao seu lado. Afinal, em muitos aspectos, ele não passava de uma criança — fraco, impulsivo, carente, caprichoso. Mas, ela sabia que ele era capaz de fazer o bem. E que, nesse momento, ele era tudo quanto se interpunha entre Anastácio e o Trono de São Pedro.

Quando a oração terminou, ela levantou-se. Sérgio agarrou-se a ela.

— Não saiais — pediu-lhe ele. — Não sou capaz de ficar sozinho.

Joana cobriu as suas mãos com as dela.

— Eu não vos deixarei — prometeu ela solenemente.

*** * ***

Ao entrar pelos portais a cair das ruínas do Templo de Vesta, Geraldo constatou, desapontado, que Joana ainda não tinha chegado.

Não faz mal, pensou ele, ainda é cedo. Sentou-se à espera, encostado a uma das colunas em granito.

Tal como a maior parte dos monumentos pagãos de Roma, o templo tinha sido despojado de todos os seus metais preciosos: as rosetas douradas que tinham adornado, em tempos, os tesouros do templo tinham desaparecido, assim como os baixos-relevos doirados que ornamentavam o pedestal dos pronaos. Os nichos ao longo das paredes estavam vazios. As suas estátuas de mármore tinham sido levadas para os fornos de cal para serem transformadas em material de construção para as paredes das igrejas cristãs. No entanto, espantosamente, a estátua da deusa tinha sido poupada, escondida no seu santuário por baixo do templo. Tinha uma das mãos partidas e as linhas das suas vestes estavam gastas, apagadas pelo tempo e elementos naturais, mas a estátua continuava a ter um poder e uma raça poderosas, testemunhando o talento do escultor pagão.

Vesta, antiga deusa do lar e da terra. Representava tudo quanto Joana significava para ele: vida, amor e um novo sentimento de esperança. Respirou fundo, aspirando o ar húmido e doce da manhã, sentindo-se melhor do que se tinha sentido nos últimos anos. Nestes últimos tempos,

tinha-se sentido abatido com as voltas da vida. Tinha-se resignado, dizendo a si próprio que era o resultado inevitável da sua idade porque já tinha quase quarenta e três anos, a idade de um homem velho.

Agora, sabia que estava completamente enganado. Longe de estar cansado da vida, estava ávido dela. Sentia-se jovem, vivo, cheio de energia, como se tivesse bebido do cálice milagroso de Cristo. O resto da sua vida estendia-se diante dos seus olhos, cheio de promessas. Casaria com Joana e iriam para Benevento e haviam de viver juntos em paz e com amor.

Talvez até tivessem filhos — não era tarde de mais. Da maneira como se sentia naquele momento, tudo era possível.

Levantou-se quando ela atravessou o portal a correr, com as vestes sacerdotais esvoaçando atrás dela. Tinha as faces rosadas da corrida, o seu cabelo dourado encaracolava-se em torno do seu rosto, acentuando os seus olhos verde-acinzentados-escuros, olhos que o olhavam como lagos de luz neste santuário escuro. Como tinha ela conseguido passar despercebida naquele disfarce masculino?, pensou ele. Aos seus olhos, ela parecia muito feminina e desejável.

— Joana.

A palavra era em parte um nome, em parte uma súplica.

Joana manteve uma distância cautelosa entre ambos. Se deixasse que Geraldo a abraçasse, sabia que a sua decisão se esvairia.

— Trouxe uma montada para ti — disse Geraldo. — Se partirmos agora, estaremos em Benevento daqui a três dias de viagem.

Ela respirou fundo:

— Eu não vou contigo.

— Não vais? — repetiu Geraldo.

— Não posso deixar Sérgio.

Ele ficou demasiado perturbado para reagir imediatamente.

Depois, conseguiu perguntar:

— Porquê?

— Sérgio precisa de mim. Ele é... fraco.

— Ele é o Papa de Roma, Joana, não é uma criança a precisar de mimos.

— Eu não o mimo, eu sou a sua médica. Os médicos da schola não conhecem a doença de que ele sofre.

— Ele sobreviveu muito bem sem ti, antes de chegares a Roma.

Era uma ligeira ironia, mas, doeu.

— Se eu me for embora agora, Sérgio morrerá de tanto beber no espaço de seis meses.

— Então, que beba — respondeu Geraldo, num tom agreste. — O que tens tu e o que tenho eu a ver com isso?

Ela ficou chocada.

— Como podes dizer uma coisa dessas?

— Bom Deus, não te sacrificaste já o suficiente? A primavera das nossas vidas já passou. Não desperdicemos o tempo que nos resta!

Ela virou-lhe as costas para que ele não visse como aquilo a tinha afectado.

Geraldo pegou-lhe pelos pulsos.

— Eu amo-te, Joana. Vem comigo agora, enquanto ainda é tempo.

O toque da sua mão inflamou a carne dela, despertando o desejo. Teve o impulso de o abraçar, de sentir os seus lábios nos dela. Envergonhada por esta fraqueza e por estes sentimentos vergonhosos, ficou súbita e irracionalmente zangada com Geraldo por causa de ele ter despertado nela aqueles sentimentos.

— O que esperavas? — gritou ela. — Que eu fugisse contigo mal apareceste?

Dava largas à cólera que sentia dentro de si, esperando que ela reprimisse as suas outras emoções, mais perigosas. — Eu tenho aqui uma vida boa. Tenho independência e sou respeitada e tenho oportunidades que nunca tinha tido como mulher. Porque hei-de desistir de tudo? Para quê? Para passar o resto dos meus dias confinada a alguns quartos exíguos, cozinhando e bordando?

Geraldo disse em voz baixa:

— Se fosse isso que eu quisesse de uma esposa, já me tinha casado há muito tempo.

— Então, casa! — respondeu Joana, agastada. — Não te impedirei!

Geraldo franziu o sobrolho, perpassando-lhe pelos olhos sinais de irritação. Perguntou gentilmente:

— Joana, o que aconteceu? O que se passa?

— Nada. Eu mudei, é tudo, já não sou a rapariga ingénua e carente que tu conheceste em Dorstadt. Agora, sou dona de mim mesma. E não quero abrir mão disso — nem por ti, nem por qualquer outro homem!

— Eu pedi-te para o fazeres? — perguntou Geraldo, num tom sensato.

Mas, Joana não queria ouvir argumentos razoáveis. A proximidade de Geraldo e a atracção física fortíssima que sentia por ele eram um tormento, uma serpente que se enrolava à volta da sua vontade estrangulando-a. Tentou libertar-se do seu abraço com brusquidão.

— Não aceitas, pois não? A ideia de eu já não estar disposta a desistir da minha vida por causa de ti? Que eu seja uma mulher que é realmente imune ao teu charme masculino?

Geraldo ficou a olhar para ela, espantado, como se visse qualquer coisa nova escrita no seu rosto.

— Pensei que me amavas — disse ele, hirto. — Vejo que estava enganado. Perdoa-me, não voltarei a importunar-te.

Dirigiu-se para a saída, hesitou e voltou atrás.

— Quer dizer nunca mais voltaremos a ver-nos. É realmente isso que tu queres?

Não! Joana sentiu vontade de chorar. Não é isso que eu quero! Não é nada disso que eu quero. Mas, havia uma outra parte dela que a aconselhou a manter-se firme.

— É isso que eu quero — disse ela. A sua voz soava-lhe curiosamente distante.

Mais uma palavra de amor e de desejo da parte dele, e ela cederia e correria para os seus braços. Mas, ele virou-se de repente e afastou-se na direcção da porta. Ela ouviu-o a descer os degraus do templo a correr.

Correu para a porta.

— Geraldo! — gritou ela. — Espera!

O som estridente dos cascos a baterem nas pedras fez com que ela se desfizesse em lágrimas. Geraldo cavalgou apressadamente pela estrada abaixo. Pouco depois, dobrou uma curva e desapareceu.

Capítulo 24

O Verão romano surgiu impiedoso. O sol brilhava sem descanso, ao meio-dia, as pedras da calçada estavam suficientemente quentes para queimarem os pés de um homem. O fedor a lixo podre e a estrume, intensificado pelo calor, elevava-se no ar quieto e pairava sobre a cidade como uma nuvem sufocante. Febres pestilentas começaram a grassar entre os pobres que viviam no pântano e nas casas degradadas alinhadas nas terras baixas das margens do Tibre.

Temendo o contágio, Lothar e o seu exército abandonaram a cidade. Os romanos regozijaram-se com a sua partida porque o fardo da manutenção de um exército tão numeroso tinha esgotado os recursos da cidade.

Sérgio foi saudado como um herói. A adulação do povo ajudava-o a ultrapassar o seu desgosto com a morte de Bento.

Emergindo com uma saúde e energia redescobertas — recuperadas, em grande parte graças à dieta espartana que Joana lhe tinha imposto como penitência — Sérgio era outro homem. Fiel à sua promessa, começou a reconstruir o Orphanotrophium. As paredes em ruína foram reforçadas e o tecto foi posto de novo. Foram arrancadas do templo de Minerva placas de mármore travertina, utilizadas para revestir o chão do grande salão. Foi construída uma nova capela, dedicada a Santo Estêvão.

Enquanto, anteriormente, Sérgio estava muitas vezes demasiado cansado ou doente para dizer missa, agora, celebrava o sagrado sacramento todas as manhãs. Além disso, encontrava-se muitas vezes a rezar na capela privada. Entregou-se à sua fé com o mesmo fervor que tinha posto nos prazeres da mesa — porque ele não era homem para fazer as coisas pela metade.

Dois anos de invernos amenos e de colheitas abundantes resultaram numa época de prosperidade generalizada. Até as legiões de pobres que enchiam as ruas da cidade pareciam ter diminuído um pouco porque os bolsos dos seus irmãos prósperos tinham-se aberto e as esmolas tinham aumentado. Os romanos ofereciam orações de acção de graças aos altares das suas igrejas, satisfeitos com a sua cidade e o seu Senhor Papa.

Não suspeitavam — como poderiam? — da catástrofe que estava prestes a abater-se sobre eles.

Joana estava com Sérgio num dos seus encontros regulares com os príncipes da cidade, quando o mensageiro irrompeu ao seu encontro.

— O que é isto? — perguntou Sérgio, com severidade.

O mensageiro ajoelhou-se, em sinal de obediência

— Trago-vos uma mensagem da maior importância para a cristandade proveniente de Siena. Uma grande frota de navios sarracenos fez-se ao mar em África. Dirigem-se directamente para Roma.

— Para Roma? — repetiu um dos príncipes num tom sumido. — O relatório deve estar enganado.

— Não há erro nenhum — disse o mensageiro. — Os sarracenos estarão aqui daqui dentro de quinze dias.

Fez-se silêncio por momentos, enquanto todos tomavam consciência desta notícia surpreendente.

Outro príncipe disse:

— Talvez seja melhor levar as relíquias sagradas para um sítio mais seguro.

Referia-se à ossada do apóstolo Pedro, a relíquia mais sagrada de toda a Cristandade que se encontrava depositada na basílica de seu nome, fora da protecção dos muros da cidade.

Romualdo, o maior na assembleia de príncipes atirou a cabeça para trás e riu-se:

— Não pensais que os infiéis atacariam São Pedro?

— O que os impede? — perguntou Joana.

— Eles podem ser bárbaros, mas não são loucos — respondeu Romualdo. — Sabem que a mão de Deus os esmagaria no momento em que eles entrassem no túmulo sagrado!

— Eles têm a sua própria religião — lembrou Joana. — Não temem a mão do nosso Deus cristão.

O sorriso de Romualdo esmoreceu.

— Que blasfémia pagã é esta?

Joana argumentou:

— A basílica é um alvo evidente para o saque, mais que não seja, pelos tesouros que se encontram dentro dela. Por uma questão de segurança, devemos trazer os seus objectos sagrados e o sarcófago do santo para dentro dos muros da cidade.

Sérgio hesitava:

— Já tivemos avisos destes antes e não aconteceu nada.

— De facto, — disse Romualdo, em tom de troça — se nos enchêssemos de medo cada vez que é avistado um navio de sarracenos, as relíquias sagradas andariam num vaivém, como se fossem um par de agulhas num tear!

A explosão de gargalhadas de concordância foi interrompida instantaneamente pelo ar reprovador do Pontífice.

Sérgio disse:

— Deus defenderá os Seus. O apóstolo Bendito ficará onde está.

— Pelo menos — insistiu a Joana — mandemos chamar homens das povoações limítrofes, para defender a cidade.

— É tempo de vindimas — disse Sérgio. — As povoações precisam de todos os homens robustos para trabalharem nas vinhas. Não vejo necessidade de pôr em risco a vindima, da qual tudo depende, quando não existe perigo iminente.

— Mas, Santidade...

Sérgio interrompeu-a.

— Confiai em Deus, João Anglicus. Não existe escudo mais forte do que a fé e a oração cristãs.

Joana baixou a cabeça em sinal de submissão. Mas, intimamente, pensou, revoltando-se: quando os sarracenos estiverem às portas da cidade, todas as orações do mundo não ajudarão nem metade daquilo que ajudaria uma única divisão de homens combatentes.

*** * ***

Geraldo e a sua companhia estavam acampados mesmo às portas da cidade de Benevento. Os homens dormiam a sono solto dentro das suas tendas, depois de uma noite de desbragamento — um festim que Geraldo lhes tinha concedido como recompensa pela sua vitória retumbante no dia anterior.

Nos últimos dois anos, Geraldo tinha comandado os exércitos do príncipe Siconulf, lutando para assegurar o seu trono contra o ambicioso pretendente Radelchis. Comandante hábil, que exigia muito dos seus homens, enquanto eles estavam a aprender a disciplina e manejo das armas e que, depois, confiava que eles tinham um bom desempenho no campo de batalha, Geraldo tinha infligido derrota sobre derrota aos exércitos de Radelchis.

A vitória do dia anterior tinha sido tão retumbante que era provável que tivesse posto para sempre fim à pretensão de Radelchis ao trono de Benevento. Apesar de as sentinelas armadas estarem colocadas em torno de todo o acampamento, Geraldo e os seus homens dormiam com as espadas e os escudos junto de si, onde estavam à mão. Geraldo não arriscava porque um inimigo podia ser perigoso mesmo depois de

derrotado. O calor da vingança levava, por vezes, os homens a precipitarem-se em acções desesperadas. Geraldo conhecia muitos acampamentos que tinham sido apanhados de surpresa, nos quais os seus ocupantes tinham sido chacinados antes de terem tido, sequer, tempo para acordarem.

No entanto, de momento, esses pensamentos estavam longe da mente de Geraldo. Estava deitado descontraidamente, com os braços por trás da nuca e as pernas dispostas à vontade. Ao seu lado, uma mulher tapada com uma coberta respirava compassadamente, fazendo um som ritmado, interrompido, por vezes, por um ligeiro ressonar.

À luz do dia, Geraldo arrependeu-se do breve arroubo de paixão que a tinha trazido para a sua cama. Ao longo dos anos, tinha havido outros encontros fortuitos, cada um deles menos satisfatório e mais passageiro do que o anterior. Geraldo continuava a acalentar no seu coração a recordação de um amor que não podia esquecer.

Abanou a cabeça, impaciente. Era inútil remexer no passado. Joana não partilhava os seus sentimentos, senão, não o teria mandado embora.

A mulher deitou-se de lado. Geraldo tocou-lhe no ombro e ela acordou, abrindo uns lindos olhos negros que o fitaram sem perceber.

— Já é dia — disse Geraldo. Tirou algumas moedas do seu saco e deu-lhas.

Ela agarrou-as e sorriu, contente.

— Devo voltar esta noite, senhor?

— Não, não é preciso.

Ela ficou desiludida.

— Não vos agradei?

— Sim, sim, claro. Mas, nós levantamos o acampamento hoje à noite.

Pouco depois, ele ficou a vê-la atravessar o campo, com as sandálias a chinelarem pela relva molhada. O céu enevoado estava a começar a clarear, adquirindo um tom pálido e cinzento.

Em breve, voltaria a ser dia.

Siconulf e os seus principais fideles já estavam reunidos na grande sala quando Geraldo entrou. Dispensando as cortesias usuais, Siconulf

anunciou abruptamente:

— Acabei de receber uma mensagem da Córsega. Da costa africana partiram setenta e três navios sarracenos. Trazem cerca de cinco mil homens e duzentos cavalos a bordo.

Seguiu-se um silêncio espantoso. Era difícil imaginar uma frota tão grande.

Eburis, um dos fideles de Siconulf, disse num tom grave:

— O que quer que seja que eles querem, é mais do que apenas outro ataque de pirataria à nossa costa.

— Dirigem-se para Roma — disse Siconulf.

— Roma! Certamente que não! — disse outro fideles.

— Que disparate! — disse um terceiro. — Nunca se atreveriam!

Geraldo mal os ouvia. Os seus pensamentos corriam à sua frente:

— O papa Sérgio vai precisar da nossa ajuda — disse ele de uma forma tensa.

Mas, não era em Sérgio que ele estava a pensar. De um só golpe, as notícias da aproximação da armada dos sarracenos tinham apagado toda a amargura e mágoa dos últimos dois anos.

Só importava uma coisa — chegar ao pé de Joana e fazer tudo quanto estava ao seu alcance para a proteger.

— O que sugeris, Geraldo? — perguntou Siconulf.

— Meu príncipe, deixai-me comandar as nossas tropas para defender Roma.

Siconulf franziu o sobrolho.

— Certamente, a Cidade Santa tem os seus próprios defensores..

— Só tem a família Sancti Petri — um grupo pequeno e indisciplinado de milícias papais. Cairão como trigo maduro diante das espadas dos sarracenos.

— E o Muro Aureliano? Certamente os sarracenos não serão capazes de o derrubar.

— O muro parece ser bastante forte — admitiu Geraldo. — Mas várias das suas portas têm poucos reforços. Não aguentarão um assalto persistente. E o túmulo de São Pedro está completamente desprotegido porque fica fora do muro.

Siconulf ficou a pensar naquilo. Tinha relutância em comprometer as suas tropas numa causa que não fosse sua. Mas, era um príncipe cristão, venerava a Cidade Santa e os seus locais sagrados. A ideia de bárbaros infiéis a profanarem o túmulo do Apóstolo era terrível.

Além disso, ocorria-lhe, agora, que talvez pudesse tirar algum benefício pessoal do envio de homens para defenderem Roma.

Depois, um papa Sérgio grato podia recompensá-lo com um dos ricos domínios papais que ficavam na fronteira do território de Siconulf.

Disse a Geraldo:

— Podeis contar com três divisões. De quanto tempo precisais para vos prepararde para partir?

— As tropas estão endurecidas pela batalha e a postos. Podemos partir imediatamente. Se o tempo se mantiver propício, estaremos em Roma dentro de dez dias.

— Rezemos para que seja suficiente. Deus vá convosco, Geraldo.

Em Roma, vivia-se uma estranha atmosfera de calma. Desde o aviso inicial, vindo de Siena duas semanas antes, não se tinha voltado a ouvir palavra sobre a armada dos sarracenos. Os romanos começavam gradualmente a acalmar, convencendo-se de que os relatos de uma frota inimiga, a mal, tinham sido falsos.

A manhã de 23 de Agosto acordou luminosa e promissora. A missa foi celebrada na Catedral de Santa Maria dos Mártires, conhecida no tempo dos pagãos como Panteão, uma das igrejas mais bonitas de Roma. Foi uma celebração particularmente bonita, com o sol a entrar pelas aberturas circulares no grande tecto em abóbada da basílica, espalhando um alo dourado por cima de toda a assembleia. Ao regressar ao Patriarchium, o coro cantava a plenos pulmões: Gloria in excelsis Deo.

O canto morreu-lhes nos lábios assim que entraram na piazza ensolarada do Laterano e viram uma multidão de cidadãos num círculo ansioso em torno de um mensageiro estranho e enlameado.

— Os infiéis desembarcaram — anunciou o mensageiro, pesaroso. — A cidade do Porto foi tomada, as pessoas massacradas e as igrejas profanadas.

— Cristo nos ajude! — gritou alguém.

— O que será de nós? — gemeu outro.

— Vão matar-nos a todos! — gritou um terceiro, histericamente.

A multidão ameaçava entrar numa desordem perigosa.

— Silêncio! — a voz de Sérgio ergueu-se acima do rumor. Acabai com esta atitude indigna! — A voz de autoridade irrompeu, dominante, sobrepondo-se ao barulho e apelando à obediência.

— Então — disse ele — somos ovelhas para nos acobardarmos assim? Somos crianças, para pensarmos que somos indefesos!

Fez uma pausa dramática.

— Não! Somos romanos! E isto é Roma, protectorado de São Pedro, berço do Reino dos Céus! Tu és Pedro, disse Cristo, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja. O que temos a temer? Iria Deus permitir que o Seu altar sagrado fosse profanado?

A multidão agitou-se. Ouviram-se vozes dispersas em resposta:

— Sim! Ouvi o Senhor Papa! Sérgio tem razão!

— Não temos os nossos guardas e as nossas milícias?

Com um gesto, Sérgio apontou para a guarda papal que reagiu, erguendo as suas lanças e agitando-as convictamente.

— O sangue dos nossos antepassados corre nas nossas veias, eles dispõem da força do Deus Omnipotente! Quem prevalecerá contra eles?

A multidão lançou um grito de saudação. O passado heróico de Roma continuava a ser uma fonte de orgulho, os triunfos militares de César, de Pompeu e de Augusto eram conhecidos por todos os cidadãos.

Joana olhou para Sérgio com admiração. Seria aquela figura heróica o mesmo homem doente, mal-humorado, desanimado que ela tinha encontrado dois anos antes?

— Que venham os infiéis! — gritou Sérgio. — Que eles brandam as suas armas contra esta fortaleza sagrada! Despedaçarão os seus corações contra os nossos muros protegidos por Deus!

Joana sentiu a onda de excitação e de entusiasmo que se levantou e se abateu sobre a multidão num tumulto de emoção barulhento. Mas, tinha os pés demasiado assentes na terra para se deixar entusiasmar tão facilmente.

O mundo não é o que gostaríamos que fosse, pensou ela, por muito habilidosos que sejamos a conjurá-lo.

A multidão mantinha-se firme, de cabeças levantadas e faces iluminadas. À volta de Joana ecoavam em uníssono vozes excitadas:

— Sérgio! Sérgio! Sérgio! Sérgio!

Por ordem de Sérgio, o povo passou dois dias a jejuar e a rezar. Os altares de todas as igrejas brilhavam, iluminados com uma profusão de velas votivas. Havia relatos de milagres por todo o lado. Dizia-se que a estátua de ouro da Madona do Oratório de São Cosme tinha mexido os olhos e rezado uma litania. O crucifixo por cima do altar de Santo Adriano tinha derramado lágrimas de sangue. Estes milagres eram interpretados como sinais da bênção e favor divinos. Dia e noite ouvia-se o som do Hosana a sair das igrejas e mosteiros, uma vez que o clero da cidade tinha respondido ao desafio do Senhor Papa preparando-se para enfrentar o inimigo com a força invencível da sua fé cristã.

Imediatamente a seguir ao amanhecer do dia 2 de Agosto, ouviu-se um grito junto aos muros:

— Eles vêm aí! Eles vêm aí!

Os gritos aterrados do povo penetraram até na grossa parede dos muros do Patriarchum.

— Tenho de ir para as trincheiras — anunciou Sérgio. — Quando o povo me vir, saberá que não têm nada a temer.

Arighis e os outros prelados protestaram, argumentando que era demasiado perigoso, mas Sérgio estava decidido. Acabaram por o levar, contrariados, até ao muro, escolhendo cuidadosamente um local onde as pedras se erguiam um pouco mais alto, permitindo melhor protecção.

Ouviu-se uma grande ovação quando Sérgio subiu os degraus.

Depois, todos os olhares convergiram para ocidente.

Levantou-se uma grande nuvem de pó. Os sarracenos emergiram dela a galope rápido, com as suas vestes soltas flutuando como asas de aves de rapina gigantes. Ouviu-se um tremendo grito de guerra, um ulular prolongado, agudo, que ficou a pairar no ar, provocando um arrepio de medo naqueles que o ouviram.

— Deo, juva nos — disse um dos padres, a tremer.

Sérgio ergueu um pequeno crucifixo com pedras preciosas encrostadas e gritou:

— Cristo é o nosso Salvador e o nosso Escudo.

As portas da cidade abriram-se e a milícia papal marchou corajosamente ao encontro do inimigo.

— Morte aos infiéis! — gritaram eles, brandindo as suas espadas e os seus punhais.

Os exércitos beligerantes colidiram com um barulho ensurdecedor de metal, mais alto do que o barulho de mil ferreiros. Em minutos, tornou-se evidente que a batalha era fatalmente desigual, a cavalaria sarracena dirigiu-se precisamente para a linha da frente dos peões romanos, cortando e despedaçando com as suas cimitarras curvas.

A milícia da retaguarda não conseguia ver a mortandade que se passava na frente. Ainda convencidos da vitória, avançaram, empurrando por trás aqueles que os precediam. Os homens foram todos passados à espada dos sarracenos, fila a fila. Os corpos amontoavam-se, impedindo o avanço dos que vinham atrás.

Foi um massacre. Derrotada e aterrada, a milícia retirou numa desordem desesperada.

— Fugi! — gritavam eles, correndo pelo campo, como sementes lançadas ao vento. — Fugi para sobreviverdes!

Os sarracenos não se deram ao trabalho de os perseguir porque a sua vitória lhes tinha alcançado um prémio muito melhor: a Basílica de São Pedro, desprotegida. Cercaram-na como um enxame negro. Não desmontaram. Subiram as escadas com os cavalos e entraram pelas portas adentro.

Os romanos esperaram, exaustos, por trás dos muros. Passou um minuto. Depois, outro. Não se ouviu nenhum trovão a rasgar os céus, nem desceu nenhum mar de chamas do céu. Em vez disso, ouviu-se o som inequívoco de madeira e metal a partir dentro da basílica. Os sarracenos estavam a pilhar o altar sagrado.

— Não pode ser — murmurou Sérgio. — Meu Deus, não pode ser.

Um bando de sarracenos emergiu da basílica, brandindo a cruz em ouro de Constantino. Dizia-se que havia homens que tinham morrido apenas por se atreverem a tocar-lhe. Mas, agora, os sarracenos mostravam-na, troçando, rindo, fazendo-a oscilar entre as pernas numa paródia obscena e animalesca.

Com um suspiro mudo, Sérgio largou o crucifixo e caiu de joelhos.

— Santidade!

Joana correu para ele.

Um ataque cardíaco, pensou ela, alarmada.

— Levai-o — ordenou ela.

Arighis e vários guardas levantaram o Papa desmaiado, carregando-o nos braços, e transportaram-no para uma casa perto, onde o deitaram num colchão de palha.

A respiração de Sérgio era ofegante. Joana preparou-lhe uma infusão de bagas de espinheiro-alvar e de raiz de valeriana e deu-lha. Pareceu aliviá-lo, pois ficou com melhor cor e começou a respirar melhor.

— Eles estão às portas! — gritava o povo do lado de fora. Cristo nos ajude! Estão às portas!

Sérgio tentou levantar-se da cama, mas a Joana fez com que ele voltasse a deitar-se.

— Não vos deveis mexer.

O esforço ter-lhe-ia saído caro, ele apertou os lábios com força.

— Falai por mim — pediu-lhe ele. — Dirigi os pensamentos deles para Deus... Ajudai-os... Preparai-os...

Os seus lábios moviam-se agitadamente, mas não saíam palavras.

— Sim, Santidade, sim — assentiu Joana. — Era evidente que isso o pacificaria. — Farei como dizeis. Mas, agora, tendes que descansar.

Ele acenou com a cabeça e deitou-se. As suas pálpebras tremeram e fecharam-se quando o remédio começou a fazer efeito. Não havia mais nada a fazer senão deixá-lo dormir e esperar que o remédio actuasse.

Joana deixou-o aos cuidados de Arighis e saiu para a rua.

Perto, ouvia-se um ruído dilacerante como de um raio. Joana começou a ter medo.

— O que se passa? — perguntou ela a um grupo de guardas que ia a passar.

— Os porcos idólatras estão a tentar arrombar os portões! respondeu um guarda, quando passaram por ela.

Ela regressou à praça. O terror tinha provocado o frenesim entre a multidão. Os homens arrancavam a barba violentamente, as mulheres

gritavam e arranhavam as faces com as unhas, até correr o sangue. Os monges da Abadia de São João estavam ajoelhados num canto, todos juntos, com os capuzes negros a caírem da cabeça e os braços levantados ao céu. Alguns deles tinham rasgado as vestes e começado a flagelar-se com paus em madeira, numa tentativa frenética para propiciar a evidente ira de Deus. Assustadas com este espectáculo, as crianças choravam e as suas vozes agudas sobressaíam do coro louco e dissonante dos adultos.

Ajudai-os, tinha pedido Sérgio. Preparai-os.

Mas, como?

Joana subiu os degraus do muro. Pegando no crucifixo que Sérgio tinha deixado cair, levantou-o bem alto para que todos o vissem. O sol reflectiu-se nas suas gemas, espalhando um arco-íris de luz dourada.

— Hosanna in excelsis — começou ela a entoar alto. As notas agudas e claras do cântico sagrado sobrepuseram-se à multidão, num tom forte, doce e seguro. As pessoas que estavam mais perto do muro levantaram os rostos cobertos de lágrimas para o som familiar. Padres e monges uniram as suas vozes no canto, ajoelhando-se nas pedras gastas ao lado de pedreiros e costureiras.

— Christus qui venit nomine Domini...

Voltou a ouvir-se um grande estrondo, seguido do som de madeira a partir-se. Os portões começaram a ceder. A luz entrava por onde tinha sido feita uma fenda.

Meu Deus, pensou Joana. E se eles conseguirem entrar? Até ali, essa possibilidade tinha parecido impensável.

Vieram-lhe à cabeça recordações. Voltou a ver os normandos entrarem pelas portas da catedral de Dorstadt, brandindo os seus machados. Ouviu os gritos tremendos dos moribundos... viu o João no chão, com o crânio esmagado... e Gisla... Gisla...

A voz tremeu-lhe e apagou-se. O povo olhou, alarmado.

Continua, disse ela para si mesma, continua. Mas o seu pensamento parecia que se tinha paralisado, não se lembrava das palavras.

— Hosanna in excelsis.

Uma voz grave de barítono soou atrás dela. Era Leão, cardeal-presbítero da Igreja de Sancti Quattro Coronati. Tinha subido para ao pé

dela. O som da sua voz libertou-a do medo e, juntos, prosseguiram o cântico.

Ouviu-se um grito ressoando do oriente.

— Deus e São Pedro.

Os guardas do muro saltavam de contentamento, aplaudindo, gritando:

— Deus seja louvado! Estamos salvos.

Ela olhou por cima do muro. Aproximava-se a galope um grande exército, que se dirigia para a cidade com os estandartes flutuantes enfeitados com os emblemas de São Pedro e da cruz.

Os sarracenos deixaram os toros com que batiam nas portas e correram para as suas montadas.

A Joana olhou na direcção do Sol. Quando as tropas se aproximaram mais, ela deu, subitamente, um grito agudo.

À frente, com a lança já pronta para ser lançada, alto, elegante e heróico como um dos velhos deuses da sua mãe, cavalgava Geraldo.

A batalha que se seguiu foi encarniçada e impiedosa. O ataque dos beneventanos tinha apanhado os sarracenos desprevenidos, foram expulsos dos muros da cidade e forçados a retirarem através dos campos, em direcção ao mar. Na costa, os infiéis embarcaram os seus tesouros roubados e partiram. Na debandada, deixaram para trás uma grande parte do seu saque.

Geraldo e os seus homens passaram semanas a subir e a descer a costa, à caça de bandos de salteadores.

Roma estava salva. Os romanos dividiam-se entre a alegria e o desespero — alegria por causa de terem sido libertados, desespero por causa da destruição de São Pedro. A basílica sagrada tinha sido saqueada de tal forma que estava irreconhecível. A velha cruz em ouro do túmulo do Apóstolo tinha desaparecido, assim como o grande retábulo em prata com a libertação de Bizâncio, oferecida pelo imperador Carlos Magno. Os infiéis tinham arrancado as incrustações em prata das portas e as placas em ouro do chão. Tinham mesmo — que Deus os cegasse! — levado o próprio altar-mor. Como não tinham conseguido retirar o sarcófago em bronze com o corpo do Príncipe dos Apóstolos, tinham-no arrombado, espalhando e profanando as cinzas sagradas.

Toda a Cristandade estava mergulhada no luto. Os sinais dos antepassados tinham sido preservados dentro das portas — antes invioláveis — deste templo cristão, o mais velho e o maior de todos. Gerações incontáveis de peregrinos, incluindo os maiores príncipes do mundo, tinham-se prostrado humildemente no pavimento sagrado. Fileiras de papas repousavam dentro das suas paredes. Não havia local que o Ocidente reconhecesse como mais sagrado do que este. E, no entanto, este santuário da Verdadeira Fé, que nem os godos, nem os vândalos, nem os gregos, nem os lombardos se tinham atrevido alguma vez a desafiar, tinha caído diante de uma horda de arruaceiros de África.

Sérgio culpava-se a si próprio pela catástrofe. Retirou-se para os seus aposentos, recusando-se a receber fosse quem fosse, a não ser a Joana e os seus conselheiros mais próximos.

E voltou a beber, esvaziando taças de vinho da Toscana umas atrás das outras até cair num esquecimento misericordioso.

A bebida tinha o efeito que já era conhecido: a gota voltou a atacá-lo; para aliviar a dor, ele bebia mais ainda. Dormia mal. Acordava todas as noites a gritar, atormentado por pesadelos nos quais era visitado pelo espectro vingativo de Bento. Joana temia a pressão que isto causava no seu coração já enfraquecido.

— Lembrai-vos da penitência que combinámos — lembrou-lhe ela.

— Agora, já não interessa — respondeu Sérgio, desanimado. Não tenho esperança de ir para o Céu. Deus abandonou-me.

— Não vos deveis culpar daquilo que aconteceu. Há coisas que ultrapassam todos os poderes mortais de as remediar ou evitar.

Sérgio abanou a cabeça:

— A alma do meu irmão assassinado clama contra mim! Eu pequei e isto é o meu castigo.

— Se não quereis pensar em vós próprio — argumentou Joana — pensai no povo! Agora, mais do que nunca, eles esperam o vosso consolo e a vossa orientação.

Ela tinha de o animar, mas, a verdade era outra. O povo tinha-se voltado contra Sérgio. Diziam que tinha havido avisos suficientes acerca da aproximação dos sarracenos, que tinha havido muito tempo para o Senhor

Papa ter transportado o sarcófago sagrado para dentro dos muros. A fé de Sérgio na libertação de Deus, que, na altura, tinha sido louvada por todos, agora, era condenada por todos como resultado de um orgulho pecaminoso e um erro desastroso.

— Mea culpa — respondeu Sérgio, chorando. — Mea maxima culpa.

Joana argumentou, resmungou, tentou persuadi-lo, em vão. A saúde de Sérgio deteriorou-se rapidamente. Joana fez tudo quanto podia por ele, mas não havia nada a fazer. Sérgio estava determinado a morrer.

Mesmo assim, demorou algum tempo até que a morte viesse. Já tinha perdido o juízo havia muito, caindo num estado de inconsciência, e continuava a resistir, como se o seu corpo tivesse relutância em libertar-se da última réstia de vida.

Morreu, finalmente, numa manhã escura e sem sol, entregando o espírito de uma forma tão tranquila que, inicialmente, ninguém se apercebeu de que ele tinha morrido.

Joana teve um desgosto autêntico com a sua morte. Ele não tinha sido um homem ou um papa tão bom como podia ter sido.

Mas, ela sabia melhor do que ninguém os demónios que o atormentavam, sabia como ele tinha lutado para se libertar deles. O facto de ter perdido a última batalha não tornava o combate menos honroso.

Foi sepultado na basílica em ruínas, ao lado dos seus predecessores, com um cerimonial tão sóbrio que quase roçou o escândalo. Os dias de luto previstos quase não foram observados pelos romanos porque eles, impacientes, já tinham os olhos postos no futuro e na eleição de um novo papa.

Anastácio fugiu ao temporal provocado pelos ventos de Janeiro e entrou no conforto do palácio ancestral da sua família. Era a maior residência em Roma, para além do Patriarchium, evidentemente, e Anastácio tinha razão para ter orgulho nela. O tecto abobadado da sala de entrada tinha a altura de dois andares e era todo em mármore branco de Ravena.

As suas paredes estavam pintadas com frescos de cores vivas, representando cenas da vida dos antepassados da família. Um deles

representava um cônsul a fazer um discurso perante o Senado, o outro, um general sentado num carro negro, comandando as tropas, um outro representava um cardeal recebendo o pallium das mãos do papa Adriano. Uma das paredes tinha sido deixada em branco, prevendo o dia há muito esperado, quando a família alcançasse finalmente a sua maior honra: a coroação de um dos seus filhos como papa.

Normalmente, esta sala era palco de uma grande azáfama.

Hoje, se não fosse o intendente da família, estaria vazia.

Ignorando os seus cumprimentos efusivos — já que Anastácio nunca perdia tempo com subalternos — ele dirigiu-se directamente para o quarto do seu pai. Àquela hora, normalmente, Arsénio já estava no salão, ocupado com os notáveis da cidade em jogos de poder sinuosos e gratificantes.

Mas, no mês anterior, tinha sido atacado por uma febre devastadora que tinha secado as suas formidáveis energias, confinando-o ao seu quarto.

— Meu filho.

Arsénio levantou-se do seu sofá quando Anastácio entrou.

Estava pálido. Anastácio sentiu uma onda curiosa e exaltante de força, como se a sua juventude e energia aumentassem, de certa maneira, por contraste com a diminuição das forças do seu pai.

— Pai.

Anastácio dirigiu-se para ele de braços abertos e eles abraçaram-se calorosamente.

— Que notícias trazes? — perguntou Arsénio.

— A eleição foi marcada para amanhã.

— Deus seja louvado! — exclamou Arsénio.

Era apenas uma forma de falar. Apesar de possuir o título honorífico de bispo de Horta, Arsénio não tinha sido ordenado e não era um homem religioso. A sua nomeação para o episcopado tinha sido apenas um reconhecimento político do poder enorme que ele tinha na cidade.

— Já é tempo de um filho meu se sentar no Trono de São Pedro.

— É possível que esse resultado não seja tão certo quanto esperávamos, Pai.

— O que queres dizer com isso? — Perguntou Arsénio.

— O apoio de Lothar à minha candidatura pode não ser suficiente. O facto de ele não ter feito nada para defender Roma dos sarracenos voltou muitos contra ele. O povo pergunta-se porque motivo há-de prestar homenagem a um imperador que não nos protege. Cresce a sensação de que Roma devia afirmar a sua independência do trono franco.

Arsénio pensou no assunto cuidadosamente. Depois, disse:

— Tens de denunciar Lothar.

Anastácio estava horrorizado. O pensamento do seu pai, sempre tão lúcido e acutilante, estava obviamente a toldar-se.

— Se eu fizesse isso — respondeu ele — perderia o apoio do partido imperial, do qual dependem as nossas esperanças.

— Não. Vais ter com eles e explicas-lhes que estás a agir apenas por necessidade política. Assegura-os de que, seja o que for que sejas obrigado a dizer, na realidade, és um homem do Imperador e que o provarás depois da tua eleição, atribuindo-lhes benefícios e privilégios de monta.

— Lothar vai ficar furioso.

— Nessa altura, já não interessa. Avançaremos para a cerimónia de consagração depois da eleição sem esperar pela jussio imperial. Dadas as circunstâncias, ninguém protestará porque é óbvio que Roma não pode continuar sem chefe nem mais um dia do que o necessário, sob a contínua ameaça dos sarracenos. Quando Lothar receber a notícia daquilo que aconteceu, serás Senhor Papa, bispo de Roma — e o imperador não poderá fazer nada para o alterar.

Anastácio abanou a cabeça com admiração. O seu pai tinha tomado conta da situação imediatamente. A velha raposa podia estar a envelhecer, mas não tinha perdido nem um pouco da sua astúcia.

Arsénio pegou numa grande chave em ferro.

— Vai aos armários e tira o ouro de que precisares para conquistar as suas mentes para ti. Raios! — praguejou ele. — Se não fosse esta maldita febre, era eu próprio que o fazia.

Anastácio pegou na chave fria e dura com uma sensação de poder gratificante.

— Descansai, Pai. Eu trato disto.

Arsénio agarrou-o pela manga.

— Tem cuidado, meu filho. O jogo que tu estás a jogar é perigoso. Não te esqueceste do que aconteceu ao teu tio Teodoro?

Esquecido! O assassinato do seu tio no Palácio Laterano tinha sido o momento de viragem da infância de Anastácio. A expressão de Teodoro quando os guardas papais lhe arrancaram os olhos perseguiria Anastácio até ao dia da sua morte.

— Eu terei cuidado, Pai — disse Anastácio. — Deixai tudo comigo.

— É precisamente isso que eu pretendo fazer — retorquiu Arsénio.

*** * ***

Ad te, Domine, levavi animam meam... rezava Joana, ajoelhada na pedra fria da capela do Patriarchium. Mas, por muito que rezasse, não era capaz de ascender à luz da graça; havia um laço mortal que a mantinha presa aqui em baixo.

Amava Geraldo. Não valia a pena continuar a iludir ou a negar essa verdade simples. Quando o tinha visto a caminho da cidade, à frente das tropas beneventanas, o seu ser tinha-se precipitado na sua direcção com uma convicção poderosa.

Tinha trinta e três anos. Mas, não tinha ninguém a quem estivesse ligada intimamente. As realidades práticas do seu disfarce não tinham permitido que ninguém se aproximasse muito. Vivia uma vida de mentira, negando a verdade de quem era.

Seria por isso que Deus a tinha privado da Sua graça? Será que Ele queria que ela abandonasse o seu disfarce e vivesse a vida de uma mulher, para a qual ela tinha nascido? A morte de Sérgio tinha-a libertado de qualquer obrigação de permanecer em Roma. O próximo papa seria Anastácio e não haveria lugar para Joana na sua administração. Ela tinha combatido os seus sentimentos por Geraldo durante muito tempo. Que alívio abençoado seria seguir os ditames do seu coração e não da sua cabeça. Que aconteceria quando ela e Geraldo voltassem a encontrar-se? Sorria intimamente, imaginando a alegria desse momento. Agora, tudo era possível. Podia acontecer tudo.

Ao meio-dia do dia marcado para a eleição, tinham-se reunido todos os romanos, leigos e clero, participavam na eleição do novo papa.

Joana teve que se pôr em bicos dos pés para conseguir espreitar por cima das cabeças e dos braços. Onde estava Geraldo? Havia rumores de que ele tinha regressado da sua campanha de meses contra os sarracenos. Se era verdade, ele estaria ali. Subitamente, ficou com medo — e se ele tivesse regressado a Benevento sem voltar a vê-la?

A multidão abriu alas respeitosamente quando Eustácio, o arcipreste, Desidério, o arcediago, e Pascal, o primicerius, entraram na praça: o triunvirato dos funcionários que, por tradição, governavam a cidade sede vacante, isto é, no interregno entre a morte de um papa e a eleição de outro.

Eustácio fez uma pequena oração:

— Pai Celeste, guiai-nos naquilo que vamos fazer aqui hoje para que ajamos com prudência e honra, que o ódio não destrua a razão e o amor não interfira com a verdade. Em Nome da santa e indivisível Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo. Ámen.

Pascal falou a seguir:

— Tendo o senhor papa Sérgio partido para Deus, cabe-nos eleger o seu sucessor. Qualquer romano aqui presente pode falar e manifestar os sentimentos que Deus lhe inspirou para que a vontade geral seja, assim, cumprida.

— Meu Senhor Primicerius.

Tassilo, o chefe da facção imperial e um dos agentes de Lothar falou imediatamente:

— Há um nome que se impõe acima de todos os outros. Anastácio, bispo de Castellum, filho do ilustre Arsénio. Todas as qualidades da natureza deste homem o recomendam para o trono — o seu nascimento nobre, a sua erudição extraordinária, a sua indiscutível piedade. Em Anastácio teremos um defensor não só da nossa fé cristã, mas também dos nossos interesses.

— Dos vossos interesses, quereis vós dizer! — disse uma voz, trocista, vinda da multidão.

— Não — retorquiu Tassilo. — A generosidade e grandeza de coração de Anastácio fará dele um pai para todos vós.

— Ele é o homem do imperador! — voltou a gritar o provocador. — Não queremos um instrumento do trono franco para nosso Senhor Papa!

— É verdade! É verdade! — disseram várias vozes, num acordo vigoroso.

Anastácio subiu à plataforma. Levantou os braços num gesto dramático, acalmando a multidão.

— Companheiros romanos, julgais-me mal. O orgulho dos meus nobres antepassados romanos corre tão intensamente nas minhas veias como nas vossas. Não me submeto a nenhum senhor franco!

— Ouvi, ouvi! — aclamaram-no os seus apoiantes, entusiasticamente.

— Onde estava Lothar quando o infiel estava às nossas portas? — prosseguiu Anastácio. — No momento em que não respondeu às nossas necessidades, perdeu o direito de se chamar a si mesmo Protector das Terras de São Pedro! Como soldado de Lothar, devo-lhe honra, como ele é um companheiro cristão, devo-lhe respeito, mas a minha fidelidade vai primeiro e sempre para a Mãe Roma!

Tinha falado bem. Os seus apoiantes voltaram a aclamá-lo e, desta vez, foram acompanhados por outros entre a multidão. A maré de opinião estava a virar-se para Anastácio.

— É mentira! — gritou Joana. Todos os rostos se voltaram para ela, surpreendidos.

— Quem falou? — procurou Pascal entre a multidão. — Que o acusador avance.

Joana hesitou. Tinha falado sem pensar, picada pela ira perante a hipocrisia de Anastácio. Mas, agora, não podia recuar. Subiu à plataforma.

— Mas, é João Anglicus! — disse alguém.

Um murmúrio de reconhecimento atravessou a multidão, todos tinham conhecimento ou tinham ouvido falar da forma como Joana se havia postado corajosamente no muro da cidade, durante o ataque dos sarracenos.

Anastácio tapou-lhe a passagem.

— Não tendes o direito de vos dirigirdes a esta assembleia! Não sois um cidadão romano.

— Deixai-o falar! — gritou uma voz. Ouviram-se mais gritos, até Anastácio acabou por ser forçado a deixá-la passar.

Pascal disse:

— Fazei as vossas acusações abertamente, João Anglicus.

Respirando fundo, Joana disse:

— O bispo Anastácio fez um acordo com o Imperador. Eu ouvi-o prometer que voltava a entregar Roma ao trono franco.

— Falso Padre! Mentiroso!

Os membros do partido imperial começaram a gritar para tentar abafar a sua voz. Levantando a voz mais alto do que eles, ela descreveu como tinha ouvido Lothar pedir a Anastácio que o ajudasse a levar o povo a jurar fidelidade e como Anastácio tinha concordado, a troco do apoio de Lothar.

— Essa acusação é muito grave — disse Pascal —, O que tendes a dizer, Anastácio, Diante de Deus.

— O padre está a mentir — disse Anastácio. — Certamente os meus concidadãos não vão acreditar na palavra de um estrangeiro contra a de um cidadão romano!

— Vós fostes o primeiro a apoiar o juramento! — gritou alguém.

— E então — argumentou outro. — Isso não prova nada!

Seguiu-se uma grande confusão. O debate aquecia cada vez mais, com o humor da multidão pendendo primeiro para um lado, depois, para o outro, à medida que se levantavam vozes para apoiar ou condenar Anastácio.

— Meu Senhor Primicerius!

Arighis, que até ali se tinha mantido calado, avançou.

— Vicedominus.

Pascal saudou Arighis respeitosamente, apesar de estar surpreendido. Servo dedicado e leal ao trono papal como ele era, Arighis nunca se tinha metido em políticas.

— Tendes alguma coisa a acrescentar a esta disputa?

— Tenho — Arighis virou-se para a multidão. — Cidadãos de Roma, não estamos livres de perigo. Quando vier a Primavera, os sarracenos podem tentar um novo assalto à cidade. Temos de nos manter unidos perante esta ameaça.

Não podem existir divisões entre nós. Seja quem for que escolhais para nosso Senhor Papa, tem de ser alguém que reúna o consenso de todos.

Ouviu-se um murmúrio de assentimento perpassar a multidão.

— Existe um homem assim? — perguntou Pascal.

— Sim — respondeu Arighis. — Um homem de visão e poder, assim como instruído e piedoso: Leão, cardeal-presbítero da Igreja de Sancti Quatro Coronati!

A sugestão foi acolhida com um silêncio profundo. Estavam tão embrenhados na discussão sobre os méritos da candidatura de Anastácio, que não tinham parado para considerar outra possibilidade.

— A linhagem de Leão é tão nobre como a de Anastácio — prosseguiu Arighis. — O seu pai é um respeitado membro do Senado. Ele desempenhou as suas obrigações de cardeal-presbítero com distinção.

Arighis guardou o seu ponto mais revelador para o fim:

— Algum de nós poderá esquecer como ele ficou corajosamente junto aos muros, durante o ataque dos sarracenos, animando-nos? Ele é um leão de Deus, outro São Lourenço, um homem que pode, que nos protegerá dos infiéis!

A exigência do momento tinha feito despontar em Arighis uma eloquência que não lhe era característica. Inflamados pela profundidade da sua convicção, muitos na multidão irromperam espontaneamente em aclamações.

Sentindo que era oportuno, os membros da facção papal começaram a gritar.

— Leão! Leão! — gritavam eles. — Queremos Leão para nosso senhor!

Os apoiantes de Anastácio tentaram contrariar a tendência, a favor da sua candidatura. Mas, o sentimento da multidão tinha mudado claramente. Quando se tornou evidente para a facção imperial que não iam vencer, transferiram o seu apoio para Leão. Leão foi proclamado Senhor e Papa a uma só voz.

Levado triunfalmente aos ombros pelos seus concidadãos, ele subiu à plataforma. Era baixo, mas bem constituído, ainda jovem. As suas feições, acentuadamente romanas, eram emolduradas por um cabelo castanho encaracolado e forte e a sua expressão insinuava inteligência e humor. Com sensibilidade para as ocasiões solenes, Pascal prostrou-se

diante dele e beijou-lhe os pés. Eustácio e Desidério seguiram-no imediatamente.

Todos os olhos se voltaram para Anastácio, na expectativa.

Por uma fracção de segundos, ele hesitou. Depois, forçou os seus joelhos a dobrarem-se. Estendendo-se ao comprido no chão, beijou os pés do Papa eleito.

— Levantai-vos, nobre Anastácio — Leão estendeu-lhe a mão, ajudando-o a levantar-se. — A partir de hoje, sois Cardeal-Presbítero de São Marcelo.

Era um gesto generoso. Leão tinha presenteado Anastácio com uma das sinecuras mais prestigiadas de Roma.

A multidão manifestou a sua aprovação.

Anastácio forçou os seus lábios a sorrirem porque o gosto amargo da derrota lhe sabia a cinzas secas.

* * *

Magnus Dominus et laudibilis nimis. As notas do intróito atravessavam a janela do quartinho onde Joana guardava os seus medicamentos. Como São Pedro estava em ruínas, a cerimónia de consagração tinha sido na Basílica de Latrão.

Joana devia estar na igreja com o resto do clero, testemunhando a coroação jubilosa de um novo papa. Mas, tinha muito que fazer ali: tinha de pendurar as ervas recém-colhidas para secarem, tinha de encher os jarros e as garrafas com os medicamentos respectivos, pondo tudo em ordem. Quando acabou, encheu as prateleiras com as suas filas alinhadas de poções, ervas e medicamentos — testemunho tangível de tudo quanto ela tinha aprendido na arte da cura. Sentiu um aperto no coração e apercebeu-se de que iria sentir falta daquela oficinazinha.

— Pensei que te encontrava aqui.

A voz de Geraldo soou atrás dela. O coração de Joana deu um salto de alegria. Virou-se para ele e os seus olhos encontraram-se.

— Tu? — disse Geraldo suavemente.

— Eu.

Sorriram um ao outro com o calor da intimidade restabelecida.

— É estranho — disse ele. — Quase me tinha esquecido.

— Esquecido?

— Cada vez que te vejo... volto a descobrir-te.

Ela avançou para ele e abraçaram-se terna e suavemente.

— As coisas que eu disse da última vez que estivemos juntos... murmurou ela. — Eu não quis...

Geraldo colocou um dedo sobre os seus lábios.

— Deixa-me falar primeiro. O que aconteceu foi culpa minha. Eu estava errado em pedir-te para partires; compreendo-o agora. Não percebi o que tinhas alcançado aqui... aquilo em que te tinhas tornado. Tinhas razão, Joana — não há nada que eu te possa oferecer que se lhe compare.

Excepto amor, pensou Joana, mas, não o disse. Disse simplesmente:

— Não quero perder-te outra vez.

— Não me vais perder — disse Geraldo. — Não vou voltar para Benevento. Leão pediu-me para eu ficar em Roma — como superista.

Superista! Era uma honra extraordinária, a posição militar mais alta em Roma: comandante-chefe da milícia papal.

— Há trabalho para fazer aqui — trabalho importante. O tesouro que os sarracenos roubaram de São Pedro só vai encorajá-los a voltarem à carga.

— Pensas que eles vão regressar?

— Sim.

A qualquer outra mulher, Geraldo teria mentido para a tranquilizar. Mas, Joana não era como as outras mulheres.

— Leão vai precisar da tua ajuda, Joana — da tua e da minha.

— Da minha? Não vejo o que possa fazer.

Geraldo disse lentamente:

— Então, quer dizer que ainda ninguém te disse?

— Me disse o quê?

— Que vais ser nomenclator.

— O quê!

Ela não podia ter ouvido bem. O nomenclator era um dos sete optimates, ou oficiais superiores, de Roma — o ministro da caridade, protector de menores, viúvas e órfãos.

— Mas... eu sou estrangeira!

— Isso não interessa a Leão. Ele não é homem para se vergar a tradições sem sentido.

Tinha-lhe sido oferecida uma oportunidade única. Mas, aceitá-la significaria também o fim de qualquer esperança de uma vida com Geraldo. Dividida por desejos opostos, Joana não se atrevia a falar.

Interpretando mal o seu silêncio, Geraldo disse.

— Não te preocupes, Joana. Não voltarei a maçar-te com propostas de casamento. Agora, sei que nunca poderemos ficar juntos dessa maneira. Mas, será bom voltar a trabalhar contigo, como dantes: Sempre fomos uma boa equipa, não fomos?

A cabeça da Joana andava-lhe à roda; tinha saído tudo tão diferente daquilo que ela tinha imaginado. A sua voz, quando respondeu, era um sussurro:

— Sim. Sim, fomos.

Sanctus, Sanctus, Sanctus. As palavras do hino sagrado chegaram-lhes aos ouvidos através das janelas abertas. A cerimónia de consagração tinha terminado; o Cânone da Missa estava quase a começar.

— Anda — Geraldo pegou-lhe na mão. — Vamos saudar o nosso senhor Papa juntos.

Capítulo 25

O novo Pontífice assumiu as suas tarefas com um vigor juvenil que surpreendeu toda a gente. Parecia que, de um dia para o outro, o Patriarchium, de um palácio monástico poeirento, se tinha transformado numa colmeia cheia de actividade. Notários e secretários corriam pelos

salões com os braços cheios de rolos de pergaminho com planos, estatutos, cartulários e benefícios.

A primeira tarefa era fortalecer as defesas da cidade. Por ordem de Leão, Geraldo fez um circuito pormenorizado pelos muros, anotando cuidadosamente todos os pontos de fraqueza.

Seguindo as suas sugestões, foram traçados planos e iniciaram-se as obras de reparação dos muros e das portas da cidade. Três dos portões e quinze das torres foram completamente reconstruídas. Foram construídas duas novas torres na outra margem do Tibre, onde o rio entrava na cidade, na porta de Portus. Foi feita uma ligação estratégica entre as várias torres, através de correntes de ferro reforçado, de forma a que, quando as correntes fossem esticadas por cima do rio, formassem uma barreira que não permitisse a passagem a navios. Os sarracenos nunca conseguiriam entrar na cidade, pelo menos, por ali.

Ainda se punha a difícil questão da protecção de São Pedro.

Leão convocou uma reunião do alto clero e dos optimates, incluindo Geraldo e Joana para pensarem no problema.

Foram avançadas algumas sugestões: colocar uma guarnição de milícias permanente em torno da basílica, fechar a praça, fortificar as portas e as janelas com grades em ferro.

Leão ouvia sem entusiasmo.

— Essas medidas só servirão para atrasar uma entrada à força, mas não para a impedir.

— Com todo o respeito Santidade, — disse Anastácio —, o atraso é a nossa melhor defesa. Se não pudermos reter os bárbaros até as tropas do imperador chegarem...

— Se chegarem... — interrompeu Geraldo, num tom seco.

— Tendes de confiar em Deus, superista — retorquiu Anastácio.

— Em Lothar, quereis vós dizer — disse Geraldo. — Não, não confio.

— Perdoai-me, superista — disse Anastácio com uma delicadeza exagerada —, por apontar para aquilo que é óbvio, mas, de momento não

podemos fazer mais nada, uma vez que a basílica fica fora dos muros da cidade.

Joana disse:

— Podemos trazê-la para dentro dos muros.

As sobrancelhas escuras de Anastácio arquearam-se sardonicamente.

— O que propondes, João... que se transfira o edifício todo, pedra a pedra?

— Não — respondeu a Joana. — Proponho que se aumentem os muros da cidade, de forma a cercarem São Pedro.

— Um novo muro! — o interesse de Leão ficou aguçado.

— Totalmente impraticável! — troçou Anastácio. — Desde os dias dos antigos que não se realiza um projecto dessa envergadura.

— Então — disse Leão — chegou a hora de outro.

— Não temos fundos! — protestou Grácio, o arcarius, ou tesoureiro papal. — Chegaremos à bancarrota sem que a obra tenha chegado, sequer, a meio!

Leão considerou a questão.

— Lançaremos novos impostos. Afinal, é justo que o novo muro, que servirá para nos proteger a todos, seja construído com a ajuda de todos.

O pensamento de Geraldo já seguia à frente:

— Podíamos começar a construir aqui — e apontou para um mapa da cidade — no Castel SantAngelo. Fazer passar o muro ao longo da Colina do Vaticano — traçou uma linha imaginária com o dedo — fazê-lo circundar São Pedro e fazê-lo descer numa linha recta até ao Tibre.

A linha em forma de ferradura que Geraldo tinha desenhado não só incluía São Pedro, como também incluía os mosteiros e diaconae que o rodeavam, assim como todo o Borgo, no qual se concentravam as colónias dos saxónios, dos frígios, dos francos e dos lombardos.

— É como se fosse uma cidade! — exclamou Leão.

— Civitas Leonina — disse Joana — a Cidade Leonina.

Anastácio e os outros olhavam, perplexos, enquanto Leão, Geraldo e Joana se agitavam numa feliz conspiração.

Depois de semanas de consultas com os mestres-construtores da cidade, o plano do muro ficou terminado. Era um projecto ambicioso.

Construído em camadas de tufo calcário e de ladrilhos, o muro teria cerca de quarenta pés de altura e doze de espessura e seria defendido por nada menos do que quarenta e quatro torres — uma barreira que resistiria mesmo ao cerco mais determinado.

Em resposta ao apelo de Leão, afluíram à cidade trabalhadores provenientes de todas as povoações e colónias do território papal. Amontoavam-se nos alojamentos quentes e cheios do Borgo, levando os recursos da cidade a um ponto de ruptura. Apesar de serem leais e ambiciosos, eram trabalhadores sem conhecimentos, indisciplinados e os seus esforços tornaram-se difíceis de coordenar. Apareciam todos os dias sem saberem bem o que deviam fazer porque não havia construtores habilitados em quantidade suficiente para supervisionarem os seus esforços. Nos idos de Maio, uma secção inteira do muro ruiu inesperadamente, matando vários trabalhadores.

O clero, comandado pelos cardeais-presbíteros da cidade, pediu a Leão que abandonasse o projecto. A queda do muro era um sinal claro do desagrado de Deus, disseram eles. A ideia era uma loucura; uma estrutura tão alta nunca se manteria de pé e, mesmo que se mantivesse, nunca estaria acabada a tempo de os defender contra os sarracenos. Era muito melhor orientar as energias do povo para a oração solene e para o jejum para afastar a ira de Deus.

— Rezaremos como se tudo dependesse de Deus e trabalharemos como se tudo dependesse de nós — respondeu Leão com firmeza.

Ele dava todos os dias uma volta para examinar o progresso da construção e para animar os trabalhadores. Não havia nada que o pudesse deter na sua determinação para ver o muro terminado.

Joana admirava a forma teimosa como Leão desafiava os cépticos. Completamente diferente de Sérgio em carácter e temperamento, Leão era um verdadeiro guia espiritual, um homem enérgico e determinado. Mas, a admiração que Joana sentia por ele não era partilhada por todos. Os sentimentos na cidade dividiam-se entre aqueles que aprovavam a construção do muro e aqueles que se lhe opunham. Depressa se tornou claro que a possibilidade de Leão continuar a governar dependia muito do sucesso na construção do muro.

* * *

Anastácio tinha a noção exacta da situação e da oportunidade que ela representava. A obsessão de Leão com o muro tornava-o perigosamente vulnerável. Se o projecto se revelasse um fracasso, a desaprovação popular daí resultante podia dar a Anastácio a oportunidade que ele esperava. Os seus apoiantes do partido imperial podiam marchar para o Laterano, destituir o Papa desacreditado e instalar o seu candidato no seu lugar.

Uma vez papa, Anastácio protegeria a santa Basílica de São Pedro, renovando e fortalecendo os laços de Roma com o império franco. Os exércitos de Lothar seriam uma defesa muito melhor contra os infiéis do que o muro impraticável de Leão.

Mas, Anastácio lembrou a si próprio que tinha de agir cautelosamente. Era melhor não se opor abertamente a Leão, pelo menos, enquanto as pessoas ainda esperavam para ver o resultado final do empreendimento arrojado do Pontífice.

O mais sensato era apoiar Leão publicamente, enquanto fazia tudo o que podia para sabotar o projecto em construção. Para tanto, Anastácio já tinha conseguido maquinar a derrocada de uma parte do muro. Não tinha sido difícil, alguns dos seus homens de confiança tinham aparecido de noite e tinham minado a fundação com algumas escavadelas subreptícias. Mas, a queda do muro não tinha representado senão um pequeno atraso. Era evidente que era preciso fazer mais qualquer coisa — um desastre de proporções suficientes para pôr termo àquele projecto ridículo de uma vez por todas.

Anastácio dava voltas à cabeça, procurando uma forma de atacar. Mas, continuava a não ter ideia nenhuma. Sentia-se cada vez mais frustrado. Se ao menos ele pudesse chegar-lhe com uma mão gigantesca, que esmagasse a construção toda e a levasse para o fogo do Inferno de um só golpe irrefutável.

O fogo do Inferno...

Anastácio sentou-se muito direito, excitado com a aparição súbita de uma ideia.

Joana acordou lentamente. Ficou confusa durante alguns momentos, olhando para a forma desconhecida das vigas de madeira no tecto. Depois, lembrou-se: não era o dormitório, mas sim os seus aposentos privados - um dos privilégios da sua posição como nomenclator. Geraldo também tinha sido agraciado com aposentos privados no Patriarchium, mas não dormia neles havia várias semanas, preferindo ficar na Schola Francorum no Borgo para estar mais perto das obras de construção do muro.

Joana tinha-o visto de longe, cavalgando em torno do local de construção, animando os trabalhadores, ou debruçado sobre uma mesa, discutindo os planos com os mestres-construtores.

Não tinham oportunidade para trocar senão um olhar de relance.

Mas, o seu coração batia, excitado, cada vez que o via.

Realmente, pensou ela, este meu corpo de mulher é um traidor.

Com um esforço deliberado, fixou a sua atenção no trabalho do dia e nos deveres que a esperavam.

A luz da madrugada já entrava pela janela. Com surpresa, apercebeu-se de que devia ter adormecido. Se não se despachasse, chegava tarde ao seu encontro com o chefe do Hospício de São Miguel.

Ao saltar da cama, apercebeu-se de que a luz que lhe entrava no quarto não era do sol nascente. Não podia ser a luz do Sol porque a janela estava virada para ocidente.

Correu para a janela. Por trás da silhueta negra da Colina do Palatino, no outro extremo da cidade, erguiam-se para o céu sem luar cortinas de luz vermelha e laranja.

Chamas. E vinham do Borgo.

Sem parar para calçar os sapatos, Joana correu descalça pelos salões:

— Fogo! — gritou ela. — Fogo! Fogo!

As portas abriram-se e as pessoas começaram a aparecer, agitadas, no corredor. Arighis dirigiu-se a ela, esfregando os olhos.

— O que se passa — perguntou ele.

— O Borgo está a arder!

— Deo, juva nos! — Arighis benzeu-se. — Tenho de acordar Sua Santidade.

Correu na direcção do quarto papal.

Joana correu pelas escadas abaixo e saiu. Era mais difícil ver dali porque os numerosos oratórios, mosteiros e casas do clero que rodeavam o Patriarchium obscureciam a vista, mas ela diria que o incêndio se tinha ateado porque o céu nocturno estava completamente iluminado com um brilho sinistro.

Havia outros que tinham seguido Joana até ao pórtico. Caíram de joelhos, chorando e invocando Deus e São Pedro. Depois, apareceu Leão, com a cabeça descoberta e com uma simples túnica.

— Procurai a guarda — ordenou ele ao camareiro. — Acordai os palefreneiros. Eles que preparem todos os cavalos e todos os carros que estiverem disponíveis.

O rapaz correu a levar as ordens. Os cavalos estavam agitados, irrequietos e irritáveis por terem sido tirados do conforto dos seus estábulos a meio da noite. Leão montou o baio que se encontrava à frente. Arighis ficou horrorizado:

— Não pretendeis ir vós mesmos?

— Pretendo, sim — respondeu Leão, tomando as rédeas.

— Santidade, tenho de me opor! É muito perigoso! Será certamente mais adequado que permaneçais aqui e que celebreis uma missa a pedir clemência!

— Posso rezar tanto fora dos muros de uma igreja como dentro — respondeu Leão. — Afastai-vos, Arighis.

Arighis obedeceu com relutância. Leão esporeou a montada e cavalgou pela rua abaixo. Joana e dezenas de guardas montaram e partiram logo a seguir a ele. Arighis seguiu atrás deles.

Não era um grande cavaleiro, mas o seu lugar era ao lado do Papa. Se Leão se tinha metido naquela loucura, era dever de Arighis acompanhá-lo. Montou desajeitadamente e partiu atrás deles.

Puseram-se a galope, com as tochas a reflectirem-se nas paredes das casas. As suas sombras perseguiam-se umas às outras pelas ruas escuras, como fantasmas enlouquecidos.

Quando chegaram perto do Borgo, o cheiro intenso a fumo entroulhes pelo nariz e eles ouviram um grande ruído, como se fosse o rugido de milhares de animais selvagens. Depois de passarem uma curva, o fogo estava mesmo à frente deles. Era uma cena infernal. O quarteirão estava

completamente a arder, coberto com um manto de chamas. Através do fumo avermelhado, as construções em madeira retorciam-se, presas das chamas que as consumiam. Recortadas contra o fogo, as figuras humanas corriam em todas as direcções, como almas condenadas. Os cavalos relincharam e recuaram, baixando as cabeças. Um padre veio a correr na direcção deles, pelo meio do fumo denso, com o rosto manchado de suor e de fuligem.

— Santidade! Graças a Deus que viestes!

Pelo sotaque e pela maneira como estava vestido, Joana percebeu que se tratava de um franco.

— É tão mau como parece? — perguntou Leão lapidarmente.

— É ainda pior do que parece — respondeu o padre. — O Hadrianium está destruído, assim como o Hospício de São Peregrino. As colónias estrangeiras também desapareceram — a Schola Saxonum ardeu completamente, assim como a sua igreja.

Os edifícios da Schola Francorum estão em chamas. Eu quase não escapava com vida.

— Haveis visto Geraldo? — perguntou Joana, aflita.

— O superista — O padre abanou a cabeça negativamente. — Ele dormia num dos andares superiores, com os pedreiros. Duvido que algum deles tenha conseguido escapar, o fumo e o fogo espalharam-se demasiado depressa.

— E os sobreviventes — perguntou Leão. — Onde estão?

— A maior parte deles refugiaram-se em São Pedro. Mas, há fogo por toda a parte. Se ninguém o apagar, a própria basílica pode estar em risco!

Leão estendeu-lhe a mão:

— Vinde connosco, é para lá que vamos agora.

O padre saltou para cima da montada, sentando-se atrás do Papa e dirigiram-se todos para São Pedro.

Joana não os acompanhou. Tinha outra coisa em mente: encontrar Geraldo.

A linha de fogo erguia-se sólida e intransponível à sua frente. Não havia forma de passar através dela. Rodeou-a, até chegar a um cruzamento de ruas escuras e em ruínas por onde o fogo já tinha passado. Desceu uma delas que seguia na direcção da Schola Francorum.

Continuava a haver focos de incêndio de cada lado da rua e o fumo era mais espesso. O medo começou a apertar-lhe a garganta, mas forçou-se a continuar. O seu cavalo começou a relinchar e a lutar, sem querer avançar, ela gritou e bateu-lhe e ele avançou nervosamente. Ela passou por uma paisagem de horror - troncos de árvore queimados, esqueletos de casas, corpos retorcidos e carbonizados daqueles que tinham tentado fugir. O coração da Joana batia-lhe dentro do peito, não era possível que tivesse saído alguma coisa com vida daquele holocausto.

De repente, inesperadamente, as paredes de um edifício ergueram-se diante dela. A Schola francorum! A igreja e as construções vizinhas estavam reduzidas a cinzas, mas, miraculosamente, a residência principal ainda estava de pé.

O coração bateu-lhe com uma esperança renovada: talvez Geraldo tivesse escapado! Ou talvez ainda estivesse lá dentro, ferido, precisando de ajuda.

O cavalo estacou, recusando-se a avançar. Ela voltou a bater-lhe,: desta vez, ele empinou-se furiosamente, atirando-a ao chão. Depois, largou a galope.

Ela ficou no chão, atordoada. Ao seu lado, estava um corpo humano, brilhante e escuro como metal fundido, com as costas arqueadas numa agonia de morte.

Com um sobressalto, ela levantou-se e correu para a schola.

Tinha de encontrar Geraldo, nada mais importava.

Havia cinzas por toda a parte, no chão, nas suas roupas, no seu cabelo, suspensas à sua volta numa nuvem pesada e sufocante. As brasas queimaram-lhe os pés descalços e ela arrependeu-se de não ter calçado uns sapatos.

Viu ao longe a porta da schola. Mais alguns metros, e estaria junto dela.

— Geraldo! — gritou ela. — Onde estás?

Selvagem e incontrolável como o vento que o fustigava, o fogo mudou de direcção, depositando uma quantidade de brasas a arder sobre o telhado, já seco como uma mecha apagada, depois da primeira passagem do fogo. As brasas quase se apagaram e, depois, voltaram a atear-se, poucos momentos depois, todo o edifício começou a arder.

Joana sentiu que o cabelo se lhe levantava todo e caía devido à lufada violenta de ar abrasador. O fogo avançou para ela com as suas línguas escaldantes.

— Geraldo! — gritou ela, novamente, recuando devido ao avanço das chamas.

Geraldo tinha ficado acordado até tarde, examinando os planos para o muro. Quando apagou, finalmente, a vela, estava tão exausto que caiu logo num sono profundo e sem sonhos.

Acordou com o cheiro do fumo. Deve ter-se incendiado uma lâmpada, pensou ele e levantou-se para a apagar. A primeira lufada de ar que ele respirou ressequiu-lhe os pulmões, provocando-lhe uma dor que o fez ajoelhar-se, com falta de ar.

Fogo. Mas, de onde vem? O fumo espesso não lhe permitia ver mais do que alguns passos em todas as direcções.

Ouviu gritos aterrados de crianças perto dele. Geraldo arrastou-se na direcção deles. Da escuridão, emergiram rostos assustados — duas crianças, um menino e uma menina com pouco mais de quatro ou cinco anos. Correram na sua direcção e agarraram-se a ele, chorando copiosamente.

— Está tudo bem. — Ele fingiu uma segurança que não sentia. Já vamos sair daqui. Alguma vez brincaram aos cavaleiros?

As crianças acenaram que sim, com os olhos muito abertos.

— Muito bem.

Ele pôs a menina às cavalitas, depois, o menino. — Agarrem-se bem. Vamos sair.

Moveu-se com dificuldade por causa do peso das crianças às costas. O fumo tinha-se tornado ainda mais espesso, as crianças tossiam, com falta de ar. Geraldo combateu o medo que começava a crescer dentro dele. Muitas vítimas de incêndios não morriam queimadas, mas sim asfixiadas, por causa do fumo.

De repente, deu-se conta de que tinha perdido os seus fardos. Os seus olhos procuraram na escuridão, mas não era capaz de encontrar a porta porque o fumo era cada vez mais espesso.

— Geraldo! — gritou uma voz através do fumo.

Dobrando-se para respirar melhor, ele encaminhou-se às cegas na direcção do som.

Diante dos muros de São Pedro, travava-se uma batalha árdua contra o fogo que avançava. Tinha-se reunido uma multidão para defender a basílica ameaçada — monges vestidos de negro do mosteiro vizinho de São João e os seus correspondentes encapuçados do mosteiro grego de São Cirilo, diáconos, padres e acólitos, prostitutas e pedintes, homens, mulheres e crianças de todas as scholae estrangeiras do Borgo — saxónios, lombardos, ingleses, frígios e francos. Sem qualquer coordenação central, os esforços daqueles grupos dispersos eram bastante ineficazes. Faziam uma tentativa caótica para encontrar recipientes e jarros e para trazer água dos poços e cisternas das imediações. Um dos poços estava apinhado de gente, enquanto outro estava completamente abandonado.

Gritando numa confusão de línguas diferentes, as pessoas empurravam-se e acotovelavam-se para encherem os seus recipientes, os jarros batiam uns nos outros e partiam-se, derramando a água preciosa para o chão. No meio da confusão, um dos baldes para tirar água do poço partiu-se, a única forma de chegar à água era descer ao poço e voltar a subir — um processo que era tão difícil que depressa foi abandonado.

— Para o rio! Para o rio! — gritavam alguns, encaminhando-se para o Tibre.

No meio do medo e da confusão, alguns dirigiram-se para o rio de mãos a abanar, apercebendo-se disso apenas quando chegaram à margem e viram que não tinham nada com que transportar água. Outros, traziam jarros tão grandes que, quando cheios com água, eram demasiado pesados para as suas forças, a meio caminho, deixavam-nos cair, chorando de raiva e de frustração.

No meio deste caos, Leão estava diante das portas de São Pedro, sólido e imóvel como as pedras da própria basílica. As pessoas ficavam mais consoladas com a sua presença. Enquanto o seu Senhor Papa estivesse, não estava tudo perdido, ainda havia esperança. Por isso, continuavam a combater as chamas que avançavam inexoravelmente como uma maré, fazendo recuar a linha daqueles que o combatiam, suados e esforçados.

À direita da basílica, a biblioteca do Mosteiro de São Martinho estava em chamas, saíam pedaços de pergaminho a arder pelas janelas abertas e, levados pelo vento, aterravam no telhado de São Pedro.

Arighis tocou na manga de Leão.

— Tendes de ir embora agora, Santidade, enquanto é tempo.

Ignorando-o, Leão continuava a rezar.

Vou chamar a guarda, pensou Arighis, desesperado. Farei com que eles o levem daqui à força. Como vicedominus tinha autoridade para o fazer. Mas hesitava, torturado. Será que se poderia permitir desafiar o Apostólico, mesmo que fosse para o salvar?

Ele apercebeu-se do perigo que se aproximava antes de qualquer outro. Um grande pedaço de seda da cortina do altar varreu as paredes a arder do mosteiro, formando uma corda de fogo. O vento apanhou-a, transformando-a numa seta de fogo apontada directamente a Leão.

Arighis atirou-se sobre Leão, afastando-o para o lado. Pouco depois, o revestimento do altar atingiu Arighis na cara, queimando-lhe os olhos, enrolando-se à volta da sua cabeça e do seu corpo como um lençol de chamas. Subitamente, as suas vestes e o seu cabelo começaram a arder.

Cego e surdo por causa das chamas, correu pelos degraus da basílica até as suas pernas cederem. Caiu. Nos últimos terríveis momentos, enquanto o seu corpo ardia, mas o seu cérebro estava perfeitamente consciente, Arighis compreendeu subitamente: era aquele o seu destino, era este o momento sacrificial para o qual toda a sua vida tinha estado orientada.

— Cristo Jesus! — gritou ele quando as dores indizíveis lhe trespassaram o coração.

A nuvem de fumo levantou-se um pouco e Geraldo viu a porta aberta à sua frente. Na ombreira da porta, a imagem da Joana tremeluzia no ar quente, com o seu cabelo dourado como uma aura brilhante à luz do fogo. Com um esforço final, Geraldo levantou-se, pegou nas crianças e irrompeu pela porta.

Joana viu-o emergir do fumo e correu para ele. Ajudou-o a pôr no chão as crianças que choravam e pegou-lhes ao colo, enquanto os seus olhos ficavam presos aos de Geraldo, que estava parado, incapaz de falar ou de se mexer.

— Graças a Deus — limitou-se ela a dizer.

Mas, a mensagem dos seus olhos dizia muito mais.

Deixaram as crianças entregues a um grupo de freiras e correram para a basílica, onde Geraldo viu imediatamente que aqueles que combatiam o fogo estavam mal colocados, estavam a combater o fogo perto de mais.

Geraldo assumiu o comando. Ordenou aos homens que recuassem para uma distância mais segura e criassem uma barreira ao fogo, arrancando arbustos, galhos de árvores e tudo o que ardesse e, depois, espalhassem por cima erva e molhassem o chão.

Ao ver as fagulhas a caírem sobre a basílica, Joana tirou um jarro de água das mãos de um monge que ia a passar e subiu ao telhado. Houve outras pessoas que a seguiram: duas, depois, quatro, depois, dez. Formaram uma cadeia humana, passando baldes de água de mão em mão e devolvendo os vazios para voltarem a ser enchidos. Passar, encher, passar, encher, passar, encher, passar, encher — trabalhavam lado a lado, com os braços a arder com o esforço, as roupas e as faces sujas de fuligem, as bocas abertas para conseguirem respirar no ar cheio de fumo.

No chão por baixo deles, o fogo aproximava-se, as chamas lambiam a erva, que se tornava imediatamente negra. Geraldo e os homens lutavam desesperadamente para aumentar a área de barreira ao fogo.

Nos degraus da basílica, Leão fez o sinal da cruz, com o rosto voltado para o céu, implorando:

— Oh Senhor Deus — rezou ele. — Ouvi-nos agora, que Vos imploramos!

O fogo chegou à barreira. As chamas agigantaram-se, procurando transpor a barreira, avançando para o solo nu.

Geraldo e os seus homens atacaram com mais baldes de água. As chamas hesitaram, recuaram, silvando furiosamente, depois começaram a consumir-se a si próprias.

A basílica estava salva.

Joana sentiu a humidade das lágrimas no seu rosto.

Os primeiros dias a seguir ao fogo passaram-se a enterrar os mortos - aqueles cujos corpos tinham sido encontrados. O calor intenso do fogo tinha reduzido muitas das suas vítimas a ossos calcinados e a cinzas.

Arighis, tal como era adequado à sua alta posição, foi sepultado com uma cerimónia solene. Depois de uma missa fúnebre em Latrão, o seu corpo foi enterrado numa cripta numa pequena capela junto aos túmulos dos papas Gregório e Sérgio.

Joana chorou a sua partida. Ela e Arighis nem sempre se tinham dado bem, especialmente no início, mas tinham acabado por se respeitar mutuamente. Ela ia ter saudades da sua eficiência discreta, do seu conhecimento de todos os pormenores das complicadas manobras internas do Patriarchium, mesmo do orgulho com que ele cumpria os deveres do seu ofício.

Era justo que ele descansasse para toda a eternidade junto dos Apostólicos, que ele tinha servido com tanta dedicação.

Depois de terem sido observados os dias de luto requeridos, começou o balanço dos prejuízos causados pelo fogo. O Muro Leonino, onde o fogo parecia ter começado, apresentava danos de pouca monta, mas três quartos do Borgo tinham sido completamente destruídos. As colónias estrangeiras e as suas igrejas tinham sido reduzidas a pouco mais do que cascalho enegrecido.

Depressa se considerou que tinha sido um milagre que a Basílica de São Pedro tivesse resistido àquele holocausto.

Dizia-se que o papa Leão tinha feito parar o fogo, fazendo o sinal da cruz diante das chamas que avançavam. Esta versão dos acontecimentos foi assumida avidamente pelo povo romano, que necessitava muito de sentir que Deus não se tinha voltado contra ele.

Encontraram uma afirmação da sua fé no milagre de Leão, atestado fervorosamente por todos aqueles que lá tinham estado. De facto, o número de testemunhas crescia de dia para dia, acabando por parecer que toda a Roma tinha estado em São Pedro naquela manhã fatal.

As críticas a Leão foram esquecidas. Ele era um herói, um profeta, um santo, a encarnação do espírito de São Pedro. O povo exaltava-o porque um papa que era capaz de operar tal milagre certamente era capaz de os proteger dos infiéis sarracenos.

Mas, o regozijo não era universal. Quando a notícia do milagre de Leão chegou à Igreja de São Marcelo, as portas fecharam-se imediatamente. Os baptismos foram todos adiados e os compromissos cancelados

abruptamente, aqueles que perguntavam porquê recebiam como resposta que ninguém podia ser admitido à presença do cardeal-presbítero Anastácio porque ele sofria de uma indisposição súbita.

Joana trabalhava de noite e de dia, distribuindo roupas, medicamentos e outros produtos de primeira necessidade aos hospícios e casas da caridade da cidade. Os hospícios estavam cheios de feridos do incêndio e não havia médicos que chegassem para tratar deles, por isso, ela teve de dar uma ajuda onde pôde. Alguns corpos queimados e calcinados não eram passíveis de cura, não havia nada a fazer, a não ser administrar doses de papoila, mandrágora e meimendro para aliviar as suas agonias mortais. Outros tinham queimaduras graves que ameaçavam infectar, a esses, ela aplicava-lhes emplastros de mel e aloés, remédios que se sabia serem especialmente adequados para queimaduras. Mas, havia ainda outros cujos corpos não tinham sido tocados pelo fogo, mas que sofriam de problemas respiratórios, por causa de terem respirado muito fumo. Estes agonizavam, lutando pela vida a cada respiração.

Abatida pelo efeito cumulativo de tanto horror e morte, Joana passava novamente por uma crise de fé. Como era possível que um Deus bom e benevolente deixasse que acontecesse uma coisa daquelas? Como podia Ele afligir de forma tão terrível até crianças e bebés, que não tinham, certamente, nem culpa nem pecados?

O seu coração estava perturbado e a sombra das suas antigas dúvidas voltou a abater-se sobre ela.

Uma manhã, estava reunida com Leão para tratar da abertura dos armazéns papais às vítimas do fogo, quando Waldipert, o novo vicedominus, entrou inesperadamente. Era um homem alto e espadaúdo cuja pele clara e cabelo louro revelava a sua origem lombarda. Joana ainda não se tinha habituado a ver este estranho vestido com as vestes do ofício de Arighis.

— Santidade — disse Waldipert, fazendo uma vénia — estão aqui dois cidadãos que desejam uma audiência imediatamente.

— Eles que esperem — respondeu Leão. — Ouvirei as suas petições mais tarde.

— Perdão, Santidade — insistiu Waldipert. — Penso que deveríeis ouvir o que eles têm para dizer.

Leão levantou a sobrancelha. Se fosse Arighis, Leão teria aceitado a sua palavra sem qualquer dúvida porque a opinião de Arighis era acertada e digna de confiança, mas Waldipert era novo e inexperiente, desconhecedor das limitações da sua posição, corria o risco de presumir da sua própria importância.

Leão hesitou, depois decidiu dar a Waldipert o benefício da dúvida.

— Muito bem. Admiti-os.

Waldipert fez uma vénia e saiu, regressando pouco depois com um padre e um rapaz. O padre era moreno e magro. Joana reconheceu nele um homem piedoso, daqueles que viviam de forma honrada e humilde nas igrejas menores de Roma. O rapaz, pela maneira como estava vestido, parecia possuir uma ordem menor — um leitorado ou talvez acolitado. Era um jovem esbelto, com quinze ou dezasseis anos, entroncado e agradável, com grandes olhos abertos, que, normalmente, deviam radiar uma natureza acolhedora, apesar de, naquele momento, estarem ensombrados pelo desgosto.

Os recém-chegados prostraram-se diante de Leão.

— Levantai-vos — disse Leão. — Dizei-nos que assunto vos traz aqui.

O padre foi o primeiro a falar.

— Eu sou Paulo, Santidade, pela graça de Deus, e vosso padre, da casa de São Lourenço em Damasco. Este rapaz, Domingos, veio hoje à capela pedindo uma confissão auricular, serviço que lhe prestei com prazer. O que ele me contou era tão chocante que eu o trouxe aqui para que ele vos conte.

Leão franziu o sobrolho.

— O segredo dessas confissões não pode ser violado.

— Santidade, o rapaz veio aqui de livre vontade porque está numa grande tribulação de mente e espírito.

Leão voltou-se para Domingos.

— Isto é verdade? Fala honestamente porque não há vergonha nenhuma em recusar-se a repetir os segredos da confissão.

— Eu quero contar-vos, Santo Padre — respondeu o rapaz, a tremer. — Eu tenho de vos contar para bem da minha alma.

— Então, conta, meu filho.

Os olhos de Domingos encheram-se de lágrimas.

— Eu não sabia, Santo Padre! — ele começou a chorar. — Eu juro pelas relíquias de todos os santos que não sabia o que ia acontecer, senão, não o teria feito!

— Feito o quê, meu filho? — perguntou Leão delicadamente.

— Posto fogo.

O rapaz começou a chorar copiosamente.

— Tu puseste o fogo? — perguntou Leão a meia-voz.

— Sim, que Deus me perdoe!

O rapaz engoliu as lágrimas, lutando para se dominar.

— Ele disse-me que a construção do muro era um mal terrível porque o dinheiro e o tempo que se gastavam nela seriam melhor empregues na reparação de igrejas e no alívio da miséria dos pobres.

— Ele? — perguntou Leão. — Alguém te mandou pôr o fogo?

O rapaz acenou que sim.

— Quem?

— O meu senhor cardeal Anastácio. Santo Padre, ele deve ter a língua do Demónio porque me falou de uma maneira tão convincente que o que ele disse parecia certo e bom.

Fez-se novamente um longo silêncio. Depois, Leão disse, num tom grave:

— Tem cuidado com o que dizes, meu filho. Tens a certeza de que foi Anastácio que te mandou fazer isso?

— Sim, Santo Padre. Era para ser apenas uma fogueira — disse Domingos com a voz estrangulada — o suficiente para queimar os andaimes do muro. Deus sabe que era bastante fácil: eu ensopei alguns trapos em azeite de lamparina e atirei-os para um canto dos andaimes, depois, deitei-lhes fogo. Ao princípio, o fogo confinou-se aos andaimes, como o meu senhor cardeal disse que iria acontecer. Mas, depois, veio vento e levou-o e... e... — ele caiu de joelhos. — Oh, Deus! — gritou ele, desesperado. — Sangue inocente! Não voltaria a fazê-lo, nem que mil cardeais me mandassem!

O rapaz atirou-se aos pés de Leão.

— Ajudai-me, Santo Padre. Ajudai-me! — Levantou o rosto atormentado. — Não posso viver com o que fiz. Pronunciai a vossa penitência para mim, eu suportarei qualquer morte, por muito terrível que seja, para salvar a minha alma!

Joana ficou imóvel, trespassada pelo horror e pela piedade.

À lista dos crimes de Anastácio tinha de ser acrescentada, certamente, a perversão maldosa da natureza deste rapaz. A sua alma simples e honesta não estava destinada a cometer um crime daqueles, nem a suportar na sua consciência um fardo tão pesado.

Leão poisou uma mão sobre a cabeça do rapaz.

— Já houve muitas mortes, meu filho. Que benefício representaria para o mundo acrescentar a tua às outras? Não, Domingos, a penitência que eu te imponho não é a morte, mas a vida — uma vida passada em expiação e penitência. A partir deste dia, estás banido de Roma. Tomarás o caminho dos peregrinos para Jerusalém, onde poderás pedir o perdão divino diante do Santo Sepulcro.

O rapaz levantou uns olhos espantados.

— É tudo?

— O caminho da expiação nunca é fácil, meu filho. Verás que a viagem é bastante dura.

Joana, lembrando-se da sua própria peregrinação do país dos francos até Roma, pensou que aquilo era muito mais verdadeiro do que o jovem Domingos podia pensar. Ele iria ter de viver os seus dias longe da sua terra natal, separado da família e dos amigos, de tudo quanto ele tinha conhecido. No caminho para Jerusalém, ele teria de enfrentar inúmeros perigos — desfiladeiros e estreitos traiçoeiros, estradas infestadas com ladrões e salteadores, fome e sede e mil outros perigos.

— Consagra a tua vida ao serviço desinteressado ao próximo — prosseguiu Leão. — Comporta-te sempre de forma a que o bem que faças exceda este grande mal.

Domingos atirou-se ao chão e beijou a orla da veste de Leão.

Depois, levantou-se, pálido e resoluto, com o rosto transfigurado, como se tivesse sido lavado por chuva do céu.

— Curvo-me diante de vós, Santo Padre. Farei exactamente o que mandais. Juro-o pelo sagrado Corpo e Sangue de Cristo nosso Salvador.

Leão abençoou-o:

— Vai em paz, meu filho.

Domingos e o padre saíram da sala.

Leão disse num tom grave:

— O cardeal Anastácio é de uma família poderosa, temos de fazer tudo em estrita concordância com a lei. Redigirei um decreto especificando as acusações contra ele. João, vinde comigo, posso necessitar da vossa ajuda. E, Waldipert...

— Sim, Santidade?

Leão acenou-lhe em tom de aprovação.

— Muito bem.

— Fizestes bem em me trazer estas notícias, vicedominus — disse Arsénio.

Estava com Waldipert numa sala privada do seu palácio. Ele tinha acabado de terminar o relato dos pormenores do encontro entre o papa Leão e Domingos.

— Permiti que exprima a minha gratidão pela vossa ajuda.

Arsénio abriu um pequeno cofre em bronze, que se encontrava sobre a mesa, tirou de dentro dele vinte soldos em ouro e deu-os a Waldipert, que guardou rapidamente as moedas.

— Congratulo-me por ter sido de serventia, Senhor Bispo.

Fazendo uma vénia curta, Waldipert virou as costas e saiu.

Arsénio não se ofendeu com a partida apressada de Waldipert, era imperativo que o vicedominus regressasse ao Patriarchium antes que alguém. desse pela sua falta.

Arsénio congratulou-se pelo facto de se ter apercebido, muitos anos antes, quando Waldipert ainda não passava de um camareiro da casa do Papa, de que ele era um jovem com futuro.

Tinha sido dispendioso comprar a lealdade do rapaz ao longo de todos aqueles anos. Mas, agora, que Waldipert era vicedominus, o investimento tinha sido amplamente recompensado.

Arsénio chamou um criado:

— Vai à Igreja de São Marcelo e diz ao meu filho que venha ter comigo imediatamente.

Ao ouvir as notícias, Anastácio deixou-se cair pesadamente sobre uma cadeira em frente ao seu pai. Amaldiçoou-se a si próprio intimamente, humilhado pelo facto de o seu pai ter ficado a saber da maneira desastrada como ele tinha tratado das coisas.

— Quem iria adivinhar que o rapaz iria falar? — disse ele, para se defender. — Para me trair, teve de se condenar a si próprio.

— Foi um erro deixá-lo vivo — disse Arsénio num tom pragmático. — Devias ter mandado cortar-lhe o pescoço no momento em que o assunto ficou tratado. Bem, agora, acabou. Temos de olhar para o futuro.

— Para o futuro? — repetiu Anastácio. — Que futuro?

— O desespero é para os fracos, meu filho, não para pessoas como tu ou como eu.

— Mas, o que hei-de fazer? A situação não tem emenda possível!

— Tens de sair de Roma. Agora. Esta noite.

— Oh, Deus!

Anastácio enterrou o rosto nas mãos. O seu mundo desabava completamente à sua volta.

Arsénio disse num tom firme:

— Basta! Lembra-te de quem és e do que és.

Arsénio levantou-se, lutando para se dominar.

— Vais para Aachen — disse Arsénio — para a corte do imperador.

Anastácio estava destroçado. O medo que lhe apertava o coração impedia-o de pensar com clareza.

— Mas... Lothar sabe que eu o denunciei na eleição papal.

— Sim e também sabe porque foste obrigado a fazê-lo. Ele é um homem que compreende as contingências políticas — senão, como pensas que ele teria usurpado o trono ao seu pai e aos seus irmãos? E, além disso, também é um homem que gosta de dinheiro.

Arsénio tirou uma bolsa em cabedal da sua secretária e deu-a a Anastácio.

— Se o imperador ainda estiver arrufado, esta bolsa irá ajudar a acalmá-lo.

Anastácio ficou a olhar para o pesado saco de moedas.

Tenho mesmo que sair de Roma? A ideia de viver o resto dos seus dias no meio de uma tribo de francos bárbaros enchia-o de repugnância. Talvez seja melhor do que morrer agora e acabar com tudo.

— Considera isto como uma oportunidade — dizia o seu pai. — Uma oportunidade para ganhar amigos poderosos na corte imperial. Vais precisar deles, quando fores papa.

Quando for papa. As palavras penetraram no espesso nevoeiro do desespero de Anastácio. Então, ele não ia ficar exilado para sempre.

— Eu olho pelos teus interesses aqui, não tenhas medo — disse Arsénio. — A maré da opinião não pode continuar a favor de Leão para sempre. Pode ser que suba e, depois, desça. Quando eu achar que é tempo de agir, mando-te chamar.

A náusea fria que Anastácio sentia começou a acalmar-se. O seu pai ainda não tinha desistido de ter esperança, por isso, ele também não podia desistir.

— Arranjei-te uma escolta — disse Arsénio. — Doze dos meus melhores homens. Anda, eu acompanho-te aos estábulos.

Os doze guardas estavam montados e prontos, armados com espadas, lanças e maças. Anastácio não teria falta de protecção nas estradas perigosas. A sua montada estava perto, batendo com os cascos impacientemente — um animal forte e com carácter, Anastácio reconheceu-a como o garanhão preferido do pai.

— Ainda têm duas ou três horas de luz — o suficiente para um bom começo — disse Arsénio. — Hoje, não vêm à tua procura porque não têm forma de saber que tu suspeitas de algo e Leão tomará, certamente, a precaução de redigir um decreto oficial para a tua prisão. Só começarão à tua procura amanhã de manhã e começarão por São Marcelo. Quando pensarem em vir aqui, já estarás longe.

Atingido por uma súbita preocupação, Anastácio disse:

— E vós, Pai?

— Não têm qualquer motivo para suspeitar de mim. Se tentarem interrogar-me acerca do teu paradeiro, descobrirão que agarraram um lobo pela cauda.

Pai e filho abraçaram-se.

Isto está mesmo a acontecer, pensou Arsénio. Era espantoso como tudo estava a acontecer tão depressa.

— Deus te acompanhe, meu filho — disse Arsénio.

— E a vós, Pai.

Anastácio montou e virou o cavalo rapidamente para que o pai não visse que as lágrimas começavam a chegar-lhe aos olhos.

Mesmo ao pé do portão, virou-se para trás, mais uma vez, para uma última despedida.

O Sol estava a pôr-se, lançando sombras alongadas sobre os contornos suaves das colinas romanas, pintando com tons dourado-avermelhados as ruínas majestosas do Fórum e do Coliseu.

Roma. Tudo aquilo para que ele tinha trabalhado, tudo quanto lhe importava, ficava por trás dos seus muros sagrados.

O seu último olhar foi para o seu pai — sofrendo, mas decidido, firme e seguro como o rochedo de São Pedro.

— Membrum putridum et insanibile, ferro excommunicationis a corpore Ecclesiae abscidamus...

Na escuridão fria da Basílica de Latrão, Joana ouviu Leão pronunciar as palavras solenes e terríveis que expulsariam para sempre Anastácio da Santa Madre Igreja. Reparou que Leão tinha escolhido a expressão excommunicatio minor, a forma menor de excomunhão, na qual o condenado estava proibido de administrar ou receber os sacramentos (excepto os últimos ritos, dos quais nenhuma alma podia ser excluída), mas não de todo o contacto com os seus irmãos cristãos. Realmente, pensou Joana, Leão tem um coração bom.

O clero de Roma estava reunido para testemunhar a cerimónia solene, até mesmo Arsénio estava presente porque não ia pôr em risco a sua posição de bispo de Horta por causa de uma inútil manifestação pública de oposição. Leão suspeitava, evidentemente, que Arsénio tinha sido cúmplice na fuga do seu filho à justiça. Mas, não havia provas para consubstanciar uma acusação dessas e não havia qualquer outro motivo para apresentar queixa contra ele, uma vez que era certo que não era crime ser pai de um homem.

Quando a vela que representava a alma imortal de Anastácio foi virada ao contrário e apagada no pó, Joana sentiu, inesperadamente, uma certa tristeza. Que deperdicio trágico, pensou ela. Uma mente tão brilhante como a de Anastácio podia ter sido usada para fazer o bem, se o seu coração não tivesse sido distorcido pela ambição obsessiva.

Capítulo 26

A construção do Muro Leonino — como todos lhe chamavam agora — prosseguia rapidamente. O fogo que tinha pretendido destruí-lo, na realidade, não tinha causado grandes danos, os andaimes em madeira utilizados pelos trabalhadores tinham ardido completamente e uma das plataformas ocidentais tinha ficado muito chamuscada, mas era tudo. Os problemas que tinham atacado o projecto desde o início, agora, tinham cessado, graças a Deus. O trabalho prosseguiu sem interrupções durante o Inverno e a Primavera seguintes porque o tempo se manteve abençoadamente ameno, marcado por dias grandes, frescos, solarengos e sem chuva. As pedreiras forneciam constantemente pedra de primeira qualidade e os trabalhadores vindos dos campos ao redor apareciam para trabalhar lado a lado, num uníssono produtivo.

No Pentecostes, o muro já atingia a altura de um homem.

Agora, ninguém considerava que o projecto era uma loucura, ninguém se queixava do tempo e do dinheiro que ele gastava. Os romanos sentiam cada vez mais orgulho no trabalho, cujas dimensões faziam lembrar os dias do antigo Império, quando estes prodígios da construção eram lugares-comuns e não uma raridade. Quando estivesse terminado, o muro seria magnífico, monumental, uma barreira que nem os sarracenos conseguiriam transpor ou quebrar.

Mas, o tempo passava. Nas calendas de Julho, chegaram mensageiros à cidade com notícias aterradoras: estava a reunir-se uma frota de sarracenos em Totarium, uma ilhazinha ao largo da costa oriental da Sardenha. Preparava-se outro ataque a Roma.

Ao contrário de Sérgio, que tinha procurado o poder da oração para proteger a cidade, Leão optou por uma reacção mais agressiva.

Mandou chamar imediatamente à grande cidade marítima de Nápoles uma frota de navios armados, para combaterem o inimigo no mar.

A ideia era corajosa e arriscada. Nápoles continuava a manter uma aliança formal com Constantinopla, apesar de, na realidade, ser independente havia muitos anos. Será que o duque de Nápoles iria ajudar Roma na sua hora de necessidade?

Ou utilizaria a oportunidade para juntar forças aos sarracenos e atacar a sede romana em nome do Patriarcado do Oriente? O plano estava cheio de perigos. Mas, qual era a alternativa?

A cidade esperou durante dez dias numa expectativa tensa.

Quando a armada napolitana chegou ao Porto na embocadura do Tibre, finalmente, Leão partiu ao seu encontro, acompanhado por uma grande comitiva de milícias armadas sob o comando de Geraldo.

A ansiedade dos romanos acalmou quando Cesário, o comandante da frota, se prostrou diante de Leão e lhe beijou os pés, humildemente. Com um alívio que não demonstrou, Leão abençoou Cesário, encomendando solenemente à sua protecção os despojos sagrados dos apóstolos Pedro e Paulo.

Tinham sobrevivido à primeira jogada, os seus futuros dependiam da próxima.

Na manhã seguinte, a armada dos sarracenos apareceu. As velas latinas enfunadas espalharam-se pelo horizonte como garras abertas. Joana contou-as: cinquenta, cinquenta e três, cinquenta e sete — e continuavam a aparecer — oitenta, oitenta e cinco, noventa — havia tantos navios no mundo? — cem, cento e dez, cento e vinte! Deo, juva nos! Os navios napolitanos eram apenas sessenta e um, com os birremes romanos que ainda estavam em condições de serem utilizados, perfaziam um total de sessenta e sete. Entre eles havia uma desproporção de quase dois para um.

Leão ficou nas escadas perto da Igreja de Santa Aurea e fez uma oração com os cidadãos assustados de Porto.

— Senhor, Vós que haveis salvado Pedro de se afogar, quando ele andou sobre as ondas, Vós que haveis arrancado Paulo às profundezas do mar, ouvi-nos. Concedei poder às armas dos Vossos servos que lutam contra os inimigos da Vossa Igreja. Que, pela sua vitória, o Vosso santo nome seja glorificado entre todas as nações.

As vozes do povo ecoaram ao ar livre com um Ámen.

Cesário gritou as suas ordens do convés do navio que comandava. Os napolitanos acorreram aos remos, vigorosamente.

Por um momento, os birremes pesados ficaram imóveis na água.

Depois, com um ruído tremendo de madeira a ranger, os navios começaram a mover-se. Os remos erguiam-se e mergulhavam, erguiam-se e mergulhavam, brilhando como pedras preciosas, o vento bateu nas velas e os grandes birremes avançaram com as suas proas revestidas a metal rasgando a água turquesa e fazendo sulcos duplos de espuma.

Os navios sarracenos viraram-se para os enfrentarem. Mas, antes que as frotas inimigas se confrontassem, um trovão ensurdecedor anunciou a chegada de uma tempestade. O céu escureceu e nuvens negras rolaram a toda a velocidade sobre o mar. Os navios napolitanos bem equipados conseguiram regressar a porto seguro. Mas, os navios sarracenos, armados com obras mortas baixas para conseguirem maior velocidade e manobrabilidade em combate, eram demasiado fracos para conseguirem resistir à tempestade. Baloiçavam nas ondas crispadas, abanavam como cascas de árvore, com os seus esporões em metal atingindo os navios irmãos e despedaçando-os.

Vários navios dirigiram-se para o porto, mas, mal chegaram, foram atacados. Instigados pela ira violenta que se segue ao terror, os romanos massacraram a tripulação sem dó nem piedade, arrastando-os para fora dos seus navios e enforcando-os em patíbulos construidos ao longo da costa. Ao testemunhar o destino dos seus camaradas, os outros navios sarracenos tentaram desesperadamente dirigir-se para alto mar, onde foram despedaçados pelas ondas gigantescas.

No momento da vitória inesperada, Joana estava a observar Leão. Ele estava de pé nas escadas da igreja, de braços erguidos, com os olhos

levantados ao Céu, em acção de graças.

Parecia santo e beatífico como se fosse tocado pela presença divina.

Talvez ele faça milagres, pensou ela. Os seus joelhos dobraram-se voluntariamente, fazendo-lhe uma vénia.

— Vitória! Vitória em Ostia!

As notícias foram anunciadas jubilosamente pelas ruas. Os romanos saíram das suas casas, os armazéns papais foram abertos e o vinho correu livremente, durante três dias, a cidade mergulhou numa celebração estrondosa e ébria.

Quinhentos sarracenos foram conduzidos para a cidade, perante a multidão que os escarnecia e hostilizava. Muitos foram apedrejados ou espancados, morrendo nas ruas. Os sobreviventes, cerca de trezentos, foram acorrentados e levados para um campo no Planalto Neroniano, onde foram colocados como trabalhadores forçados na construção do Muro Leonino.

Com a ajuda desta mão-de-obra suplementar, o muro ergueu-se mais rapidamente ainda. Em três anos, ficou pronto — uma obra-prima da engenharia medieval, a construção mais extraordinária que a cidade tinha visto nos últimos quatrocentos anos. O território do Vaticano estava completamente protegido dentro de uma estrutura com doze pés de grossura e quarenta pés de altura, defendida por quarenta e quatro torres maciças. Havia duas galerias sobrepostas, uma superior e outra inferior, a galeria inferior era sustentada por uma série de arcadas graciosas com uma abertura interior.

Três portas permitiam a entrada: a Posterula SantAngeli, a Posterula Saxonum, assim chamada porque dava para o bairro saxónio, e a Posterula San Peregrinus, a entrada principal pela qual as futuras gerações de reis e príncipes passariam para venerar o santuário sagrado de São Pedro.

Apesar de o muro ser notável, era apenas o início dos planos ambiciosos que Leão tinha para a cidade. Decidido a proceder à restauração de todos os locais santos, Leão deu início a um grande plano de reconstrução. O som das bigornas ouvia-se dia e noite por toda a cidade, à medida que o trabalho passava de uma igreja da cidade para outra. A basílica saxónica, que tinha ardido, foi restaurada, assim como a igreja

frígia de São Miguel e a Igreja de Sancti Quattro Coronati, da qual Leão tinha sido cardeal em tempos.

Mas, o mais importante foi que Leão iniciou a reconstrução de São Pedro. O pórtico queimado e destruído foi completamente restaurado, as portas, despojadas dos seus metais preciosos pelos sarracenos, foram cobertas com novos revestimentos em prata, nos quais miríades de histórias sagradas foram gravadas com uma arte impressionante. O grande tesouro tinha sido tirado do lugar pelos sarracenos, o altar-mor foi revestido com placas em prata e ouro e decorado com um crucifixo em ouro maciço, coberto de pérolas, esmeraldas e diamantes, por cima dele, foi suspenso um cibório em prata pesando mais de mil libras, colocado sobre quatro colunas do mais puro mármore travertino, ornamentado com grinaldas de lilases. O altar era alumiado por lâmpadas suspensas por correntes em prata, ornadas com esferas em ouro.

A sua luz tremeluzente iluminava um verdadeiro tesouro de cálices com jóias encrostadas, estantes em prata, ricas tapeçarias e cortinas em seda. A grande basílica brilhava com um esplendor que excedia a sua antiga magnificência.

Joana ficou preocupada ao ver as grandes quantias de dinheiro retiradas do tesouro papal. Leão tinha recriado um santuário de beleza inspirada.

Mas, a maioria daqueles que viviam à sombra desta magnificência esplendorosa passavam os seus dias numa pobreza embrutecedora e degradante. Uma só das salvas em prata maciça de São Pedro, fundida e transformada em dinheiro, podia alimentar e vestir a população do Campo de Marte durante um ano. Será que o culto a Deus exigia mesmo tal sacrifício?

Só havia uma pessoa no mundo a quem Joana se atrevia a pôr essa questão. Quando lha pôs, Geraldo ficou a pensar antes de responder.

— Já ouvi dizer — disse ele, finalmente — que a beleza de um santuário sagrado dá aos fiéis uma forma diferente de alimento — alimento para a alma, não para o corpo.

— É difícil ouvir a voz de Deus quando se tem o estômago vazio.

Geraldo abanou a cabeça:

— Não mudaste. Lembras-te daquela vez em que perguntaste a Odo como é que ele podia ter a certeza de que a Ressurreição tinha acontecido, uma vez que não havia testemunhas oculares?

— Lembro-me.

Joana esfregou a mão.

— Também me lembro da resposta que ele me deu.

— Quando eu vi a ferida que Odo te tinha provocado — disse Geraldo — quis bater-lhe — e tê-lo-ia feito, se não soubesse que isso ainda tornaria as coisas mais difíceis para ti.

Joana sorriu:

— Foste sempre o meu protector.

— E tu — gracejou ele — tiveste sempre a alma de uma hereje. — sempre tinham podido falar assim, livres dos constrangimentos do mundo. Fazia parte da intimidade especial que os ligava desde o início.

Ele olhou para ela com um carinho familiar. Joana reparou, sentiu a sua proximidade como se ele tocasse na sua pele nua.

Mas, ela tinha aprendido a esconder os seus sentimentos.

Apontou para uma pilha de petições que se encontravam sobre a mesa entre ambos.

— Tenho de ir ouvir estes peticionários.

— Não devia ser Leão a fazer isso? — perguntou Geraldo.

— Ele pediu-me que eu o fizesse.

Havia já algum tempo que Leão tinha começado a delegar cada vez mais nela as suas responsabilidades quotidianas para se poder dedicar à continuação dos planos de reconstrução. Joana tinha-se tornado a embaixadora de Leão junto do povo, cumpria tão bem os seus deveres de caridade nas diferentes regiões da cidade que era conhecida por toda a parte como o pequeno Papa e saudada com algum do afecto reservado ao próprio Leão.

Quando ia a pegar na pilha de papéis, Geraldo tocou-lhe na mão.

Ela retirou-a bruscamente, como se se tivesse queimado.

— É... é melhor eu ir — disse ela, embaraçada.

Ficou imensamente aliviada, ainda que um pouco desapontada por ele não a ter seguido.

Insuflada pelo sucesso do Muro Leonino e pela renovação de São Pedro, a popularidade de Leão crescia. Chamavam-lhe o Restaurator Urbis, Restaurador da Cidade. O povo dizia que ele era outro Adriano, outro Aurélio. Por todo o lado para onde ia, as multidões aclamavam-no. Roma ressoava com os ecos do seu louvor.

Por todo o lado, quer dizer, excepto no palácio na Colina Palatina, onde Arsénio esperava com impaciência crescente o dia em que poderia mandar regressar Anastácio.

As coisas não tinham corrido como se esperava. Não havia forma de depor Leão, como Arsénio tinha pensado inicialmente, nem sequer havia a mínima esperança de que o trono ficasse vago através do feliz acidente da morte. Saudável e vigoroso, Leão parecia dar sinais de que ia viver para sempre.

Agora, a fortuna da família tinha recebido outro golpe. Na semana anterior, o segundo filho de Arsénio, Eleutério, tinha morrido. Cavalgava pela Via Recta abaixo, quando um porco se meteu no meio das patas do seu cavalo, o cavalo tropeçou e Eleutério caiu, partindo o fémur. Ao princípio, ninguém se preocupou porque a ferida não era profunda. Mas, uma desgraça atrai sempre outra desgraça. A ferida infectou. Arsénio mandou chamar Enódio, que fez uma sangria a Eleutério, mas não resolveu nada. O seu filho morreu dali a dois dias. Arsénio ordenou imediatamente uma busca ao dono do porco, quando o descobriu, mandou-lhe cortar a garganta de orelha a orelha.

Mas, tal vingança era pouco reconfortante, porque não podia trazer Eleutério de volta.

Não que se tivesse perdido muito amor entre pai e filho.

Eleutério era exactamente o oposto do seu irmão — indolente, preguiçoso e indisciplinado desde criança, tinha rejeitado a oferta de Arsénio de uma educação na igreja, escolhendo em vez dela as gratificações mais imediatas de uma existência laica — mulheres, vinho, jogo e outros deboches.

Não, Arsénio não chorava Eleutério por causa do homem que ele tinha sido ou podia ter sido, mas por causa daquilo que ele representava: outro ramo da árvore da família, um ramo que talvez ainda pudesse vir a dar um fruto promissor.

A família deles tinha sido, durante séculos, a família mais importante de Roma. Arsénio era capaz de reconstituir a sua árvore genealógica até ao próprio César Augusto. Mas, esta herança ilustre foi atingida pelo fracasso porque nenhum dos seus filhos nobres tinha alcançado a honra máxima em Roma: o Trono de São Pedro. Quantos homens menores tinham sido colocados no trono, pensava Arsénio, amargamente, e com que resultados trágicos? Roma — em tempos, a maravilha do mundo — estava afundada numa decadência ruinosa e embaraçosa. Os bizantinos troçavam dela abertamente, apontando para o esplendor da sua própria Constantinopla. Quem, senão um dos membros da família de Arsénio, herdeiros de César, podia reconduzir a cidade à sua antiga grandeza?

Agora, Eleutério tinha desaparecido e Anastácio era o último da sua linhagem, a única oportunidade que restava para a família redimir a sua honra e a de Roma.

E Anastácio tinha sido banido para o país dos francos.

Arsénio sentiu-se desesperado. Libertou-se bruscamente desse sentimento, como se fosse um manto indesejado. A grandeza não esperava uma oportunidade, criava-a. Aqueles que haveriam de governar tinham de estar dispostos a pagar o preço do poder, por muito alto que ele fosse.

Durante a missa no dia da Festa de São João Baptista, Joana apercebeu-se de que algo se passava com Leão. As suas mãos tremiam ao receber as oferendas e hesitou de uma forma incaracterística durante o Nobis quoque peccatoribus.

Mais tarde, quando Joana lhe perguntou, ele não deu importância aos seus sintomas, considerando-os resultado do calor e de uma indigestão.

No dia seguinte, não estava melhor, nem no dia a seguir e no outro. Doía-lhe constantemente a cabeça e queixava-se de dores nas mãos e nos pés. Começou a enfraquecer de dia para dia, fazendo cada dia um esforço maior para se levantar da cama.

Joana começou a ficar alarmada. Tentou todos os remédios que conhecia para doenças que enfraquecem. Nada ajudou. Leão continuava a caminhar para a morte.

As vozes do coro ergueram-se no Te Deum, o cântico final da missa. Anastácio esforçava-se por se manter sem expressão, tentando esconder um sorriso provocado pelo barulho.

Nunca tinha conseguido acostumar-se ao canto franco, cujos acentos bruscos e desconhecidos lhe soavam aos ouvidos como o grasnar de corvos. Sentiu saudades de casa, ao lembrar-se das harmonias puras e suaves do canto romano.

Não que desse por perdido o tempo passado em Aachen.

Seguindo as instruções do seu pai, Anastácio tinha procurado conquistar o apoio do imperador. Começou por cortejar os amigos e íntimos de Lothar e por agradar à esposa do imperador, Hermengarda. Encantava e elogiava com insistência a nobreza franca, impressionando-os a todos com o seu conhecimento das Escrituras e, especialmente, do grego — um talento raro. Hermengarda e os seus amigos intercederam junto do imperador e Anastácio foi readmitido à presença real.

Lothar esqueceu qualquer ressentimento que tivesse tido contra ele, em tempos, Anastácio voltou a gozar da confiança e apoio do imperador.

Fiz tudo quanto o pai dise e mais ainda. Mas, quando virá a recompensa? Havia momentos, como agora, em que Anastácio temia ser deixado para sempre naquele frio e bárbaro pântano.

Ao regressar aos seus aposentos depois da missa, encontrou uma carta que tinha chegado na sua ausência. Reconhecendo a letra do seu pai, pegou numa faca e quebrou o selo ansiosamente. Leu as primeiras linhas e deu um grito de júbilo.

Chegou a hora, escrevia o seu pai. Vem reclamar o teu destino.

Leão estava deitado de lado, com as pernas encolhidas, torturado por dores terríveis no estômago. Joana preparou-lhe uma poção emoliente à base de clara de ovo batida com leite açucarado, à qual acrescentou um pouco de funcho como carminativo. Ficou a vê-lo a beber o líquido.

— Era bom — disse ele.

Ela esperou para ver se ele era capaz de o manter no estômago, o que aconteceu e fez com que ele dormisse mais descansado do que nas últimas semanas. Quando acordou algumas horas depois, sentia-se melhor.

Joana decidiu fazer-lhe uma dieta à base da poção, proibindo-o de comer ou beber qualquer outra coisa.

Waldipert protestou:

— Ele está tão fraco, certamente, precisa de algo mais substancial para recuperar as forças.

Joana respondeu com firmeza:

— O tratamento ajuda-o. Ele não pode tomar mais nada senão a poção.

Vendo que ela estava determinada, Waldipert desistiu:

— Como quiserdes, Nomenclator.

Leão continuou a melhorar durante a semana seguinte. Deixou de ter dores, recuperou a cor, parecia até estar a recuperar alguma da sua antiga energia. Quando, uma noite, Joana lhe trouxe o medicamento, ele olhou para a mistura leitosa com um ar triste.

— E que tal um pastel de carne, em vez disto?

— Estais a recuperar o apetite — é um bom sinal. Mas, é melhor não ter pressa. Observar-vos-ei de manhã, se ainda tiverdes fome, autorizar-vos-ei a comer um pouco de caldo simples.

— Tirano — respondeu Leão. Ela sorriu. Era bom vê-lo a gracejar com ela novamente.

Na manhã do dia seguinte, ao chegar, ela constatou que Leão tinha voltado a sofrer uma crise. Gemia na cama, com demasiadas dores para lhe responder quando ela lhe falou.

Joana apressou-se a preparar outra dose de poção emoliente.

Ao fazê-lo, os seus olhos depararam com um prato com restos, na mesa ao lado da cama.

— O que é isto? — perguntou ela a Renato, camareiro pessoal de Leão.

— É o pastel de carne que vós haveis mandado vir — respondeu o rapaz.

— Eu não mandei vir nada — disse Joana.

Renato parecia confuso.

— Mas... o meu senhor vicedominus disse que vós havíeis pedido isto expressamente.

Joana olhou para Leão dobrado com dores. Despertou nela uma suspeita terrível.

— Correi! — disse ela a Renato. — Chamai o superista e os guardas. Não deixeis Waldipert sair do palácio.

O rapaz hesitou um pouco, depois, saiu a correr do quarto.

Com as mãos a tremer, Joana preparou um emético forte de mostarda e de raiz de sabugueiro, vertendo-o pela boca meio-fechada de Leão. Pouco depois, o espasmo de limpeza tomou conta dele, o seu corpo tremia convulsivamente, mas só vomitou um pouco de bílis.

Demasiado tarde. O veneno já não está no estômago. Joana viu, com desgosto, que ele já tinha começado a actuar mortalmente, prendendo os músculos dos maxilares e a garganta de Leão, sufocando-o.

Desesperada, tentou pensar em mais alguma coisa que pudesse fazer.

* * *

Geraldo ordenou uma busca a todos os compartimentos do palácio. Waldipert não apareceu. Foi declarado imediatamente como criminoso e fugitivo e foi instaurada uma perseguição intensa por toda a cidade e arredores. Mas, procuraram em vão, Waldipert tinha desaparecido completamente.

Quando estavam quase a desistir da perseguição, encontraram-no. Flutuava no Tibre, com a garganta cortada de orelha a orelha e o rosto com um esgar de surpresa.

O clero e os altos funcionários de Roma reuniram-se na câmara papal. Formavam uma fila compacta aos pés da cama, como que para se confortarem com a presença uns dos outros.

As lâmpadas de óleo de papoila ardiam nos seus fanais em prata. Ao raiar do dia, o deão dos camareiros veio apagá-las.

Joana ficou a ver enquanto o ancião soltava os cabos e baixava as correntes cuidadosamente para que não se perdesse nenhuma gota da substância preciosa. Aquele simples gesto doméstico parecia deslocado na atmosfera carregada do quarto.

Joana não tinha esperado que Leão sobrevivesse àquela noite.

Tinha deixado de responder havia muito à voz ou ao contacto.

Havia horas que a sua respiração se mantinha inalterável, cada vez mais ruidosa e em estertor, até atingir uma intensidade alarmante, interrompendo-se abruptamente. Fez-se uma pausa, durante a qual ninguém se mexeu, depois o ciclo terrível recomeçou.

O movimento de uma veste chamou a atenção de Joana. Do outro lado do quarto, Eustácio, o arcipreste, chorava, tapando a boca com a manga, para abafar o som.

Leão soltou um suspiro longo e ruidoso depois ficou em silêncio, um silêncio que se prolongou infinitamente. Joana aproximou-se da cama. A vida tinha partido do rosto de Leão.

Ela fechou-lhe os olhos depois ajoelhou-se ao lado da cama.

Eustácio gritou de dor. Os bispos e optimates ajoelharam-se a rezar. Pascal, o primicerius, benzeu-se, depois, saiu, para dar a notícia aos que esperavam lá fora.

Leão, Pontiféx Maximus, Servu Servorum Dei, Primaz dos Bispos da Igreja e Senhor Papa da Sede Apostólica de Roma, tinha morrido.

Fora do Patriarchium, começou o choro.

Leão foi sepultado em São Pedro, diante do altar de um oratório novo, que lhe foi dedicado. Os rituais fúnebres foram feitos com rapidez, por causa da altura do ano em que ocorreu a morte.

De facto, por muito santa que a alma que o tinha habitado fosse , um corpo não resistia muito à corrupção no calor de Julho, em Roma.

Pouco depois do funeral, o triunvirato regente anunciou que, dali a três dias, haveria uma eleição pontifical. Com Lothar a norte, os sarracenos a sul e os lombardos e bizantinos no meio, a situação de Roma era demasiado precária para permitir que o Trono de Pedro ficasse vacante por mais tempo.

Demasiado cedo, pensou Arsénio desgostoso, mal ouviu a notícia. A eleição é cedo de mais. Anastácio não chegará antes. Waldipert, aquele tolo, tinha estragado tudo. Tinha recebido instruções expressas acerca da forma como administrar o veneno gradualmente, em pequenas doses, assim, Leão teria sobrevivido um mês ou mais — e a sua morte não teria levantado suspeitas.

Mas, Waldipert tinha entrado em pânico e tinha administrado uma dose demasiado forte, matando logo Leão. Depois, tinha tido a deselegância de vir à procura de protecção junto de Arsénio. Bem, agora a justiça não lhe pode chegar, apesar de não ser da forma que ele estava a pensar, pensou Arsénio.

Já tinha mandado matar homens antes, fazia parte do preço a pagar pelo poder e só os fracos hesitavam em pagar. Mas, nunca tinha tido de eliminar ninguém que conhecesse tão de perto como Waldipert. Por muito desagradável que aquilo tivesse sido, era inevitável. Se Waldipert fosse apanhado e interrogado, teria confessado sob tortura tudo quanto sabia.

Arsénio tinha-se limitado a fazer o que tinha de fazer para se proteger a si próprio e à sua família. Destruiria qualquer pessoa que ameaçasse a segurança da família, esmagá-la-ia como se esmaga uma mosca que nos mordeu.

Mesmo assim, a morte de Waldipert tinha-o deixado deprimido e desconfortável. Aqueles actos de violência, por muito necessários que fossem, custavam sempre.

Com um esforço de vontade, Arsénio desviou o pensamento para assuntos mais urgentes. A ausência do seu filho complicava as coisas, a sua eleição para o papado, agora, seria mais difícil, mas não impossível. A primeira coisa a fazer era conseguir que Eustácio, o arcipreste, revogasse a sentença de excomunhão contra ele. Para tanto, eram necessárias algumas manobras políticas.

Pegando numa campainha em prata que se encontrava sobre a sua mesa, Arsénio chamou o seu secretário. Havia muito que fazer em pouquíssimo tempo.

Joana estava sentada num banco na sua oficina no Patriarchium, esmagando algumas folhas de hissope secas, transformando-as num pó fino no seu almofariz. Esmagar e moer e esmagar e moer, os movimentos familiares da mão e do pulso eram um bálsamo para o desgosto que lhe atormentava o coração.

Leão tinha morrido. Parecia impossível. Ele era tão vigoroso, tão forte, parecia ainda cheio de vida. Se tivesse sobrevivido, teria feito muito

para tirar Roma do charco de ignorância e pobreza em que tinha caído havia séculos, ele tinha força para isso e vontade. Mas, não tinha tido tempo.

A porta abriu-se e Geraldo entrou. Ela olhou para os seus olhos, sentindo a sua presença de uma forma tão próxima como se ele a tivesse tocado.

— Acabei de receber a notícia — disse ele, bruscamente. — Anastácio saiu de Aachen.

— Não pensas que vem para aqui?

— Penso que sim. Senão, porque teria deixado a corte do imperador de forma tão súbita? Vem reclamar o trono que lhe foi negado há seis anos.

— Mas, ele não pode ser eleito, está excomungado.

— Arsénio está a tentar convencer o arcipreste a levantar a sentença de excomunhão.

— Benedicite!

As notícias eram más. Depois dos seus anos de exílio na corte imperial, Anastácio era certamente um homem do imperador, mais do que nunca. Se fosse eleito, o poder de Lothar estender-se-ia a Roma e a todos os seus territórios.

Geraldo disse:

— Ele não terá esquecido a maneira como falaste na eleição de Leão. É perigoso para ti ficares em Roma com ele como papa. Anastácio não é homem para perdoar uma ofensa.

A acrescentar à emoção ainda viva provocada pela morte de Leão, aquele pensamento era de mais. Os olhos da Joana encheram-se de lágrimas.

— Não chores, coração.

Geraldo abraçou-a. Os seus braços, fortes e seguros, confortaram-na. Os seus lábios afloraram a sua testa, a sua face, despertando nela o desejo.

— Já fizeste muito, já basta de sacrifícios. Vem comigo e viveremos como sempre quisemos — juntos, como marido e mulher.

Ao levantar os olhos, apercebeu-se do rosto dele junto ao dela. Depois, ele beijou-a.

— Diz que sim — disse ele, ansioso. — Diz que sim.

Ela sentiu-se como se estivesse a ser puxada sob a superfície da sua consciência e transportada por uma corrente poderosa de desejo.

— Sim — murmurou ela, quase sem se aperceber do que estava a dizer. — Sim.

Tinha falado involuntariamente, respondendo por impulso à força da sua paixão. Mas, mal as palavras lhe saíram da boca, abateu-se sobre ela uma grande calma. Tinha tomado a decisão que parecia tanto certa quanto inevitável.

Ele inclinou-se e beijou-a novamente. O sino tocou nesse preciso momento, convocando todos para a refeição da tarde.

Pouco depois, ouviram-se vozes e passos apressados do outro lado da porta.

Eles separaram-se rapidamente, murmurando carinhos, prometendo voltar a encontrar-se depois da eleição do papa.

No dia da eleição, Joana foi rezar na igrejinha inglesa que tinha sido sua quando chegou a Roma.

Completamente destruída pelo incêndio, a igreja tinha sido reconstruída com materiais retirados aos velhos templos e monumentos romanos. Quando Joana se ajoelhou diante do altar-mor, viu que o pedestal de mármore sobre o qual ele se encontrava continha o símbolo inequívoco da Magna Mater, antiga deusa da Terra, venerada pelas tribos pagãs em tempos imemoriais. Por baixo do desenho rude estava escrito em latim: "Neste mármore, foi oferecido incenso à Deusa." Era óbvio que, quando a grande placa de mármore tinha sido trazida para ali, ninguém tinha compreendido o símbolo ou a sua inscrição. Isto não era nenhuma surpresa porque muitos dos membros do clero romano mal sabiam ler, sendo incapazes de decifrar a letra antiga, muito menos de compreender o seu significado.

A incongruência do altar sagrado e da sua base pagã pareceu à Joana um símbolo perfeito da sua própria condição: padre cristão, continuava a sonhar com os deuses pagãos da sua mãe, um homem aos olhos do mundo, era atormentada pelo seu coração secreto de mulher, em busca da fé, vivia dividida entre o desejo de conhecer Deus e o medo de que Ele não existisse.

Mente e coração, fé e dúvida, vontade e desejo. Será que as contradições dolorosas da sua natureza alguma vez se resolveriam?

Amava Geraldo, não tinha dúvida. Mas, será que poderia ser sua esposa? Nunca tinha vivido como mulher. Será que podia começar agora, tão tarde?

— Ajudai-me, Senhor — rezava Joana, erguendo os olhos para o crucifixo em prata que se encontrava sobre o altar. — Mostrai-me o caminho. Dai-me a conhecer o que devo fazer. Bom Deus! Iluminai-me!

As suas palavras elevavam-se, mas o seu espírito continuava preso à terra, carregado com a sua incerteza.

Uma porta rangeu atrás dela. Ela levantou-se do lugar onde se encontrava junto do altar e viu uma cabeça a espreitar pela porta, desaparecendo imediatamente.

— Está aqui! — gritou uma voz. — Encontrei-o.

O seu coração saltou-lhe com um medo súbito. Será que Anastácio ia agir contra ela tão depressa? Levantou-se.

As portas abriram-se de par em par e entraram sete proceres, secundados por acólitos transportando os estandartes do seu ofício. Seguia-se-lhe o clero cardinalício e, depois, os sete optimates da cidade. Foi só quando viu Geraldo entre eles que Joana se convenceu de que não ia ser presa.

Numa procissão lenta, a delegação desceu a nave da igreja e parou diante de Joana.

— João Anglicus — disse Pascal, o primicerius, dirigindo-se-lhe num tom solene. — Por vontade de Deus e do povo de Roma, fostes eleito Senhor Papa de Roma, Bispo da Sé Romana.

Depois, prostrou-se diante dela e beijou-lhe os pés.

Joana ficou a olhar para ele, sem querer acreditar. Era alguma brincadeira de mau gosto? Ou uma armadilha para a levar a exprimir deslealdade ao novo papa?

Olhou para Geraldo. O seu rosto estava tenso e sério quando caiu de joelhos diante dela.

O resultado da eleição tinha apanhado todos de surpresa. A facção imperial, chefiada por Arsénio, tinha tomado o partido de Anastácio. A

facção papal contra-atacou, propondo Adriano, padre da Igreja de São Marcos. Ele não era propriamente um guia carismático. Baixo e forte, com o rosto desfigurado por bexigas, tinha os ombros arqueados como se já estivesse carregado com a responsabilidade que lhe queriam impor. Era um homem piedoso, um bom padre, mas poucos o teriam escolhido para chefe espiritual do mundo.

Era evidente que Adriano concordava com a opinião geral porque, inesperadamente, retirou a sua candidatura, informando a assembleia que, depois de muita oração e profunda reflexão, tinha decidido declinar a grande honra que lhe queriam dar.

Este anúncio provocou alguns comentários entre os membros do partido papal, que não tinham sido informados da decisão de Adriano antecipadamente. Ouve grandes manifestações de júbilo da parte imperial. Agora, a vitória de Anastácio parecia certa.

Depois, ouviu-se um clamor vindo da assembleia, onde estavam reunidas as fileiras dos leigos mais humildes.

— João Anglicus! — gritavam eles. — João Anglicus!

Pascal, o primicerius, mandou guardas para os calarem, mas eles não se queriam calar. Conheciam os seus direitos, a constituição de 824 dava a todos os romanos — leigos e clero, da classe alta ou baixa — o direito de votarem na eleição papal.

Arsénio tentou resolver este problema inesperado fazendo uma tentativa descarada para comprar a lealdade do povo, os seus agentes circularam diligentemente pelo meio da multidão, oferecendo subornos em vinho, mulheres e dinheiro. Mas, nem mesmo estas fortes seduções resultaram, o povo pôs-se contra Anastácio, que o seu amado papa Leão tinha considerado bom excomungar. Aclamavam o pequeno Papa vociferando, o amigo de Leão e seu ajudante, João Anglicus, e não se deixavam convencer.

Mesmo assim, não estava garantido que tivessem ganho porque a aristocracia no poder não ia deixar que a sua vontade fosse vencida pela populaça, estivesse isso na constituição ou não.

Mas, o partido do Papa, vendo nesta insurreição popular uma forma inesperada de impedir Anastácio de aceder ao Trono, juntou as suas vozes às do povo. Estava resolvido — Joana foi eleita.

Anastácio e o seu partido estavam acampados perto de Perugia, a noventa milhas de Roma, quando o mensageiro chegou com a notícia. Anastácio mal tinha acabado de ler a mensagem quando lançou um grito de dor. Sem dizer palavra aos seus companheiros surpreendidos, virou as costas e voltou a entrar na tenda, tapando a entrada para impedir que alguém o seguisse.

Dentro da tenda, os seus homens ouviram-no chorar copiosa e furiosamente. Pouco depois, o choro transformou-se num uivo animalesco que se prolongou durante toda a noite.

Revestida com uma túnica em seda púrpura, enfeitada a ouro e sentada sobre um palafrém também revestido e decorado a ouro, Joana encaminhava-se solenemente para a sua coroação. Fitas e bandeiras adejavam de todas as portas e janelas da Via Sacra, com cores garridas, o chão estava coberto com mirto aromático.

Magotes de pessoas aclamando-a bordejavam a rua, empurrando-se para verem o novo Senhor Papa.

Perdida nos seus próprios pensamentos, Joana mal ouvia o barulho da multidão. Pensava em Mateus, no seu velho mestre Asclépios, no irmão Benjamim. Eles tinham todos acreditado nela, tinham-na encorajado, mas nenhum deles tinha sonhado com uma coisa daquelas. Ela própria mal podia acreditar.

Quando se tinha disfarçado de homem pela primeira vez para ser aceite na irmandade de Fulda, Deus não tinha levantado a Sua mão contra ela. Mas, será que Ele iria mesmo permitir que uma mulher ascendesse ao sagrado Trono de São Pedro? A pergunta volteava-lhe na cabeça.

A guarda papal, comandada por Geraldo, escoltava Joana.

Geraldo não tirava os olhos da multidão que se apinhava ao longo do caminho. Havia sempre tentativas para romper a fila da guarda e, cada vez que acontecia, Geraldo deitava a mão à espada, pronto a defender Joana de qualquer ataque. Mas, não foi preciso desembainhá-la porque, cada vez que aquilo acontecia, o intruso só queria beijar a orla do manto de Joana e receber a sua bênção.

Desta forma lenta e entrecortada, a longa procissão seguiu o seu caminho através das ruas, até Latrão. O Sol estava no zénite quando eles

chegaram diante da catedral papal. Quando Joana desmontou, os cardeais, os bispos e os diáconos ocuparam os seus lugares atrás dela. Ela subiu lentamente os degraus e entrou no interior sombrio da grande basílica.

Repleta de rituais antigos e complicados, a Ordo coronationis ou cerimónia de coroação demorou várias horas.

Dois bispos conduziram Joana à sacristia, onde ela foi paramentada solenemente com uma alba, uma dalmática e uma pénula, antes de se aproximar do altar-mor para ser entoada a Litania e o longo ritual da consagração ou unção. Durante a recitação do vere dignum, Desidério, o arquidiácono e dois dos diáconos regionais seguraram um livro aberto, com os Evangelhos, sobre a sua cabeça. Depois, foi a missa propriamente dita, muito mais longa do que o habitual por causa das numerosas orações e formulários próprios da solenidade da ocasião.

Durante todo este tempo, Joana manteve-se numa postura solene e direita, suportando o peso das vestes litúrgicas, tão carregadas de ouro como as de um príncipe bizantino. Apesar da magnificência do seu aspecto, sentia-se muito pequena e mal preparada para a responsabilidade enorme que lhe tinha sido colocada nos ombros. Pensou que aqueles que tinham estado naquela posição antes dela também deviam ter tremido e duvidado. No entanto, tinham acabado por conseguir levar por diante a sua missão.

Mas, tinham sido todos homens.

Eustácio, o arcipreste, começou a bênção final:

— Senhor Todo-poderoso, estendei a Vossa dextra sobre o Vosso bendito, o Vosso servo João Anglicus e derramai sobre ele o dom da Vossa misericórdia...

Será que Deus me vai abençoar agora?, pensou Joana. Ou será que me derrubará no momento em que a coroa papal for colocada sobre a minha cabeça?

O bispo de Ostia avançou, trazendo a coroa sobre uma almofada em seda branca. Joana engoliu em seco quando ele levantou a coroa por cima da sua cabeça. Depois, o peso do círculo em ouro pousou sobre a sua fronte.

Não aconteceu nada.

— Viva o nosso ilustre Senhor João Anglicus, declarado por Deus como nosso Bispo Supremo e Papa Universal! — proclamou Eustácio.

O coro cantou Laudes quando Joana enfrentou a assembleia.

Ao aparecer ao cimo da escadaria da basílica, foi saudada por uma aclamação estrondosa. Milhares de pessoas tinham esperado horas ao sol ardente para saudarem o seu Papa recém-consagrado. O seu desejo era que ela fosse coroada.

Agora, manifestavam essa vontade num grande coro de aclamações jubilosas:

— Papa João! Papa João! Papa João!

Joana abriu-lhes os braços, sentindo que o seu espírito começava a elevar-se. Invadiu-a uma beatitude que, ainda na véspera, lhe parecia inalcançável e que, agora, era plena.

Deus tinha permitido que aquilo acontecesse, portanto, não podia ser contra a Sua vontade. Desapareceram todas as dúvidas e medos, agora substituídos por uma certeza gloriosa, esplendorosa: Este é o meu destino e este é o meu povo.

Sentia-se inundada do amor que lhes tinha. Servi-los-ia em nome do Senhor todos os dias da sua vida.

E talvez, no fim, Deus lhe perdoasse.

A curta distância, Geraldo olhava-a deslumbrado. Ela resplandecia, transfigurada por uma alegria indizível, com o rosto brilhando, belo como uma luz. Só ele — que a conhecia tão bem — sabia o que ia no íntimo do seu espírito, muito mais importante do que a cerimónia anterior. Ao vê-la receber a aclamação da multidão, o seu coração ficou despedaçado por uma verdade insuportável: tinha perdido para sempre a mulher que ele amava, mas amava-a mais do que nunca.

Capítulo 27

O primeiro acto da Joana como papisa foi dar uma volta a pé pela cidade. Acompanhada por um séquito de optimates e de guardas, visitou cada uma das sete regiões eclesiásticas, saudando as pessoas e ouvindo as suas queixas e necessidades.

Quando se aproximava do fim da sua volta, Desidério, o arquidiácono, orientou-a para a Via Lata, longe do rio.

— E o Campo de Marte? — perguntou ela.

Os outros membros do séquito papal entreolharam-se, consternados. O Campo de Marte, a região pantanosa, abafada, baixa junto ao Tibre, era a mais pobre de Roma. Nos grandes dias da República Romana, tinha sido dedicada à veneração do deus pagão Marte. Agora, cães esfomeados, pedintes andrajosos e ladrões vagueavam nas suas velhas ruas.

— Não nos aventuramos a entrar lá, Santidade — protestou Desidério. — O local está cheio de tifo e de cólera.

Mas, Joana já se dirigia para o rio, acompanhada por Geraldo e pela guarda. Desidério e os outros não tinham outro remédio senão segui-la.

Filas de insulae, os alojamentos exíguos dos pobres, apinhados ao longo de ruas nojentas à beira do rio, tinham as vigas podres pendentes como costelas partidas de mulas velhas.

Algumas das insulae tinham ruído, os restos das vigas podres jaziam onde tinham caído, atravancando as ruas estreitas. Por cima, estendiam-se os arcos em ruínas do aqueduto de Marcião, em tempos uma das maravilhas arquitectónicas do mundo. Agora, as suas paredes em ruína pingavam água suja que formava poças de água estagnada, um alfobre de doenças.

Grupos de pedintes reuniam-se em torno de panelões com comida com um cheiro estranho, aquecendo-se a pequenas fogueiras feitas de aparas e de bosta seca. As ruas estavam cobertas com camadas de lama que tinha ficado das várias cheias do Tibre. O lixo e os excrementos entupiam os esgotos, o cheiro era insuportável por causa do calor do Verão, atraindo enxames de moscas, ratos e outros vermes.

— Meu Deus — murmurou Geraldo junto a ela. — Isto é um foco de doenças.

Joana conhecia a pobreza, mas nunca tinha visto nada semelhante àquela miséria terrível e brutal.

Duas crianças estavam agachadas junto ao lume. As suas túnicas estavam tão gastas que Joana conseguia ver a alvura da sua pele por baixo delas, os seus pés descalços estavam enrolados em panos imundos. Era óbvio que uma delas, um rapazinho, tinha febre, apesar do calor do Verão, tremia descontroladamente. Joana tirou a sua pénula em linho e cobriu-lhe os ombros com ela, suavemente. O rapaz esfregou a cara no tecido macio, tão macio como ele nunca tinha sentido na vida.

Ela sentiu um puxão no seu manto. A criança mais pequena, uma menina com olhos redondos, como um anjo, olhava para ela, interrogativamente.

— Sois um anjo? — perguntou a vozinha.

Joana fez uma festa no queixo sujo da criança.

— Tu é que és um anjo, pequenina.

Dentro do panelão, um pedacinho de carne magra, impossível de identificar, começava a queimar-se. Uma jovem loura veio do rio, carregando um balde com água. Seria a mãe das crianças?, pensou Joana. Ela própria parecia também uma criança — não tinha, certamente, mais do que dezasseis anos.

Os olhos da jovem ergueram-se esperançados, quando viu Joana e os outros prelados.

— Uma esmola, bons padres? — estendeu a mão. — Uma moedinha para os meus pequeninos?

Joana fez um sinal a Vítor, o sacellarius, que colocou um denário em prata na palma estendida da jovem. Com um sorriso de felicidade, a rapariga pousou o balde com água para guardar a moeda.

Havia restos de despejos a flutuar na água.

Benedicite!, pensou Joana. A sujidade da água era, seguramente, o que tinha adoecido o rapazinho. Mas, com o aqueduto em ruínas, que alternativa tinha aquela mãe? Tinha de utilizar a água poluída do Tibre ou morrer de sede.

Mas, agora, havia outros que tinham começado a reparar em Joana e no seu séquito. As pessoas começaram a juntar-se, ansiosas por saudar o seu novo Senhor Papa. Joana esticava-se para eles, tentando tocar e abençoar tantos quanto podia. Mas, à medida que a multidão aumentava, aproximava-se tanto dela que ela mal se podia mexer. Geraldo deu ordens, os guardas dispersaram a multidão, abrindo o caminho, e a comitiva papal saiu da Via Lata, para o ar solarengo, limpo e saudável da Colina Capitolina.

— Temos de reconstruir o aqueduto de Marcião — disse Joana durante uma reunião com os optimates, na manhã seguinte.

As sobrancelhas de Pascal, o primicerius, ergueram-se com a surpresa.

— O restauro de um edifício cristão seria uma forma mais apropriada de começar o vosso papado, Santidade.

— Para que querem os pobres mais igrejas? — respondeu ela —, Roma está cheia delas. Mas, um aqueduto a funcionar pode salvar muitas vidas.

— O projecto é arriscado — disse Vítor, o sacellarius. — Pode ser que não se consiga fazer.

Ela não o podia negar. Reconstruir o aqueduto era uma obra monumental, talvez mesmo, impossível de realizar, dado o estado lastimoso da engenharia naqueles dias. Os livros que tinham conservado os conhecimentos dos antigos acerca destas obras de construção complicadas

tinham-se perdido ou tinham sido destruídos havia séculos. As páginas de pergaminho nas quais tinham sido registados os preciosos planos tinham sido raspadas e reescritas com homilias cristãs e histórias da vida de santos e de mártires.

— Temos de tentar — disse Joana, com firmeza. — Não podemos permitir que as pessoas continuem a viver em condições tão miseráveis.

Os outros mantiveram-se em silêncio, não porque concordassem, mas porque seria indelicado opor-se, quando era tão evidente que o Apostólico estava decidido.

Ao fim de algum tempo, Pascal perguntou:

— Quem tendes em mente para supervisionar a construção?

— Geraldo — respondeu Joana.

— O superista? — Pascal estava surpreendido.

— Quem havia de ser? Ele dirigiu a construção do Muro Leonino. Aliás, também houve muitos que pensaram que não era possível.

Nas semanas que se tinham seguido à sua coroação, ela tinha-se apercebido de que Geraldo estava cada vez mais infeliz. Era difícil para ambos estarem sempre juntos. Pelo menos ela tinha o seu trabalho, uma missão e um objectivo claros. Mas, Geraldo estava aborrecido e inquieto. Joana sabia-o, sem que ele lho tivesse dito, eles nunca tinham precisado de falar um com o outro para saberem o que o outro estava a sentir.

Quando Geraldo veio ter com ela, ela apresentou-lhe a sua ideia de reconstruir o aqueduto de Marcião.

Ele franziu o sobrolho, pensativo:

— Perto do Tivoli, o aqueduto continua por baixo do chão, num túnel ao longo de várias colinas. Se essa secção estiver destruída, não será fácil de reparar.

Joana sorriu ao aperceber-se de que o seu espírito já estava a começar a assumir a ideia, prevendo os problemas que ela envolvia.

— Se alguém o pode fazer és tu.

— Tens a certeza que é isso que queres?

Os olhos de Geraldo fitaram os seus com um olhar de desejo indubitável.

Ela sentiu que lhe correspondia. Mas, não se atreveu a demonstrar os seus sentimentos. Admitir a intimidade entre ambos, mesmo aqui, em

privado, seria abrir caminho ao desastre. Ela respondeu pragmaticamente:

— Não vejo nada que seja de maior benefício para o povo.

Ele desviou o olhar:

— Então, está bem. Não te esqueças de que não te estou a prometer nada. Vou ver se é possível. Farei tudo o que puder para que o aqueduto seja reparado para poder voltar a funcionar.

— É tudo quanto eu peço — disse ela.

Ela começava a perceber de uma forma nova o que significava ser Papa. Apesar de ser uma posição de grande poder formal, na realidade, era uma posição com grandes obrigações. Ela tinha o tempo todo ocupado com obrigações litúrgicas pesadíssimas. No Domingo de Ramos, benzeu e distribuiu ramos de palmeira em frente a São Pedro. Na Quinta-feira Santa, lavou os pés aos pobres e serviu-lhes ela própria uma refeição. Na Festa de Santo António, ficou diante da Catedral de Santa Maria Maior e aspergiu com água benta os bois, os cavalos e as mulas trazidas pelos seus donos para serem benzidos. No terceiro Domingo do Advento, abençoou os candidatos apresentados para serem ordenados presbíteros, diáconos ou bispos.

Também tinha de celebrar a missa quotidiana. Em certos dias, era uma missa estacional, precedida de uma procissão pela cidade até à igreja titular, na qual seria celebrada a missa, parando pelo caminho para ouvir petições, a procissão e a cerimónia ocupavam-lhe grande parte do dia. Havia mais de noventa missas estacionais, incluindo as festas marianas, as Quatro Têmporas, a Missa de Cristo, o Domingo da Septuagésima e da Sexagésima e a maior parte dos Domingos e dias feriados da Quaresma.

Havia dias de festa em honra de São Pedro, São Paulo, São Lourenço, Santa Inês, São João, São Tomé, São Lucas, Santo André e Santo António, assim como da Natividade, da Anunciação e da Assunção da Virgem Maria. Estas eram festas fixas, o que queria dizer que calhavam no mesmo dia todos os anos, como a Missa de Cristo e a Epifania. A Oblação, a festa da Sede Gestatória, a Circuncisão de Cristo, a Natividade de São João Baptista, a festa de São Miguel, de Todos os Santos e da Exaltação da Cruz eram todas em dias fixos. A Páscoa, o dia mais sagrado do calendário cristão, era uma festa móvel, a sua localização no calendário seguia o ritmo

da lua cheia eclesiástica, tal como os feriados satélites da Terça-Feira de Entrudo, da Quarta-Feira de Cinzas, do Dia da Ascensão e do Pentecostes.

Cada um destes feriados cristãos era observado com, pelo menos, quatro dias de celebrações: a vigília ou véspera da festa, o dia da festa, o dia seguinte e a oitava ou oitavo dia a seguir. Ao todo, havia mais de cento e setenta e cinco dias festivos para os cristãos, entregues a cerimoniais complicados e consumidores de tempo.

Tudo isto dava pouco tempo a Joana para governar realmente, ou para falar daquilo que lhe interessava mais: tratar dos pobres e melhorar a educação do clero.

Em Agosto, a árdua rotina litúrgica foi interrompida por um sínodo. Participaram setenta e sete prelados, incluindo todos os suburbicarii, ou bispos provinciais, assim como quatro bispos francos enviados pelo imperador Lothar.

Dois dos assuntos tratados no sínodo tinham especial interesse para Joana. O primeiro, diz respeito à intinctio, a prática de distribuir a Comunhão mergulhando o pão eucarístico no vinho, em vez de serem tomados separadamente. Nos vinte anos que se seguiram à introdução dessa ideia em Fulda, por iniciativa de Joana, como forma de evitar a propagação de doenças, tinha-se tornado tão popular na região dos francos que se tinha tornado um costume quase universal.

O clero romano, que, como era evidente, não sabia que existia uma relação entre Joana e a intinctio, encarava a nova prática com suspeição.

— É uma transgressão à lei divina — argumentou o bispo de Castrum, indignado. — Na Sagrada Escritura afirma-se que Cristo deu aos Seus discípulos o Seu corpo e o sangue separadamente.

Houve sinais de concordância pela assembleia.

— O Senhor Bispo tem razão — disse Pothos, bispo de Trevi. A prática não tem precedentes nos escritos dos padres, portanto, tem de ser condenada.

— Devemos condenar uma ideia apenas porque é nova? — perguntou Joana.

— Devemos guiar-nos pela sabedoria dos antigos em todas as coisas — respondeu Pothos num tom solene. — A única verdade de que

podemos estar seguros é aquela que nos foi transmitida no passado.

— Tudo o que é velho já foi novo um dia — disse Joana. — O novo precede sempre o velho. Não será insensato rejeitar o que precede e estimar o que se segue?

As sobrancelhas de Pothos franziram-se ao mesmo tempo que a sua mente meditava sobre aquela complexa dialéctica. Como a maior parte dos seus colegas, também ele não possuía qualquer conhecimento da argumentação e debate clássicos, só se sentia à vontade quando citava uma autoridade.

Seguiu-se uma longa discussão. Claro que Joana podia ter imposto a sua vontade por decreto, mas preferia a persuasão à tirania. No fim, os bispos acabaram por ser vencidos pelos seus argumentos. A prática da intinctio continuaria na região dos francos, pelo menos, de momento.

A questão seguinte tinha um grande interesse pessoal para Joana porque envolvia o seu velho amigo Gottschalk, o monge oblato cuja liberdade ela tinha ajudado a ganhar, em tempos.

Segundo o relatório dos bispos francos, ele estava novamente em grandes apuros. Joana ficou triste com as notícias, mas não muito surpreendida, Gottschalk era um homem que cortejava a infelicidade com a mesma intensidade com que um amante persegue a sua amada.

Agora, era acusado do sério crime de heresia. Rábano Mauro, antigo abade de Fulda, agora promovido a arcebispo de Mainz, tinha ouvido falar de algumas teorias radicais que Gottschalk tinha pregado sobre a predestinação. Aproveitando a oportunidade para se vingar, o arcebispo tinha mandado prender e açoitar selvaticamente Gottschalk.

Joana franziu o sobrolho. A crueldade com que homens de alegada piedade, como Rábano, tratavam os seus irmãos cristãos nunca deixava de a espantar. Os normandos pagãos provocavam-lhes uma fúria menor do que um crente cristão que se desviasse um pouco que fosse das doutrinas estritas da Igreja. Porque será que temos sempre de guardar o nosso pior ódio para os nossos?, pensou ela.

— Qual é a natureza concreta dessa heresia? — perguntou ela a Wulfram, o chefe dos bispos francos.

— Primeiro — disse Wulfram — o monge Gottschalk afirma que Deus predestinou todos os homens para a salvação ou para a perdição.

Segundo, que Cristo não morreu na cruz por todos os homens, mas apenas pelos eleitos. E, finalmente, que os homens decaídos não podem fazer nada de bom fora da graça, nem podem exercitar livremente a sua vontade para nada a não ser o mal.

É mesmo do Gottschalk, pensou Joana. Um pessimista nato, era inevitável que tendesse para uma teoria que predestinava o homem à condenação. Mas, não havia nada de herético naquelas ideias, nem sequer particularmente novo. O próprio Santo Agostinho tinha dito exactamente o mesmo em duas das suas obras mais importantes — o De civitate Dei e o Enchiridion.

Mas, ninguém na sala pareceu aperceber-se disso. Apesar de todos reverenciarem o nome de Agostinho, era evidente que nenhum se tinha dado, realmente, ao trabalho de ler as suas obras.

Nirgotius, bispo de Anagni, levantou-se e disse:

— Isso é uma apostasia pecaminosa — disse ele. — Porque é sabido que a vontade de Deus predestina os eleitos, mas não os condenados.

Aquele raciocínio era muito defeituoso, já que a predestinação de um grupo implicava, inevitavelmente, a predestinação do outro. Mas, Joana não disse nada porque também estava preocupada com a pregação de Gottschalk. Era perigoso levar as pessoas a acreditarem que não podiam alcançar a sua salvação evitando o pecado e tentando agir de forma justa. Afinal, porque haveria alguém de se dar ao trabalho de fazer boas obras se a lista do Céu já estava feita?

Ela disse:

— Concordo com Nirgotius. A graça de Deus não é fruto da predestinação, mas sim do poder abundante do Seu amor, que se derrama sobre todas as coisas que existem.

Os bispos acolheram bem esta intervenção porque concordava com o seu próprio pensamento. Votaram por unanimidade a refutação das teorias de Gottschalk.

Mas, por instigação da Joana, incluíram também uma condenação do arcebispo Rábano pela forma rígida e imprópria de um cristão, como tinha tratado o monge transviado.

Foram votados quarenta e dois cânones naquele sínodo, a maior parte deles relacionados com a reforma da disciplina e da educação

eclesiástica. No fim da semana, a assembleia estava terminada. Todos concordaram que tinha corrido muito bem e que o Papa João tinha presidido com uma distinção rara.

Os romanos estavam particularmente orgulhosos de serem representados por um guia espiritual de inteligência e erudição tão elevadas.

Mas, a boa-vontade de que Joana ficou a gozar a seguir ao sínodo não durou muito. No mês seguinte, a comunidade eclesiástica revoltou-se em peso quando ela anunciou a sua intenção de instituir uma escola para mulheres. Até aqueles do partido papal que tinham apoiado a candidatura da Joana ficaram chocados: que Papa tinham eles elegido?

Jordanes, o secundicerius, confrontou Joana com o assunto publicamente, durante a reunião semanal dos optimates.

— Santidade — disse ele — fazeis muito mal em procurar educar mulheres.

— Porquê? — perguntou ela.

— Santidade, sabeis muito bem que o tamanho do cérebro e do útero da mulher é inversamente proporcional, portanto, quanto mais uma rapariga aprende, menos provável é que venha a ter filhos.

É melhor ser estéril de corpo do que de espírito, pensou Joana com frieza, mas guardou o pensamento apenas para si própria.

— Onde lestes isso?

— É do senso comum.

— Pelo que parece, é tanto do senso comum que ninguém se deu ao trabalho de o escrever para que todos pudessem aprendê-lo.

— Não é preciso aprender aquilo que é óbvio para todos. Ninguém escreveu que a lã vem das ovelhas, mas todos o sabem.

Os outros sorriram. Jordanes envaideceu-se da esperteza do seu argumento.

Joana pensou um pouco e depois disse:

— Se o que dizeis é verdade, como havemos de interpretar a fecundidade extraordinária de mulheres instruídas como Laeta, que se correspondia com São Jerónimo e que, segundo ela relata, deu à luz quinze crianças saudáveis?

— Uma aberração! Uma rara excepção à regra.

— Se bem me lembro, Jordanes, a vossa irmã Juliana sabe ler e escrever.

Jordanes foi apanhado desprevenido.

— Só um pouco, Santidade. O suficiente para poder fazer as contas da casa.

— Mas, de acordo com a vossa teoria, mesmo que a instrução fosse pouca, afectaria sempre a fertilidade da mulher. Quantos filhos tem a Juliana?

Jordanes corou.

— Doze.

— Outra aberração?

Fez-se um silêncio longo e embaraçoso.

— É óbvio, Santidade — disse Jordanes, num tom agreste —, que já tendes uma ideia formada quanto a este assunto. Portanto, não digo mais nada.

E não disse, pelo menos, não na assembleia.

— Não foi sensato insultar Jordanes em público — disse Geraldo depois. — Podes tê-lo atirado para os braços de Arsénio e do partido do imperador.

— Mas, ele não tem razão, Geraldo — disse Joana. — As mulheres são tão capazes de aprender como os homens. Eu não sou uma prova disso?

— Claro. Mas, tens de dar tempo às pessoas. O mundo não pode ser refeito num só dia.

— O mundo nunca será refeito se ninguém tentar refazê-lo. Tem de se começar a mudar por algum lado.

— É verdade — concedeu Geraldo. — Mas, agora não, aqui não, contigo não.

— Porquê?

Porque eu te amo, queria ele dizer, porque tenho medo por ti.

Em vez disso, disse:

— Porque não te podes dar ao luxo de fazer inimigos. Já te esqueceste de quem és e daquilo que és? Eu posso proteger-te de muitas coisas, Joana — mas, não de ti própria.

— Ora, certamente não é uma coisa assim tão séria. O mundo vai acabar se algumas mulheres aprenderem a ler e a escrever?

— O teu velho tutor — Asclépios, não era? — o que foi que tu me contaste uma vez que ele te tinha dito?

— Algumas ideias são perigosas.

— Exactamente.

Fez-se um longo silêncio.

— Está bem — concedeu ela. — Vou falar com Jordanes e farei o que puder para apaziguar o seu ressentimento. E prometo ser mais diplomática no futuro. Mas, a escola para mulheres é demasiado importante, não vou desistir dela.

— Nem pensei que desistisses — respondeu Geraldo, sorrindo.

Em Setembro, a escola para mulheres foi inaugurada formalmente. Joana deu-lhe o nome de Escola de Santa Catarina, em memória do seu irmão Mateus, o primeiro a falar-lhe da santa instruída. Cada vez que ela passava pelo pequeno edifício na Via Merulana e ouvia o som de vozes femininas recitando, pensava que o coração lhe rebentava de alegria.

Cumpriu a promessa que tinha feito a Geraldo. Foi delicada e cortês com Jordanes e com os outros optimates. Conseguiu, até, controlar a língua quando ouviu o cardeal-presbítero Citronatus pregar que, depois da ressurreição, as imperfeições das mulheres seriam emendadas porque todos os seres humanos renasceriam como homens! Chamando Citronatus, ofereceu-lhe, à guisa de uma sugestão útil, a ideia de eliminar aquela linha do sermão porque, assim, poderia alcançar melhor efeito sobre as paroquianas. Apresentada em termos tão diplomáticos, a sugestão foi bem aceite, Citronatus ficou lisonjeado com a atenção dispensada pelo Papa e não voltou a repetir a ideia.

Joana suportava a rotina diária das missas, audiências, baptismos e ordenações pacientemente e sem um queixume. E assim, os dias longos e frios do Outono passaram sem mais incidentes.

Nos idos de Novembro, o céu escureceu e começou a chover.

Durante dez dias, a chuva caiu, deixando grandes lençóis de água, batendo contra os telhados das casas, fazendo com que os habitantes tivessem de tapar os ouvidos para não ouvirem o barulho enlouquecedor. Os

velhos esgotos da cidade depressa ficaram a transbordar, nas ruas, a água concentrava-se em poças cada vez maiores, que se iam juntando, formando correntes rápidas, levando consigo pedras de basalto e tornando o piso perigosamente escorregadio.

E continuava a chover. As águas do Tibre começaram a subir ameaçadoramente, submergindo os diques, inundando os campos dos arredores, destruindo as terras de cultivo e as pastagens e afogando o gado.

Dentro dos muros da cidade, a primeira região a ficar inundada foi a zona baixa de Campo de Marte, sobrepovoada de pobres.

Alguns fugiram para zonas mais altas, mal as águas começaram a subir, mas muitos ficaram para trás, sem se aperceberem das consequências do atraso, não querendo deixar as suas casas e as suas magras posses.

Depois, já era tarde de mais. As águas ultrapassaram a altura de um homem, impedindo qualquer tentativa de fuga.

Centenas de pessoas ficaram encurraladas dentro das insulae raquíticas, se as águas continuassem a subir, iam morrer afogados.

Naquelas circunstâncias, o Papa, normalmente, retirava-se para a Catedral de Latrão e rezava uma litania solene, prostrando-se diante do altar e rezando pela salvação da cidade. Para surpresa e consternação do clero, Joana não o fez. Em vez disso, chamou Geraldo para discutir planos de evacuação.

— O que podemos fazer? — perguntou ela. — Há-de haver uma maneira de salvar aquela gente.

Ele respondeu:

— Os acessos ao Campo de Marte estão completamente alagados. Não há forma de lá chegar a não ser de barco.

— E os barcos que estão ancorados em Ripa Grande?

— São pequenas embarcações de pescadores — demasiado frágeis para águas tão revoltosas.

— Vale a pena tentar — argumentou ela, aflita. — Não podemos ficar a ver as pessoas a afogarem-se!

Geraldo sentiu uma onda de ternura por ela. Nem Sérgio, nem sequer Leão, tinham demonstrado tal preocupação com a população deserdada do Campo de Marte. Joana era diferente, como não via nenhuma diferença entre rico e pobre, tratava-os da mesma maneira.

Aos seus olhos, todos eram igualmente merecedores do seu cuidado e atenção.

— Vou convocar imediatamente a milícia — disse ele.

Marcharam para a doca de Ripa Grande, onde Joana usou a sua autoridade para requisitar todas as embarcações que estavam em condições de navegar. Geraldo e os seus homens meteram-se nos barcos e Joana pronunciou algumas palavras de bênção sobre eles, levantando a voz para se fazer ouvir mais alto do que a chuva que batia. Depois, espantou todos entrando no barco de Geraldo.

— O que estás a fazer? — perguntou ele, alarmado.

— O que te parece?

— Não pretendes vir connosco!

— Porque não?

Ele olhou para ela, espantado, como se ela tivesse enlouquecido.

— É demasiado perigoso!

— Vou aonde sou precisa — respondeu ela, com determinação.

Eustácio, o arcipreste, franziu o sobrolho na doca.

— Santidade, pensai na dignidade da vossa posição! Sois o Senhor Papa, Bispo de Roma. Arriscareis a vida por um punhado de pedintes andrajosos?

— São filhos de Deus, Eustácio, não são menos do que vós ou do que eu.

— Mas, quem nos guiará na litania? — perguntou ele, insistindo.

— Vós, Eustácio. Fazei-o bem porque bem precisamos das vossas orações — voltou-se impacientemente para Geraldo. — Agora, superista, ides remar ou tenho de ser eu a fazê-lo?

Reconhecendo o ar de determinação obstinada naqueles olhos verde-acinzentados, Geraldo pegou nos remos. Não havia mais tempo para discussões porque a água estava a subir rapidamente. Ele pegou nos remos, remando energicamente e o barco afastou-se da doca.

Eustácio gritou-lhes qualquer coisa, mas as suas palavras perderam-se no vento e na chuva.

A flotilha de embarcações dirigia-se para noroeste, para Campo de Marte. As águas tinham subido. O Tibre corria pela parte baixa da cidade como se estivesse no seu próprio leito.

Entre a Porta Septimania e o sopé da Colina Capitolina, todas as igrejas e casas estavam inundadas. A coluna de Marco Aurélio estava meio-submersa, as ondas batiam nas portas superiores do Panteão.

Ao aproximarem-se de Campo de Marte, viram indícios dos terríveis prejuízos causados pela inundação. Boiavam pedaços de madeira, restos das insulae que tinham ruído, havia corpos a flutuarem ao sabor da corrente. Os habitantes cujas casas tinham sido poupadas, aterrados, tinham-se refugiado nos andares superiores. Apinhavam-se às janelas, com os braços estendidos, gritando por ajuda.

Os barcos separaram-se, um ou dois por edifício. As ondas tornavam difícil a aproximação às casas. Algumas pessoas entraram em pânico e saltaram cedo de mais, não acertando nas embarcações aos círculos. Outros, caíam demasiado perto da borda ou da parte da frente dos barcos, fazendo com que eles se voltassem. Havia uma confusão dentro de água, provocada por aqueles que não sabiam nadar e que tentavam agarrar-se desesperadamente àqueles que sabiam, enquanto os remadores praguejavam, tentando reequilibrar os barcos.

As embarcações acabaram por recuperar o equilíbrio e por partir, seguindo na direcção da Colina Capitolina, onde descarregaram os seus passageiros. A partir dali, era fácil subir para lugar seco e porem-se a salvo. Depois, a flotilha regressou para salvar mais pessoas.

Os salvadores repetiram a viagem, ficando encharcados até aos ossos, com as roupas coladas ao corpo, arfando com o esforço e o cansaço. Finalmente, parecia qe tinham salvo toda a gente. Dirigiam-se para a Colina Capitolina, quando Joana ouviu a voz de uma criança a pedir socorro. Voltando-se, viu a silhueta de um rapazinho a uma das janelas. Talvez estivesse a dormir e tivesse acabado de acordar, ou talvez tivesse tido demasiado medo para sair pela janela antes.

Joana e Geraldo olharam um para o outro. Sem uma palavra, ele virou o barco e remou de regresso, parando por baixo da janela onde o rapaz estava agora debruçado. Geraldo levantou os remos, para manter o barco parado.

Joana levantou-se, esticando os braços.

— Salta! — disse ela. — Salta, que eu apanho-te!

O rapaz ficou onde estava, com os olhos espantados de terror, a olhar para o barco por baixo da janela.

Ela olhou para ele, procurando convencê-lo a atirar-se.

— Salta agora! — ordenou-lhe ela.

Timidamente, o rapaz meteu uma perna fora da janela.

Ela esticou-se para ele.

Nesse momento, ouviu-se um barulho ensurdecedor. A velha Posterula de Santa Ágata, a porta mais a norte do Muro Aureliano, tinha cedido à pressão da água que subia. O Tibre entrou pela cidade dentro numa onda com uma força aterradora.

Joana viu o rosto do rapaz encostado à janela, com a boca formando um O de terror, quando o edifício começou a ceder.

Nesse momento, ela sentiu o barco por baixo dos seus pés levantar-se e tremer, indo com a corrente.

Começou a gritar, agarrando-se desesperadamente às bordas da frágil embarcação, levada nos rápidos, ameaçando virar-se a qualquer momento. A água entrava pelos lados, ela levantou a cabeça, à procura de ar, e viu num relance Geraldo debruçado junto à proa.

O barco parou com um estrondo tremendo. Joana foi projectada contra o lado.

Ficou imóvel, tonta e confusa durante alguns segundos.

Quando, finalmente, conseguiu olhar à sua volta, viu paredes, uma mesa, cadeiras.

Estava dentro de casa. A força extraordinária da corrente tinha arrastado o barquinho fazendo-o entrar para dentro de casa por uma janela de uma das insulae.

Viu Geraldo deitado na parte da frente do barco, com o rosto metido dentro de água. Arrastou-se para ele.

Quando o voltou, ele estava inconsciente e não respirava.

Ela puxou-o para fora do barco e deitou-o no chão do quarto.

Virando-o, de forma a que ele ficasse com a barriga para baixo, começou a pressionar as suas costas para obrigar a água a sair dos seus pulmões.

Pressionar e soltar, pressionar e soltar. Ele não pode morrer, pensou ela.

Ele não pode morrer. Certamente que Deus não seria tão cruel. Depois, lembrou-se do infeliz rapazinho que tinha ficado dentro de casa e pensou: Deus é capaz de tudo.

Pressionar e soltar. Pressionar e soltar.

A boca de Geraldo abriu-se, soltando uma golfada de água.

Benedicite! Ele tinha voltado a respirar. Joana examinou-o cuidadosamente. Não tinha ossos partidos, nem feridas abertas. Mas, tinha uma grande nódoa negra por baixo da linha do cabelo, onde tinha recebido uma grande pancada. Devia ter sido ela que o tinha deixado inconsciente.

Já devia ter recuperado a consciência, pensou ela. Mas, Geraldo continuava mergulhado no seu estranho sono, pálido e flácido, com a respiração pouco profunda e o pulso fraco e perigosamente rápido. O que se passa?, pensou ela, ansiosa. O que posso fazer mais?

O choque de uma pancada violenta pode matar um homem com um frio penetrante.

As palavras de Hipócrates, palavras que já tinham salvo a vida a Gottschalk, uma vez, vieram-lhe, agora, à memória.

Tinha de aquecer Geraldo rapidamente.

Pelo buraco deixado pela passagem do barco entravam rajadas de vento e chuva. Ela levantou-se e começou a explorar a pequena casa. Por trás do quarto da frente, havia outro, mais pequeno, sem janela e, portanto, mais quente e mais seco. E — Deo gratias! — no meio do quarto havia um pequeno braseiro em metal, no qual se encontravam alguns pedaços de madeira. Num armário perto, ela encontrou um sílex e uma mecha. Numa arca a um canto, havia um cobertor em lã grossa, rasgado, mas, graças a Deus, ainda seco.

Ao regressar ao quarto da frente, ela pegou em Geraldo por baixo dos braços e levou-o, melhor, arrastou-o para o quarto da parte de trás, deitando-o ao pé do braseiro. As mãos dela tremiam tanto que teve que tentar várias vezes, até conseguir fazer lume. Finalmente, conseguiu pegar fogo à pequena mecha de palha. Colocou a mecha a arder no braseiro, cuidadosamente, e ela pegou, lambendo os pedaços de madeira. A madeira húmida chiou e estalou, sem querer pegar fogo. Por fim, um pequeno pedaço de madeira tornou-se incandescente num canto de um dos toros. Ela

assoprou o fogo frágil com a habilidade própria de quem está habituada a fazê-lo.

Precisamente quando ele tinha começado a pegar, entrou vento pela janela do outro quarto e apagou-o.

Ela olhou, desesperada, para os pedaços de madeira frios. Já não havia mais mecha, não havia forma de tentar voltar a acender o lume. Geraldo continuava inconsciente. A sua pele tinha um tom azulado terrível, os seus olhos estavam encovados.

Só havia mais uma coisa a fazer. Ela tirou-lhe a roupa rapidamente, despindo o seu corpo tenso, elegantemente musculoso, marcado aqui e ali com cicatrizes de antigos combates. Depois, tapou-o com o cobertor.

Levantou-se, tremendo de frio, e começou a tirar a sua roupa encharcada: primeiro, a pénula e a dalmática, depois, a roupa de baixo, a alba, o amicto e o cíngulo. Quando ficou nua, meteu-se debaixo do cobertor e encostou-se toda a Geraldo.

Agarrou-se a ele, aquecendo o seu corpo com o dela, para lhe insuflar um pouco de força e de vida.

Luta. Geraldo. meu amor. Luta.

Fechou os olhos e concentrou-se em estabelecer uma ligação entre eles. Nada mais interessava. O quartinho, o lume apagado, o barco, a tempestade lá fora — nada disso era real.

A única coisa real eram eles os dois. Eles haviam de viver juntos ou de morrer juntos.

As pálpebras de Geraldo mexeram-se. A sua mão levantou-se, por reflexo, como que para tirar um véu invisível. Nesse mesmo instante, Joana viu uma luz ao fundo do túnel e agarrou-se a ela com ele. Eles tinham emergido juntos de um lugar distante.

Ele acordou. Os seus olhos azuis olharam para ela, surpreendidos, ele sabia que ela estava junto dele.

— Minha pérola — murmurou ele.

Ficaram muito tempo em silêncio, unidos numa comunicação sem palavras. Depois, ele levantou o braço para a puxar mais para si e os seus dedos passaram pelas cicatrizes nas suas costas.

— Marcas de chicote? — perguntou ele, suavemente.

Ela corou.

— Sim.

— Quem te fez isto?

Lenta e penosamente, ela contou-lhe a tareia que tinha levado do pai quando se recusou a destruir o livro de Asclépios.

Geraldo não disse nada, mas os músculos do seu maxilar retesaram-se. Inclinou-se sobre ela e começou a beijar cada uma das cicatrizes.

Ao longo dos anos, Joana tinha aprendido a conter as suas emoções, a não manifestar dor, nem a chorar. Agora, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, sem ela dar por isso.

Ele abraçou-a ternamente, murmurando palavras doces, até que ela deixou de chorar. Depois, beijou-a nos lábios com uma experiência e ternura que a encheu de calor. Ela abraçou-o e fechou os olhos, deixando que o vinho doce e escuro dos seus sentidos corresse nela, rendendo, finalmente, a vontade da mente ao desejo do corpo.

Meu Deus!, pensou ela. Eu não sabia, eu não sabia! Era acerca daquilo que a mãe dela a tinha avisado, era daquilo que ela tinha fugido durante todos aqueles anos? Aquilo não era entregar-se, era uma maravilhosa e gloriosa expansão de si própria — uma oração não com palavras, mas dos olhos e das mãos e dos lábios e da pele.

— Amo-te! — gritou ela no momento do êxtase e as palavras não eram uma profanação, mas um sacramento.

No Salão Grande do Patriarchium, Arsénio esperava por notícias com os optimates e os membros do alto clero de Roma.

Quando recebeu a notícia de que o papa João tinha desaparecido, Arsénio não queria acreditar. Mas, afinal, o que era de esperar de um estrangeiro — e, para mais, de um camponês?

Radoin, segundo no comando da milícia papal, entrou no salão.

— Novidades? — perguntou Pascal, o primicerius, impaciente.

— Conseguimos salvar uma parte dos habitantes — relatou Radoin. — Mas, temo que Sua Santidade se tenha perdido.

— Perdido? — repetiu Pascal com uma voz sumida. — O que quereis dizer com isso?

— Ele estava num esquife com o superista. Pensámos que eles vinham atrás de nós, mas devem ter voltado para trás para salvar outro sobrevivente. Foi precisamente quando a porta de Santa Ágata cedeu e a água jorrou naquela zona.

Estas notícias foram recebidas com gritos de alarme e de consternação. Vários prelados benzeram-se.

— Existe alguma hipótese de que tenham sobrevivido? — perguntou Arsénio.

— Nenhuma — respondeu Radoin. — A força da corrente levou tudo quanto encontrou.

— Deus tenha misericórdia deles — disse Arsénio num tom grave, usando todo o controlo que possuía para esconder a sua alegria.

— Devo ordenar que toquem os sinos do luto? — perguntou Eustácio, o arcipreste.

— Não — respondeu Pascal. — Não podemos precipitar-nos. O papa João é o vigário escolhido por Deus, é possível que Deus tenha operado um milagre para o salvar.

— Porque não voltais para o procurar? — sugeriu Arsénio.

Ele não tinha nenhum interesse em que ele fosse salvo, mas precisava de ter a certeza que o Trono de São Pedro estava novamente vacante.

Radoin respondeu.

— A ruína da porta-norte tornou a área intransitável. Não podemos fazer mais nada, até as águas baixarem.

— Então, oremos — disse Pascal. — Deus misereatur nostri et benedicat nobis...

Os outros juntaram-se a ele, baixando as cabeças.

Arsénio recitou as palavras mecanicamente, com a mente concentrada noutras coisas. Se, como parecia certo, o papa João tinha morrido nas cheias, então Anastácio tinha uma segunda oportunidade de subir ao trono. Desta vez, pensou Arsénio com determinação, não pode correr nada mal com a eleição. Desta vez, ele usaria todo o seu poder para ter a certeza de que a candidatura do seu filho não iria falhar.

—... et metuant eum omnes fines terrae. Amen.

— Ámen — repetiu Arsénio. Mal podia esperar pelas notícias que o dia seguinte traria.

Ao acordar ao romper do dia, Joana sorriu ao ver Geraldo a dormir ao seu lado. Repousou os olhos no seu rosto longo, magro e distinto — tão resplandecente agora na sua beleza como quando ela o tinha visto pela primeira vez, à mesa de um banquete, vinte e oito anos antes.

Será que eu percebi logo naquele momento?, pensou ela. Será que percebi que o amava? Acho que sim.

Finalmente, tinha acabado por aceitar aquilo que tinha lutado para negar durante tanto tempo — Geraldo fazia parte dela, era ela, de uma forma insondável que ela nem era capaz de explicar, nem de negar. Eram almas gémeas, ligadas de uma forma inextricável, para sempre, duas metades de um todo perfeito e incapaz de atingir a plenitude um sem o outro.

Não quis aprofundar todas as implicações que esta descoberta maravilhosa tinha. Bastava viver o momento presente, a felicidade suprema de estar ali, agora, com ele. O futuro não existia.

Ele estava deitado de lado, com a cabeça junto à sua, a boca ligeiramente aberta, o cabelo longo e vermelho despenteado junto à cara.

Dormindo, parecia vulnerável e jovem, quase um rapazinho.

Movida por uma ternura inexprimível, Joana estendeu a mão e fez-lhe uma festa na cara.

Geraldo abriu os olhos, olhando para ela com uma expressão de amor e desejo tão intensa que a deixou sem respiração. Sem dizer uma palavra, puxou-a para ele e ela aproximou-se dele.

Estavam novamente a dormitar nos braços um do outro, quando Joana começou a ouvir um som estranho. Ficou quieta, de ouvido alerta. Estava tudo silencioso. Depois, ela apercebeu-se de que não tinha sido o barulho que a tinha despertado, mas sim o silêncio — a ausência de um barulho constante de água a tamborilar no telhado.

A chuva tinha parado.

Levantou-se e aproximou-se da janela. O céu estava carregado e cinzento, mas, pela primeira vez em mais de dez dias, havia pedaços de azul no horizonte, com raios de luz através das nuvens.

Graças a Deus, pensou ela. Agora, as inundações vão acabar.

Geraldo aproximou-se dela e abraçou-a. Ela encostou-se a ele, adorando senti-lo.

— Achas que vão começar a procurar-nos já? — perguntou ela.

— Acho que sim, agora que a chuva parou.

— Oh, Geraldo! Ela enterrou a cabeça no seu ombro. — Nunca fui tão feliz nem tão infeliz.

— Eu sei, coração.

— Nunca mais vamos poder estar juntos, pelo menos, assim.

Ele tocou no seu cabelo claro.

— Nós não precisamos de regressar, sabes.

Ela olhou para ele, surpreendida.

— O que queres dizer com isso?

— Ninguém sabe que estamos aqui. Se não fizermos nenhum sinal aos barcos de salvamento quando eles aparecerem, eles vão-se embora. Daqui a um dia, quando as águas descerem, desaparecemos da cidade durante a noite. Ninguém virá atrás de nós porque pensarão que morremos ambos nas cheias. Estaremos livres e juntos.

Ela não respondeu, mas virou-se para voltar a olhar pela janela.

Ele esperou pela decisão dela. Estava em causa a sua vida, a sua felicidade.

Pouco depois, ela virou-se para ele, novamente. Olhando para os seus olhos verde-acinzentados, cheios de dor, Geraldo percebeu que tinha perdido.

Ela disse, lentamente:

— Não posso fugir à grande responsabilidade que me foi confiada. O povo acredita em mim, não o posso abandonar. Se o fizesse, tornar-me-ia outra pessoa, uma pessoa diferente da pessoa que tu amas.

Ele sabia que nunca mais voltaria a ter tanto poder sobre ela como naquele momento. Se usasse o seu poder, se a tomasse nos braços e a beijasse, podia ser que ela concordasse em ir com ele. Mas, seria desonesto. Mesmo que ela cedesse, a sua entrega podia não durar para sempre. Ele não iria tentar persuadi-la a fazer algo de que ela viesse, depois, a arrepender-se. Ela tinha de vir ao seu encontro de livre vontade.

— Eu compreendo — disse ele. — E não te pressionarei mais.

Mas, quero que saibas uma coisa. Só o digo uma vez. És a minha verdadeira esposa neste mundo e eu, o teu verdadeiro esposo.

Aconteça o que acontecer, faça de nós o tempo e o destino o que fizer, nada pode alterar isso.

Vestiram-se para estarem prontos para quando os viessem buscar. Depois, sentaram-se os dois, abraçados um ao outro, Joana com a cabeça pousada sobre o ombro de Geraldo. Estavam sentados assim, encostados um ao outro, quando os barcos de salvamento chegaram.

Quando os levaram de volta ao Patriarchium, Joana manteve a cabeça baixa, como se estivesse a rezar. Consciente dos olhares vigilantes da guarda, não se atrevia a olhar para Geraldo porque não tinha suficiente controlo sobre os seus sentimentos.

Ao chegarem ao cais, foram rodeados imediatamente por uma multidão rejubilante, que os aclamava. Apenas tiveram tempo para um último olhar de relance, antes de serem levados, em triunfo, para os seus respectivos aposentos.

Capítulo 28

Papa populi, chamavam-lhe eles, o Papa do povo.

Contava-se vezes sem conta a história de como o Senhor Papa tinha saído do seu palácio no dia das cheias, arriscando a sua vida para salvar aquela gente. Onde quer que Joana fosse na cidade, era sempre recebida em júbilo. No caminho, espalhavam pétalas aromáticas de acanto e as pessoas saudavam-na do alto de todas as janelas. Ela encontrava força e consolo no amor do povo, dedicando-se-lhes com um fervor renovado.

Os optimates e o alto clero, por seu lado, estavam escandalizados com o comportamento de Joana no dia das cheias.

O Vigário de São Pedro sair a correr para salvar as pessoas num bote — que coisa absurda, uma vergonha para a Igreja e para a dignidade do cargo papal! Encaravam-na com uma antipatia crescente, aumentada pelas diferenças entre ambos: ela era uma estrangeira e eles, eram romanos por nascimento, ela acreditava no poder da razão e da observação e eles acreditavam no poder das relíquias sagradas e dos milagres, ela olhava para o futuro e era progressista e eles eram conservadores, presos aos hábitos e à tradição.

Muitos tinham entrado nas fileiras da burocracia clerical ainda em crianças. Quando chegaram à idade adulta, foram introduzidos na tradição de Latrão, tornando-se avessos à mudança. Nas suas cabeças, havia uma maneira certa de fazer as coisas e uma maneira errada — e a maneira certa era aquela que era conforme ao que se tinha feito sempre.

Era compreensível que ficassem desconcertados com o estilo de governação de Joana. Sempre que detectava um problema — a necessidade de um hospício, a injustiça de um funcionário corrupto, uma diminuição no fornecimento de mantimentos - ela procurava agir rapidamente para o corrigir.

Era frustrada frequentemente pela burocracia papal, o sistema de governo vasto e pesado que, com o passar dos séculos, se tinha transformado numa complexidade labiríntica. Havia literalmente centenas de departamentos, cada um deles com a sua própria hierarquia e as suas próprias responsabilidades guardadas ciosamente.

Impaciente por fazer as coisas, Joana procurava encontrar formas de contornar a pesada ineficácia do sistema. Quando o Geraldo ficou sem fundos para prosseguir as obras no aqueduto, ela tirou, pura e simplesmente, o dinheiro do tesouro, passando por cima do sistema habitual, de acordo com o qual o pedido tinha de passar pelo departamento do sacellarius ou tesoureiro papal.

Arsénio, sempre à espreita de uma oportunidade, fez o que pôde para explorar a situação. Procurando Vítor, o sacellarius, abordou a questão com prudência.

— Temo que Sua Santidade não tenha suficientemente em conta os nossos procedimentos romanos.

— É natural, uma vez que não nasceu aqui — respondeu Vítor, num tom descomprometido. Homem prudente, não revelaria a sua posição até Arsénio revelar a sua.

— Fiquei chocado ao saber que ele retirou fundos do tesouro, sem passar pelo vosso departamento.

— Foi bastante... impróprio - admitiu Vítor.

— Impróprio! — exclamou Arsénio. — Meu caro Vítor, no vosso lugar, eu não seria tão caridoso.

— Não?

— Se eu fosse a vós — disse Arsénio — procurava proteger-me.

Vítor abandonou o seu ar de indiferença estudada.

— Ouvistes dizer alguma coisa? — perguntou ele ansiosamente. — Sua Santidade pretende substituir-me?

— Quem sabe? — respondeu Arsénio. — Talvez ele pretenda acabar com o cargo de sacellarius. Depois, pode tirar os fundos que quiser do tesouro, sem ter de dar quaisquer explicações a ninguém.

— Ele nunca se atreveria!

— Não?

Vítor não respondeu. Esgrimista exímio como ele era, Arsénio, calculou a jogada seguinte.

— Começo a temer — disse ele — que a eleição de João tenha sido um erro. Um erro grave.

— Já pensei nisso — admitiu Vítor. — Algumas das ideias de Sua Santidade — por exemplo, a escola para mulheres... — Vítor abanou a cabeça. — Os caminhos de Deus, realmente, são misteriosos.

— Não foi Deus que pôs João no trono, Vítor, fomos nós. E podemos retirá-lo.

Aquilo era de mais.

— João é o Vigário de Cristo — disse Vítor, profundamente chocado. — Admito que ele é... estranho. Mas, agir contra ele? Não... não... certamente, não temos de chegar a tanto.

— Bem, bem, pode ser que tenhais razão.

Arsénio deixou a questão cair, habilmente. Não havia necessidade de continuar, ele tinha plantado a semente e sabia que ela acabaria por germinar.

Geraldo não tinha visto a Joana desde o dia em que se tinham separado, depois da cheia. O trabalho que ainda havia para fazer no aqueduto não era dentro da cidade, mas sim no Tivoli, a cerca de vinte milhas. Geraldo estava muito envolvido em todos os aspectos da construção, desde a supervisão dos planos de reparação, até à supervisão das equipas de trabalho. Muitas vezes, envolvia-se directamente no trabalho, ajudando a levantar pedras pesadas e a cobri-las com argamassa nova. Os homens ficavam surpreendidos de ver o senhor superista a fazer um trabalho tão humilde, mas Geraldo não se importava, porque era só no trabalho físico duro que ele encontrava um momento de alívio do desgosto que o queimava interiormente.

Era melhor, pensava ele, muito melhor se nunca nos tivéssemos deitado como marido e mulher. Talvez, então, ele pudesse continuar como antes. Mas, agora...

Era como se tivesse vivido cego todos aqueles anos. Todos os caminhos por onde tinha andado, todos os riscos que tinha corrido, tudo quanto tinha feito conduziam a uma única pessoa: Joana.

Quando o aqueduto ficasse pronto, ela esperava que ele retomasse o seu posto como comandante da guarda papal. Voltar a estar perto dela todos os dias, vê-la e saber que ela estava fora do seu alcance... seria insuportável.

Sairei de Roma, pensou ele, mal o trabalho do aqueduto termine. Voltarei para Benevento e retomarei o comando do exército de Siconulf. Havia uma simplicidade atraente na vida de soldado, com os seus inimigos definidos e objectivos precisos.

Trabalhava com os seus homens dia e noite. Três meses depois, a obra estava pronta.

O aqueduto restaurado foi dedicado solenemente na Festa da Anunciação. Encabeçado por Joana, todo o clero — porteiros, acólitos, leitores, exorcistas, padres, diáconos e bispos —, rodearam os arcos em peperino maciço numa procissão solene, aspergindo as pedras com água

benta, enquanto cantavam litanias, salmos e hinos. A procissão parou e Joana pronunciou algumas palavras de bênção. Olhou para o sítio onde estava Geraldo, à espera no cimo dos arcos, de pé, com as suas longas pernas, mais alto do que todos os outros à sua volta.

Ela acenou-lhe e ele puxou uma alavanca, abrindo os portões das comportas. As aclamações do povo fizeram-se ouvir quando as águas frias, puras e saudáveis da nascente do Subiaco, que ficava a cerca de quarenta e cinco milhas dos muros da cidade, correram até ao Campo de Marte pela primeira vez em mais de trezentos anos.

Construído em estilo imperial, o trono papal era uma peça maciça e espaldada em carvalho, adornada com rubis, pérolas, safiras e outras pedras preciosas, tão desconfortável como impressionante. Joana tinha estado sentada nele durante mais de cinco horas, concedendo audiência a uma corrente de peticionários. Agora, estava inquieta, tentando aliviar o desconforto crescente que sentia nas costas.

Juvianus, o decano dos intendentes, anunciou o peticionário seguinte.

— Magister militum Daniel.

Joana franziu o sobrolho. Daniel era um homem difícil, colérico e irascível — e era um amigo próximo do bispo Arsénio. A sua presença ali só podia significar problemas.

Daniel entrou apressadamente, fazendo vénias a vários notários e a outros funcionários papais.

— Santidade.

Saudou Joana com uma pequena vénia, depois começou a dizer, com uma rude brusquidão:

— É verdade que, nas ordenações de Março, pretendeis instalar Nicéforo como bispo de Trevi?

— É.

— O homem é um grego! — protestou Daniel.

— E isso que interessa?

— Uma posição tão importante tem de ser para um romano.

Joana suspirou. Era verdade que os seus predecessores tinham utilizado o episcopado como instrumento político, distribuindo bispados

entre as famílias romanas, como tesouros escolhidos.

Joana discordava com esta prática porque tinha resultado numa grande quantidade de episcopi agraphici — bispos iletrados, que tinham espalhado todo o tipo de ignorâncias e superstições. Afinal, como é que um bispo podia interpretar correctamente a palavra de Deus pai para o seu rebanho, se nem sequer era capaz de a ler?

— Uma posição tão importante — respondeu ela, calmamente —, deve ser para a pessoa mais qualificada. Nicéforo é um homem conhecedor e piedoso. Será um óptimo bispo.

— É natural que assim penseis, uma vez que sois estrangeiro.

Daniel utilizou deliberadamente o termo barbarus, e não o termo peregrinus, mais neutro.

Os outros ficaram manifestamente incomodados.

Joana fitou Daniel directamente nos olhos.

— Isto não tem nada que ver com Nicéforo — disse ela. — Estais guiado por motivos egoístas, Daniel, pois quereis que o vosso próprio filho, Pedro, seja bispo.

— E porque não? — disse Daniel, num tom defensivo. — Pedro é mais adequado para o lugar em virtude da família e do nascimento.

— Mas não por capacidade — disse Joana num tom seco.

Daniel abriu a boca de espanto.

— Atreveis-vos... atreveis-vos... o meu filho...

— O vosso filho — interrompeu-o Joana — lê tão bem o leccionário de pernas para o ar como direito porque não sabe latim. Empenhou-se em decorar as poucas passagens da Escritura que consegue citar. O povo merece melhor. E terá Nicéforo!

Daniel levantou-se, profundamente ofendido.

— Tomai nota das minhas palavras, Santidade: ainda havereis de ouvir falar deste assunto.

E saiu.

Joana pensou: vai ter com Arsénio, que, sem dúvida nenhuma, arranjará maneira de provocar mais sarilhos. Daniel tinha razão numa coisa: ela ainda ia ouvir falar daquele assunto.

De repente, sentiu-se extremamente cansada. O ar na sala sem janelas pareceu abater-se sobre ela, sentiu-se tonta e a desfalecer. Agarrou o

pallium, afastando-o do pescoço.

— O senhor superista — anunciou Juvianus.

Geraldo! Joana animou-se. Eles não falavam um com o outro desde o dia em que tinham sido salvos. Ela tinha esperado que ele aparecesse naquele dia, apesar de, ao mesmo tempo, temer o encontro dos dois. Consciente de que os outros a observavam, Joana manteve um rosto impassível.

Então, Geraldo entrou e o seu coração traiçoeiro deu um salto ao vê-lo. A luz tremeluzente iluminou-lhe o rosto, lançando luz sobre os ângulos elegantemente desenhados do seu queixo e das maçãs do rosto. Ele correspondeu ao seu olhar, os seus olhos estabeleceram uma comunicação silenciosa e, por momentos, ficaram completamente a sós no meio de tanta gente.

Ele avançou e ajoelhou-se diante do trono.

— Levanta-te, superista — disse ela.

Será que era imaginação dela, ou a sua voz tremia?

— Neste dia, ficaste coroado de glória. Toda a cidade de Roma te é devedora.

— Agradeço-vos, Santidade.

— Hoje à noite, celebraremos a tua grande obra com um banquete. Sentar-te-ás na minha mesa, num lugar de honra.

— Infelizmente, não poderei estar presente. Parto hoje de Roma.

— Partes de Roma? — Ela foi apanhada de surpresa. — O que queres dizer com isso?

— Agora, que a grande obra de que me havíeis encarregado está pronta, renuncio ao meu cargo de superista. O príncipe Siconulf pediu que eu voltasse para Benevento, para retomar o comando dos seus exércitos e eu aceitei o cargo.

Joana manteve a sua postura rígida no trono, mas as suas mãos crisparam-se sobre os seus braços.

— Não podes fazer isso — respondeu ela, bruscamente. — Eu não o autorizarei.

Os prelados na assembleia levantaram o sobrolho. Era verdade que era raro que alguém renunciasse a um posto de tanto prestígio, mas Geraldo era um franco livre que podia assumir os compromissos que entendesse.

— Ajudando Siconulf — respondeu Geraldo, com sensatez —, continuarei a servir também os interesses de Roma porque os territórios de Siconulf constituem um forte baluarte cristão contra os lombardos e os sarracenos.

Joana cerrou os maxilares. Virando-se para os outros, ordenou:

— Deixai-nos.

Juvianus e os outros trocaram olhares surpreendidos, depois saíram da sala fazendo vénias.

— Foi sensato? — perguntou Geraldo, depois de eles terem saído. — Agora, podem ficar com suspeitas.

— Eu tinha de falar contigo a sós — respondeu ela, aflita. — Deixar Roma? O que tens em mente? Não interessa, eu não o autorizarei. Siconulf que encontre outro para comandar as suas tropas, eu preciso de ti aqui comigo.

— Oh, minha pérola. — A sua voz era uma carícia. — Abre os olhos: não podemos, sequer, olhar um para o outro sem trair o que sentimos. Úm único olhar imprudente, uma palavra descuidada, e a tua vida pode ficar em perigo! Tenho de partir, não vês?

Joana compreendia o que ele estava a dizer, sabia, inclusivamente, que ele tinha razão, de certa maneira. Mas, não queria saber. A ideia da sua partida, enchia-a de desgosto. Geraldo era a única pessoa que a conhecia verdadeiramente, a única em que podia confiar absolutamente.

Ela disse:

— Sem ti, eu fico completamente sozinha. Acho que não sou capaz de o suportar.

— És mais forte do que pensas.

— Não — disse ela.

Levantou-se do trono para se aproximar dele, e cambaleou, sentindo uma onda de tonturas.

Geraldo estava instantaneamente ao seu lado. Pegou-lhe no braço, apoiando-a.

— Estás doente!

— Não, não. Só... muito cansada.

— Tens trabalhado demasiado. Precisas de descansar. Anda, eu ajudo-te a chegar aos teus aposentos.

Ela agarrou-se a ele com força.

— Promete-me que não partes antes de termos oportunidade de voltar a conversar.

— Claro que não parto. — Os seus olhos estavam cheios de preocupação. — Não partirei antes que te sintas bem outra vez.

Joana estava deitada na sua cama, no sossego do seu quarto.

Será que estou mesmo doente?, pensou ela. Se estou, tenho de descobrir o que tenho e tratar-me depressa, antes que Enódio e os outros médicos da schola fiquem a saber.

Começou a pensar no problema, colocando questões a si própria, como se fosse paciente de si própria.

Quando começaram os primeiros sintomas?

Agora que pensava nisso, já não se sentia bem havia algumas semanas.

Quais são os sintomas?

Fadiga. Falta de apetite. Uma sensação de inchaço. Náuseas ao levantar-se de manhã...

De repente, ficou aterrada.

Começou a fazer contas, tentando lembrar-se de quando tinha tido a última menstruação. Havia dois meses, talvez três.

Tinha estado tão ocupada, que nem tinha prestado atenção.

Os sintomas condiziam todos, mas, havia uma forma de ter a certeza. Inclinou-se e pegou no vazo de noite que se encontrava no chão junto à cama.

Pouco depois, voltou a poisá-lo com as mãos a tremer.

Não havia dúvidas. Estava grávida.

*** * ***

Anastácio tirou os seus coturnos de veludo e recostou-se confortavelmente no divã. Belo dia, pensou ele, satisfeito consigo próprio. Sim, o dia tinha corrido muito bem. De manhã, tinha aparecido na corte imperial, impressionando Lothar e todo o seu séquito com a sua sabedoria e cultura.

O Imperador tinha-lhe perguntado a opinião acerca do De corpore et sanguine Domini, o tratado que estava a causar tanta polémica entre os teólogos do país. Escrito por Paschasius Radbertus, abade de Corbie, o tratado avançava a teoria arrojada segundo a qual a Eucaristia continha o verdadeiro Corpo e o verdadeiro Sangue de Cristo Salvador - não a Sua carne simbolicamente, mas a sua verdadeira carne, a sua carne histórica: aquela com que ele nasceu de Maria, sofreu na cruz e ressuscitou do túmulo.

— O que pensais, cardeal Anastácio? — tinha-lhe perguntado Lothar. — A Hóstia sagrada é o Corpo de Cristo em mistério ou em verdade?

Anastácio foi rápido na resposta:

— Em mistério, senhor. Porque pode ser demonstrado que Cristo tem dois corpos distintos: o primeiro, nascido de Maria, o segundo, representado simbolicamente na Eucaristia. Hoc est corpus meum, disse Jesus acerca do pão e do vinho, na Última Ceia. Isto é o meu corpo. Mas ainda estava presente aos seus discípulos em corpo, quando o disse. Portanto, é evidente que as Suas palavras tinham um sentido figurado.

O argumento era tão inteligente que, quando ele acabou de falar, todos o aplaudiram. O imperador tinha-lhe feito um elogio, chamando-lhe outro Alcuino. Arrancando vários cabelos à sua barba, apresentou-os a Anastácio — um gesto da maior honra entre aquele povo bárbaro e estranho.

Anastácio sorriu, revivendo o prazer daquele momento. Deitou vinho numa taça em prata, vertendo-o do jarro que se encontrava em cima da mesa, depois pegou no rolo de pergaminho com a última carta do seu pai.

Quebrou o selo em cera e desenrolou o fino vellum branco. Os seus olhos percorreram avidamente as linhas. Deteve-se no relato do roubo dos corpos de São Marcelino e de São Pedro do cemitério onde se encontravam.

Não que o roubo de corpos de santos fosse raro, os santuários cristãos pelo mundo inteiro reclamavam constantemente aquele tipo de relíquias sagradas para atraírem multidões de fiéis com a promessa de milagres. Os romanos, com um espírito pragmático, tinham feito fortuna

com esta obsessão estrangeira com relíquias, fazendo comércio regular com elas.

Os peregrinos incontáveis que inundavam a Cidade Santa estavam dispostos a desembolsar somas avultadas por um dedo de São Damiano, uma clavícula de Santo António ou uma pestana de Santa Sabina.

Mas, os corpos de São Marcelino e de São Pedro não tinham sido vendidos, tinham sido roubados, retirados ignominiosamente dos seus túmulos, de noite, e contrabandeados para fora da cidade. Furta sacra — o roubo de coisas sagradas — era o nome que se dava a tais crimes.

Tinham que ser impedidos porque despojavam a cidade dos seus maiores tesouros.

Depois deste roubo miserável — escrevia o seu pai — pedimos ao papa João que duplicasse o número de guardas colocados nos pátios das igrejas e nos cemitérios. Mas, ele recusou. Diz que os homens são mais úteis no serviço dos vivos do que dos mortos.

Anastácio sabia que João tinha posto grande parte das milícias papais a trabalharem na construção de escolas, hospícios e casas de acolhimento. Tinha dedicado o seu tempo e a sua atenção — e grande parte das finanças papais — a projectos seculares daqueles, enquanto as igrejas da cidade tinham sido deixadas ao abandono. A igreja do seu próprio pai não tinha recebido nem mais uma lâmpada em ouro ou um candelabro de prata, desde que João tinha tomado posse. Mas, as inúmeras catedrais, oratórios, baptistérios e capelas eram a glória de Roma. Se não fossem embelezadas e melhoradas constantemente, Roma não podia ter esperança de competir com o esplendor da sua rival oriental — Constantinopla — que, agora, tinha o descaramento de se chamar a si própria a Nova Roma.

Se — não, Anastácio corrigiu-se a si próprio — quando ele fosse papa, as coisas seriam diferentes. Ele faria Roma regressar aos seus dias de glória. Sob o seu patronato solícito, as suas igrejas voltariam a resplandecer com riquezas fabulosas, ainda mais esplendorosas do que os melhores palácios de Bizâncio. Ele sabia que essa era a grande obra para a qual Deus o tinha posto na terra.

Retomou a leitura da carta do seu pai, mas com menos interesse, porque a última parte se ocupava de assuntos de menor importância: a lista dos nomes daqueles que seriam ordenados nas cerimónias da Páscoa

seguinte tinha acabado de ser publicada, o seu primo Cosme tinha voltado a casar, desta vez, com uma diaconisa viúva, um certo Daniel, magister militum, tinha ficado muito ofendido porque o seu filho tinha sido preterido para o episcopado, a favor de um grego.

Anastácio endireitou-se. Um grego para bispo! O seu pai parecia considerar aquele gesto apenas como mais um exemplo da lamentável falta de romanità do papa João. Seria possível que lhe tivessem passado completamente despercebidas as possibilidades que a situação apresentava?

Esta, pensou Anastácio, cada vez mais excitado, é a oportunidade por que eu esperava. Finalmente, a sorte tinha-lhe posto uma possibilidade nas mãos.

Levantou-se rapidamente e dirigiu-se para a sua secretária.

Pegando numa pena, começou a escrever: Querido Pai: não percais tempo ao receberdes esta carta. Mandai o magister militum Daniel vir ter comigo imediatamente.

Joana andava de um lado para o outro no quarto papal. Como é que eu pude ser tão cega?, perguntava-se ela a si própria. Não lhe tinha ocorrido, pura e simplesmente, que podia estar grávida. Afinal, tinha mais de quarenta e um anos de idade, já tinha passado, havia muito, o tempo de dar à luz.

Mas, a mamã era ainda mais velha quando deu à luz pela última vez.

E morreu no parto.

Nunca te entregues a um homem.

Medo, frio e irracionalidade apertaram o coração de Joana.

Procurou acalmar-se. Afinal, o que tinha acontecido à mamã, não tinha necessariamente de lhe acontecer a ela. Ela era forte e saudável, tinha grandes hipóteses de sobreviver ao parto. Mas, mesmo que sobrevivesse, o que aconteceria depois?

Na colmeia vigiada que o Patriarchium era, não havia forma de manter o seu parto em segredo, nem de esconder a criança depois de ela ter vindo ao mundo. A sua feminilidade seria descoberta, de certeza.

Que espécie de morte seria considerada suficiente para castigar um crime daqueles? Certamente, seria uma morte terrível. Podia ser que lhe

arrancassem os olhos com ferros em brasa e que a descarnassem. Ou podia ser que a desmembrassem lentamente e depois a queimassem viva. Alguma dessas mortes hediondas seria inevitável quando a criança viesse.

Se ela viesse...

Pôs ambas as mãos na barriga, não havia qualquer sinal de movimento do bebé que crescia dentro dela. O fio de vida ainda era muito fraco, não era preciso muito para o quebrar.

Dirigiu-se ao armário fechado onde guardava os seus medicamentos. Tinha-os mandado vir do seu herbarium pouco depois da sua consagração, estavam mais à mão aqui e mais seguros contra roubos. As suas mãos pegaram em vários frascos e garrafas, até encontrar o que procurava. Habilidosamente, deitou uma medida de cravagem-de-centeio num copo de vinho forte. Em pequenas doses, era um medicamento que fazia bem, em doses maiores, podia provocar abortos — apesar de nem sempre actuar e ser um grande risco para a mulher ingeri-lo.

Que escolha tinha ela? Se não pusesse fim àquela gravidez, podia enfrentar uma morte muito pior.

Levou a taça aos lábios.

As palavras de Hipócrates vieram-lhe à mente, inconscientemente: a arte medicinal é sagrada. Um médico deve usar o seu saber para ajudar os doentes, de acordo com a sua habilidade e julgamento, mas nunca para fazer mal.

Joana afastou o pensamento resolutamente. Toda a sua vida o seu corpo de mulher tinha sido fonte de desgosto e de dor, um impedimento para tudo quanto ela queria fazer e ser. Agora, não deixaria que ele lhe roubasse a vida.

Inclinou a taça e bebeu-a.

Nunca para fazer mal. Nunca para fazer mal.

As palavras queimavam-na, despedaçando-lhe o coração. Com um soluço, atirou com a taça vazia para o chão. Ela rolou, fazendo uma nódoa escarlate no chão, ao verter as suas últimas gotas.

Ela deitou-se na cama e esperou que a cravagem-de-centeio fizesse efeito. O tempo passou, mas ela não sentiu nada. Não está a resultar, pensou ela. Estava assustada e, simultaneamente, muito aliviada. Quando se sentou, deu-lhe um ataque de tremor. O seu corpo tremia com espasmos

descontrolados. O coração batia-lhe, quando tomou o pulso, viu que ele batia irregularmente.

Sentiu dores. Ficou espantada com a sua intensidade, como se fosse um ferro em brasa espetado nas suas entranhas. Abanava a cabeça de um lado para o outro, mordendo o lábio para não gritar. Não se atrevia a correr o risco de chamar a atenção da casa papal.

As horas seguintes passaram-se numa espécie de névoa, com Joana a oscilar entre a consciência e a inconsciência. A certa altura, começou a ter alucinações, parecia-lhe que a sua mãe estava sentada ao pé dela, que lhe chamava passarinho, e que cantava para ela na Velha Língua, tal como costumava fazer, colocando as suas mãos frias sobre a sua testa a arder.

Acordou antes de amanhecer, fraca e a tremer. Ficou deitada, quieta, durante muito tempo. Depois, começou a examinar-se a si própria, lentamente. O seu pulso era regular, a batida do seu coração mais forte, a sua pele tinha boa cor. Não havia hemorragias, nem sinais de qualquer dano irreversível.

Tinha sobrevivido à tribulação.

Mas, a criança dentro dela, também.

Só podia contar com uma pessoa. Quando disse a Geraldo o estado em que estava, ele começou por reagir com uma descrença chocada.

— Meu Deus!... é possível?

— Claro — disse Joana, secamente.

Ele parou por um momento, com o olhar fixo e pensativo.

— Por isso é que tens estado doente?

— Sim.

Ela não mencionou a tentativa de aborto, era provável que nem mesmo Geraldo compreendesse.

Ele tomou-a nos braços e abraçou-a com força, encostando-lhe a cabeça ao seu ombro. Ficaram muito tempo em silêncio, partilhando silenciosamente o que lhes ia nos corações.

Ele disse calmamente:

— Lembras-te do que eu te disse no dia das cheias?

— Dissemos muitas coisas um ao outro — respondeu ela, mas sentiu que o pulso se tornava mais rápido porque sabia ao que ele se referia.

— Eu disse que tu eras a minha verdadeira esposa neste mundo e eu o teu verdadeiro esposo.

Pegou-lhe no queixo com a mão, levantando os olhos dela para os seus.

— Compreendo-te melhor do que tu pensas, Joana. Sei como o teu coração está dividido. Mas, agora, o destino decidiu por nós. Vamos embora daqui e ficaremos juntos como estamos destinados a ficar.

Ela sabia que ele tinha razão. Não havia mais nada a fazer.

Todos os caminhos à sua frente se reduziam, agora, a um único.

Sentia-se triste e ansiosa e, ao mesmo tempo, estranhamente excitada.

— Podemos partir amanhã — disse Geraldo. — Despede os teus camareiros de noite. Quando todos estiverem a dormir, não será difícil fugires pela porta lateral. Eu estarei à tua espera com roupas de mulher, para mudares mal sairmos dos muros da cidade.

— Amanhã!

Ela tinha aceitado a ideia de partir, mas não tinha pensado que fosse tão depressa.

— Mas... eles virão à minha procura.

— Quando vierem, já nós estamos longe. E irão à procura de dois homens, não de um simples peregrino e da sua mulher.

Era um plano audacioso, mas podia resultar. Mesmo assim, ela resistia-lhe:

— Não posso partir agora. Ainda tenho tanta coisa para acabar, tanta coisa para fazer.

— Eu sei, coração — disse ele, ternamente. — Mas, não há outra hipótese, certamente que o compreendes.

— Espera pela Páscoa — propôs ela. — Depois, eu vou contigo.

— Pela Páscoa! Mas, é quase daqui a um mês! E se alguém se aperceber do teu estado antes disso?

— Só estou de quatro meses. Por baixo de vestes tão longas, posso esconder a gravidez durante mais um mês.

Geraldo abanou a cabeça veementemente:

— Não posso permitir que corras esse risco. Tens de sair daqui agora, enquanto ainda é tempo.

— Não — disse ela com igual convicção. — Não deixarei o meu povo sem o seu papa no dia mais santo do ano.

Ela está assustada e perturbada, pensou Geraldo, por isso não está a pensar com clareza. De momento, concordaria com ela, uma vez que não tinha muita escolha, mas, calmamente, iria preparar as coisas para uma partida rápida. Se houvesse qualquer perigo, ele levá-la-ia para um lugar seguro - mesmo que fosse à força.

Na nox magna, a Grande Noite da celebração da Páscoa, milhares de pessoas estavam reunidas dentro e à volta da Catedral de Latrão para acompanharem a celebração da vigília pascal, do baptismo e da missa. A longa liturgia começava na noite de sábado e continuava até ao romper da manhã de Páscoa.

Fora da santa catedral, Joana acendeu o círio pascal, depois, entregou-o a Desidério, o arquidiácono, que o transportou cerimoniosamente para a igreja às escuras. Joana e o resto do clero seguiram-no, cantando o lumen Christi, hino à luz de Cristo. A procissão parou três vezes a caminho da nave central, enquanto Desidério acendia as velas dos fiéis no círio pascal. Quando Joana chegou ao altar, a grande nave brilhava à luz de milhares de pequenas velas, cuja luz tremeluzente se reflectia, brilhando, no mármore polido das paredes e das colunas, representando a Luz trazida ao mundo por Cristo.

— Exultet jam angelica turba caelorum. Exultent divina mysteria!

Desidério deu início ao Exultet, jubilosamente. O canto venerando, com a sua velha melodia, lindíssima e impressionante, soou aos ouvidos de Joana de forma especial.

Nunca mais voltarei a estar diante deste altar e nunca mais ouvirei esta doce melodia, pensou ela. A ideia provocou nela um grande sentimento de perda. Aqui, durante a celebração da redenção e da esperança, ela fez a experiência de uma fé verdadeira em Deus.

O vere beata nox, quae expoliavit Aegyptios. ditavit Hebraeos! Nox, in qua terrenis caelestia junguntur...

Ao sair da catedral, no fim da missa, a Joana viu um homem com as roupas rasgadas e enlameadas à espera, na escadaria.

Tomando-o por um pedinte, fez sinal a Vítor, o sacellarius, para lhe dar uma esmola.

O homem recusou as moedas oferecidas.

— Não sou um pedinte, Santidade, sou um mensageiro, trago notícias urgentes.

— Então, contai-as.

— O imperador Lothar e o seu exército estão em Paterno. À velocidade a que viajam, estarão em Roma daqui a dois dias.

Ouviu-se um murmúrio de alarme proveniente dos prelados que se encontravam perto.

— O cardeal-presbítero Anastácio vem com eles — acrescentou o mensageiro.

Anastácio! A sua presença entre o séquito imperial era muito mau sinal.

— Porque lhe chamais cardeal-presbítero? — perguntou Joana, em tom de censura. — Anastácio já não tem direito a esse título, uma vez que está excomungado.

— Peço perdão, Santidade, mas foi assim que ouvi o Imperador dirigir-se-lhe.

Esta era a pior notícia. O desrespeito do imperador pela sentença de excomunhão de Leão era um desafio directo e inequívoco à autoridade papal. Em tal estado de espírito, Lothar era capaz de tudo.

Nessa noite, ao discutirem aqueles acontecimentos, Geraldo voltou a pressioná-la para manter a sua promessa.

— Eu esperei até à Páscoa, como tu querias. Agora, tens de partir, antes que Lothar chegue.

Joana abanou a cabeça.

— Se o trono papal ficar vago quando Lothar chegar, ele utilizará o seu poder para conseguir que Anastácio seja eleito papa.

A Geraldo não agradava mais a ideia de Anastácio se tornar papa do que a ela, mas a sua segurança preocupava-o ainda mais. Disse:

— Haverá sempre um motivo para nos impedir de partir, Joana. Não podemos adiar para sempre.

— Não vou trair a confiança do povo, deixando-o nas suas mãos — disse ela, teimosamente.

Geraldo teve de se controlar para não pegar nela, pura e simplesmente, levando-a dali, da teia de perigos que se estava a tecer à volta dela. Como se adivinhasse os seus pensamentos, a Joana apressou-se a falar.

— É uma questão de dias — disse ela, num tom conciliador. Seja qual for a intenção da vinda de Lothar, é pouco provável que fique mais tempo do que o necessário para atingir os seus fins. Mal ele se for embora, eu partirei contigo.

Ele pensou nisso por momentos.

— E não levantarás mais objecções à partida?

— Não — prometeu Joana.

No dia seguinte, Joana esperava na escadaria de São Pedro, enquanto Geraldo foi esperar Lothar para o cumprimentar. Havia sentinelas postadas ao longo de todo o Muro Leonino, vigiando.

Pouco depois, ouviu-se o grito de anúncio, vindo do lado do muro:

— O Imperador chegou!

Joana mandou abrir a porta de San Peregrinus.

Lothar vinha à frente. Anastácio cavalgava ao seu lado, ostentando o pallium de cardeal. O seu rosto de patrício distinto registava um ar orgulhoso.

Joana agiu como se ignorasse a sua presença. Esperou nos degraus que o Imperador desmontasse e se aproximasse dela.

— Majestade, sêde bem-vindo à Cidade Santa de Roma.

Estendeu-lhe a mão direita, na qual tinha o anel papal.

Lothar não se ajoelhou, mas inclinou-se para beijar o símbolo da sua autoridade espiritual.

Até aqui, está tudo bem, pensou ela.

A primeira fila dos homens de Lothar abriu-se em duas e ela viu Geraldo. O seu rosto estava irado e tinha os pulsos atados com uma corda.

— O que significa isto? — perguntou Joana. — Porque está o superista manietado?

Lothar respondeu:

— Foi preso sob acusação de traição.

— Traição? O superista é meu fiel servidor. Não há ninguém em quem eu confie mais.

Anastácio falou pela primeira vez.

— A traição não é contra o vosso trono, Santidade, mas sim contra o do imperador. Geraldo é acusado de conspirar para entregar Roma nas mãos dos gregos.

— Que disparate! Quem fez uma acusação tão infundada?

Daniel saiu detrás de Anastácio e fixou Joana com um olhar de triunfo maligno.

— Eu — disse ele.

Mais tarde, na privacidade dos seus aposentos, Joana concentrou-se no problema, tentando pensar numa forma de reagir. Reconhecia que era um complô diabolicamente bem pensado. Como Pontífice, ela não podia ser posta em tribunal.

Mas, Geraldo podia — e se fosse considerado culpado, ela também estaria implicada. O plano tinha a marca evidente de Anastácio.

Bem, mas ele não vai conseguir o que pretende. Espetou o queixo, em tom de desafio. Anastácio podia fazer o que quisesse. Não conseguiria ganhar. Ela ainda era Papa, tinha poder e recursos próprios.

Capítulo 29

O Grande Triclinium era uma parte relativamente recente do Patriarchium, mas já tinha um grande significado histórico.

A pintura das suas paredes tinha acabado de secar quando o avô de Lothar — Carlos Magno — e o papa Leão III se encontraram ali com os seus sequazes para estabelecerem o acordo épico que faria de Carlos, rei da França, imperador do Sacro Romano Império, mudando a face do mundo para sempre.

Os cinquenta e cinco anos que tinham decorrido desde então não tinham diminuído em nada o esplendor do salão. As suas três naves estavam revestidas de mármore branco e adornadas com colunas requintadas em porfíria, decoradas com uma complexidade maravilhosa. Por cima do revestimento em mármore, as paredes estavam cobertas com murais coloridos, representando a vida do apóstolo Pedro, cada um deles

desenhado com uma arte extraordinária. Mas, estas maravilhas eram ofuscadas pelo grande mosaico colocado sobre o arco da nave central. Nele, estava representada a coroação magnificente de São Pedro, rodeado por uma auréola de santo. À sua direita, ajoelhava-se o papa Leão e à sua esquerda, o imperador Carlos, cada um deles com a cabeça rodeada por uma auréola quadrada, o sinal dos vivos — ambos tinham vivido no tempo em que o triclinium tinha sido construído.

Ao cimo do salão, encontravam-se Joana e Lothar, sentados em dois grandes tronos cobertos de jóias e colocados sedentes pariter, o que queria dizer que ocupavam lugares de igual cerimónia, os dois tronos estavam colocados cuidadosamente lado a lado, nivelados um pelo outro, para não dar mais importância a um do que a outro. Os arcebispos, os cardeais-presbíteros e os abades de Roma estavam sentados de frente para eles em cadeiras de espaldar de estilo bizantino, estofadas confortavelmente com veludo verde. Os outros sacerdotes, os optimates, e o resto dos chefes dos francos e dos romanos estavam atrás, enchendo completamente o salão.

Quando todos já tinham tomado os seus lugares, os homens de Lothar trouxeram Geraldo, com as mãos ainda atadas atrás das costas. Joana cerrou os lábios, quando viu as nódoas negras que ele tinha no rosto e no pescoço, era óbvio que lhe tinham batido.

Lothar dirigiu-se a Daniel:

— Aproximai-vos, Magister Militum, e pronunciai a vossa acusação de forma a que todos a oiçam.

Daniel disse:

— Eu ouvi o superista dizer ao papa João que Roma devia fazer uma aliança com os gregos para libertar a cidade do domínio franco.

— Mentiroso! — rugiu Geraldo e foi recompensado, imediatamente, com uma grande bofetada de um dos guardas.

— Afastai-vos! — disse Joana ao guarda, num tom ríspido.

E disse a Geraldo:

— Negais estas acusações, superista?

— Nego. São falsas e mentiras maldosas.

Joana respirou fundo. Tinha de agir agora ou nunca. Falando alto, para que todos ouvissem, disse:

— Confirmo o testemunho do superista.

Ouviu-se um murmúrio chocado entre a assembleia dos prelados. Respondendo assim, o papa João tinha passado de juiz para acusado, colocando-se a si próprio em tribunal, a par de Geraldo.

Pascal, o primicerius, interferiu com sobriedade:

— Santidade, a acusação não deve ser apoiada ou negada por vós. Lembrai-vos das palavras de Carlos Magno: Judicare non audemos. Não estais em julgamento, nem podeis ser julgado por qualquer tribunal terreno.

— Eu sei, Pascal. Mas, estou preparado para responder a estas acusações de livre vontade para libertar as mentes dos homens de qualquer suspeita injusta.

Acenou a Florentinus, o vestiarius. Tal como combinado, ele avançou imediatamente com um grande livro dos evangelhos, com uma encadernação magnífica, contendo a palavra sagrada dos apóstolos João, Lucas, Marcos e Mateus. Joana pegou no livro com reverência.

Declarou com uma voz sonora.

— Juro diante de Deus e de São Pedro, sobre estes evangelhos sagrados, onde se revela a Palavra de Deus, que esta conversa nunca ocorreu. Se não estiver a dizer a verdade, que Deus me atinja aqui mesmo.

O gesto dramático parecia ter resultado. Durante o silêncio absoluto que se seguiu, ninguém se mexeu, nem ninguém disse palavra.

Depois, Anastácio avançou, tomando posição ao lado de Daniel.

— Ofereço-me como sacramentale por este homem — disse ele.

O coração de Joana apertou-se. Anastácio tinha respondido com um contra-argumento perfeito. Tinha invocado a lei da conjuratio, de acordo com a qual a culpa ou a inocência se atestava de acordo com o lado da disputa que conseguia reunir maior número de sacramentales ou garantes do juramento.

Apressando-se, para dominar a situação, Arsénio levantou-se do seu lugar e juntou-se ao seu filho. Um a um, outros encaminharam-se lentamente para o seu lado. Jordanes, o secundicerius, que se tinha oposto à Joana na questão da escola para as mulheres, encontrava-se entre eles, assim como Vítor, o sacellarius.

Joana lembrou-se pesarosamente das repetidas vezes em que Geraldo a tinha avisado para ter calma e para ser mais diplomática com os

seus opositores. Na sua ânsia de avançar, não tinha prestado suficiente atenção ao seu conselho.

Agora, arrependia-se.

— Servirei como sacramentale para o superista. — Ouviu-se uma voz distinta vinda da assembleia.

Joana e os outros viraram-se e viram Radoin, segundo-comandante da guarda papal, abrindo caminho por entre a multidão. Colocou-se ostensivamente ao lado de Geraldo. A sua atitude influenciou outros, em breve, Juvianus, o decano dos intendentes, avançou, seguido pelos cardeais-presbíteros José e Teodoro e por seis bispos ruburbicarii, assim como por várias dúzias de membros do clero menor que, estando mais perto do povo, podiam apreciar melhor o que Joana tinha feito por eles. O resto da assembleia manteve-se distante, sem querer comprometer-se.

Quando todos aqueles que desejavam tinham avançado, começou a contagem: cinquenta e três homens do lado de Geraldo e setenta e quatro do lado de Daniel.

Lothar pigarreou:

— O juízo de Deus manifestou-se. Avançai, superista, para receberdes a vossa sentença.

Os guardas avançaram na direcção de Geraldo, mas ele esquivou-se-lhes.

— A acusação é falsa, não importa quantos tenhais escolhido para cometer perjúrio, apoiando-a. Reclamo o direito a uma prova física.

Joana conteve a respiração. Aqui, no Sul do Império, a prova física era pelo fogo, não pela água. E o homem acusado tinha de caminhar descalço sobre uma fila de ferros em brasa com vinte pés de comprimento. Se conseguisse passar, era considerado inocente. Mas, eram poucos os que conseguiam sobreviver a esta prova.

Do outro lado da sala, os olhos de Geraldo lançaram uma mensagem urgente a Joana: não tentes impedir-me.

Ele pretendia sacrificar-se por ela. Se conseguisse passar por cima das brasas, a sua inocência — e a dela — ficariam comprovadas. Mas, era provável que ele morresse na prova.

Tal como Hrotrud, pensou Joana. A memória da parteira da aldeia morta de forma tão cruel deu-lhe uma ideia súbita.

Disse:

— Antes de avançardes, há algumas perguntas que eu gostaria de colocar ao magister militum.

— Perguntas? — Lothar franziu o sobrolho.

Anastácio protestou:

— Isto é altamente irregular. Se o superista quer passar pela prova, está no seu direito. Ou será que Sua Santidade duvida da eficácia da justiça divina?

Joana respondeu calmamente:

— Não, de maneira nenhuma. Nem escarneço das obras da razão dada por Deus. Que mal pode existir em fazer algumas perguntas?

Incapaz de pensar numa resposta razoável, Anastácio encolheu os ombros e ficou calado. Mas, no seu rosto podia ver-se que estava vexado.

As sobrancelhas de Joana franziram-se ao tentar lembrar-se das seis perguntas probatórias de Cícero.

Quis.

— Quem — perguntou ela a Daniel — para além de vós, testemunhou esta alegada conversa?

— Ninguém — respondeu ele. — Mas o testemunho destes sacramentales atesta as minhas palavras.

Joana avançou para a pergunta seguinte.

Quomodo.

— Como conseguistes ouvir uma conversa tão confidencial?

Daniel hesitou um pouco antes de responder:

— Ia a passar pelo triclinium, a caminho do dormitório. Ao ver a porta aberta, aproximei-me para a fechar. Foi então que ouvi o superista a falar.

Ubi.

— Onde estava o superista nesse momento?

— Diante do trono.

— Onde está agora?

— Sim.

Quando.

— Quando foi isso?

Daniel puxou a túnica no pescoço, nervosamente. As perguntas estavam a ser feitas com tanta rapidez, que ele não tinha tempo para pensar.

— Aah... na Festa de Santa Ágata.

Quid.

— O que haveis ouvido, ao certo?

— Já o disse ao tribunal.

— Foram as palavras exactas do superista ou um relato aproximado da conversa?

Daniel sorriu. O papa João pensava que ele era estúpido ao ponto de cair numa armadilha tão evidente? Disse com firmeza:

— Relatei as palavras do superista, tal como ele as pronunciou.

Joana inclinou-se para a frente.

— Vamos a ver se compreendi bem, Daniel. Segundo o vosso testemunho, na Festa de Santa Ágata, estáveis atrás da porta do triclinium e ouvistes cada palavra de uma conversa em que o superista me disse que Roma devia fazer uma aliança com os gregos.

— Correcto — disse Daniel.

Joana virou-se para Geraldo.

— Onde estáveis na Festa de Santa Ágata, superista? — perguntou-lhe ela.

Geraldo respondeu:

— Estava no Tivoli, a acabar a obra do aqueduto de Marcião.

— Alguém pode testemunhá-lo?

— Trabalharam lado a lado comigo dezenas de homens durante todo o dia. Eles podem testemunhar todos onde eu estava nesse dia.

— Como explicais isto, Magister Militum? — perguntou Joana a Daniel. — Certamente, um homem não pode estar em dois lados ao mesmo tempo?

Daniel, agora, tinha empalidecido a olhos vistos.

— Ah... ah... — gaguejava ele, procurando desesperadamente uma resposta.

— Será que vos haveis enganado acerca da data, Magister Militum? — interrompeu Anastácio. — Depois destes meses todos, um detalhe tão insignificante pode ser difícil de recordar.

Daniel aproveitou a oportunidade.

— Sim, sim. Agora que me lembro, foi antes disso — na Festa de Santo Ambrósio, não de Santa Ágata. Um erro involuntário.

— Onde existe um erro, podem existir mais — respondeu Joana. — Regressemos ao vosso testemunho. Dizeis que haveis ouvido todas as palavras que foram pronunciadas enquanto estáveis atrás da porta?

— Sim — disse Daniel, respondendo lentamente, já desconfiado.

— Tendes ouvidos apurados, Magister Militum. Por favor, demonstrai essa acuidade extraordinária repetindo esse feito.

— Como? — Daniel estava completamente perdido.

— Ide para trás da porta, como haveis feito. O superista dirá algumas palavras. Quando voltardes, contar-nos-eis o que ele disse.

— Que ridicularia é esta? — objectou Anastácio num tom acalorado.

Lothar olhou para Joana em tom de reprovação:

— Vamos, Santidade, o recurso a truques subestima a gravidade deste processo.

— Majestade — respondeu Joana — o que eu tenho em mente não é um truque, mas sim um teste. Se Daniel está a dizer a verdade, será capaz de ouvir o superista agora como o ouviu então.

— Senhor, eu protesto! — disse Anastácio. — Uma coisa destas é contrária ao direito habitual.

Lothar considerou o assunto. Anastácio tinha razão, o recurso a provas para fundamentar ou refutar uma acusação era uma ideia nova e estranha. Por outro lado, Lothar não tinha motivo para pensar que Daniel estava a mentir. Ele passaria, certamente, no estranho teste do papa João — e isso daria ainda maior crédito ao seu testemunho. Dependiam demasiadas coisas do resultado daquele julgamento para que a sua honestidade viesse a ser posta em causa posteriormente.

Lothar levantou a mão imperiosamente:

— Que se proceda ao teste.

Daniel atravessou o salão, contrariado, e pôs-se atrás da porta.

Joana colocou um dedo sobre os lábios, ordenando a Geraldo que ele se mantivesse em silêncio.

— Ratio in lege summa justitia est — disse ela em voz alta.

— A razão é a suprema justiça na lei.

Acenou ao guarda à porta:

— Trazei Daniel de volta.

— Então — perguntou-lhe ela, quando ele voltou a colocar-se diante dela. — O que ouvistes?

Daniel arriscou uma resposta verosímil:

— O superista repetiu o seu protesto de inocência.

Aqueles que tinham avançado para testemunhar a seu favor gritaram, chocados. Anastácio virou a cara, desapontado. O semblante sempre carregado de Lothar, ficou ainda mais carregado.

Joana disse:

— Não foi isso que foi dito. E não foi o superista que falou, fui eu.

Encurralado, Daniel explodiu em ira:

— Que diferença faz eu ter ouvido a conversa ou não? As vossas atitudes demonstraram as vossas verdadeiras simpatias! Não haveis ordenado bispo o grego Nicéforo?

— Ah! — disse Joana. — Isso leva-nos à última pergunta: Cur.

Porquê? Porque relatastes ao imperador uma conversa que era mentira? Não estáveis motivado pela verdade, Daniel, mas sim pela inveja — porque o vosso próprio filho foi preterido na posição atribuída a Nicéforo!

— Que vergonha! — gritou uma voz vinda da multidão, à qual se associaram rapidamente outras. — Traidor! Mentiroso! Tratante!

Os sacramentales de Daniel também se envolveram na torrente de insultos, ansiosos por se dissociarem dele, agora.

Joana levantou a mão, fazendo silenciar a multidão. Eles esperavam que ela pronunciasse a sua sentença contra Daniel.

Para um crime tão grave, o castigo devia ser muito severo: primeiro, a língua que tinha pronunciado uma mentira tão grande devia ser cortada, depois, Daniel seria, certamente, arrastado e esquartejado.

Joana não estava inclinada a mandar executar uma sentença tão terrível. Tinha conseguido o que queria, ilibar Geraldo.

Não havia necessidade de tirar a vida a Daniel, ele era um homenzinho desagradável, desprezível e ambicioso, mas não era pior nem melhor do que outros que ela tinha conhecido. E Joana tinha a certeza que,

nesta circunstância, ele tinha sido pouco mais do que um instrumento nas mãos de Anastácio.

— Magister militum Daniel — disse ela, solenemente. — A partir deste momento, ficareis privado do vosso título e de todos os vossos bens e privilégios. Deixareis Roma hoje mesmo e ficareis para sempre banido da Cidade Santa e dos seus santuários sagrados.

A multidão ficou calada perante esta manifestação espantosa de caritas. Eustácio, o arcipreste, aproveitou o momento:

— Louvado seja Deus e São Pedro, Príncipe dos Apóstolos, graças ao qual a verdade se manifestou! E viva o nosso Senhor e Supremo Pontífice, o papa João!

— Viva! — gritaram os outros. O som ecoou nas paredes da sala, fazendo tremer as lâmpadas nos seus vasos em prata.

— O que esperavas?

Arsénio andava pelo quarto, agitadamente, diante do seu filho, que estava sentado num dos divãs.

— O papa João pode ser ingénuo, mas não é parvo. Tu subestimaste-o.

— É verdade — reconheceu Anastácio. — Mas, não importa. Eu estou outra vez em Roma — com o apoio total do imperador e das suas tropas.

Arsénio parou.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ele, num tom severo.

— Quero dizer, Pai, que, agora, estou em posição de tomar aquilo que não ganhei por eleição.

Arsénio ficou a olhar para ele.

— Tomar o trono pela força das armas? Agora?

— Porque não?

— Estiveste longe tempo de mais, filho. Não sabes como as coisas estão por aqui. É verdade que o papa João fez inimigos, mas há muitos que o apoiam.

— Então, o que sugeris?

— Tem paciência. Volta para a terra dos francos, conforma-te e espera.

— Espero o quê?

— Que o vento mude.

— Quando irá isso acontecer? Já esperei tempo de mais para reclamar aquilo que me pertence por direito!

— É perigoso avançar de forma demasiado precipitada. Lembra-te do que aconteceu a João, o diácono.

João, o diácono, tinha sido o candidato rival na eleição que tinha colocado Sérgio no trono papal. Depois da eleição, João, desapontado, tinha entrado no Patriarchium com um grupo de apoiantes, tomando o trono pela força. Mas, os príncipes da cidade uniram-se contra ele, o Patriarchium tinha sido tomado em poucas horas e João foi deposto. No dia seguinte, Sérgio foi ordenado Papa solenemente — e a cabeça cortada de João ficou no alto de um pilar no pátio do Laterano.

— Isso não me vai acontecer, Pai — disse Anastácio, cheio de confiança. — Pensei em tudo. Deus sabe que tive tempo para pensar, enterrado durante tantos anos naquele pântano estrangeiro.

Arsénio sentiu o ressentimento do seu filho.

— O que tens em mente, concretamente?

— Quarta-feira é a Festa da Rogação. A missa votiva é em São Pedro. O papa João encabeçará a procissão até à basílica.

Esperaremos que ele esteja longe e tomaremos o Patriarchium de assalto. Acabará tudo antes de João suspeitar, sequer, o que aconteceu.

— Lothar não ordenará que as suas tropas ataquem o Patriarchium. Ele sabe que uma atitude dessas une toda a cidade de Roma contra ele, mesmo os que são do seu partido.

— Não precisamos dos soldados de Lothar para tomar o Patriarchium, a nossa guarda pode fazê-lo. Uma vez que esteja claramente na posse do trono, Lothar apoiar-me-á — tenho a certeza.

— Talvez — disse Arsénio. — Mas, não será fácil tomar o palácio papal. O superista é um combatente formidável e a guarda papal é-lhe completamente fiel.

— A principal preocupação do superista é com a segurança pessoal do Papa. Com Lothar e o seu exército na cidade, Geraldo estará a prestar guarda na procissão, assim como os seus melhores homens.

— E depois? Certamente, sabes que Geraldo irá atrás de ti com todo o poder de que dispõe?

Anastácio sorriu:

— Não vos preocupeis com Geraldo, Pai. Eu tenho um plano que se encarregará dele.

Arsénio abanou a cabeça.

— É demasiado arriscado. Se falhares, significará a ruína da nossa família, o fim de tudo aquilo por que trabalhámos ao longo de tantos anos.

Ele tem medo, pensou Anastácio. A ideia deu-lhe satisfação.

Toda a vida tinha dependido da ajuda do pai e do seu conselho, tendo-se ressentido, ao mesmo tempo, por causa de isso ser assim. Agora, provava que era o mais forte. Talvez, pensou Anastácio, olhando para o velho com um misto de amor e piedade, talvez tenha sido este medo, esta falta de vontade no momento exacto da prova que o impediu de ser grande.

O pai olhava para ele com um ar estranho. No fundo daqueles olhos familiares e bem-amados, agora esmorecidos pela idade, Anastácio via preocupação, mas algo mais, algo que Anastácio nunca tinha visto antes — respeito.

Pousou a mão em cima do ombro do pai:

— Confiai em mim, Pai. Prometo-vos que vos orgulhareis de mim.

O Dia Santo da Rogação era uma festa fixa, celebrada invariavelmente no dia 25 de Abril. Tal como muitas outras festas fixas — a Festa da Oblação, a Festa da Cadeira de São Pedro, as semanas das Quatro Têmporas, a Missa de Cristo — as raízes desta celebração remontavam até ao tempo dos pagãos. Na Roma antiga, o 25 de Abril era a data da Robigalia, a festividade pagã em honra de Robigo, deus do Gelo, que, precisamente nesta época, podia trazer grandes prejuízos aos frutos da terra, em crescimento, se não fosse aplacado com ofertas e dons. Robigalia era uma festividade alegre, com um cortejo vivo pela cidade, a caminho dos campos de cultivo, onde eram sacrificados animais, em sinal de reverência,

seguindo-se corridas e jogos e outras formas de divertimento ao ar livre, no campo. Em vez de tentar suprimir estas tradições imemoriais, o que só afastaria aqueles que se pretendia ganhar para a Fé verdadeira, os primeiros papas decidiram, sensatamente, manter a festividade, mas dar-lhe um carácter mais cristão. A procissão no Santo Dia da Rogação continuava a dirigir-se para as terras de cultivo, mas, primeiro, parava na Basílica de São Pedro, onde era celebrada uma missa solene de louvor a Deus e de intercessão, através dos santos, para que Ele abençoasse a colheita.

Naquele ano, o tempo tinha ajudado. O céu estava azul como um tecido recém-tingido e limpo de qualquer nuvem, o Sol brilhava sobre as árvores e as casas, sendo o calor que ele lançava um pouco aliviado por uma brisa do norte.

Joana cavalgava no meio da procissão, atrás dos acólitos e defensores, que iam a pé, e os sete diáconos regionais, que iam a cavalo. Atrás dela, seguiam os optimates e outros dignitários do Palácio Apostólico. Quando a linha comprida, com as suas insígnias e os seus estandartes coloridos, ia a passar pelo pátio de Latrão, passando pela estátua de bronze da mater romanorum, ela mexeu-se no seu palafrém branco, sentindo-se desconfortável, a sela devia estar mal colocada porque já lhe doíam as costas, sentindo umas guinadas que iam e vinham a intervalos regulares.

Geraldo percorria a procissão para trás e para a frente com os outros guardas. Agora, estava ao lado dela, alto e bonito de cortar a respiração no seu uniforme da guarda.

— Sentes-te bem? — perguntou ele ansiosamente. — Estás pálida.

Ela sorriu-lhe, recuperando forças com a sua presença.

— Estou óptima.

A longa procissão dirigiu-se para a Via Sacra e Joana foi saudada imediatamente por uma aclamação tonitruante.

Consciente da ameaça que a presença de Lothar e do seu exército representavam, o povo tinha aparecido em massa para demonstrar o seu amor e apoio ao seu Senhor Papa. Ocupavam a borda do caminho, em filas de vinte pés de largura de cada lado, aclamando e pedindo a sua bênção, pelo que os guardas se viram forçados a empurrá-los para trás para que a

procissão pudesse passar. Se Lothar procurava qualquer prova da popularidade de Joana junto do povo, ali estava ela.

Cantando e espalhando incenso, os acólitos avançaram pela velha rua, percorrida pelos papas desde tempos imemoráveis. O passo era ainda mais lento do que o costume porque havia muitos peticionários pelo caminho e, como era costume, a procissão parava frequentemente para que a Joana os pudesse ouvir. Numa das paragens, uma mulher idosa, de cabelo grisalho e um rosto com cicatrizes atirou-se ao chão diante de Joana.

— Perdoai-me, Santo Padre — pediu a mulher — perdoai-me o mal que vos fiz!

— Levantai-vos, boa mãe, e acalmai-vos — respondeu Joana. Não me fizestes mal nenhum, que eu saiba.

— Estou tão diferente, que não me reconheceis?

Algo na face devastada que se levantava para ela, implorando, acordou nela uma lembrança.

— Marioza? — exclamou Joana.

A famosa cortesã tinha envelhecido trinta anos, desde a última vez que Joana a tinha visto.

— Meu Deus, o que vos aconteceu?

Desolada, Marioza levou a mão ao rosto com cicatrizes:

— As marcas de uma faca. Uma oferta de despedida de um amante ciumento.

— Deus misereatur.

Marioza disse, amargamente:

— Não façais depender a vossa sorte dos favores dos homens, haveis-me dito vós uma vez. Tínheis razão. O amor dos homens foi a minha ruína. É o meu castigo — o castigo de Deus pelo mal que vos fiz. Perdoai-me, Santo Padre, senão, estou condenada para sempre!

A Joana fez o sinal da cruz sobre ela:

— Perdoo-vos de todo o coração.

Marioza agarrou a mão da Joana e beijou-a. As pessoas que por ali estavam manifestaram a sua aprovação.

A procissão prosseguiu. Quando iam a passar junto da Igreja de São Clemente, Joana reparou numa zaragata do lado esquerdo.

Um grupo de rufiões junto à multidão estavam a injuriar e a atirar pedras ao cortejo. Um deles, atingiu o seu cavalo no pescoço e ele empinou-se, fazendo com que Joana batesse na sela. Ela sentiu uma dor atravessá-la. Em choque e sem conseguir respirar, agarrou-se às rédeas douradas, enquanto os diáconos se apressavam a socorrê-la.

Geraldo já tinha visto o grupo de agitadores antes de todos os outros. Virou o cavalo e avançou para eles, ainda antes de ter voado a primeira pedra.

Ao verem que ele se aproximava, os rufiões fugiram. Geraldo perseguiu-os. Diante das escadas da Igreja de São Clemente, os homens viraram-se subitamente, puxaram de armas, que tinham escondidas na roupa, e vieram na direcção de Geraldo.

Geraldo puxou da espada, fazendo sinal aos guardas para que o acompanhassem. Mas, ninguém respondeu, nem se ouviu o som de cavalos atrás dele. Ele estava sozinho quando os homens o cercaram como um enxame, brandindo punhais e empurrando-o.

Geraldo empunhou a espada com perícia, medindo cada estocada, feriu quatro dos seus assaltantes, sendo atingido na coxa apenas por uma faca, até que eles o atiraram do cavalo abaixo.

Ele deixou-se cair, fingindo insensibilidade, mas manteve a mão firme na espada.

Mal chegou ao chão, saltou, pondo-se de pé, de espada na mão. Com um grito de surpresa, o atacante mais próximo arremeteu contra ele de espada em riste, Geraldo desviou-se, fintando-o e, quando o homem tropeçou, Geraldo desfechou-lhe a espada no braço. O homem caiu, com o braço cortado a espirrar sangue. Aproximaram-se outros, mas, agora, Geraldo ouvia os gritos da sua guarda que se aproximava por trás. Mais um pouco, e chegaria a sua ajuda. De espada em riste, Geraldo recuou, mantendo-se atento aos que o emboscavam.

O punhal apanhou-o pelas costas, entrando-lhe pelas costelas silenciosamente, como um ladrão num santuário. Antes que ele se apercebesse do que tinha acontecido, os joelhos começaram-se-lhe a dobrar e ele caiu no chão, admirando-se de não sentir qualquer dor, mas apenas o sangue que lhe escorria pelas costas.

Ouviu gritos e o tilintar de espadas por cima da sua cabeça.

Os guardas tinham chegado e estavam a lutar com os agressores.

Tenho de me juntar a eles, pensou Geraldo e procurou a sua espada, caída no chão junto dele, mas não se conseguiu mexer.

Ao recuperar o fôlego, Joana viu Geraldo voltar para trás, em perseguição daqueles que atiravam pedras.

Viu os outros guardas seguirem-no, gesto que foi observado por um grupo de homens que se encontravam no meio da multidão daquele lado do caminho, o grupo cerrou fileiras, não deixando passar ninguém, como se agissem a um sinal invisível.

É uma armadilha!, pensou Joana. Gritou freneticamente, para os avisar, mas as suas palavras foram abafadas pelo barulho e a confusão da multidão. Esporeou o cavalo para ir ter com Geraldo, mas os diáconos agarraram-lhe as rédeas.

— Largai-me! Largai-me! — gritou ela.

Mas, eles continuavam a agarrá-la, sem confiarem no cavalo.

Impotente, Joana viu os rufiões cercarem Geraldo, viu como estenderam as mãos para o puxar, agarrando-o pelo cinto, pela túnica, pelos braços, arrastando-o para fora da sela. Viu um último pedaço de cabelo ruivo, quando ele desapareceu sob o grupo que o cercava.

Ela apeou-se do cavalo e correu, abrindo caminho pelo meio do grupo de acólitos atónitos e assustados. Quando chegou à berma do caminho, a multidão já se tinha apartado, abrindo caminho à guarda, que se dirigia a ela transportando o corpo inerte de Geraldo.

Depositaram-no no chão e ela ajoelhou-se junto dele. O sangue escorria-lhe em fio pelo canto da boca. Ela retirou rapidamente o longo quadrado do pallium que tinha ao pescoço, rasgou-o e encostou-o à ferida que ele tinha nas costas, tentando estancar o sangue. Não havia nada a fazer, alguns minutos depois, o tecido grosso estava completamente ensopado.

Os seus olhos encontraram-se num olhar profundamente íntimo, um olhar de amor e entendimento doloroso. Joana ficou aterrada, com um medo que nunca tinha sentido antes.

— Não! — gritou ela e tomou-o nos braços, como se a proximidade física fizesse com que ela pudesse impedir o inevitável. — Não morras, Geraldo. Não me deixes aqui sozinha.

Ele levantou a mão. Ela tomou-a nas suas e os seus lábios moveram-se num sorriso.

— Minha pérola — disse ele.

A sua voz era muito fraca, como se estivesse a falar de muito longe.

— Luta, Geraldo, luta — disse ela. — Vamos levar-te para o Patriarchium, vamos...

Ela apercebeu-se de que ele tinha expirado, mesmo antes de ter ouvido o seu último suspiro e sentiu que o seu corpo se tinha tornado pesado nos seus braços. Inclinou-se para ele, fazendo-lhe festas no cabelo, no rosto. Ele estava quieto e sereno, de boca entreaberta, os olhos cegos, fixos no céu.

Era impossível que ele tivesse morrido. Ainda era capaz de ver o seu espírito numa sucessão de imagens, como num espelho.

Era capaz de o ver novamente, se quisesse. Levantou-lhe a cabeça e olhou à sua volta. Se ele estivesse por ali, far-lhe-ia um sinal. Se estivesse em qualquer lado, dar-lhe-ia a saber.

Não viu nada, não sentiu nada. Nos seus braços jazia um cadáver com o seu rosto.

— Ele partiu para Deus — disse Desidério, o arquidiácono.

Ela não se mexeu. Enquanto o tivesse nos braços, ele não tinha partido completamente, uma parte dele ainda estava com ela.

Desidério tocou-lhe no braço.

— Vamos levá-lo para a igreja.

Ela ouviu e compreendeu, meia anestesiada. Ele não podia ficar ali na rua, a ser visto por todos os estranhos curiosos.

Ela tinha de o honrar com todos os ritos e dignidades adequadas, era tudo quanto lhe restava fazer por ele, agora.

Pousou-o no chão cuidadosamente para não o magoar, depois fechou-lhe os olhos e cruzou-lhe os braços sobre o peito para que os guardas o pudessem transportar condignamente.

Quando ia a levantar-se, foi atingida por uma dor tão violenta que se dobrou e voltou a cair no chão. O seu corpo começou a estrebuchar, sem que ela conseguisse controlar os espasmos. Sentiu uma pressão enorme,

como se tivesse caído um peso sobre ela, a pressão desceu, até ela sentir que a ia despedaçar.

A criança. Está a nascer.

— Geraldo!

A palavra transformou-se num terrível gemido de dor.

Agora, Geraldo não a podia ajudar. Ela estava sozinha.

— Deus misereatur! — exclamou Desidério. — O Senhor Papa está possesso do Demónio!

O povo gritava e chorava, mergulhado num extremo terror.

Auriano, o exorcista-mor, aproximou-se. Aspergindo Joana com água benta, entoou solenemente:

— Exorcizo te, immundissime spiritus, omnis incursio adversarii, omne phantasma...

Todos os olhos estavam postos em Joana, à espera que o espírito maligno lhe saísse pela boca ou pelos ouvidos.

Ela gritou com uma última dor, enquanto a pressão interna aliviou, jorrando sangue para fora dela.

A voz de Auriano interrompeu-se, bruscamente, seguindo-se um longo silêncio.

Por baixo das volumosas vestes brancas de Joana, agora tingidas pelo seu sangue, apareceu o corpinho minúsculo de um nado-morto.

Desidério foi o primeiro a reagir.

— Um milagre! — gritou ele, caindo de joelhos.

— Bruxaria — gritou outro.

Todos se benzeram.

O povo empurrava-se para ver o que tinha acontecido, acotovelando-se e passando uns por cima dos outros, para observarem melhor.

— Afastai-vos! — gritaram os diáconos, empunhando os seus crucifixos como escudos para impedirem que a multidão desgovernada avançasse. Começou a haver lutas ao longo do caminho da procissão. A guarda acorreu, gritando ordens.

Joana ouvia tudo ao longe. Deitada na rua numa poça do seu próprio sangue, sentiu subitamente uma paz transcendente. A rua, as pessoas, os estandartes coloridos da procissão brilhavam aos seus olhos

com um brilho estranho, como fios de uma enorme tapeçaria cujo padrão só ela era capaz de ver.

O seu espírito expandiu-se dentro dela, enchendo o seu vazio interior. Ela estava banhada numa grande luz. Fé e dúvida, vontade e desejo, coração e mente — finalmente, ela viu e compreendeu que era tudo um só e que esse Um era Deus.

A luz tornou-se mais intensa. Sorrindo, ela dirigiu-se para a luz, à medida que as cores do mundo se esbatiam, até se tornarem invisíveis, como a Lua ao nascer do Sol.

EPÍLOGO

Quarenta e dois anos depois

Anastácio estava sentado à sua secretária no scritorium Laterano, a escrever uma carta. As suas mãos, perras e com artrite por causa da idade, doíam-lhe a cada movimento da pena. Apesar da dor, ele continuava a escrever. A carta era extremamente urgente e tinha de ser enviada imediatamente.

Para Sua Majestade Imperial, o venerável imperador Arnulf — escreveu ele.

Lothar tinha morrido havia muito. Tinha falecido poucos meses depois de deixar Roma. O seu trono tinha ido primeiro para o seu filho Luís II e, depois da sua morte, para o sobrinho de Lothar, Carlos, o Gordo, ambos governantes fracos e medíocres. Com a morte de Carlos, o Gordo, em 888, a dinastia carolíngia iniciada com o grande Carlos — ou Carlos Magno, como era agora conhecido — tinha chegado ao fim.

Arnulf, duque de Caríntia, tinha conseguido usurpar a coroa imperial a uma hoste de pretendentes. Anastácio, apesar de tudo, achava que a mudança na sucessão era positiva. Arnulf era mais esperto e mais forte do que Lothar. Anastácio contava com isso. Porque tinha de se fazer qualquer coisa com o papa Estêvão.

No mês anterior, para horror e escândalo de Roma inteira, Estêvão tinha ordenado que o corpo do seu antecessor — o papa Formoso — fosse retirado do seu túmulo e trazido para o Patriarchium. Depois de ter mandado instalar o cadáver numa cadeira, Estêvão tinha presidido a um arremedo de julgamento, tinha lançado calúnias contra ele e tinha acabado por cortar três dedos da sua mão direita, os dedos usados para dar a bênção papal, como castigo pelos crimes confessos de Formoso.

"Apelo a Vossa Majestade — escreveu Anastácio — para que venhais a Roma e ponhais fim aos excessos do Papa, que são um escândalo para toda a Cristandade."

Uma cãibra súbita na mão de Anastácio fez tremer a pena, deixando cair pingos de tinta no pergaminho em branco.

Praguejando, Anastácio limpou a tinta espalhada, depois poisou a pena e esticou os dedos, esfregando-os para aliviar a dor.

Estranho, reflectiu ele com uma ironia amarga, que um homem como Estêvão tenha chegado a papa, enquanto eu, perfeitamente adequado para o cargo, em virtude de todas as qualificações de origem e erudição, não o tenha recebido.

Esteve perto, tão perto de ganhar o prémio cobiçado! Depois da revelação chocante e da morte da Papisa, Anastácio tinha ocupado o Patriarchium, reclamando o trono para si com a bênção do imperador Lothar.

O que ele teria feito se tivesse ficado no trono! Mas, não tinha de acontecer. Um grupo de clérigos, pequeno mas influente, tinha-se-lhe oposto frontalmente. Durante meses, a questão da sucessão papal tinha sido debatida vivamente, com um lado, primeiro, e depois, o outro, a ganhar terreno. Por fim, convencido de que um grupo substancial de romanos nunca aceitaria Anastácio como papa, Lothar tomou uma decisão política e retirou o seu apoio.

Anastácio foi deposto e mandado na ignomínia para o Mosteiro do Trastevere. Pensavam todos que tinham acabado comigo, pensou Anastácio. Mas, enganaram-se. Com paciência, habilidade e diplomacia, ele lutou para regressar, acabando por ganhar a confiança do papa Nicolau.

Nicolau tinha-o promovido a encarregado da biblioteca papal, uma posição de poder e um privilégio que ele mantinha havia mais de trinta anos. Tendo chegado à extraordinária idade de oitenta e sete anos, Anastácio, agora, era venerado e respeitado, louvado universalmente pela sua grande erudição. Mestres e homens da Igreja vindos do mundo inteiro acorriam a Roma para se encontrarem com ele e admirar a sua obra-prima — o Liber pontificalis, a crónica oficial dos papas. No mês anterior, um arcebispo franco de nome Arnaldo, tinha-lhe pedido permissão para fazer uma cópia do manuscrito para a sua catedral e Anastácio tinha-lha concedido de graça.

O Liber pontificalis era o lanço de Anastácio para a imortalidade, o seu legado ao mundo. Era também a sua vingança final sobre o seu detestado rival, a pessoa cuja eleição no dia fatal de 853 lhe tinha negado a glória que lhe estava destinada.

Anastácio omitiu a papisa Joana no registo oficial dos papas, o Liber pontificalis nem sequer mencionava o seu nome. Não era o seu desejo mais profundo, mas, já era alguma coisa. A fama de Anastácio, o Bibliotecário, e da sua grande obra ecoaria ao longo dos tempos, mas a papisa Joana seria esquecida, apagada para sempre. A cãibra na mão tinha desaparecido. Pegando na pena, Anastácio recomeçou a escrever.

No scriptorium do Palácio Episcopal de Paris, o arcebispo Arnaldo trabalhava na última página da sua cópia do Liber pontificalis. A luz do Sol entrava pela janela estreita, filtrando um raio de luz cheio de pó a flutuar. Arnaldo copiou a última linha, voltou a lê-la, depois, pousou cuidadosamente a pena.

Tinha sido um trabalho longo e difícil, copiar todo o manuscrito do Livro dos Papas. Os escribas do palácio tinham ficado muito surpreendidos quando o arcebispo se encarregou de o fazer pessoalmente, em vez de entregar a tarefa a um deles, mas Arnaldo tinha as suas razões para o fazer. Ele não se tinha limitado a duplicar o famoso documento,

tinha-o corrigido. Entre as crónicas das vidas do papa Leão e do papa Bento, havia agora uma entrada para a papisa Joana, devolvendo o seu pontificado ao lugar a que tinha direito na história.

Ele tinha-o feito tanto por causa de um sentimento pessoal de lealdade, como por causa de um desejo de ver a verdade relatada. Tal como Joana, também o arcebispo não era o que parecia. Porque Arnaldo, nascida Arnalda, na realidade, era a filha do servo franco de nome Arn e da sua esposa, Bona, com quem Joana tinha morado depois de ter fugido de Fulda. Na altura, Arnalda não passava de uma menina, mas nunca tinha esquecido Joana — os olhos bondosos e inteligentes que a observavam com tanta insistência, a excitação das suas lições diárias, a alegria partilhada do sucesso quando Arnalda tinha começado a ler e a escrever.

Devia muito a Joana porque tinha sido ela que tinha salvo a família da Arnalda da pobreza e do desespero, apontando o caminho de saída do negro abismo da ignorância para a luz do conhecimento, tornando possível a alta posição que Arnalda ocupava agora. Inspirada pelo exemplo de Joana, Arnalda também tinha escolhido, ao aproximar-se a idade adulta, disfarçar-se de homem para poder concretizar os seus sonhos.

Quantas haverá como nós?, pensava mais uma vez Arnalda.

Quantas mais mulheres tinham dado o salto arriscado, abandonando as suas identidades femininas, renunciando a vidas que podiam ter sido ocupadas com filhos e família para alcançarem aquilo que, de contrário, teriam sido impedidas de atingir? Quem sabia? Podia ser que Arnalda tivesse passado por outra como ela na catedral ou no mosteiro, sem saber, partilhando em segredo e às escondidas a mesma irmandade.

Sorriu ao pensar nisso. Metendo a mão por dentro das suas vestes de arcebispo, agarrou no medalhão em madeira com a efígie de Santa Catarina que tinha ao pescoço. Tinha-o usado sempre desde o dia em que Joana lho tinha dado, havia mais de cinquenta anos.

No dia seguinte, mandaria encadernar o manuscrito em pele fina, debruada a ouro, e mandá-lo-ia colocar nos arquivos da biblioteca da catedral. Assim, haveria pelo menos um local onde permaneceria um registo de Joana, a papisa, que, apesar de ser mulher, foi uma boa e fiel Vigária de Cristo. Um dia, a sua história seria encontrada e relatada novamente.

A dívida está paga, pensou Arnalda. Requiesce in pace, Johanna Papissa.

NOTA DA AUTORA

Existiu uma papisa Joana?

Partout où vous voyez une légende, vous pouvez être sir, en allant au fond des choses, que vous trouverez une histoire.

Onde quer que encontreis uma lenda, podeis estar certo de que, se fordes ao fundo do assunto, encontrareis uma história.

VALLET DE VIRIVILLE

A papisa Joana é uma das personagens mais fascinantes e extraordinárias da história do Ocidente — e uma das menos conhecidas. A maior parte das pessoas nunca ouviram falar da papisa Joana e aqueles que ouviram consideram a sua história como uma lenda.

No entanto, há centenas de anos — em meados do século XVII — o papado de Joana era conhecido e aceite universalmente como verídico. No século XVII, a Igreja Católica, sob o recrudescimento das críticas do Protestantismo nascente, começou a empreender esforços concertados para destruir os registos históricos embaraçosos relacionados com Joana.

Centenas de manuscritos e de livros foram destruídos pelo Vaticano. O desaparecimento efectivo de Joana da consciência moderna atesta a eficácia destas medidas.

Hoje, a Igreja Católica apresenta dois argumentos contra o papado de Joana: a ausência de qualquer referência a ela nos documentos que lhe eram contemporâneos e a ausência de um período de tempo suficiente para que seu papado pudesse ter ocorrido entre o fim do reinado do seu predecessor — Leão IV — e o início do reinado do Papa que lhe sucedeu — Bento III.

Mas, estes argumentos não são conclusivos. Não surpreende muito que a Joana não apareça nos registos que lhe eram contemporâneos, dado o tempo e a energia que a Igreja tem dedicado, ela própria, a expurgá-la deles. O facto de ela ter vivido no século IX, a mais escura de todas as épocas,

teria facilitado a tarefa da erradicação do seu papado. O século IX foi uma época de ampla iliteracia, marcada por uma extraordinária escassez de registos. Hoje, a investigação científica acerca desta época depende de documentos dispersos, incompletos, contraditórios e sem credibilidade. Não existem crónicas reais, plantas das regiões, registos agrícolas ou diários da vida quotidiana. À excepção de uma história questionável — o Liber pontificalis (que os investigadores apelidaram de documento propagandístico), não existe nenhum registo contínuo dos papas do século IX — de quem eles foram, quando reinaram, que fizeram. Para além do Liber Pontificalis, não existe praticamente nenhuma referência ao sucessor de Joana, o papa Bento III — e ele não foi alvo de uma campanha de exterminação.

Ainda existe uma velha cópia do Liber pontificalis com um registo do papado de Joana. A entrada deste registo é, obviamente, uma interpolação posterior, enxertada de forma desastrada no corpo principal do texto. Contudo, isto não faz com que o registo seja, necessariamente, uma mentira, um analista subsequente, convencido pelo testemunho de cronistas politicamente menos suspeitos, pode ter-se sentido na obrigação moral de corrigir o registo oficial. Blondel, o historiador protestante que examinou o texto em 1647, concluiu que a entrada sobre Joana tinha sido escrita no século XIV.

Baseou a sua opinião nas variações de estilo e de escrita — uma opinião subjectiva, quanto muito. Continuam a levantar-se questões importantes acerca deste documento. Quando foi escrita a passagem em questão? E por quem? Um novo exame deste texto, utilizando os métodos modernos de datação — que nunca foram tentados — poderia fornecer respostas mais interessantes.

A ausência de Joana nos registos eclesiásticos contemporâneos é algo que seria de esperar. Os clérigos romanos daquela época, consternados com a grande decepção que tinham sofrido, devem ter feito tudo o que lhes era possível para apagar qualquer relato escrito daquele episódio embaraçoso. Aliás, devem até ter-se sentido na obrigação de o fazer. Hincmar, contemporâneo a Joana, suprimiu frequentemente nas suas cartas e crónicas informações que prejudicavam a Igreja. Nem sequer o grande

teólogo Alcuino se escusou a falsificar a verdade, numa das suas cartas, admite ter destruído um relato sobre o adultério e simonia do papa Leão III.

Portanto, os contemporâneos de Joana são demasiado suspeitos para poderem ser considerados provas da sua inexistência. Isto aplica-se especialmente aos prelados romanos que tinham fortes motivos pessoais para suprimir a verdade. Nas raras ocasiões em que um papado era declarado inválido — como o de Joana teria sido, quando a sua identidade feminina foi descoberta — as nomeações feitas pelo Papa tornavam-se imediatamente nulas e eram revogadas. Os cardeais, bispos, diáconos e presbíteros ordenados por esse papa eram despojados dos seus títulos e posições. Portanto, não é nenhuma surpresa que os registos conservados ou copiados pelos homens em questão não façam qualquer menção a Joana.

Basta olharmos para os exemplos recentes da Nicarágua e de El Salvador para vermos como os esforços determinados e bem coordenados de um Estado podem fazer desaparecer provas embaraçosas. É só depois de se fazer sentir o efeito do distanciamento no tempo relativamente aos acontecimentos em causa que a verdade, mantida intacta por um relato popular, começa a emergir. E, na realidade, não faltam documentos acerca do papado de Joana nos últimos séculos. Frederick Spanheim, o grande historiador alemão que fez um estudo aprofundado do assunto, cita nada menos do que quinhentos documentos antigos com referências ao papado de Joana, incluindo alguns de autores de renome como Petrarca e Bocácio.

Actualmente, a posição da Igreja acerca de Joana é considerá-la uma invenção dos reformadores protestantes, ansiosos por denunciar a corrupção do papado. Mas, a história de Joana apareceu pela primeira vez centenas de anos antes de Martinho Lutero ter nascido. A maior parte dos seus cronistas são católicos, muitas vezes, em posições de relevo na hierarquia da Igreja. A história de Joana foi aceite inclusivamente em histórias oficiais dos papas. A sua estátua esteve na Catedral de Siena, ao lado da de outros papas, sem ser posta em causa, até 1601, altura em que, por ordem do papa Clemente VIII, ela se metamorfoseou subitamente, transformando-se num busto do papa Zacarias. Em 1276, depois de ter ordenado uma investigação aturada dos registos papais, o papa João XX mudou o seu título para João XXI, reconhecendo oficialmente o reinado de Joana como papa João VIII. A história de Joana foi incluída no guia oficial

da igreja para Roma, utilizado pelos peregrinos durante mais de trezentos anos.

Outra comprovação histórica impressionante encontra-se no julgamento de Jan Hus por heresia, em 1413, julgamento esse bem documentado. Hus foi condenado por pregar a doutrina herética segundo a qual o Papa é falível. Na sua defesa, Hus citou, durante o julgamento, muitos exemplos de papas que tinham pecado e cometido crimes contra a Igreja. Os seus juízes, todos clérigos, responderam detalhadamente a todas as acusações de Hus, negando-as e considerando-as blasfémia.

Houve apenas uma das declarações de Hus que não foi posta em causa: Os papas caíram muitas vezes no pecado e no erro, por exemplo, quando Joana foi eleita papisa, sendo mulher. Nenhum dos vinte e oito cardeais, quatro patriarcas, trinta metropolitas, duzentos e seis bispos e quatrocentos e quarenta teólogos presentes acusaram Hus de mentira ou blasfémia nesta afirmação.

Quanto ao segundo argumento da Igreja contra Joana, segundo o qual não houve tempo suficiente entre os papados de Leão IV e de Bento III para que ela tivesse reinado — isto também é questionável. O Liber pontificalis é notoriamente impreciso no que diz respeito ao tempo dos reinados dos papas e às datas das suas mortes, é sabido que muitas das datas citadas são puras invenções. Dada a forte motivação de um cronista desse tempo para esconder o papado de Joana, não seria grande surpresa se a data da morte de Leão tivesse sido transferida de 853 para 855 — sobrepondo-se ao tempo do alegado reinado de dois anos da papisa Joana — para fazer parecer que ao papa Leão sucedeu imediatamente o papa Bento III.(1)

---

(1) Duas das provas materiais mais importantes contra o papado de Joana pressupõem que Leão IV morreu em 855.

1 - Uma moeda com o nome do papa Bento de um lado e o imperador Lothar do outro. Como Lothar morreu no dia 28 de Setembro de 855 e a moeda apresenta Bento e Lothar vivendo contemporaneamente, Bento não podia, obviamente, ter subido ao trono depois de 855.

2 - Um decreto de 7 de Outubro de 855, no qual o papa Bento confirma os privilégios do Mosteiro de Corbie, indicando novamente que, na altura, ele estava no trono. Mas, estas provas perdem a validade se Leão tiver morrido em 853 (ou mesmo em 854), porque, nessa altura, teria havido tempo para o reinado de Joana antes da chegada ao trono de Bento, em 855.

A história fornece muitos outros exemplos desta falsificação deliberada dos registos. Os partidários da casa de Bourbon datam o reinado de Luís XVIII a partir da morte do seu irmão, omitindo, pura e simplesmente, o reinado de Napoleão. Mas, não puderam erradicar Napoleão dos registos históricos, porque o seu reinado estava muito bem documentado em inúmeras crónicas, diários, cartas e outros documentos. Em comparação, no século IX, a tarefa de obliterar Joana do registo histórico teria sido muito mais fácil.

Existem também provas circunstanciais difíceis de explicar, se nunca tiver existido uma papisa. Um exemplo é o chamado exame da cadeira, que fez parte do cerimonial da consagração papal medieval durante, pelo menos, seiscentos anos. Qualquer papa recém-eleito depois de Joana, sentava-se na sella stercoraria (literalmente, cadeira do esterco), recortada no meio, como se fosse uma sanita, onde os seus órgãos genitais eram examinados, para se provar a sua masculinidade. Depois, o examinador (normalmente, um diácono) informava solenemente o povo reunido de que Mas novis hominus est — O nosso nomeado é um homem. Só então eram entregues ao papa as chaves de São Pedro. Esta cerimónia existiu até ao século XVI. Até mesmo Alexandre Bórgia foi obrigado a submeter-se a esta provação, apesar de, na altura da sua eleição, a sua esposa já lhe ter dado quatro filhos, que ele reconheceu com orgulho!

A Igreja Católica não nega a existência desta cadeira recortada porque ela ainda se encontra em Roma, actualmente.

Nem ninguém nega o facto de ela ter sido utilizada durante séculos no cerimonial papal de consagração. Mas, muitos argumentam que a cadeira era utilizada por causa da sua beleza e imponência, segundo dizem, o facto de ter um buraco é irrelevante. O nome sella stercoraria

derivaria, alegadamente, das palavras dirigidas ao papa, no momento em que ele se sentava na cadeira: Suscitans de pulvere egenem, et de stercore erigens auerem ut sedeat cum principibus..., [Deus — levanta do pó os necessitados e do esterco os pobres para os sentar com os príncipes...].

Este argumento parece duvidoso. A cadeira serviu, certamente, em tempos, como sanita ou, possivelmente, como cadeira de obstetrícia (Ver figura p. 451). Seria provável que um objecto com esta associação tão crua fosse utilizado como trono papal sem qualquer bom motivo? E se o exame da cadeira, é uma ficção, como se explicam os inúmeros dichotes e cantigas que se lhe referem e que foram bem conhecidos da populaça romana durante séculos? É certo que era uma época de ignorância e superstição, mas a Roma medieval era uma comunidade pequena: o povo vivia a poucos metros do palácio papal, muitos dos seus pais, irmãos, filhos e primos eram prelados que participavam nas consagrações papais e que teriam sabido a verdade acerca da sella stercoraria. Existe mesmo um relato do exame da cadeira da autoria de uma testemunha ocular.

Em 1404, o escocês Adam de Usk fez uma viagem a Roma, onde ficou dois anos, registando pormenorizadamente as suas impressões na sua crónica. A sua descrição pormenorizada da coroação do papa Inocêncio VII inclui o exame da cadeira.

Outra prova circunstancial interessante é a rua esquiva. O Patriarchium, a residência papal e a catedral episcopal (agora, de São João de Latrão) está localizado do lado oposto à Basílica de São Pedro, as procissões papais passavam frequentemente entre ambas, portanto. Uma consulta rápida de qualquer mapa de Roma demonstrará que a Via Sacra (agora, Via São Giovanni) é o caminho mais curto e mais directo entre os dois locais — e, de facto, foi utilizada durante séculos (com o nome de Via Sacra ou via sagrada). Esta é a rua em que Joana teria dado à luz o seu nado-morto. Pouco depois, as procissões papais passaram a evitar a Via Sacra propositadamente, por causa da abominação acontecida.

A Igreja argumenta que o desvio passou a ser feito apenas porque a rua era demasiado estreita para os cortejos passarem, até ao século XVI, quando o papa Sisto V mandou alargá-la.

Mas, é evidente que isto não é verdade. Em 1486, John Burcardt, bispo de Horta e mestre de cerimónias do papa, que serviu cinco papas — posição que lhe permitiu ter um conhecimento íntimo da corte papal — descreveu no seu diário aquilo que sucedeu quando um cortejo papal, quebrando o costume, passou pela Via Sacra:

Tanto à ida, como à vinda, o Papa passou pelo Coliseu e pela rua onde... João Anglicus... deu à luz... Por isso... os papas, nas suas cavalgadas, nunca passam por aquela rua, por isso, o Papa foi censurado pelo Arcebispo de Florença, o Bispo de Massano e Hugo de Bencu, o subdiácono apostólico.

Cem anos antes de a rua ser alargada, este cortejo papal desceu a Via Sacra sem qualquer dificuldade. O relato de Burcardt também pressupõe que, naquele tempo, o papado de Joana era aceite pelos mais altos funcionários da corte papal.

Dada a obscuridade e confusão da época, é impossível determinar com toda a certeza se Joana existiu ou não. A verdade daquilo que aconteceu no A.D. 855 pode nunca vir a ser totalmente conhecido. Foi por isso que eu decidi escrever um romance e não um estudo histórico. Apesar de me basear em factos da vida de Joana, tal como eles foram relatados, o livro é uma ficção. Sabe-se pouco acerca dos anos da vida da Joana, excepto que nasceu em Ingelheim, de um pai inglês, e que se tornou monge do Mosteiro de Fulda. Eu tive, necessariamente, de preencher algumas lacunas da sua história.

No entanto, os principais acontecimentos da vida adulta de Joana descritos na Papisa Joana são todos exactos. A Batalha de Fontenoy ocorreu, como descrito, em 25 de Junho de 841. Os sarracenos saquearam, de facto, São Pedro no ano de 847 e foram derrotados, mais tarde, no mar, em 849, houve um incêndio no Borgo, em 848 e uma cheia no Tibre, em 854. A Intinctio tornou-se popular como método de comunhão no país dos francos, durante o século IX. Anastácio foi realmente excomungado pelo papa Leão IV, mais tarde, depois da sua reabilitação, como bibliotecário papal do papa Nicolau, tornou-se muito popular como autor das vidas contemporâneas no Liber Pontificalis. Os assassinatos de Teodoro e de Leão no palácio papal aconteceram realmente, assim como o julgamento que opôs o magister militum Daniel ao superista papal. A glutonice do papa

Sérgio e a sua gota são matéria de registo histórico, assim como a sua reconstrução do Orphanotrophium.

Anastácio, Arsénio, Gottschalk, Rábano Mauro, Lothar, Bento e os papas Gregório, Sérgio e Leão são todos personagens históricas reais. Os pormenores do ambiente do século IX foram resultado de uma pesquisa pormenorizada: as informações sobre o vestuário, a comida e a medicina são exactas.

Fiz alguns ajustamentos para tornar a história mais interessante. Precisava de um ataque viquingue a Dorstadt, no ano de 828, apesar de ele ter ocorrido, de facto, apenas em 834. Do mesmo modo, coloquei o imperador Lothar a fazer duas viagens a Roma para punir o Papa, apesar de, na realidade, ele ter mandado o seu filho Luís, rei da Itália, cumprir a missão por ele, da primeira vez. Os cadáveres de São Marcelino e de São Pedro foram roubados dos seus túmulos em 827, não em 855, João, o antipapa, predecessor de Sérgio, não foi assassinado depois de ter sido deposto, mas apenas preso e, depois, banido. Anastácio morreu em 878 e não em 897. Estes erros deliberados, são, penso eu, excepções, na generalidade, tentei ser rigorosa do ponto de vista histórico.

Algumas coisas descritas na Papisa Joana podem parecer chocantes do nosso ponto de vista, mas não o pareciam para as pessoas daquele tempo. A queda do Império Romano e a derrocada da lei e da ordem que se lhe seguiram conduziram a uma era de barbarismo e violência quase sem precedentes. Como um cronista da época lamentava, era uma época de espada, de vento, de lobo. A população europeia tinha sido dizimada para metade por causa de uma série desastrosa de fomes, pestes, guerras civis e invasões dos bárbaros.

A esperança média de vida era muito curta: menos de um quarto da população nunca atingiu os cinquenta anos. Já não havia cidades, as povoações maiores não tinham mais do que dois ou três mil habitantes. As estradas romanas tinham ficado todas arruinadas, as pontes tinham desaparecido.

A ordem social e económica a que chamamos actualmente feudalismo ainda não tinha começado. A Europa continuava a ser um único país: a Alemanha não existia como nação autónoma, nem a França ou a Espanha ou a Itália. As línguas românicas ainda não se tinham

desenvolvido, separando-se da língua paterna — o latim, não existiam as línguas francesa ou espanhola ou italiana, mas sim uma variedade de formas de latim degenerado e uma horda de dialectos locais. Em suma, o século IX assinalava uma sociedade em transição de uma forma de civilização, morta havia muito, para outra que ainda não tinha nascido — com toda a fermentação e agitação que isso implica.

A vida naqueles tempos conturbados era especialmente difícil para as mulheres. Era uma época misógina, informada pelas diatribes contra as mulheres de padres da Igreja como São Paulo e Tertuliano: E tu não sabes que és Eva?... Tu és a porta do diabo, a traidora da árvore, a primeira desertora à Lei Divina, tu és aquela que seduziu aquele de quem o diabo não se atrevia a aproximar-se... por causa da morte que tu mereceste, o próprio Filho de Deus teve de morrer.

Acreditava-se que o sangue menstrual azedava o vinho, arruinava as colheitas, tornava as lâminas rombas, enferrujava o metal e infectava as mordeduras dos cães com um veneno mortal. Salvo raras excepções, as mulheres eram tratadas como se fossem sempre menores, sem quaisquer direitos legais ou de propriedade. A lei previa que pudessem ser espancadas pelos maridos. A violação era considerada uma forma menor de roubo.

A educação das mulheres era desencorajada porque uma mulher instruída era considerada não só contra a natureza como também perigosa.

Sendo assim, não admira que uma mulher optasse por se disfarçar de homem para escapar a tal existência. Para além de Joana, houve outras mulheres que conseguiram viver sob essa impostura. No século III, Eugénia, filha do Prefeito de Alexandria, entrou num convento disfarçada de homem e acabou por ascender ao cargo de abade. O seu disfarce resultou até ela ser forçada a revelar o seu sexo, numa última tentativa de refutar a acusação de ter desflorado uma virgem.

No século XII, Santa Hildegunda, utilizando o nome de José, tornou-se irmão da Abadia de Schúnau e viveu disfarçada entre os irmãos, até morrer muitos anos mais tarde. A luz da esperança lançada por estas mulheres brilhou suavemente numa grande escuridão, mas nunca se extinguiu completamente. Se as mulheres quisessem, podiam sonhar. A Papisa Joana é a história de uma dessas sonhadoras.

Existem outros exemplos, mais actuais, de mulheres que conseguiram fazer-se passar por homens, incluindo Mary Reade, que viveu como pirata no início do século XVIII, Hannah Snell, soldado e marinheiro da marinha britânica, uma mulher do século XIX, cujo verdadeiro nome é desconhecido, mas que, sob o nome de James Barry, ascendeu ao posto de inspector-geral dos hospitais britânicos, Loreta Janeta Vasquez, que combateu do lado dos Confederados na Batalha de Bull Run, sob o nome de Harry Buford. Mais recentemente, Teresinha Gomes de Lisboa passou dezoito anos da sua vida fazendo-se passar por homem, soldado altamente condecorado, ascendeu ao posto de general no exército português e só foi descoberta em 1994, quando foi presa por fraude fiscal e foi forçada pela polícia a submeter-se a um exame físico.

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES PARA O ROMANCE

814 — Carlos Magno morre no dia 28 de Janeiro. Joana nasce nesse mesmo ano. Luís, o Piedoso, é coroado Imperador.

823 — Em Roma, Teodoro, o primicerius, e Leão, o nomenclator, são assassinados no palácio papal. O papa Pascal toma a defesa dos assassinos e anatematiza as vítimas, declarando as suas mortes como actos de justiça.

824 — A Constitutio Romana atribui ao imperador franco o direito de aprovar os papas recém-eleitos.

828 — Os viquingues saqueiam Dorstadt.

829 — Gottschalk é libertado dos seus votos monásticos no Sínodo de Mainz.

833 — Lothar, filho de Luís, o Piedoso, chefia os seus irmãos numa rebelião contra o pai. Traído e derrotado no Campo das Mentiras, Luís é deposto.

834 — Uma contra-rebelião restabelece Luís no trono. Luís perdoa aos seus filhos, devolvendo-lhes as suas terras e privilégios.

840 — Luís, o Piedoso, morre. Lothar sucede-lhe no trono.

841 — Carlos e Luís, irmãos de Lothar, revoltam-se contra ele. Os exércitos reais enfrentam-se em Fontenoy, no dia 25 de Junho, num

massacre que deixa o Império indefeso perante os viquingues.

844 — O papa Gregório morre. Sérgio é eleito papa. Os exércitos francos descem a Roma para fazerem cumprir a Constitutio Romana. Os viquingues saqueiam Paris.

846 — Os sarracenos atacam Roma e pilham a Catedral de São Pedro.

847 — O papa Sérgio morre. Leão é eleito papa. Inicia-se a construção do Muro Leonino.

848 — Incêndio no Borgo. Gottschalk avança a teoria herética da dupla predestinação.

849 — Os sarracenos são derrotados no mar, na Batalha de Ostia.

852 — O Muro Leonino fica pronto e é dedicado no dia 27 de Junho.

853 — Morre Leão. Joana é eleita Papisa.

854 — Sínodo de Roma. Cheias no Tibre.

855 — Joana morre. Anastácio apodera-se do trono papal, mas é expulso dois meses depois. Bento torna-se papa.

***

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros
http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

OceanofPDF.com